Luciano Moreira-Lima

Aves da Mata Atlântica: riqueza, composição,
status, endemismos e conservação

Birds of the Atlantic Forest: richness,
composition, status, endemism, and
conservation

Volume I

São Paulo

2013

Luciano Moreira-Lima

Aves da Mata Atlântica: riqueza, composição,
status, endemismos e conservação

Birds of the Atlantic Forest: richness, status,
composition, endemism, and conservation

Volume I

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, para a obtenção de Título de Mestre em Ciências, na Área de Zoologia.

Orientador: Prof. Dr. Luís Fábio Silveira

São Paulo

2013

Lima, Luciano Moreira Lima
Aves da Mata Atlântica: riqueza,
composição, status, endemismos e
conservação
2 vol., ix+513p.

Dissertação (Mestrado) - Instituto de
Biociências da Universidade de São Paulo.
Departamento de Zoologia.

1. Aves 2. Mata Atlântica 3. Lista de
espécies I. Universidade de São Paulo.
Instituto de Biociências. Departamento de
Zoologia.

Comissão Julgadora:

Prof(a). Dr(a).

Prof(a). Dr(a).

Prof. Dr. Luís Fábio Slveira
Orientador

À memória de Antônio Carlos Jobim, amante declarado da Mata Atlântica e suas aves.

Céu, tão grande é o céu
E bandos de nuvens que passam ligeiras
Prá onde elas vão
Ah! eu não sei, não sei
E o vento que fala nas folhas
Contando as histórias
Que são de ninguém
Mas que são minhas
E de você também

Ah! Dindi
Se soubesses do bem que eu te quero
O mundo seria, Dindi, tudo, Dindi
Lindo Dindi
Ah! Dindi
Se um dia você for embora me leva contigo, Dindi
Fica, Dindi, olha Dindi

E as águas deste rio aonde vão eu não sei
A minha vida inteira esperei, esperei

Por você, Dindi
Que é a coisa mais linda que existe
Você não existe, Dindi
Olha, Dindi
Adivinha, Dindi
Deixa, Dindi
Que eu te adore, Dindi... Dindi

Dindi, música de Antônio Carlos Jobim.

Ao contrário do que muitos pensam, “Dindi” não faz referência a uma mulher, mas sim a um remanescente de Mata Atlântica.

AGRADECIMENTOS

Em minhas memórias de infância vez outra voa um passarinho. Sempre gostei de bicho e as aves sempre foram os que estavam mais próximos, principalmente em minhas aventuras de moleque nas férias na casa dos avós no interior. Caçar passarinho, de estilingue ou alçapão, era minha diversão preferida. Ainda aos 13 anos, ao lado do inseparável melhor amigo, Bruno Rennó, zanzando por uma feira sobre profissões na escola paramos em frente a um estande de uma faculdade de biologia. Hipnotizados com as aves empalhadas enfileiradas acabamos por despertar a atenção do biólogo do outro lado da mesa, Bosco Teixeira Sampaio, que no dia seguinte trouxe uma pilha de livros e alguns cds sobre aves. Lembro de ficar maravilhado ao descobrir que sabiás, maritacas, carcarás e outros tantos que nem o "apelido" eu sabia tinham nome, sobrenome, suas vidas contadas e ilustradas em livros e cantos gravados em cds.

No sábado seguinte, 22 de agosto de 1998, incetivados pelo Bosco, lá estávamos em uma manhã dedicada a tal da "observação de aves". Para um menino acostumado a enxergar os passarinhos com uma das vistas tampadas mirando com o estilingue ou mais de perto apenas através do gradeado da gaiola, poder observá-los pelo binóculo era algo inacreditavelmente fascinante. Enquanto eu “binoculava” meu primeiro *Thraupis sayaca*, até então um humilde sanhaço, o que era admiração passional se transformou em um interesse incontível pelas aves. Daquele momento em diante, minha vida nunca mais seria a mesma. Não demorou nem o tempo de desgrudar o binóculo dos olhos, já havia decidido: se aquilo pudesse ser uma profissão, "quando crescer, queria viver de ver passarinho".

O conhecimento obtido em incontáveis horas de “passarinhada” na Mata Atlântica, sem o qual não teria sido possível aceitar o desafio feito pelo Luís e que hoje culmina nessa dissertação de mestrado, começou a ser construído despretenciosamente naquela manhã do dia 22 de agosto de 1998. As pessoas que deram asas ao meu sonho de menino foram muitas e a todas elas serei eternamente grato. Mesmo sabendo que cometerei a injustiça de esquecer muitas dessas pessoas, na sequência destaco algumas cujo suporte foi indispensável durante a caminhada do mestrado e deixo registrado meus sinceros agradecimentos

A minha família, por tudo.

Ao meu amigo e orientador, Luís Fábio Silveira, por ter me escancarado as portas de uma das instituições mais tradicionais em ornitologia de todo o mundo, pelos ensinamentos, pela dedicação e pela paciência.

Ao Programa de Pós-Graduação em Zoologia do Instituto de Biociências da USP (IB/USP) por darem todo apoio acadêmico necessário durante a realização do meu mestrado.

A Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por concederem bolsas de mestrado que permitiram me dedicar intensamente a pós-graduação e às aves da Mata Atlântica.

Ao meu amigo, “pai” e professor, Vitor Piacentini, por estar presente antes, durante e depois da dissertação. Por ter me convencido a vir fazer mestrado na USP, pelos ensinamentos compartilhados e lapidados ao longo de incansáveis horas de discussões, por ajudar diretamente em diversas etapas de produção da dissertação, pela paciência, muita paciência, durante a convivência diária debaixo do mesmo teto e pela companhia nos sambas da vida.

Ao meu amigo e “*personal map maker*”, Marcola (Marco Rego), por ter produzido todos os mapas que acompanham essa dissertação e por estar sempre presente quando precisei.

Ao meu amigo e morador honorário da OrnitoHouse, Bretinho (Bret Whitney), pelos muitos ensinamentos compartilhados, especialmente úteis durante a análise do status de ocorrência das aves da Mata Atlântica, e pela honra em conviver com uma das lendas vivas da ornitologia neotropical.

A minha amiga e menina prodígio, Glaucidium (Gláucia Del- Rio), por ter revisado grande parte do texto dessa dissertação e por ser o exemplo de ser humano mais próximo da perfeição que eu já conheci.

A minha namorada e amiga, Preta (Vanessa Kannan), por ter traduzido o resumo e por todo amor, carinho, dedicação, companhia, paciência...

Ao meu amigo Ciro Albano, por ter me apresentado a Mata Atlântica nordestina e compartilhado todo o seu absurdo conhecimento sobre sua avifauna.

Aos professores Fernando Straube, Glayson Bencke, Rafael Dias e Santos D'Ângelo Neto, por terem feito críticas importantes a este trabalho e que, mesmo em cima da hora, foram importantes para seu resultado final.

Ao meus amigos, gurus, companheiros de mato e de vida, Bruno Rennó, Rafael Bessa, José Fernando Pacheco, Léo Nascimento, Fábio Raposo do Amaral, Fábio Schunck e Thiago Vernaschi, por todo conhecimento compartilhado, apoio incondicional à minha carreira como ornitólogo e pela amizade verdadeira.

Aos muitos amigos da Seção de Aves do MZUSP, aos amigos emprestados da Mastro e da Herpeto e aos amigos que fiz em São Paulo, pelo conhecimento compartilhado, pela convivência e pela descontração dentro e fora do museu.

A todos que visitaram ou se hospedaram na República *ypiranganus* - OrnitoHouse, a única instituição caseira de ornitologia oficialmente reconhecida pelo Handbook of the Birds of the World (Whitney & Cohn-Haft 2013. HBW vol. Spec.), pelas discussões sempre carregadas de ensinamentos, pelos jantares e momentos de descontração

Aos professores e funcionários do MZUSP e do IB/USP, especialmente a Dione e a Marta no MZUSP, que sempre me trataram com um carinho desproporcional, e a equipe da secretaria de pós-graduação do IB que facilitaram o quanto puderam minha vida acadêmica.

Aos colegas de 14:00 às 14:30, a tão esperada hora do café do MZUSP, muitos dos quais se tornaram bons amigos para além da hora do café.

Às gerações de coletores que formaram a coleção ornitológica do MZUSP, cujos espécimes foram imprescindíveis para a realização desse estudo.

Aos 16382 usuários do site WikiAves, e ao seu criador e mantenedor, Reinaldo Guedes, por tornarem disponíveis informações que estão ajudando a aumentar exponencialmente nosso conhecimento sobre as aves brasileiras

Ao samba paulistano, especialmente aquele ouvido no Bar do Cidão cantado pelo Waltinho e tocado pelo Alberto, por me manter vivo em São Paulo.

As montanhas imponentes do maciço do Itatiaia e sua exuberante Mata Atlântica, meu habitat natural, por terem me abrigado em sua vertente leste durante a finalização dessa dissertação.

A todos, o meu muito obrigado!

ÍNDICE

Volume I

AGRADECIMENTOS	v
1. INTRODUÇÃO	
1.1. Características gerais da Mata Atlântica	1
1.2. Estado da Arte da Ornitologia na Mata Atlântica	7
1.2.1. Histórico do conhecimento ornitológico	7
1.2.2. Riqueza de espécies e endemismos	14
1.2.3. Biogeografia e especiação	16
1.2.4. Conservação	20
2. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	24
3. MATERIAL E MÉTODOS	
3.1 Definição de Mata Atlântica adotada	26
3.2 Compilação da riqueza e composição de espécies	26
3.3 Compilação das espécies endêmicas	32
3.4 Compilação da riqueza, composição e endemismos de subespécies	33
3.5 Produção da “Lista comentada das aves da Mata Atlântica”	34
4. RESULTADOS	
4.1 Riqueza de espécies e subespécies	38
4.2. Composição	39
4.3. Endemismos	42
4.4 Conservação	43
5. DISCUSSÃO	44
6. CONCLUSÕES	56
RESUMO	58
ABSTRACT	60
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICES	81

Volume II

1. LISTA COMENTADA DE AVES DA MATA ATLÂNTICA	182
--	-----

1. INTRODUÇÃO

1.1 Características gerais da Mata Atlântica

Tradicionalmente, o termo Mata Atlântica tem sido usado para designar todo, ou parte, de um contínuo de formações predominantemente florestais que se estendia continuamente pela região leste da América do Sul junto a sua costa atlântica. Tais florestas cobriam originalmente cerca de 1.315.460 km² e ocupavam a maior parte da região oriental brasileira, além de áreas no leste do Paraguai e nordeste da Argentina (Galindo-Leal & Câmara 2005) (Figura 1). Biogeograficamente, a composição da sua biota, a presença de um número expressivo de espécies endêmicas e as relações históricas entre seus diferentes ecossistemas conferem uma singularidade a Mata Atlântica que tem sido reconhecida por praticamente todos os trabalhos que buscam dividir o Brasil, a América do Sul, ou mesmo toda Região Neotropical, utilizando diferentes conceitos e critérios biogeográficos (2001).

Considerado o pai da botânica brasileira, von Martius apresentou a primeira divisão fitogeográfica do território brasileiro, a qual já demonstrava que as florestas atlânticas e amazônicas representavam unidades distintas, respectivamente nomeadas como *Dryades* e *Nayades* (Martius 1840). O trabalho pioneiro de Martius foi sucedido por diversas outras iniciativas (*e.g.* Campos 1926, Sampaio 1940, Santos 1943, Azevedo 1950, Rizzini 1979) que repetidamente reconheceram as particularidades florísticas da Mata Atlântica. No entanto, os limites da Mata Atlântica reconhecidos por cada um desses autores diferem sensivelmente, demonstrando que o consenso sobre sua identidade biogeográfica única não é acompanhado de uma delimitação clara de seus limites geográficos. Particularidades como sua grande extensão, fronteira com vários outros domínios e, principalmente, a heterogeneidade de suas formações vegetacionais deu origem a uma grande diversidade de idéias e conceitos sobre o que seria e onde estaria a Mata Atlântica (Joly *et al.* 1999, Oliveira-Filho & Fontes 2000, Galindo-Leal & Câmara 2005).

Figura 1. Mata Atlântica no contexto da América do Sul.

Sob a ótica da zoogeografia, a independência da Mata Atlântica como uma região natural também foi percebida já nos primeiros estudos que trataram mais diretamente sobre os padrões de distribuição da fauna brasileira. Embora divida o país em apenas três regiões, Burmeister (1856), assim como Martius, trata separadamente as grandes florestas do país. Autores subsequentes focados em uma zoogeografia brasileira como Goeldi (1894), Ihering & Ihering (1907) e Mello Leitão (1937), corroboraram, cada um com seu esquema de divisão, as particularidades da fauna das florestas do Brasil oriental.

Dentro de uma escala de conhecimento mais ampla, focada na América do Sul ou em todo o Neotrópico e incluindo também iniciativas interessadas na localização de áreas de endemismo, além daquelas preocupadas unicamente com divisões biogeográficas amplas, a Mata Atlântica também se sobressai. Desde os trabalhos de autores pioneiros como Cabrera e Yepes (1940), passando por Fittkau (1969), Muller (1973), Cracraft (1985) e Haffer (1985), até análises mais recentes como Rivas-Martínez & Navarro (1994) e Morrone (2006) a Mata Atlântica, como todo ou subdividida, é repetidamente diagnosticada como detentora de um conjunto de flora e fauna característico com destaque para um alto índice de espécies endêmicas.

Fora de um contexto estritamente biogeográfico, Ab'Saber (1977) propôs uma série de domínios morfoclimáticos para América do Sul baseando-se em critérios climáticos, geomorfológicos, fitogeográficos e ecológicos. Entre os domínios reconhecidos a Mata Atlântica encontra-se quase que integralmente contemplada sob o “domínio tropical atlântico”, também chamado de “domínio dos mares de morros”. É oportuno destacar ainda que alguns estudos recentes dividem a Mata Atlântica em um número variável de regiões, embora a metodologia utilizada nessas divisões se aproxime mais de divisões esquemáticas do que de análises biogeográficas propriamente ditas. Assim, Dinerstein (1995), propôs 98 ecorregiões para a América do Sul, das quais quatro fariam parte da Mata Atlântica. Por sua vez, Olson *et al.* (2001), utilizando uma lógica similar em escala global, reconhece na Mata Atlântica um conjunto de 15 ecorregiões.

Conforme exposto, compreende-se que a Mata Atlântica é universalmente aceita como um domínio biogeográfico característico em diversos contextos. No entanto, a pluralidade de categorizações e divisões existentes sobre a fitogeografia brasileira dificulta bastante uma delimitação consensual dos seus limites. Um dos principais pontos de debate gira em torno do conjunto de formações florestais que comporiam a Mata Atlântica e de suas respectivas afinidades. Embora atualmente haja acordo sobre as relações próximas entre a floresta ombrófila densa com a estacional semidecidual e a com predomínio de araucária (*Araucaria angustifolia*), por muito tempo alguns autores insistiram em tratar separadamente

essas formações (Câmara 1991, Oliveira-Filho & Fontes 2000). Cabe ressaltar, inclusive, que o termo “Mata Atlântica” foi criado por Azevedo (1950) para se referir apenas as florestas ombrófilas densas mais próximas ao litoral. Atualmente as controvérsias transferiram-se para parte das florestas estacionais decíduais, que são vistas por alguns autores como mais relacionadas com a Caatinga, Cerrado ou mesmo representando um domínio independente (Oliveira-Filho *et al.* 2006, Cardoso & Queiroz 2011, Santos *et al.* 2012). Outro motivo de debate tem sido as florestas litorâneas e os “brejos de altitude” situados ao norte do rio São Francisco, que eventualmente tem sido apontados como tendo proximidade biogeográficas com a floresta amazônica (Santos *et al.* 2007).

Essa falta de consenso precisou ser contornada por ocasião da promulgação do Decreto Federal n. 750/1993 e, posteriormente, da Lei Federal n. 11428/2006, conhecida como “Lei da Mata Atlântica”. Tais instrumentos regulatórios, invariavelmente precisavam estar acompanhados por uma definição precisa dos limites geográficos da Mata Atlântica para que pudessem ser aplicados efetivamente (Steinberger & Rodrigues 2010). Dessa forma, em termos legais, define-se como Mata Atlântica “*as seguintes formações florestais nativas e ecossistemas associados, com as respectivas delimitações estabelecidas em mapa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, conforme regulamento: Floresta Ombrófila Densa; Floresta Ombrófila Mista, também denominada de Mata de Araucárias; Floresta Ombrófila Aberta; Floresta Estacional Semidecidual; e Floresta Estacional Decidual, bem como os manguezais, as vegetações de restingas, campos de altitude, brejos interioranos e encaves florestais do Nordeste*”. Conforme mencionado, tal definição é amparada por mapa do IBGE subjugado ao Decreto Federal n. 6660/2008.

Figura 2. Mapa da Área de Aplicação da Lei nº 11.428 de 2006 (IBGE 2008).

Embora carregue um cunho aparentemente político (Steinber & Rodrigues 2010), a definição de uma “Mata Atlântica legal”, está longe de ser arbitrária, sendo baseada inicialmente por consultas a um conjunto de especialistas de diferente áreas (Fundação SOS Mata Atlântica 1990, Câmara 1991) e amparada por trabalhos subsequentes (Oliveira-Filho & Fontes 2000, Oliveira-Filho *et al.* 2006). Dentro desse cenário, a Mata Atlântica pode ser interpretada como um domínio fitogeográfico composto por um complexo de diferentes formações vegetacionais que estariam mais relacionadas entre si que com outros ecossistemas ao seu redor, formando, assim, uma unidade biogeográfica natural característica. Não

obstante, a aceitação de enclaves de Cerrado, Caatinga e Campos Sulino como parte desse complexo é vista com ressalva por diferentes autores e tem recebido críticas recentes (Straube 1998, Uhlmann *et al.* 1998, Overbeck *et al.* 2007), uma vez que representam testemunhos relictuais e não necessariamente possuem afinidades biogeográfica com os ambientes vizinhos.

Em termos geográficos, físicos e climáticos, a Mata Atlântica, assim definida, apresenta uma grande amplitude latitudinal, longitudinal, altitudinal e climática. Estende-se de 3° de latitude sul até cerca de 30°, mantendo-se relativamente restrita ao litoral em sua porção mais setentrional e se interiorizando mais de 800 km do litoral próximo ao seu limite meridional. Distribui-se ainda por um gradiente altitudinal que vai desde o nível do mar a até cerca de 3000 metros de altitude, atingindo o cume de algumas das cadeias de montanhas mais altas do Brasil. Por conta dessa heterogeneidade geográfica e física, a Mata Atlântica reúne desde a localidade que detém o recorde de menor temperatura do Brasil a áreas com temperatura média anual superior a 25° C, sendo esse grande intervalo de valores observado também nas diferenças de precipitação entre diferentes regiões. Cabe citar ainda que cortam o território da Mata Atlântica alguns dos mais importantes rios brasileiros, incluindo, por exemplo, São Francisco, Jequitinhonha, Doce, Paraíba do Sul, Grande, Tietê, Paraná, Iguaçu e Uruguai (Câmara 1991, Galindo-Leal & Câmara 2005).

Embora a ocorrência de táxons compartilhados e aparentados demonstrem a existência de um intercâmbio de biota, em diferentes momentos da história evolutiva, entre a Mata Atlântica, Amazônia e Andes; uma “diagonal de formações abertas” (formadas pela Caatinga, Cerrado, Chaco e Pampas) manteve por longos períodos a Mata Atlântica isolada desses dois outros grandes blocos florestais sul-americanos (Vanzolini 1963, Ab’ Sáber 1977). Esse isolamento parcial permitiu que a biodiversidade da Mata Atlântica evoluísse relativamente de maneira independente, o que, somado à heterogeneidade de ambientes citada acima e a processos históricos de diversificação, resultou em um quadro de megabiodiversidade caracterizado por um elevado número de gêneros e espécies endêmicas e

que confere a esse domínio natural uma identidade biogeográfica particular (Müller 1973, Cracraft 1985, Silva *et al.* 2004).

Estima-se que na Mata Atlântica possam ocorrer entre 1% e 8% de todas as espécies do planeta (Silva & Casteleti 2003). Embora estimativas atualizadas e criteriosamente compiladas sejam escassas para a maior parte dos grupos, a literatura aponta que ocorrem dentro do domínio em torno de 20.000 espécies de plantas vasculares, 350 de peixes de água doce, 340 anfíbios, 197 répteis, 250 mamíferos e 1023 aves, das quais 8000, 133, 90, 60, 55 e 1800 espécies, respectivamente, seriam endêmicas do domínio (MMA 2000).

Tão surpreendente quanto o seu quadro de megabiodiversidade, é o estado crítico de conservação em que se encontra um grande número das espécies da Mata Atlântica. Das 627 espécies consideradas na lista brasileira da fauna ameaçada, 380 ocorrem na Mata Atlântica (Machado *et al.* 2008). Essa situação é consequência de um estado alarmante de degradação ambiental ocasionado por sucessivos ciclos de exploração predatória dos seus recursos que se iniciaram logo após a invasão do Brasil pelos europeus e incluíram atividades de extrativismo, agropecuária, mineração e ocupação urbana (Fonseca 1985, Coimbra-Filho & Câmara 1996, Dean 1996, Galindo-Leal & Câmara 2003). Atualmente, a Mata Atlântica encontra-se reduzida a remanescentes isolados de diferentes tamanhos que, somados, atingem apenas entre 8,5% cerca de 12% de sua extensão original (Ribeiro *et al.* 2009). Não por acaso, diversas análises e rankings conservacionistas apontam a Mata Atlântica como uma das regiões mais ameaçadas de todo o planeta, colocando-a no topo da lista de prioridades global de pesquisa e conservação da biodiversidade (Stattersfield *et al.* 1998, Myers *et al.* 2000, Eken *et al.* 2004).

1.2. Estado da Arte da Ornitologia na Mata Atlântica

1.2.1. Histórico do conhecimento ornitológico

A Mata Atlântica foi a primeira e por praticamente mais de um século a única porção do território brasileiro com a qual os europeus tiveram contato (Dean 1996). Atualmente cerca 70% da população brasileira ainda vive dentro dos seus domínios, onde também está

localizada a maior parte dos principais centros de produção de conhecimento científico do país (Galindo-Leal & Câmara 2005). Dessa forma, não surpreende, portanto, que o estudo de sua biodiversidade tenha sido contemplado em todas as fases do histórico de evolução de conhecimento relacionado à zoologia brasileira. Essa situação contribui decisivamente para que a avifauna da Mata Atlântica seja considerada uma das mais conhecidas dentre os ecossistemas brasileiros, embora esse conhecimento tenha se desenvolvido mais vigorosamente apenas a partir do século XIX (Pacheco & Bauer 1999, Pacheco 2004).

Pinto (1979) e Sick (1997) apresentam apanhados históricos detalhados sobre o progresso da ornitologia brasileira, destacando os personagens e eventos principais associados às diferentes fases de produção de conhecimento. Analisando essas obras primordiais em conjunto com outros estudos bem embasados (e.g. Pinto 1945, Papavero 1971, 1973, Pacheco 2004, Straube 2011, 2012), é possível traçar um breve, mas informativo panorama histórico cronológico focado no desenvolvimento do conhecimento sobre a avifauna da Mata Atlântica.

As primeiras referências literárias a animais da Mata Atlântica, e consequentemente do Brasil, estão presentes na famosa “Carta de Pero Vaz de Caminha”, datada de maio de 1500 (Pinto 1942, Teixeira & Papavero 2003). Nesse mesmo documento é feita referência à primeira ave da Mata Atlântica cuja a identidade é inquestionável; trata-se da arara-vermelha (*Ara chloropterus*), descrita por Caminha como “papagaios vermelhos muito grandes e formosos” (Teixeira & Papavero 2006).

Além da carta de Caminha, as poucas informações do século XVI disponíveis sobre a biodiversidade brasileira se resumem aos escritos autorados por cronistas e missionários religiosos. Esse relatos pioneiros fazem referência a diversas espécies da Mata Atlântica, incluindo algumas endêmicas que só seriam cientificamente descritas séculos depois. Dentro desse contexto, se sobressaem as obras do alemão Hans Staden (Staden 1557), que descreve com detalhes as diferentes plumagens do guará (*Eudocimus ruber*); dos religiosos franceses Jean de Lery (Lery 1578) e André Thevet (Thevet 1878), primeiros a mencionar diversas espécies como o mutum-do-sudeste (*Crax blumembachi*) e a jacutinga (*Aburria jacutinga*);

do português Gabriel Soares de Sousa (Sousa 1938), que faz referência, entre outras, ao crejoá (*Cotinga maculata*); e do padre jesuíta Fernão Cardim (Cardim 1939), que chega a descrever com detalhes a dança de exibição nupcial dos tangará (*Chiroxiphia caudata*). Esse último autor é, além disso, um dos que menciona a existência do misterioso papagaio “anapuru”, cuja a identidade até hoje permanece uma incógnita (Pacheco 2004).

O século XVI termina sem trazer a lume quaisquer informações de base mais científica sobre a biodiversidade brasileira, o que se altera consideravelmente no século seguinte, marcado pela publicação de uma das obras de maior valor histórico para ornitologia brasileira. Conforme muito bem expresso no cenário narrado por Pinto (1979): “*Sem incentivos nem meios para acompanhar as nações mais adiantadas no campo dos estudos, e tendo as portas hermeticamente fechadas pela metrópole à curiosidade dos estrangeiros, durante três séculos arriscava-se o Brasil colonial a permanecer terra ignota para os naturalistas, não fosse o acidente introduzido em sua história pela momentânea ocupação do nordeste pelos holandeses, no curso da primeira metade do século XVII.*” A consequência direta da invasão holandesa que beneficiou o conhecimento zoológico do Brasil foi a vinda para o país, por intermédio de Maurício de Nassau, do astrônomo George Marcgrave, autor do livro *Historia Rerum Naturalis Brasiliae* (Marcgrave 1942). Em sua obra, originalmente datada de 1648, Marcgrave apresenta descrições acompanhadas de ilustrações de 134 espécies de aves que podem ser positivamente identificadas, a maior parte dessas provenientes da Mata Atlântica, com destaque para treze espécies de hábitos florestais (Teixeira 1992). Além de ser apontada como uma das fontes precursoras das ciências naturais no Brasil (Sick 1997), a importância dessa obra se traduz também na utilização por Linnaeus e seus colaboradores de muitas das aves ali descritas como subsídios para a caracterização formal de novas espécies através de seu sistema binominal, estabelecido um século depois (Pacheco 2004).

O século XVIII é geralmente considerado como um dos menos produtivos para a zoologia brasileira (Pacheco 2004, Teixeira *et al.* 1999). Um dos poucos episódios destacados durante esse período refere-se às expedições daquele que é considerado o primeiro naturalista

brasileiro, Alexandre Rodrigues Ferreira, que, no entanto, não alcançaram os limites da Mata Atlântica (Cunha 1991). Não obstante, ampliado o foco da Mata Atlântica para suas porções paraguaia e argentina, o final do século XVIII também adquire grande importância histórica para ornitologia desse domínio. É nessa época que se estabelece na região do Paraguai o espanhol Felix de Azara, personagem geralmente ignorado no âmbito da ornitologia brasileira (e.g. Pinto 1979, Sick 1997).

Representante diplomático da coroa espanhola, Azara viveu entre 1785 e 1800 no Paraguai a partir de onde empreendeu diversas viagens por regiões próximas, inclusive tangencialmente o Brasil. Tendo a história natural inicialmente como um passatempo, Azara acaba publicando descrições sobre a fauna que encontrou em sua estada na América do Sul, entre as quais é de destaque o *“Apuntamientos para la Historia Natural de los paxaros del Paragüay y Rio de la Plata”* (Azara 1802), onde descreve surpreendentes 448 espécies de aves. A relevância dessa obra para ornitologia da Mata Atlântica foi muito bem expressada por Pacheco (2011, in litt. apud Straube 2011): *“um número altíssimo de espécies de aves do sul e sudeste brasileiro fizeram seu debut descritivo com base nos seus livros e, desta forma, como fontes primárias, suas descrições acabaram por permear toda a literatura zoológica da época”*.

A escassez de informações sobre a biodiversidade brasileira existente até o final do século XVIII, confere certa importância como fonte de conhecimento sobre a avifauna da Mata Atlântica às informações contidas em relatos de cronistas sem objetivos científicos explícitos. Dentro desse contexto destacam-se, por exemplo, os manuscritos de Francisco Antônio de Sampaio, formalmente publicado apenas em 1971 (Sampaio 1971), sobre a fauna da região do Recôncavo Baiano e de Manoel Martinz do Couto Reys, publicado em 1997 (Reys 1997), que apresenta informações preciosas sobre a avifauna da região norte fluminense (Moreira-Lima & Bessa *em prep.*).

O século XIX inaugura um novo período não apenas para história da ornitologia da Mata Atlântica, mas para as ciências naturais brasileiras como um todo. Em 1808, com a Abertura dos Portos às nações amigas, uma das primeiras medidas decretadas após a vinda da

família real portuguesa, o Brasil pode finalmente ser objeto de investigação dos naturalistas que há muito cobiçavam sua natureza (Pinto 1979). No entanto, antes de relatar esse avanço é oportuno apontar que mesmo um pouco antes desse episódio os museus europeus já começavam a ter um vislumbre da avifauna da Mata Atlântica através da atuação de coletores locais incentivados por personagens com acesso privilegiados ao país como o Conde de Hoffmannsegg (Pinto, 1979, Sick 1997).

No entanto, foi a partir de 1813 que se iniciou um novo período de avanço do conhecimento sobre a avifauna da Mata Atlântica, começando com a segunda visita do cônsul da Rússia e naturalista, o Barão de Langsdorff. A partir de então, o Brasil, sobretudo a Mata Atlântica, foi “invadido” por uma multidão de naturalistas comissionados por museus europeus ou em expedição por conta própria. Dessa primeira leva, destacam-se por seus feitos ornitológicos os alemães Wilhelm Freyreiss (1813), Friedrich Sellow (1814), Príncipe Maximilian von Wied Neuwied (1815), o britânico William Swainson (1816) e o francês Antoine Delalande (1816), que veio acompanhando o famoso botânico Auguste de Saint-Hilarie, (Pinto 1979, Sick 1997).

Em 1817, por ocasião da vinda para o Brasil da arquiduquesa austríaca Maria Leopoldina, recém casada em Viena com o príncipe Dom Pedro, um séquito de artistas e cientistas acompanha a futura imperatriz até o país. Desse time, merecem um destaque especial no contexto da ornitologia da Mata Atlântica as figuras de Johann Natterer e Johann Baptist von Spix. O primeiro, passou cerca de 18 anos excursionando e coletando espécimes, sobretudo aves, por praticamente todas as principais regiões do país com exceção do nordeste; por conta de sua dedicação e importância da sua obra é ainda hoje considerado o “naturalista maior” que atuou no Brasil (Straube 2000).

A estada de Spix, que excursionou pelo sudeste, nordeste e Amazônia acompanhado pelo célebre botânico Philipp von Martius, apesar de bem mais curta, cerca de três anos, foi também bastante proveitosa. Diferente de Natterer, Spix teve a chance de estudar pessoalmente o material coletado no Brasil, feito que lhe garantiu a descrição de pelo menos 100 novas espécies de aves, incluindo diversos táxons da Mata Atlântica (Pinto 1979). Outros

naturalistas não tiveram o prazer de estudar pessoalmente os espécimes coletados e enviados a Europa, ficando essa atividade na maior parte das vezes a cargo dos curadores dos museus que receberam os espécimes (Sick 1997). Em alguns casos, tal situação somada ao tratamento desleixado, principalmente na rotulagem, dado a época por algumas instituições europeias aos espécimes que não paravam de chegar, comprometeu em maior ou menor grau as informações obtidas através do estudo desse material, fato que até hoje tem levado alguns autores a conclusões duvidosas, como bem exemplificado pelo destino do material coletado por F. Sellow (Stopiglia *et al.* 2009, Rego *et al.* 2013).

Outros personagens atuantes nesse período também contribuíram de forma relevante para um melhor conhecimento da avifauna da Mata Atlântica, cabendo citar ainda: Edouard Ménétries, Peter Lund, Hermann Burmeister, Jean Theodore Descourtilz e Karl Euler (Sick 1997). Mesmo após a virada do século alguns naturalistas vinculados a instituições estrangeiras ainda iriam excursionar pela Mata Atlântica e realizar importantes descobertas. Nessa situação se incluem o alemão Emil Kaempfer, que coletou milhares de espécimes em diversas áreas do nordeste, sudeste e sul do Brasil (Naumburg 1935, Pacheco 2004), e o americano Ernest Holt, que, além de coletor, publicou a partir de suas pesquisas na região do atual Parque Nacional do Itatiaia o que pode ser considerada uma das primeiras descrições mais detalhadas sobre a comunidade de aves de uma localidade da Mata Atlântica, fornecendo inclusive informações sobre a distribuição altitudinal das espécies (Holt 1928).

A partir de meados do século XIX e início do XX, com a fundação e estabelecimento dos principais museus brasileiros com acervos zoológicos, inaugura-se uma nova fase para ornitologia brasileira, marcada pela institucionalização nacional da produção de conhecimento (Alves & Silva 2000). Por estarem localizados em São Paulo e no Rio de Janeiro e sobretudo por terem abrigado as carreiras de dois reconhecidos expoentes da ornitologia nacional -Olivério Pinto e Helmut Sick - os atuais Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo e Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro se destacam no estudo da avifauna da Mata Atlântica, tradição que vem sendo mantida até hoje. Além de Pinto e Sick, outros importantes personagens ligados a essas instituições foram

Hermann von Ihering, Alípio de Miranda Ribeiro, Emílio Goeldi e Emilie Snethlage, sendo que os dois últimos, embora mais celebrados no âmbito da ornitologia amazônica, estudaram também a avifauna da Mata Atlântica.

A partir da década de 1970 as universidades brasileiras passaram a contribuir cada vez mais na produção de conhecimento zoológico nacional (Alves & Silva 2000). Como consequência disso, os campos de estudo foram diversificados para além da taxonomia e distribuição geográfica, temáticas em que os museus estavam mais focados, embora não restritos. Assim, as aves da Mata Atlântica passam a ser alvos de estudos biológicos, ecológicos, etológicos, biogeográficos e, mais recentemente, conservacionistas e filogenéticos (Paynter 1991, Borges 2008). No entanto, é só a partir da década de 1990 que surge a maior parte dos estudos com foco explícito na avifauna da Mata Atlântica. Paralelamente, algumas universidades passaram também a manter coleções ornitológicas que, embora menos numerosas que a dos grandes museus, são de grande importância em um contexto regional, como as das Universidades Federais de Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro e Viçosa e das Pontifícias Universidades Católicas do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. Cabendo citar aqui também os museus do Capão da Imbuia, Mello Leitão e de História Natural de Taubaté (Aleixo & Straube 2007).

Apesar de ser considerada um dos ecossistemas brasileiros ornitologicamente mais investigados ao longo da história, o conhecimento sobre a avifauna da Mata Atlântica está longe de ser considerado satisfatório. Como exemplo disso, pode ser citado que mesmo em campos básicos extensivamente estudados como a taxonomia e distribuição geográfica, a descrição em anos recentes de diversas espécies (para um apanhado recente veja Silveira & Olmos 2007) e até mesmo de gêneros novos, como *Acrobatornis fonscai* Pacheco, Whitney & Gonzaga 1996, e a divulgação frequente de registros que ampliam a distribuição geográfica de muitas espécies em centenas de quilômetros demonstram que ainda há muito por se descobrir.

Fora do cenário acadêmico, até muito recentemente era tímida a contribuição de observadores de aves e ornitólogos amadores para o avanço do conhecimento sobre as aves

do Brasil. No entanto, o grande crescimento experimentado pela observação de aves no país nos últimos anos somado à popularização de sites de compartilhamento de registros fotográficos e sonoros, como o WikiAves e o Xeno-canto, tem disponibilizado massivamente informações sobre a avifauna brasileira, principalmente da Mata Atlântica que concentra as cidades com maior número de observadores de aves no país. Se tratadas com o devido critério, essas informações oferecem grande potencial para uso científico e podem contribuir à sua maneira para ornitologia da Mata Atlântica.

1.2.2. Riqueza de espécies e endemismos

Os primeiros trabalhos que de alguma forma apontaram a existência de uma avifauna típica da Mata Atlântica estavam voltados para a análise e identificação de padrões e relações biogeográficas em uma escala ampla, principalmente entre diferentes ecossistemas neotropicais. Por esse motivo, embora autores pioneiros tenham reconhecido a existência de uma avifauna característica, incluindo diversos endemismos, associada às formações principalmente florestais da região leste do Brasil, trabalhos como os de Müller (1973) e de Cracraft (1985) se furtaram em apresentar informações mais objetivas sobre a riqueza e composição de espécies geral da Mata Atlântica.

Outros estudos precursores, por sua vez, apesar de fornecerem números referentes a avifauna de grandes regiões, que podem ser em linhas gerais interpretadas como a Mata Atlântica ou parte dela, não fornecem explicações claras sobre a origem de suas compilações. Nesse rol podem ser incluídos os valores de riqueza de espécies apresentado para “*SE Brazilian Forest*” (280 espécies) e “*Atlantic Brazilian Montane Forest*” (175) por Vuilleumier (1988) e o indicado para “*east-Brazilian*” (870) por Willis (1992).

Apenas a partir de meados da década de 1990 surgem compilações mais consistente sobre as aves da Mata Atlântica. Como parte de um esforço maior que buscou levantar a riqueza e composição de espécies dos principais domínios naturais da Região Neotropical, Parker *et al.* (1996) apontam 682 espécies como ocorrentes na Mata Atlântica. Pouco tempo depois, ao revisarem o estado da arte da ornitologia da Mata Atlântica, Pacheco & Bauer

(1999) apresentaram uma coletânea de 1021 espécies, número surpreendentemente quase 50% superior ao levantado por Parker *et al.* (1996) poucos anos antes.

Além desses trabalhos, outros autores apresentam valores alternativos de riqueza de aves para a Mata Atlântica, incluindo 620 (Myers *et al.* 2000), 688 (Goerck 1997), 849 (Tabarelli *et al.* 2003) e 936 (Mittermeier *et al.* 2005). Não obstante, essas fontes não proveem uma explicação mínima sobre os critérios e métodos utilizados em suas compilações e, na maioria dos casos, falta também qualquer listagem das espécies consideradas, o que acaba por abalar a credibilidade dessas informações, apesar de muito utilizadas em textos técnicos, populares e até mesmo norteadores de políticas conservacionistas.

Com relação ao número de espécies endêmicas da Mata Atlântica, Cracraft (1985), ao estudar áreas de endemismos de aves na América do Sul, fornece uma lista com 214 táxons considerados associados às áreas formadas pelos centros de endemismo “Serra do Mar” e “Paraná”, os quais, juntos, correspondem a boa parte dos limites da Mata Atlântica. Parker *et al.* (1996) listam 199 espécies endêmicas, Brooks *et al.* (1999) 208, Pacheco & Bauer (1999) 188, enquanto Bencke *et al.* (2006) consideram 217 espécies como “endêmicas e de distribuição restrita”. Valores fornecidos por outras fontes sem maiores detalhes sobre critérios e metodologia adotados incluem 200 (Goerck 1997) e 148 espécies (Mittermeier *et al.* 2005).

Como se pode perceber, em similaridade ao que ocorre com os valores sobre riqueza total de espécies, há um desacordo entre diferentes autores sobre quantas e quais são as espécies de aves endêmicas da Mata Atlântica. Em ambos os casos essa situação tem origem em diferentes problemas, dentre os quais podem ser destacados a carência de um conhecimento mais refinado sobre a distribuição de muitas espécies de aves brasileiras (Pacheco & Bauer 1999) e principalmente a falta de entendimento comum sobre os limites do domínio. Cabe ressaltar, também, que praticamente nenhum dos trabalhos disponíveis sobre riqueza e composição da avifauna da Mata Atlântica abordam, de alguma forma, subespécies. No caso de estudos sobre áreas de endemismo, apenas Cracraft (1985) parece utilizar subespécies em suas análises. Embora a utilização de trinômios seja questionada ou vista com

cautela por alguns autores (*e.g.* Wilson e Brown 1953), análises focadas em subespécies podem ser de grande utilidade para a identificação de padrões de especiação e biogeografia (Winker 2010). Além disso, o levantamento do número de subespécies da Mata Atlântica permitiria um vislumbre do tamanho da “inflação taxonômica” que atinge a avifauna desse domínio, tendo em vista que diversas análises recentes tem resultado na elevação de muitos táxons até então considerados apenas variantes geográficas à condição de espécies independentes (Aleixo 2007, Silveira e Olmos 2007). Outros autores, por sua vez, (*e.g.* Peterson & Navarro-Siguenza 1999, Fjeldsa 2000, Dillon & Fjeldsa 2005) tem demonstrado que a utilização de conceitos de espécies alternativos podem ter grandes impactos não apenas em análises ligadas à taxonomia e biogeografia, mas também no planejamento conservacionista eficiente.

Apesar da falta de consenso entre diferentes autores sobre o número total de espécies e de endemismos da Mata Atlântica, as fontes mais confiáveis apontam as aves como o grupo de vertebrados com o maior riqueza do domínio (MMA 2000). Em um contexto mais amplo, a Mata Atlântica destaca-se não apenas no cenário nacional, sendo o domínio natural que abriga o maior número de espécies endêmicas do Brasil e com a segunda maior riqueza de táxons (Marini e Garcia 2005), mas também no internacional, apresentando um das mais ricas avifaunas do mundo (Mittermeier *et al.* 2005). Dentro desse cenário, as aves ilustram com maestria o fato da Mata Atlântica ser apontada por diversas fontes, em diferentes contextos e escalas como um dos ecossistemas com a biodiversidade mais expressiva do planeta.

1.2.3. Biogeografia e especiação

Desde as primeiras incursões científicas na região Neotropical, ainda nos séculos XVII e XVIII, a grande biodiversidade das florestas tropicais tem estimulado as mentes de gerações de zoólogos e botânicos. Assim, diversas hipóteses já foram e continuam sendo levantadas na tentativa de entender a origem e diversificação das espécies dessa região (Haffer 1997, Newton 2003). A excepcional riqueza de espécies da Mata Atlântica e seu alto índice de endemismos impressiona mesmo quando comparada com a maioria das outras

florestas tropicais (Mittermier *et al.* 2005). Não por acaso, diversos autores recentes tem utilizado a avifauna da Mata Atlântica como objeto de estudo para uma melhor compreensão de processos e eventos promotores de especiação (Dantas 2011).

Nesse contexto, a teoria dos refúgios proposta por Haffer (1969) destaca-se como uma das mais discutidas no âmbito da Mata Atlântica. De acordo com esse postulado, períodos climáticos mais secos ocorridos durante as últimas eras glaciais ocasionaram uma expansão das formações vegetacionais abertas, como aquelas peculiares do Cerrado e da Caatinga. Paralelamente, ocorreu uma retração das formações florestais mais estruturadas dependentes de clima mais úmidos que, por sua vez, acabaram isoladas em refúgios. Dentro deste cenário, populações de espécies florestais foram separadas e deram origem a novas linhagens através de especiação alopátrica (Haffer 1969).

Inicialmente baseada em padrões de distribuição de aves amazônicas, a teoria dos refúgios foi posteriormente aplicada a outros grupos e regiões (Vanzolini 1970, Haffer 1985, Brown 1987). Paradoxalmente, o papel dos refúgios na diversificação da biota Amazônia tem recebido cada vez menos suporte em trabalhos recentes ao tempo em que, na Mata Atlântica, se acumulam evidências sobre a existência e implicações desse fenômeno (Carnaval *et al.* 2009, Martins 2011, Silva *et al.* 2012). Entre as publicações recentes que suportam a ocorrência de refúgios podem ser destacados diversos estudos filogeográficos envolvendo Passeriformes da Mata Atlântica (e.g. D'Horta *et al.* 2011, Cabanne *et al.* 2008, Maldonado-Coelho 2012, Batalha-Filho *et al.* 2013b).

Além da teoria dos refúgios, outros fatores e processos tem sido discutidos na literatura para explicar a grande diversificação da avifauna da Mata Atlântica, uma vez que em muitos casos o papel dos refúgios parece não ter sido determinante (Silva & Straube, 1996; Silva *et al.* 2012). Assim, outros processos podem ser evocados para auxiliar na compreensão da história evolutiva da biota da Mata Atlântica e representam oportunidades de estudo promissoras, incluindo a teoria do gradiente ecológico e as de separação de populações por rios ou por neotectonismo (Dantas *et al.* 2011).

A extensa amplitude latitudinal, longitudinal e altitudinal da Mata Atlântica deu origem a uma grande heterogeneidade de ambientes que, por sua vez, resultou em uma farta disponibilidade de nichos ecológicos. Essa peculiaridade torna a Mata Atlântica suscetível a atuação de processos de especiação por gradientes ecológicos (Schluter 2009). Dentro desse contexto, a segregação ecológica de diversas espécies congêneres simpátricas, conforme demonstrado para os papa-formigas do gênero *Drymophila* por Rajão & Cerqueira (2006), chama a atenção para a potencialidade de estudos sobre a influência da diversificação por gradientes na biota da Mata Atlântica. Além disso, autores recentes tem reconhecido que relevos montanhosos podem influenciar de diversas maneiras na formação de espécies (e.g. Fjeldsa *et al.* 2012, Ramírez-Barahona & Eguiarte 2013). Assim, a avaliação do impacto de certas cadeias montanhosas da Mata Atlântica como componente para a diversificação de sua biota pode ser considerada uma linha de estudos promissora e ainda pouco explorada.

Outro fenômeno que influenciou decisivamente a formação da megabiodiversidade da Mata Atlântica foi sua conexão pretérita e interação com outros ecossistemas sulamericanos, especialmente a Amazônia e os Andes (Sick 1985, Willis 1992, Costa 2003). Miranda-Ribeiro (1906) parece ter sido um dos primeiros a identificar similaridades entre elementos da fauna da Mata Atlântica e dos Andes e, posteriormente, tais afinidades também foram reconhecidas por outros autores, incluindo, por exemplo, Lutz (1951), Ebert (1960) e Sick (1985).

Willis (1992) apresenta um estudo detalhado sobre as relações biogeográficas da avifauna do Brasil oriental, chamando atenção não apenas para o compartilhamento de espécies entre a Mata Atlântica e os Andes, mas também entre aquela e a Amazônia, conclusão amplamente compartilhada com outros autores (e.g. Muller 1973, Haffer 1985, Silva 1996, Sick 1997). Além de confirmarem a ocorrência de intercâmbios de biodiversidade, análises recentes incorporando informações filogenéticas sobre espécies de aves demonstram ainda que a conexão entre a Mata Atlântica e a Amazônia pode ter ocorrido por diferentes rotas e em diferentes épocas (Batalha-Filho 2013a).

Assim como em outras regiões com elevada biodiversidade, as espécies da Mata Atlântica não estão homogeneamente distribuídas geograficamente (Silva & Casteleti 2003; Straube & Di Giacomio, 2007). Nesse contexto, destaca-se que algumas regiões concentram espécies com distribuição geográfica sobrepostas em maior ou menor escala (Silva & Casteleti 2003). Tal situação aponta para existência de áreas de endemismo que reúnem táxons cujas histórias evolutivas tendem a ser compartilhadas (Carvalho 2011). Seu elevado índice de espécies endêmicas tem permitido o reconhecimento de várias áreas de endemismo dentro da Mata Atlântica (Sigrist & Carvalho 2008, DaSilva & Pinto-da-Rocha 2011).

Mesmo trabalhando em uma escala neotropical ou sul-americana, diferentes autores distinguem padrões característicos de distribuição das espécies na região leste do Brasil (Müller 1973, Brown 1975, Jackson 1978, Kinzey 1982, Cracraft 1985, Amorim & Pires 1996, Morrone 2006). Em conjunto, esses estudos reconhecem dentro das fronteiras da Mata Atlântica cerca de cinco regiões que concentram táxons endêmicos e que, embora não mantenham limites coincidentes entre os diferentes estudos, em linhas gerais, estariam localizadas ao norte do rio São Francisco, na Bahia, ao longo de toda Serra do Mar, nas florestas semidecíduas interioranas e na floresta ombrófila mista (DaSilva & Pinto-da-Rocha 2011).

Analisando diferentes grupos, estudos focados na Mata Atlântica não apenas corroboram os resultados encontrados em escalas mais amplas, mas também demonstram a existência de outras áreas com concentração de espécies endêmicas. Costa *et al.* (2000) identificam três áreas de endemismo a partir da distribuição de mamíferos, enquanto DaSilva & Pinto-da-Rocha (2011) identificam 12 áreas baseando-se em opiliões.

No tocante às aves, destacam-se os trabalhos de Cracraft (1985) e Silva *et al.* (2004). Trabalhando em uma escala que inclui a América do Sul como um todo, o primeiro autor reconhece duas áreas de endemismo na Mata Atlântica (“Serra do Mar” e “Paraná”), embora reconheça que uma análise mais detalhada dessas áreas provavelmente resultaria em subdivisões. Por sua vez, Silva *et al.* (2004), através da análise da distribuição de Passeriformes da Mata Atlântica, identificam quatro áreas de endemismo: “Pernambuco”,

“Central Bahia”, “Coastal Bahia” e “Serra do Mar”. Críticas a essa última análise chamam a atenção para a necessidade de estudos mais aprofundados e abrangentes envolvendo áreas de endemismos de aves na Mata Atlântica (Straube & DiGiácomo 2007)

Ainda dentro de um contexto biogeográfico, é preciso mencionar os trabalhos de Vasconcelos (2008) e Vasconcelo & Rodrigues (2010), ambos abordando aspectos biogeográficos da avifauna dos campos de altitude e campos rupestres, com destaque para proposição da existência de duas áreas de endemismo na região da Serra do Espinhaço (Vasconcelos 2008). Silva (1996) e Straube & DiGiácomo (2007), embora não focados exclusivamente na Mata Atlântica, apresentam também uma série de informações que auxiliam na compreensão da história e relações biogeográficas da Mata Atlântica com seus domínios adjacentes.

Concluindo, embora esteja apenas começando a ser estudada e compreendida, os trabalhos disponíveis analisados em conjunto, apontam que a história evolutiva e biogeográfica da biota da Mata Atlântica é altamente complexa (Dantas *et al.* 2011). É importante ressaltar que as teorias discutidas acima não são excludentes e, de fato, talvez apenas um conjunto de eventos e processos atuando em sinergia consiga explicar o fato da Mata Atlântica abrigar entre 1 e 8% da diversidade biológica de todo o planeta (Silva *et al.* 2012).

1.2.4. Conservação

As aves correspondem ao grupo zoológico que concentra o maior número de espécies ameaçadas no Brasil (Silveira & Straube 2008). Portanto, não é por acaso que elas ilustram com maestria a situação conservacionista desesperadora da biodiversidade da Mata Atlântica. Dos 160 táxons classificados como ameaçados em âmbito nacional 98 ocorrem principalmente na Mata Atlântica (Silveira & Straube 2008). Se consideradas em conjunto, as listas brasileira e global somam 193 aves ameaçadas e dessas pelo menos 112 ocorrem na Mata Atlântica, das quais 64,3% são endêmicas desse domínio. Considerando-se apenas as

aves ameaçadas e endêmicas do Brasil, 75,6% correspondem a táxons da Mata Atlântica (Marini & Garcia 2005).

Também na Argentina e no Paraguai a situação da avifauna associada à Mata Atlântica é bastante delicada. De acordo com Giraudo & Povedano (2004), 66% das aves ameaçadas argentinas ocorrem na “Selva Atlantica Interior”. No Paraguai, das 80 espécies de aves endêmicas da Mata Atlântica com ocorrência no país, aproximadamente duas dezenas são consideradas ameaçadas ou quase ameaçadas internacionalmente e pelo menos outras cinco que embora não sejam endêmicas do domínio no Paraguai estão restritas ao mesmo, também encontra-se em situação conservacionista delicada (Fragano & Clay 2005). Ainda de acordo com esses autores, das 86 espécies de aves consideradas nacionalmente ameaçadas de extinção no Paraguai, 30 estão relacionadas à Mata Atlântica.

De acordo com Olmos (2005), embora algumas espécies ameaçadas brasileiras tenham distribuição ampla pela Mata Atlântica, regiões específica dentro do domínio concentram aves em situação conservacionista preocupante. Nesse cenário, se destacam a Mata Atlântica nordestina ao norte do rio São Francisco, com 35 táxons ameaçados, e a região que se estende do norte da Bahia ao norte do Rio de Janeiro, com 20. Marini & Garcia (2005) apontam para um padrão similar em sua análise, embora se baseiem no conceito de “*Endemic Bird Areas*” (Stattersfield *et al.* 1998) e considerem as lista nacional e global em conjunto. De acordo com esses autores, as “Baixadas do Sudeste” e o “Nordeste” se sobressaem, com 52 e 51 aves ameaçadas, respectivamente, seguidas pelas “Montanhas do Sudeste” e “Planaltos do Sul”, com 29 e 11 (Marini & Garcia 2005).

Diversas iniciativas conservacionistas tem sido propostas e executadas, principalmente por instituições acadêmicas e organizações não-governamentais, com o objetivo de combater a crise da biodiversidade da Mata Atlântica. Entre essas, podem ser destacados esforços para se apontar áreas e ações prioritárias para conservação das aves e projetos específicos que incluem desde o monitoramento de populações *in situ* a programas de reintrodução (Bencke *et al.* 2006).

No tocante a exercícios de priorização, destaca-se a análise apresentada por MMA (2000) que indica 187 áreas como prioritárias para conservação das aves da Mata Atlântica, dentre as quais 42 seriam de extrema importância biológica. Por sua vez, Bencke *et al.* (2006) apontam a existência de 163 “áreas importantes para conservação das aves” (IBAs) dentro dos estados brasileiros do domínio da Mata Atlântica e destacam os estados da Bahia e Minas Gerais como os maiores detentores de IBAs, com 33 e 25, respectivamente. Na Argentina, os remanescentes de Mata Atlântica reúnem outras 25 IBAs. Por conta disso, a província de Misiones se destaca entre aquelas com o maior número de áreas importantes para conservação de aves naquele país (Di Giacomo *et al.* 2007)

Entre as iniciativas focadas em espécies, podem ser destacados os esforços de conservação para proteger espécies como tiriba-de-peito-cinza (*Pyrrhura griseipectus*), o papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*), o soldadinho-do-araripe (*Antilophia bokermanni*), o bicudinho-do-brejo (*Formicivora acutirostris*), o mutum-do-sudeste (*Crax blumembachi*) e o mutum-do-nordeste (*Pauxi mitu*). Mais recentemente, a série de “planos de ação” que vem sendo produzidos por órgãos governamentais com o apoio da comunidade científica tem norteado ações visando a conservação dessas e de outras espécies ameaçadas. Embora muitas aves em situação conservacionista delicada ainda careçam de planos de ação, essa situação está ao poucos sendo revertida, uma vez que se encontra em andamento a avaliação do status de conservação de todas as aves brasileiras.

Apesar dos progressos descritos acima e do estabelecimento recente de áreas protegidas com o objetivo principal de resguardar a sobrevivência de populações de aves ameaçadas, como o Parque Nacional de Boa Nova, as instituições governamentais tem falhado em proteger efetivamente a maior parte das áreas indicadas como prioritárias (Olmos 2005, MMA 2000). Além disso, a atual revolução taxonômica promovida pela integração de estudos moleculares a métodos mais tradicionais, como análises de morfologia e vocalização, chama a atenção para outro sério problema conservacionista. Por serem tradicionalmente considerados como subespécies associadas a espécies ainda comuns em outros ecossistemas, principalmente na Amazônia, muitos táxons que representam unidades evolutivas

independentes e que se encontram com populações muito reduzidas na Mata Atlântica não recebem atenção conservacionista (Silveira & Olmos 2007, Silveira & Straube 2008).

Finalmente, cabe mencionar que alguns trabalhos chamam atenção para o fato que, apesar de estar reduzida a 8,5% de sua cobertura original e abrigar muitas espécies ameaçadas, um número relativamente baixo de espécies de aves esteja extinto na Mata Atlântica (Brooks & Balmford 1996, *Brooks et al.* 1999, Pimm 2000). De acordo com Brooks *et al.* (1999) esse descompasso entre um estado crítico de degradação e a extinção de relativamente poucas espécies é resultado de um efeito retardado que resulta em um intervalo entre a perda de habitat e extinção. Dessa forma, embora seja esperado que muitas espécies ameaçadas sucumbam em um futuro próximo, parece haver uma janela de tempo que ainda permite a execução de ações a fim de impedir a extinções.

2. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Independente da fonte considerada, as aves são apontadas como o grupo de vertebrados com a maior riqueza geral, espécies endêmicas e espécies ameaçadas da Mata Atlântica. Por se localizar principalmente próxima a costa, a Mata Atlântica foi a primeira porção do território brasileiro explorada cientificamente. O acúmulo de informações geradas pontualmente ainda nos primeiros séculos após a invasão do Brasil pelos europeus e de forma mais sistemática por diversas expedições naturalísticas realizadas ainda no século XIX resultou em um conhecimento prematuro sobre a avifauna da Mata Atlântica quando comparado ao de outras paisagens naturais brasileiras (Sick 1997, Pacheco 2004). Grande parte deste conhecimento, no entanto, encontra-se disperso aguardando uma análise crítica integrada e divulgação apropriada, conforme bem explicitado por Pacheco & Bauer (2000). De acordo com esses autores “A ausência de uma compilação minuciosa destas iniciativas ornitológicas, históricas e recentes, compromete a avaliação geral e setorial do estado do conhecimento qualitativo da avifauna geral da Mata Atlântica”.

Dessa forma, apesar da Mata Atlântica ser considerada o domínio natural brasileiro cuja avifauna foi mais intensamente estudada, o conhecimento gerado encontra-se segmentado e altamente disperso, o que acaba por torná-lo sub-utilizável. Embora existam na literatura valores de riqueza de espécies de aves da Mata Atlântica e mesmo listas das espécies do domínio, há uma grande discrepância entre os resultados apresentados e uma falta de métodos explícitos detalhados nessas obras compilatórias. Essa situação, somada ao grande crescimento do conhecimento ornitológico no Brasil na última década, demonstra a necessidade de uma iniciativa que busque reunir e analisar de forma integrada e atual, sob uma ótica compilatória crítica, as informações ornitológicas sobre a Mata Atlântica espalhadas em uma miríade de trabalhos bibliográficos e espécimes museológicos.

Tal iniciativa permitiria a apreciação geral do conhecimento histórico acumulado e a tomada de um panorama atual de aspectos biogeográficos, ecológicos e conservacionistas da avifauna da Mata Atlântica, servindo de base para estudos e análises futuras com diversos objetivos. Além disso, poderia servir como uma fonte acessível de informação para órgãos

ambientais reguladores e tomadores de decisão, contribuindo efetivamente para conservação da biodiversidade de um dos ecossistemas mais ameaçados do planeta.

Dentro desse contexto os objetivos do presente trabalho foram:

- Definir a riqueza e composição de espécies e subespécies da avifauna da Mata Atlântica
- Definir os gêneros, espécies e subespécies de aves endêmicas da Mata Atlântica
- Reunir informações sobre status de ocorrência, distribuição geográfica, e habitats da avifauna da Mata Atlântica
- Compilar um panorama atualizado sobre a conservação da avifauna da Mata Atlântica

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Definição de Mata Atlântica adotada

Embora arbitrariamente definidas, as fronteiras rígidas de unidades políticas, como um estado ou país, ou mesmo de regiões geográficas bem delimitadas, como uma bacia hidrográfica, tornam em tarefa relativamente simples, apesar de bastante trabalhosa, a compilação da avifauna ocorrente nessas áreas (Pacheco 2004). Por outro lado, determinar as aves associadas a uma unidade natural complexa, como um ecossistema ou domínio biogeográfico, vai um pouco além, sendo dependente de um entendimento mais aprofundado sobre a ecologia e biogeografia das espécies e ecossistemas (Lopes 2008). Não podendo, assim, se limitar a simples compilação de pontos de ocorrência, caso contrário, corre-se um grande risco de gerar resultados que representem as espécies ocorrentes em um polígono e não associadas a uma região natural.

Dentro desse contexto, embora os limites estabelecidos pelo mapa de aplicação da Lei da Mata Atlântica (IBGE 2008) tenham sido considerados como referência geral para o presente estudo, as análises para determinação da riqueza, composição de espécies e de endemismos basearam-se em versões restritas e expandidas desse mapa, conforme explicado abaixo em maiores detalhes. Essa abordagem foi motivada por um entendimento da Mata Atlântica como uma unidade natural, visão esta suportada por diferentes estudos (veja capítulo introdutório para uma discussão mais detalhada sobre o assunto). Ainda assim, e sem prejuízo dessa compreensão, admite-se que ela pode ser interpretada ainda como um mosaico complexo de biomas com fronteiras ecológicas, diferentes daquelas de unidades políticas, não claramente delimitadas, especialmente em áreas de transição com outros domínios naturais (Silva 1996, Lopes 2008).

3.2 Compilação da riqueza e composição de espécies

A metodologia adotada para compilação da avifauna da Mata Atlântica foi fundamentada em uma sequência de etapas que teve como escopo reunir o conhecimento disponível na literatura e atualizar, complementar e refinar criteriosamente esse conhecimento

a partir da análise crítica da distribuição e ecologia de suas espécies. Os principais esforços compilatórios já existentes sobre a avifauna da Mata Atlântica (Parker *et al.* 1996, Pacheco & Bauer 2000) foram considerados como ponto de partida para a realização dessa tarefa. Essas iniciativas pretéritas foram reunidas dando origem a uma primeira pré-lista (pré-lista 1), composta por todas as espécies explicitamente consideradas na literatura como pertencentes a Mata Atlântica. Cabe ressaltar que algumas referências (*e.g.* Goerck 1997, Tabarelli *et al.* 2003, Mittermier *et al.* 2005), embora apresentem valores de riqueza de espécies de aves para a Mata Atlântica, não são acompanhados de nenhuma lista que corrobore tais cifras. Por outro lado, outros estudos, como Willis (1992), apesar de apresentarem uma relação de espécies para uma área supostamente atribuível a Mata Atlântica, não explicita se, de fato, tinham como objetivo analisar sua avifauna como um todo. Os trabalhos representativos de uma dessas duas situações foram desconsiderados como fonte de informação secundárias para produção dessa compilação inicial.

Posteriormente, com o objetivo de identificar eventuais omissões dos trabalhos anteriores e incorporar atualizações resultantes de novos arranjos taxonômicos e descrições de novas espécies, todos os táxons presentes na Lista das Aves do Brasil (CBRO 2011), Argentina (Narosky 2010) e Paraguai (Hayes 1995), excluídos aqueles já citados por Parker *et al.* (1996) e Pacheco & Bauer (1999), tiveram sua distribuição geográfica criticamente analisada e aqueles que atingiam os limites da Mata Atlântica propostos por IBGE (2008) foram reunidos em uma pré-lista 2. Esse segundo esforço compilatório foi amparado por informações oriundas de seis fontes principais: a) extensa revisão da literatura, principalmente de obras gerais, incluindo Cory & Hellmayr (1924-1927), Hellmayr (1934-1938) Hellmayr & Conover (1942-1949), Pinto (1938, 1944, 1964, 1978), Belton (1994), Hayes (1995), Rosário (1996), Sick (1997), Oniki & Willis (2002), del Hoyo *et al.* (1992-2013), Olmos (2009), Simon (2009), Bencke *et al.* (2010), Narosky (2010) e Scherer-Neto *et al.* (2011); (b) consulta a espécimes da coleção ornitológica do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo; c) revisão crítica de mapas de distribuição e bancos de dados sobre aves disponíveis nos seguintes sites: WikiAves (wikiaves.com.br), xeno-canto ([xeno-](http://xeno-canto.org)

canto.org), Neotropical Birds Online (neotropical.birds.cornell.edu), BirdLife International (birdlife.org/datazone) e NatureServe (naturereserve.org/infonatura) e d) dados primários colhidos pelo autor durante mais de quinze anos de atividade ornitológica na Mata Atlântica, ao longo dos quais visitou localidades representativas de todas as formações que compõem o domínio em quase todos os estados brasileiros atingidos pelo mesmo, com exceção do Sergipe e Mato Grosso do Sul.

A junção das listagens de espécies fornecidas por autores anteriores (pré-lista 1) com as adições e atualizações efetuadas a partir da análise caso a caso das espécies presentes nas listas nacionais brasileira, argentina e paraguaia (pré-lista 2) deu origem a uma lista geral reunindo todas as espécies, independente de qualquer associação ecológica ou biogeográfica clara com a Mata Atlântica, com registros disponíveis dentro dos limites do domínio conforme delimitados por IBGE (2008). A partir de então, cada espécie presente nessa lista geral foi individualmente analisada através de critérios relacionados com sua distribuição e ecologia com o intuito de identificar quais delas possuem ocorrência regular (permanente ou sazonal) na Mata Atlântica e/ou possuem estreita relação ecológica e biogeográfica com seus ecossistemas formadores, podendo assim ser efetivamente consideradas como representantes sua avifauna.

Para auxiliar nessa tarefa uma faixa marginal interna com 50 km de largura foi traçada acompanhando as fronteiras da Mata Atlântica com domínios naturais terrestres adjacentes (Caatinga, Cerrado, Pantanal, Chaco e Pampa) (Figura 3). Essa faixa marginal foi então considerada como uma área de transição entre a Mata Atlântica e formações vizinhas predominantemente mais abertas. Dessa forma, espécies amplamente distribuídas por seus domínios vizinhos, mas com registros na Mata Atlântica concentrados dentro dessa faixa interna de 50 km, foram consideradas como sendo de distribuição marginal e com presença na Mata Atlântica interpretada como um artefato da existência de áreas de transição com outros ecossistemas. Por outro lado, no geral, espécies ocorrentes dentro de sua área núcleo, ou seja, além da faixa interna, foram consideradas como associadas ao domínio.

Figura 3. Delimitação das faixas marginais interna e externa utilizadas como referencial para avaliação dos padrões de ocorrência de aves na Mata Atlântica.

Embora a definição da largura de uma zona marginal de contato e da aplicação da própria faixa em si, seja até certo ponto arbitrária, a utilização dessa metodologia vem sendo justificada por autores recentes (*e.g.* Silva & Santos 2005, Lopes 2009). Metodologicamente, essa abordagem é apontada como uma forma de driblar incoerências presentes em mapas de distribuição do tipo mancha, que muitas vezes apontam a ocorrência de uma determinada espécie em áreas de ambiente não propício. Em um contexto ecológico, a faixa marginal auxilia a lidar com o fato de que a transição entre diferentes formações vegetacionais em muitos casos não é abrupta permitindo assim uma livre circulação de muitas espécies em áreas

de transição (Lopes 2009). Além disso, o estado de desmatamento generalizado tem permitido que espécies claramente associadas a domínios mais abertos invadam a Mata Atlântica (Pacheco 1993). Embora algumas dessas espécies tenham conseguido se estabelecer com sucesso nesse novo ambiente (Lopes 2008), e passado a interagir em diversos aspectos com a avifauna original da Mata Atlântica, justificando portanto seu tratamento como parte dessa avifauna, outras parecem não ter conseguido colonizar o domínio com sucesso e não avançaram muito além de suas fronteiras históricas.

É importante frisar, no entanto, que a utilização dessa faixa marginal serviu apenas como um referencial operacional e foi considerada juntamente com informações sobre a ecologia das espécies, incluindo principalmente ambientes preferenciais, e eventualmente sobre características da vegetação de regiões específicas. Dessa forma, mesmo com distribuição no domínio restrita a faixa marginal, algumas espécies com distribuição mais localizada e claramente associadas a ecossistemas relacionados à Mata Atlântica foram consideradas como parte de sua avifauna. A situação diferenciada dessas espécies foi explicitada caso a caso na “Lista comentada das Aves da Mata Atlântica” no volume II dessa dissertação.

Além da utilização da faixa marginal, foram adotados critérios adicionais buscando evitar a inclusão de espécies sem vínculo ecológico ou biogeográfico explícito com a Mata Atlântica. Assim, embora aceitos como pertencentes ao domínio pelo mapa do IBGE (2008), enclaves de Cerrado, Caatinga, Campos Sulinos e áreas identificadas no mapa como sendo de transição entre a Mata Atlântica/Cerrado e Mata Atlântica/Caatinga e Mata Atlântica / Campos Sulinos não foram considerados como áreas representativas da Mata Atlântica na presente análise (Figura 4). Dessa forma, espécies com registros restritos unicamente a esses enclaves, mesmo dentro da área núcleo da Mata Atlântica, foram desconsideradas na presente compilação. Cabe ressaltar aqui a situação diferenciada dos Campos de Altitude e Campos Rupestres (denominadas áreas de refúgio) e também das Restingas. Esses ecossistemas, embora tenham uma paisagem predominantemente aberta, possuem uma história

biogeográfica relacionada com a Mata Atlântica em maior ou menor grau e, portanto, foram acatados no presente estudo como parte do domínio.

Figura 4. Localização das áreas de enclaves de Cerrado, Caatinga, Campos Sulinos e áreas de transição entre a Mata Atlântica e esses ecossistemas.

No tocante a interface com os ecossistemas marinhos, foram consideradas como aves da Mata Atlântica apenas espécies com ocorrência regular em ambientes costeiros terrestres (praias, manguezais, banco de sedimentos, etc.) e/ou que se reproduzem em ilhas costeiras (localizadas sobre a plataforma continental). Espécies oceânicas cuja a ocorrência no litoral está associada predominantemente a indivíduos arribados nas praias por eventos climáticos e/ou impactos antrópicos, como derramamento de óleo, não foram consideradas, por

possuírem relações ecológicas e vínculos biogeográficos com a Mata Atlântica, muito limitados ou inexistentes. Por outro lado, todas as espécies associadas a ambientes úmidos continentais com ocorrência regular dentro da área núcleo foram consideradas como pertencentes ao domínio. A adoção desses critério para aves aquáticas e marinhas costeiras, se justifica pelo fato que, quando inseridos dentro do domínio da Mata Atlântica os habitats que essas espécies ocorrem, incluindo por exemplo rios, lagoas e manguezais, estão sobre influência direta dos ecossistemas ao redor inserindo-as, assim, em uma rede de interações ecológicas com as demais espécies do domínio.

Pelas mesmas justificativas expostas para não inclusão das espécies com ocorrência marginal, exclusivamente associadas a enclaves de Cerrado e Caatinga ou aves estritamente oceânicas, também não foram considerados como integrantes da avifauna da Mata Atlântica, espécies com registros ocasionais. Foram consideradas como espécies de ocorrência ocasional aquelas cujos registros no domínio estão claramente relacionados a indivíduos vagantes desviados de sua área de distribuição e/ou rotas de deslocamento habituais. Conforme proposto por Frey (2009), a análise detalhada dos pontos de ocorrência da espécie dentro do domínio e de sua distribuição geral foram utilizadas para diferenciar entre as espécies com registros escassos para a Mata Atlântica, aquelas verdadeiramente ocasionais daquelas representativas de situações de pseudo-vagância, onde registros fora da área típica de distribuição da espécie estão relacionados com áreas de ocorrência e/ou rotas migratórias previamente desconhecidas ou recém estabelecidas (Gilroy & Lees 2003, Dias *et al.* 2010).

3.3 Compilação das espécies endêmicas

Em uma análise preliminar, foram consideradas endêmicas todas as espécies com distribuição geográfica restrita aos limites da Mata Atlântica conforme estabelecidos por IBGE (2008). Posteriormente, de maneira análoga a utilização de uma faixa marginal interna para auxiliar na análise da distribuição geográfica das espécies em área de transição, também foram consideradas endêmicas, espécie com ocorrência predominante na Mata Atlântica, mas registros fora dos limites do domínio propostos por IBGE (2008), desde que não ultrapassem

uma faixa externa com largura de 50 km (Figura 3).

Algumas espécies apresentaram a maior parte da sua distribuição geográfica concentrada dentro da faixa de 100 km compreendida pela soma das faixas marginais interna e externa, nesses casos, assim como adotado para a compilação da lista geral de espécies, foram analisadas em detalhes informações sobre a ecologia da espécie, incluindo principalmente ambientes preferenciais, e sobre características da vegetação de regiões específicas. Caso a espécie tenha sido considerada associada exclusivamente a ecossistemas contidos dentro da definição de Mata Atlântica aqui adotada ela também foi considerada endêmica do domínio. A situação diferenciada dessas espécies foi explicitada caso a caso na “Lista comentada das aves da Mata Atlântica” no volume II dessa dissertação.

Algumas espécies florestais com história biogeográfica aparentemente estreitamente relacionada com a Mata Atlântica apresentaram registros de ocorrência fora do domínio até algumas centenas de quilômetros após a faixa marginal externa. Ainda que autores anteriores tenham considerados muitas dessas espécies endêmicas do domínio a categorização desses táxons como endêmicos da Mata Atlântica não pôde ser sustentada. Ciente de que em alguns casos essa situação possa ser resultado de uma compreensão atual incompleta sobre os limites naturais do domínio e buscando destacar a existência desses elementos relictuais aparentemente associados a Mata Atlântica em domínios naturais adjacentes, espécies nessa situação foram classificadas como “quase endêmicas”, termo que tem sido utilizado por diferentes autores para se referir a táxons em situação parecida em outros contextos (Pacheco 2004, Straube & Giacomini 2007, Bencke 2006).

3.4 Compilação da riqueza, composição e endemismos de subespécies

Todas as espécies aceitas como integrante da avifauna da Mata Atlântica após as etapas descritas acima tiveram sua situação taxonômica analisada com o objetivo de identificar quais delas correspondiam a espécies politípicas e, nesse caso, determinar por qual, ou quais, subespécies elas estão representadas no domínio. Para tal, foi procedida uma extensa revisão da literatura, que, embora tenha tido como base o tratamento adotado por Del

Hoyo *et al.* (1992-2013), foi complementada pela consulta a Cory & Hellmayr (1924-1927), Hellmayr (1934-1938) Hellmayr & Conover (1942-1949), Pinto (1938, 1944, 1964, 1978), Zimmer (1931 – 1955) e Cuello (2003), bem como aos espécimes depositados na coleção ornitológica do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

Posteriormente, empregando-se os mesmo métodos e critérios descritos anteriormente (itens 3.2 e 3.3), foram avaliadas as distribuições geográfica de todas as subespécies subordinadas as espécies consideradas como parte da avifauna da Mata Atlântica. Dessa forma, foi possível determinar aquelas ocorrentes no domínio, bem como as endêmicas. Conforme já exposto, a taxonomia das subespécies para a maior parte dos táxons segue o tratamento presente em Del Hoyo *et al.* (1992-2013). No entanto, em alguns casos optou-se por adotar arranjos alternativos, devidamente explicitados na “Lista comentada das aves da Mata Atlântica” no volume II dessa dissertação, baseando-se em fontes complementares de informação.

3.5 Produção da “Lista comentada das aves da Mata Atlântica”

Com o objetivo de subsidiar a aplicação dos métodos descritos acima e fornecer subsídios para análises e discussões gerais sobre a avifauna do domínio, também é apresentada como resultado uma “Lista comentada das Aves da Mata Atlântica”. Dessa forma, foram reunidas em descrições individuais informações sobre tópicos relacionados a taxonomia, biogeografia, distribuição, ecologia e conservação das espécies. Essas descrições foram produzidas paralelamente às análises que deram origem à lista de espécies e endemismos e incorporam principalmente informações compiladas a partir das mesmas fontes descritas no item 2.2. Eventuais particularidades e informações adicionais sobre metodologia e critérios adotados são descritos nos tópicos específicos apresentados abaixo.

- **Nomes:** A sequência sistemática, taxonomia ao nível de espécie, nome vernacular em português e em inglês seguem CBRO (no prelo).

- **Fonte:** Para espécies previamente consideradas como integrantes da avifauna da Mata Atlântica por Parker *et al.* (1996) e/ou Pacheco & Bauer (2000) indica-se quais dessas fontes base consideram cada espécie. Caso tenham ocorrido alterações taxonômicas após esses trabalhos, que tiveram como implicações apenas mudanças nomenclaturais de populações aparentemente previamente reconhecidas por esse autores anteriores, as fontes são apresentadas acompanhadas de asterico (ex. Pacheco & Bauer 2000*). Para espécies não consideradas nas obras de Parker *et al.* (1996) e Pacheco & Bauer (2000) é fornecida fonte abonadora que suporte sua ocorrência da Mata Atlântica.
- **Status de ocorrência:** São apresentadas informações sobre o status de ocorrência de cada espécie na Mata Atlântica. A avaliação do status de ocorrência das espécies foi baseada em ampla revisão da literatura, com destaque para Del Hoyo *et al.* (1992-2013), Sick (1997) e Belton (1994). No entanto, tendo em vista a grande escassez de informações sobre padrões de sazonalidade das aves da Mata Atlântica em geral, as informações foram complementadas através da análise crítica de espécimes da coleção de aves do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, de registros disponíveis no site WikiAves, da experiência de campo do autor e consulta a pesquisadores colaboradores. Assim, a cada espécie foi atribuída uma das categorias abaixo levando-se em conta seus padrões de ocorrência e sazonalidade em toda a Mata Atlântica.
 - *Residente* – espécie com ocorrência regular, populações reprodutivas na Mata Atlântica e que não realiza movimento migratório de médio ou longa distância;
 - *Migrante reprodutivo* – espécie com ocorrência regular, populações reprodutivas na Mata Atlântica e que após o período reprodutivo realiza movimentos migratórios para regiões fora do domínio.

- *Migrante não reprodutivo* – espécie com ocorrência regular, sem populações reprodutivas na Mata Atlântica e que encontra-se presente no domínio sazonalmente fora do seu período reprodutivo.
 - *Migrante interno / migrante parcial* - espécie com ocorrência regular, populações reprodutivas na Mata Atlântica e que realiza movimentos migratório de média ou longa distância dentro do próprio domínio, sendo, dessa forma, residente em algumas áreas e visitante em outras. Não foram considerados nessa categoria migrantes altitudinais.
 - *Introduzida* – espécies introduzidas pelo homem na Mata Atlântica com populações bem estabelecidas.
- **Taxonomia:** veja item 3.4.
 - **Distribuição e biogeografia:** São indicados os táxons endêmicos da Mata Atlântica, conforme metodologia explicada nos itens 3.3 e 3.4. Também é apresentado para todas as espécies e subespécies do domínio um resumo sobre a distribuição global e na Mata Atlântica, além de eventuais comentários sobre biogeografia. Quando as fontes não são mencionadas nominalmente ao longo do texto, as informações bases para a produção dos resumos de distribuição foram retiradas das fontes apresentada no item 3.2 e de espécimes ornitológicos depositados nas coleções do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.
 - **Habitat:** São apresentados os principais habitats de ocorrência de cada espécie na Mata Atlântica e eventualmente indicadas informações adicionais sobre a ecologia de algumas delas, incluindo, por exemplo, faixa altitudinal de ocorrência e tolerância a ambientes alterados. As informações que subsidiaram essa classificação foram baseadas em consulta a referências bibliográficas chaves, como Sick (1997), Ridgely & Tudor (1989, 1994) e del Hoyo *et al.* (1992-2013) e complementadas em larga escala por observações realizadas em campo pelo autor.

- **Conservação:** São apresentadas categorias de ameaça de táxons constantes nas listas nacionais de espécies ameaçadas do Brasil (Machado *et al.* 2008), Argentina (López-Lanus 2008), Paraguai (SEAM 2011) e mundial de espécies ameaçadas (IUCN 2012). Além disso, oportunamente são feitos comentários relacionados a táxons específicos levando em conta seu status de conservação na Mata Atlântica e chamando a atenção para espécies com registros recentes escassos e/ou que sofreram perda de habitat expressivo estando potencialmente ameaçadas no domínio e não constantes nas lista brasileira e/ou internacional. Para esse exercício, foi utilizado como referencial a metodologia recomendada por IUCN (2012) e Gardenfors *et al.* (2001). Optou-se por desconsiderar as listas de ameaçadas da Argentina e Paraguai como referência para determinação de espécies potencialmente ameaçadas pelo fato da área de Mata Atlântica desses países ser relativamente pequena e representar o limite sul de distribuição de muitas espécies do domínio, fatos que somados fazem com que muitas delas apresentem raridade natural nessas áreas (IUCN 2012).

4. RESULTADOS

4.1 Riqueza de espécies e subespécies

A compilação das espécies listadas por autores anteriores como pertencentes a avifauna da Mata Atlântica (pré-lista 1) somada a adições resultantes da análise complementar (pré-lista 2) permitiu a identificação de 1092 espécies com registro dentro da área do domínio conforme delimitado por IBGE (2008). Esse total inicial, após as análises buscando levantar a situação de cada uma dessas espécies na Mata Atlântica, foi reduzido para 891 espécies consideradas como apresentando ocorrência regular (permanente ou sazonal) dentro da sua área núcleo e/ou com estreita relação biogeográfica com seus ecossistemas formadores, sendo, portanto, aceitas como parte da avifauna do domínio (Apêndice 1). As 201 espécies restantes foram consideradas como sendo de ocorrência marginal, espécies oceânicas, ou com registros ocasionais, geralmente associados a indivíduos vagantes, possuindo pouca ou nenhuma afinidade biogeográfica com a Mata Atlântica (Apêndice 2).

Das 891 espécies aqui admitidas como associadas à Mata Atlântica, 198 e 33, estão, respectivamente, ausentes das listas de Parker *et al.* (1996) e de Pacheco & Bauer (2000) (Apêndice 3). Dentre essas espécies inéditas, 31 referem-se a novos arranjos taxonômicos ou novas espécies descritas após Parker *et al.* (1996) e 22 após Pacheco & Bauer (2000). Outras 169 espécies não consideradas por Parker *et al.* 1996 e 11 ausentes da lista de Pacheco & Bauer (2000) tem sua aceitação na presente lista relacionado a um aumento do conhecimento sobre a distribuição geográfica das espécies, a diferenças no conceito de Mata Atlântica adotado ou a uma aparente omissão sem explicação.

Por outro lado, 25 espécies consideradas por Parker *et al.* (1996) e 163 por Pacheco & Bauer (2000) não foram aceitas como parte da avifauna da Mata Atlântica no presente trabalho (Apêndice 2). Dessas, 20 presentes em Parker *et al.* (1996) e 130 em Pacheco & Bauer (2000) foram aqui consideradas como tendo distribuição marginal, associadas a enclaves ou ao ambiente marinho oceânico. Outras três e 29, respectivamente, presentes em

Parker *et al.* (1996) e em Pacheco & Bauer (2000), são tratadas no presente estudo como vagantes na Mata Atlântica.

O levantamento taxonômico revelou que das 891 espécies admitidas como integrantes da avifauna da Mata Atlântica, 464 são espécies politípicas e no total reúnem cerca de 2350 subespécies. Dessas, 608 foram consideradas como estando associadas a avifauna da Mata Atlântica e, quando somadas às espécies monotípicas, atingem 1035 táxons (Apêndice 4). Uma análise da representatividade das subespécies politípicas demonstra que uma única espécie está representada na Mata Atlântica por cinco subespécies, 14 por três, 109 por duas e 339 por apenas um táxon.

4.2. Composição

Os resultados demonstram que a avifauna Mata Atlântica está dividida em 26 ordens. A ordem Passeriformes concentra a maior riqueza de espécies, 476 no total, das quais 298 representam a subordem Tyranni e 178 a subordem Passeri. Entre os não passeriformes, as cinco ordens com maior representatividade de espécies foram: Apodiformes, Charadriiformes, Accipitriformes, Piciformes e Psittaciformes (Figura 5). As espécies da Mata Atlântica estão agrupadas em 80 famílias. Tyrannidae, Thamnophilidae, Thraupidae, Furnariidae, Trochilidae, Accipitridae, Emberizidae, Rhynchocyclidae, Psittacidae e Picidae são as dez com maior representatividade e juntas reúnem 48% do total de espécies do domínio (Figura 6).

Figura 5. Riqueza de espécies nas 25 ordens mais representativas de aves na Mata Atlântica, excluída a ordem Passeriforme.

Figura 6. Famílias de aves na Mata Atlântica com riqueza superior ou igual a cinco espécies.

Quanto ao status de ocorrência 688 espécies são residentes, 17 são migrantes reprodutivos, 51 são migrantes não reprodutivos, 132 são migrantes internos ou migrantes parciais e três espécies são introduzidas (Apêndice 1, Figura 7).

Figura 7. Representatividade de espécies nas diferentes categorias referentes ao seu status de ocorrência na Mata Atlântica. R – residente, MI / MP – migrante interno ou migrante parcial, MNR - migrante não reprodutivo, I – introduzida.

A classificação por habitats revelou que 510 espécies ocorrem preferencialmente em áreas florestadas (incluindo suas bordas), 21 estão associadas predominantemente a ambientes abertos naturais (incluindo áreas de restinga, campos de altitude, campos rupestres), 179 podem ocorrer tanto em áreas abertas naturais quanto em áreas antropizadas, 114 habitam áreas úmidas, 46 ocorrem principalmente em ambiente com influência marinha e 21 espécies são consideradas generalistas (Apêndice 1, Figura 8).

Figura 8. Representatividade de espécies por habitat de ocorrência preferencial na Mata Atlântica. AA – ambientes abertos antrópicos, AN – ambientes abertos naturais, F – florestas, G – espécies generalista, M – ambientes marinhos costeiros, U – ambientes úmidos.

4.3. Endemismos

Duzentas e treze espécies são aqui consideradas endêmicas da Mata Atlântica, e entre elas podem ser reconhecidos 27 gêneros também endêmicos. Outras 17 espécies e três gêneros foram considerados quase endêmicos (Apêndice 5). No tocante as subespécies, 162 são endêmicas e onze são quase endêmicas. Somando-se as subespécies endêmicas com as espécies monotípicas endêmicas é possível afirmar que ocorrem na Mata Atlântica 351 táxons endêmicos (Apêndice 4).

Os presentes resultados comparados com aqueles apresentados pelos principais autores que compilaram as espécies endêmicas da Mata Atlântica, demonstram que 42 espécies estão ausentes das listas de endemismos apresentadas por Parker *et al.* (1996) e 48 da de Pacheco & Bauer (2000). Por outro lado, 28 e 13 espécies apontadas, respectivamente, por esses autores como endêmicas não foram consideradas como tal no presente estudo, embora possa ser observado que a maior parte delas integram a categoria de quase endêmicas.

4.4 Conservação

No total, 233 espécies da Mata Atlântica estão listadas em alguma categoria de ameaça nas listas mundial e/ou nacionais de espécies ameaçadas, não considerando espécies quase ameaçadas. Dessas, 129 são consideradas ameaçadas em âmbito mundial, 98 estão presentes na lista brasileira de espécies ameaçadas, 98 na lista argentina e 92 na paraguaia. Se analisadas somente as espécies consideradas endêmicas e quase endêmicas, 147 dessas estão presentes em alguma categoria de ameaça nessas listas. Além disso, 59 espécies ausentes na lista internacional e na lista brasileira de espécies ameaçadas foram identificadas como potencialmente ameaçadas pelo presente estudo (Apêndice 6).

5. DISCUSSÃO

A composição e riqueza de espécies da avifauna da Mata Atlântica levantada pelo presente estudo difere sensivelmente daquela apresentada em trabalhos anteriores que investigaram o assunto (Parker *et al.* 1996, Pacheco & Bauer 2000). Embora esperada, essa diferença de resultados corrobora que, de fato, havia necessidade de uma revisão atualizada do conhecimento disponível sobre as aves desse domínio e pode ser atribuída não somente ao fato do presente estudo ter se apoiado em um conjunto mais completo de informações, mas também por ter adotado critérios e metodologia diferentes das compilações pretéritas.

Apesar disso, embora o número inferior de espécies levantado por Parker *et al.* (1996), quando comparado aos resultados aqui apresentados, possa até certo ponto ser explicado por uma evolução do conhecimento nos últimos anos, chama a atenção o fato que muitos táxons ausentes na lista de Parker *et al.* (1996), já tinham ocorrência conhecida para a Mata Atlântica muito antes da década de 1990, e parecem simplesmente ter sido ignoradas por esses autores. Exemplos bastante ilustrativos dessa situação incluem a omissão na lista de Parker *et al.* (1996), desde espécies amplamente distribuídas pela Mata Atlântica, embora não diretamente associada a ambientes florestados, como *Amazonetta brasiliensis*, a espécies florestais emblemáticas como *Falco deirolecus*, cuja a localidade tipo esta situada no nordeste de Santa Catarina.

Por outro lado, a presença na lista de Pacheco & Bauer (2000) de um número de espécies significativamente maior ao aqui levantado é explicada por uma concepção mais ampla e “política” dos limites da Mata Atlântica utilizada por esses autores. Fato que resultou, conforme apontado pelos próprios, na inclusão, em sua lista, de espécies "privativas ou características dos biomas do Cerrado, Caatinga e Pampas". Isto posto, não por acaso, a maioria das espécies exclusivas da lista de Pacheco & Bauer (2000) é considerada no presente estudo como espécies associadas a ecossistemas terrestres adjacentes e de ocorrência apenas marginal na Mata Atlântica, associadas ao ambiente oceânico, ou ainda com ocorrência meramente ocasional. Cabe ressaltar que a exclusão no presente trabalhos de

espécies associadas ao Cerrado, Caatinga e Campos Sulinos vai de encontro ao que tem sido proposto por autores recentes quanto às afinidades biogeográficas dessas áreas (Lopes 2009, Azpíroz *et al.* 2012).

No tocante aos táxons que são aqui apresentados como associados à Mata Atlântica, mas não integram as listas de Parker *et al.* (1996) e Pacheco & Bauer (2000), cabe ressaltar que em muitos casos essas adições são resultado, não apenas de novos tratamentos taxonômicos ou descrição de novas espécies, mas podem ser atribuídas também a um entendimento aprimorado a respeito dos limites da Mata Atlântica. Dentro desse contexto, é oportuno destacar que alguns ambientes e regiões tradicionalmente considerados mais relacionados ao Cerrado ou à Caatinga tem sido associados à Mata Atlântica por autores recentes, incluindo por exemplo, os Campos Rupestres e trechos de florestas estacionais ao longo do Rio São Francisco (Oliveira-Filho *et al.* 2006, Vasconcelos 2011, Ribeiro *et al.* 2009), o que culminou na sua aceitação como parte da Mata Atlântica por IBGE (2008).

Em um contexto nacional, é possível dizer a Mata Atlântica abriga cerca de 46% das espécies de aves brasileiras. As 891 espécies apontadas como associadas à Mata Atlântica na presente lista mantêm o domínio como o segundo mais rico em espécies do país (Marini & Garcia 2005). Embora esse ranqueamento reflita proporcionalmente a diversidade biológica esperada para os domínios naturais encontrados no Brasil, comparações relacionadas com a dimensão absoluta dessas diferenças ficam prejudicadas pela ausência de compilações atualizadas e com metodologia similar a aqui empregada para a maior parte dos ecossistemas brasileiros.

No geral, listas de espécies disponíveis para os demais domínios naturais brasileiros foram produzidas considerando-se seus limites como fronteiras rígidas e sem levar em conta aspectos ecológicos e biogeográficos particulares de cada espécie. Essa abordagem causa uma inflação das compilações, resultando na inclusão de táxons sem vínculos ecológicos ou biogeográficos claros com os ecossistemas estudados. Essa situação pode ser observada, por exemplo, na lista das aves da Caatinga apresentada por Silva *et al.* (2003). Nesse trabalho, são computadas como sendo da Caatinga espécies associadas a áreas densamente florestadas

de Mata Atlântica, incluindo, por exemplo, *Pyrrhura cruentata*, *Dryophila ochropyga*, *Myrmeciza loricata*, *Procnias nudicollis*, *Phylloscartes beckeri*, entre outras.

Nesse sentido, recomenda-se a replicação dos métodos e critérios adotados no presente estudo para realização de compilações de lista de espécies dos demais domínios naturais brasileiros. Embora não esteja livre de falhas, a metodologia aqui adotada vai além de um exercício para avaliar a presença ou ausência de espécies dentro de um determinado polígono e permite uma compreensão mais profunda sobre aspectos ecológicos, biogeográficos e até mesmo conservacionistas referentes a avifauna associada a uma determinada região natural.

Os problemas que dificultam comparações com a riqueza de espécie de outros ecossistemas brasileiros se repetem ao redor do mundo. Não obstante, o presente trabalho reitera a situação da avifauna da Mata Atlântica como uma das mais ricas do planeta. Comparações com os valores fornecidos para os Hotspots mundiais de biodiversidade, conceito também atribuído à Mata Atlântica, revelam que sua avifauna é a sexta mais rica entre todos os 34 hotspots (Mittermier *et al.* 2005). Se comparada somente aos nove Hotspots do continente americano, a avifauna da Mata Atlântica atinge a terceira posição, ficando atrás apenas dos Andes Tropicais e da Mesoamérica. Em adição, se confrontada às 24 regiões “wilderness” listadas em Mittermeier *et al.* (2003) a avifauna da Mata Atlântica seria a terceira com maior número de espécies, sendo ultrapassada somente pela Amazônia e a região africana Miombo-Mopane.

É importante ressaltar que comparações entre a avifauna de domínios naturais distintos podem ocultar a real dimensão da diversidade de espécies de algumas regiões, uma vez que não leva em consideração a extensão de suas áreas. Diferentes autores tem demonstrado que o tamanho da área é um importante fator para explicar a riqueza de espécies em diferentes contextos na região Neotropical, sendo esperado que domínios naturais com grandes extensões possuam um maior número de espécies (Rahbek 1997, Kattan & Franco 2004). Dentro desse contexto, a riqueza da avifauna da Mata Atlântica é ainda mais surpreendente quando comparada às áreas citadas acima, uma vez que muitas delas possuem

áreas significativamente maiores. Podendo ser citado como exemplo, o fato que embora possua uma riqueza estimada em 1300 espécies (Mittermier *et al.* 2003), a Amazônia ocupa uma área a cinco vezes superior a da Mata Atlântica.

A compilação do número de subespécies aqui apresentada representa uma informação aparentemente inédita não apenas para a Mata Atlântica, mas também para outros domínios naturais brasileiro. Além de chamar a atenção para a existência de táxons ignorados pela literatura recente, como *Ortalis guttata remota*, o levantamento do número de subespécies da Mata Atlântica traz uma dimensão da "inflação taxonômica" no domínio (Isaac *et al.* 2004). Fica claro que um número elevado de táxons aguarda uma análise aprofundada sobre seu real status taxonômico. Embora seja presumível que muitas dessas subespécies correspondam a "lixo taxonômico", representando principalmente fenótipos extremos de variação clinal e individual (Aleixo 2007), há certamente diversos táxons possíveis de serem considerados espécies independentes (Silveira & Olmos 2007).

Resultados dessas análises taxonômicas iluminariam diversos aspectos relacionados ao nosso entendimento sobre a avifauna da Mata Atlântica, sobretudo no tocante à biogeografia e conservação, conforme exemplificado por trabalhos em diferentes regiões do mundo (Peterson & Navarro-Sigüenza 1999, Lopes 2009). Estudos recentes revelam um incremento entre 14% (Fjeldsa 2000) e 140% (Navarro-Sigüenza & Peterson 2004) em listas de espécies em diferentes contextos se consideradas espécies potenciais atualmente consideradas subespécies. Phillimore & Owens (2006) apresentam estimativas da porcentagem de subespécies válidas, demonstrando que esses valores podem variar em diferentes contextos geográficos. De acordo com esses autores, a estimativa global do número de subespécies válidas seria de 36%, e de 51% se desconsideradas da análise as regiões Neártica e Paleártica. Dentro desses cenários e levando-se em conta os valores de riqueza de subespécies da Mata Atlântica aqui apresentada, é possível estimar que a avifauna da Mata Atlântica atinja entre 943 e 964 espécies. Isso posto, fica claro que a investigação do real status taxonômico das subespécies listadas no apêndice 4, especialmente daquelas endêmicas,

representam uma das prioridades de pesquisa relacionadas a avifauna da Mata Atlântica, situação agravada pelo risco iminente de desaparecimento de muitos desses táxons.

A análise do status de ocorrência das espécies demonstra que embora a avifauna da Mata Atlântica seja composta principalmente por espécies residentes e que desenvolvem todo seu ciclo de vida dentro do domínio, cerca de 23% de suas espécies possuem populações que realizam deslocamentos sazonais de média ou longa distância. Aparentemente o presente estudo representa a primeira iniciativa a avaliar o status de ocorrência das aves da Mata Atlântica como um todo tendo como referência suas próprias fronteiras. É necessário ressaltar, no entanto, que a escassez geral de informações na literatura sobre sazonalidade das aves do domínio influenciou na categorização de muitas espécies, o que pode certamente resultará em mudanças nas categorizações de algumas espécies quando mais informações estiverem disponíveis.

Mesmo para espécies que não há dúvidas quanto a realização de migrações, suas rotas e períodos de deslocamento, e até mesmo os destinos, da maioria dessas são completamente desconhecidos, constituindo uma das prioridades de pesquisa sobre a avifauna da Mata Atlântica. Essa lacuna de conhecimento torna-se ainda mais crítica tendo em vista os impactos especialmente drásticos do atual quadro de mudanças climáticas sobre aves migratórias (Both *et al.* 2006). Ainda dentro desse contexto, deslocamentos mais regionais, como migrações altitudinais, eventualmente mencionados na literatura para muitas espécies (Sick 1997, del Hoyo *et al.* 1992-2013), também aguardam estudos mais aprofundados.

O elevado número de espécies endêmicas levantado reforça a posição da Mata Atlântica como uma região biogeograficamente muito distinta e com história evolutiva própria, conforme tem sido sistematicamente apontado por análises em diferentes contextos (Muller 1973, Cracraft 1985, Vuilleumier 1988) Comparado aos outros domínios naturais do país, a Mata Atlântica é o segundo em número de espécies de aves endêmicas (Marini & Garcia 2005) . Em um contexto mais amplo, a avifauna do domínio é a terceira em número endemismos, tanto entre os hotspots mundiais (Mittermier *et al.* 2003) quanto entre as áreas "wilderness" a terceira (Mittermier *et al.* 2005).

O elevado índice de endemismos da Mata Atlântica também pode ser percebido em outras categorias taxonômicas. A informação, até então inédita, sobre a ocorrência de 162 subespécies endêmicas do domínio reitera a conclusão inicial do parágrafo anterior e mais uma vez chama a atenção para a necessidade urgente de revisões buscando avaliar o real status taxonômico dessas formas. Também inédita é a informação de que ocorrem na Mata Atlântica 30 gêneros endêmicos ou quase endêmicos, número curiosamente superior ao total de espécies endêmicas citados para outros domínios brasileiros como o Cerrado, a Caatinga (Pacheco 2004, Lopes 2009). Muitos desses gêneros tem ocupado posições basais em análises filogenéticas recentes e representam ramos longos podendo indicar uma origem bastante antiga da avifauna do domínio (Amaral *et al.* 2009, Barker *et al.* 2012, Belmonte-Lopes *et al.* 2013).

Embora uma análise aprofundada de questões biogeográficas não tenha sido objetivo do presente estudo, durante a análise geral das informações para compilação da lista das aves da Mata Atlântica e da produção da lista comentada algumas questões vieram à tona e optou-se por discuti-las abaixo visando nortear estudos futuros.

A busca por uma definição dos limites da Mata Atlântica tem sido motivo de muita discussão na literatura desde os primórdios dos estudos fitogeográficos produzidos no Brasil (Joly 1999, Oliveira-Filho & Fontes 2000). Essas discussões tem se pautado predominantemente na análise de dados florísticos e surpreendentemente são praticamente inexistentes abordagens do assunto sobre uma ótica envolvendo outros componentes da biodiversidade. Dessa forma, ressaltamos que devido ao grande conhecimento acumulado, a avifauna da Mata Atlântica pode representar um eficiente objeto de estudo para avaliação de afinidades biogeográficas entre diferentes regiões dentro e fora do domínio, auxiliando assim profundamente em um melhor entendimento sobre os seus limites, conclusão apoiada por estudos preliminares recentes (Carvalho *et al.* 2013).

Dentro deste contexto, é especialmente informativa a situação das espécies florestais classificadas no presente estudo como quase endêmicas. A ocorrência de táxons contemplados nessa categoria em áreas atualmente consideradas fora do domínio, podem

indicar não apenas uma influência biogeográfica da Mata Atlântica nessas regiões, mas que elas possuem uma afinidade maior com esse domínio do que com ecossistemas predominantes ao redor, sendo portanto, melhor interpretadas como enclaves de Mata Atlântica. Embora sejam necessários estudos mais detalhados visando suportar conclusões mais embasadas, chama a atenção a concentração de táxons quase-endêmicos com distribuição concentrada na Mata Atlântica em algumas áreas florestadas em regiões específicas atualmente consideradas dentro do domínio dos Cerrado, como o centro-norte de Goiás e oeste de Minas Gerais, ou dos Campos Sulino, extremo nordeste do Uruguai. O mesmo raciocínio pode ser aplicado para um melhor esclarecimento sobre a real situação de áreas atualmente consideradas parte da Mata Atlântica, mas cuja as afinidades com o domínio carecem ainda de melhor explicação, sobretudo as matas estacionais ao longo do Rio São Francisco e no Piauí, e também a região do Centro Pernambuco, que tem sido apontada por estudos recentes como tendo relação mais íntima com a Amazônia que com a Mata Atlântica (Santos *et al.* 2007).

A grande concentração de táxons endêmicos e de distribuição restrita faz da Mata Atlântica uma região com grande potencial para estudos buscando identificar e analisar áreas de endemismo (Costa *et al.* 2000, Silva & Pinto-da-Rocha 2011). Apesar da existência na literatura de estudos sobre áreas de endemismo de aves na Mata Atlântica (Cracraft 1985, Silva *et al.* 2004), a informação publicada disponível pode ser considerada preliminar e o conhecimento sobre o assunto precisa ser drasticamente aprimorado. Conforme já apontado por outros autores (Vasconcelos 2008, Bencke 2010), estudos biogeográficos futuros sobre a avifauna da Mata Atlântica levarão não apenas a um refinamento dos limites e divisão das áreas de endemismo atualmente consideradas, mas também à identificação de áreas completamente novas. Essa situação fica evidente para qualquer um que se dê o trabalho de confrontar o conhecimento atual disponível sobre a distribuição das espécies endêmicas do domínio com o que é apresentado na maior parte dos mapas e fontes tidas como base para os poucos estudos biogeográficos já desenvolvidos sobre sua avifauna. É oportuno frisar também que um estudo completo das áreas de endemismo da Mata Atlântica deve ser

precedido por uma revisão taxonômica de suas subespécies endêmicas, caso contrário corre-se o sério risco de ignorar informações capazes de influenciar decisivamente no resultado final (Lopes 2009, Carvalho 2011).

Embora trabalhos gerais sobre áreas de endemismo de aves na Mata Atlântica sejam escassos, em anos recentes tem sido produzida muita informação sobre filogeografia de suas espécies, fato que tem auxiliado na compreensão de detalhes interessantes sobre diferentes aspectos biogeográficos do domínio (Martins 2011, Silva *et al.* 2012). Não obstante, alguns destes estudos tem pecado ao não utilizar as informações geradas para a tomada de conclusões taxonômicas, seja por um desenho amostral incompleto ou simplesmente por uma aparente falta de interesse sobre o assunto. Considerando que uma das prioridades de pesquisa na Mata Atlântica é a revisão taxonômica das espécies politípicas ocorrentes no domínio, é altamente recomendável que trabalhos sobre filogeografia que envolvam seus táxons busquem fornecer informações práticas sobre seu status taxonômico sempre que possível.

Ainda dentro de um contexto biogeográfico, é preciso destacar a discordância existente em muitas das fontes consultadas no presente trabalho quanto a distribuição das espécies e principalmente das subespécies de aves da Mata Atlântica. Essas discrepâncias possuem origens múltiplas sendo resultantes de problemas que incluem desde a omissão de informações histórica a perpetuação de erros também históricos. Embora algumas dessas divergências tenham sido eventualmente apontadas ao longo da lista comentada, uma revisão mais detalhada sobre a questão despenderia um esforço que vai além do empregado para produção do presente estudo. Alguns casos são especialmente emblemáticos e podem ser citados como exemplo, incluindo desde a omissão por completo em trabalhos e mapas de distribuição amplamente referenciados na literatura atual sobre a ocorrência na Mata Atlântica de espécies como *Ara chloropterus* e *Ara severus* (*e.g.* Collar 1997, Forshaw 2010), até a inclusão de grandes extensões na distribuição de espécies onde elas claramente não ocorrem, como a indicação da presença de *Ramphocelus carbo* em todo o leste da Bahia (Ridgely & Tudor 2009).

É importante chamar a atenção para esses erros e omissões presentes na literatura, pois trabalhos recentes tem feito largo uso sem uma análise crítica prévia dessas informações para análises conservacionistas aplicando metodologias de modelagem. Algumas dessas análises são prejudicadas não apenas pela incorporação de erros históricos em suas bases de dados, mas também pela extinção local de muitas espécies chaves em áreas onde existiam registros pretéritos indicados na literatura, gerando, assim, resultados e recomendações que não condizem com a realidade. Como exemplo ilustrativo desse caso, pode ser citado o trabalho de Jenkins *et al.* (2010) que ao tentar estabelecer áreas importantes para conservação de aves no estado do Rio de Janeiro define como prioritárias áreas que atualmente encontram-se em avançado estado de empobrecimento faunístico (L. Moreira-Lima obs. pess.). Dessa forma, fica também clara a necessidade de produção de mapas de distribuição atualizados sobre as espécies da Mata Atlântica. Essa tarefa deve envolver não apenas uma revisão detalhada da literatura e espécimes museológicos, mas incluir também informações recentes presentes em base de dados digitais colaborativas como o site WikiAves, que se analisadas sob uma ótica crítica podem contribuir enormemente para um conhecimento atualizado sobre a distribuição das aves do domínio.

Os números de espécies ameaçadas nacional e mundialmente com ocorrência na Mata Atlântica dentro dessa nova revisão se aproximam daqueles reportados previamente na literatura (Marini & Garcia 2005, Silveira & Straube 2008, Giraudo & Povedano 2004, Fragano & Clay 2005) e mais uma vez permitem afirmar que a avifauna do domínio está entre as mais ameaçadas do planeta. A novidade levantada pelo presente estudo é que, se considerada a situação das populações de muitas espécies tendo como referencial apenas os limites da Mata Atlântica, o cenário que se descortina é ainda mais catastrófico. Muitas espécies ausentes das listas brasileira e internacional de espécies ameaçadas correm risco eminente de extinção, ou já se extinguíram, na Mata Atlântica.

A ausência de registros recentes pode indicar que algumas dessas espécies “esquecidas” já podem inclusive ser consideradas extintas dentro da área núcleo da Mata

Atlântica ou com populações “moribundas”, sem perspectiva de recuperação natural. Nessa situação estão, por exemplo, *Ara chloropterus*, *Ara severus*, *Ibycter americanus* e *Micrastur mirandollei*. Outras espécies possuem registros recentes escassos e restritos a poucas localidades podendo se extinguir em um futuro próximo, como *Crypturellus strigulosus*, *Ortalis guttata remota*, *Morphnus guianensis*, *Harpia harpyja*, *Trogon collaris*, *Chaetura spinicauda* e *Celeus flavus*. É oportuno ressaltar que algumas dessas espécies estão representadas na Mata Atlântica por subespécies endêmicas, como *Ortalis guttata remota* e *Celeus flavus subflavus*, sendo considerável a possibilidade de representarem táxons independentes, conforme recentemente demonstrado para *Piculus polyzonus*, que instantaneamente após a publicação de sua revisão taxonômica passou de um táxon associado a uma espécie comum e com distribuição ampla a uma espécie seriamente ameaçada (Del-Rio *et al.* 2013).

A conclusão de que um número de táxons maior que o atualmente considerado corre risco de extinção ou encontra-se extinto na Mata Atlântica tem diferentes implicações para a conservação da sua avifauna. Dentro de um contexto teórico, esse fato pode responder em partes o questionamento levantado por alguns autores que ao confrontarem o número de espécies em risco ocorrentes no domínio, com a porcentagem remanescente de ambiente, chamaram a atenção para o fato de que o número de espécies ameaçadas é menor que o esperado, tendo em vista o atual quadro de degradação da Mata Atlântica (Brooks & Balmford 1996, Brooks *et al.* 1999, Pimm 2000). De acordo com esses autores, a explicação para essa discrepância seria a existência de um período de tempo entre a destruição da floresta e a ocorrência de extinções (Brooks *et al.* 1999). Embora essa conclusão pareça de fato plausível, o número de espécie que correm risco de desaparecer na Mata Atlântica, conforme levantado pelo presente estudo, é muito maior que aquele considerado por esses autores em seus trabalhos, fato que exige uma nova análise do problema.

Em um contexto prático, a extinção e o alto grau de ameaça a que estão sujeitas populações inteiras dentro de uma área superior a de muitos países somados traz uma importante questão à tona, a existência de uma falha grave no sistema tradicional de

conservação. Em um país de dimensões continentais como o Brasil e cuja megabiodiversidade representa um desafio taxonômico aparentemente interminável, abordagens conservacionistas focadas na priorização de esforços em nível específico e em âmbito nacional e global, tem deixado sem qualquer proteção componentes da biodiversidade que incluem desde genes exclusivos de populações isoladas a espécies plenas atualmente invisíveis pela simples falta de estudos taxonômicos. Essa situação tem sido corroborada por estudos feitos em diferentes partes do mundo que clamam por políticas regionais de conservação (Gardenfors 2001), e por análises globais que demonstram que caso subespécies sejam computadas em listas de espécies extintas a atual crise da biodiversidade é ainda mais grave do que se supunha (Szabo *et al.* 2012)

A inclusão de subespécies em listas de espécies ameaçadas (Machado *et al.* 2008 e Haig *et al.* 2006) e a produção de listas estaduais podem ser interpretadas como formas de lidar com esse problema. No entanto, as controvérsias em torno do conceito de subespécie (Mayr 1982, Ryder 1986, Zink 2004) e a falta de informações sobre aspectos básicos da biologia e distribuição de muitas delas, somadas a predominância de uma falta de prioridade e expertise das instituições públicas brasileiras abaixo da esfera federal em buscar soluções para conservação da biodiversidade (Olmos 2008), conferem a essas medidas mais um caráter paliativo que de solução do problema.

Dentro desse contexto e tomando como exemplo a atual situação de diversas espécies da Mata Atlântica que demonstram claramente que as ameaças a biodiversidade não afetam as espécies de maneira igual no país como um todo, propõem-se como solução potencial aparentemente promissora para lidar com esse problema, a produção não de uma única lista nacional de espécies ameaçadas, mas de uma lista para cada domínio natural brasileiro. Essa mudança de foco não apenas auxiliaria a prevenir melhor extinções regionais, que representam o início do processo de extinção de uma espécie como todo, mas também diminuiria a dependência de estudos taxonômicos que a conservação apresenta (Mace 2004), adaptando assim as listas de espécies ameaçadas à realidade brasileira e as transformando em uma ferramenta mais efetiva para se conter a atual crise da biodiversidade.

Finalmente, destacamos que apesar das diversas iniciativas práticas bem sucedidas, implementadas sobretudo por ONGs, que tem auxiliado na conservação da avifauna da Mata Atlântica, os órgãos governamentais tem falhado sistematicamente em implementar medidas apontadas como essenciais em diversos momentos e contextos. Como exemplo ilustrativo pode ser citado o fato que a maioria das áreas apontadas como prioritárias para conservação da avifauna da Mata Atlântica ainda no final da década de 1990 (MMA 2000) e cuja a importância da a maior parte delas foi reiterada por Bencke *et al.* (2006) permanecem aguardando medidas efetivas que assegurem sua existência a longo prazo.

O caso da área “número 48” no “Mapa de áreas prioritárias para a conservação de aves na Mata Atlântica e Campos Sulinos” provoca especial presságio sobre o processo em curso (Olmos 2008). Conhecida por ser um dos principais redutos de diversas espécies endêmicas do Centro Pernambuco e consideradas criticamente ameaçadas, a região de Murici, no estado de Alagoas, foi decretada estação ecológica ainda em 2001. Apesar disso, até hoje essa unidade de conservação não conta com uma estrutura mínima que garanta sua proteção (L. Moreira-Lima obs. pess.). Tal descaso culminou na redução drástica da população de muitas dessas espécies e mesmo na aparente extinção de algumas, como *Philydor novaesi*.

A situação de Murici ilustra com maestria o que aconteceu com praticamente toda a Mata Atlântica ao norte do Rio São Francisco e que tem se repetido em maior ou menor grau em regiões ao longo de todo o domínio (Ribeiro *et al.* 2009). Assim, não há dúvidas sobre a urgência de toda e qualquer medida que possa amenizar o colapso que afeta a biodiversidade da Mata Atlântica. No entanto, é preciso ressaltar que as extinções de espécies, já ocorridas e em curso, deixam claro que a situação não é mais reversível. Fato que deverá ser demonstrado ainda com maior veemência por quem no futuro revisar novamente o conhecimento sobre sua avifauna e contabilizar um número ainda maior de perdas.

6. CONCLUSÕES

1. A avifauna da Mata Atlântica possui elevada riqueza de táxons. É composta por 891 espécies, das quais 464 correspondem a espécies politípicas representadas no domínio por 608 subespécies, e que somadas as espécies monotípicas atingem um total de 1035 táxons. Além disso, está dividida em 26 ordens e 80 famílias, podendo ainda ser destacado o fato que as 10 famílias mais numerosas reúnem 48% das espécies do domínio.
2. Comparações entre a riqueza e composição de espécies da Mata Atlântica com os outros domínios naturais brasileiros, com poucas exceções, são prejudicadas pela ausência de compilações com metodologia e critérios similares aos utilizados no presente estudo. Dessa forma recomenda-se a utilização da abordagem metodológica aqui adotada para produções de listas das espécies de outras regiões.
3. Apesar da maioria das espécies de aves da Mata Atlântica ser residente (688), deve ser ressaltada a presença de um número expressivo de espécies que realizam deslocamentos sazonais (200), entre as quais estão 17 migrantes reprodutivos, 51 migrantes não reprodutivos e 132 espécies que realizam migrações internas ou que apenas parte das populações migram.
4. A maior parte das aves da Mata Atlântica habita ambientes florestais, mas uma parte significativa de suas espécies ocorrem principalmente em outros tipos de habitat, incluindo 21 espécies exclusivamente em ambientes abertos naturais, 179 em ambientes abertos naturais, mas também em áreas abertas antropizadas, 114 dependentes de áreas úmidas, 46 principalmente em ambientes marinhos costeiros e 21 espécies que podem ser consideradas de hábitos generalistas.

5. A avifauna da Mata Atlântica é caracterizada por uma elevada taxa de endemismos, incluindo 27 gêneros, 213 espécies e 162 subespécies endêmicas. Se consideradas em conjunto, espécies e subespécies somam 351 táxons endêmicos. Além dessas, esse domínio abriga também três gêneros e 17 espécies quase endêmicas.
6. O panorama atualizado sobre o estado de conservação das aves da Mata Atlântica não apenas confirmou a conclusão de autores anteriores quanto o seu estado crítico de conservação, mas vai além e demonstra que a situação é ainda mais grave do que reportada anteriormente, uma vez que um número de espécies muito maior do que se supunha pelas listas nacionais e internacional de espécies ameaçadas corre sério risco de se extinguir ou já se extinguiu na Mata Atlântica.
7. Entre os principais desafios e oportunidades de pesquisa para a ornitologia da Mata Atlântica podem ser ressaltados a necessidade de revisão taxonômica de um grande número de subespécies, sobretudo de diversos táxons endêmicos e ameaçados; necessidade de revisão das áreas de endemismos de aves no domínio; possibilidade de utilização dos padrões de distribuição das aves da Mata Atlântica para analisar afinidades biogeográficas entre suas diferentes regiões; necessidade de se levantar informações sobre padrões de ocorrência e sazonalidade de suas espécies migratórias e uma reavaliação da atual estratégia de conservação baseada em listas nacionais de espécies ameaçadas.

RESUMO

A Mata Atlântica é considerada um dos ecossistemas mais biodiversos e ao mesmo tempo mais ameaçados do planeta. As aves são apontadas como o grupo de vertebrados com a maior riqueza geral, endemismos e espécies ameaçadas desse domínio. Embora possa ser considerado o domínio natural brasileiro cuja avifauna foi mais intensamente estudada, o conhecimento ornitológico acumulado sobre a Mata Atlântica encontra-se segmentado e altamente disperso, o que acaba por torná-lo sub-utilizável. Embora existam na literatura valores de riqueza e listas de espécies de aves da Mata Atlântica, há uma grande discrepância entre os resultados apresentados e uma falta de métodos explícitos detalhados na maior parte desses trabalhos. Essa situação, somada a um significativo crescimento do conhecimento ornitológico em anos recentes, demonstra a necessidade de uma iniciativa que busque reunir o atual estado de conhecimento sobre a avifauna desse domínio. Dentro desse contexto, os objetivos do presente estudo foram definir a riqueza e composição de espécies, subespécies e endemismos da avifauna da Mata Atlântica, compilar informações sobre o status de ocorrência e preferência de habitat das suas espécies e traçar um panorama atualizado sobre a conservação das mesmas. Para isso, foram analisados os padrões de distribuição dos táxons com ocorrência conhecida dentro dos limites geográficos da Mata Atlântica e, para as espécies aceitas como pertencentes à sua avifauna, informações sobre sua ecologia e sazonalidade. Como fontes de informação foram consultados a literatura científica, mapas de distribuição, espécimes ornitológicos e informações primárias colhidas durante trabalhos de campo. Os resultados apontam que a avifauna da Mata Atlântica possui elevada riqueza de táxons, sendo composta por 891 espécies, das quais 464 são políticas e representadas no domínio por 608 subespécies, totalizando 1035 táxons específicos e subespecíficos, distribuídos em 26 ordens e 80 famílias. Apesar da maioria das espécies de aves da Mata Atlântica ser residente, deve ser ressaltada a presença de um número expressivo de espécies que realizam deslocamentos sazonais, cerca de 16%. Mais da metade das espécies de aves da Mata Atlântica ocorrem em ambientes florestais, mas uma parte significativa está associada a outros habitats, incluindo ambientes abertos naturais e antrópicos, áreas úmidas e ambientes marinhos costeiros. A avifauna da Mata Atlântica é caracterizada por uma alta taxa de endemismos, incluindo 27 gêneros, 213 espécies e 162 subespécies. O panorama atualizado sobre o estado de conservação das aves da Mata Atlântica reitera sua situação crítica e revela que um número de espécies muito maior do que se supunha pelas listas nacionais e internacional de espécies ameaçadas corre sério risco de se extinguir ou já se extinguiu dentro do domínio. Com base nas informações compiladas durante esse estudo são apontados como os principais desafios e oportunidades de pesquisa para a ornitologia da Mata Atlântica: a necessidade de revisão taxonômica de um grande número de subespécies, sobretudo de

diversos táxons endêmicos e ameaçados; necessidade de revisão das áreas de endemismos de aves no domínio; utilização dos padrões de distribuição das aves da Mata Atlântica para analisar afinidades biogeográficas entre suas diferentes regiões; necessidade de levantar informações sobre padrões de ocorrência e sazonalidade de suas espécies migratórias e uma reavaliação da atual estratégica de conservação baseada em listas nacionais de espécies ameaçadas.

ABSTRACT

The Atlantic Forest is one of the most important biodiversity hotspots, yet it is one of the most threatened domains in the planet. Birds are among the vertebrates with the greatest species richness, endemism and number of threatened species of this domain. The Atlantic Forest may be considered the domain in which the avifauna has been studied the most, but this ornithological knowledge is fragmented and highly dispersed, which makes it underused. Some reviews of the bird species occurring in the Atlantic Forest are available in the literature, but a comparative analysis of their results reveals many discrepancies and a lack of systematic methodology among most of them. In addition, in recent years there has been a significant increase in the ornithological knowledge of the Atlantic Forest, demonstrating the need for a new review that gathers the current knowledge about the avifauna of the Atlantic Forest. Therefore, the objectives of the present study were to define which are the species, sub-species and endemisms of the Atlantic Forest avifauna, to gather information about species occurrence and habitat preference and to give an updated overview of their conservation status. I analyzed the distribution patterns of each species and/or subspecies within the Atlantic Forest and described their habitat and seasonality. Data was gathered from the scientific literature, distribution maps, museum specimens and field work. The Atlantic Forest avifauna is composed of 861 species, with 464 of them being polytypic and accounting for, 608 subspecies, thus amounting 1035 specific and subspecific taxons grouped into 26 orders and 80 families. The majority of the species were found to be resident whereas a noteworthy 16% of them perform seasonal movements. More than half of species occur in forest habitats, while a significant portion is associated with other habitats including natural open habitats and anthropic environments, humid areas and costal marine environments. The Atlantic Forest avifauna is characterized by a high level of endemism, including 27 genera, 213 species and 162 sub-species. The updated overview about the conservation status of the Atlantic Forest birds reiterates their critical situation and reveals that the number of threatened or extinct species in this domain is much greater than previously reported in national and international lists of threatened species. The main challenges and opportunities to future research efforts on the Atlantic Forest avifauna are the need for a taxonomic review of the large number of sub-species, especially the many endemic and threatened taxons; a review of the endemic areas within the domain; the use of distribution patterns of the Atlantic Forest birds to analyze the biogeographic affinities among the different regions of the domain; to gather information about the occurrence of migratory species and their seasonal patterns; and re-evaluation of the a current conservation policies based on the national red list of threatened species.

REFERÊNCIAS

- Ab'Saber, A. N. 1977. Os domínios morfoclimáticos da América do Sul. *Geomorfologia*, 52: 1-22.
- Abreu, C. R. M. 2006. Revisão taxonômica de *Augastes scutatus* (Temminck, 1824) (Aves: Trochilidae). Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Albano, C. & Girão, W. 2008. Aves das matas úmidas das serras de Aratanha, Baturité e Maranguape, Ceará. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 16(2): 142-154.
- Aleixo, A. & Straube, F. C. 2007. Coleções de aves brasileiras: breve histórico, diagnóstico atual e perspectivas para o futuro. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 15(2): 315–324.
- Aleixo, A. 2007. Conceitos de espécie e o eterno conflito entre continuidade e operacionalidade: uma proposta de normatização de critérios para o reconhecimento de espécies pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 15 (2): 297–310.
- Alves, M. A. S. & Silva, J. M. C. 2000 A ornitologia no Brasil: desenvolvimento, tendência atuais e perspectivas, pp. 327–334. In: Alves, M. A. S.; Silva, J. M. C.; Sluys, M. V.; Bergallo, H. G. & Rocha, C. F. D. (Orgs.) *A ornitologia no Brasil: pesquisa atual e perspectivas*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Amaral, F. S. R. & Silveira, L. F. 2004. *Tinamus solitarius pernambucensis* Berla, 1946 é sinônimo de *Tinamus solitarius* (Vieillot, 1819). *Ararajuba*, 12(1): 33-41.
- Amaral, F. S. R.; Sheldon, F. H.; Gamauf, A.; Haring, E.; Riesing, M.; Silveira, L. F. & Wajntal, A. 2009. Patterns and processes of diversification in a widespread and ecologically diverse avian group, the buteonine hawks (Aves, Accipitridae). *Molecular Phylogenetics and Evolution*, 53(3): 703-715.
- Amorim, D. S. & Pires, M. R. S. 1996. Neotropical biogeography and a method for maximum biodiversity estimation, pp. 183–219. In: Bicudo, C. E. M. & Menezes, N. A. (Orgs.) *Biodiversity in Brazil: a first approach: proceedings of the Workshop Methods for the Assessment of Biodiversity in Plants and Animals*. São Paulo: CNPq.
- Atwood, J. L., & Lerman, S. B. (2006). Family Polioptilidae (gnatcatchers), pp. 350-377. In: del Hoyo, J.; Elliot, A., & Christie, D. A. (Eds.). *Handbook of the birds of the world. Vol. 11. Old World Flycatchers to Old World Warblers*. Lynx Edicions, Barcelona.
- Azara, F. 1802. *Apuntamientos para la Historia Natural de los páxaros de Paraguäy y Rio de la Plata*. Madri: Imprenta de la viuda de Ibarra, 3 v.

- Azevedo, A. 1950. Regiões climato-botânicas do Brasil. Estudo fitogeográfico e florestal. *Anuário Brasileiro de Economia Florestal*, 11: 201–232.
- Azpiroz, A. B.; Isacch, J. P.; Dias, R. A.; Di Giacomo, A. S.; Fontana, C. S. & Palarea, C. M. 2012. Ecology and conservation of grassland birds in southeastern South America: a review. *Journal of Field Ornithology*, 83(3): 217–246.
- Barker, F. K.; Burns, K. J.; Klicka, J.; Lanyon, S. M. & Lovette, I. J. 2013. Going to extremes: contrasting rates of diversification in a recent radiation of new world passerine birds. *Systematic Biology*, 62(2): 298–320.
- Batalha-Filho, H.; Fjeldså, J.; Fabre, P. H.; Miyaki, C. Y. 2013a. Connections between the Atlantic and the Amazonian forest avifaunas represent distinct historical events. *Journal of Ornithology*, 154(1): 41–50.
- Batalha-Filho, H.; Irestedt, M.; Fjeldså, J.; Ericson, P. G.; Silveira, L. F. & Miyaki, C. Y. 2013b. Molecular systematics and evolution of the *Synallaxis ruficapilla* complex (Aves: Furnariidae) in the Atlantic Forest. *Molecular Phylogenetics and Evolution*, 67(1): 86–94.
- Belmonte-Lopes, R.; Bravo, G. A.; Bornschein, M. R.; Maurício, G. N.; Pie, M. R. & Brumfield, R. T. 2012. Genetic and morphological data support the placement of *Myrmotherula gularis* (Spix) in the monotypic genus *Rhopias* Cabanis and Heine (Aves: Passeriformes: Thamnophilidae). *Zootaxa*, 3451: 1–16.
- Belton, W. 1994. *Aves do Rio Grande do Sul: distribuição e biologia*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- Bencke, G. A. 2010. New and significant bird records from Rio Grande do Sul, with comments on biogeography and conservation of the southern Brazilian avifauna. *Iheringia. Série Zoologia*, 100(4): 391–402.
- Bencke, G. A.; Dias, R. A.; Bugoni, L.; Agne, C. E.; Fontana, C. S.; Maurício, G. N. & Machado, D. B. 2010. Revisão e atualização da lista das aves do Rio Grande do Sul, Brasil. *Iheringia. Série Zoologia*, 100(4): 519–556.
- Bencke, G. A.; Maurício, G. N.; Develey, P. F. & Goerck, J. M. 2006. *Áreas importantes para a conservação das aves no Brasil: parte I—estados do domínio da Mata Atlântica*. São Paulo, SAVE Brasil, 492 p.
- Borges, S. H. 2008. The relevance of graduate teachings in the formation of human resources for biodiversity studies in Brazil: a case study in ornithology. *Biota Neotropica*, 8(1): 21–27.

- Bornschein, M. R.; Maurício, G. N.; Belmonte-Lopes, R.; Mata, H. & Bonatto, S. L. 2007. Diamantina Tapaculo, a new *Scytalopus* endemic to the Chapada Diamantina, northeastern Brazil (Passeriformes: Rhinocryptidae). *Revista Brasileira de Ornitologia*, 15(2): 151-174.
- Bornschein, M. R.; Reinert, B. L. & Pichorim, M. 1998. Descrição, ecologia e conservação de um novo *Scytalopus* (Rhinocryptidae) do sul do Brasil, com comentários sobre a morfologia da família. *Ararajuba*, 6(1): 3-36.
- Both, C.; Bouwhuis, S.; Lessells, C. M. & Visser, M. E. 2006. Climate change and population declines in a long-distance migratory bird. *Nature*, 441: 81-83.
- Brooks, T. & Balmford, A. 1996. Atlantic forest extinctions. *Nature*, 380: 115.
- Brooks, T. M.; Tobias, J. & Balmford, A. 1999. Deforestation and bird extinctions in the Atlantic Forest. *Animal Conservation*, 2: 211–222.
- Brown Jr., K. S. 1975. Geographical patterns of evolution in Neotropical Lepidoptera. Systematics and derivation of known and new Heliconiini (Nymphalidae: Nymphalinae). *Journal of Entomology*, 44: 201–242.
- Brown Jr., K. S. 1987. Biogeography and Evolution of Neotropical Butterflies, p. 66–104. In: Whitmore, T. C. & Prance, G. T. (Orgs.) *Biogeography and Quaternary history in tropical America*. Oxford: Oxford Science Publications.
- Burmeister, H. 1856. *Systematische Übersicht der Thiere Brasiliens welche während einer Reise durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas Geräes gesammelt oder beobachtet wurden von Dr. Hermann Burmeister*, Theil III. Vögel (Aves), 2. Berlin: Georg. Reimer. 466p.
- Cabanne G.S.; D'horta, F.; Sari, E.; Santos, F. & Miyaki, C. Y. 2008. Nuclear and mitochondrial phylogeography of the Brazilian Atlantic forest endemic *Xiphorhynchus fuscus* (Aves: Dendrocolaptidae): biogeography and systematics implications. *Molecular Phylogenetics and Evolution*, 49: 760–773.
- Cabrera, A. & Yepes, J. 1940. *Mamíferos Sudamericanos: vida, costumbres y descripción*. Compañía Argentina de Editores, Buenos Aires.
- Câmara, I. G. 1991. *Plano de ação para a Mata Atlântica*. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica, 152p.
- Campos, I. F. G. 1926. *Mapa Florestal do Brasil*. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, Rio de Janeiro, STA, 147p.

- Cardim, F. 1939. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Cardoso, D. B. O. S. & Queiroz, L. P. 2011. Caatinga no contexto de uma metacomunidade: evidências da biogeografia, padrões filogenéticos e abundância das espécies em Leguminosas, pp. 243–260. *In*: Carvalho, J. B. & Almeida, E. A. B. (Orgs.) *Biogeografia da América do Sul: Padrões e Processos*. São Paulo: Roca.
- Carnaval, A. C.; Hickerson, M.; Haddad, C.; Rodrigues, M. & Moritz, C. 2009. Stability predicts genetic diversity in the Brazilian Atlantic forest hotspot. *Science*, 323: 785–789.
- Carvalho, C. S.; Araujo, H. F. P.; Lima, L. M.; Silveira, L.F. 2012. *Relações biogeográficas entre comunidades de aves sugerem diferentes histórias na Mata Atlântica*. *In*: Anais do XIX Congresso Brasileiro de Ornitologia. Maceió: Universidade Federal de Alagoas.
- Carvalho, C. D. 2011. Áreas de endemismo, pp. 41–51. *In*: Carvalho, J. B. & Almeida, E. A. B. (Orgs.) *Biogeografia da América do Sul: Padrões e Processos*. São Paulo: Roca.
- CBRO [Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos]. 2011. Listas das aves do Brasil. Décima edição. Disponível em: <http://www.cbro.org.br> [acesso: 20/12/2012].
- CBRO [Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos]. No prelo. Listas das aves do Brasil. Décima primeira edição.
- Chantler, P. 1999. Family Apodidae (Swifts), pp. 388-457. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (Eds.). *Handbook of the birds of the world. Vol. 5. Barn-owls to hummingbirds*. Lynx Edicions, Barcelona.
- Cleere, N. & Nurney, D. 1998. *Nightjars: a guide to the nightjars, nighthawks, and their relatives*. New Haven & London: Yale University Press.
- Coelho, G. & Silva, W. 1998. A new species of *Antilophia* (Passeriformes: Pipridae) from Chapada do Araripe, Ceará, Brazil. *Ararajuba* 6: 81-84.
- Collar, N. J. (1997). Family psittacidae (parrots), pp. 280-477. *In*: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (Eds.) *Handbook of the birds of the world. Vol. 4. Sandgrouse to cuckoos*. Barcelona, Lynx Edicions.
- Cory, C. B. & Hellmayr, C. E. 1924. Catalogue of birds of the Americas. *Field Museum of Natural History, Zoological Series*, v.13, part III.
- Costa, L. P. 2003. The historical bridge between the Amazon and the Atlantic Forest of Brazil: a study of molecular phylogeography with small mammals. *Journal of Biogeography*, 30(1): 71–86.

- Costa, L. P.; Leite, Y. L.; Fonseca, G. A. & Fonseca, M. T. 2000. Biogeography of South American forest mammals: endemism and diversity in the Atlantic Forest. *Biotropica*, 32(4b): 872–881.
- Cracraft, J. 1985. Historical biogeography and patterns of differentiation within the South America avifauna: Areas of endemism. *Ornithological Monographs*, 36: 49–84.
- Cuello, J. P. 2012. *Las aves de Sudamérica. Inventario y composición de especies*. Trabalho não publicado disponível em <https://sites.google.com/site/avesdesudamerica/documentos> [21/06/2013].
- Cunha, O. R. O. 1991. *Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira: Uma análise comparativa de sua viagem filosófica (1783–1793) pela Amazônia e Mato Grosso com a de outros naturalistas posteriores*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- d’Horta, F. M.; Cabanne, G. C.; Meyer, D.; Miyaki, C. Y. 2011. The genetic effects of late Quaternary climatic changes over a tropical latitudinal gradient: diversification of an Atlantic Forest passerine. *Molecular Ecology*, 20: 1923–1935.
- d’Horta, F. M.; Cuervo, A. M., Ribas, C. C., Brumfield, R. T., & Miyaki, C. Y. 2013. Phylogeny and comparative phylogeography of *Sclerurus* (Aves: Furnariidae) reveal constant and cryptic diversification in an old radiation of rain forest understorey specialists. *Journal of Biogeography*, 40(1): 37–49.
- Dantas, G. P. M.; Cabanne, G. S. & Santos, F. R. 2011. How past vicariant events can explain the Atlantic Forest biodiversity?, pp. 429–442. In: Grillo, O. & Venora, G. (Orgs.), *Ecosystems Biodiversity*. Rijeka: InTech.
- DaSilva, M. B. & Pinto-Da-Rocha, R. 2011. A história biogeográfica da Mata Atlântica: opiliões (Arachnida) como modelo para sua inferência, pp. 221–238. In: Carvalho, J. B. & Almeida, E. A. B. (Org.) *Biogeografia da América do Sul: Padrões e Processos*. São Paulo: Roca.
- Dean, W., 1996. *A ferro e fogo. A história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras, 483 p.
- del Hoyo, J.; Elliott, A.; Sargatal, J. & Christie, D. A. (Eds.) 1992–2011. *Handbook of the Birds of the World*, vols. 1–16. Barcelona, Lynx Edicions.
- Del-Rio, G.; Silveira, L. F.; Cavarzere, V. & Rego, M. A. 2013. A taxonomic review of the Golden-green Woodpecker, *Piculus chrysochloros* (Aves: Picidae) reveals the existence of six valid taxa. *Zootaxa*, 3626(4): 531–542.

- Di Giacomo, A. S.; De Francesco, M. V.; Coconier, E. G. 2007. *Areas importantes para la conservación de las aves en Argentina*. Buenos Aires: Aves Argentinas/ Asociación Ornitológica del Plata, 514 p.
- Dias, R. A.; Gianuca, A.; Vizentin-Bugoni J. & Afonso Coimbra, M. A. 2010. New documented records for two bird species in southernmost Brazil, including the first mention of *Agriornis murinus* for the country and comments on vagrancy. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 18(2): 124-129.
- Dickinson, E. C. & Remsen Jr, J. V. 2013. *The Howard & Moore Complete Checklist of the Birds of the World. Vol. I. Non-passerines*. Aves Press, Eastbourne.
- Dillon, S. & Fjeldsa, J. 2005. The implications of different species concepts for describing biodiversity patterns and assessing conservation needs for African birds. *Ecography* 28 (5): 682 – 692.
- Dinerstein, E., Olson, D. M., Graham, D. J., Webster, A. L., Primm, S. A., Bookbinder, M. P., & Ledec, G. (1995). *A conservation assessment of the terrestrial ecoregions of Latin America and the Caribbean*. World Bank.
- Donegan, T.; Salaman, P.; Caro, D. & McMullan, M. 2010. Revision of the status of bird species occurring in Colombia 2010. *Conservación Colombiana* 13: 25-54.
- Ebert, H. 1960. Novas observações sobre a glaciação pleistocenica na serra do Itatiaia. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, 32: 51–73.
- Eken, G.; Bennun, L.; Brooks, T. M.; Darwall, W.; Fishpool, L. D. & Foster, M. 2004. Key biodiversity areas as site conservation targets. *BioScience*, 54(12): 1110–1118.
- Fernandes, A. M.; Gonzalez, J.; Wink, M. & Aleixo, A. 2013. Multilocus phylogeography of the Wedge-billed Woodcreeper *Glyphorynchus spirurus* (Aves, Furnariidae) in lowland Amazonia: widespread cryptic diversity and paraphyly reveal a complex diversification pattern. *Molecular phylogenetics and evolution* 66 (1): 270 - 272.
- Firme, D. H. & Raposo, M. A. 2011. Taxonomy and geographic variation of *Formicivora serrana* (Hellmayr, 1929) and *Formicivora littoralis* Gonzaga & Pacheco, 1990 (Aves: Passeriformes: Thamnophilidae). *Zootaxa*, 2742: 1-33.
- Fittkau, E. J. (1969). The fauna of South America. *Biogeography and ecology in South America*, 2: 624-650.
- Fjeldsa, J. 2000. The relevance of systematics in choosing priority areas for global conservation. *Environmental Conservation* 27(1): 67–75.

- Fjeldså, J., Bowie, R. C., & Rahbek, C. 2012. The role of mountain ranges in the diversification of birds. *Annual Review of Ecology, Evolution, and Systematics*, 43: 249–265.
- Fonseca, G. A. 1985. The vanishing brazilian atlantic forest. *Biological Conservation*, 34(1): 17–34.
- Forshaw, J. M. 2010. *Parrots of the World*. Princeton University Press.
- Fragano, F.; Clay, R. 2005. Status da biodiversidade da Mata Atlântica de Interior do Paraguai, pp. 288–307. In: Galindo-Leal, C. & Câmara, I. de G. (Eds.) *Mata Atlântica: biodiversidade, ameaças e perspectivas*. Belo Horizonte: Fundação SOS Mata Atlântica, Conservação Internacional, Centro de Ciências Aplicadas à Biodiversidade.
- Freitas, G. H.; Chaves, A. V.; Costa, L. M.; Santos, F. R. & Rodrigues, M. 2012. A new species of *Cinclodes* from the Espinhaço Range, southeastern Brazil: insights into the biogeographical history of the South American highlands. *Ibis*, 154(4): 738-755.
- Frey, J. K. 2009. Distinguishing range expansions from previously undocumented populations using background data from museum records. *Diversity and Distributions*, 15: 183-187.
- Fundação SOS Mata Atlântica, 1990. Workshop Mata Atlântica, Anais. São Paulo, Fundação SOS Mata Atlântica.
- Galindo-Leal, C. & Câmara, I. G. 2003. Atlantic Forest Hotspot Status: an overview, pp. 3–11. In: Galindo-Leal, C. & Câmara, I. G. (Eds.) *The Atlantic Forest of South America: Biodiversity status, threats, and outlook*. Washington, Island Press, 446 p.
- Galindo-Leal, C.; Câmara, I. D. G. 2005. Status do hotspot Mata Atlântica: uma síntese, pp. . In: Galindo-Leal, C. & Câmara, I. de G. (Eds.) *Mata Atlântica: biodiversidade, ameaças e perspectivas*. Belo Horizonte: Fundação SOS Mata Atlântica, Conservação Internacional, Centro de Ciências Aplicadas à Biodiversidade.
- Gärdenfors, U.; Hilton-Taylor, C.; Mace, G. M. & Rodríguez, J. P. 2001. The application of IUCN Red List criteria at regional levels. *Conservation Biology*, 15(5): 1206-1212.
- Gilroy, J. J., & Lees, A. C. 2003. Vagrancy theories: are autumn vagrants really reverse migrants?. *British Birds*, 96(9): 427-438.
- Giraud, A. R. & Povedano, H. 2004. Avifauna de la región biogeográfica Paranaense o Atlântica Interior de Argentina: biodiversidad, estado de conocimiento y de conservación. *Insugeo, Miscelánea*, 12: 5–12.
- Goeldi, E. A. 1894. *Aves do Brasil*. Livraria Clássica de Alves & Cia, Rio de Janeiro.

- Goerck, J. 1997. Patterns of rarity in the birds of the Atlantic forest of Brazil. *Conservation Biology*, 11: 112–118.
- Grantsau, R. 2010. *Guia completo para identificação das aves do Brasil*. São Carlos: Ed. Vento Verde. 2v.
- Haffer, J. 1969. Speciation in Amazonian forest birds. *Science*, 165: 131–137.
- Haffer, J. 1985. Avian zoogeography of the Neotropical lowlands. *Ornithological Monographs*, 36: 113–146.
- Haffer, J. 1997. Alternative models of vertebrate speciation in Amazonia: an overview. *Biodiversity and Conservation*, 6(3): 451–476.
- Haig, S. M., Beever, E. A., Chambers, S. M., Draheim, H. M., Dugger, B. D., Dunham, S.; Elliott-Smith, E.; Fontaine, J. B.; Kesler, D. C.; Knaus, B. J.; Lopes, I. F.; Loschl, P.; Mullins, T. D. & Sheffield, L. M. 2006. Taxonomic considerations in listing subspecies under the US Endangered Species Act. *Conservation Biology*, 20(6): 1584-1594.
- Hayes, F. E. 1995. *Status, distribution, and biogeography of the birds of Paraguay*. Colorado Springs: American Birding Association.
- Hellmayr, C. E. & Conover, B. 1942–1949. Catalogue of birds of the Americas. *Field Museum of Natural History, Zoological Series*, v.13, part I, n.1-4.
- Hellmayr, C. E. 1925–1938. Catalogue of birds of the Americas. *Field Museum of Natural History, Zoological Series*, v.13, parts IV-XI.
- Holt, E. G. 1928. Ornithology of Serra do Itatiaya, Brazil. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 57: 251–326.
- IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. 2008. *Mapa da área de aplicação da Lei n 11.428 de 2006*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Diretoria de Geociências.
- IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. 2012. *Manual técnico da vegetação brasileira*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Manuais Técnicos em Geociências n. 1).
- Ihering, H. v. & Ihering, R. v. 1907. As aves do Brazil. *Catálogos da fauna brasileira*, vol.1. Museu Paulista, São Paulo.
- Isaac, N. J., Mallet, J., & Mace, G. M. 2004. Taxonomic inflation: its influence on macroecology and conservation. *Trends in Ecology & Evolution*, 19(9): 464-469.

- IUCN. 2012. *Guidelines for Application of IUCN Red List Criteria at Regional and National Levels: Version 4.0*. Gland, Switzerland and Cambridge, UK: IUCN. 41pp.
- Jackson, J. F. 1978. Differentiation in the genera *Enyalius* and *Strobilurus* (Iguanidae): implications for Pleistocene climatic changes in eastern Brazil. *Arquivos de Zoologia*, 30: 1–79.
- Jenkins, C. N., Alves, M. A. S., & Pimm, S. L. 2010. Avian conservation priorities in a top-ranked biodiversity hotspot. *Biological Conservation*, 143(4): 992-998.
- Joly, C. A.; Aidar, M. P.; Klink, C. A.; Mcgrath, D. G.; Moreira, A. G.; Moutinho, P. & Sampaio, E. V. 1999. Evolution of the Brazilian phytogeography classification systems: implications for biodiversity conservation. *Ciência e Cultura*, 51(5): 331–348.
- Kattan, G. H. & Franco, P. 2004. Bird diversity along elevational gradients in the Andes of Colombia: area and mass effects. *Global Ecology & Biogeography*, 13(5): 451-458.
- Kinzey, W. G. 1982. Distribution of primates and forest refuges, pp. 455–482. In: Prance, G. T. (Org.) *Biological Diversification in the Tropics*. New York: Columbia University Press.
- Krabbe, N. 2007. Birds collected by P. W. Lund and J. T. Reinhardt in south-eastern Brazil between 1825 and 1855, with notes on P. W. Lund's travels in Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 15(3): 331-357.
- Laubmann, A. 1940. *Die Vögel von Paraguay vol.2*. Strecker & Schröder.
- Lery, J. 1578. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, autrement dite Amerique*. La Rochelle: Antoine Chuppin.
- Lopes, L. E. 2009. *Taxonomia, biogeografia e conservação das aves endêmicas do Cerrado*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, 261p.
- Lopes, L. E. 2008. The range of the Curl-crested Jay: lessons for evaluating Bird endemismo in the South American Cerrado. *Diversity and Distributions*, 14: 561–568.
- Lopes, L. E.; Maldonado-Coelho, M.; Hoffmann, D.; Luiz, E. R.; & Neto, S. D. 2008. Geographic distribution, habitat associations, and conservation status of the Critically Endangered Minas Gerais Tyrannulet *Phylloscartes roquettei*. *Bird Conservation International*, 18(1): 53-62.
- López-Lanús, B., Grilli, P., Coconier, E., Di Giacomo, A., & Banchs, R. 2008. Categorización de las aves de la Argentina según su estado de conservación. *Informe de Aves Argentinas/AOP y Secretaría de Ambiente y Desarrollo Sustentable*. Buenos Aires, Argentina.

- Lutz, B. 1951. Nota prévia sobre alguns anfíbios anuros do Alto Itatiaia. *Hospital*, maio, 1951
- Mace, G. M. 2004. The role of taxonomy in species conservation. *Phil. Trans. R. Soc. Lond. B* 359: 711-719.
- Machado, A. B. M., Drummond, G. M. & Paglia, A. P. 2008. *Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção*. MMA, Fundação Biodiversitas.
- Maldonado-Coelho, M. 2012. Climatic oscillations shape the phylogeographical structure of Atlantic Forest fire-eye antbirds (Aves: Thamnophilidae). *Biological Journal of the Linnean Society*, 105(4): 900–924.
- Mallet-Rodrigues, F., Parrini, R., Pimentel, L. & Bessa, R. 2010. Altitudinal distribution of birds in a mountainous region in southeastern Brazil. *Zoologia*, 27(4): 503-522.
- Marantz, C. A.; Aleixo, A.; Bevier, L. R. & Patten, M. A. 2003. Family Dendrocolaptidae (Woodcreepers), pp. 358-447. In: del Hoyo, J.; Elliot, A., & Christie, D. A. (Eds.). *Handbook of the birds of the world. Vol. 8, Broadbills to Tapaculos*. Lynx Edicions.
- Marcgrave, J. 1942 (1648). *História Natural do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. (Tradução de José Procópio de Magalhães e comentários de Olivério M. O. Pinto)
- Marini, M. A. e Garcia, F. I. 2005. Conservação de aves no Brasil. *Megadiversidade*, 1(1): 95-102.
- Martins, F. 2011. Historical biogeography of the Brazilian Atlantic forest and the Carnaval–Moritz model of Pleistocene refugia: what do phylogeographical studies tell us? *Biological Journal of the Linnean Society*, 104: 499–509.
- Martius, C. F. P. 1840. Tabulæ physiognomieæ. Brasiliæ regionis iconibus expressæ, p. 1–110 In Martius, C. F. P.; Endlicher, S.; Eichler, A. G. & Urban, J. (Eds.). *Flora brasiliensis*, vol. 1.
- Maurício, G. N. 2005. Taxonomy of southern populations in the *Scytalopus speluncae* group, with description of a new species and remarks on the systematics and biogeography of the complex (Passeriformes: Rhinocryptidae). *Ararajuba*, 13(1): 7-28.
- Mauricio, G. N.; Bornschein, M. R.; Vasconcelos, M. F.; Whitney, B. M.; Pacheco, J. F. & Silveira, L. F. (2010). Taxonomy of “Mousecolored Tapaculos”. I. On the application of the name *Malacorhynchus speluncae* Ménétrières, 1835 (Aves: Passeriformes: Rhinocryptidae). *Zootaxa*, 2518: 32-48.
- Mayr, E. 1982. Of what use are subspecies?. *The Auk*, 99(3): 593-595.
- Mello Leitão, C. 1937. *Zoogeografia do Brasil*. (Brasiliana n.77).

- Minns, J.; D. Buzzetti; C. Albano; A. Grosset; A. Whittaker & R. Parrini. (2010) *Aves do Brasil: vozes e fotografias*, versão 1.0 Vinhedo: Avisbrasilis. (DVD-ROM).
- Miranda-Ribeiro, A. 1906. Vertebrados do Itatiaia (peixes, serpentes, sáurios, aves e mamíferos). *Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro* 13: 165–190.
- Mittermeier, R. A.; Gill, P. R.; Hoffmann, M.; Pilgrim, J.; Brooks, J.; Mittermeier, C. J.; Lamourux, J. & Fonseca, G. A. B. 2005. *Hotspots revisited: Earth's biologically richest and most endangered terrestrial ecoregions*. CEMEX, Washington.
- Mittermeier, R. A.; Mittermeier, C. G.; Brooks, T. M.; Pilgrim, J. D.; Konstant, W. R.; Da Fonseca, G. A. B. & Kormos, C. 2003. Wilderness and biodiversity conservation. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 100(18): 10309-10313.
- MMA [Ministério do Meio Ambiente] 2000. *Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da mata atlântica e campos sulinos*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente.
- Morrone, J. J. 2006. Biogeographic areas and transition zones of Latin America and the Caribbean islands based on panbiogeographic and cladistic analyses of the entomofauna. *Annu. Rev. Entomol.*, 51: 467–494.
- Morrone, J. J. 2011. *Biogeografía de América Latina y el Caribe*. M&T – Manuales y Tesis SEA, vol. 3, 148p.
- Müller, P. 1973. Dispersal Centers of Terrestrial Vertebrates in the Neotropical Realm: A study in the evolution of the Neotropical biota and its native landscape. *Biogeographica* 2: 1–244.
- Myers, N.; Mittermeier, R. A.; Mittermeier, C. G.; Fonseca, G. A. B. & Kent, J. 2000. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature* 403: 853–858.
- Narosky, T. & Yzurieta, D. 2010. *Aves de Argentina y Uruguay: guía de identificación*. Vazquez Mazzini Ed, Buenos Aires.
- Naumburg, E. M. B. Gazetteer and maps showing stations visited by Emil Kaempfer in eastern Brazil and Paraguay. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 68(6): 449–469.
- Navarro-Sigüenza, A. G. & Peterson, A. T. 2004. An alternative species taxonomy of the birds of Mexico. *Biota Neotropica*, 4(2): 161-192.
- Newton, I. 2003. *Speciation and biogeography of birds*. London: Academic Press, 668 p.

- Nyári, Á. S. (2007). Phylogeographic patterns, molecular and vocal differentiation, and species limits in *Schiffornis turdina* (Aves). *Molecular phylogenetics and evolution*, 44(1): 154-164.
- Oliveira-Filho, A. T. & Fontes, M. A. L. 2000. Patterns of floristic differentiation among Atlantic forests in southeastern Brazil and the influence of climate. *Biotropica* 32: 793–810.
- Oliveira-Filho, A. T., Jarenkow, J. A. & Rodal, M. J. N. 2006. Floristic relationships of seasonally dry forests of eastern South America based on tree species distribution patterns, pp. 159-192. In: Pennington, R. T.; Lewis, G. P. & Ratter, J. A. (Eds.). *Neotropical savannas and dry forests: plant diversity, biogeography and conservation*. The Systematics Association, CRC Press.
- Olmos, A. 2009. *Aves en el Uruguay*. Montevideo: Tradinco, 502p
- Olmos, F. 2003. Birds of Mata Estrela private reserve, Rio Grande do Norte, Brazil. *Cotinga* 20: 23-30.
- Olmos, F. 2005. Aves ameaçadas, prioridades e políticas de conservação no Brasil. *Natureza e Conservação*, 3(1): 21–42.
- Olmos, F. 2008. Os Tristes Trópicos de Murici. *O Eco*. Disponível em: www.oeco.org.br/fabio-olmos/18328-oeco_25942 . [acesso: 01/06/2013]
- Olson, D. M., Dinerstein, E., Wikramanayake, E. D., Burgess, N. D., Powell, G. V., Underwood, E. C., ... & Kassem, K. R. 2001. Terrestrial Ecoregions of the World: A New Map of Life on Earth: A new global map of terrestrial ecoregions provides an innovative tool for conserving biodiversity. *BioScience*, 51(11): 933-938.
- Oniki, Y. & Willis, E. O. 2002. *Bibliography of Brazilian birds: 1500–2002*. Rio Claro, Divisa Editora.
- Pacheco, J. F. 1993. Expansões geográficas de aves do Rio de Janeiro, R.42. In: *Resumos do III Congresso Brasileiro de Ornitologia*. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas.
- Pacheco, J. F. 2004. As aves da Caatinga: uma análise histórica do conhecimento, pp. 189–250. In: Silva, J. M. C.; Tabarelli, M.; Fonseca, M. T. & Lins, L. V. (Orgs) *Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação*. Brasília: MMA, Universidade Federal de Pernambuco, Fundação de Desenvolvimento da UFPE, Conservation International do Brasil, Fundação Biodiversitas e Embrapa Semi-Árido.

- Pacheco, J. F. (1999). É de Minas Gerais o exemplar único e original de *Nemosia rourei*. *Atualidades Orn*, 89: 7.
- Pacheco, J. F. 2011. Algumas fontes para a presença histórica da anhumã ou inhuma *Anhima cornuta* (Anseriformes: Anhimidae) no estado do Rio de Janeiro. *Atualidades Ornitológicas* 163: 4-5
- Pacheco, J. F. & Bauer, C., 2000. *Estado da arte da ornitologia na Mata Atlântica e Campos Sulinos*. Relatório Técnico não publicado
- Papavero, N. 1971. *Essays on the history of Neotropical Dipterology, with special reference to collectors (1750–1905)*, v.1. São Paulo: Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, 216p.
- Papavero, N. 1973. *Essays on the history of Neotropical Dipterology, with special reference to collectors (1750–1905)*, v.2. São Paulo: Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, 230p.
- Parrini, R., Raposo, M. A., Pacheco, J. F., Carvalhães, A. M., Melo-Júnior, T. A., Fonseca, P. D., & Minns, J. C. 1999. Birds of the Chapada Diamantina, Bahia, Brazil. *Cotinga*, 11: 86-95.
- Parker, T.A., III, Stotz, D.F. & Fitzpatrick, J.W. 1996. Ecological and distributional databases, pp. 118–291. In: Stotz, D.F.; Fitzpatrick, J.W.; Parker, T.A. III & Moskovits, D.K. (Eds.), *Neotropical Birds: Ecology and Conservation*. Illinois, University of Chicago Press, 479.
- Patané, J. S.; Weckstein, J. D.; Aleixo, A. & Bates, J. M. 2009. Evolutionary history of *Ramphastos* toucans: molecular phylogenetics, temporal diversification, and biogeography. *Molecular Phylogenetics and Evolution*, 53: 923-934.
- Paynter, R. 1991. The maturation of Brazilian ornithology. *Ararajuba*, 2: 105–106.
- Pessoa, R. O. 2001. Variação geográfica em *Conopophaga melanops* (Aves: Conopophagidae), uma espécie endêmica da Mata Atlântica. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba.
- Pessoa, R. O. 2007. Sistemática e biogeografia histórica da Família Conopophagidae (Aves: Passeriformes): especiação nas florestas da América do Sul. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 94p.
- Peterson, A. T. & Navarro-Singüenza, A. G. 1999. Alternate species concepts as bases for determining priority conservation areas. *Conservation Biology* 13(2): 427–431.

- Phillimore, A. B., & Owens, I. P. 2006. Are subspecies useful in evolutionary and conservation biology?. *Proceedings of the Royal Society B*, 273(1590): 1049-1053.
- Piacentini, V. Q. 2011. *Taxonomia e distribuição geográfica dos representantes do gênero Phaethornis Swainson, 1827 (Aves: Trochilidae)*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 414p.
- Pimm, S. L. 2000. Will the Americas lose bird species? If so, where and when?, pp. 25–39. *In: Alves, M. A. S.; Silva, J. M. C.; Sluys, M. V.; Bergallo, H. G. & Rocha, C. F. D. (Org.) A ornitologia no Brasil: pesquisa atual e perspectivas*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Pinto, O. M. O. 1938. Catálogo das aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista. Parte 1. *Revista do Museu Paulista*, 22: 1–566.
- Pinto, O. M. O. 1942. Notas sobre as aves mencionadas por Pero Vaz de Caminha. *Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia*, 2(9): 135–142.
- Pinto, O. M. O. 1944. *Catálogo das aves do Brasil e lista dos exemplares existentes na coleção do Departamento de Zoologia*. Parte 2. São Paulo, Departamento de Zoologia, Secretaria de Agricultura Indústria e Comércio.
- Pinto, O. M. O. 1945. Cinquenta anos de investigação ornitológica. *Arq. Zool. S. Paulo*, 4(8): 261–340.
- Pinto, O. M. O. 1964. *Ornitologia Brasiliense. Catálogo descritivo e ilustrado das aves do Brasil*. Departamento de Zoologia, Secretaria de Agricultura de São Paulo, São Paulo.
- Pinto, O. M. O. 1978. *Novo catálogo das Aves do Brasil, primeira parte*. São Paulo, Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais.
- Pinto, O. M. O. 1979. *A ornitologia do Brasil através das idades (século XVI a século XIX)*. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais (Brasiliensia Documenta XIII).
- Rahbek, C. 1997. The relationship among area, elevation, and regional species richness in neotropical birds. *The American Naturalist*, 149(5): 875-902.
- Rajão, H. & Cerqueira, R. 2006. Distribuição altitudinal e simpatria das aves do gênero *Drymophila* Swainson (Passeriformes, Thamnophilidae) na Mata Atlântica. *Revista Brasileira de Zoologia*, 23(3): 597–607.
- Ramírez-Barahona, S. & Eguiarte, L. E. 2013. The role of glacial cycles in promoting genetic diversity in the Neotropics: the case of cloud forests during the Last Glacial Maximum. *Ecology and Evolution*, 3(3): 725-738.

- Rego, M. A. Moreira-Lima, L., Silveira, L. F. & Frahnert, S. 2013. On the ornithological collection of Friedrich Sellow in Brazil (1814–1831), with some considerations about the provenance of his specimens. *Zootaxa*, 3616(5): 478-484.
- Reys, M. M. C. 1997 (1785). *Manuscritos de Manoel Martinz do Couto Reys, 1785*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.
- Ribeiro, K. T., Nascimento, J. S., Madeira, J. A. & Ribeiro, L. C. 2009a. Aferição dos limites da Mata Atlântica na Serra do Cipó, MG, Brasil, visando maior compreensão e proteção de um mosaico vegetacional fortemente ameaçado. *Natureza & Conservação*, 7(1): 30-48.
- Ribeiro, M. C.; Metzger, J. P.; Martensen, A. C.; Ponzoni, F. & Hirota, M. 2009b. Brazilian Atlantic forest: how much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. *Biological Conservation*, 142: 1141–1153.
- Ridgely, R. S. & Tudor, G. 2009. *Field guide to the songbirds of South America: the passerines*. University of Texas Press, Austin.
- Ridgely, R. S., & Tudor, G. 1989. *The birds of South America. Volume I. The Oscine Passerines*. University of Texas Press, Austin.
- Ridgely, R. S., & Tudor, G. 1994. *The birds of South America. Volume II. The Suboscine Passerines*. University of Texas Press, Austin.
- Rivas-Martínez, S. & Navarro, G. 1994. Mapa biogeográfico de Suramérica. Madrid.
- Rizzini, C. T., 1979. *Tratado de Fitogeografia do Brasil, aspectos sociológicos e florísticos*. São Paulo: Ed Universidade de São Paulo
- Rosário, L. A. 1996. *As aves em Santa Catarina: distribuição geográfica e meio ambiente*. Florianópolis: FATMA. 352p.
- Ryder, O. A. 1986. Species conservation and systematics: the dilemma of subspecies. *Trends in Ecology & Evolution*, 1(1): 9-10.
- Sampaio, A. J., 1940. Fitogeografia. *Revista Brasileira de Geografia* 2(1): 59–78.
- Sampaio, F. A. 1971 (1782, 1789). História dos reinos vegetal, animal e mineral do Brasil, pertencente à medicina. *Anais da Biblioteca Nacional*, 89, 2 v.
- Santos, A. M. M.; Cavalcanti, D. R. & Cardoso, J. M. 2007. Biogeographical relationships among tropical forests in north-eastern Brazil. *Journal of Biogeography*, 34: 437-446.
- Santos, R. M., Oliveira-Filho, A. T., Eisenlohr, P. V., Queiroz, L. P., Cardoso, D. B., & Rodal, M. J. 2012. Identity and relationships of the Arboreal Caatinga among other

- floristic units of seasonally dry tropical forests (SDTFs) of north-eastern and Central Brazil. *Ecology and evolution*, 2(2): 409-428.
- Scherer-Neto, P.; Straube, F. C.; Carrano, E. & Urben-Filho, A. 2011. Lista das aves do Paraná. *Hori Cadernos Técnicos*, 2: 1-130.
- Schluter, D. 2009. Evidence for ecological speciation and its alternative. *Science*, 323: 737–741.
- Sick, H. 1985. Observations on the Andean-Patagonian component of southeastern Brazil's avifauna. *Ornithological Monographs*, 36: 233–237.
- Sick, H. 1997. *Ornitologia Brasileira*. (Edição revista e ampliada por J. F. Pacheco) Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Sigrist, M. S. & Carvalho, C. J. 2008. Detection of areas of endemism on two spatial scales using Parsimony Analysis of Endemicity (PAE): the Neotropical region and the Atlantic Forest. *Biota Neotropica*, 8(4): 33-42.
- Silva, J. M. C. 1996. Distribution of Amazonian and Atlantic birds in gallery forests of the Cerrado region, South America. *Ornitologia Neotropical*, 7(1): 1–18.
- Silva, J. M. C. & Casteleti, C. H. M. 2003. Status of the Biodiversity of the Atlantic Forest of Brazil, p 43–59. In: Galindo-Leal, C. & Câmara, I. G. (Eds.) *The Atlantic Forest of South America: Biodiversity status, threats, and outlook*. Washington, Island Press, 446 p.
- Silva, J. M. C. & Santos, M. P. D. 2005. A importância relativa dos processos biogeográficos na formação da avifauna do Cerrado e de outros biomas brasileiros, pp. 224-233. In: Scariot, A. O. Silva, J. C. S. & Felfili, J. M. (Orgs.) *Biodiversidade Ecologia e Conservação do Cerrado*. Ministério do Meio Ambiente, Brasília.
- Silva, J. M. C. & Straube, F. C. 1996. Systematics and biogeography of scaled woodcreepers (Aves: Dendrocolaptidae). *Studies on Neotropical Fauna and Environment*, 31(1): 3–10.
- Silva, J. M. C., de Souza, M. A., Bieber, A. G. D., & Carlos, C. J. 2003. Aves da Caatinga: status, uso do habitat e sensibilidade, pp. 237- 273. In: Leal, I. R.; Tabarelli, M. & Silva, J. M. C. (Orgs.) *Ecologia e conservação da Caatinga*. Editora Universitária UFPE.
- Silva, J. M. C.; Sousa, M. C.; Castelletti, C. H. 2004. Areas of endemism for passerine birds in the Atlantic forest, South America. *Global Ecology and Biogeography*, 13(1): 85–92.
- Silva, S.; Moraes-Barros, N. A.; Ribas, C. C.; Ferrand, N.; Morgante, J. S. 2012. Divide to conquer: a complex pattern of biodiversity depicted by vertebrate components in the Brazilian Atlantic Forest. *Biological Journal of the Linnean Society*, 107(1): 39–55.

- Silveira, L. F. & Straube, F. C. 2008. Aves ameaçadas de extinção no Brasil, pp. 379–383. In: Machado, A. B.; Drummond, G. M. & Paglia, A. P. (Orgs.) *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente.
- Silveira, L. F. 2009. *Formicivora* aff. *Acutirostris*, p. 209. In: Bressan, P. M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A. M. (Orgs.). *Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: Vertebrados*. São Paulo: Fundação Parque Zoológico de São Paulo e Secretaria do Meio Ambiente.
- Silveira, L.F. & Olmos, F. 2007. Quantas espécies de aves existem no Brasil? Conceitos de espécie, conservação e o que falta descobrir. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 15(2): 289–296.
- Simon, J. E. 2009. A lista das aves do Espírito Santo, pp. LV-LXXXVIII. In: Simon, J. E. Raposo, M. A.; Stopiglia, R. & Peres, J. (Orgs.). *Livro de resumos do XVII Congresso Brasileiro de Ornitologia*. Aracruz: TecArt.
- Sousa, G. S. 1938. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Staden, H. 1927 (1557). Warhaftige Historia und beschreibung eyner Landtschafft der wilden nacketen grimmigen Menschfresser Leuthen in der Newenwelt America gelegen, vor und nach Christi geburt im Land zü Hessen unbekant, biss uff diese ij, nechst vergangene jar, Da sie Hans Staden von Homberg auss Hessen durch sein eygne erfahrung erkant, und yetz durch den truck an tag gibt. Frankfurt: Wüsten. (Edição fac-similar, não paginada, com notas de Richard N.Wegner).
- Stattersfield, A. J.; Crosby, M. J.; Long, A. J. & Wege, D. C. 1998. *Endemic bird areas of the world: priorities for biodiversity conservation*. Cambridge, Burlington Press.
- Steinberger, M. & Rodrigues, R. J. 2010. Conflitos na delimitação territorial do Bioma Mata Atlântica. *Geografias (UFMG)*, 6(2): 37-48.
- Stiles, F. G. 2009. A review of the genus *Momotus* (Coraciiformes: Momotidae) in northern South America and adjacent areas. *Ornitología Colombiana*, 8: 29-75.
- Stopiglia, R.; Straker, L. C. & Raposo, M. A. 2009. Kinglet *Calyptura Calyptura cristata* (Vieillot, 1818): documented record for the state of São Paulo and taxonomic status of the name *Pipra tyrannulus* Wagler, 1830. *Bulletin of the British Ornithologists' Club*, 129(3): 185-188.
- Straube, F. C. & Di Giacomio, A. 2007. A avifauna das regiões subtropical e temperada do Neotrópico: desafios biogeográficos. *Ciência & Ambiente*, 35: 137–166.

- Straube, F. C. 1998. O Cerrado no Paraná: ocorrência original e atual e subsídios para sua conservação. *Cadernos da Biodiversidade*, 1(2): 12-24.
- Straube, F. C. 2000. Johann Natterer (1787–1843): naturalista-maior do Brasil. *Nattereria*, 1: 4–13.
- Straube, F. C. 2010. Reavaliação dos registros históricos de araras para o estado de Santa Catarina. *Atualidades Ornitológicas, on-line*, 157: 75-84
- Straube, F. C. 2011. *Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná. Período Pré-Nattereriano (1541 a 1819)*. Curitiba: Hori Consultoria Ambiental. (Hori Cadernos Técnicos, n. 3. 195 p.)
- Straube, F. C. 2012. *Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 1 (1820 a 1834)*. Curitiba: Hori Consultoria Ambiental. (Hori Cadernos Técnicos, n. 5. 241p.)
- Szabo, J. K., Khwaja, N., Garnett, S. T., & Butchart, S. H. 2012. Global patterns and drivers of avian extinctions at the species and subspecies level. *PloS One*, 7(10), e47080.
- Tabarelli, M., Pinto, L. P., Silva, J. M. C. da, & Costa, C. M. R. 2003. The Atlantic Forest of Brazil: endangered species and conservation planning, pp. 86–94. In: Galindo-Leal, C. & Câmara, I. G. (Eds.) *The Atlantic Forest of South America: Biodiversity status, threats, and outlook*. Washington, Island Press, 446 p.
- Teixeira, D. M. 1992. As Fontes do Paraíso: um ensaio sobre a ornitologia no Brasil Holandês (1624–1654). *Revista Nordestina de Biologia*, 7(1): 1–149.
- Teixeira, D. M. & Papavero, N. 2003. *Os Primeiros Documentos sobre a História Natural do Brasil (1500–1511). Viagens de Pinzón, Cabral, Vespucci, Albuquerque, do Capitão de Gonneville e da Nau Bretoa*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Teixeira, D. M. & Papavero, N. 2006. Os animais do Descobrimento: a fauna brasileira mencionada nos documentos relativos à viagem de Pedro Álvares Cabral (1500–1501). *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, 111:1–136.
- Teixeira, D. M.; Papavero, N. & Pujol-Luz, J. R. 1999. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do Século XVIII. 7. Capítulo VIII: “Notícia das aves, q” se conhecem no Brazil, com a distinção, e circunscas de cada húa delas. *Historia Naturalis*, 2(7) 155–186.
- Thevet, A. 1878 (1557). *Les singularitez de la France antarctique*; nouv. éd. Paris: Maisonneuve.

- Vanzolini, P. E. 1963. Problemas faunísticos do Cerrado, pp. 305-321. *Simpósio sobre o Cerrado*. São Paulo, 427p.
- Vanzolini, P. E. 1970. *Zoologia sistematica, geografia e a origem das especies*. São Paulo: Instituto Geografico. 56 p.
- Vasconcelos, M. F. D. 2011. O que são campos rupestres e campos de altitude nos topos de montanha do leste do Brasil?. *Revista Brasileira de Botânica*, 34(2): 241-246.
- Vasconcelos, M. F. 2008. Mountaintop endemism in eastern Brazil: why some bird species from campos rupestres of the Espinhaço Range are not endemic to the Cerrado region. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 16(4): 348–362.
- Vasconcelos, M. F., & D'Angelo-Neto, S. 2007. Padrões de distribuição e conservação da avifauna na região central da Cadeia do Espinhaço e áreas adjacentes, Minas Gerais, Brasil. *Cotinga*, 28: 27-44
- Vasconcelos, M. F.; Rodrigues, M. 2010. Patterns of geographic distribution and conservation of the open-habitat avifauna of southeastern Brazilian mountaintops (*campos rupestres* and *campos de altitude*). *Papéis Avulsos de Zoologia*, 50(1): 1–29.
- Vaurie, C. 1965. Systematic notes on the bird family Cracidae. No. 3: *Ortalis guttata*, *Ortalis superciliaris*, and *Ortalis motmot*. *American Museum Novitates*, 2232.
- Vuilleumier, F. 1988. Avian diversity in tropical ecosystems of South America and the design of national parks. *Biota Bulletin*, 1(2): 5–32.
- Weckstein, J. D. 2005. Molecular phylogenetics of the Ramphastos toucans: implications for the evolution of morphology, vocalizations, and coloration. *The Auk*, 122(4): 1191-1209.
- Weir, J. T. & Price, M. 2011. Andean uplift promotes lowland speciation through vicariance and dispersal in *Dendrocincla* woodcreepers. *Molecular Ecology*, 20(21): 4550-4563.
- Whitney, B. M. 2003. Family Conopophagidae (Gnateaters), pp. 732-747. In: del Hoyo, J.; Elliot, A., & Christie, D. A. (Eds.). *Handbook of the birds of the world. Vol. 8, Broadbills to Tapaculos*. Lynx Edicions.
- Whitney, B. M.; Pacheco, J. F.; Buzzetti, D. R. & Parrini, R. 2000. Systematic revision and biogeography of the *Herpsilochmus pileatus* complex, with description of a new species from northeastern Brazil. *The Auk*, 117(4): 869-891.
- Whitney, B. M.; Pacheco, J. F.; Fonseca, P. S. M.; Webster, R. E.; Kirwan, G. M. & Mazar-Barnett, J. 2003. Reassignment of *Chordeiles vielliardi* Lencioni-Neto, 1994, to *Nyctiprogne* Bonaparte, 1857, with comments on the latter genus and some presumably

- related chordeilines (Caprimulgidae). *Bulletin of the British Ornithologists' Club*, 123(2): 103-112.
- Whitney, B. M.; Vasconcelos, M. F.; Silveira, L. F. & Pacheco, J. F. 2010. *Scytalopus petrophilus* (Rock Tapaculo): a new species from Minas Gerais, Brazil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 18(2): 73-88.
- Wied, M. 1820. *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817*. Frankfurt.
- Willis, E. O. 1992. Zoogeographical origins of eastern Brazilian birds. *Ornitologia Neotropical*, 3:1-15
- Wilson, E. O. & Brown, Jr., W. L. 1953. The subspecies concept and its taxonomic application. *Systematic Zoology* 2: 97-111.
- Winker, K. 2010. Subspecies represent geographically partitioned variation, a gold mine of evolutionary biology, and a challenge for conservation. *Ornithological Monographs* 67: 6-23.
- Zimmer, J. T. 1931-1955. Studies of Peruvian birds, 1-66. *American Museum Novitates*.
- Zimmer, K. J. 2008. The White-eyed Foliage-gleaner (Furnariidae: Automolus) is two species. *The Wilson Journal of Ornithology*, 120(1): 10-25.
- Zimmer, K. J., & Isler, M. L. (2003). Family Thamnophilidae (typical antbirds), pp. 448-681. In: del Hoyo, J.; Elliot, A., & Christie, D. A. (Eds.). *Handbook of the birds of the world*. Vol. 8, Broadbills to Tapaculos. Lynx Edicions.
- Zink, R. M. 2004. The role of subspecies in obscuring avian biological diversity and misleading conservation policy. *Proceedings of the Royal Society of London. Series B*, 271(1539): 561-564.

APÊNDICES

Apêndice 1. Lista das aves da Mata Atlântica indicando nome em português, nome em inglês, status de ocorrência e habitat. Status: R – residente, MI / MP – migrante interno / migrante parcial, MNR – migrante não reprodutivo, MR – migrante reprodutivo, I – introduzida, * indica status presumido. Habitat: AA – ambientes abertos antrópicos, AN – ambientes abertos naturais, F – florestas, G – espécie generalista, M – ambientes marinhos costeiros, U – ambientes úmidos.

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
Tinamiformes Huxley, 1872				
Tinamidae Gray, 1840				
<i>Tinamus solitarius</i> (Vieillot, 1819)	macuco	Solitary Tinamou	R	F
<i>Crypturellus soui</i> (Hermann, 1783)	tururim	Little Tinamou	R	F
<i>Crypturellus obsoletus</i> (Temminck, 1815)	inhambuquacu	Brown Tinamou	R	F
<i>Crypturellus strigulosus</i> (Temminck, 1815)	inhambu-relógio	Brazilian Tinamou	R	F
<i>Crypturellus noctivagus</i> (Wied, 1820)	jaó-do-sul	Yellow-legged Tinamou	R	F
<i>Crypturellus variegatus</i> (Gmelin, 1789)	inhambu-anhangá	Variegated Tinamou	R	F
<i>Crypturellus parvirostris</i> (Wagler, 1827)	inhambu-chororó	Small-billed Tinamou	R	AA
<i>Crypturellus tataupa</i> (Temminck, 1815)	inhambu-chintã	Tataupa Tinamou	R	F
<i>Rhynchotus rufescens</i> (Temminck, 1815)	perdiz	Red-winged Tinamou	R	AA
<i>Nothura boraquira</i> (Spix, 1825)	codorna-do-nordeste	White-bellied Nothura	R	AA
<i>Nothura maculosa</i> (Temminck, 1815)	codorna-amarela	Spotted Nothura	R	AA
Anseriformes Linnaeus, 1758				
Anhimidae Stejneger, 1885				

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Anhima cornuta</i> (Linnaeus, 1766)	anhuma	Horned Screamer	R	U
<i>Chauna torquata</i> (Oken, 1816)	tachã	Southern Screamer	R	U
Anatidae Leach, 1820				
<i>Dendrocygna bicolor</i> (Vieillot, 1816)	marreca-caneleira	Fulvous Whistling-Duck	MI / MP	U
<i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus, 1766)	irerê	White-faced Whistling-Duck	MI / MP	U
<i>Dendrocygna autumnalis</i> (Linnaeus, 1758)	asa-branca	Black-bellied Whistling-Duck	MI / MP	U
<i>Cygnus melancoryphus</i> (Molina, 1782)	cisne-de-pescoço-preto	Black-necked Swan	MI / MP	U
<i>Coscoroba coscoroba</i> (Molina, 1782)	caporotoca	Coscoroba Swan	MI / MP	U
<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)	pato-do-mato	Muscovy Duck	R*	U, F
<i>Sarkidiornis sylvicola</i> Ihering & Ihering, 1907	pato-de-crista	Comb Duck	MI / MP	U
<i>Callonetta leucophrys</i> (Vieillot, 1816)	marreca-de-coleira	Ringed Teal	MI / MP	U
<i>Amazonetta brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)	pé-vermelho	Brazilian Teal	MI / MP	U
<i>Anas flavirostris</i> Vieillot, 1816	marreca-pardinha	Yellow-billed Teal	MI / MP*	U
<i>Anas georgica</i> Gmelin, 1789	marreca-parda	Yellow-billed Pintail	MI / MP*	U
<i>Anas bahamensis</i> Linnaeus, 1758	marreca-toicinho	White-cheeked Pintail	MI / MP	U
<i>Anas versicolor</i> Vieillot, 1816	marreca-cricri	Silver Teal	MI / MP*	U
<i>Netta erythrophthalma</i> (Wied, 1832)	paturi-preta	Southern Pochard	MI / MP	U
<i>Netta peposaca</i> (Vieillot, 1816)	marreção	Rosy-billed Pochard	MNR	U
<i>Mergus octosetaceus</i> Vieillot, 1817	pato-mergulhão	Brazilian Merganser	R	U
<i>Nomonyx dominica</i> (Linnaeus, 1766)	marreca-de-bico-roxo	Masked Duck	MI / MP*	U
Galliformes Linnaeus, 1758				
Cracidae Rafinesque, 1815				

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Ortalis guttata</i> (Spix, 1825)	aracuaã	Speckled Chachalaca	R	F
<i>Ortalis aracuan</i> (Spix, 1825)	aracuaã-de-barriga-branca	White-bellied Chachalaca	R	F
<i>Ortalis squamata</i> (Lesson, 1829)	aracuaã-escamoso	Escaped Chachalaca	R	F
<i>Penelope superciliosus</i> Temminck, 1815	jacupemba	Rusty-margined Guan	R	F
<i>Penelope obscura</i> Temminck, 1815	jacuaçu	Dusky-legged Guan	R	F
<i>Aburria jacutinga</i> (Spix, 1825)	jacutinga	Black-fronted Piping-Guan	R	F
<i>Pauxi mitu</i> (Linnaeus, 1766)	mutum-do-nordeste	Alagoas Curassow	R	F
<i>Crax fasciolata</i> Spix, 1825	mutum-de-penacho	Bare-faced Curassow	R	F, AA
<i>Crax blumenbachii</i> Spix, 1825	mutum-de-bico-vermelho	Red-billed Curassow	R	F
Odontophoridae Gould, 1844				
<i>Odontophorus capueira</i> (Spix, 1825)	uru	Spot-winged Wood-Quail	R	F
Podicipediformes Fürbringer, 1888				
Podicipedidae Bonaparte, 1831				
<i>Rollandia rolland</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	mergulhão-de-orelha-branca	White-tufted Grebe	MI / MP	U
<i>Tachybaptus dominicus</i> (Linnaeus, 1766)	mergulhão-pequeno	Least Grebe	MI / MP	U
<i>Podilymbus podiceps</i> (Linnaeus, 1758)	mergulhão-caçador	Pied-billed Grebe	MI / MP	U
<i>Podiceps major</i> (Boddaert, 1783)	mergulhão-grande	Great Grebe	MI / MP	U
Procellariiformes Fürbringer, 1888				
Procellariidae Leach, 1820				
<i>Puffinus lherminieri</i> Lesson, 1839	pardela-de-asa-larga	Audubon's Shearwater	MR	M
Ciconiiformes Bonaparte, 1854				
Ciconiidae Sundevall, 1836				

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Ciconia maguari</i> (Gmelin, 1789)	maguari	Maguari Stork	MI / MP*	U
<i>Jabiru mycteria</i> (Lichtenstein, 1819)	tuiuiú	Jabiru	MI / MP	U
<i>Mycteria americana</i> Linnaeus, 1758	cabeça-seca	Wood Stork	MI / MP	U
Suliformes Sharpe, 1891				
Fregatidae Degland & Gerbe, 1867				
<i>Fregata magnificens</i> Mathews, 1914	tesourão	Magnificent Frigatebird	R	M
Sulidae Reichenbach, 1849				
<i>Sula leucogaster</i> (Boddaert, 1783)	atobá-pardo	Brown Booby	R	M
Phalacrocoracidae Reichenbach, 1849				
<i>Phalacrocorax brasilianus</i> (Gmelin, 1789)	biguá	Neotropic Cormorant	MI / MP	U, M
Anhingidae Reichenbach, 1849				
<i>Anhinga anhinga</i> (Linnaeus, 1766)	biguatinga	Anhinga	MI / MP	U
Pelecaniformes Sharpe, 1891				
Ardeidae Leach, 1820				
<i>Tigrisoma lineatum</i> (Boddaert, 1783)	socó-boi	Rufescent Tiger-Heron	R	U
<i>Tigrisoma fasciatum</i> (Such, 1825)	socó-boi-escuro	Fasciated Tiger-Heron	R	U
<i>Cochlearius cochlearius</i> (Linnaeus, 1766)	arapapá	Boat-billed Heron	R	U, F
<i>Botaurus pinnatus</i> (Wagler, 1829)	socó-boi-baio	Pinnated Bittern	R	U
<i>Ixobrychus exilis</i> (Gmelin, 1789)	socoi-vermelho	Least Bittern	MI / MP	U
<i>Ixobrychus involutus</i> (Vieillot, 1823)	socoi-amarelo	Stripe-backed Bittern	MI / MP	U
<i>Nycticorax nycticorax</i> (Linnaeus, 1758)	savacu	Black-crowned Night-Heron	MI / MP	U
<i>Nyctanassa violacea</i> (Linnaeus, 1758)	savacu-de-coroa	Yellow-crowned Night-Heron	R	U

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Butorides striata</i> (Linnaeus, 1758)	socozinho	Striated Heron	MI / MP	U
<i>Bubulcus ibis</i> (Linnaeus, 1758)	garça-vaqueira	Cattle Egret	R	AA
<i>Ardea cocoi</i> Linnaeus, 1766	garça-moura	Cocoi Heron	MI / MP	U
<i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758	garça-branca-grande	Great Egret	MI / MP	U, M
<i>Syrigma sibilatrix</i> (Temminck, 1824)	maria-faceira	Whistling Heron	R	AA
<i>Ptilherodius pileatus</i> (Boddaert, 1783)	garça-real	Capped Heron	R	U, F
<i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)	garça-branca-pequena	Snowy Egret	MI / MP	U, M
<i>Egretta caerulea</i> (Linnaeus, 1758)	garça-azul	Little Blue Heron	MI / MP	U, M
Threskiornithidae Poche, 1904				
<i>Eudocimus ruber</i> (Linnaeus, 1758)	guará	Scarlet Ibis	R	M
<i>Plegadis chihi</i> (Vieillot, 1817)	caraúna-de-cara-branca	White-faced Ibis	MI / MP	U, M
<i>Mesembrinibis cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	coró-coró	Green Ibis	R	U, F
<i>Phimosus infuscatus</i> (Lichtenstein, 1823)	tapicuru-de-cara-pelada	Bare-faced Ibis	MI / MP	U, AA
<i>Theristicus caudatus</i> (Boddaert, 1783)	curicaca	Buff-necked Ibis	MI / MP	AA
<i>Platalea ajaja</i> Linnaeus, 1758	colhereiro	Roseate Spoonbill	MI / MP	U, M
Phoenicopteriformes Fürbringer, 1888				
Phoenicopteridae Bonaparte, 1831				
<i>Phoenicopterus chilensis</i> Molina, 1782	flamingo-chileno	Chilean Flamingo	MNR	U, M
<i>Phoenicoparrus andinus</i> (Philippi, 1854)	flamingo-grande-dos-andes	Andean Flamingo	MNR*	U, M
Cathartiformes Seebohm, 1890				
Cathartidae Lafresnaye, 1839				
<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-de-cabeça-vermelha	Turkey Vulture	MI / MP	G

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Cathartes burrovianus</i> Cassin, 1845	urubu-de-cabeça-amarela	Lesser Yellow-headed Vulture	R	AA
<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)	urubu-de-cabeça-preta	Black Vulture	R	G
<i>Sarcoramphus papa</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-rei	King Vulture	R	F
Accipitriformes Bonaparte, 1831				
Pandionidae Bonaparte, 1854				
<i>Pandion haliaetus</i> (Linnaeus, 1758)	águia-pescadora	Osprey	MNR	U, M
Accipitridae Vigors, 1824				
<i>Leptodon cayanensis</i> (Latham, 1790)	gavião-de-cabeça-cinza	Gray-headed Kite	R	F
<i>Leptodon forbesi</i> (Swann, 1922)	gavião-de-pescoço-branco	White-collared Kite	R	F
<i>Chondrohierax uncinatus</i> (Temminck, 1822)	caracoleiro	Hook-billed Kite	R*	F
<i>Elanoides forficatus</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-tesoura	Swallow-tailed Kite	MR	F
<i>Gampsonyx swainsonii</i> Vigors, 1825	gavião-zinho	Pearl Kite	R	AA
<i>Elanus leucurus</i> (Vieillot, 1818)	gavião-peneira	White-tailed Kite	R	AA
<i>Harpagus bidentatus</i> (Latham, 1790)	gavião-ripina	Double-toothed Kite	R	F
<i>Harpagus diodon</i> (Temminck, 1823)	gavião-bombachinha	Rufous-thighed Kite	MR	F
<i>Circus buffoni</i> (Gmelin, 1788)	gavião-do-banhado	Long-winged Harrier	MI / MP	U
<i>Accipiter poliogaster</i> (Temminck, 1824)	tauatô-pintado	Gray-bellied Hawk	R	F
<i>Accipiter superciliosus</i> (Linnaeus, 1766)	gavião-miudinho	Tiny Hawk	R	F
<i>Accipiter striatus</i> Vieillot, 1808	gavião-miúdo	Sharp-shinned Hawk	MI / MP	F
<i>Accipiter bicolor</i> (Vieillot, 1817)	gavião-bombachinha-grande	Bicolored Hawk	R	F
<i>Ictinia plumbea</i> (Gmelin, 1788)	sovi	Plumbeous Kite	MR	F
<i>Busarellus nigricollis</i> (Latham, 1790)	gavião-belo	Black-collared Hawk	R	U, F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Rostrhamus sociabilis</i> (Vieillot, 1817)	gavião-caramujeiro	Snail Kite	MI / MP	U
<i>Geranospiza caerulescens</i> (Vieillot, 1817)	gavião-pernilongo	Crane Hawk	R	F
<i>Buteogallus aequinoctialis</i> (Gmelin, 1788)	caranguejeiro	Rufous Crab Hawk	R	M
<i>Heterospizias meridionalis</i> (Latham, 1790)	gavião-caboclo	Savanna Hawk	R	AA
<i>Amadonastur lacernulatus</i> (Temminck, 1827)	gavião-pombo-pequeno	White-necked Hawk	R	F
<i>Urubitinga urubitinga</i> (Gmelin, 1788)	gavião-preto	Great Black-Hawk	R	F, AA
<i>Urubitinga coronata</i> (Vieillot, 1817)	águia-cinzenta	Crowned Eagle	R	AA
<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788)	gavião-carijó	Roadside Hawk	R	G
<i>Parabuteo unicinctus</i> (Temminck, 1824)	gavião-asa-de-telha	Harris's Hawk	R	G
<i>Parabuteo leucorrhous</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	gavião-de-sobre-branco	White-rumped Hawk	R	F
<i>Geranoaetus albicaudatus</i> (Vieillot, 1816)	gavião-de-rabo-branco	White-tailed Hawk	R	AA
<i>Geranoaetus melanoleucus</i> (Vieillot, 1819)	águia-chilena	Black-chested Buzzard-Eagle	R	AN
<i>Pseudastur polionotus</i> (Kaup, 1847)	gavião-pombo-grande	Mantled Hawk	R	F
<i>Buteo nitidus</i> (Latham, 1790)	gavião-pedrês	Gray Hawk	R	AA, F
<i>Buteo brachyurus</i> Vieillot, 1816	gavião-de-cauda-curta	Short-tailed Hawk	R	G
<i>Buteo albonotatus</i> Kaup, 1847	gavião-de-rabo-barrado	Zone-tailed Hawk	R	G
<i>Morphnus guianensis</i> (Daudin, 1800)	uiraçu-falso	Crested Eagle	R	F
<i>Harpia harpyja</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-real	Harpy Eagle	R	F
<i>Spizaetus tyrannus</i> (Wied, 1820)	gavião-pegá-macaco	Black Hawk-Eagle	R	F
<i>Spizaetus melanoleucus</i> (Vieillot, 1816)	gavião-pato	Black-and-white Hawk-Eagle	R	F
<i>Spizaetus ornatus</i> (Daudin, 1800)	gavião-de-penacho	Ornate Hawk-Eagle	R	F
Falconiformes Bonaparte, 1831				

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
Falconidae Leach, 1820				
<i>Ibycter americanus</i> (Boddaert, 1783)	gralhão	Red-throated Caracara	R	F
<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)	caracará	Southern Caracara	R	G
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)	carrapateiro	Yellow-headed Caracara	R	G
<i>Milvago chimango</i> (Vieillot, 1816)	chimango	Chimango Caracara	MI / MP	G
<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	acauã	Laughing Falcon	R	AA, F
<i>Micrastur ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	falcão-caburé	Barred Forest-Falcon	R	F
<i>Micrastur mintoni</i> Whittaker, 2002	falcão-criptico	Cryptic Forest-Falcon	R	F
<i>Micrastur mirandollei</i> (Schlegel, 1862)	tanatau	Slaty-backed Forest-Falcon	R	F
<i>Micrastur semitorquatus</i> (Vieillot, 1817)	falcão-relogio	Collared Forest-Falcon	R	F
<i>Falco sparverius</i> Linnaeus, 1758	quiriquiri	American Kestrel	R	AA
<i>Falco ruficularis</i> Daudin, 1800	cauré	Bat Falcon	R	AA, F
<i>Falco deiroleucus</i> Temminck, 1825	falcão-de-peito-laranja	Orange-breasted Falcon	R	F
<i>Falco femoralis</i> Temminck, 1822	falcão-de-coleira	Aplomado Falcon	R	AA
<i>Falco peregrinus</i> Tunstall, 1771	falcão-peregrino	Peregrine Falcon	MNR	G
Gruiformes Bonaparte, 1854				
Aramidae Bonaparte, 1852				
<i>Aramus guarauna</i> (Linnaeus, 1766)	carão	Limpkin	R*	U
Rallidae Rafinesque, 1815				
<i>Coturnicops notatus</i> (Gould, 1841)	pinto-d'água-carijó	Speckled Rail	MI / MP*	U
<i>Rallus longirostris</i> Boddaert, 1783	saracura-matraca	Clapper Rail	R	M
<i>Aramides ypecaha</i> (Vieillot, 1819)	saracuruçu	Giant Wood-Rail	R	U

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Aramides mangle</i> (Spix, 1825)	saracura-do-mangue	Little Wood-Rail	MI / MP	M, F
<i>Aramides cajaneus</i> (Statius Muller, 1776)	saracura-três-potes	Gray-necked Wood-Rail	R	U, M
<i>Aramides saracura</i> (Spix, 1825)	saracura-do-mato	Slaty-breasted Wood-Rail	R	F, U
<i>Amaurolimnas concolor</i> (Gosse, 1847)	saracura-lisa	Uniform Crane	R	U, F
<i>Laterallus viridis</i> (Statius Muller, 1776)	sanã-castanha	Russet-crowned Crane	R	AA, U
<i>Laterallus melanophaius</i> (Vieillot, 1819)	sanã-parda	Rufous-sided Crane	R	U
<i>Laterallus exilis</i> (Temminck, 1831)	sanã-do-capim	Gray-breasted Crane	R	U
<i>Laterallus leucopyrrhus</i> (Vieillot, 1819)	sanã-vermelha	Red-and-white Crane	R	U
<i>Porzana flaviventer</i> (Boddaert, 1783)	sanã-amarela	Yellow-breasted Crane	MI / MP*	U
<i>Porzana albicollis</i> (Vieillot, 1819)	sanã-carijó	Ash-throated Crane	R	AA, U
<i>Neocrex erythrops</i> (Selater, 1867)	turu-turu	Paint-billed Crane	MNR*	U
<i>Pardirallus maculatus</i> (Boddaert, 1783)	saracura-carijó	Spotted Rail	MI / MP*	U
<i>Pardirallus nigricans</i> (Vieillot, 1819)	saracura-sanã	Blackish Rail	R	U
<i>Pardirallus sanguinolentus</i> (Swainson, 1837)	saracura-do-banhado	Plumbeous Rail	R	U
<i>Gallinula galeata</i> (Lichtenstein, 1818)	frango-d'água-comum	Common Gallinule	R	U
<i>Gallinula melanops</i> (Vieillot, 1819)	frango-d'água-carijó	Spot-flanked Gallinule	MI / MP*	U
<i>Porphyrio martinica</i> (Linnaeus, 1766)	frango-d'água-azul	Purple Gallinule	MI / MP*	U
<i>Fulica armillata</i> Vieillot, 1817	carqueja-de-bico-manchado	Red-gartered Coot	MI / MP	U
<i>Fulica rufifrons</i> Philippi & Landbeck, 1861	carqueja-de-escudo-vermelho	Red-fronted Coot	MI / MP	U
<i>Fulica leucoptera</i> Vieillot, 1817	carqueja-de-bico-amarelo	White-winged Coot	MI / MP	U
Heliornithidae Gray, 1840				
<i>Heliornis fulica</i> (Boddaert, 1783)	picaparra	Sungrebe	R	U, F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
Cariamiformes Furbringer, 1888				
Cariamidae Bonaparte, 1850				
<i>Cariama cristata</i> (Linnaeus, 1766)	seriena	Red-legged Seriema	R	AA
Charadriiformes Huxley, 1867				
Charadriidae Leach, 1820				
<i>Vanellus cayanus</i> (Latham, 1790)	batuíra-de-esporão	Pied Lapwing	MI / MP*	U
<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782)	quero-quero	Southern Lapwing	MI / MP	G
<i>Pluvialis dominica</i> (Statius Muller, 1776)	batuiriçu	American Golden-Plover	MNR	M, U
<i>Pluvialis squatarola</i> (Linnaeus, 1758)	batuiriçu-de-axila-preta	Black-bellied Plover	MNR	M
<i>Charadrius semipalmatus</i> Bonaparte, 1825	batuíra-de-bando	Semipalmated Plover	MNR	M, U
<i>Charadrius wilsonia</i> Ord, 1814	batuíra-bicuda	Wilson's Plover	MI / MP	M, U
<i>Charadrius collaris</i> Vieillot, 1818	batuíra-de-coleira	Collared Plover	MI / MP	M, U
<i>Charadrius falklandicus</i> Latham, 1790	batuíra-de-coleira-dupla	Two-banded Plover	MNR	M
<i>Charadrius modestus</i> Lichtenstein, 1823	batuíra-de-peito-tijolo	Rufous-chested Dotterel	MNR	M
Haematopodidae Bonaparte, 1838				
<i>Haematopus palliatus</i> Temminck, 1820	piru-piru	American Oystercatcher	R	M
Recurvirostridae Bonaparte, 1831				
<i>Himantopus mexicanus</i> (Statius Muller, 1776)	pernilongo-de-costas-negras	Black-necked Stilt	MI / MP	U
<i>Himantopus melanurus</i> Vieillot, 1817	pernilongo-de-costas-brancas	White-backed Stilt	MI / MP	U
Scolopacidae Rafinesque, 1815				
<i>Gallinago paraguaiae</i> (Vieillot, 1816)	narceja	South American Snipe	MI / MP	U
<i>Gallinago undulata</i> (Boddaert, 1783)	narcejão	Giant Snipe	R*	U

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Limnodromus griseus</i> (Gmelin, 1789)	maçarico-de-costas-brancas	Short-billed Dowitcher	MNR	M
<i>Limosa haemastica</i> (Linnaeus, 1758)	maçarico-de-bico-virado	Hudsonian Godwit	MNR	M
<i>Numenius hudsonicus</i> Latham, 1790	maçarico-de-bico-torto	Hudsonian Whimbrel	MNR	M
<i>Bartramia longicauda</i> (Bechstein, 1812)	maçarico-do-campo	Upland Sandpiper	MNR	AA
<i>Actitis macularius</i> (Linnaeus, 1766)	maçarico-pintado	Spotted Sandpiper	MNR	M
<i>Tringa solitaria</i> Wilson, 1813	maçarico-solitário	Solitary Sandpiper	MNR	M, U
<i>Tringa melanoleuca</i> (Gmelin, 1789)	maçarico-grande-de-perna-amarela	Greater Yellowlegs	MNR	M, U
<i>Tringa semipalmata</i> (Gmelin, 1789)	maçarico-de-asa-branca	Willet	MNR	M
<i>Tringa flavipes</i> (Gmelin, 1789)	maçarico-de-perna-amarela	Lesser Yellowlegs	MNR	M, U
<i>Arenaria interpres</i> (Linnaeus, 1758)	vira-pedras	Ruddy Turnstone	MNR	M
<i>Calidris canutus</i> (Linnaeus, 1758)	maçarico-de-papo-vermelho	Red Knot	MNR	M
<i>Calidris alba</i> (Pallas, 1764)	maçarico-branco	Sanderling	MNR	M
<i>Calidris pusilla</i> (Linnaeus, 1766)	maçarico-rasteirinho	Semipalmated Sandpiper	MNR	M
<i>Calidris minutilla</i> (Vieillot, 1819)	maçariquinho	Least Sandpiper	MNR	M, U
<i>Calidris fuscicollis</i> (Vieillot, 1819)	maçarico-de-sobre-branco	White-rumped Sandpiper	MNR	M
<i>Calidris melanotos</i> (Vieillot, 1819)	maçarico-de-colete	Pectoral Sandpiper	MNR	M, U
<i>Calidris himantopus</i> (Bonaparte, 1826)	maçarico-pernilongo	Stilt Sandpiper	MNR	M, U
<i>Tryngites subruficollis</i> (Vieillot, 1819)	maçarico-acanelado	Buff-breasted Sandpiper	MNR	M
<i>Phalaropus tricolor</i> (Vieillot, 1819)	pisa-n'água	Wilson's Phalarope	MNR	M
Jacaniidae Chenu & Des Murs, 1854				
<i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)	jaçanã	Wattled Jacana	MI / MP	U

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
Rostratulidae Mathews, 1914				
<i>Nycticorpes semicollaris</i> (Vieillot, 1816)	narceja-de-bico-torto	South American Painted-Snipe	MI / MP*	U
Laridae Rafinesque, 1815				
<i>Chroicocephalus maculipennis</i> (Lichtenstein, 1823)	gaivota-maria-velha	Brown-hooded Gull	MI / MP	M, U
<i>Chroicocephalus cirrocephalus</i> (Vieillot, 1818)	gaivota-de-cabeça-cinza	Grey-hooded Gull	MI / MP	M, U
<i>Larus dominicanus</i> Lichtenstein, 1823	gaivotão	Kelp Gull	R	M
Sternidae Vigors, 1825				
<i>Sternula antillarum</i> Lesson, 1847	trinta-réis-miúdo	Least Tern	MNR*	M
<i>Sternula superciliaris</i> (Vieillot, 1819)	trinta-réis-anão	Yellow-billed Tern	MI / MP	M, U
<i>Phaetusa simplex</i> (Gmelin, 1789)	trinta-réis-grande	Large-billed Tern	MI / MP	U
<i>Gelochelidon nilotica</i> (Gmelin, 1789)	trinta-réis-de-bico-preto	Gull-billed Tern	MNR	M
<i>Sterna hirundo</i> Linnaeus, 1758	trinta-réis-boreal	Common Tern	MNR	M
<i>Sterna dougallii</i> Montagu, 1813	trinta-réis-róseo	Roseate Tern	MNR	M
<i>Sterna paradisaea</i> Pontoppidan, 1763	trinta-réis-ártico	Arctic Tern	MNR	M
<i>Sterna hirundinacea</i> Lesson, 1831	trinta-réis-de-bico-vermelho	South American Tern	MI / MP	M
<i>Sterna trudeaui</i> Audubon, 1838	trinta-réis-de-coroa-branca	Snowy-crowned Tern	MNR	M
<i>Thalasseus acufavidus</i> (Cabot, 1847)	trinta-réis-de-bando	Cabot's Tern	MI / MP	M
<i>Thalasseus maximus</i> (Boddaert, 1783)	trinta-réis-real	Royal Tern	MI / MP*	M
Rynchopidae Bonaparte, 1838				
<i>Rynchops niger</i> Linnaeus, 1758	talha-mar	Black Skimmer	MI / MP	U, M
Columbiformes Latham, 1790				
Columbidae Leach, 1820				

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Columbina passerina</i> (Linnaeus, 1758)	rolinha-cinzenta	Common Ground-Dove	R	AA
<i>Columbina minuta</i> (Linnaeus, 1766)	rolinha-de-asa-canela	Plain-breasted Ground-Dove	R	AA
<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1811)	rolinha-roxa	Ruddy Ground-Dove	R	G
<i>Columbina squammata</i> (Lesson, 1831)	fogo-apagou	Scaled Dove	R	AA
<i>Columbina picui</i> (Temminck, 1813)	rolinha-picui	Picui Ground-Dove	R	AA
<i>Claravis pretiosa</i> (Ferrari-Perez, 1886)	pararu-azul	Blue Ground-Dove	MI / MP	F
<i>Claravis geoffroyi</i> (Temminck, 1811)	pararu-espelho	Purple-winged Ground-Dove	MI / MP	F
<i>Columba livia</i> Gmelin, 1789	pombo-doméstico	Rock Pigeon	I	G
<i>Patagioenas speciosa</i> (Gmelin, 1789)	pomba-trocal	Scaled Pigeon	R	F
<i>Patagioenas picazuro</i> (Temminck, 1813)	pombão	Picazuro Pigeon	R	G
<i>Patagioenas cayennensis</i> (Bonnaterre, 1792)	pomba-galega	Pale-vented Pigeon	R	F
<i>Patagioenas plumbea</i> (Vieillot, 1818)	pomba-amargosa	Plumbeous Pigeon	R	F
<i>Zenaida auriculata</i> (Des Murs, 1847)	pomba-de-bando	Eared Dove	MI / MP	AA
<i>Leptotila verreauxi</i> Bonaparte, 1855	juriti-pupu	White-tipped Dove	R	F
<i>Leptotila rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1792)	juriti-gemedeira	Gray-fronted Dove	R	F
<i>Geotrygon violacea</i> (Temminck, 1809)	juriti-vermelha	Violaceous Quail-Dove	R	F
<i>Geotrygon montana</i> (Linnaeus, 1758)	pariri	Ruddy Quail-Dove	R*	F
Psittaciformes Wagler, 1830				
Psittacidae Rafinesque, 1815				
<i>Anodorhynchus glaucus</i> (Vieillot, 1816)	arara-azul-pequena	Glaucous Macaw	R	AN, F
<i>Ara ararauna</i> (Linnaeus, 1758)	arara-canindé	Blue-and-yellow Macaw	R	F, AA
<i>Ara chloropterus</i> Gray, 1859	arara-vermelha-grande	Red-and-green Macaw	R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Ara severus</i> (Linnaeus, 1758)	maracanã-guaçu	Chestnut-fronted Macaw	R	F
<i>Primolius maracana</i> (Vieillot, 1816)	maracanã-verdadeira	Blue-winged Macaw	R	F, AA
<i>Diopsittaca nobilis</i> (Linnaeus, 1758)	maracanã-pequena	Red-shouldered Macaw	R	F, AA
<i>Aratinga leucophthalma</i> (Statius Muller, 1776)	periquitão-maracanã	White-eyed Parakeet	R	AA, F
<i>Aratinga auricapillus</i> (Kuhl, 1820)	jandaia-de-testa-vermelha	Golden-capped Parakeet	R	AA, F
<i>Aratinga jandaya</i> (Gmelin, 1788)	jandaia-verdadeira	Jandaya Parakeet	R	AA, F
<i>Aratinga aurea</i> (Gmelin, 1788)	periquito-rei	Peach-fronted Parakeet	R	AA
<i>Pyrrhura cruentata</i> (Wied, 1820)	tiriba-grande	Blue-throated Parakeet	R	F
<i>Pyrrhura frontalis</i> (Vieillot, 1817)	tiriba-de-testa-vermelha	Maroon-bellied Parakeet	R	F
<i>Pyrrhura leucotis</i> (Kuhl, 1820)	tiriba-de-orelha-branca	Maroon-faced Parakeet	R	F
<i>Pyrrhura griseipectus</i> Salvadori, 1900	tiriba-de-peito-cinza	Gray-breasted Parakeet	R	F
<i>Myiopsitta monachus</i> (Boddaert, 1783)	caturrita	Monk Parakeet	MI / MP	AA
<i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824)	tuim	Blue-winged Parrotlet	R	AA, F
<i>Brotogeris tirica</i> (Gmelin, 1788)	periquito-rico	Plain Parakeet	R	F
<i>Brotogeris chiriri</i> (Vieillot, 1818)	periquito-de-encontro-amarelo	Yellow-chevroned Parakeet	R	AA
<i>Touit melanonotus</i> (Wied, 1820)	apuim-de-costas-pretas	Brown-backed Parrotlet	R	F
<i>Touit surdus</i> (Kuhl, 1820)	apuim-de-cauda-amarela	Golden-tailed Parrotlet	R	F
<i>Pionopsitta pileata</i> (Scopoli, 1769)	cuíú-cuíú	Red-capped Parrot	R	F
<i>Pionus reichenowi</i> Heine, 1844	maitaca-de-barriga-azul	Reichenow's Parrot	R	F
<i>Pionus maximiliani</i> (Kuhl, 1820)	maitaca-verde	Scaly-headed Parrot	R	F
<i>Amazona vinacea</i> (Kuhl, 1820)	papagaio-de-peito-roxo	Vinaceous Parrot	R	F
<i>Amazona pretrei</i> (Temminck, 1830)	papagaio-charão	Red-spectacled Parrot	MI / MP	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Amazona farinosa</i> (Boddaert, 1783)	papagaio-moleiro	Mealy Parrot	R	F
<i>Amazona brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758)	papagaio-de-cara-roxa	Red-tailed Parrot	R	F
<i>Amazona amazonica</i> (Linnaeus, 1766)	curica	Orange-winged Parrot	R	F
<i>Amazona rhodocorytha</i> (Salvadori, 1890)	chauá	Red-browed Parrot	R	F
<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	papagaio-verdadeiro	Blue-fronted Parrot	R	AA, F
<i>Triclaria malachitacea</i> (Spix, 1824)	sabiá-cica	Blue-bellied Parrot	R	F
Cuculiformes Wagler, 1830				
Cuculidae Leach, 1820				
<i>Piaya cayana</i> (Linnaeus, 1766)	alma-de-gato	Squirrel Cuckoo	R	F
<i>Coccyzus melacoryphus</i> Vieillot, 1817	papa-lagarta-acanelado	Dark-billed Cuckoo	MI / MP	F, AA
<i>Coccyzus americanus</i> (Linnaeus, 1758)	papa-lagarta-de-asa-vermelha	Yellow-billed Cuckoo	MNR	F
<i>Coccyzus euleri</i> Cabanis, 1873	papa-lagarta-de-euler	Pearly-breasted Cuckoo	MI / MP	F
<i>Crotophaga major</i> Gmelin, 1788	anu-coroca	Greater Ani	R	F, U
<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758	anu-preto	Smooth-billed Ani	R	AA
<i>Guira guira</i> (Gmelin, 1788)	anu-branco	Guira Cuckoo	R	AA
<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766)	saci	Striped Cuckoo	R	F, AA
<i>Dromococcyx phasianellus</i> (Spix, 1824)	peixe-frito-verdadeiro	Pheasant Cuckoo	R	F
<i>Dromococcyx pavoninus</i> Pelzeln, 1870	peixe-frito-pavonino	Pavonine Cuckoo	R	F
<i>Neomorphus geoffroyi</i> (Temminck, 1820)	jacu-estalo	Rufous-vented Ground-Cuckoo	R	F
Strigiformes Wagler, 1830				
Tytonidae Mathews, 1912				
<i>Tyto alba</i> (Scopoli, 1769)	coruja-da-igreja	Barn Owl	R	G

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
Strigidae Leach, 1820				
<i>Megascops choliba</i> (Vieillot, 1817)	corujinha-do-mato	Tropical Screech-Owl	R	F, AA
<i>Megascops atricapilla</i> (Temminck, 1822)	corujinha-sapo	Black-capped Screech-Owl	R	F
<i>Megascops sanctaetatarinae</i> (Salvin, 1897)	corujinha-do-sul	Long-tufted Screech-Owl	R	F
<i>Pulsatrix perspicillata</i> (Latham, 1790)	murucututu	Spectacled Owl	R	F
<i>Pulsatrix koenigswaldiana</i> (Bertoni & Bertoni, 1901)	murucututu-de-barriga-amarela	Tawny-browed Owl	R	F
<i>Bubo virginianus</i> (Gmelin, 1788)	jacurutu	Great Horned Owl	R	AA
<i>Strix hylophila</i> Temminck, 1825	coruja-listrada	Rusty-barred Owl	R	F
<i>Strix virgata</i> (Cassin, 1849)	coruja-do-mato	Mottled Owl	R	F
<i>Strix huhula</i> Daudin, 1800	coruja-preta	Black-banded Owl	R	F
<i>Glaucidium mooreorum</i> Silva, Coelho & Gonzaga, 2002	caburé-de-pernambuco	Pernambuco Pygmy-Owl	R	F
<i>Glaucidium minutissimum</i> (Wied, 1830)	caburé-miudinho	Least Pygmy-Owl	R	F
<i>Glaucidium brasilianum</i> (Gmelin, 1788)	caburé	Ferruginous Pygmy-Owl	R	F, AA
<i>Athene cunicularia</i> (Molina, 1782)	coruja-buraqueira	Burrowing Owl	R	AA
<i>Aegolius harrisi</i> (Cassin, 1849)	caburé-acanelado	Buff-fronted Owl	R	F
<i>Asio clamator</i> (Vieillot, 1808)	coruja-orelhuda	Striped Owl	R	AA
<i>Asio stygius</i> (Wagler, 1832)	mocho-diabo	Stygian Owl	R	F, AA
<i>Asio flammeus</i> (Pontoppidan, 1763)	mocho-dos-banhados	Short-eared Owl	R	AA
Caprimulgiformes Ridgway, 1881				
Nyctibidae Chenu & Des Murs, 1851				
<i>Nyctibius grandis</i> (Gmelin, 1789)	mãe-da-lua-gigante	Great Potoo	R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Nyctibius aethereus</i> (Wied, 1820)	mãe-da-lua-parda	Long-tailed Potoo	R*	F
<i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin, 1789)	mãe-da-lua	Common Potoo	R*	F, AA
<i>Nyctibius leucopterus</i> (Wied, 1821)	urutau-de-asa-branca	White-winged Potoo	R	F
Caprimulgidae Vigors, 1825				
<i>Nyctiphrynus ocellatus</i> (Tschudi, 1844)	bacurau-ocelado	Ocellated Poorwill	R	F
<i>Antrostomus rufus</i> (Boddaert, 1783)	joão-corta-pau	Rufous Nightjar	R	F, AA
<i>Antrostomus sericocaudatus</i> Cassin, 1849	bacurau-rabo-de-seda	Silky-tailed Nightjar	R*	F
<i>Lurocalis semitorquatus</i> (Gmelin, 1789)	tuju	Short-tailed Nighthawk	MR	F
<i>Hydropsalis vielliardi</i> (Lencioni-Neto, 1994)	bacurau-do-são-francisco	Bahian Nighthawk	R	F
<i>Hydropsalis albicollis</i> (Gmelin, 1789)	bacurau	Pauraque	R	F, AA
<i>Hydropsalis parvula</i> (Gould, 1837)	bacurau-chintã	Little Nightjar	MR	AA
<i>Hydropsalis hirundinacea</i> (Spix, 1825)	bacurauzinho-da-caatinga	Pygmy Nightjar	R	AN
<i>Hydropsalis longirostris</i> (Bonaparte, 1825)	bacurau-da-telha	Band-winged Nightjar	R*	AA
<i>Hydropsalis maculicauda</i> (Lawrence, 1862)	bacurau-de-rabo-maculado	Spot-tailed Nightjar	R*	U
<i>Hydropsalis torquata</i> (Gmelin, 1789)	bacurau-tesoura	Scissor-tailed Nightjar	R*	AA
<i>Hydropsalis forcipata</i> (Nitzsch, 1840)	bacurau-tesoura-gigante	Long-trained Nightjar	R	F, AN
<i>Chordeiles pusillus</i> Gould, 1861	bacurauzinho	Least Nighthawk	R*	AA
<i>Chordeiles nacunda</i> (Vieillot, 1817)	coruçã	Nacunda Nighthawk	MI / MP*	AA
<i>Chordeiles minor</i> (Forster, 1771)	bacurau-norte-americano	Common Nighthawk	MNR	AA, F
<i>Chordeiles acutipennis</i> (Hermann, 1783)	bacurau-de-asa-fina	Lesser Nighthawk	R*	AA
Apodiformes Peters, 1940				
Apodidae Olphe-Galliard, 1887				

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Cypseloides fumigatus</i> (Streubel, 1848)	taperuçu-preto	Sooty Swift	MI / MP	F
<i>Cypseloides senex</i> (Temminck, 1826)	taperuçu-velho	Great Dusky Swift	MI / MP	F
<i>Streptoprocne zonaris</i> (Shaw, 1796)	taperuçu-de-coleira-branca	White-collared Swift	MI / MP	G
<i>Streptoprocne biscutata</i> (Sclater, 1866)	taperuçu-de-coleira-falha	Biscutate Swift	MI / MP	F, AA
<i>Chaetura spinicaudus</i> (Temminck, 1839)	andorinhão-de-sobre-branco	Band-rumped Swift	R	F
<i>Chaetura cinereiventris</i> Sclater, 1862	andorinhão-de-sobre-cinzento	Gray-rumped Swift	R	F
<i>Chaetura meridionalis</i> Hellmayr, 1907	andorinhão-do-temporal	Sick's Swift	MR	G
<i>Tachornis squamata</i> (Cassin, 1853)	andorinhão-do-buriti	Fork-tailed Palm-Swift	R	G
<i>Panyptila cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	andorinhão-estofador	Lesser Swallow-tailed Swift	R	F
Trochilidae Vigors, 1825				
<i>Ramphodon naevius</i> (Dumont, 1818)	beija-flor-rajado	Saw-billed Hermit	R	F
<i>Glaucis dohrnii</i> (Bourcier & Mulsant, 1852)	balança-rabo-canela	Hook-billed Hermit	R	F
<i>Glaucis hirsutus</i> (Gmelin, 1788)	balança-rabo-de-bico-torto	Rufous-breasted Hermit	R	F
<i>Phaethornis squalidus</i> (Temminck, 1822)	rabo-branco-pequeno	Dusky-throated Hermit	R	F
<i>Phaethornis idaliae</i> (Bourcier & Mulsant, 1856)	rabo-branco-mirim	Minute Hermit	R	F
<i>Phaethornis ruber</i> (Linnaeus, 1758)	rabo-branco-rubro	Reddish Hermit	R	F
<i>Phaethornis pretrei</i> (Lesson & Delattre, 1839)	rabo-branco-acanelado	Planalto Hermit	R	AA, F
<i>Phaethornis eurynome</i> (Lesson, 1832)	rabo-branco-de-garganta-rajada	Scale-throated Hermit	R	F
<i>Phaethornis camargoi</i> Grantsau, 1988			R	F
<i>Phaethornis margaritae</i> Ruschi, 1972	rabo-branco-de-margarette	Margaretta's Hermit	R	F
<i>Campylopterus diamantinensis</i> Ruschi, 1963			R	AN
<i>Eupetomena macroura</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-tesoura	Swallow-tailed Hummingbird	R	AA

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Aphantochroa cirrochloris</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-cinza	Sombre Hummingbird	MI / MP	F
<i>Florisuga fusca</i> (Vieillot, 1817)	beija-flor-preto	Black Jacobin	MI / MP	F
<i>Colibri delphinae</i> (Lesson, 1839)	beija-flor-marrom	Brown Violetear	R	AN
<i>Colibri serrirostris</i> (Vieillot, 1816)	beija-flor-de-orelha-violeta	White-vented Violetear	MI / MP	AA
<i>Anthracochothorax nigricollis</i> (Vieillot, 1817)	beija-flor-de-veste-preta	Black-throated Mango	MI / MP	F, AA
<i>Chrysolampis mosquitus</i> (Linnaeus, 1758)	beija-flor-vermelho	Ruby-topaz Hummingbird	MI / MP	AA
<i>Stephanoxis lalandi</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-de-topete	Plovercrest	R	F, AN
<i>Stephanoxis loddigesii</i> (Gould, 1831)			R	F, AN
<i>Lophornis magnificus</i> (Vieillot, 1817)	topetinho-vermelho	Frilled Coquette	R*	F
<i>Lophornis chalybeus</i> (Vieillot, 1822)	topetinho-verde	Festive Coquette	R	F
<i>Discosura langsdorffi</i> (Temminck, 1821)	rabo-de-espinho	Black-bellied Thorntail	R	F
<i>Discosura longicaudus</i> (Gmelin, 1788)	bandeirinha	Racket-tailed Coquette	R	F
<i>Chlorostilbon notatus</i> (Reich, 1793)	beija-flor-de-garganta-azul	Blue-chinned Sapphire	R	F
<i>Chlorostilbon lucidus</i> (Shaw, 1812)	besourinho-de-bico-vermelho	Glittering-bellied Emerald	R	AA
<i>Thalurania watertonii</i> (Bourcier, 1847)	beija-flor-de-costas-violetas	Long-tailed Woodnymph	R	F
<i>Thalurania glaucopis</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-frente-violeta	Violet-capped Woodnymph	R	F
<i>Hylocharis sapphirina</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-safira	Rufous-throated Sapphire	R	F
<i>Hylocharis cyanus</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-roxo	White-chinned Sapphire	R	F
<i>Hylocharis chrysura</i> (Shaw, 1812)	beija-flor-dourado	Gilded Hummingbird	MI / MP	F, AA
<i>Leucochloris albicollis</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-de-papo-branco	White-throated Hummingbird	R	F
<i>Polytmus guainumbi</i> (Pallas, 1764)	beija-flor-de-bico-curvo	White-tailed Goldenthrout	R	AA, U
<i>Amazilia leucogaster</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-barriga-branca	Plain-bellied Emerald	R	F, AA

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Amazilia versicolor</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-de-banda-branca	Versicolored Emerald	R	F
<i>Amazilia fimbriata</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-garganta-verde	Glittering-throated Emerald	R	AA
<i>Amazilia lactea</i> (Lesson, 1832)	beija-flor-de-peito-azul	Sapphire-spangled Emerald	R	F, AA
<i>Clytolaema rubricauda</i> (Boddaert, 1783)	beija-flor-rubi	Brazilian Ruby	R	F
<i>Augastes scutatus</i> (Temminck, 1824)	beija-flor-de-gravata-verde	Hyacinth Visorbearer	R	AN
<i>Augastes lumachella</i> (Lesson, 1838)	beija-flor-de-gravata-vermelha	Hooded Visorbearer	R	AN
<i>Heliothryx auritus</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-bochecha-azul	Black-eared Fairy	R	F
<i>Heliomaster squamosus</i> (Temminck, 1823)	bico-reto-de-banda-branca	Stripe-breasted Starthroat	MI / MP*	AA, F
<i>Heliomaster furcifer</i> (Shaw, 1812)	bico-reto-azul	Blue-tufted Starthroat	MNR	AA, F
<i>Calliphlox amethystina</i> (Boddaert, 1783)	estrelinha-ametista	Amethyst Woodstar	R	AA, F
Trogoniformes A. O. U., 1886				
Trogonidae Lesson, 1828				
<i>Trogon viridis</i> Linnaeus, 1766	surucua-grande-de-barriga-amarela	White-tailed Trogon	R	F
<i>Trogon surrucura</i> Vieillot, 1817	surucua-variado	Surucua Trogon	R	F
<i>Trogon curucui</i> Linnaeus, 1766	surucua-de-barriga-vermelha	Blue-crowned Trogon	R	F
<i>Trogon rufus</i> Gmelin, 1788	surucua-de-barriga-amarela	Black-throated Trogon	R	F
<i>Trogon collaris</i> Vieillot, 1817	surucua-de-coleira	Collared Trogon	R	F
Coraciiformes Forbes, 1844				
Alcedinidae Rafinesque, 1815				
<i>Megasceryle torquata</i> (Linnaeus, 1766)	martim-pescador-grande	Ringed Kingfisher	R	U, M
<i>Chloroceryle amazona</i> (Latham, 1790)	martim-pescador-verde	Amazon Kingfisher	R	U

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Chloroceryle aenea</i> (Pallas, 1764)	martinho	American Pygmy Kingfisher	R	U
<i>Chloroceryle americana</i> (Gmelin, 1788)	martim-pescador-pequeno	Green Kingfisher	R	U
<i>Chloroceryle inda</i> (Linnaeus, 1766)	martim-pescador-da-mata	Green-and-rufous Kingfisher	R	U
Momotidae Gray, 1840				
<i>Baryphthengus ruficapillus</i> (Vieillot, 1818)	juruva-verde	Rufous-capped Motmot	R	F
<i>Momotus momota</i> (Linnaeus, 1766)	udu-de-coroa-azul	Amazonian Motmot	R	F
Galbuliformes Fürbringer, 1888				
Galbulidae Vigors, 1825				
<i>Jacamaralecyon tridactyla</i> (Vieillot, 1817)	cuitelão	Three-toed Jacamar	R	F, U
<i>Galbula ruficauda</i> Cuvier, 1816	ariramba-de-cauda-ruiva	Rufous-tailed Jacamar	R	F
Bucconidae Horsfield, 1821				
<i>Notharchus swainsoni</i> (Gray, 1846)	macuru-de-barriga-castanha	Buff-bellied Puffbird	R	F
<i>Nystalus chacuru</i> (Vieillot, 1816)	joão-bobo	White-eared Puffbird	R	AA
<i>Nystalus maculatus</i> (Gmelin, 1788)	rapazinho-dos-velhos	Spot-backed Puffbird	R	AA
<i>Malacoptila striata</i> (Spix, 1824)	barbudo-rajado	Crescent-chested Puffbird	R	F
<i>Nomula rubecula</i> (Spix, 1824)	macuru	Rusty-breasted Nunlet	R	F
<i>Monasa nigrifrons</i> (Spix, 1824)	chora-chuva-preto	Black-fronted Nunbird	R	F
<i>Monasa morphoeus</i> (Hahn & Küster, 1823)	chora-chuva-de-cara-branca	White-fronted Nunbird	R	F
<i>Chelidoptera tenebrosa</i> (Pallas, 1782)	urubuzinho	Swallow-winged Puffbird	R	F
Piciformes Meyer & Wolf, 1810				
Ramphastidae Vigors, 1825				
<i>Ramphastos toco</i> Statius Muller, 1776	tucanuçu	Toco Toucan	R	AA, F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Ramphastos vitellinus</i> Lichtenstein, 1823	tucano-de-bico-preto	Channel-billed Toucan	R	F
<i>Ramphastos dicolorus</i> Linnaeus, 1766	tucano-de-bico-verde	Red-breasted Toucan	R	F
<i>Selenidera gouldii</i> (Natterer, 1837)	saripoca-de-gould	Gould's Toucanet	R	F
<i>Selenidera maculirostris</i> (Lichtenstein, 1823)	araçari-poca	Spot-billed Toucanet	R	F
<i>Pteroglossus bailloni</i> (Vieillot, 1819)	araçari-banana	Saffron Toucanet	R	F
<i>Pteroglossus inscriptus</i> Swainson, 1822	araçari-miudinho-de-bico-riscado	Lettered Aracari	R	F
<i>Pteroglossus aracari</i> (Linnaeus, 1758)	araçari-de-bico-branco	Black-necked Aracari	R	F
<i>Pteroglossus castanotis</i> Gould, 1834	araçari-castanho	Chestnut-eared Aracari	R	F
Picidae Leach, 1820				
<i>Picum exilis</i> (Lichtenstein, 1823)	pica-pau-anão-de-pintas-amarelas	Golden-spangled Piculet	R	F
<i>Picumnus pernambucensis</i> Zimmer, 1947			R	F
<i>Picumnus pygmaeus</i> (Lichtenstein, 1823)	pica-pau-anão-pintado	Spotted Piculet	R	F, AA
<i>Picumnus cirratus</i> Temminck, 1825	pica-pau-anão-barrado	White-barred Piculet	R	AA, F
<i>Picumnus temminckii</i> Lafresnaye, 1845	pica-pau-anão-de-coleira	Ochre-collared Piculet	R	F
<i>Picumnus albosquamatus</i> d'Orbigny, 1840	pica-pau-anão-escamado	White-wedged Piculet	R	AA, F
<i>Picumnus fulvescens</i> Stager, 1961	pica-pau-anão-canela	Tawny Piculet	R	F, AA
<i>Picumnus limae</i> Sneath, 1924	pica-pau-anão-da-caatinga	Ochraceous Piculet	R	AA, F
<i>Picumnus nebulosus</i> Sundevall, 1866	pica-pau-anão-carijó	Mottled Piculet	R	F
<i>Melanerpes candidus</i> (Otto, 1796)	pica-pau-branco	White Woodpecker	R	AA
<i>Melanerpes flavifrons</i> (Vieillot, 1818)	benedito-de-testa-amarela	Yellow-fronted Woodpecker	R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Veniliornis affinis</i> (Swainson, 1821)	picapauzinho-avermelhado	Red-stained Woodpecker	R	F
<i>Veniliornis maculifrons</i> (Spix, 1824)	picapauzinho-de-testa-pintada	Yellow-eared Woodpecker	R	F
<i>Veniliornis passerinus</i> (Linnaeus, 1766)	picapauzinho-anão	Little Woodpecker	R	F, AA
<i>Veniliornis spilogaster</i> (Wagler, 1827)	picapauzinho-verde-carijó	White-spotted Woodpecker	R	F
<i>Piculus flavigula</i> (Boddaert, 1783)	pica-pau-bufador	Yellow-throated Woodpecker	R	F
<i>Piculus polyzonus</i> (Valenciennes, 1826)			R	F
<i>Piculus aurulentus</i> (Temminck, 1821)	pica-pau-dourado	Yellow-browed Woodpecker	R	F
<i>Colaptes melanochloros</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-verde-barrado	Green-barred Woodpecker	R	F, AA
<i>Colaptes campestris</i> (Vieillot, 1818)	pica-pau-do-campo	Campo Flicker	R	AA
<i>Celeus flavescens</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-de-cabeça-amarela	Blond-crested Woodpecker	R	F
<i>Celeus flavus</i> (Statius Muller, 1776)	pica-pau-amarelo	Cream-colored Woodpecker	R	F
<i>Celeus torquatus</i> (Boddaert, 1783)	pica-pau-de-coleira	Ringed Woodpecker	R	F
<i>Dryocopus galeatus</i> (Temminck, 1822)	pica-pau-de-cara-canela	Helmeted Woodpecker	R	F
<i>Dryocopus lineatus</i> (Linnaeus, 1766)	pica-pau-de-banda-branca	Lineated Woodpecker	R	F, AA
<i>Campephilus robustus</i> (Lichtenstein, 1818)	pica-pau-rei	Robust Woodpecker	R	F
<i>Campephilus melanoleucos</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-de-topete-vermelho	Crimson-crested Woodpecker	R	F
Passeriformes Linnaeus, 1758				
Thamnophilidae Swainson, 1824				
<i>Terenura sicki</i> Teixeira & Gonzaga, 1983	zidedê-do-nordeste	Orange-bellied Antwren	R	F
<i>Terenura maculata</i> (Wied, 1831)	zidedê	Streak-capped Antwren	R	F
<i>Myrmeciza ruficauda</i> (Wied, 1831)	formigueiro-de-cauda-ruiva	Scalloped Antbird	R	F
<i>Myrmeciza loricata</i> (Lichtenstein, 1823)	formigueiro-assobiador	White-bibbed Antbird	R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Myrmeciza squamosa</i> Pelzeln, 1868	papa-formiga-de-grota	Squamate Antbird	R	F
<i>Rhopias gularis</i> (Spix, 1825)	choquinha-de-garganta-pintada	Star-throated Antwren	R	F
<i>Myrmotherula axillaris</i> (Vieillot, 1817)	choquinha-de-flanco-branco	White-flanked Antwren	R	F
<i>Myrmotherula minor</i> Salvadori, 1864	choquinha-pequena	Salvadori's Antwren	R	F
<i>Myrmotherula urosticta</i> (Sclater, 1857)	choquinha-de-rabo-cintado	Band-tailed Antwren	R	F
<i>Myrmotherula fluminensis</i> Gonzaga, 1988	choquinha-fluminense	Rio de Janeiro Antwren	R	F
<i>Myrmotherula unicolor</i> (Ménétriès, 1835)	choquinha-cinzenta	Unicolored Antwren	R	F
<i>Myrmotherula snowi</i> Teixeira & Gonzaga, 1985	choquinha-de-alagoas	Alagoas Antwren	R	F
<i>Formicivora iheringi</i> Hellmayr, 1909	formigueiro-do-nordeste	Narrow-billed Antwren	R	F
<i>Formicivora erythronotos</i> Hartlaub, 1852	formigueiro-de-cabeça-negra	Black-hooded Antwren	R	F
<i>Formicivora grisea</i> (Boddaert, 1783)	papa-formiga-pardo	White-fringed Antwren	R	AA
<i>Formicivora serrana</i> Hellmayr, 1929	formigueiro-da-serra	Serra Antwren	R	AA, F
<i>Formicivora littoralis</i> Gonzaga & Pacheco, 1990	formigueiro-do-litoral	Restinga Antwren	R	AN
<i>Formicivora rufa</i> (Wied, 1831)	papa-formiga-vermelho	Rusty-backed Antwren	R	AA
<i>Formicivora grantsaui</i> Gonzaga, Carvalhaes & Buzzetti, 2007	papa-formiga-do-sincorá	Sincora Antwren	R	AN
<i>Formicivora acutirostris</i> Bornschein, Reinert & Teixeira, 1995	bicudinho-do-brejo	Parana Antwren	R	U
<i>Formicivora</i> sp. nov.	bicudinho-do-brejo-paulista		R	U
<i>Thamnomanes caesius</i> (Temminck, 1820)	ipeçuá	Cinereous Antshrike	R	F
<i>Dysithamnus stictothorax</i> (Temminck, 1823)	choquinha-de-peito-pintado	Spot-breasted Antwren	R	F
<i>Dysithamnus mentalis</i> (Temminck, 1823)	choquinha-lisa	Plain Antwren	R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Dysithamnus xanthopterus</i> Burmeister, 1856	choquinha-de-asa-ferrugem	Rufous-backed Antwreio	R	F
<i>Dysithamnus plumbeus</i> (Wied, 1831)	choquinha-chumbo	Plumbeous Antwreio	R	F
<i>Herpsilochmus pileatus</i> (Lichtenstein, 1823)	chorozinho-de-boné	Bahia Antwren	R	F
<i>Herpsilochmus atricapillus</i> Pelzeln, 1868	chorozinho-de-chapéu-preto	Black-capped Antwren	R	F
<i>Herpsilochmus pectoralis</i> Sclater, 1857	chorozinho-de-papo-preto	Pectoral Antwren	R	F
<i>Herpsilochmus longirostris</i> Pelzeln, 1868	chorozinho-de-bico-comprido	Large-billed Antwren	R	F
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i> (Temminck, 1822)	chorozinho-de-asa-vermelha	Rufous-winged Antwren	R	F
<i>Thamnophilus dolius</i> (Linnaeus, 1764)	choca-barrada	Barred Antshrike	R	AA, F
<i>Thamnophilus ruficapillus</i> Vieillot, 1816	choca-de-chapéu-vermelho	Rufous-capped Antshrike	R	AA, U
<i>Thamnophilus torquatus</i> Swainson, 1825	choca-de-asa-vermelha	Rufous-winged Antshrike	R	AA
<i>Thamnophilus palliatus</i> (Lichtenstein, 1823)	choca-listrada	Chestnut-backed Antshrike	R	F
<i>Thamnophilus pelzelni</i> Hellmayr, 1924	choca-do-planalto	Planalto Slaty-Antshrike	R	F
<i>Thamnophilus ambiguus</i> Swainson, 1825	choca-de-sooretama	Sooretama Slaty-Antshrike	R	F
<i>Thamnophilus caerulescens</i> Vieillot, 1816	choca-da-mata	Variable Antshrike	R	F
<i>Thamnophilus aethiops</i> Sclater, 1858	choca-lisa	White-shouldered Antshrike	R	F
<i>Taraba major</i> (Vieillot, 1816)	choró-boi	Great Antshrike	R	AA, F
<i>Hypodaleus guttatus</i> (Vieillot, 1816)	chocão-carijó	Spot-backed Antshrike	R	F
<i>Batara cinerea</i> (Vieillot, 1819)	marracão	Giant Antshrike	R	F
<i>Mackenziaena leachii</i> (Such, 1825)	borralhara-assobiadora	Large-tailed Antshrike	R	F
<i>Mackenziaena severa</i> (Lichtenstein, 1823)	borralhara	Tufted Antshrike	R	F
<i>Biatas nigropectus</i> (Lafresnaye, 1850)	papo-branco	White-bearded Antshrike	R	F
<i>Pyriglena leuconota</i> (Spix, 1824)	papa-taoca	White-backed Fire-eye	R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Pyriglena atra</i> (Swainson, 1825)	papa-taoca-da-bahia	Fringe-backed Fire-eye	R	F
<i>Pyriglena leucoptera</i> (Vieillot, 1818)	papa-taoca-do-sul	White-shouldered Fire-eye	R	F
<i>Rhopornis ardesiacus</i> (Wied, 1831)	gravatazeiro	Slender Antbird	R	F
<i>Cercomacra brasiliana</i> Hellmayr, 1905	chororó-cinzento	Rio de Janeiro Antbird	R	F
<i>Cercomacra laeta</i> Todd, 1920	chororó-didi	Willis's Antbird	R	F
<i>Drymophila ferruginea</i> (Temminck, 1822)	trovoada	Ferruginous Antbird	R	F
<i>Drymophila rubricollis</i> (Bertoni, 1901)	trovoada-de-bertoni	Bertoni's Antbird	R	F
<i>Drymophila geniei</i> (Filippi, 1847)	choquinha-da-serra	Rufous-tailed Antbird	R	F
<i>Drymophila ochropyga</i> (Hellmayr, 1906)	choquinha-de-dorso-vermelho	Ochre-rumped Antbird	R	F
<i>Drymophila malura</i> (Temminck, 1825)	choquinha-carijó	Dusky-tailed Antbird	R	F
<i>Drymophila squamata</i> (Lichtenstein, 1823)	pintadinho	Scaled Antbird	R	F
Conopophagidae Sclater & Salvin, 1873				
<i>Conopophaga lineata</i> (Wied, 1831)	chupa-dente	Rufous Gnateater	R	F
<i>Conopophaga cearae</i> Cory, 1916			R	F
<i>Conopophaga roberti</i> Hellmayr, 1905	chupa-dente-de-capuz	Hooded Gnateater	R	F
<i>Conopophaga melanops</i> (Vieillot, 1818)	cuspidor-de-máscara-preta	Black-cheeked Gnateater	R	F
Grallariidae Sclater & Salvin, 1873				
<i>Grallaria varia</i> (Boddaert, 1783)	tovacuçu	Variegated Antpitta	R	F
<i>Hylopezus nattereri</i> (Pinto, 1937)	pinto-do-mato	Speckle-breasted Antpitta	R	F
Rhinocryptidae Wetmore, 1930 (1837)				
<i>Merulaxis ater</i> Lesson, 1830	entufado	Slaty Bristlefront	R	F
<i>Merulaxis stresemanni</i> Sick, 1960	entufado-baiano	Stresemann's Bristlefront	R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Eleoscytalopus indigoticus</i> (Wied, 1831)	macuquinho	White-breasted Tapaculo	R	F
<i>Eleoscytalopus psychopompus</i> (Teixeira & Carnevalli, 1989)	macuquinho-baiano	Bahia Tapaculo	R	F
<i>Scytalopus speluncae</i> (Ménétrières, 1835)	tapaculo-preto	Mouse-colored Tapaculo	R	F
<i>Scytalopus diamantiniensis</i> Bormschein, Maurício, Belmonte-Lopes, Mata & Bonato, 2007	tapaculo-da-chapada-diamantina	Diamantina Tapaculo	R	F, AN
<i>Scytalopus petrophilus</i> Whitney, Vasconcelos, Silveira & Pacheco, 2010	tapaculo-serrano	Rock Tapaculo	R	F
<i>Scytalopus pachecoi</i> Maurício, 2005	tapaculo-ferreirinho	Planalto Tapaculo	R	F
<i>Scytalopus iraiensis</i> Bormschein, Reinert & Pichorim, 1998	macuquinho-da-várzea	Marsh Tapaculo	R	U
<i>Psilorhamphus guttatus</i> (Ménétrières, 1835)	tapaculo-pintado	Spotted Bamboowren	R	F
Formicariidae Gray, 1840				
<i>Formicarius colma</i> Boddaert, 1783	galinha-do-mato	Rufous-capped Anthrush	R	F
<i>Chamaeza campanisona</i> (Lichtenstein, 1823)	tovaca-campainha	Short-tailed Anthrush	R	F
<i>Chamaeza meruloides</i> Vigors, 1825	tovaca-cantadora	Such's Anthrush	R	F
<i>Chamaeza ruficauda</i> (Cabanis & Heine, 1859)	tovaca-de-rabo-vermelho	Rufous-tailed Anthrush	R	F
Scleruridae Swainson, 1827				
<i>Sclerurus macconnelli</i> Chubb, 1819			R	F
<i>Sclerurus caudatus</i> (Vieillot, 1816)	vira-folha-pardo	Black-tailed Leafosser	R	F
<i>Sclerurus scansor</i> (Ménétrières, 1835)	vira-folha	Rufous-breasted Leafosser	R	F
<i>Sclerurus cearensis</i> Snethlage, 1924			R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Geositta cunicularia</i> (Vieillot, 1816)	curriqueiro	Common Miner	R	AN
Dendrocolaptidae Gray, 1840				
<i>Dendrocincla taunayi</i> Pinto, 1939	arapaçu-pardo-do-nordeste	Pernambuco Woodcreeper	R	F
<i>Dendrocincla turdina</i> (Lichtenstein, 1820)	arapaçu-liso	Plain-winged Woodcreeper	R	F
<i>Sittasomus griseicapillus</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-verde	Olivaceous Woodcreeper	R	F
<i>Glyphorhynchus spirurus</i> (Vieillot, 1819)	arapaçu-de-bico-de-cunha	Wedge-billed Woodcreeper	R	F
<i>Xiphorhynchus atlanticus</i> (Cory, 1916)	arapaçu-rajado-do-nordeste	Northern Lesser Woodcreeper	R	F
<i>Xiphorhynchus fuscus</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-rajado	Lesser Woodcreeper	R	F
<i>Xiphorhynchus guttatus</i> (Lichtenstein, 1820)	arapaçu-de-garganta-amarela	Buff-throated Woodcreeper	R	F
<i>Campylorhamphus trochilirostris</i> (Lichtenstein, 1820)	arapaçu-beija-flor	Red-billed Scythebill	R	F
<i>Campylorhamphus falcularius</i> (Vieillot, 1822)	arapaçu-de-bico-torto	Black-billed Scythebill	R	F
<i>Dendroplex picus</i> (Gmelin, 1788)	arapaçu-de-bico-branco	Straight-billed Woodcreeper	R	F
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-de-cerrado	Narrow-billed Woodcreeper	R	AA
<i>Lepidocolaptes squamatus</i> (Lichtenstein, 1822)	arapaçu-escamado	Scaled Woodcreeper	R	F
<i>Lepidocolaptes falcinellus</i> (Cabanis & Heine, 1859)	arapaçu-escamado-do-sul	Scalloped Woodcreeper	R	F
<i>Lepidocolaptes wagleri</i> (Spix, 1824)	arapaçu-de-wagler	Wagler's Woodcreeper	R	F
<i>Dendrocolaptes certhia</i> (Boddaert, 1783)	arapaçu-barrado	Amazonian Barred-Woodcreeper	R	F
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i> Spix, 1825	arapaçu-grande	Planalto Woodcreeper	R	F
<i>Xiphocolaptes falcirostris</i> (Spix, 1824)	arapaçu-do-nordeste	Moustached Woodcreeper	R	F
<i>Xiphocolaptes albicollis</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-de-garganta-branca	White-throated Woodcreeper	R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
Furnariidae Gray, 1840				
<i>Xenops minutus</i> (Sparman, 1788)	bico-virado-miúdo	Plain Xenops	R	F
<i>Xenops rutilans</i> Temminck, 1821	bico-virado-carijó	Streaked Xenops	R	F
<i>Cinclodes espinhacensis</i> Freitas, Chaves, Costa, Santos & Rodrigues, 2012	pedreiro-do-espinhaço	Cipo Cinclodes	R	AN
<i>Furnarius figulus</i> (Lichtenstein, 1823)	casaca-de-couro-da-lama	Wing-banded Hornero	R	AA, U
<i>Furnarius leucopus</i> Swainson, 1838	casaca-de-couro-amarelo	Pale-legged Hornero	R	AA, F
<i>Furnarius rufus</i> (Gmelin, 1788)	joão-de-barro	Rufous Hornero	R	AA
<i>Phleocryptes melanops</i> (Vieillot, 1817)	bate-bico	Wren-like Rushbird	R	U
<i>Lochmias nematura</i> (Lichtenstein, 1823)	joão-porca	Sharp-tailed Streamcreeper	R	U, F
<i>Automolus lammi</i> Zimmer, 1947	barranqueiro-do-nordeste	Pernambuco Foliage-gleaner	R	F
<i>Automolus leucophthalmus</i> (Wied, 1821)	barranqueiro-de-olho-branco	White-eyed Foliage-gleaner	R	F
<i>Hylocryptus rectirostris</i> (Wied, 1831)	fura-barreira	Chestnut-capped Foliage-gleaner	R	F, U
<i>Anabazenops fuscus</i> (Vieillot, 1816)	trepador-coleira	White-collared Foliage-gleaner	R	F
<i>Philydor lichtensteini</i> Cabanis & Heine, 1859	limpa-folha-ocráceo	Ochre-breasted Foliage-gleaner	R	F
<i>Philydor novaesi</i> Teixeira & Gonzaga, 1983	limpa-folha-do-nordeste	Alagoas Foliage-gleaner	R	F
<i>Philydor atricapillus</i> (Wied, 1821)	limpa-folha-coroado	Black-capped Foliage-gleaner	R	F
<i>Philydor rufum</i> (Vieillot, 1818)	limpa-folha-de-testa-baia	Buff-fronted Foliage-gleaner	R	F
<i>Heliobletus contaminatus</i> Berlepsch, 1885	trepadorzinho	Sharp-billed Treehunter	R	F
<i>Anabacerthia amaurotis</i> (Temminck, 1823)	limpa-folha-miúdo	White-browed Foliage-gleaner	R	F
<i>Syndactyla rufosuperciliata</i> (Lafresnaye, 1832)	trepador-quiete	Buff-browed Foliage-gleaner	R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Cichlocolaptes leucophrys</i> (Jardine & Selby, 1830)	trepador-sobrancelha	Pale-browed Treehunter	R	F
<i>Leptasthenura striolata</i> (Pelzeln, 1856)	grimpeirinho	Striolated Tit-Spinetail	R	F
<i>Leptasthenura setaria</i> (Temminck, 1824)	grimpeiro	Araucaria Tit-Spinetail	R	F
<i>Pseudoseisura cristata</i> (Spix, 1824)	casaca-de-couro	Caatinga Cacholote	R	AA
<i>Phacellodomus rufifrons</i> (Wied, 1821)	joão-de-pau	Rufous-fronted Thornbird	R	AA
<i>Phacellodomus erythrophthalmus</i> (Wied, 1821)	joão-botina-da-mata	Orange-eyed Thornbird	R	F, U
<i>Phacellodomus ferrugineigula</i> (Pelzeln, 1858)	joão-botina-do-brejo	Orange-breasted Thornbird	R	U
<i>Clibanornis dendrocolaptoides</i> (Pelzeln, 1859)	cisqueiro	Canebrake Groundcreeper	R	F
<i>Anumbius annumbi</i> (Vieillot, 1817)	cochicho	Firewood-Gatherer	R	AA
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i> (Gmelin, 1788)	curutié	Yellow-chinned Spinetail	R	U
<i>Synallaxis ruficapilla</i> Vieillot, 1819	pichororé	Rufous-capped Spinetail	R	F
<i>Synallaxis whitleyi</i> Pacheco & Gonzaga, 1995	joão-baiano	Bahia Spinetail	R	F
<i>Synallaxis infuscata</i> Pinto, 1950	tatac	Pinto's Spinetail	R	F
<i>Synallaxis cinerascens</i> Temminck, 1823	pi-puí	Gray-bellied Spinetail	R	F
<i>Synallaxis frontalis</i> Pelzeln, 1859	petrim	Sooty-fronted Spinetail	R	AA, F
<i>Synallaxis albescens</i> Temminck, 1823	ui-pi	Pale-breasted Spinetail	R	AA
<i>Synallaxis spixi</i> Sclater, 1856	joão-teneném	Spix's Spinetail	R	AA
<i>Synallaxis hypospodia</i> Sclater, 1874	joão-grilo	Cinereous-breasted Spinetail	R	U, F
<i>Synallaxis scutata</i> Sclater, 1859	estrelinha-preta	Ochre-cheeked Spinetail	R	F, AA
<i>Asthenes luizae</i> Vieilliard, 1990	lenheiro-da-serra-do-cipó	Cipo Canastero	R	AN
<i>Asthenes moreirae</i> (Miranda-Ribeiro, 1906)	garrincha-chorona	Itatiaia Spinetail	R	AN
<i>Acrobatornis fonsecai</i> Pacheco, Whitney & Gonzaga,	acrobata	Pink-legged Graveteiro	R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
1996				
<i>Cranioleuca vulpina</i> (Pelzeln, 1856)	arredio-do-rio	Rusty-backed Spinetail	R	F, U
<i>Cranioleuca obsoleta</i> (Reichenbach, 1853)	arredio-oliváceo	Olive Spinetail	R	F
<i>Cranioleuca pallida</i> (Wied, 1831)	arredio-pálido	Pallid Spinetail	R	F
<i>Cranioleuca semicinerea</i> (Reichenbach, 1853)	joão-de-cabeça-cinza	Gray-headed Spinetail	R	F
<i>Thripophaga macroura</i> (Wied, 1821)	rabo-amarelo	Striated Softtail	R	F
Pipridae Rafinesque, 1815				
<i>Neopelma pallescens</i> (Lafresnaye, 1853)	fruxu-do-cerradão	Pale-bellied Tyrant-Manakin	R	F
<i>Neopelma aurifrons</i> (Wied, 1831)	fruxu-baiano	Wied's Tyrant-Manakin	R	F
<i>Neopelma chrysolophum</i> Pinto, 1944	fruxu	Serra do Mar Tyrant-Manakin	R	F
<i>Pipra fasciicauda</i> Hellmayr, 1906	uirapuru-laranja	Band-tailed Manakin	R	F
<i>Pipra rubrocapilla</i> Temminck, 1821	cabeça-encarnada	Red-headed Manakin	R	F
<i>Manacus manacus</i> (Linnaeus, 1766)	rendeira	White-bearded Manakin	R	F
<i>Machaeropterus regulus</i> (Hahn, 1819)	tangará-rajado	Striped Manakin	R	F
<i>Dixiphia pipra</i> (Linnaeus, 1758)	cabeça-branca	White-crowned Manakin	R	F
<i>Illicura militaris</i> (Shaw & Nodder, 1809)	tangarazinho	Pin-tailed Manakin	R	F
<i>Chiroxiphia pareola</i> (Linnaeus, 1766)	tangará-falso	Blue-backed Manakin	R	F
<i>Chiroxiphia caudata</i> (Shaw & Nodder, 1793)	tangará	Swallow-tailed Manakin	R	F
<i>Antilophia bokermanni</i> Coelho & Silva, 1998	soldadinho-do-araripe	Araripe Manakin	R	F, U
Tityridae Gray, 1840				
<i>Oxyruncus cristatus</i> Swainson, 1821	araponga-do-horto	Sharpbill	R	F
<i>Onychorhynchus swainsoni</i> (Pelzeln, 1858)	maria-leque-do-sudeste	Atlantic Royal Flycatcher	R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Myiobius barbatus</i> (Gmelin, 1789)	assanhadinho	Whiskered Flycatcher	R	F
<i>Myiobius atricaudus</i> Lawrence, 1863	assanhadinho-de-cauda-preta	Black-tailed Flycatcher	R	F
<i>Schiffornis virescens</i> (Lafresnaye, 1838)	flautim	Greenish Schiffornis	R	F
<i>Schiffornis turdina</i> (Wied, 1831)	flautim-marrom	Thrush-like Schiffornis	R	F
<i>Laniocera hypopyrra</i> (Vieillot, 1817)	chorona-cinza	Cinereous Mourner	R	F
<i>Laniusoma elegans</i> (Thunberg, 1823)	chibante	Shrike-like Cotinga	R	F
<i>Iodopleura pipra</i> (Lesson, 1831)	anambezinho	Buff-throated Purpleuft	R	F
<i>Tityra inquisitor</i> (Lichtenstein, 1823)	anambé-branco-de-bochecha-parda	Black-crowned Tityra	R	F
<i>Tityra cayana</i> (Linnaeus, 1766)	anambé-branco-de-rabo-preto	Black-tailed Tityra	R	F
<i>Pachyramphus viridis</i> (Vieillot, 1816)	caneleiro-verde	Green-backed Becard	R	F
<i>Pachyramphus castaneus</i> (Jardine & Selby, 1827)	caneleiro	Chestnut-crowned Becard	R	F
<i>Pachyramphus polychopterus</i> (Vieillot, 1818)	caneleiro-preto	White-winged Becard	R	F
<i>Pachyramphus marginatus</i> (Lichtenstein, 1823)	caneleiro-bordado	Black-capped Becard	R	F
<i>Pachyramphus validus</i> (Lichtenstein, 1823)	caneleiro-de-chapéu-preto	Crested Becard	R	F
Cotingidae Bonaparte, 1849				
<i>Lipaugus vociferans</i> (Wied, 1820)	cricrió	Screaming Piha	R	F
<i>Lipaugus lanioides</i> (Lesson, 1844)	tropeiro-da-serra	Cinnamon-vented Piha	R	F
<i>Tijuca atra</i> Ferrusac, 1829	saudade	Black-and-gold Cotinga	R	F
<i>Tijuca condita</i> Snow, 1980	saudade-de-asa-cinza	Gray-winged Cotinga	R	F
<i>Xipholena atropurpurea</i> (Wied, 1820)	anambé-de-asa-branca	White-winged Cotinga	R	F
<i>Procnias averano</i> (Hermann, 1783)	araponga-do-nordeste	Bearded Bellbird	R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Procnias nudicollis</i> (Vieillot, 1817)	araponga	Bare-throated Bellbird	MI / MP	F
<i>Cotinga maculata</i> (Statius Muller, 1776)	crejoá	Banded Cotinga	R	F
<i>Pyroderus scutatus</i> (Shaw, 1792)	pavó	Red-ruffed Fruitcrow	R*	F
<i>Carpornis cucullata</i> (Swainson, 1821)	corococho	Hooded Berryeater	R	F
<i>Carpornis melanocephala</i> (Wied, 1820)	sabiá-pimenta	Black-headed Berryeater	R	F
<i>Phibalura flavirostris</i> Vieillot, 1816	tesourinha-da-mata	Swallow-tailed Cotinga	MI / MP	F
<i>Calyptrura cristata</i> (Vieillot, 1818)	tietê-de-coroa	Kinglet Calyptrura	R*	F
Incertae sedis				
<i>Platyrinchus mystaceus</i> Vieillot, 1818	patinho	White-throated Spadebill	R	F
<i>Platyrinchus leucorhynchus</i> Wied, 1831	patinho-gigante	Russet-winged Spadebill	R	F
<i>Piprites chloris</i> (Temminck, 1822)	papinho-amarelo	Wing-barred Piprites	R	F
<i>Piprites pileata</i> (Temminck, 1822)	caneleirinho-de-chapéu-preto	Black-capped Piprites	R	F
<i>Tachuris rubrigastra</i> (Vieillot, 1817)	papa-piri	Many-colored Rush Tyrant	MI / MP	U
Rhynchocyclidae Berlepsch, 1907				
<i>Mionectes oleagineus</i> (Lichtenstein, 1823)	abre-asa	Ochre-bellied Flycatcher	R	F
<i>Mionectes rufiventris</i> Cabanis, 1846	abre-asa-de-cabeça-cinza	Gray-hooded Flycatcher	R	F
<i>Leptopogon amaurocephalus</i> Tschudi, 1846	cabeçudo	Sepia-capped Flycatcher	R	F
<i>Corythopsis delalandi</i> (Lesson, 1830)	estalador	Southern Antpiper	R	F
<i>Phylloscartes eximius</i> (Temminck, 1822)	barbudinho	Southern Bristle-Tyrant	R	F
<i>Phylloscartes ventralis</i> (Temminck, 1824)	borboletinha-do-mato	Mottle-cheeked Tyrannulet	R	F
<i>Phylloscartes kronei</i> Willis & Oniki, 1992	maria-da-restinga	Restinga Tyrannulet	R	F
<i>Phylloscartes beckeri</i> Gonzaga & Pacheco, 1995	borboletinha-baiana	Bahia Tyrannulet	R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Phylloscartes ceciliae</i> Teixeira, 1987	cara-pintada	Alagoas Tyrannulet	R	F
<i>Phylloscartes roquettei</i> Snethlage, 1928	cara-dourada	Minas Gerais Tyrannulet	R	F
<i>Phylloscartes paulista</i> Ihering & Ihering, 1907	não-pode-parar	Sao Paulo Tyrannulet	R	F
<i>Phylloscartes oustaleti</i> (Selater, 1887)	papa-moscas-de-olheiras	Oustalet's Tyrannulet	R	F
<i>Phylloscartes difficilis</i> (Ihering & Ihering, 1907)	estalinho	Serra do Mar Tyrannulet	R	F
<i>Phylloscartes sylviolus</i> (Cabanis & Heine, 1859)	maria-pequena	Bay-ringed Tyrannulet	R	F
<i>Rhynchocycclus olivaceus</i> (Temminck, 1820)	bico-chato-grande	Olivaceous Flatbill	R	F
<i>Tolmomyias sulphurescens</i> (Spix, 1825)	bico-chato-de-orelha-preta	Yellow-olive Flycatcher	R	F
<i>Tolmomyias poliocephalus</i> (Taczanowski, 1884)	bico-chato-de-cabeça-cinza	Gray-crowned Flycatcher	R	F
<i>Tolmomyias flaviventris</i> (Wied, 1831)	bico-chato-amarelo	Yellow-breasted Flycatcher	R	F
<i>Todirostrum poliocephalum</i> (Wied, 1831)	teque-teque	Yellow-lored Tody-Flycatcher	R	F
<i>Todirostrum cinereum</i> (Linnaeus, 1766)	ferreirinho-relógio	Common Tody-Flycatcher	R	AA
<i>Poecilotriccus plumbeiceps</i> (Lafresnaye, 1846)	tororó	Ochre-faced Tody-Flycatcher	R	F
<i>Poecilotriccus fumifrons</i> (Hartlaub, 1853)	ferreirinho-de-testa-parda	Smoky-fronted Tody-Flycatcher	R	F
<i>Myiornis auricularis</i> (Vieillot, 1818)	miudinho	Eared Pygmy-Tyrant	R	F
<i>Hemitriccus diops</i> (Temminck, 1822)	olho-falso	Drab-breasted Pygmy-Tyrant	R	F
<i>Hemitriccus obsoletus</i> (Miranda-Ribeiro, 1906)	catraca	Brown-breasted Pygmy-Tyrant	R	F
<i>Hemitriccus griseipectus</i> (Snethlage, 1907)	maria-de-barriga-branca	White-bellied Tody-Tyrant	R	F
<i>Hemitriccus orbitatus</i> (Wied, 1831)	tiririzinho-do-mato	Eye-ringed Tody-Tyrant	R	F
<i>Hemitriccus nidipendulus</i> (Wied, 1831)	tachuri-campainha	Hangnest Tody-Tyrant	R	F
<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	sebinho-de-olho-de-ouro	Pearly-vented Tody-tyrant	R	AA, F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Hemitiriccus mirandae</i> (Snethlage, 1925)	maria-do-nordeste	Buff-breasted Tody-Tyrant	R	F
<i>Hemitiriccus kaempferi</i> (Zimmer, 1953)	maria-catarinense	Kaempfer's Tody-Tyrant	R	F
<i>Hemitiriccus furcatus</i> (Lafresnaye, 1846)	papa-moscas-estrela	Fork-tailed Pygmy-Tyrant	R	F
Tyrannidae Vigors, 1825				
<i>Hirundinea ferruginea</i> (Gmelin, 1788)	gibão-de-couro	Cliff Flycatcher	R	AA
<i>Zimmerius gracilipes</i> (Sclater & Salvin, 1868)	poiairo-de-pata-fina	Slender-footed Tyrannulet	R	F
<i>Euscarthmus meloryphus</i> Wied, 1831	barulhento	Tawny-crowned Pygmy-Tyrant	R	AA, F
<i>Tyranniscus burmeisteri</i> (Cabanis & Heine, 1859)	piozinho-chiador	Rough-legged Tyrannulet	R	F
<i>Ornithion inerme</i> Hartlaub, 1853	poiairo-de-sobancelha	White-lored Tyrannulet	R	F
<i>Camptostoma obsoletum</i> (Temminck, 1824)	risadinha	Southern Beardless-Tyrannulet	R	AA, F
<i>Elaenia flavogaster</i> (Thunberg, 1822)	guaracava-de-barriga-amarela	Yellow-bellied Elaenia	R	AA
<i>Elaenia spectabilis</i> Pelzeln, 1868	guaracava-grande	Large Elaenia	MI / MP*	AA
<i>Elaenia chilensis</i> Hellmayr, 1927	guaracava-de-crista-branca	Chilean Elaenia	MNR	F
<i>Elaenia parvirostris</i> Pelzeln, 1868	guaracava-de-bico-curto	Small-billed Elaenia	MI / MP	F
<i>Elaenia mesoleuca</i> (Deppe, 1830)	tuque	Olivaceous Elaenia	MI / MP*	F
<i>Elaenia cristata</i> Pelzeln, 1868	guaracava-de-topete-uniforme	Plain-crested Elaenia	MI / MP	AA
<i>Elaenia chiriquensis</i> Lawrence, 1865	chibum	Lesser Elaenia	MI / MP	AA
<i>Elaenia obscura</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	tucão	Highland Elaenia	R*	F
<i>Myiopagis gaimardii</i> (d'Orbigny, 1839)	maria-pechim	Forest Elaenia	R	F
<i>Myiopagis caniceps</i> (Swainson, 1835)	guaracava-cinzenta	Gray Elaenia	R	F
<i>Myiopagis viridicata</i> (Vieillot, 1817)	guaracava-de-crista-alaranjada	Greenish Elaenia	MI / MP	F
<i>Capsiempis flaveola</i> (Lichtenstein, 1823)	marianinha-amarela	Yellow Tyrannulet	R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Phaeomyias murina</i> (Spix, 1825)	bagageiro	Mouse-colored Tyrannulet	MI / MP	AA, F
<i>Phyllomyias virescens</i> (Temminck, 1824)	piolinho-verdoso	Greenish Tyrannulet	R	F
<i>Phyllomyias fasciatus</i> (Thunberg, 1822)	piolinho	Planalto Tyrannulet	R*	F
<i>Phyllomyias griseicapilla</i> Sclater, 1862	piolinho-serrano	Gray-capped Tyrannulet	R	F
<i>Polystictus pectoralis</i> (Vieillot, 1817)	papa-moscas-canela	Bearded Tachuri	MI / MP	AN, U
<i>Polystictus superciliaris</i> (Wied, 1831)	papa-moscas-de-costas-cinzentas	Gray-backed Tachuri	R*	AN
<i>Pseudocolopteryx sclateri</i> (Oustalet, 1892)	tricolino	Crested Doradito	MI / MP	U
<i>Pseudocolopteryx flaviventris</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	amarelinho-do-junco	Warbling Doradito	MNR	U
<i>Serpophaga nigricans</i> (Vieillot, 1817)	joão-pobre	Sooty Tyrannulet	R	U
<i>Serpophaga subcristata</i> (Vieillot, 1817)	alegrinho	White-crested Tyrannulet	MI / MP	AA, F
<i>Attila phoenicurus</i> Pelzeln, 1868	capitão-castanho	Rufous-tailed Attila	MR	F
<i>Attila rufus</i> (Vieillot, 1819)	capitão-de-saíra	Gray-hooded Attila	R	F
<i>Attila spadiceus</i> (Gmelin, 1789)	capitão-de-saíra-amarelo	Bright-rumped Attila	R	F
<i>Legatus leucophaius</i> (Vieillot, 1818)	bem-te-vi-pirata	Piratic Flycatcher	MR*	F
<i>Ramphotrigon megacephalum</i> (Swainson, 1835)	maria-cabeçuda	Large-headed Flatbill	R*	F
<i>Myiarchus tuberculifer</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	maria-cavaleira-pequena	Dusky-capped Flycatcher	R	F
<i>Myiarchus swainsoni</i> Cabanis & Heine, 1859	irré	Swainson's Flycatcher	MI / MP	F
<i>Myiarchus ferox</i> (Gmelin, 1789)	maria-cavaleira	Short-crested Flycatcher	MI / MP	AA
<i>Myiarchus tyrannulus</i> (Statius Muller, 1776)	maria-cavaleira-de-rabo-	Brown-crested Flycatcher	R	F, AA

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
	enferrujado			
<i>Sirystes sibilator</i> (Vieillot, 1818)	gritador	Sirystes	R	F
<i>Rhytipterna simplex</i> (Lichtenstein, 1823)	vissia	Grayish Mourner	R	F
<i>Casiornis rufus</i> (Vieillot, 1816)	maria-ferrugem	Rufous Casiornis	MR*	F
<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	bem-te-vi	Great Kiskadee	R	G
<i>Philohydor lictor</i> (Lichtenstein, 1823)	bentevizinho-do-brejo	Lesser Kiskadee	R	U
<i>Machetornis rixosa</i> (Vieillot, 1819)	suiriri-cavaleiro	Cattle Tyrant	R	AA
<i>Myiodynastes maculatus</i> (Statius Muller, 1776)	bem-te-vi-rajado	Streaked Flycatcher	MR	F, AA
<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	neinei	Boat-billed Flycatcher	MI / MP	F
<i>Myiozetetes cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)	bentevizinho-de-asa-ferrugínea	Rusty-margined Flycatcher	R	AA, F
<i>Myiozetetes similis</i> (Spix, 1825)	bentevizinho-de-penacho-vermelho	Social Flycatcher	R	AA, F
<i>Tyrannus albogularis</i> Burmeister, 1856	suiriri-de-garganta-branca	White-throated Kingbird	MR	AA
<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	suiriri	Tropical Kingbird	MI / MP	AA, F
<i>Tyrannus savana</i> Vieillot, 1808	tesourinha	Fork-tailed Flycatcher	MR	AA
<i>Grisotyrannus aurantioatrocristatus</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	peitica-de-chapéu-preto	Crowned Slaty Flycatcher	MR	AA, F
<i>Empidonomus varius</i> (Vieillot, 1818)	peitica	Variegated Flycatcher	MI / MP	AA, F
<i>Conopias trivirgatus</i> (Wied, 1831)	bem-te-vi-pequeno	Three-striped Flycatcher	R	F
<i>Colonia colonus</i> (Vieillot, 1818)	viuvinha	Long-tailed Tyrant	R	F
<i>Myiophobus fasciatus</i> (Statius Muller, 1776)	filipe	Bran-colored Flycatcher	MI / MP	AA
<i>Pyrocephalus rubinus</i> (Boddaert, 1783)	príncipe	Vermilion Flycatcher	MNR	AA

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Fluvicola albiventer</i> (Spix, 1825)	lavadeira-de-cara-branca	Black-backed Water-Tyrant	R	U
<i>Fluvicola nengeta</i> (Linnaeus, 1766)	lavadeira-mascarada	Masked Water-Tyrant	R	AA, U
<i>Arundinicola leucocephala</i> (Linnaeus, 1764)	freirinha	White-headed Marsh Tyrant	R	U
<i>Gubernetes yetapa</i> (Vieillot, 1818)	tesoura-do-brejo	Streamer-tailed Tyrant	R	AA, U
<i>Cnemotriccus fuscatus</i> (Wied, 1831)	guaracavuçu	Fuscous Flycatcher	R*	F
<i>Lathrotriccus euleri</i> (Cabanis, 1868)	enferrujado	Euler's Flycatcher	R	F
<i>Contopus cooperi</i> (Nuttall, 1831)	piui-boreal	Olive-sided Flycatcher	MNR	F
<i>Contopus cinereus</i> (Spix, 1825)	papa-moscas-cinzento	Tropical Pewee	MI / MP	F
<i>Knipolegus cyanirostris</i> (Vieillot, 1818)	maria-preta-de-bico-azulado	Blue-billed Black-Tyrant	R	F
<i>Knipolegus lophotes</i> Boie, 1828	maria-preta-de-penacho	Crested Black-Tyrant	R	AA
<i>Knipolegus nigerrimus</i> (Vieillot, 1818)	maria-preta-de-garganta-vermelha	Velvety Black-Tyrant	R	AN, F
<i>Hymenops perspicillatus</i> (Gmelin, 1789)	viuvinha-de-óculos	Spectacled Tyrant	MI / MP	U, AA
<i>Satrapa icterophrys</i> (Vieillot, 1818)	suiriri-pequeno	Yellow-browed Tyrant	MI / MP	AA
<i>Xolmis cinereus</i> (Vieillot, 1816)	primavera	Gray Monjita	MI / MP	AA
<i>Xolmis velatus</i> (Lichtenstein, 1823)	noivinha-branca	White-rumped Monjita	MI / MP*	AA
<i>Xolmis irupero</i> (Vieillot, 1823)	noivinha	White Monjita	MI / MP	AA
<i>Muscipipra vetula</i> (Lichtenstein, 1823)	tesoura-cinzenta	Shear-tailed Gray Tyrant	R	F
Vireonidae Swainson, 1837				
<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	pitiguari	Rufous-browed Peppershrike	R	F, AA
<i>Vireo chivi</i> (Vieillot, 1817)	juruvicara	Chivi Vireo	MI / MP	F
<i>Hylophilus poicilotis</i> Temminck, 1822	verdinho-coroadado	Rufous-crowned Greenlet	R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Hylophilus amaurocephalus</i> (Nordmann, 1835)	vite-vite-de-olho-cinza	Gray-eyed Greenlet	R	F
<i>Hylophilus thoracicus</i> Temminck, 1822	vite-vite	Lemon-chested Greenlet	R	AA, F
Corvidae Leach, 1820				
<i>Cyanocorax cyanomelas</i> (Vieillot, 1818)	gralha-do-pantanal	Purplish Jay	R	F, AA
<i>Cyanocorax caeruleus</i> (Vieillot, 1818)	gralha-azul	Azure Jay	R	F, AA
<i>Cyanocorax cristatellus</i> (Temminck, 1823)	gralha-do-campo	Curl-crested Jay	R	AA
<i>Cyanocorax chrysops</i> (Vieillot, 1818)	gralha-picaça	Plush-crested Jay	R	AA, F
Hirundinidae Rafinesque, 1815				
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-pequena-de-casa	Blue-and-white Swallow	MI / MP	G
<i>Pygochelidon melanoleuca</i> (Wied, 1820)	andorinha-de-coleira	Black-collared Swallow	R	U
<i>Alopochelidon fucata</i> (Temminck, 1822)	andorinha-morena	Tawny-headed Swallow	MI / MP	AA
<i>Atticora tibialis</i> (Cassin, 1853)	calcinha-branca	White-thighed Swallow	R*	F
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-serradora	Southern Rough-winged Swallow	MI / MP	AA
<i>Progne tapera</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-do-campo	Brown-chested Martin	MI / MP	AA
<i>Progne subis</i> (Linnaeus, 1758)	andorinha-azul	Purple Martin	MNR	AA
<i>Progne chalybea</i> (Gmelin, 1789)	andorinha-doméstica-grande	Gray-breasted Martin	MI / MP	AA
<i>Tachycineta albiventer</i> (Boddaert, 1783)	andorinha-do-rio	White-winged Swallow	R	U
<i>Tachycineta leucorrhoa</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-de-sobre-branco	White-rumped Swallow	MI / MP	AA
<i>Tachycineta leucopyga</i> (Meyen, 1834)	andorinha-chilena	Chilean Swallow	MNR	AA
<i>Riparia riparia</i> (Linnaeus, 1758)	andorinha-do-barranco	Bank Swallow	MNR	AA
<i>Hirundo rustica</i> Linnaeus, 1758	andorinha-de-bando	Barn Swallow	MNR	AA

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Petrochelidon pyrrhonota</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-de-dorso-acanelado	Cliff Swallow	MNR	AA
Troglodytidae Swainson, 1831				
<i>Troglodytes musculus</i> Naumann, 1823	corruíra	Southern House Wren	R	G
<i>Campylorhynchus turdinus</i> (Wied, 1831)	catatau	Thrush-like Wren	R	F
<i>Phlegopedius genibarbis</i> (Swainson, 1838)	garrinchão-pai-avô	Moustached Wren	R	F
<i>Cantorchilus longirostris</i> (Vieillot, 1819)	garrinchão-de-bico-grande	Long-billed Wren	R	F
Donacobiidae Aleixo & Pacheco, 2006				
<i>Donacobius atricapilla</i> (Linnaeus, 1766)	japacanim	Black-capped Donacobius	R	U
Poliopitilidae Baird, 1858				
<i>Ramphocaenus melanurus</i> Vieillot, 1819	bico-assovelado	Long-billed Gnatwren	R	F
<i>Poliopitila plumbea</i> (Gmelin, 1788)	balança-rabo-de-chapéu-preto	Tropical Gnatcatcher	R	AA, F
<i>Poliopitila lactea</i> Sharpe, 1885	balança-rabo-leitoso	Creamy-bellied Gnatcatcher	R	F
<i>Poliopitila dumicola</i> (Vieillot, 1817)	balança-rabo-de-máscara	Masked Gnatcatcher	R	F
Turdidae Rafinesque, 1815				
<i>Catharus fuscescens</i> (Stephens, 1817)	sabiá-norte-americano	Veery	MNR	F
<i>Cichlopsis leucogenys</i> Cabanis, 1851	sabiá-castanho	Rufous-brown Solitaire	R	F
<i>Turdus flavipes</i> Vieillot, 1818	sabiá-una	Yellow-legged Thrush	MI / MP	F
<i>Turdus rufiventris</i> Vieillot, 1818	sabiá-laranjeira	Rufous-bellied Thrush	R	AA, F
<i>Turdus leucomelas</i> Vieillot, 1818	sabiá-barranco	Pale-breasted Thrush	R	AA, F
<i>Turdus fumigatus</i> Lichtenstein, 1823	sabiá-da-mata	Cocoa Thrush	R	F
<i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 1850	sabiá-poca	Creamy-bellied Thrush	MI / MP	AA, F
<i>Turdus subalaris</i> (Seeböhm, 1887)	sabiá-ferreiro	Eastern Slaty Thrush	MR	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Turdus albicollis</i> Vieillot, 1818	sabiá-coleira	White-necked Thrush	R	F
Mimidae Bonaparte, 1853				
<i>Mimus gilvus</i> (Vieillot, 1807)	sabiá-da-praia	Tropical Mockingbird	R	AN
<i>Mimus saturninus</i> (Lichtenstein, 1823)	sabiá-do-campo	Chalk-browed Mockingbird	R	AA
<i>Mimus triurus</i> (Vieillot, 1818)	calhandra-de-três-rabos	White-banded Mockingbird	MNR	AA
Motacillidae Horsfield, 1821				
<i>Anthus lutescens</i> Pucheran, 1855	caminheiro-zumbidor	Yellowish Pipit	R	AA
<i>Anthus helmayri</i> Hartert, 1909	caminheiro-de-barriga-acanelada	Hellmayr's Pipit	MI / MP	AN
Coerebidae d'Orbigny & Lafresnaye, 1838				
<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758)	cambacica	Bananaquit	R	AA, F
Thraupidae Cabanis, 1847				
<i>Saltator fuliginosus</i> (Daudin, 1800)	pimentão	Black-throated Grosbeak	R	F
<i>Saltator maximus</i> (Statius Muller, 1776)	tempera-viola	Buff-throated Saltator	R	F
<i>Saltator coerulescens</i> Vieillot, 1817	sabiá-gongá	Grayish Saltator	R	F
<i>Saltator similis</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	trinca-ferro-verdadeiro	Green-winged Saltator	R	F
<i>Saltator maxillosus</i> Cabanis, 1851	bico-grosso	Thick-billed Saltator	R	F
<i>Saltatricula atricollis</i> (Vieillot, 1817)	bico-de-pimenta	Black-throated Saltator	R	AA
<i>Orchesticus abeillei</i> (Lesson, 1839)	sanhaçu-pardo	Brown Tanager	R	F
<i>Compothraupis loricata</i> (Lichtenstein, 1819)	tiê-caburé	Scarlet-throated Tanager	R	AA, F
<i>Nemosia pileata</i> (Boddaert, 1783)	saíra-de-chapéu-preto	Hooded Tanager	R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Nemosia rourei</i> Cabanis, 1870	saira-apunhalada	Cherry-throated Tanager	R	F
<i>Orthogonys chloricterus</i> (Vieillot, 1819)	catirumbava	Olive-green Tanager	R	F
<i>Thlypopsis sordida</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	sai-canário	Orange-headed Tanager	R	AA, F
<i>Pyrrhocomma ruficeps</i> (Strickland, 1844)	cabecinha-castanha	Chestnut-headed Tanager	R	F
<i>Tachyphonus rufus</i> (Boddaert, 1783)	pipira-preta	White-lined Tanager	R	F, AA
<i>Tachyphonus coronatus</i> (Vieillot, 1822)	tiê-preto	Ruby-crowned Tanager	R	F
<i>Ramphocelus bresilius</i> (Linnaeus, 1766)	tiê-sangue	Brazilian Tanager	R	F, AA
<i>Lanio cristatus</i> (Linnaeus, 1766)	tiê-galo	Flame-crested Tanager	R	F
<i>Lanio pileatus</i> (Wied, 1821)	tico-tico-rei-cinza	Pileated Finch	R	AA
<i>Lanio cucullatus</i> (Statius Muller, 1776)	tico-tico-rei	Red-crested Finch	R	AA
<i>Lanio melanops</i> (Vieillot, 1818)	tiê-de-topete	Black-goggled Tanager	R	F
<i>Tangara brasiliensis</i> (Linnaeus, 1766)	cambada-de-chaves	White-bellied Tanager	R	F
<i>Tangara cyanomelaena</i> (Wied, 1830)	saira-pérola	Silver-breasted Tanager	R	F
<i>Tangara seledon</i> (Statius Muller, 1776)	saira-sete-cores	Green-headed Tanager	R	F
<i>Tangara fastuosa</i> (Lesson, 1831)	pintor-verdadeiro	Seven-colored Tanager	R	F
<i>Tangara cyanocephala</i> (Statius Muller, 1776)	saira-militar	Red-necked Tanager	R	F
<i>Tangara cyanoventris</i> (Vieillot, 1819)	saira-douradinha	Gilt-edged Tanager	R	F
<i>Tangara desmaresti</i> (Vieillot, 1819)	saira-lagarta	Brassy-breasted Tanager	R	F
<i>Tangara sayaca</i> (Linnaeus, 1766)	sanhaçu-cinzentos	Sayaca Tanager	R	AA, F
<i>Tangara cyanoptera</i> (Vieillot, 1817)	sanhaçu-de-encontro-azul	Azure-shouldered Tanager	R	F
<i>Tangara palmarum</i> (Wied, 1823)	sanhaçu-do-coqueiro	Palm Tanager	R	AA, F
<i>Tangara ornata</i> (Sparman, 1789)	sanhaçu-de-encontro-amarelo	Golden-chevroned Tanager	R	F

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Tangara peruviana</i> (Desmarest, 1806)	saira-sapucaia	Black-backed Tanager	MI / MP	F
<i>Tangara preciosa</i> (Cabanis, 1850)	saira-preciosa	Chestnut-backed Tanager	R	F
<i>Tangara cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saira-amarela	Burnished-buff Tanager	R	AA, F
<i>Stephanophorus diadematus</i> (Temminck, 1823)	sanhaçu-frade	Diademed Tanager	R	F, AN
<i>Cissopsis levierianus</i> (Gmelin, 1788)	tietinga	Magpie Tanager	R	F
<i>Schistochlamys melanopsis</i> (Latham, 1790)	sanhaçu-de-coleira	Black-faced Tanager	R	AA
<i>Schistochlamys ruficapillus</i> (Vieillot, 1817)	bico-de-veludo	Cinnamon Tanager	R	AA
<i>Paroaria coronata</i> (Miller, 1776)	cardeal	Red-crested Cardinal	R	AA
<i>Paroaria dominicana</i> (Linnaeus, 1758)	cardeal-do-nordeste	Red-cowled Cardinal	R	AA
<i>Pipraeidea melanonota</i> (Vieillot, 1819)	saira-viúva	Fawn-breasted Tanager	MI / MP	F
<i>Pipraeidea bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	sanhaçu-papa-laranja	Blue-and-yellow Tanager	R	F, AA
<i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)	sai-andorinha	Swallow Tanager	MI / MP	F, AA
<i>Dacnis nigripes</i> Pelzeln, 1856	sai-de-pernas-pretas	Black-legged Dacnis	MI / MP	F
<i>Dacnis cayana</i> (Linnaeus, 1766)	sai-azul	Blue Dacnis	R	AA, F
<i>Cyanerpes cyaneus</i> (Linnaeus, 1766)	saira-beija-flor	Red-legged Honeycreeper	R	F
<i>Chlorophanes spiza</i> (Linnaeus, 1758)	sai-verde	Green Honeycreeper	R	F
<i>Hemithraupis guira</i> (Linnaeus, 1766)	saira-de-papo-preto	Guira Tanager	R	F
<i>Hemithraupis ruficapilla</i> (Vieillot, 1818)	saira-ferrugem	Rufous-headed Tanager	R	F
<i>Hemithraupis flavicollis</i> (Vieillot, 1818)	saira-galega	Yellow-backed Tanager	R	F
<i>Coniostrom speciosum</i> (Temminck, 1824)	figuinha-de-rabo-castanho	Chestnut-vented Conebill	R	F, AA
<i>Coniostrom bicolor</i> (Vieillot, 1809)	figuinha-do-mangue	Bicolored Conebill	R	F, M
Emberizidae Vigors, 1825				

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Zonotrichia capensis</i> (Statius Muller, 1776)	tico-tico	Rufous-collared Sparrow	R	AA
<i>Ammodramus humeralis</i> (Bosc, 1792)	tico-tico-do-campo	Grassland Sparrow	R	AA
<i>Haplospiza unicolor</i> Cabanis, 1851	cigarra-bambu	Uniform Finch	R	F
<i>Donacospiza albifrons</i> (Vieillot, 1817)	tico-tico-do-banhado	Long-tailed Reed Finch	R	U, AN
<i>Poospiza thoracica</i> (Nordmann, 1835)	peito-pinhão	Bay-chested Warbling-Finch	R	F
<i>Poospiza nigrorufa</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	quem-te-vestiu	Black-and-rufous Warbling-Finch	R	F, AA
<i>Poospiza lateralis</i> (Nordmann, 1835)	quete	Buff-throated Warbling-Finch	R	F
<i>Poospiza cabanisi</i> Bonaparte, 1850	tico-tico-da-taquara	Gray-throated Warbling-Finch	R	F
<i>Poospiza cinerea</i> Bonaparte, 1850	capacetinho-do-oco-do-pau	Cinereous Warbling-Finch	R	AA
<i>Sicalis citrina</i> Pelzeln, 1870	canário-rasteiro	Stripe-tailed Yellow-Finch	MI / MP	AA
<i>Sicalis flaveola</i> (Linnaeus, 1766)	canário-da-terra-verdadeiro	Saffron Finch	R	AA
<i>Sicalis luteola</i> (Sparman, 1789)	tipio	Grassland Yellow-Finch	MI / MP	AA
<i>Emberizoides herbicola</i> (Vieillot, 1817)	canário-do-campo	Wedge-tailed Grass-Finch	R	AA
<i>Emberizoides ypiranganus</i> Ihering & Ihering, 1907	canário-do-brejo	Lesser Grass-Finch	R	AN
<i>Embernagra platensis</i> (Gmelin, 1789)	sabiá-do-banhado	Great Pampa-Finch	R	AA
<i>Embernagra longicauda</i> Strickland, 1844	rabo-mole-da-serra	Pale-throated Serra-Finch	R	AN
<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	tiziu	Blue-black Grassquit	R	AA
<i>Sporophila frontalis</i> (Verreaux, 1869)	pioxó	Buffy-fronted Seedeater	MI / MP	F
<i>Sporophila falcirostris</i> (Temminck, 1820)	cigarra-verdadeira	Temminck's Seedeater	MI / MP	F
<i>Sporophila collaris</i> (Boddaert, 1783)	coleiro-do-brejo	Rusty-collared Seedeater	R	U
<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	bigodinho	Lined Seedeater	MR	AA

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Sporophila nigricollis</i> (Vieillot, 1823)	baiano	Yellow-bellied Seedeater	R	AA
<i>Sporophila ardesiaca</i> (Dubois, 1894)	papa-capim-de-costas-cinzas	Dubois's Seedeater	R	AA
<i>Sporophila caerulescens</i> (Vieillot, 1823)	coleirinho	Double-collared Seedeater	MI / MP	AA
<i>Sporophila albogularis</i> (Spix, 1825)	golinho	White-throated Seedeater	R	AA
<i>Sporophila leucoptera</i> (Vieillot, 1817)	chorão	White-bellied Seedeater	R	AA
<i>Sporophila bouvreuil</i> (Statius Muller, 1776)	caboclinho	Capped Seedeater	MI / MP	AA
<i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus, 1766)	curió	Chestnut-bellied Seed-Finch	R	AA
<i>Sporophila maximiliani</i> (Cabanis, 1851)	bicudo	Great-billed Seed-Finch	R	AN
<i>Tiaris fuliginosus</i> (Wied, 1830)	cigarra-do-coqueiro	Sooty Grassquit	R	F
<i>Arremon taciturnus</i> (Hermann, 1783)	tico-tico-de-bico-preto	Pectoral Sparrow	R	F
<i>Arremon semitorquatus</i> Swainson, 1838	tico-tico-do-mato	Half-collared Sparrow	R	F
<i>Arremon franciscanus</i> Raposo, 1997	tico-tico-do-são-francisco	Sao Francisco Sparrow	R	F
<i>Arremon flavirostris</i> Swainson, 1838	tico-tico-de-bico-amarelo	Saffron-billed Sparrow	R	F
Cardinalidae Ridgway, 1901				
<i>Piranga flava</i> (Vieillot, 1822)	sanhaçu-de-fogo	Hepatic Tanager	MI / MP	F
<i>Habia rubica</i> (Vieillot, 1817)	tiê-do-mato-grosso	Red-crowned Ant-Tanager	R	F
<i>Caryothraustes canadensis</i> (Linnaeus, 1766)	furriel	Yellow-green Grosbeak	R	F
<i>Cyanoloxia moesta</i> (Hartlaub, 1853)	negrinho-do-mato	Blackish-blue Seedeater	R	F
<i>Cyanoloxia brissonii</i> (Lichtenstein, 1823)	azulão	Ultramarine Grosbeak	R	AA
<i>Cyanoloxia glaucocaeulea</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	azulinho	Glaucous-blue Grosbeak	MR	F, AA
Parulidae Wetmore, Friedmann, Lincoln, Miller, Peters, van Rossem, Van Tyne & Zimmer 1947				

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Setophaga pitiayumi</i> (Vieillot, 1817)	mariquita	Tropical Parula	R	F, AA
<i>Setophaga striata</i> (Forster, 1772)	mariquita-de-perna-clara	Blackpoll Warbler	MNR	F
<i>Geothlypis aequinoctialis</i> (Gmelin, 1789)	pia-cobra	Masked Yellowthroat	R	AA, U
<i>Basileuterus culicivorus</i> (Deppe, 1830)	pula-pula	Golden-crowned Warbler	R	F
<i>Myiothlypis flaveola</i> Baird, 1865	canário-do-mato	Flavescent Warbler	R	F
<i>Myiothlypis leucoblephara</i> (Vieillot, 1817)	pula-pula-assobiador	White-browed Warbler	R	F
<i>Myiothlypis rivularis</i> (Wied, 1821)	pula-pula-ribeirinho	Neotropical River Warbler	R	F
Icteridae Vigors, 1825				
<i>Psarocolius decumanus</i> (Pallas, 1769)	japu	Crested Oropendola	R	F, AA
<i>Procacicus solitarius</i> (Vieillot, 1816)	iraúna-de-bico-branco	Solitary Black Cacique	R	F, AA
<i>Cacicus chrysopterus</i> (Vigors, 1825)	tecelão	Golden-winged Cacique	R	F
<i>Cacicus haemorrhous</i> (Linnaeus, 1766)	guaxe	Red-rumped Cacique	R	F
<i>Cacicus cela</i> (Linnaeus, 1758)	xexéu	Yellow-rumped Cacique	R	F
<i>Icterus pyrrhopterus</i> (Vieillot, 1819)	encontro	Variable Oriole	R	AA
<i>Icterus jamacaii</i> (Gmelin, 1788)	corrupião	Campo Troupial	R	AA
<i>Gnorimopsar chopi</i> (Vieillot, 1819)	graúna	Chopi Blackbird	R	AA
<i>Curaeus forbesi</i> (Sclater, 1886)	anumarã	Forbes's Blackbird	R	F
<i>Amblyramphus holosericeus</i> (Scopoli, 1786)	cardeal-do-banhado	Scarlet-headed Blackbird	R*	U
<i>Agelasticus cyanopus</i> (Vieillot, 1819)	carretão	Unicolored Blackbird	R	U
<i>Agelasticus thilius</i> (Molina, 1782)	sargento	Yellow-winged Blackbird	R	U
<i>Chrysomus ruficapillus</i> (Vieillot, 1819)	garibaldi	Chestnut-capped Blackbird	R	U
<i>Pseudoleistes guirahuro</i> (Vieillot, 1819)	chopim-do-brejo	Yellow-rumped Marshbird	R	U, AA

Nome do táxon	Nome em português	Nome em inglês	Status	Hab.
<i>Pseudoleistes virescens</i> (Vieillot, 1819)	dragão	Brown-and-yellow Marshbird	R	U, AA
<i>Agelaioides badius</i> (Vieillot, 1819)	asa-de-telha	Bay-winged Cowbird	R	AA
<i>Agelaioides fringillarius</i> (Spix 1824)	asa-de-telha-pálido	Pale Baywing	R	AA
<i>Molothrus rufoaxillaris</i> Cassin, 1866	vira-bosta-picumã	Screaming Cowbird	R*	AA
<i>Molothrus oryzivorus</i> (Gmelin, 1788)	iraúna-grande	Giant Cowbird	R*	AA
<i>Molothrus bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	vira-bosta	Shiny Cowbird	R	AA
<i>Sturnella superciliaris</i> (Bonaparte, 1850)	polícia-inglesa-do-sul	White-browed Blackbird	R	AA
Fringillidae Leach, 1820				
<i>Sporagra yarrellii</i> (Audubon, 1839)	pintassilgo-do-nordeste	Yellow-faced Siskin	R	AA, F
<i>Sporagra magellanica</i> (Vieillot, 1805)	pintassilgo	Hooded Siskin	R	AA, F
<i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1766)	fim-fim	Purple-throated Euphonia	R	AA, F
<i>Euphonia violacea</i> (Linnaeus, 1758)	gaturamo-verdadeiro	Violaceous Euphonia	R	F
<i>Euphonia chalybea</i> (Mikan, 1825)	cais-cais	Green-throated Euphonia	R	F
<i>Euphonia cyanocephala</i> (Vieillot, 1818)	gaturamo-rei	Golden-rumped Euphonia	MI / MP	F
<i>Euphonia xanthogaster</i> Sundevall, 1834	fim-fim-grande	Orange-bellied Euphonia	R	F
<i>Euphonia pectoralis</i> (Latham, 1801)	ferro-velho	Chestnut-bellied Euphonia	R	F
<i>Chlorophonia cyanea</i> (Thunberg, 1822)	gaturamo-bandeira	Blue-naped Chlorophonia	R	F
Estrildidae Bonaparte, 1850				
<i>Estrilda astrild</i> (Linnaeus, 1758)	bico-de-lacre	Common Waxbill	I	AA
Passeridae Rafinesque, 1815				
<i>Passer domesticus</i> (Linnaeus, 1758)	pardal	House Sparrow	I	AA

Apêndice 2. Lista das espécies presentes em Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (*et al.* 2000) e/ou com registros disponíveis dentro dos limites da Mata Atlântica determinados por IBGE (2008), mas não consideradas como parte de sua avifauna pelo presente estudo, incluindo justificativas para exclusão. 1 – espécies presente em Parker *et al.* (1996), 2 – espécies presente em Pacheco & Bauer (*et al.* 2000), 3 – espécies com registros disponíveis dentro dos limites da Mata Atlântica *sensu* IBGE (2008), mas não consideradas pelo autores anteriores . Justificativas: IO – espécies restritas a ilhas oceânicas, M / E – espécies de ocorrência marginal ou quando presentes no interior da Mata Atlântica associadas a enclaves de Caatinga, Cerrado e Campos Sulinos. O – espécies oceânicas, V – espécies com registros escassos na Mata Atlântica associados a indivíduos vagantes.

Espécie	1	2	3	Justificativa
<i>Rhea americana</i> (Linnaeus, 1758)		x		M / E
<i>Crypturellus undulatus</i> (Temminck, 1815)		x		M / E
<i>Nothura minor</i> (Spix, 1825)		x		M / E
<i>Taoniscus nanus</i> (Temminck, 1815)		x		M / E
<i>Neochen jubata</i> (Spix, 1825)		x		V
<i>Anas sibilatrix</i> Poeppig, 1829			x	V
<i>Anas acuta</i> Linnaeus, 1758		x		V
<i>Anas discors</i> Linnaeus, 1766	x	x		V
<i>Anas cyanoptera</i> Vieillot, 1816			x	V
<i>Anas platalea</i> Vieillot, 1816		x		M / E
<i>Heteronetta atricapilla</i> (Merrem, 1841)		x		M / E
<i>Oxyura vittata</i> (Philippi, 1860)			x	V
<i>Ortalis canicollis</i> (Wagler, 1830)			x	M / E
<i>Penelope jacucaca</i> Spix, 1825		x		M / E
<i>Podiceps occipitalis</i> Garnot, 1826			x	V
<i>Aptenodytes patagonicus</i> Miller, 1778		x		O, V
<i>Spheniscus magellanicus</i> (Forster, 1781)		x		O
<i>Phoebetria fusca</i> (Hilsenberg, 1822)		x		O
<i>Phoebetria palpebrata</i> (Forster, 1785)		x		O
<i>Thalassarche chlororhynchos</i> (Gmelin, 1789)		x		O
<i>Thalassarche melanophris</i> (Temminck, 1828)		x		O
<i>Thalassarche chrysostoma</i> (Forster, 1785)		x		O
<i>Diomedea epomophora</i> Lesson, 1825		x		O

Espécie	1	2	3	Justificativa
<i>Diomedea exulans</i> Linnaeus, 1758		x		O
<i>Diomedea dabbenena</i> Mathews, 1929		x		O
<i>Macronectes giganteus</i> (Gmelin, 1789)		x		O
<i>Macronectes halli</i> Mathews, 1912		x		O
<i>Fulmarus glacialis</i> (Smith, 1840)		x		O
<i>Daption capense</i> (Linnaeus, 1758)		x		O
<i>Lugensa brevirostris</i> (Lesson, 1831)		x		O
<i>Pterodroma mollis</i> (Gould, 1844)		x		O
<i>Pterodroma hasitata</i> (Kuhl, 1820)		x		O
<i>Pterodroma incerta</i> (Schlegel, 1863)		x		O
<i>Pterodroma lessonii</i> (Garnot, 1826)		x		O
<i>Pterodroma arminjoniana</i> (Giglioli & Salvadori, 1869)	x	x		O
<i>Halobaena caerulea</i> (Gmelin, 1789)		x		O
<i>Pachyptila desolata</i> (Gmelin, 1789)		x		O
<i>Pachyptila belcheri</i> (Mathews, 1912)		x		O
<i>Procellaria aequinoctialis</i> Linnaeus, 1758		x		O
<i>Procellaria conspicillata</i> Gould, 1844		x		O
<i>Calonectris borealis</i> (Cory, 1881)		x		O
<i>Calonectris edwardsii</i> (Oustalet, 1883)		x		O
<i>Puffinus griseus</i> (Gmelin, 1789)		x		O
<i>Puffinus gravis</i> (O'Reilly, 1818)		x		O
<i>Puffinus puffinus</i> (Brünnich, 1764)		x		O
<i>Puffinus assimilis</i> Gould, 1838		x		O
<i>Fregetta grallaria</i> (Vieillot, 1818)		x		O
<i>Fregetta tropica</i> (Gould, 1844)		x		O
<i>Oceanites oceanicus</i> (Kuhl, 1820)		x		O
<i>Pelagodroma marina</i> (Latham, 1790)		x		O
<i>Oceanodroma leucorhoa</i> (Vieillot, 1818)		x		O
<i>Phaethon aethereus</i> Linnaeus, 1758	x	x		O
<i>Phaethon rubricauda</i> Boddaert, 1783		x		O
<i>Phaethon lepturus</i> Daudin, 1802	x	x		O
<i>Fregata minor</i> (Gmelin, 1789)		x		O
<i>Fregata ariel</i> (Gray, 1845)	x	x		O
<i>Morus capensis</i> (Lichtenstein, 1823)		x		O, V
<i>Morus serrator</i> Gray, 1843		x		O, V
<i>Sula dactylatra</i> Lesson, 1831	x	x		O
<i>Sula sula</i> (Linnaeus, 1766)	x	x		O
<i>Phalacrocorax bransfieldensis</i> Murphy, 1936			x	V
<i>Pelecanus occidentalis</i> Linnaeus, 1766		x		V

Espécie	1	2	3	Justificativa
<i>Ardeola ralloides</i> (Scopoli, 1769)		x		V
<i>Ardea purpurea</i> Linnaeus, 1766		x		V
<i>Egretta gularis</i> (Bosc, 1792)		x		V
<i>Theristicus caerulescens</i> (Vieillot, 1817)			x	M / E
<i>Platalea leucorodia</i> Linnaeus, 1758		x		V
<i>Vultur gryphus</i> Linnaeus, 1758		x		V
<i>Circus cinereus</i> Vieillot, 1816		x		M / E
<i>Buteo platypterus</i> (Vieillot, 1823)			x	V
<i>Buteo swainsoni</i> Bonaparte, 1838		x		V
<i>Micrastur gilvicollis</i> (Vieillot, 1817)	x	x		T
<i>Falco columbarius</i> Linnaeus, 1758		x		V
<i>Micropygia schomburgkii</i> (Schomburgk, 1848)		x		M / E
<i>Laterallus xenopterus</i> Conover, 1934		x		M / E
<i>Porzana spiloptera</i> Durnford, 1877			x	M / E
<i>Porphyrio flavirostris</i> (Gmelin, 1789)	x	x		V
<i>Oreopholus ruficollis</i> (Wagler, 1829)		x		V
<i>Chionis albus</i> (Gmelin, 1789)		x		V
<i>Limosa lapponica</i> (Linnaeus, 1758)		x		V
<i>Numenius borealis</i> (Forster, 1772)		x		V, M / E
<i>Xenus cinereus</i> (Guldenstadt, 1775)		x		V
<i>Tringa totanus</i> (Linnaeus, 1758)		x		V
<i>Calidris bairdii</i> (Coues, 1861)		x		M / E
<i>Philomachus pugnax</i> (Linnaeus, 1758)			x	V
<i>Glareola pratincola</i> (Linnaeus, 1766)		x		V
<i>Stercorarius skua</i> (Brünnich, 1764)		x		O
<i>Stercorarius chilensis</i> Bonaparte, 1857		x		O
<i>Stercorarius maccormicki</i> Saunders, 1893		x		O
<i>Stercorarius antarcticus</i> (Lesson, 1831)		x		O
<i>Stercorarius pomarinus</i> (Temminck, 1815)		x		O
<i>Stercorarius parasiticus</i> (Linnaeus, 1758)		x		O
<i>Stercorarius longicaudus</i> Vieillot, 1819		x		O
<i>Leucophaeus atricilla</i> (Linnaeus, 1758)			x	V
<i>Leucophaeus pipixcan</i> (Wagler, 1831)		x		V
<i>Larus atlanticus</i> Olrog, 1958			x	V, M / E
<i>Anous stolidus</i> (Linnaeus, 1758)	x	x		O
<i>Anous minutus</i> Boie, 1844	x	x		O
<i>Gygis alba</i> (Sparmann, 1786)	x	x		O
<i>Onychoprion fuscatus</i> (Linnaeus, 1766)	x	x		O
<i>Chlidonias leucopterus</i> (Temminck, 1815)			x	O

Espécie	1	2	3	Justificativa
<i>Chlidonias niger</i> (Linnaeus, 1758)		x		O
<i>Sterna vittata</i> Gmelin, 1789		x		V
<i>Sterna forsteri</i> Nuttall, 1834		x		V
<i>Columbina cyanopsis</i> (Pelzeln, 1870)		x		M / E
<i>Uropelia campestris</i> (Spix, 1825)			x	M / E
<i>Patagioenas maculosa</i> (Temminck, 1813)		x		M / E
<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i> (Latham, 1790)			x	M / E
<i>Orthopsittacus manilata</i> (Boddaert, 1783)		x		M / E
<i>Primolius auricollis</i> (Cassin, 1853)			x	M / E
<i>Aratinga acuticaudata</i> (Vieillot, 1818)			x	M / E
<i>Aratinga nenday</i> (Vieillot, 1823)			x	M / E
<i>Aratinga cactorum</i> (Kuhl, 1820)		x		M / E
<i>Pyrrhura devillei</i> (Massena & Souancé, 1854)			x	M / E
<i>Alipiopsitta xanthops</i> (Spix, 1824)		x		M / E
<i>Micrococyx cinereus</i> (Vieillot, 1817)	x	x		V
<i>Glaucidium hardyi</i> Vieillard, 1990	x	x		T
<i>Hydropsalis anomala</i> (Gould, 1838)	x	x		M / E
<i>Hydropsalis candicans</i> (Pelzeln, 1867)		x		M / E
<i>Anopetia gounellei</i> (Boucard, 1891)		x		M / E
<i>Phaethornis subochraceus</i> Todd, 1915			x	M / E
<i>Thalurania furcata</i> (Gmelin, 1788)		x		M / E
<i>Heliactin bilophus</i> (Temminck, 1820)		x		M / E
<i>Heliomaster longirostris</i> (Audebert & Vieillot, 1801)		x		M / E
<i>Brachygalba lugubris</i> (Swainson, 1838)		x		M / E
<i>Melanerpes cactorum</i> (d'Orbigny, 1840)			x	M / E
<i>Veniliornis mixtus</i> (Boddaert, 1783)		x		M / E
<i>Campephilus leucopogon</i> (Valenciennes, 1826)		x		M / E
<i>Myrmorchilus strigilatus</i> (Wied, 1831)		x		M / E
<i>Formicivora melanogaster</i> Pelzeln, 1868		x		M / E
<i>Herpsilochmus sellowi</i> Whitney & Pacheco, 2000			x	M / E
<i>Sakesphorus cristatus</i> (Wied, 1831)		x		M / E
<i>Thamnophilus capistratus</i> Lesson, 1840			x	M / E
<i>Melanopareia torquata</i> (Wied, 1831)		x		M / E
<i>Hylopezus ochroleucus</i> (Wied, 1831)		x		M / E
<i>Scytalopus novacapitalis</i> Sick, 1958		x		M / E
<i>Geositta poecilopectera</i> (Wied, 1830)		x		M / E
<i>Cinclodes pabsti</i> Sick, 1969	x	x		M / E
<i>Cinclodes fuscus</i> (Vieillot, 1818)		x		V

Espécie	1	2	3	Justificativa
<i>Limnornis curvirostris</i> Gould, 1839		x		M / E
<i>Megaxenops parnaguae</i> Reiser, 1905			x	M / E
<i>Syndactyla dimidiata</i> (Pelzeln, 1859)		x		M / E
<i>Pseudoseisura unirufa</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1838)			x	M / E
<i>Phacellodomus striaticollis</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1838)		x		M / E
<i>Phacellodomus ruber</i> (Vieillot, 1817)		x		M / E
<i>Schoeniophylax phryganophilus</i> (Vieillot, 1817)		x		M / E
<i>Gyalophylax hellmayri</i> (Reiser, 1905)			x	M / E
<i>Synallaxis albilora</i> Pelzeln, 1856			x	M / E
<i>Limnortyx rectirostris</i> (Gould, 1839)	x	x		M / E
<i>Tityra semifasciata</i> (Spix, 1825)			x	M / E
<i>Xenopsaris albinucha</i> (Burmeister, 1869)		x		M / E
<i>Poecilatriccus latirostris</i> (Pelzeln, 1868)		x		M / E
<i>Hemitriccus striaticollis</i> (Lafresnaye, 1853)		x		M / E
<i>Stigmatura napensis</i> Chapman, 1926		x		M / E
<i>Stigmatura budytoides</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)		x		M / E
<i>Euscarthmus rufomarginatus</i> (Pelzeln, 1868)		x		M / E
<i>Elaenia ridleyana</i> Sharpe, 1888	x	x		IO
<i>Suiriri suiriri</i> (Vieillot, 1818)		x		M / E
<i>Phyllomyias reiseri</i> Hellmayr, 1905			x	M / E
<i>Culicivora caudacuta</i> (Vieillot, 1818)		x		M / E
<i>Serpophaga griseicapilla</i> Straneck, 2007			x	M / E
<i>Serpophaga munda</i> Berlepsch, 1893			x	M / E
<i>Casiornis fuscus</i> Sclater & Salvin, 1873		x		M / E
<i>Tyrannus tyrannus</i> (Linnaeus, 1766)			x	V
<i>Sublegatus modestus</i> (Wied, 1831)		x		M / E
<i>Alectrurus tricolor</i> (Vieillot, 1816)		x		M / E
<i>Alectrurus risora</i> (Vieillot, 1824)		x		M / E
<i>Contopus virens</i> (Linnaeus, 1766)			x	V
<i>Lessonia rufa</i> (Gmelin, 1789)		x		V
<i>Knipolegus franciscanus</i> Snethlage, 1928			x	M / E
<i>Xolmis dominicanus</i> (Vieillot, 1823)	x	x		M / E
<i>Vireo gracilirostris</i> Sharpe, 1890	x	x		IO
<i>Hylophilus pectoralis</i> Sclater, 1866			x	M / E
<i>Cyanocorax cyanopogon</i> (Wied, 1821)		x		M / E
<i>Cistothorus platensis</i> (Latham, 1790)		x		M / E
<i>Cantorchilus leucotis</i> (Lafresnaye, 1845)		x		M / E
<i>Catharus swainsoni</i> (Tschudi, 1845)		x		V
<i>Anthus furcatus</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837			x	M / E

Espécie	1	2	3	Justificativa
<i>Anthus correndera</i> Vieillot, 1818		x		M / E
<i>Anthus nattereri</i> Sclater, 1878	x	x		M / E
<i>Saltator aurantirostris</i> Vieillot, 1817			x	M / E
<i>Cypsnagra hirundinacea</i> (Lesson, 1831)		x		M / E
<i>Ramphocelus carbo</i> (Pallas, 1764)		x		M / E
<i>Lanio penicillatus</i> (Spix, 1825)		x		M / E
<i>Neothraupis fasciata</i> (Lichtenstein, 1823)		x		M / E
<i>Porphyrospiza caeruleascens</i> (Wied, 1830)		x		M / E
<i>Sporophila plumbea</i> (Wied, 1830)	x	x		M / E
<i>Sporophila hypoxantha</i> Cabanis, 1851		x		M / E
<i>Sporophila ruficollis</i> Cabanis, 1851		x		M / E
<i>Sporophila palustris</i> (Barrows, 1883)		x		M / E
<i>Sporophila cinnamomea</i> (Lafresnaye, 1839)		x		M / E
<i>Sporophila melanogaster</i> (Pelzeln, 1870)	x	x		M / E
<i>Charitospiza eucosma</i> Oberholser, 1905		x		M / E
<i>Coryphaspiza melanotis</i> (Temminck, 1822)		x		M / E
<i>Setophaga cerulea</i> (Wilson, 1810)		x		V
<i>Setophaga fusca</i> (Statius Muller, 1776)		x		V
<i>Myiothlypis leucophrys</i> (Pelzeln, 1868)		x		M / E
<i>Icterus croconotus</i> (Wagler, 1829)			x	M / E
<i>Xanthopsar flavus</i> (Gmelin, 1788)	x	x		M / E
<i>Sturnella militaris</i> (Linnaeus, 1758)		x		M / E
<i>Dolichonyx oryzivorus</i> (Linnaeus, 1758)		x		V

Apêndice 3. Lista das espécies consideradas como integrantes da avifauna da Mata Atlântica pelo presente estudo mas ausentes em Parker *et al.* (1996) ou em Pacheco & Bauer *et al.* (2000). 1 – ausente em Parker *et al.* (1996), 2 – ausente em Pacheco & Bauer (2000). “T” indica espécies que sofreram alterações taxonômicas ou foram descritas após a publicação desses trabalhos.

Espécie	1	2
<i>Crypturellus strigulosus</i> (Temminck, 1815)	x	
<i>Nothura boraquira</i> (Spix, 1825)	x	
<i>Nothura maculosa</i> (Temminck, 1815)	x	
<i>Anhima cornuta</i> (Linnaeus, 1766)	x	
<i>Chauna torquata</i> (Oken, 1816)	x	
<i>Dendrocygna bicolor</i> (Vieillot, 1816)	x	
<i>Dendrocygna autumnalis</i> (Linnaeus, 1758)	x	
<i>Cygnus melancoryphus</i> (Molina, 1782)	x	
<i>Coscoroba coscoroba</i> (Molina, 1782)	x	
<i>Callonetta leucophrys</i> (Vieillot, 1816)	x	
<i>Amazonetta brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)	x	
<i>Anas flavirostris</i> Vieillot, 1816	x	
<i>Anas georgica</i> Gmelin, 1789	x	
<i>Anas versicolor</i> Vieillot, 1816	x	
<i>Netta peposaca</i> (Vieillot, 1816)	x	
<i>Ortalis aracuan</i> (Spix, 1825)	T	T
<i>Ortalis squamata</i> (Lesson, 1829)	T	T
<i>Crax fasciolata</i> Spix, 1825	x	
<i>Rollandia rolland</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	x	
<i>Podiceps major</i> (Boddaert, 1783)	x	
<i>Puffinus lherminieri</i> Lesson, 1839	x	
<i>Ciconia maguari</i> (Gmelin, 1789)	x	
<i>Jabiru mycteria</i> (Lichtenstein, 1819)	x	
<i>Theristicus caudatus</i> (Boddaert, 1783)	x	
<i>Phoenicopterus chilensis</i> Molina, 1782	x	
<i>Phoenicoparrus andinus</i> (Philippi, 1854)	x	
<i>Gampsonyx swainsonii</i> Vigors, 1825	x	
<i>Circus buffoni</i> (Gmelin, 1788)	x	
<i>Busarellus nigricollis</i> (Latham, 1790)	x	
<i>Urubitinga coronata</i> (Vieillot, 1817)	x	
<i>Parabuteo unicinctus</i> (Temminck, 1824)	x	

Espécie	1	2
<i>Geranoaetus melanoleucus</i> (Vieillot, 1819)	x	
<i>Buteo albonotatus</i> Kaup, 1847	x	
<i>Ibycter americanus</i> (Boddaert, 1783)	x	
<i>Milvago chimango</i> (Vieillot, 1816)	x	
<i>Micrastur mintoni</i> Whittaker, 2002	T	T
<i>Falco deiroleucus</i> Temminck, 1825	x	
<i>Falco femoralis</i> Temminck, 1822	x	
<i>Aramides ypecaha</i> (Vieillot, 1819)	x	
<i>Neocrex erythrops</i> (Sclater, 1867)	x	
<i>Fulica leucoptera</i> Vieillot, 1817	x	
<i>Vanellus cayanus</i> (Latham, 1790)	x	
<i>Pluvialis dominica</i> (Statius Muller, 1776)	x	
<i>Charadrius falklandicus</i> Latham, 1790	x	
<i>Charadrius modestus</i> Lichtenstein, 1823	x	
<i>Himantopus melanurus</i> Vieillot, 1817	T	T
<i>Limosa haemastica</i> (Linnaeus, 1758)	x	
<i>Bartramia longicauda</i> (Bechstein, 1812)	x	
<i>Tringa semipalmata</i> (Gmelin, 1789)	x	
<i>Calidris fuscicollis</i> (Vieillot, 1819)	x	
<i>Tryngites subruficollis</i> (Vieillot, 1819)	x	
<i>Phalaropus tricolor</i> (Vieillot, 1819)	x	
<i>Nycticryphes semicollaris</i> (Vieillot, 1816)	x	
<i>Sternula antillarum</i> Lesson, 1847	x	
<i>Sterna paradisaea</i> Pontoppidan, 1763	x	
<i>Sterna trudeaui</i> Audubon, 1838	x	
<i>Columbina passerina</i> (Linnaeus, 1758)	x	
<i>Columbina minuta</i> (Linnaeus, 1766)	x	
<i>Columbina picui</i> (Temminck, 1813)	x	
<i>Anodorhynchus glaucus</i> (Vieillot, 1816)	x	
<i>Ara ararauna</i> (Linnaeus, 1758)	x	
<i>Myiopsitta monachus</i> (Boddaert, 1783)	x	
<i>Brotogeris chiriri</i> (Vieillot, 1818)	x	
<i>Megascops sanctaecatarinae</i> (Salvin, 1897)	x	
<i>Strix huhula</i> Daudin, 1800	x	
<i>Glaucidium mooreorum</i> Silva, Coelho & Gonzaga, 2002	T	T
<i>Asio stygius</i> (Wagler, 1832)	x	
<i>Asio flammeus</i> (Pontoppidan, 1763)	x	
<i>Nyctibius grandis</i> (Gmelin, 1789)	x	
<i>Antrostomus sericocaudatus</i> Cassin, 1849	x	

Espécie	1	2
<i>Hydropsalis vielliardi</i> (Lencioni-Neto, 1994)	x	x
<i>Hydropsalis hirundinacea</i> (Spix, 1825)	x	
<i>Chordeiles nacunda</i> (Vieillot, 1817)	x	
<i>Phaethornis camargoi</i> Grantsau, 1988	T	T
<i>Campylopterus diamantinensis</i> Ruschi, 1963	x	
<i>Colibri delphinae</i> (Lesson, 1839)	x	x
<i>Chrysolampis mosquitus</i> (Linnaeus, 1758)	x	
<i>Stephanoxis loddigesii</i> (Gould, 1831)	T	T
<i>Hylocharis chrysura</i> (Shaw, 1812)	x	
<i>Amazilia leucogaster</i> (Gmelin, 1788)	x	
<i>Augastes scutatus</i> (Temminck, 1824)	x	
<i>Augastes lumachella</i> (Lesson, 1838)	x	x
<i>Heliomaster furcifer</i> (Shaw, 1812)	x	
<i>Momotus momota</i> (Linnaeus, 1766)	x	
<i>Nystalus maculatus</i> (Gmelin, 1788)	x	
<i>Monasa nigrifrons</i> (Spix, 1824)	x	
<i>Selenidera gouldii</i> (Natterer, 1837)	x	x
<i>Pteroglossus inscriptus</i> Swainson, 1822	x	
<i>Pteroglossus castanotis</i> Gould, 1834	x	
<i>Picumnus pernambucensis</i> Zimmer, 1947	T	T
<i>Picumnus pygmaeus</i> (Lichtenstein, 1823)	x	
<i>Picumnus albosquamatus</i> d'Orbigny, 1840	x	
<i>Picumnus fulvescens</i> Stager, 1961	x	
<i>Picumnus limae</i> Snethlage, 1924	x	
<i>Veniliornis passerinus</i> (Linnaeus, 1766)	x	
<i>Campephilus melanoleucos</i> (Gmelin, 1788)	x	
<i>Myrmotherula snowi</i> Teixeira & Gonzaga, 1985	T?	
<i>Formicivora iheringi</i> Hellmayr, 1909	x	
<i>Formicivora grantsaui</i> Gonzaga, Carvalhaes & Buzzetti, 2007	T	T
<i>Stymphalornis acutirostris</i> Bornschein, Reinert & Teixeira, 1995	T	
<i>Stymphalornis sp. nov.</i>	T	T
<i>Herpsilochmus pileatus</i> (Lichtenstein, 1823)	x	
<i>Herpsilochmus atricapillus</i> Pelzeln, 1868	x	
<i>Herpsilochmus pectoralis</i> Sclater, 1857	x	
<i>Herpsilochmus longirostris</i> Pelzeln, 1868	x	
<i>Thamnophilus doliatus</i> (Linnaeus, 1764)	x	
<i>Thamnophilus torquatus</i> Swainson, 1825	x	
<i>Thamnophilus pelzelni</i> Hellmayr, 1924	T	
<i>Rhopornis ardesiacus</i> (Wied, 1831)	x	

Espécie	1	2
<i>Conopophaga roberti</i> Hellmayr, 1905	x	x
<i>Scytalopus diamantinensis</i> Bornschein, Maurício, Belmonte-Lopes, Mata & Bonato, 2007	T	T
<i>Scytalopus petrophilus</i> Whitney, Vasconcelos, Silveira & Pacheco, 2010	T	T
<i>Scytalopus pachecoi</i> Maurício, 2005	T	T
<i>Scytalopus iraiensis</i> Bornschein, Reinert & Pichorim, 1998	T	T
<i>Sclerurus cearensis</i> Snethlage, 1924	T	T
<i>Geositta cunicularia</i> (Vieillot, 1816)	x	
<i>Dendrocincla taunayi</i> Pinto, 1939	x	
<i>Xiphorhynchus atlanticus</i> (Cory, 1916)	T	T
<i>Campylorhamphus trochilirostris</i> (Lichtenstein, 1820)	x	
<i>Dendroplex picus</i> (Gmelin, 1788)	x	
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i> (Vieillot, 1818)	x	
<i>Lepidocolaptes falcinellus</i> (Cabanis & Heine, 1859)	T	
<i>Lepidocolaptes wagleri</i> (Spix, 1824)	T	T
<i>Xiphocolaptes falcistrostris</i> (Spix, 1824)	x	
<i>Cinclodes espinhacensis</i> Freitas, Chaves, Costa, Santos & Rodrigues, 2012	T	T
<i>Furnarius leucopus</i> Swainson, 1838	x	
<i>Automolus lammi</i> Zimmer, 1947	T	T
<i>Hylocryptus rectirostris</i> (Wied, 1831)	x	
<i>Pseudoseisura cristata</i> (Spix, 1824)	x	
<i>Phacellodomus rufifrons</i> (Wied, 1821)	x	
<i>Synallaxis whitneyi</i> Pacheco & Gonzaga, 1995	T	
<i>Synallaxis frontalis</i> Pelzeln, 1859	x	
<i>Synallaxis albescens</i> Temminck, 1823	x	
<i>Synallaxis hypospodia</i> Sclater, 1874	x	
<i>Synallaxis scutata</i> Sclater, 1859	x	
<i>Asthenes luizae</i> Vielliard, 1990	x	x
<i>Acrobatornis fonsecai</i> Pacheco, Whitney & Gonzaga, 1996	T	
<i>Cranioleuca vulpina</i> (Pelzeln, 1856)	x	
<i>Cranioleuca semicinerea</i> (Reichenbach, 1853)	x	
<i>Neopelma pallescens</i> (Lafresnaye, 1853)	x	
<i>Pipra fasciicauda</i> Hellmayr, 1906	x	
<i>Antilophia bokermanni</i> Coelho & Silva, 1998	T	x
<i>Phylloscartes beckeri</i> Gonzaga & Pacheco, 1995	T	
<i>Phylloscartes roquettei</i> Snethlage, 1928	x	x
<i>Poecilatriccus fumifrons</i> (Hartlaub, 1853)	x	
<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	x	
<i>Elaenia spectabilis</i> Pelzeln, 1868	x	

Espécie	1	2
<i>Elaenia parvirostris</i> Pelzeln, 1868	x	
<i>Elaenia cristata</i> Pelzeln, 1868	x	
<i>Myiopagis gaimardii</i> (d'Orbigny, 1839)	x	
<i>Polystictus pectoralis</i> (Vieillot, 1817)	x	
<i>Polystictus superciliaris</i> (Wied, 1831)	x	
<i>Pseudocolopteryx flaviventris</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	x	
<i>Casiornis rufus</i> (Vieillot, 1816)	x	
<i>Tyrannus albogularis</i> Burmeister, 1856	x	
<i>Griseotyrannus aurantioatrocristatus</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	x	
<i>Gubernetes yetapa</i> (Vieillot, 1818)	x	
<i>Contopus cooperi</i> (Nuttall, 1831)	x	
<i>Hymenops perspicillatus</i> (Gmelin, 1789)	x	
<i>Xolmis cinereus</i> (Vieillot, 1816)	x	
<i>Xolmis velatus</i> (Lichtenstein, 1823)	x	
<i>Xolmis irupero</i> (Vieillot, 1823)	x	
<i>Cyanocorax cyanomelas</i> (Vieillot, 1818)	x	
<i>Cyanocorax cristatellus</i> (Temminck, 1823)	x	
<i>Tachycineta leucopyga</i> (Meyen, 1834)	x	
<i>Polioptila plumbea</i> (Gmelin, 1788)	x	
<i>Polioptila dumicola</i> (Vieillot, 1817)	x	
<i>Catharus fuscescens</i> (Stephens, 1817)	x	
<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758)	x	
<i>Saltator coerulescens</i> Vieillot, 1817	x	x
<i>Saltatricula atricollis</i> (Vieillot, 1817)	x	
<i>Compsothraupis loricata</i> (Lichtenstein, 1819)	x	x
<i>Tachyphonus rufus</i> (Boddaert, 1783)	x	
<i>Tangara cayana</i> (Linnaeus, 1766)	x	
<i>Paroaria coronata</i> (Miller, 1776)	x	
<i>Paroaria dominicana</i> (Linnaeus, 1758)	x	
<i>Pipraeidea bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	x	
<i>Hemithraupis guira</i> (Linnaeus, 1766)	x	
<i>Poospiza cabanisi</i> Bonaparte, 1850	T	T
<i>Poospiza cinerea</i> Bonaparte, 1850	x	
<i>Sicalis citrina</i> Pelzeln, 1870	x	
<i>Sicalis luteola</i> (Sparrman, 1789)	x	
<i>Emberizoides herbicola</i> (Vieillot, 1817)	x	
<i>Embernagra platensis</i> (Gmelin, 1789)	x	
<i>Embernagra longicauda</i> Strickland, 1844	x	
<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	x	

Espécie	1	2
<i>Sporophila ardesiaca</i> (Dubois, 1894)		T
<i>Arremon franciscanus</i> Raposo, 1997	x	x
<i>Myiothlypis flaveola</i> Baird, 1865	x	
<i>Myiothlypis rivularis</i> (Wied, 1821)	x	
<i>Procacicus solitarius</i> (Vieillot, 1816)	x	
<i>Amblyramphus holosericeus</i> (Scopoli, 1786)	x	
<i>Agelasticus thilius</i> (Molina, 1782)	x	
<i>Pseudoleistes virescens</i> (Vieillot, 1819)	x	
<i>Agelaioides badius</i> (Vieillot, 1819)	x	
<i>Agelaioides fringillarius</i> (Spix 1824)	T	T
<i>Molothrus rufoaxillaris</i> Cassin, 1866	x	
<i>Estrilda astrild</i> (Linnaeus, 1758)	x	

Apêndice 4. Lista das aves da Mata Atlântica incluindo subespécies com indicação de táxons endêmicos e quase endêmicos. X – táxon endêmico da Mata Atlântica, QE – táxon quase endêmico da Mata Atlântica.

Táxon	Endemismos
<i>Tinamus solitarius</i> (Vieillot, 1819)	x
<i>Crypturellus soui albigularis</i> (Brabourne & Chubb, 1914)	
<i>Crypturellus obsoletus obsoletus</i> (Temminck, 1815)	x
<i>Crypturellus strigulosus</i> (Temminck, 1815)	
<i>Crypturellus noctivagus noctivagus</i> (Wied, 1820)	x
<i>Crypturellus variegatus</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Crypturellus parvirostris</i> (Wagler, 1827)	
<i>Crypturellus tataupa tataupa</i> (Temminck, 1815)	
<i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Crypturellus tataupa lepidotus</i> (Swainson, 1837)	
<i>Rhynchotus rufescens rufescens</i> (Temminck, 1815)	
<i>Nothura boraquira</i> (Spix, 1825)	
<i>Nothura maculosa maculosa</i> (Temminck, 1815)	
<i>Anhima cornuta</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Chauna torquata</i> (Oken, 1816)	
<i>Dendrocygna bicolor</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Dendrocygna autumnalis discolor</i> Sclater & Salvin, 1873	
<i>Cygnus melancoryphus</i> (Molina, 1782)	
<i>Coscoroba coscoroba</i> (Molina, 1782)	
<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Sarkidiornis sylvicola</i> Ihering & Ihering, 1907	
<i>Callonetta leucophrys</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Amazonetta brasiliensis brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Amazonetta brasiliensis ipecutiri</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Anas flavirostris flavirostris</i> Vieillot, 1816	
<i>Anas georgica georgica</i> Gmelin, 1789	
<i>Anas bahamensis rubirostris</i> Vieillot, 1816	
<i>Anas versicolor versicolor</i> Vieillot, 1816	
<i>Netta erythrophthalma erythrophthalma</i> (Wied, 1832)	
<i>Netta peposaca</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Mergus octosetaceus</i> Vieillot, 1817	
<i>Nomonyx dominica</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Ortalis guttata remota</i> Pinto, 1964	X
<i>Ortalis aracuan</i> (Spix, 1825)	X
<i>Ortalis squamata</i> (Lesson, 1829)	X

Táxon	Endemismos
<i>Penelope superciliaris jacupemba</i> Spix, 1825	
<i>Penelope superciliaris major</i> Bertoni, 1901	x
<i>Penelope superciliaris alagoensis</i> Nardelli, 1993	x
<i>Penelope obscura obscura</i> Temminck, 1815	
<i>Penelope obscura bronzina</i> Hellmayr, 1914	X
<i>Aburria jacutinga</i> (Spix, 1825)	X
<i>Pauxi mitu</i> (Linnaeus, 1766)	X
<i>Crax fasciolata fasciolata</i> Spix, 1825	
<i>Crax blumenbachii</i> Spix, 1825	X
<i>Odontophorus capueira capueira</i> (Spix, 1825)	X
<i>Odontophorus capueira plumbeicollis</i> Cory, 1915	X
<i>Rollandia rolland chilensis</i> (Lesson, 1828)	
<i>Tachybaptus dominicus speciosus</i> (Arribáizaga, 1877)	
<i>Podilymbus podiceps antarcticus</i> (Lesson, 1842)	
<i>Podiceps major major</i> (Boddaert, 1783)	
<i>Puffinus lherminieri</i> Lesson, 1839	
<i>Ciconia maguari</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Jabiru mycteria</i> (Lichtenstein, 1819)	
<i>Mycteria americana</i> Linnaeus, 1758	
<i>Fregata magnificens</i> Mathews, 1914	
<i>Sula leucogaster leucogaster</i> (Boddaert, 1783)	
<i>Phalacrocorax brasilianus brasilianus</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Anhinga anhinga anhinga</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Tigrisoma lineatum marmoratum</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Tigrisoma fasciatum fasciatum</i> (Such, 1825)	
<i>Cochlearius cochlearius cochlearius</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Botaurus pinnatus pinnatus</i> (Wagler, 1829)	
<i>Ixobrychus exilis erythromelas</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Ixobrychus involucris</i> (Vieillot, 1823)	
<i>Nycticorax nycticorax hoactli</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Nyctanassa violacea violacea</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Butorides striata striata</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Bubulcus ibis ibis</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Ardea cocoi</i> Linnaeus, 1766	
<i>Ardea alba egretta</i> (Lesson, 1842)	
<i>Syrigma sibilatrix sibilatrix</i> (Temminck, 1824)	
<i>Pilherodius pileatus</i> (Boddaert, 1783)	
<i>Egretta thula thula</i> (Molina, 1782)	
<i>Egretta caerulea</i> (Linnaeus, 1758)	

Táxon	Endemismos
<i>Eudocimus ruber</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Plegadis chihi</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Mesembrinibis cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Phimosus infuscatus nudifrons</i> (Spix, 1825)	
<i>Phimosus infuscatus infuscatus</i> (Spix, 1825)	
<i>Theristicus caudatus hyperorius</i> Todd, 1948	
<i>Platalea ajaja</i> Linnaeus, 1758	
<i>Phoenicopterus chilensis</i> Molina, 1782	
<i>Phoenicoparrus andinus</i> (Philippi, 1854)	
<i>Cathartes aura ruficollis</i> Spix, 1824	
<i>Cathartes burrovianus urubitinga</i> Pelzeln, 1861	
<i>Coragyps atratus brasiliensis</i> (Bonaparte, 1850)	
<i>Sarcoramphus papa</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Pandion haliaetus carolinensis</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Leptodon cayanensis monachus</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Leptodon forbesi</i> (Swann, 1922)	x
<i>Chondrohierax uncinatus uncinatus</i> (Temminck, 1822)	
<i>Elanoides forficatus yetapa</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Gampsonyx swainsonii swainsonii</i> Vigors, 1825	
<i>Elanus leucurus leucurus</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Harpagus bidentatus bidentatus</i> (Latham, 1790)	
<i>Harpagus diodon</i> (Temminck, 1823)	
<i>Circus buffoni</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Accipiter poliogaster</i> (Temminck, 1824)	
<i>Accipiter superciliosus superciliosus</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Accipiter striatus erythronemius</i> (Kaup, 1850)	
<i>Accipiter bicolor pileatus</i> (Temminck, 1823)	
<i>Ictinia plumbea</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Busarellus nigricollis nigricollis</i> (Latham, 1790)	
<i>Rostrhamus sociabilis sociabilis</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Geranospiza caerulescens gracilis</i> (Temminck, 1821)	
<i>Geranospiza caerulescens flexipes</i> Peters, 1935	
<i>Buteogallus aequinoctialis</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Heterospizias meridionalis</i> (Latham, 1790)	
<i>Amadonastur lacernulatus</i> (Temminck, 1827)	x
<i>Urubitinga urubitinga urubitinga</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Urubitinga coronata</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Rupornis magnirostris nattereri</i> (Sclater & Salvin, 1869)	
<i>Rupornis magnirostris magniplumis</i> (Bertoni, 1901)	

Táxon	Endemismos
<i>Parabuteo unicinctus unicinctus</i> (Temminck, 1824)	
<i>Parabuteo leucorrhous</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	
<i>Geranoaetus albicaudatus albicaudatus</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Geranoaetus melanoleucus melanoleucus</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Pseudastur polionotus</i> (Kaup, 1847)	x
<i>Buteo nitidus pallidus</i> (Todd, 1915)	
<i>Buteo brachyurus brachyurus</i> Vieillot, 1816	
<i>Buteo albonotatus</i> Kaup, 1847	
<i>Morphnus guianensis</i> (Daudin, 1800)	
<i>Harpia harpyja</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Spizaetus tyrannus tyrannus</i> (Wied, 1820)	
<i>Spizaetus melanoleucus</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Spizaetus ornatus ornatus</i> (Daudin, 1800)	
<i>Ibycter americanus pelzelni</i> Pinto & Camargo, 1948	
<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)	
<i>Milvago chimachima chimachima</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Milvago chimango chimango</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Herpetotheres cachinnans cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Micrastur ruficollis ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Micrastur mintoni</i> Whittaker, 2002	
<i>Micrastur mirandollei</i> (Schlegel, 1862)	
<i>Micrastur semitorquatus semitorquatus</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Falco sparverius cearae</i> (Cory, 1915)	
<i>Falco sparverius cinnamominus</i> Swainson, 1837	
<i>Falco rufigularis rufigularis</i> Daudin, 1800	
<i>Falco deiroleucus</i> Temminck, 1825	
<i>Falco femoralis femoralis</i> Temminck, 1822	
<i>Falco peregrinus tundrius</i> White, 1968	
<i>Falco peregrinus anatum</i> Bonaparte, 1838	
<i>Aramus guarauna guarauna</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Coturnicops notatus</i> (Gould, 1841)	
<i>Rallus longirostris crassirostris</i> Lawrence, 1871	
<i>Aramides ypecaha</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Aramides mangle</i> (Spix, 1825)	
<i>Aramides cajaneus cajaneus</i> (Statius Muller, 1776)	
<i>Aramides cajaneus avicenniae</i> Stotz, 1992	x
<i>Aramides saracura</i> (Spix, 1825)	x
<i>Amaurolimnas concolor concolor</i> (Gosse, 1847)	
<i>Laterallus viridis viridis</i> (Statius Muller, 1776)	

Táxon	Endemismos
<i>Laterallus melanophaius melanophaius</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Laterallus exilis</i> (Temminck, 1831)	
<i>Laterallus leucopyrrhus</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Porzana flaviventer flaviventer</i> (Boddaert, 1783)	
<i>Porzana albicollis albicollis</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Neocrex erythrops olivascens</i> Chubb, 1917	
<i>Pardirallus maculatus maculatus</i> (Boddaert, 1783)	
<i>Pardirallus nigricans nigricans</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Pardirallus sanguinolentus sanguinolentus</i> (Swainson, 1837)	
<i>Pardirallus sanguinolentus zelebori</i> (Pelzeln, 1865)	x
<i>Gallinula galeata galeata</i> (Lichtenstein, 1818)	
<i>Gallinula melanops melanops</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Porphyrio martinica</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Fulica armillata</i> Vieillot, 1817	
<i>Fulica rufifrons</i> Philippi & Landbeck, 1861	
<i>Fulica leucoptera</i> Vieillot, 1817	
<i>Heliornis fulica</i> (Boddaert, 1783)	
<i>Cariama cristata</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Vanellus cayanus</i> (Latham, 1790)	
<i>Vanellus chilensis lampronotus</i> (Wagler, 1827)	
<i>Pluvialis dominica</i> (Statius Muller, 1776)	
<i>Pluvialis squatarola</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Charadrius semipalmatus</i> Bonaparte, 1825	
<i>Charadrius wilsonia crassirostris</i> Spix, 1825	
<i>Charadrius collaris</i> Vieillot, 1818	
<i>Charadrius falklandicus</i> Latham, 1790	
<i>Charadrius modestus</i> Lichtenstein, 1823	
<i>Haematopus palliatus palliatus</i> Temminck, 1820	
<i>Himantopus mexicanus</i> (Statius Muller, 1776)	
<i>Himantopus melanurus</i> Vieillot, 1817	
<i>Gallinago paraguaie paraguaiae</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Gallinago undulata gigantea</i> (Temminck, 1826)	
<i>Limnodromus griseus griseus</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Limosa haemastica</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Numenius hudsonicus</i> Latham, 1790	
<i>Bartramia longicauda</i> (Bechstein, 1812)	
<i>Actitis macularius</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Tringa solitaria solitaria</i> Wilson, 1813	
<i>Tringa melanoleuca</i> (Gmelin, 1789)	

Táxon	Endemismos
<i>Tringa semipalmata semipalmata</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Tringa flavipes</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Arenaria interpres morinella</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Calidris canutus rufa</i> (Wilson, 1813)	
<i>Calidris alba</i> (Pallas, 1764)	
<i>Calidris pusilla</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Calidris minutilla</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Calidris fuscicollis</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Calidris melanotos</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Calidris himantopus</i> (Bonaparte, 1826)	
<i>Tryngites subruficollis</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Phalaropus tricolor</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Jacana jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Nycticryphes semicollaris</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Chroicocephalus maculipennis</i> (Lichtenstein, 1823)	
<i>Chroicocephalus cirrocephalus cirrocephalus</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Larus dominicanus</i> Lichtenstein, 1823	
<i>Sternula antillarum</i> Lesson, 1847	
<i>Sternula superciliaris</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Phaetusa simplex</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Gelochelidon nilotica groenvoldi</i> Mathews, 1912	
<i>Sterna hirundo hirundo</i> Linnaeus, 1758	
<i>Sterna dougallii dougallii</i> Montagu, 1813	
<i>Sterna paradisaea</i> Pontoppidan, 1763	
<i>Sterna hirundinacea</i> Lesson, 1831	
<i>Sterna trudeaui</i> Audubon, 1838	
<i>Thalasseus acutiflavus eurygnathus</i> (Saunders, 1876)	
<i>Thalasseus maximus maximus</i> (Boddaert, 1783)	
<i>Rynchops niger intercedens</i> Saunders, 1895	
<i>Columbina passerina griseola</i> Spix, 1825	
<i>Columbina minuta minuta</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Columbina talpacoti talpacoti</i> (Temminck, 1811)	
<i>Columbina squammata squammata</i> (Lesson, 1831)	
<i>Columbina picui picui</i> (Temminck, 1813)	
<i>Columbina picui strepitans</i> Spix, 1825	
<i>Claravis pretiosa</i> (Ferrari-Perez, 1886)	
<i>Claravis geoffroyi</i> (Temminck, 1811)	x
<i>Columba livia</i> Gmelin, 1789	
<i>Patagioenas speciosa</i> (Gmelin, 1789)	

Táxon	Endemismos
<i>Patagioenas picazuro marginalis</i> (Naumburg, 1932)	
<i>Patagioenas picazuro picazuro</i> (Temminck, 1813)	
<i>Patagioenas cayennensis sylvestris</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Patagioenas plumbea plumbea</i> (Vieillot, 1818)	x
<i>Zenaida auriculata noronha</i> Chubb 1819	
<i>Zenaida auriculata chrysauchenia</i> (Reichenbach, 1847)	
<i>Leptotila verreauxi approximans</i> Cory, 1917	
<i>Leptotila verreauxi decipiens</i> (Salvadori, 1871)	
<i>Leptotila verreauxi chlorauchenia</i> Giglioli & Salvadori, 1870	
<i>Leptotila rufaxilla rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1792)	
<i>Leptotila rufaxilla reichenbachii</i> Pelzeln, 1870	
<i>Geotrygon violacea violacea</i> (Temminck, 1809)	
<i>Geotrygon montana montana</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Anodorhynchus glaucus</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Ara ararauna</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Ara chloropterus</i> Gray, 1859	
<i>Ara severus</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Primolius maracana</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Diopsittaca nobilis cumanensis</i> (Lichtenstein, 1823)	
<i>Diopsittaca nobilis longipennis</i> (Neumann, 1831)	
<i>Aratinga leucophthalma</i> (Statius Muller, 1776)	
<i>Aratinga auricapillus</i> (Kuhl, 1820)	
<i>Aratinga jandaya</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Aratinga aurea</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Pyrrhura cruentata</i> (Wied, 1820)	x
<i>Pyrrhura frontalis frontalis</i> (Vieillot, 1817)	x
<i>Pyrrhura frontalis chiripepe</i> (Vieillot, 1818)	QE
<i>Pyrrhura leucotis</i> (Kuhl, 1820)	x
<i>Pyrrhura griseipectus</i> Salvadori, 1900	
<i>Myiopsitta monachus monachus</i> (Boddaert, 1783)	
<i>Forpus xanthopterygius flavissimus</i> Hellmayr, 1929	
<i>Forpus xanthopterygius vividus</i> (Ridgway, 1888)	
<i>Brotogeris tirica</i> (Gmelin, 1788)	x
<i>Brotogeris chiriri chiriri</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Touit melanonotus</i> (Wied, 1820)	x
<i>Touit surdus</i> (Kuhl, 1820)	x
<i>Pionopsitta pileata</i> (Scopoli, 1769)	x
<i>Pionus reichenowi</i> Heine, 1844	x
<i>Pionus maximiliani maximiliani</i> (Kuhl, 1820)	

Táxon	Endemismos
<i>Pionus maximiliani melanoblepharus</i> Miranda-Ribeiro, 1920	x
<i>Amazona vinacea</i> (Kuhl, 1820)	x
<i>Amazona pretrei</i> (Temminck, 1830)	x
<i>Amazona farinosa farinosa</i> (Boddaert, 1783)	
<i>Amazona brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758)	x
<i>Amazona amazonica</i> (Linnaeus, 1766)	x
<i>Amazona rhodocorytha</i> (Salvadori, 1890)	x
<i>Amazona aestiva aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Triclaria malachitacea</i> (Spix, 1824)	x
<i>Piaya cayana pallescens</i> (Cabanis & Heine, 1863)	
<i>Piaya cayana macroura</i> Gambel, 1849	
<i>Coccyzus melacoryphus</i> Vieillot, 1817	
<i>Coccyzus americanus</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Coccyzus euleri</i> Cabanis, 1873	
<i>Crotophaga major</i> Gmelin, 1788	
<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758	
<i>Guira guira</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Dromococcyx phasianellus</i> (Spix, 1824)	
<i>Dromococcyx pavoninus</i> Pelzeln, 1870	
<i>Neomorphus geoffroyi geoffroyi</i> (Temminck, 1820)	x
<i>Neomorphus geoffroyi dulcis</i> Snethlage, 1927	x
<i>Tyto alba tuidara</i> (Gray, 1829)	
<i>Megascops choliba decussatus</i> (Lichtenstein, 1823)	
<i>Megascops choliba choliba</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Megascops choliba uruguaensis</i> Hekstra, 1982	
<i>Megascops atricapilla</i> (Temminck, 1822)	x
<i>Megascops sanctaecatarinae</i> (Salvin, 1897)	QE
<i>Pulsatrix perspicillata perspicillata</i> (Latahm, 1790)	
<i>Pulsatrix perspicillata pulsatrix</i> (Wied, 1820)	x
<i>Pulsatrix koenigswaldiana</i> (Bertoni & Bertoni, 1901)	x
<i>Bubo virginianus nacurutu</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Strix hylophila</i> Temminck, 1825	x
<i>Strix virgata borelliana</i> (Bertoni, 1901)	x
<i>Strix huhula huhula</i> Daudin, 1800	
<i>Strix huhula albomarginata</i> (Spix, 1824)	x
<i>Glaucidium mooreorum</i> Silva, Coelho & Gonzaga, 2002	x
<i>Glaucidium minutissimum</i> (Wied, 1830)	x
<i>Glaucidium brasilianum brasilianum</i> (Gmelin, 1788)	

Táxon	Endemismos
<i>Athene cunicularia grallaria</i> (Temminck, 1782)	
<i>Aegolius harrisii iheringi</i> (Sharpe, 1899)	
<i>Asio clamator clamator</i> (Vieillot, 1808)	
<i>Asio clamator midas</i> (Schlegel, 1862)	
<i>Asio stygius stygius</i> (Wagler, 1832)	
<i>Asio flammeus suinda</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Nyctibius grandis grandis</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Nyctibius aethereus aethereus</i> (Wied, 1820)	x
<i>Nyctibius griseus griseus</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Nyctibius leucopterus</i> (Wied, 1821)	
<i>Nyctiphrynus ocellatus ocellatus</i> (Tschudi, 1844)	
<i>Antrostomus rufus rufus</i> (Boddaert, 1783)	
<i>Antrostomus rufus rutilus</i> (Burmeister, 1856)	
<i>Antrostomus sericocaudatus sericocaudatus</i> Cassin, 1849	x
<i>Lurocalis semitorquatus nattereri</i> (Temminck, 1822)	
<i>Hydropsalis vielliardi</i> (Lencioni-Neto, 1994)	
<i>Hydropsalis albicollis albicollis</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Hydropsalis albicollis derbyanus</i> (Gould, 1838)	
<i>Hydropsalis parvula parvula</i> (Gould, 1837)	
<i>Hydropsalis hirundinacea vielliardi</i> Ribon, 1995	x
<i>Hydropsalis longirostris longirostris</i> (Bonaparte, 1825)	
<i>Hydropsalis maculicauda</i> (Lawrence, 1862)	
<i>Hydropsalis torquata torquata</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Hydropsalis forcipata</i> (Nitzsch, 1840)	x
<i>Hydropsalis torquata furcifera</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Chordeiles pusillus xerophilus</i> Dickerman, 1988	
<i>Chordeiles nacunda nacunda</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Chordeiles minor minor</i> (Forster, 1771)	
<i>Chordeiles acutipennis acutipennis</i> (Hermann, 1783)	
<i>Cypseloides fumigatus</i> (Streubel, 1848)	
<i>Cypseloides senex</i> (Temminck, 1826)	
<i>Streptoprocne zonaris zonaris</i> (Shaw, 1796)	
<i>Streptoprocne biscutata biscutata</i> (Sclater, 1866)	
<i>Chaetura spinicaudus spinicaudus</i> (Temminck, 1839)	
<i>Chaetura cinereiventris cinereiventris</i> Sclater, 1862	x
<i>Chaetura meridionalis</i> Hellmayr, 1907	
<i>Tachornis squamata orientalis</i> Pinto & Camargo, 1961	
<i>Panyptila cayennensis cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Ramphodon naevius</i> (Dumont, 1818)	x

Táxon	Endemismos
<i>Glaucis dohrnii</i> (Bourcier & Mulsant, 1852)	x
<i>Glaucis hirsutus hirsutus</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Phaethornis squalidus</i> (Temminck, 1822)	x
<i>Phaethornis idaliae</i> (Bourcier & Mulsant, 1856)	x
<i>Phaethornis ruber ruber</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Phaethornis pretrei</i> (Lesson & Delattre, 1839)	
<i>Phaethornis eurynome</i> (Lesson, 1832)	x
<i>Phaethornis camargoi</i> Grantsau, 1988	x
<i>Phaethornis margarettae</i> Ruschi, 1972	x
<i>Campylopterus diamantinensis</i> Ruschi, 1963	x
<i>Eupetomena macroura macroura</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Eupetomena macroura simoni</i> Hellmayr, 1929	
<i>Eupetomena macroura cyanoviridis</i> Grantsau, 1988	x
<i>Aphantochroa cirrochloris</i> (Vieillot, 1818)	QE
<i>Florisuga fusca</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Colibri delphinae</i> (Lesson, 1839)	
<i>Colibri serrirostris</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Anthracothorax nigricollis</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Chrysolampis mosquitus</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Stephanoxis lalandi</i> (Vieillot, 1818)	x
<i>Stephanoxis loddigesii</i> (Gould, 1831)	x
<i>Lophornis magnificus</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Lophornis chalybeus chalybeus</i> (Vieillot, 1822)	x
<i>Discosura langsdorffi langsdorffi</i> (Temminck, 1821)	x
<i>Discosura longicaudus</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Chlorostilbon notatus</i> (Reich, 1793)	
<i>Chlorostilbon lucidus pucherani</i> (Bourcier & Mulsant, 1848)	
<i>Chlorostilbon lucidus berlepschi</i> (Pinto, 1938)	
<i>Thalurania watertonii</i> (Bourcier, 1847)	x
<i>Thalurania glaucopis</i> (Gmelin, 1788)	x
<i>Hylocharis sapphirina</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Hylocharis cyanus cyanus</i> (Vieillot, 1818)	x
<i>Hylocharis cyanus griseiventris</i> Grantsau, 1988	x
<i>Hylocharis chrysura</i> (Shaw, 1812)	
<i>Leucochloris albicollis</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Polytmus guainumbi thaumantias</i> (Linnaeus, 1766).	
<i>Amazilia leucogaster leucogaster</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Amazilia leucogaster bahiae</i> (Hartert, 1899)	x
<i>Amazilia versicolor versicolor</i> (Vieillot, 1818)	x

Táxon	Endemismos
<i>Amazilia versicolor nitidifrons</i> (Gould, 1860)	
<i>Amazilia versicolor kubtchecki</i> Ruschi, 1959	
<i>Amazilia fimbriata nigricauda</i> (Elliot, 1878)	
<i>Amazilia fimbriata tephrocephala</i> (Vieillot, 1818)	x
<i>Amazilia lactea lactea</i> (Lesson, 1832)	
<i>Clytolaema rubricauda</i> (Boddaert, 1783)	x
<i>Augastes scutatus</i> (Temminck, 1824)	x
<i>Augastes lumachella</i> (Lesson, 1838)	x
<i>Heliothryx auritus auriculata</i> (Nordmann, 1835)	
<i>Heliomaster squamosus</i> (Temminck, 1823)	
<i>Heliomaster furcifer</i> (Shaw, 1812)	
<i>Calliphlox amethystina</i> (Boddaert, 1783)	
<i>Trogon viridis viridis</i> Linnaeus, 1766	
<i>Trogon viridis melanopterus</i> Swainson 1838	x
<i>Trogon surrucura surrucura</i> Vieillot, 1817	
<i>Trogon surrucura aurantius</i> Spix, 1824	x
<i>Trogon curucui curucui</i> Linnaeus, 1766	
<i>Trogon rufus chrysochloros</i> Pelzeln, 1856	x
<i>Trogon collaris eytoni</i> Fraser, 1857	x
<i>Megaceryle torquata torquata</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Chloroceryle amazona</i> (Latham, 1790)	
<i>Chloroceryle aenea aenea</i> (Pallas, 1764)	
<i>Chloroceryle americana americana</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Chloroceryle americana mathewsii</i> Laubmann, 1927	
<i>Chloroceryle inda</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Baryphthengus ruficapillus</i> (Vieillot, 1818)	QE
<i>Momotus momota marcgraviana</i> Pinto & Camargo 1961	x
<i>Jacamaralcyon tridactyla</i> (Vieillot, 1817)	x
<i>Galbula ruficauda rufoviridis</i> Cabanis, 1851	
<i>Notharchus swainsoni</i> (Gray, 1846)	x
<i>Nystalus chacuru chacuru</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Nystalus maculatus</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Malacoptila striata striata</i> (Spix, 1824)	x
<i>Malacoptila striata minor</i> Sassi, 1911	
<i>Nonnula rubecula rubecula</i> (Spix, 1824)	
<i>Monasa nigrifrons nigrifrons</i> (Spix, 1824)	
<i>Monasa morphoeus morphoeus</i> (Hahn & Küster, 1823)	x
<i>Chelidoptera tenebrosa tenebrosa</i> (Pallas, 1782)	
<i>Chelidoptera tenebrosa brasiliensis</i> Sclater, 1862	x

Táxon	Endemismos
<i>Ramphastos toco albogularis</i> Cabanis, 1862	
<i>Ramphastos vitellinus ariel</i> Vigors, 1826	
<i>Ramphastos dicolorus</i> Linnaeus, 1766	x
<i>Selenidera gouldii baturitensis</i> (Pinto & Camargo 1961)	x
<i>Selenidera maculirostris</i> (Lichtenstein, 1823)	x
<i>Pteroglossus bailloni</i> (Vieillot, 1819)	x
<i>Pteroglossus inscriptus inscriptus</i> Swainson, 1822	
<i>Pteroglossus aracari aracari</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Pteroglossus aracari wiedii</i> Sturm & Sturm, 1847	x
<i>Pteroglossus castanotis australis</i> Cassin, 1867	
<i>Picumnus exilis</i> (Lichtenstein, 1823)	x
<i>Picumnus pernambucensis</i> Zimmer, 1947	x
<i>Picumnus pygmaeus</i> (Lichtenstein, 1823)	
<i>Picumnus cirratus cirratus</i> Temminck, 1825	
<i>Picumnus temminckii</i> Lafresnaye, 1845	x
<i>Picumnus albosquamatus guttifer</i> Sundevall, 1866	
<i>Picumnus fulvescens</i> Stager, 1961	
<i>Picumnus limae</i> Snethlage, 1924	
<i>Picumnus nebulosus</i> Sundevall, 1866	QE
<i>Melanerpes candidus</i> (Otto, 1796)	
<i>Melanerpes flavifrons</i> (Vieillot, 1818)	QE
<i>Veniliornis affinis affinis</i> (Swainson, 1821)	x
<i>Veniliornis affinis ruficeps</i> (Spix, 1824)	
<i>Veniliornis maculifrons</i> (Spix, 1824)	
<i>Veniliornis passerinus taenionotus</i> (Reinchenbach, 1854)	
<i>Veniliornis passerinus olivinus</i> (Netterer & Malherbe 1845)	
<i>Veniliornis spilogaster</i> (Wagler, 1827)	
<i>Piculus flavigula erythropis</i> (Vieillot, 1818)	x
<i>Piculus polyzonus</i> (Valenciennes, 1826)	x
<i>Piculus aurulentus</i> (Temminck, 1821)	x
<i>Colaptes melanochloros melanochloros</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Colaptes melanochloros nattereri</i> (Malherbe, 1845)	
<i>Colaptes campestris campestris</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Colaptes campestris campestris</i> (Malherbe, 1849)	
<i>Celeus flavescens flavescens</i> (Gmelin, 1788)	x
<i>Celeus flavus subflavus</i> Sclater & Salvin, 1877	x
<i>Celeus torquatus tinnunculus</i> (Wagler, 1829)	x
<i>Dryocopus galeatus</i> (Temminck, 1822)	x
<i>Dryocopus lineatus lineatus</i> (Linnaeus, 1766)	

Táxon	Endemismos
<i>Dryocopus lineatus erythrops</i> (Valenciennes, 1826)	QE
<i>Campephilus robustus</i> (Lichtenstein, 1818)	x
<i>Campephilus melanoleucos melanoleucos</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Campephilus melanoleucos cearae</i> (Cory, 1915)	
<i>Terenura sicki</i> Teixeira & Gonzaga, 1983	x
<i>Terenura maculata</i> Wied, 1831	x
<i>Mymeciza ruficauda ruficauda</i> Wied, 1831	x
<i>Mymeciza ruficauda soror</i> Pinto, 1940	x
<i>Mymeciza loricata</i> (Lichtenstein, 1823)	x
<i>Mymeciza squamosa</i> Pelzeln, 1868	x
<i>Rhopias gularis</i> (Pelzeln, 1868)	x
<i>Myrmotherula axillaris luctuosa</i> Pelzeln, 1868	x
<i>Myrmotherula minor</i> Salvadori, 1864	x
<i>Myrmotherula urosticta</i> (Sclater, 1857)	x
<i>Myrmotherula fluminensis</i> Gonzaga, 1988	x
<i>Myrmotherula unicolor</i> (Ménétrières, 1835)	x
<i>Myrmotherula snowi</i> Teixeira & Gonzaga, 1985	x
<i>Formicivora iheringi</i> Hellmayr, 1909	x
<i>Formicivora erythronotos</i> Hartlaub, 1852	x
<i>Formicivora grisea grisea</i> (Boddaert, 1783)	x
<i>Formicivora serrana serrana</i> Hellmayr 1929	x
<i>Formicivora serrana interposita</i> Gonzaga & Pacheco, 1990	x
<i>Formicivora littoralis</i> Gonzaga & Pacheco, 1990	x
<i>Formicivora rufa rufa</i> (Wied, 1831)	
<i>Formicivora grantsaui</i> Gonzaga, Carvalhaes & Buzzetti, 2007	x
<i>Formicivora acutirostris</i> Bornschein, Reinert & Teixeira, 1995	x
<i>Formicivora</i> sp. nov.	x
<i>Thamnomanes caesius caesius</i> (Temminck, 1820)	x
<i>Dysithamnus stictothorax</i> (Temminck, 1823)	x
<i>Dysithamnus mentalis mentalis</i> (Temminck, 1823)	x
<i>Dysithamnus mentalis emiliae</i> Hellmayr, 1912	
<i>Thamnophilus palliatus vestitus</i> (Lesson, 1830)	x
<i>Dysithamnus xanthopterus</i> Burmeister, 1856	x
<i>Dysithamnus plumbeus</i> (Wied, 1831)	x
<i>Herpsilochmus pileatus</i> (Lichtenstein, 1823)	x
<i>Herpsilochmus atricapillus</i> Pelzeln, 1868	
<i>Herpsilochmus pectoralis</i> Sclater, 1857	
<i>Herpsilochmus longirostris</i> Pelzeln, 1868	
<i>Herpsilochmus rufimarginatus rufimarginatus</i> (Temminck, 1822)	x

Táxon	Endemismos
<i>Herpsilochmus rufimarginatus scapularis</i> (Wied, 1831)	x
<i>Thamnophilus doliatus radiatus</i> Vieillot, 1816	
<i>Thamnophilus ruficapillus ruficapillus</i> Vieillot, 1816	
<i>Thamnophilus torquatus</i> Swainson, 1825	
<i>Thamnophilus palliatus palliatus</i> (Lichtenstein, 1823)	
<i>Thamnophilus pelzelni</i> Hellmayr, 1924	
<i>Thamnophilus ambiguus</i> Swainson, 1825	x
<i>Thamnophilus caerulescens caerulescens</i> Vieillot, 1816	x
<i>Thamnophilus caerulescens cearensis</i> (Cory, 1919)	x
<i>Thamnophilus caerulescens pernambucensis</i> Naumburg, 1937	x
<i>Thamnophilus caerulescens gilvigaster</i> Pelzeln, 1868	
<i>Thamnophilus caerulescens ochraceiventer</i> Snethlage, 1928	
<i>Thamnophilus aethiops distans</i> Pinto, 1954.	x
<i>Taraba major major</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Taraba major stagurus</i> (M. H. K. Lichtenstein, 1823)	
<i>Hypoedaleus guttatus</i> (Vieillot, 1816)	x
<i>Batara cinerea cinerea</i> (Vieillot, 1819)	x
<i>Mackenziaena leachii</i> (Such, 1825)	x
<i>Mackenziaena severa</i> (Lichtenstein, 1823)	x
<i>Biatas nigropectus</i> (Lafresnaye, 1850)	x
<i>Pyriglena leuconota pernambucensis</i> Zimmer, 1931	x
<i>Pyriglena atra</i> (Swainson, 1825)	x
<i>Pyriglena leucoptera</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Rhopornis ardesiacus</i> (Wied, 1831)	x
<i>Cercomacra brasiliana</i> Hellmayr, 1905	x
<i>Cercomacra laeta sabinoi</i> Pinto, 1939	x
<i>Drymophila ferruginea</i> (Temminck, 1822)	x
<i>Drymophila rubricollis</i> (Bertoni, 1901)	x
<i>Drymophila genei</i> (Filippi, 1847)	x
<i>Drymophila ochropyga</i> (Hellmayr, 1906)	x
<i>Drymophila malura</i> (Temminck, 1825)	x
<i>Drymophila squamata squamata</i> (Lichtenstein, 1823)	x
<i>Drymophila squamata stictocorypha</i> (Boucard & Berlepsch, 1892)	x
<i>Conopophaga cearae</i> Cory, 1916	x
<i>Conopophaga lineata lineata</i> (Wied, 1831)	
<i>Conopophaga lineata vulgaris</i> Ménériés, 1835	?
<i>Conopophaga lineata rubecula</i>	
<i>Conopophaga roberti</i> Hellmayr, 1905	
<i>Conopophaga melanops melanops</i> (Vieillot, 1818)	x

Táxon	Endemismos
<i>Conopophaga melanops nigrifrons</i> Pinto, 1954	x
<i>Conopophaga melanops perspicillata</i> (M. H. K. Lichtenstein, 1823)	x
<i>Grallaria varia intercedens</i> Berlepsch & Leverkühn, 1890	x
<i>Grallaria varia imperator</i> Lafresnaye, 1842.	x
<i>Hylopezus nattereri</i> (Pinto, 1937)	x
<i>Merulaxis ater</i> Lesson, 1830	x
<i>Merulaxis stresemanni</i> Sick, 1960	x
<i>Eleoscytalopus indigoticus</i> (Wied, 1831)	x
<i>Eleoscytalopus psychopompus</i> (Teixeira & Carnevalli, 1989)	x
<i>Scytalopus speluncae</i> (Ménétrières, 1835)	x
<i>Scytalopus diamantinensis</i> Bornschein, Mauricio, Belmonte-Lopes, Mata & Bonato, 2007	x
<i>Scytalopus petrophilus</i> Whitney, Vasconcelos, Silveira & Pacheco, 2010	x
<i>Scytalopus pachecoi</i> Mauricio, 2005	x
<i>Scytalopus iraiensis</i> Bornschein, Reinert & Pichorim, 1998	x
<i>Psilorhamphus guttatus</i> (Ménétrières, 1835)	x
<i>Formicarius colma ruficeps</i> (Spix, 1824)	x
<i>Chamaeza campanisona campanisona</i> (Lichtenstein, 1823)	x
<i>Chamaeza campanisona tshororo</i> Bertoni, 1901	x
<i>Chamaeza meruloides</i> Vigors, 1825	
<i>Chamaeza ruficauda</i> (Cabanis & Heine, 1859)	x
<i>Sclerurus macconnelli bahiae</i> Chubb, 1819	x
<i>Sclerurus caudacutus caligineus</i> Pinto, 1954	x
<i>Sclerurus caudacutus umbretta</i> (M. H. K. Lichtenstein, 1823)	x
<i>Sclerurus scansor</i> (Ménétrières, 1835)	QE
<i>Sclerurus cearensis</i> Snethlage, 1924	x
<i>Geositta cunicularia cunicularia</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Dendrocincla taunayi</i> Pinto, 1939	x
<i>Dendrocincla turdina</i> (Lichtenstein, 1820)	x
<i>Sittasomus griseicapillus reiseri</i> Hellmayr, 1917	
<i>Sittasomus griseicapillus olivaceus</i> Wied 1831	x
<i>Sittasomus griseicapillus sylvellus</i> (Temminck, 1821)	QE
<i>Glyphorhynchus spirurus cuneatus</i> (Lichtenstein, 1820)	x
<i>Xiphorhynchus atlanticus</i> (Cory, 1916)	x
<i>Xiphorhynchus fuscus fuscus</i> (Vieillot, 1818)	QE
<i>Xiphorhynchus fuscus pinto</i> Longmore & Silveira 2005	x
<i>Xiphorhynchus fuscus tenuirostris</i> (Lichtenstein, 1820)	x
<i>Xiphorhynchus guttatus gracilirostris</i> Pinto & Camargo, 1957	x
<i>Xiphorhynchus guttatus guttatus</i> (Lichtenstein, 1820)	x

Táxon	Endemismos
<i>Campylorhamphus trochilirostris trochilirostris</i> (Lichtenstein, 1820)	x
<i>Campylorhamphus trochilirostris major</i> Ridgway, 1911	
<i>Campylorhamphus falcularius</i> (Vieillot, 1822)	x
<i>Dendroplex picus picus</i> (Gmelin, 1788)	x
<i>Lepidocolaptes angustirostris bivittatus</i> (Lichteinstein, 1822)	
<i>Lepidocolaptes squamatus</i> (Lichtenstein, 1822)	x
<i>Lepidocolaptes falcinellus</i> (Cabanis & Heine, 1859)	x
<i>Lepidocolaptes wagleri</i> (Spix, 1824)	
<i>Dendrocolaptes certhia medius</i> (Todd, 1920)	
<i>Dendrocolaptes platyrostris intermedius</i> Berlepsch, 1883	
<i>Dendrocolaptes platyrostris platyrostris</i> Spix, 1825	x
<i>Xiphocolaptes falcistrostris falcistrostris</i> (Spix, 1824)	
<i>Xiphocolaptes falcistrostris franciscanus</i> Snethlage, 1927	
<i>Xiphocolaptes albicollis albicollis</i> (Vieillot, 1818)	QE
<i>Xiphocolaptes albicollis bahiae</i> Cory, 1919	x
<i>Xenops minutus minutus</i> (Sparrman, 1788)	x
<i>Xenops minutus alagoanus</i> Pinto, 1954	x
<i>Xenops rutilans rutilans</i> Temminck, 1821	x
<i>Cinclodes espinhacensis</i> Freitas, Chaves, Costa, Santos & Rodrigues, 2012	x
<i>Furnarius figulus figulus</i> (Lichtenstein, 1823)	
<i>Furnarius leucopus assimilis</i> Cabanis & Heine, 1859	
<i>Furnarius rufus albogularis</i> (Spix, 1824)	
<i>Furnarius rufus rufus</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Phleocryptes melanops melanops</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Lochmias nematura nematura</i> (Lichtenstein, 1823)	
<i>Automolus lammi</i> Zimmer, 1947	x
<i>Automolus leucophthalmus leucophthalmus</i> (Wied, 1821)	QE
<i>Automolus leucophthalmus sulphurascens</i> (Lichteinstein, 1823)	x
<i>Hylocryptus rectirostris</i> (Wied, 1831)	
<i>Anabazenops fuscus</i> (Vieillot, 1816)	x
<i>Philydor lichtensteini</i> Cabanis & Heine, 1859	x
<i>Philydor novaesi</i> Teixeira & Gonzaga, 1983	x
<i>Philydor atricapillus</i> (Wied, 1821)	x
<i>Philydor rufum rufum</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Heliobletus contaminatus contaminatus</i> Berlepsch, 1885	x
<i>Heliobletus contaminatus camargoi</i> Silva & Stotz, 1992	x
<i>Anabacerthia amaurotis</i> (Temminck, 1823)	x
<i>Syndactyla rufosuperciliata rufosuperciliata</i> (Lafresnaye, 1832)	x
<i>Syndactyla rufosuperciliata acrita</i> (Oberholser, 1901)	

Táxon	Endemismos
<i>Cichlocolaptes leucophrus leucophrus</i> (Jardine & Selby, 1830)	x
<i>Cichlocolaptes leucophrus holti</i> (Pinto, 1941)	x
<i>Leptasthenura striolata</i> (Pelzeln, 1856)	x
<i>Leptasthenura setaria</i> (Temminck, 1824)	x
<i>Pseudoseisura cristata</i> (Spix, 1824)	
<i>Phacellodomus rufifrons rufifrons</i> (Wied, 1821)	
<i>Phacellodomus rufifrons specularis</i> Hellmayr, 1925	
<i>Phacellodomus erythrophthalmus</i> (Wied, 1821)	x
<i>Phacellodomus ferrugineigula</i> (Pelzeln, 1858)	x
<i>Clibanornis dendrocolaptoides</i> (Pelzeln, 1859)	x
<i>Anumbius annumbi</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Certhiaxis cinnamomeus cearensis</i> (Cory, 1916)	
<i>Certhiaxis cinnamomeus russeolus</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Synallaxis ruficapilla</i> Vieillot, 1819	x
<i>Synallaxis whitneyi</i> Pacheco & Gonzaga, 1995	x
<i>Synallaxis infuscata</i> Pinto, 1950	x
<i>Synallaxis cinerascens</i> Temminck, 1823	QE
<i>Synallaxis frontalis</i> Pelzeln, 1859	
<i>Synallaxis albescens albescens</i> Temminck, 1823	
<i>Synallaxis spixi</i> Sclater, 1856	
<i>Synallaxis hypospodia</i> Sclater, 1874	
<i>Synallaxis scutata scutata</i> Sclater, 1859.	
<i>Asthenes luizae</i> Vielliard, 1990	x
<i>Asthenes moreirae</i> (Miranda-Ribeiro, 1906)	x
<i>Acrobatornis fonsecai</i> Pacheco, Whitney & Gonzaga, 1996	x
<i>Cranioleuca vulpina vulpina</i> (Pelzeln, 1856)	
<i>Cranioleuca obsoleta</i> (Reichenbach, 1853)	x
<i>Cranioleuca pallida</i> (Wied, 1831)	x
<i>Cranioleuca semicinerea semicinerea</i> (Reichenbach, 1853)	
<i>Thripophaga macroura</i> (Wied, 1821)	x
<i>Neopelma pallescens</i> (Lafresnaye, 1853)	
<i>Neopelma aurifrons</i> (Wied, 1831)	x
<i>Neopelma chrysolophum</i> Pinto, 1944	x
<i>Pipra fasciicauda scarlatina</i> Hellmayr, 1915.	
<i>Pipra rubrocapilla</i> Temminck, 1821	
<i>Manacus manacus gutturosus</i> (Desmarest, 1806)	x
<i>Machaeropterus regulus</i> (Hahn, 1819)	x
<i>Dixiphia pipra cephalucos</i> (Thunberg, 1822)	x
<i>Ilicura militaris</i> (Shaw & Nodder, 1809)	

Táxon	Endemismos
<i>Chiroxiphia pareola pareola</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Chiroxiphia caudata</i> (Shaw & Nodder, 1793)	x
<i>Antilophia bokermanni</i> Coelho & Silva, 1998	x
<i>Oxyruncus cristatus cristatus</i> (Swainson, 1821)	x
<i>Onychorhynchus swainsoni</i> (Pelzeln, 1858)	x
<i>Myiobius barbatus mastacalis</i> (Wied, 1821)	x
<i>Myiobius atricaudus ridgway</i> Berlepsch 1888	x
<i>Myiobius atricaudus snethlagei</i> Hellmayr, 1927	
<i>Schiffornis virescens</i> (Lafresnaye, 1838)	QE
<i>Schiffornis turdina turdina</i> (Wied, 1831)	
<i>Schiffornis turdina intermedia</i> Pinto, 1954	x
<i>Laniisoma elegans</i> (Thunberg, 1823)	x
<i>Laniocera hypopyrra</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Iodopleura pipra pipra</i> (Lesson, 1831)	x
<i>Iodopleura pipra leucopygia</i> Salvin, 1885	x
<i>Tityra inquisitor inquisitor</i> (Lichtenstein, 1823)	
<i>Tityra cayana brasiliensis</i> (Swainson, 1837)	
<i>Pachyramphus viridis viridis</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Pachyramphus castaneus castaneus</i> (Jardine & Selby, 1827)	x
<i>Pachyramphus polychopterus polychopterus</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Pachyramphus polychopterus spixii</i> (Swainson, 1838)	
<i>Pachyramphus marginatus marginatus</i> (Lichtenstein, 1823)	x
<i>Pachyramphus validus validus</i> (Lichtenstein, 1823)	
<i>Lipaugus vociferans</i> (Wied, 1820)	
<i>Lipaugus lanioides</i> (Lesson, 1844)	x
<i>Tijuca atra</i> Ferrusac, 1829	x
<i>Tijuca condita</i> Snow, 1980	x
<i>Xipholena atropurpurea</i> (Wied, 1820)	x
<i>Procnias averano averano</i> (Hermann, 1783)	
<i>Procnias nudicollis</i> (Vieillot, 1817)	x
<i>Cotinga maculata</i> (Statius Muller, 1776)	x
<i>Pyroderus scutatus scutatus</i> (Shaw, 1792)	QE
<i>Carpornis cucullata</i> (Swainson, 1821)	x
<i>Carpornis melanocephala</i> (Wied, 1820)	x
<i>Phibalura flavirostris</i> Vieillot, 1816	x
<i>Calyptura cristata</i> (Vieillot, 1818)	x
<i>Platyrinchus mystaceus niveigularis</i> Pinto, 1954.	x
<i>Platyrinchus mystaceus mystaceus</i> Vieillot, 1818	
<i>Platyrinchus mystaceus cancrum</i> Temminck, 1820	

Táxon	Endemismos
<i>Platyrrinchus leucoryphus</i> Wied, 1831	x
<i>Piprites chloris chloris</i> (Temminck, 1822)	x
<i>Piprites pileata</i> (Temminck, 1822)	x
<i>Tachuris rubrigastra rubrigastra</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Mionectes oleagineus oleagineus</i> (Lichtenstein, 1823).	
<i>Mionectes rufiventris</i> Cabanis, 1846	QE
<i>Leptopogon amaurocephalus amaurocephalus</i> Tschudi, 1846.	
<i>Corythopsis delalandi</i> (Lesson, 1830)	
<i>Phylloscartes eximius</i> (Temminck, 1822)	x
<i>Phylloscartes ventralis ventralis</i> (Temminck, 1824)	
<i>Phylloscartes kronei</i> Willis & Oniki, 1992	x
<i>Phylloscartes beckeri</i> Gonzaga & Pacheco, 1995	x
<i>Phylloscartes ceciliae</i> Teixeira, 1987	x
<i>Phylloscartes roquettei</i> Snethlage, 1928	
<i>Phylloscartes paulista</i> Ihering & Ihering, 1907	x
<i>Phylloscartes oustaleti</i> (Sclater, 1887)	x
<i>Phylloscartes difficilis</i> (Ihering & Ihering, 1907)	x
<i>Phylloscartes sylviolus</i> (Cabanis & Heine, 1859)	x
<i>Rhynchocyclus olivaceus olivaceus</i> (Temminck, 1820)	
<i>Tolmomyias sulphurescens pallescens</i> (Harter & Goodson, 1917)	
<i>Tolmomyias sulphurescens sulphurescens</i> (Spix, 1825)	x
<i>Tolmomyias poliocephalus sclateri</i> (Hellmayr, 1903)	
<i>Tolmomyias flaviventris flaviventris</i> (Wied, 1831)	
<i>Todirostrum poliocephalum</i> (Wied, 1831)	x
<i>Todirostrum cinereum cearae</i> Cory, 1916	
<i>Todirostrum cinereum coloreum</i> Ridgway, 1906	
<i>Poecilotriccus plumbeiceps cinereipectus</i> (Novaes, 1953)	x
<i>Poecilotriccus plumbeiceps plumbeiceps</i> (Lafresnaye, 1846)	x
<i>Poecilotriccus fumifrons fumifrons</i> (Hartlaub, 1853)	
<i>Myiornis auricularis cinereicollis</i> (Wied, 1831)	x
<i>Myiornis auricularis auricularis</i> (Vieillot, 1818)	x
<i>Hemitriccus diops</i> (Temminck, 1822)	x
<i>Hemitriccus obsoletus obsoletus</i> (Miranda-Ribeiro, 1906)	x
<i>Hemitriccus obsoletus zimmeri</i> Traylor, 1979	x
<i>Hemitriccus griseipectus naumburgae</i> (J. T. Zimmer, 1945)	x
<i>Hemitriccus orbitatus</i> (Wied, 1831)	x
<i>Hemitriccus nidipendulus nidipendulus</i> (Wied, 1831)	x
<i>Hemitriccus nidipendulus paulista</i> (Hellmayr, 1914)	x
<i>Hemitriccus margaritaceiventer margaritaceiventer</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	

Táxon	Endemismos
<i>Hemitriccus mirandae</i> (Snethlage, 1925)	x
<i>Hemitriccus kaempferi</i> (Zimmer, 1953)	x
<i>Hemitriccus furcatus</i> (Lafresnaye, 1846)	x
<i>Hirundinea ferruginea bellicosa</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Zimmerius gracilipes acer</i> (Salvin & Godman, 1883)	
<i>Euscarthmus meloryphus meloryphus</i> Wied, 1831.	
<i>Tyranniscus burmeisteri burmeisteri</i> (Cabanis & Heine, 1859)	
<i>Ornithion inerme</i> Hartlaub, 1853	
<i>Camptostoma obsoletum cinerascens</i> (Wied, 1831)	
<i>Camptostoma obsoletum obsoletum</i> (Temminck, 1824)	
<i>Elaenia flavogaster flavogaster</i> (Thunberg, 1822).	
<i>Elaenia spectabilis</i> Pelzeln, 1868	
<i>Elaenia chilensis</i> Hellmayr, 1927	
<i>Elaenia parvirostris</i> Pelzeln, 1868	
<i>Elaenia mesoleuca</i> (Deppe, 1830)	QE
<i>Elaenia cristata cristata</i> Pelzeln, 1868	
<i>Elaenia chiriquensis albivertex</i> Pelzeln, 1868	
<i>Elaenia obscura sordida</i> Zimmer, 1941	QE
<i>Myiopagis gaimardii gaimardii</i> (d'Orbigny, 1839)	
<i>Myiopagis caniceps caniceps</i> (Swainson, 1835)	
<i>Myiopagis viridicata viridicata</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Capsiempis flaveola flaveola</i> (Lichtenstein, 1823)	
<i>Phaeomyias murina murina</i> (Spix, 1825)	
<i>Phyllomyias virescens</i> (Temminck, 1824)	x
<i>Phyllomyias fasciatus cearae</i> Hellmayr, 1927	x
<i>Phyllomyias fasciatus brevirostris</i> (Spix, 1825)	x
<i>Phyllomyias griseocapilla</i> Sclater, 1862	x
<i>Polystictus pectoralis pectoralis</i> (Vieillot, 1817).	
<i>Polystictus superciliaris</i> (Wied, 1831)	
<i>Pseudocolopteryx sclateri</i> (Oustalet, 1892)	
<i>Pseudocolopteryx flaviventris</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	
<i>Serpophaga nigricans</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Serpophaga subcristata straminea</i> (Temminck, 1822)	
<i>Attila phoenicurus</i> Pelzeln, 1868	
<i>Attila rufus rufus</i> (Vieillot, 1819)	x
<i>Attila rufus hellmayri</i> Pinto, 1935	x
<i>Attila spadiceus uropygiatus</i> (Wied, 1831)	x
<i>Legatus leucophaeus leucophaeus</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Ramphotrigon megacephalum megacephalum</i> (Swainson, 1835)	x

Táxon	Endemismos
<i>Myiarchus tuberculifer tuberculifer</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	
<i>Myiarchus swainsoni swainsoni</i> Cabanis & Heine, 1859	
<i>Myiarchus ferox ferox</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Myiarchus tyrannulus bahiae</i> Berlepsch & Leverkühn, 1890	
<i>Sirystes sibilator sibilator</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Rhytipterna simplex simplex</i> (Lichtenstein, 1823)	x
<i>Casiornis rufus</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Pitangus sulphuratus maximiliani</i> (Cabanis & Heine, 1859)	
<i>Philohydor lictor lictor</i> (Lichtenstein, 1823)	
<i>Machetornis rixosa rixosa</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Myiodynastes maculatus solitarius</i> (Vieillot, 1819).	
<i>Megarynchus pitangua pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Myiozetetes cayanensis erythropterus</i> (Lafresnaye, 1853)	x
<i>Myiozetetes similis pallidiventris</i> Pinto, 1935	
<i>Tyrannus albogularis</i> Burmeister, 1856	
<i>Tyrannus melancholicus melancholicus</i> Vieillot, 1819	
<i>Tyrannus melancholicus despotes</i> (Lichtenstein, 1823).	
<i>Tyrannus savana savana</i> Vieillot, 1808	
<i>Griseotyrannus aurantioatrocristatus aurantioatrocristatus</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	
<i>Empidonomus varius varius</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Empidonomus varius rufinus</i> (Spix, 1825)	
<i>Conopias trivirgatus trivirgatus</i> (Wied, 1831)	x
<i>Colonia colonus colonus</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Myiophobus fasciatus flammiceps</i> (Temminck, 1822)	
<i>Pyrocephalus rubinus rubinus</i> (Boddaert, 1783)	
<i>Fluvicola albiventer</i> (Spix, 1825)	
<i>Fluvicola nengeta</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Arundinicola leucocephala</i> (Linnaeus, 1764)	
<i>Gubernetes yetapa</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Cnemotriccus fuscatus fuscatus</i> (Wied, 1831)	x
<i>Cnemotriccus fuscatus bimaculatus</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	
<i>Lathrotriccus euleri euleri</i> (Cabanis, 1868).	
<i>Contopus cooperi</i> (Nuttall, 1831)	
<i>Contopus cinereus cinereus</i> (Vieillot, 1816)	x
<i>Contopus cinereus pallescens</i> (Swainson, 1838)	
<i>Knipolegus cyanirostris</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Knipolegus lophotes</i> Boie, 1828	
<i>Knipolegus nigerrimus hoflingi</i> (Lencioni, 1996)	
<i>Knipolegus nigerrimus nigerrimus</i> (Vieillot, 1818)	

Táxon	Endemismos
<i>Hymenops perspicillatus perspicillatus</i> (Gmelin, 1789).	
<i>Satrapa icterophrys</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Xolmis cinereus cinereus</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Xolmis velatus</i> (Lichtenstein, 1823)	
<i>Xolmis irupero niveus</i> (Spix, 1825)	
<i>Xolmis irupero irupero</i> (Vieillot, 1823)	
<i>Muscipipra vetula</i> (Lichtenstein, 1823)	x
<i>Cyclarhis gujanensis ochrocephala</i> Tshudi, 1845	
<i>Cyclarhis gujanensis cearensis</i> Baird, 1866	
<i>Vireo chivi agilis</i> (Lichtenstein, 1823)	
<i>Vireo chivi diversus</i> Zimmer, 1941	
<i>Hylophilus poicilotis</i> Temminck, 1822	x
<i>Hylophilus amaurocephalus</i> (Nordmann, 1835)	
<i>Hylophilus thoracicus thoracicus</i> Temminck, 1822	x
<i>Cyanocorax cyanomelas</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Cyanocorax caeruleus</i> (Vieillot, 1818)	x
<i>Cyanocorax cristatellus</i> (Temminck, 1823)	
<i>Cyanocorax chrysops chrysops</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Pygochelidon cyanoleuca cyanoleuca</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Pygochelidon melanoleuca</i> (Wied, 1820)	
<i>Alopocheilidon fucata</i> (Temminck, 1822)	
<i>Atticora tibialis tibialis</i> (Cassin, 1853)	x
<i>Stelgidopteryx ruficollis ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Progne tapera tapera</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Progne tapera fusca</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Progne subis subis</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Progne chalybea macrorhamphus</i> (Brooke, 1974)	
<i>Tachycineta albiventer</i> (Boddaert, 1783)	
<i>Tachycineta leucorrhoa</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Tachycineta leucopyga</i> (Meyen, 1834)	
<i>Riparia riparia riparia</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Hirundo rustica erythrogaster</i> Boddaert, 1783	
<i>Petrochelidon pyrrhonota pyrrhonota</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Troglodytes musculus musculus</i> Naumann, 1823	
<i>Troglodytes musculus bonariae</i> Hellmayr, 1919	
<i>Cistothorus platensis polyglottus</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Campylorhynchus turdinus turdinus</i> (Wied, 1831)	
<i>Campylorhynchus turdinus unicolor</i> (Lafresnaye, 1846)	
<i>Pheugopedius genibarbis genibarbis</i> (Swainson, 1838)	

Táxon	Endemismos
<i>Cantorchilus longirostris longirostris</i> (Vieillot, 1819)	x
<i>Donacobius atricapilla atricapilla</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Ramphocaenus melanurus melanurus</i> Vieillot, 1819	x
<i>Polioptila plumbea atricapilla</i> (Swainson, 1832)	
<i>Polioptila lactea</i> Sharpe, 1885	x
<i>Polioptila dumicola dumicola</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Catharus fuscescens fuscescens</i> (Stephens, 1817)	
<i>Cichlopsis leucogenys leucogenys</i> Cabanis, 1851	x
<i>Turdus flavipes flavipes</i> Vieillot, 1818	x
<i>Turdus rufiventris rufiventris</i> Vieillot, 1818	
<i>Turdus rufiventris juensis</i> (Cory, 1916)	
<i>Turdus leucomelas albiventer</i> Spix, 1824	
<i>Turdus leucomelas leucomelas</i> Vieillot, 1818	
<i>Turdus fumigatus fumigatus</i> Lichtenstein, 1823	
<i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 1850	
<i>Turdus subalaris</i> (Seeböhm, 1887)	
<i>Turdus albicollis albicollis</i> Vieillot, 1818	QE
<i>Turdus albicollis crotopezus</i> Lichtensteins, 1823	x
<i>Turdus albicollis paraguayensis</i> (Chubb, 1910).	
<i>Mimus gilvus antelius</i> Oberholser, 1919	
<i>Mimus saturninus frater</i> Hellmayr, 1903	
<i>Mimus saturninus arenaceus</i> Chapman, 1890	
<i>Mimus saturninus modulator</i> (Gould, 1836)	
<i>Mimus triurus</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Anthus lutescens lutescens</i> Pucheran, 1855	
<i>Anthus hellmayri brasiliensis</i> Hellmayr, 1921	
<i>Coereba flaveola chloropyga</i> (Cabanis, 1851)	
<i>Saltator fuliginosus</i> (Daudin, 1800)	x
<i>Saltator maximus maximus</i> (Statius Müller, 1776)	
<i>Saltator coerulescens coerulescens</i> Vieillot, 1817	
<i>Saltator similis similis</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	
<i>Saltator similis ochraceiventris</i> Berlepsch, 1912	
<i>Saltator maxillosus</i> Cabanis, 1851	x
<i>Saltatricula atricollis</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Orchesticus abeillei</i> (Lesson, 1839)	x
<i>Compsothraupis loricata</i> (Lichtenstein, 1819)	
<i>Nemosia pileata caerulea</i> (Wied 1831)	
<i>Nemosia rourei</i> Cabanis, 1870	x
<i>Orthogonys chloricterus</i> (Vieillot, 1819)	x

Táxon	Endemismos
<i>Thlypopsis sordida sordida</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	
<i>Pyrrhocomma ruficeps</i> (Strickland, 1844)	QE
<i>Tachyphonus rufus</i> (Boddaert, 1783)	
<i>Tachyphonus coronatus</i> (Vieillot, 1822)	x
<i>Ramphocelus bresilius bresilius</i> (Linnaeus, 1766)	x
<i>Ramphocelus bresilius dorsalis</i> Sclater, 1855	x
<i>Lanio cristatus brunneus</i> (Spix, 1825)	x
<i>Lanio pileatus pileatus</i> (Wied, 1821)	
<i>Lanio cucullatus rubescens</i> (Swainson, 1825)	
<i>Lanio melanops</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Tangara brasiliensis</i> (Linnaeus, 1766)	x
<i>Tangara cyanomelaena</i> (Wied, 1830)	x
<i>Tangara seledon</i> (Statius Muller, 1776)	x
<i>Tangara fastuosa</i> (Lesson, 1831)	x
<i>Tangara cyanocephala cyanocephala</i> (Statius Muller, 1776)	x
<i>Tangara cyanocephala cearensis</i> Cory, 1916	x
<i>Tangara cyanocephala corallina</i> (Berlepsch, 1903)	x
<i>Tangara cyanoventris</i> (Vieillot, 1819)	x
<i>Tangara desmaresti</i> (Vieillot, 1819)	x
<i>Tangara sayaca sayaca</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Tangara cyanopectus</i> (Vieillot, 1817)	x
<i>Tangara palmarum palmarum</i> (Wied, 1821)	
<i>Tangara ornata</i> (Sparrman, 1789)	x
<i>Tangara peruviana</i> (Desmarest, 1806)	x
<i>Tangara preciosa</i> (Cabanis, 1850)	
<i>Tangara cayana flava</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Tangara cayana chloroptera</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Stephanophorus diadematus</i> (Temminck, 1823)	
<i>Cissopis leverianus major</i> Cabanis, 1851	QE
<i>Schistochlamys melanopsis amazonica</i> Zimmer, 1947	
<i>Schistochlamys ruficapillus</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Paroaria coronata</i> (Miller, 1776)	
<i>Paroaria dominicana</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Pipraeidea melanonota melanonota</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Pipraeidea bonariensis bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Tersina viridis viridis</i> (Illiger, 1811)	
<i>Dacnis nigripes</i> Pelzeln, 1856	x
<i>Dacnis cayana paraguayensis</i> Chubb, 1910	
<i>Cyanerpes cyaneus holti</i> Parkes, 1977	x

Táxon	Endemismos
<i>Chlorophanes spiza axillaris</i> Zimmer, 1929	x
<i>Hemithraupis guira guira</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Hemithraupis guira fosteri</i> (Sharpe, 1905)	
<i>Hemithraupis ruficapilla bahiae</i> Zimmer, 1947	x
<i>Hemithraupis ruficapilla ruficapilla</i> (Vieillot, 1818)	x
<i>Hemithraupis flavicollis melanoxantha</i> (Lichtenstein, 1823)	x
<i>Hemithraupis flavicollis insignis</i> (Sclater, 1856)	x
<i>Conirostrum speciosum speciosum</i> (Temminck, 1824)	
<i>Conirostrum bicolor bicolor</i> (Vieillot, 1809)	
<i>Zonotrichia capensis matutina</i> (Lichtenstein, 1823)	
<i>Zonotrichia capensis subtorquata</i> Swainson, 1837	
<i>Ammodramus humeralis humeralis</i> (Bosc, 1792)	
<i>Ammodramus humeralis xanthomus</i> Gould, 1839	
<i>Haplospiza unicolor</i> Cabanis, 1851	x
<i>Donacospiza albifrons</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Poospiza thoracica</i> (Nordmann, 1835)	x
<i>Poospiza nigrorufa nigrorufa</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	
<i>Poospiza lateralis</i> (Nordmann, 1835)	x
<i>Poospiza cabanisi</i> Bonaparte, 1850	
<i>Poospiza cinerea</i> Bonaparte, 1850	
<i>Sicalis citrina citrina</i> Pelzeln, 1870	
<i>Sicalis flaveola brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Sicalis flaveola pelzelni</i> (Sclater, 1872)	
<i>Sicalis luteola luteiventris</i> (Meyen, 1834)	
<i>Emberizoides herbicola herbicola</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Emberizoides ypiranganus</i> Ihering & Ihering, 1907	
<i>Embernagra platensis platensis</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Embernagra longicauda</i> Strickland, 1844	x
<i>Volatinia jacarina jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Sporophila frontalis</i> (Verreaux, 1869)	x
<i>Sporophila falcirostris</i> (Temminck, 1820)	x
<i>Sporophila collaris collaris</i> (Boddaert, 1783)	
<i>Sporophila collaris ochrascens</i> Hellmayr, 1904	
<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Sporophila nigricollis nigricollis</i> (Vieillot, 1823)	
<i>Sporophila ardesiaca</i> (Dubois, 1894)	
<i>Sporophila caerulescens caerulescens</i> (Vieillot, 1823)	
<i>Sporophila caerulescens hellmayri</i> Wolters, 1939	
<i>Sporophila albogularis</i> (Spix, 1825)	

Táxon	Endemismos
<i>Sporophila leucoptera cinereola</i> (Temminck, 1820)	
<i>Sporophila bouvreuil</i> (Statius Muller, 1776)	
<i>Sporophila angolensis angolensis</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Sporophila maximiliani maximiliani</i> (Cabanis, 1851)	
<i>Tiaris fuliginosus</i> (Wied, 1830)	
<i>Arremon taciturnus taciturnus</i> (Hermann, 1783)	
<i>Arremon semitorquatus</i> Swainson, 1838	x
<i>Arremon franciscanus</i> Raposo, 1997	
<i>Arremon flavirostris flavirostris</i> Swainson, 1838	
<i>Arremon flavirostris polionotus</i> Bonaparte, 1850	
<i>Piranga flava saira</i> (Spix, 1825)	
<i>Habia rubica rubica</i> (Vieillot, 1817)	x
<i>Habia rubica bahiae</i> Hellmayr, 1936	x
<i>Caryothraustes canadensis frontalis</i> (Hellmayr, 1905)	x
<i>Caryothraustes canadensis brasiliensis</i> Cabanis, 1851	x
<i>Cyanoloxia moesta</i> (Hartlaub, 1853)	
<i>Cyanoloxia brissonii sterea</i> Oberhoiser, 1901	
<i>Cyanoloxia glaucocerulea</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	
<i>Setophaga pitaiyumi pitaiyumi</i> (Vieillot, 1817)	
<i>Setophaga striata</i> (Forster, 1772)	
<i>Geothlypis aequinoctialis</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Basileuterus culicivorus auricapilla</i> (Swainson, 1838)	
<i>Basileuterus culicivorus hypoleucus</i> Bonaparte, 1850	
<i>Basileuterus culicivorus azarae</i> Zimmer, 1949	
<i>Myiothlypis flaveola</i> Baird, 1865	
<i>Myiothlypis leucoblephara leucoblephara</i> (Vieillot, 1817)	x
<i>Myiothlypis rivularis</i> (Wied, 1821)	x
<i>Psarocolius decumanus decumanus</i> (Pallas, 1769)	
<i>Procacicus solitarius</i> (Vieillot, 1816)	
<i>Cacicus chrysopterus</i> (Vigors, 1825)	
<i>Cacicus haemorrhous affinis</i> Swainson, 1834	QE
<i>Cacicus cela</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Icterus pyrrhopterus pyrrhopterus</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Icterus pyrrhopterus tibialis</i> Swainson, 1838	
<i>Icterus pyrrhopterus valenciobuenoi</i> Ihering, 1902	
<i>Icterus jamacaii</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Gnorimopsar chopi chopi</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Gnorimopsar chopi sulcirostris</i> (Spix, 1824)	
<i>Curaeus forbesi</i> (Sclater, 1886)	

Táxon	Endemismos
<i>Amblyramphus holosericeus</i> (Scopoli, 1786)	
<i>Agelasticus cyanopus atroolivaceus</i> (Wied, 1831)	
<i>Agelasticus thilius petersii</i> (Laubmann, 1934)	
<i>Chrysomus ruficapillus ruficapillus</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Chrysomus ruficapillus frontalis</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Pseudoleistes guirahuro</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Pseudoleistes virescens</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Agelaioides badius badius</i> (Vieillot, 1819)	
<i>Agelaioides fringillarius</i> (Spix 1824)	
<i>Molothrus rufoaxillaris</i> Cassin, 1866	
<i>Molothrus oryzivorus oryzivorus</i> (Gmelin, 1788)	
<i>Molothrus bonariensis bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	
<i>Sturnella supercilialis</i> (Bonaparte, 1850)	
<i>Sporagra yarrellii</i> (Audubon, 1839)	
<i>Sporagra magellanica icterica</i> (Lichtenstein, 1823)	
<i>Euphonia chlorotica chlorotica</i> (Linnaeus, 1766)	
<i>Euphonia chlorotica serrirostris</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	
<i>Euphonia violacea aurantiicollis</i> Bertoni, 1901	x
<i>Euphonia chalybea</i> (Mikan, 1825)	x
<i>Euphonia cyanocephala cyanocephala</i> (Vieillot, 1818)	
<i>Euphonia xanthogaster xanthogaster</i> Sundevall, 1834	x
<i>Euphonia pectoralis</i> (Latham, 1801)	x
<i>Chlorophonia cyanea cyanea</i> (Thunberg, 1822)	x
<i>Estrilda astrild ssp</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Passer domesticus ssp</i> (Linnaeus, 1758)	

Apêndice 5. Lista das espécies e gêneros de aves endêmicos e quase endêmicos da Mata Atlântica de acordo com o presente estudo. Gêneros endêmicos são indicados por *, espécies quase endêmicas são indicadas por QE.

Espécie
<i>Tinamus solitarius</i> (Vieillot, 1819)
<i>Crypturellus noctivagus</i> (Wied, 1820)
<i>Ortalis aracuan</i> (Spix, 1825)
<i>Ortalis squamata</i> (Lesson, 1829)
<i>Aburria jacutinga</i> (Spix, 1825)
<i>Pauxi mitu</i> (Linnaeus, 1766)
<i>Crax blumenbachii</i> Spix, 1825
<i>Odontophorus capueira</i> (Spix, 1825)
<i>Leptodon forbesi</i> (Swann, 1922)
<i>Amadonastur lacernulatus</i> (Temminck, 1827) *
<i>Pseudastur polionotus</i> (Kaup, 1847)
<i>Aramides saracura</i> (Spix, 1825)
<i>Claravis geoffroyi</i> (Temminck, 1811)
<i>Pyrrhura cruentata</i> (Wied, 1820)
<i>Pyrrhura frontalis</i> (Vieillot, 1817) QE
<i>Pyrrhura leucotis</i> (Kuhl, 1820)
<i>Pyrrhura griseipectus</i> Salvadori, 1900 QE
<i>Brotogeris tirica</i> (Gmelin, 1788)
<i>Touit melanonotus</i> (Wied, 1820)
<i>Touit surdus</i> (Kuhl, 1820)
<i>Pionopsitta pileata</i> (Scopoli, 1769) *
<i>Pionus reichenowi</i> Heine, 1844
<i>Amazona vinacea</i> (Kuhl, 1820)
<i>Amazona pretrei</i> (Temminck, 1830)
<i>Amazona brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758)
<i>Amazona rhodocorytha</i> (Salvadori, 1890)
<i>Triclaria malachitacea</i> (Spix, 1824) *
<i>Megascops atricapilla</i> (Temminck, 1822)
<i>Pulsatrix koenigswaldiana</i> (Bertoni & Bertoni, 1901)
<i>Strix hylophila</i> Temminck, 1825
<i>Glaucidium mooreorum</i> Silva, Coelho & Gonzaga, 2002
<i>Glaucidium minutissimum</i> (Wied, 1830)
<i>Hydropsalis forcipata</i> (Nitzsch, 1840)
<i>Ramphodon naevius</i> (Dumont, 1818) *
<i>Glaucis dohrnii</i> (Bourcier & Mulsant, 1852)

Phaethornis squalidus (Temminck, 1822)
Phaethornis idaliae (Bourcier & Mulsant, 1856)
Phaethornis eurynome (Lesson, 1832)
Phaethornis camargoi Grantsau, 1988
Phaethornis margarettae Ruschi, 1972
Campylopterus diamantinensis Ruschi, 1963
Aphantochroa cirrochloris (Vieillot, 1818) **QE***
Stephanoxis lalandi (Vieillot, 1818) *
Stephanoxis loddigesii (Gould, 1831)
Thalurania watertonii (Bourcier, 1847)
Thalurania glaucopis (Gmelin, 1788)
Clytolaema rubricauda (Boddaert, 1783) *
Augastes scutatus (Temminck, 1824)
Augastes lumachella (Lesson, 1838)
Baryphthengus ruficapillus (Vieillot, 1818) **QE**
Jacamaralcyon tridactyla (Vieillot, 1817) *
Notharchus swainsoni (Gray, 1846)
Ramphastos dicolorus Linnaeus, 1766
Selenidera maculirostris (Lichtenstein, 1823)
Pteroglossus bailloni (Vieillot, 1819)
Picumnus pernambucensis Zimmer, 1947
Picumnus temminckii Lafresnaye, 1845
Picumnus nebulosus Sundevall, 1866 **QE**
Melanerpes flavifrons (Vieillot, 1818) **QE**
Veniliornis maculifrons (Spix, 1824)
Piculus polyzonus (Valenciennes, 1826)
Piculus aurulentus (Temminck, 1821)
Dryocopus galeatus (Temminck, 1822)
Campephilus robustus (Lichtenstein, 1818)
Terenura sicki Teixeira & Gonzaga, 1983 *

Terenura maculata (Wied, 1831)
Myrmeciza ruficauda (Wied, 1831)
Myrmeciza loricata (Lichtenstein, 1823)
Myrmeciza squamosa Pelzeln, 1868
Rhopias gularis (Spix, 1825) *
Myrmotherula minor Salvadori, 1864
Myrmotherula urosticta (Sclater, 1857)
Myrmotherula fluminensis Gonzaga, 1988
Myrmotherula unicolor (Ménétrières, 1835)

Myrmotherula snowi Teixeira & Gonzaga, 1985
Formicivora iheringi Hellmayr, 1909
Formicivora erythronotos Hartlaub, 1852
Formicivora serrana Hellmayr, 1929
Formicivora littoralis Gonzaga & Pacheco, 1990
Formicivora grantsaui Gonzaga, Carvalhaes & Buzzetti, 2007
Formicivora acutirostris (Bornschein, Reinert & Teixeira, 1995)
Formicivora sp. nov.
Dysithamnus stictothorax (Temminck, 1823)
Dysithamnus xanthopterus Burmeister, 1856
Dysithamnus plumbeus (Wied, 1831)
Herpsilochmus pileatus (Lichtenstein, 1823)
Thamnophilus ambiguus Swainson, 1825
Hypoedaleus guttatus (Vieillot, 1816) *
Mackenziaena leachii (Such, 1825) *
Mackenziaena severa (Lichtenstein, 1823)
Biatas nigropectus (Lafresnaye, 1850) *
Pyriglena atra (Swainson, 1825)
Pyriglena leucoptera (Vieillot, 1818)
Rhopornis ardesiacus (Wied, 1831) *
Cercomacra brasiliana Hellmayr, 1905
Drymophila ferruginea (Temminck, 1822)
Drymophila rubricollis (Bertoni, 1901)
Drymophila genei (Filippi, 1847)
Drymophila ochropyga (Hellmayr, 1906)
Drymophila malura (Temminck, 1825)
Drymophila squamata (Lichtenstein, 1823)
Conopophaga lineata (Wied, 1831) **QE**
Conopophaga cearae Cory, 1916
Conopophaga melanops (Vieillot, 1818)
Hylopezus nattereri (Pinto, 1937)
Merulaxis ater Lesson, 1830 *
Merulaxis stresemanni Sick, 1960
Eleoscytalopus indigoticus (Wied, 1831) *
Eleoscytalopus psychopompus (Teixeira & Carnevalli, 1989)
Scytalopus speluncae (Ménétrières, 1835)
Scytalopus diamantinensis Bornschein, Maurício, Belmonte-Lopes, Mata & Bonato, 2007
Scytalopus petrophilus Whitney, Vasconcelos, Silveira & Pacheco, 2010
Scytalopus pachecoi Maurício, 2005

Scytalopus iraiensis Bornschein, Reinert & Pichorim, 1998
Psilorhamphus guttatus (Ménétrières, 1835) *
Chamaeza meruloides Vigors, 1825
Chamaeza ruficauda (Cabanis & Heine, 1859)
Sclerurus scansor (Ménétrières, 1835) **QE**
Sclerurus cearensis Snethlage, 1924
Dendrocincla taunayi Pinto, 1939
Dendrocincla turdina (Lichtenstein, 1820)
Xiphorhynchus atlanticus (Cory, 1916)
Xiphorhynchus fuscus (Vieillot, 1818) **QE**
Campylorhamphus falcularius (Vieillot, 1822)
Lepidocolaptes squamatus (Lichtenstein, 1822)
Lepidocolaptes falcinellus (Cabanis & Heine, 1859)
Xiphocolaptes albicollis (Vieillot, 1818) **QE**
Cinclodes espinhacensis Freitas, Chaves, Costa, Santos & Rodrigues, 2012
Automolus lammi Zimmer, 1947
Automolus leucophthalmus (Wied, 1821) **QE**
Anabazenops fuscus (Vieillot, 1816)
Philydor lichtensteini Cabanis & Heine, 1859
Philydor novaesi Teixeira & Gonzaga, 1983
Philydor atricapillus (Wied, 1821)
Heliobletus contaminatus Berlepsch, 1885 *
Anabacerthia amaurotis (Temminck, 1823)
Cichlocolaptes leucophrus (Jardine & Selby, 1830) *
Leptasthenura striolata (Pelzeln, 1856)
Leptasthenura setaria (Temminck, 1824)
Phacellodomus erythrophthalmus (Wied, 1821)
Phacellodomus ferrugineigula (Pelzeln, 1858)
Clibanornis dendrocolaptoides (Pelzeln, 1859) *
Synallaxis ruficapilla Vieillot, 1819
Synallaxis whitneyi Pacheco & Gonzaga, 1995
Synallaxis infuscata Pinto, 1950
Synallaxis cinerascens Temminck, 1823 **QE**
Asthenes luizae Vielliard, 1990
Asthenes moreirae (Miranda-Ribeiro, 1906)
Acrobatornis fonsecai Pacheco, Whitney & Gonzaga, 1996 *
Cranioleuca obsoleta (Reichenbach, 1853)
Cranioleuca pallida (Wied, 1831)
Thripophaga macroura (Wied, 1821)
Neopelma aurifrons (Wied, 1831)

Neopelma chrysolophum Pinto, 1944
Machaeropterus regulus (Hahn, 1819)
Ilicura militaris (Shaw & Nodder, 1809) **QE***
Chiroxiphia caudata (Shaw & Nodder, 1793)
Antilophia bokermanni Coelho & Silva, 1998
Onychorhynchus swainsoni (Pelzeln, 1858)
Schiffornis virescens (Lafresnaye, 1838) **QE**
Laniisoma elegans (Thunberg, 1823)
Iodopleura pipra (Lesson, 1831)
Lipaugus lanioides (Lesson, 1844)
Tijuca atra Ferrusac, 1829 *
Tijuca condita Snow, 1980
Xipholena atropurpurea (Wied, 1820)
Procnias nudicollis (Vieillot, 1817)
Cotinga maculata (Statius Muller, 1776)
Carpornis cucullata (Swainson, 1821) *
Carpornis melanocephala (Wied, 1820)
Phibalura flavirostris Vieillot, 1816
Calyptura cristata (Vieillot, 1818) *
Platyrinchus leucoryphus Wied, 1831
Piprites pileata (Temminck, 1822)
Mionectes rufiventris Cabanis, 1846 **QE**
Phylloscartes eximius (Temminck, 1822)
Phylloscartes kronei Willis & Oniki, 1992
Phylloscartes beckeri Gonzaga & Pacheco, 1995
Phylloscartes ceciliae Teixeira, 1987
Phylloscartes paulista Ihering & Ihering, 1907
Phylloscartes oustaleti (Sclater, 1887)
Phylloscartes difficilis (Ihering & Ihering, 1907)
Phylloscartes sylviolus (Cabanis & Heine, 1859)
Todirostrum poliocephalum (Wied, 1831)
Myiornis auricularis (Vieillot, 1818)
Hemitriccus diops (Temminck, 1822)
Hemitriccus obsoletus (Miranda-Ribeiro, 1906)
Hemitriccus orbitatus (Wied, 1831)
Hemitriccus nidipendulus (Wied, 1831)
Hemitriccus mirandae (Snethlage, 1925)
Hemitriccus kaempferi (Zimmer, 1953)
Hemitriccus furcatus (Lafresnaye, 1846)
Elaenia mesoleuca (Deppe, 1830) **QE**

Phyllomyias virescens (Temminck, 1824)
Phyllomyias griseocapilla Sclater, 1862
Attila rufus (Vieillot, 1819)
Muscipipra vetula (Lichtenstein, 1823) *
Hylophilus poicilotis Temminck, 1822
Cyanocorax caeruleus (Vieillot, 1818)
Polioptila lactea Sharpe, 1885
Saltator fuliginosus (Daudin, 1800)
Saltator maxillosus Cabanis, 1851
Orchesticus abeillei (Lesson, 1839) *
Nemosia rourei Cabanis, 1870
Orthogonys chloricterus (Vieillot, 1819) *
Pyrrhocomma ruficeps (Strickland, 1844) **QE***
Tachyphonus coronatus (Vieillot, 1822)
Ramphocelus bresilius (Linnaeus, 1766)
Tangara brasiliensis (Linnaeus, 1766)
Tangara cyanomelaena (Wied, 1830)
Tangara seledon (Statius Muller, 1776)
Tangara fastuosa (Lesson, 1831)
Tangara cyanocephala (Statius Muller, 1776)
Tangara cyanoventris (Vieillot, 1819)
Tangara desmaresti (Vieillot, 1819)
Tangara cyanoptera (Vieillot, 1817)
Tangara ornata (Sparrman, 1789)
Tangara peruviana (Desmarest, 1806)
Dacnis nigripes Pelzel, 1856
Hemithraupis ruficapilla (Vieillot, 1818)
Haplospiza unicolor Cabanis, 1851
Poospiza thoracica (Nordmann, 1835)
Poospiza lateralis (Nordmann, 1835)
Embernagra longicauda Strickland, 1844
Sporophila frontalis (Verreaux, 1869)
Sporophila falcirostris (Temminck, 1820)
Arremon semitorquatus Swainson, 1838
Curaeus forbesi (Sclater, 1886)
Euphonia chalybea (Mikan, 1825)
Euphonia pectoralis (Latham, 1801)

Apêndice 6. Espécies de aves da Mata Atlântica ameaçadas de extinção em âmbito internacional e nacional e espécies consideradas potencialmente ameaçadas na Mata Atlântica pelo presente estudo. EX – extinta, EW – extinta na natureza, CR – criticamente ameaçada, EN – em perigo, AM – ameaçada, VU – vulnerável, NT – quase ameaçada. Categorias acompanhadas de * indicam espécies em que apenas as populações de uma subespécie em particular são consideradas ameaçadas.

Espécie	IUCN	Brasil	Argentina	Paraguai	Pot. ame.
<i>Tinamus solitarius</i> (Vieillot, 1819)	NT		AM	EN	
<i>Crypturellus obsoletus</i> (Temminck, 1815)				AM	
<i>Crypturellus strigulosus</i> (Temminck, 1815)					x
<i>Crypturellus noctivagus</i> (Wied, 1820)	NT	VU			
<i>Crypturellus variegatus</i> (Gmelin, 1789)					x
<i>Anhima cornuta</i> (Linnaeus, 1766)				EN	x
<i>Coscoroba coscoroba</i> (Molina, 1782)				EN	
<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)			AM		
<i>Sarkidiornis sylvicola</i> Ihering & Ihering, 1907			AM	EN	x
<i>Mergus octosetaceus</i> Vieillot, 1817	CR	CR	CR	EN	
<i>Ortalis guttata</i> (Spix, 1825)					x
<i>Penelope supercilialis</i> Temminck, 1815		EN*	VU		
<i>Penelope obscura</i> Temminck, 1815				EN	
<i>Aburria jacutinga</i> (Spix, 1825)	EN	EN	EN	EN	
<i>Pauxi mitu</i> (Linnaeus, 1766)	EW	EW			
<i>Crax fasciolata</i> Spix, 1825			EN	EN	x
<i>Crax blumenbachii</i> Spix, 1825	EN	EN			
<i>Odontophorus capueira</i> (Spix, 1825)		EN*	VU	AM	
<i>Puffinus lherminieri</i> Lesson, 1839		CR			
<i>Ciconia maguari</i> (Gmelin, 1789)					x
<i>Jabiru mycteria</i> (Lichtenstein, 1819)					x
<i>Tigrisoma fasciatum</i> (Such, 1825)		EN	VU		
<i>Cochlearius cochlearius</i> (Linnaeus, 1766)			VU		x
<i>Eudocimus ruber</i> (Linnaeus, 1758)					x
<i>Phoenicopterus chilensis</i> Molina, 1782	NT				
<i>Phoenicoparrus andinus</i> (Philippi, 1854)	VU		EN		
<i>Sarcorampus papa</i> (Linnaeus, 1758)				EN	x
<i>Leptodon forbesi</i> (Swann, 1922)	CR				
<i>Harpagus bidentatus</i> (Latham, 1790)					x
<i>Accipiter poliogaster</i> (Temminck, 1824)			EN	EN	x

<i>Accipiter superciliosus</i> (Linnaeus, 1766)			AM	AM	x
<i>Busarellus nigricollis</i> (Latham, 1790)					x
<i>Buteogallus aequinoctialis</i> (Gmelin, 1788)					x
<i>Amadonastur lacernulatus</i> (Temminck, 1827)	VU	VU			
<i>Urubitinga coronata</i> (Vieillot, 1817)	EN	VU	EN	AM	
<i>Parabuteo leucorrhous</i> (Quoy & Gaimard, 1824)			AM		
<i>Geranoaetus melanoleucus</i> (Vieillot, 1819)					x
<i>Pseudastur polionotus</i> (Kaup, 1847)	NT			EN	
<i>Buteo nitidus</i> (Latham, 1790)			VU		
<i>Morphnus guianensis</i> (Daudin, 1800)	NT		CR	EN	x
<i>Harpia harpyja</i> (Linnaeus, 1758)	NT		CR	EN	x
<i>Spizaetus tyrannus</i> (Wied, 1820)			EN	EN	
<i>Spizaetus melanoleucus</i> (Vieillot, 1816)			VU		
<i>Spizaetus ornatus</i> (Daudin, 1800)			AM	AM	x
<i>Ibycter americanus</i> (Boddaert, 1783)					x
<i>Micrastur mintoni</i> Whittaker, 2002					x
<i>Micrastur mirandollei</i> (Schlegel, 1862)					x
<i>Micrastur semitorquatus</i> (Vieillot, 1817)			VU		
<i>Falco deiroleucus</i> Temminck, 1825			AM		x
<i>Heliornis fulica</i> (Boddaert, 1783)			VU		
<i>Charadrius modestus</i> Lichtenstein, 1823			VU		
<i>Tryngites subruficollis</i> (Vieillot, 1819)	NT		AM		
<i>Nycticryphes semicollaris</i> (Vieillot, 1816)					x
<i>Sternula antillarum</i> Lesson, 1847			AM		
<i>Thalasseus maximus</i> (Boddaert, 1783)		VU			
<i>Claravis geoffroyi</i> (Temminck, 1811)	CR	CR	CR	EN	
<i>Patagioenas speciosa</i> (Gmelin, 1789)			VU	AM	x
<i>Geotrygon violacea</i> (Temminck, 1809)			VU	AM	x
<i>Geotrygon montana</i> (Linnaeus, 1758)				AM	
<i>Anodorhynchus glaucus</i> (Vieillot, 1816)	CR	EX	CR	EN	
<i>Ara ararauna</i> (Linnaeus, 1758)				EN	x
<i>Ara chloropterus</i> Gray, 1859			CR	EN	x
<i>Ara severus</i> (Linnaeus, 1758)					x
<i>Primolius maracana</i> (Vieillot, 1816)	NT		CR	EN	
<i>Aratinga auricapillus</i> (Kuhl, 1820)	NT				
<i>Aratinga aurea</i> (Gmelin, 1788)			AM		
<i>Pyrrhura cruentata</i> (Wied, 1820)	VU	VU			
<i>Pyrrhura leucotis</i> (Kuhl, 1820)	NT	VU			
<i>Pyrrhura griseipectus</i> Salvadori, 1900	CR	CR			
<i>Brotogeris chiriri</i> (Vieillot, 1818)			VU		

<i>Touit melanonotus</i> (Wied, 1820)	EN	VU			
<i>Touit surdus</i> (Kuhl, 1820)	VU				
<i>Pionus reichenowi</i> Heine, 1844					x
<i>Amazona vinacea</i> (Kuhl, 1820)	EN	VU	CR	EN	
<i>Amazona pretrei</i> (Temminck, 1830)	VU	VU	CR	EN	
<i>Amazona farinosa</i> (Boddaert, 1783)					x
<i>Amazona brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758)	VU	VU			
<i>Amazona rhodocorytha</i> (Salvadori, 1890)	EN	EN			
<i>Triclaria malachitacea</i> (Spix, 1824)	NT				
<i>Neomorphus geoffroyi</i> (Temminck, 1820)		CR*			
<i>Megascops atricapilla</i> (Temminck, 1822)			VU		
<i>Megascops sanctaecatarinae</i> (Salvin, 1897)			AM		
<i>Pulsatrix perspicillata</i> (Latham, 1790)					x
<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i> (Bertoni & Bertoni, 1901)			VU	EN	
<i>Strix hylophila</i> Temminck, 1825	NT		VU	AM	
<i>Strix virgata</i> (Cassin, 1849)			AM		
<i>Strix huhula</i> Daudin, 1800			AM	AM	x
<i>Glaucidium mooreorum</i> Silva, Coelho & Gonzaga, 2002	CR				
<i>Asio stygius</i> (Wagler, 1832)			AM		
<i>Nyctibius grandis</i> (Gmelin, 1789)					x
<i>Nyctibius aethereus</i> (Wied, 1820)			VU	EN	x
<i>Nyctibius leucopterus</i> (Wied, 1821)					x
<i>Nyctiphrynus ocellatus</i> (Tschudi, 1844)			AM		
<i>Antrostomus sericocaudatus</i> Cassin, 1849			VU		
<i>Hydropsalis vielliardi</i> (Lencioni-Neto, 1994)	NT				x
<i>Hydropsalis maculicauda</i> (Lawrence, 1862)				AM	
<i>Chordeiles pusillus</i> Gould, 1861			EN		
<i>Cypseloides fumigatus</i> (Streubel, 1848)			VU		
<i>Chaetura spinicaudus</i> (Temminck, 1839)					x
<i>Ramphodon naevius</i> (Dumont, 1818)	NT				
<i>Glaucis dohrnii</i> (Bourcier & Mulsant, 1852)	EN	EN			
<i>Phaethornis margarettae</i> Ruschi, 1972		EN*			
<i>Discosura langsdorffi</i> (Temminck, 1821)		VU*			
<i>Thalurania watertonii</i> (Bourcier, 1847)	NT	VU			
<i>Polytmus guainumbi</i> (Pallas, 1764)			VU		
<i>Augastes scutatus</i> (Temminck, 1824)	NT				
<i>Augastes lumachella</i> (Lesson, 1838)	NT				
<i>Calliphlox amethystina</i> (Boddaert, 1783)			AM		
<i>Trogon collaris</i> Vieillot, 1817					x

<i>Momotus momota</i> (Linnaeus, 1766)		EN*			
<i>Jacamaralcyon tridactyla</i> (Vieillot, 1817)	VU				
<i>Notharchus swainsoni</i> (Gray, 1846)			VU	AM	
<i>Monasa nigrifrons</i> (Spix, 1824)					x
<i>Monasa morphoeus</i> (Hahn & Küster, 1823)					x
<i>Selenidera maculirostris</i> (Lichtenstein, 1823)			AM	AM	
<i>Pteroglossus bailloni</i> (Vieillot, 1819)	NT		AM	AM	
<i>Picumnus pernambucensis</i> Zimmer, 1947		VU			
<i>Picumnus albosquamatus</i> d'Orbigny, 1840				EN	
<i>Picumnus fulvescens</i> Stager, 1961	NT				
<i>Picumnus limae</i> Snethlage, 1924		EN			
<i>Picumnus nebulosus</i> Sundevall, 1866	NT		CR		
<i>Piculus aurulentus</i> (Temminck, 1821)	NT		VU	AM	
<i>Celeus flavus</i> (Statius Muller, 1776)					x
<i>Celeus torquatus</i> (Boddaert, 1783)		VU*			
<i>Dryocopus galeatus</i> (Temminck, 1822)	VU	VU	EN	AM	
<i>Campephilus robustus</i> (Lichtenstein, 1818)				AM	
<i>Campephilus melanoleucos</i> (Gmelin, 1788)			AM		
<i>Terenura sicki</i> Teixeira & Gonzaga, 1983	EN	EN			
<i>Terenura maculata</i> (Wied, 1831)			VU	AM	
<i>Myrmeciza ruficauda</i> (Wied, 1831)	EN	EN			
<i>Myrmotherula minor</i> Salvadori, 1864	VU	VU			
<i>Myrmotherula urosticta</i> (Sclater, 1857)	VU	VU			
<i>Myrmotherula fluminensis</i> Gonzaga, 1988	CR				
<i>Myrmotherula unicolor</i> (Ménétrières, 1835)	NT				
<i>Myrmotherula snowi</i> Teixeira & Gonzaga, 1985	CR	CR			
<i>Formicivora iheringi</i> Hellmayr, 1909	NT				
<i>Formicivora erythronotos</i> Hartlaub, 1852	EN	EN			
<i>Formicivora littoralis</i> Gonzaga & Pacheco, 1990	EN	CR			
<i>Formicivora grantsaui</i> Gonzaga, Carvalhaes & Buzzetti, 2007	NT				
<i>Formicivora acutirostris</i> Bornschein, Reinert & Teixeira, 1995	EN	EN			
<i>Formicivora sp.nov.</i>					x
<i>Thamnomanes caesius</i> (Temminck, 1820)					x
<i>Dysithamnus stictothorax</i> (Temminck, 1823)	NT				
<i>Dysithamnus plumbeus</i> (Wied, 1831)	VU				
<i>Herpsilochmus pileatus</i> (Lichtenstein, 1823)	VU	VU			
<i>Herpsilochmus pectoralis</i> Sclater, 1857	VU	VU			
<i>Thamnophilus torquatus</i> Swainson, 1825				EN	

<i>Thamnophilus caerulescens</i> Vieillot, 1816		EN**			
<i>Thamnophilus aethiops</i> Sclater, 1858		EN*			
<i>Biatas nigropectus</i> (Lafresnaye, 1850)	VU	VU	EN		
<i>Pyriglena leuconota</i> (Spix, 1824)		VU*			
<i>Pyriglena atra</i> (Swainson, 1825)	EN	EN			
<i>Pyriglena leucoptera</i> (Vieillot, 1818)				AM	
<i>Rhopornis ardesiacus</i> (Wied, 1831)	EN	EN			
<i>Cercomacra brasiliana</i> Hellmayr, 1905	NT				
<i>Cercomacra laeta</i> Todd, 1920		VU*			
<i>Drymophila rubricollis</i> (Bertoni, 1901)				EN	
<i>Conopophaga cearae</i> Cory, 1916		VU			
<i>Conopophaga melanops</i> (Vieillot, 1818)		VU*			
<i>Grallaria varia</i> (Boddaert, 1783)		VU*		AM	
<i>Hylopezus nattereri</i> (Pinto, 1937)			VU	EN	
<i>Merulaxis ater</i> Lesson, 1830	NT				
<i>Merulaxis stresemanni</i> Sick, 1960	CR	CR			
<i>Eleoscytalopus indigoticus</i> (Wied, 1831)	NT				
<i>Eleoscytalopus psychopompus</i> (Teixeira & Carnevalli, 1989)	CR				
<i>Scytalopus diamantinensis</i> Bornschein, Maurício, Belmonte-Lopes, Mata & Bonato, 2007	NT				
<i>Scytalopus pachecoi</i> Maurício, 2005			VU		
<i>Scytalopus iraiensis</i> Bornschein, Reinert & Pichorim, 1998	EN	EN			
<i>Psilorhamphus guttatus</i> (Ménétrières, 1835)	NT		VU		
<i>Chamaeza campanisona</i> (Lichtenstein, 1823)				AM	x*
<i>Chamaeza ruficauda</i> (Cabanis & Heine, 1859)			VU		
<i>Sclerurus macconnelli</i> Chubb, 1819					x
<i>Sclerurus caudacutus</i> (Vieillot, 1816)		EN**			
<i>Sclerurus scansor</i> (Ménétrières, 1835)				AM	
<i>Sclerurus cearensis</i> Sneath, 1924		VU			
<i>Dendrocincla taunayi</i> Pinto, 1939		EN*			
<i>Dendrocincla turdina</i> (Lichtenstein, 1820)				AM	
<i>Xiphorhynchus atlanticus</i> (Cory, 1916)		EN			
<i>Xiphorhynchus fuscus</i> (Vieillot, 1818)				AM	
<i>Campylorhamphus trochilirostris</i> (Lichtenstein, 1820)					x*
<i>Campylorhamphus falcularius</i> (Vieillot, 1822)				EN	
<i>Lepidocolaptes falcinellus</i> (Cabanis & Heine, 1859)				EN	
<i>Lepidocolaptes wagleri</i> (Spix, 1824)		VU			

<i>Dendrocolaptes certhia</i> (Boddaert, 1783)		EN*		
<i>Xiphocolaptes falcirostris</i> (Spix, 1824)	VU	VU		
<i>Xiphocolaptes albicollis</i> (Vieillot, 1818)				x*
<i>Xenops minutus</i> (Sparrman, 1788)		VU*	AM	
<i>Lochmias nematura</i> (Lichtenstein, 1823)			AM	
<i>Automolus lammi</i> Zimmer, 1947		EN		
<i>Hylocryptus rectirostris</i> (Wied, 1831)			AM	
<i>Philydor novaesi</i> Teixeira & Gonzaga, 1983	CR	CR		
<i>Philydor atricapillus</i> (Wied, 1821)			VU	AM
<i>Heliobletus contaminatus</i> Berlepsch, 1885			VU	AM
<i>Anabacerthia amaurotis</i> (Temminck, 1823)	NT		AM	EN
<i>Leptasthenura setaria</i> (Temminck, 1824)	NT		AM	
<i>Clibanornis dendrocolaptoides</i> (Pelzeln, 1859)	NT		EN	EN
<i>Synallaxis whitneyi</i> Pacheco & Gonzaga, 1995	VU	VU		
<i>Synallaxis infusca</i> Pinto, 1950	EN	EN		
<i>Synallaxis cinerascens</i> Temminck, 1823				AM
<i>Asthenes luizae</i> Vielliard, 1990	NT			
<i>Acrobatornis fonsecai</i> Pacheco, Whitney & Gonzaga, 1996	VU	VU		
<i>Cranioleuca obsoleta</i> (Reichenbach, 1853)				AM
<i>Thripophaga macroura</i> (Wied, 1821)	VU	VU		
<i>Neopelma aurifrons</i> (Wied, 1831)	VU			
<i>Manacus manacus</i> (Linnaeus, 1766)			VU	AM
<i>Antilophia bokermanni</i> Coelho & Silva, 1998	CR	CR		
<i>Oxyruncus cristatus</i> Swainson, 1821			AM	AM
<i>Onychorhynchus swainsoni</i> (Pelzeln, 1858)	VU			
<i>Schiffornis virescens</i> (Lafresnaye, 1838)				AM
<i>Schiffornis turdina</i> (Wied, 1831)		VU*		
<i>Laniocera hypopyrra</i> (Vieillot, 1817)				x
<i>Iodopleura pipra</i> (Lesson, 1831)	NT	EN*		
<i>Lipaugus vociferans</i> (Wied, 1820)				x
<i>Lipaugus lanioides</i> (Lesson, 1844)	NT			
<i>Tijuca atra</i> Ferrusac, 1829	NT			
<i>Tijuca condita</i> Snow, 1980	VU	VU		
<i>Xipholena atropurpurea</i> (Wied, 1820)	EN	EN		
<i>Procnias averano</i> (Hermann, 1783)		VU		
<i>Procnias nudicollis</i> (Vieillot, 1817)	VU		EN	
<i>Cotinga maculata</i> (Statius Muller, 1776)		EN		
<i>Pyroderus scutatus</i> (Shaw, 1792)				AM
<i>Carpornis cucullata</i> (Swainson, 1821)	NT			

<i>Carpornis melanocephala</i> (Wied, 1820)	VU	VU			
<i>Phibalura flavirostris</i> Vieillot, 1816	NT		EN	EN	
<i>Calyptura cristata</i> (Vieillot, 1818)	CR	CR			
<i>Platyrinchus mystaceus</i> Vieillot, 1818		VU*			
<i>Platyrinchus leucoryphus</i> Wied, 1831	VU			EN	
<i>Piprites chloris</i> (Temminck, 1822)				AM	
<i>Piprites pileata</i> (Temminck, 1822)	VU	VU	CR		
<i>Phylloscartes eximius</i> (Temminck, 1822)	NT			AM	x
<i>Phylloscartes ventralis</i> (Temminck, 1824)				AM	
<i>Phylloscartes kronei</i> Willis & Oniki, 1992	VU	VU			
<i>Phylloscartes beckeri</i> Gonzaga & Pacheco, 1995	EN	EN			
<i>Phylloscartes ceciliae</i> Teixeira, 1987	EN	EN			
<i>Phylloscartes roquettei</i> Snethlage, 1928	EN	CR			
<i>Phylloscartes paulista</i> Ihering & Ihering, 1907	NT		EN	EN	
<i>Phylloscartes oustaleti</i> (Sclater, 1887)	NT				
<i>Phylloscartes difficilis</i> (Ihering & Ihering, 1907)	NT				
<i>Phylloscartes sylviolus</i> (Cabanis & Heine, 1859)	NT		VU	AM	x
<i>Hemitriccus diops</i> (Temminck, 1822)				AM	
<i>Hemitriccus obsoletus</i> (Miranda-Ribeiro, 1906)			EN		
<i>Hemitriccus griseipectus</i> (Snethlage, 1907)					x
<i>Hemitriccus orbitatus</i> (Wied, 1831)	NT				
<i>Hemitriccus mirandae</i> (Snethlage, 1925)	VU	EN			
<i>Hemitriccus kaempferi</i> (Zimmer, 1953)	EN	CR			
<i>Hemitriccus furcatus</i> (Lafresnaye, 1846)	VU				
<i>Tyranniscus burmeisteri</i> (Cabanis & Heine, 1859)				AM	
<i>Elaenia obscura</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)			AM		
<i>Phyllomyias virescens</i> (Temminck, 1824)				AM	
<i>Phyllomyias griseocapilla</i> Sclater, 1862	NT				
<i>Polystictus pectoralis</i> (Vieillot, 1817)	NT	VU	VU		
<i>Attila phoenicurus</i> Pelzelin, 1868			AM		
<i>Attila spadiceus</i> (Gmelin, 1789)					x
<i>Ramphotrigon megacephalum</i> (Swainson, 1835)				EN	
<i>Conopias trivirgatus</i> (Wied, 1831)					x
<i>Gubernetes yetapa</i> (Vieillot, 1818)			VU		
<i>Contopus cooperi</i> (Nuttall, 1831)	NT				
<i>Muscipipra vetula</i> (Lichtenstein, 1823)			AM		
<i>Hylophilus poicilotis</i> Temminck, 1822				AM	
<i>Cyanocorax caeruleus</i> (Vieillot, 1818)	NT		AM		
<i>Pygochelidon melanoleuca</i> (Wied, 1820)				AM	
<i>Atticora tibialis</i> (Cassin, 1853)					x

<i>Poliophtila lactea</i> Sharpe, 1885	NT		VU	AM	
<i>Cichlopsis leucogenys</i> Cabanis, 1851		VU*			
<i>Turdus flavipes</i> Vieillot, 1818			AM		
<i>Turdus fumigatus</i> Lichtenstein, 1823					x
<i>Turdus subalaris</i> (Seebohm, 1887)				AM	
<i>Anthus hellmayri</i> Hartert, 1909				AM	
<i>Saltator fuliginosus</i> (Daudin, 1800)				EN	
<i>Saltator maxillosus</i> Cabanis, 1851			AM		
<i>Orchesticus abeillei</i> (Lesson, 1839)	NT				
<i>Nemosia rourei</i> Cabanis, 1870	CR	CR			
<i>Tangara cyanomelaena</i> (Wied, 1830)					x
<i>Tangara seledon</i> (Statius Muller, 1776)				AM	
<i>Tangara fastuosa</i> (Lesson, 1831)	VU	VU			
<i>Tangara cyanocephala</i> (Statius Muller, 1776)		EN**			
<i>Tangara cyanoptera</i> (Vieillot, 1817)	NT				
<i>Tangara peruviana</i> (Desmarest, 1806)	VU				
<i>Stephanophorus diadematus</i> (Temminck, 1823)				AM	
<i>Dacnis nigripes</i> Pelzeln, 1856	NT				
<i>Haplospiza unicolor</i> Cabanis, 1851			VU	AM	
<i>Poospiza cinerea</i> Bonaparte, 1850	VU				
<i>Sicalis citrina</i> Pelzeln, 1870			AM		
<i>Emberizoides ypiranganus</i> Ihering & Ihering, 1907			VU		
<i>Embernagra longicauda</i> Strickland, 1844	NT				
<i>Sporophila frontalis</i> (Verreaux, 1869)	VU	VU	EN	EN	
<i>Sporophila falcirostris</i> (Temminck, 1820)	VU	VU	EN	EN	
<i>Sporophila bouvreuil</i> (Statius Muller, 1776)			AM		
<i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus, 1766)			AM		
<i>Sporophila maximiliani</i> (Cabanis, 1851)	NT	CR			
<i>Tiaris fuliginosus</i> (Wied, 1830)			AM	AM	
<i>Arremon franciscanus</i> Raposo, 1997	NT				
<i>Habia rubica</i> (Vieillot, 1817)				AM	
<i>Caryothraustes canadensis</i> (Linnaeus, 1766)		VU*			
<i>Cyanoloxia moesta</i> (Hartlaub, 1853)	NT		AM	AM	
<i>Cyanoloxia glaucocerulea</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)			VU		
<i>Curaeus forbesi</i> (Sclater, 1886)	EN	VU			
<i>Amblyramphus holosericeus</i> (Scopoli, 1786)			VU		
<i>Sporagra yarrellii</i> (Audubon, 1839)	VU	VU			
<i>Euphonia chalybea</i> (Mikan, 1825)	NT		AM	AM	

Luciano Moreira-Lima

Aves da Mata Atlântica: riqueza, composição,
status, endemismos e conservação

Birds of the Atlantic Forest: richness,
composition, status, endemism, and
conservation

Volume II

São Paulo

2013

Lista Comentada das Aves da Mata Atlântica

À memória de Johan Natterer, Maximiliano de Wied-Neuwied, Olivério Pinto, Helmut Sick
& Ted Parker, incansáveis estudiosos das aves da Mata Atlântica.

“Resgataram lá por cascauees e por outras cousinhas depouco ualor que leuauã papagayos vermelhos mujto grandes e fremosos . e dous verdes pequenjos”

(“Resgataram lá, por cascavéis e por outras coisinhas de pouco valor que levavam, papagaios vermelhos muito grandes e formosos e dois verdes pequeninos”.)

Trecho da “Carta de Pero Vaz de Caminha” ao Rei Dom Manuel, datada de 1 de maio de 1500.

Os “papagaios vermelhos grandes e formosos” citados por Caminha correspondem a arara-vermelha-grande (*Ara chloropterus*), a primeira espécie de ave citada para a Mata Atlântica capaz de ser inquestionavelmente identificada. Outrora abundante entre o sul da Bahia e o norte do Rio de Janeiro, a espécie atualmente está extinta em toda porção leste do Brasil.

1. LISTA COMENTADA DAS AVES DA MATA ATLÂNTICA

Tinamiformes Huxley, 1872

Tinamidae Gray, 1840

Tinamus solitarius (Vieillot, 1819)

Port.: macuco **Ingl.:** Solitary Tinamou

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Tradicionalmente dividida em duas subespécies, análise recentes, no entanto, demonstraram a ausência de diagnose de *T. s. pernambucensis* Berla, 1946, sendo recomendada sua sinonimização a forma nominal (Amaral & Silveira 2004).

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Amplamente distribuída pelo domínio ocorrendo originalmente de Pernambuco ao Rio Grande do Sul e também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita o sub-bosque de diferentes formações florestais, sendo dependente de florestas em bom estado de conservação.

Conservação: Mundial: NT. Arge.: AM. Par.: EN. Espécie exige atenção conservacionista por ser alvo de caça e dependente de ambientes em bom estado de conservação, estando localmente extinta em muitas áreas.

Crypturellus soui (Hermann, 1783)

Port.: tururim **Ingl.:** Little Tinamou

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Oito subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. s. albigularis* (Brabourne & Chubb, 1914).

Distribuição e biogeografia: Ocorre da América Central ao centro-norte e leste da América do Sul. *C. s. albigularis* distribui-se pela maior parte da Amazônia Meridional e localmente no centro do Brasil. Apresenta ainda uma população disjunta na Mata Atlântica, restrita a faixa litorânea entre a Paraíba e o norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 300 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada. Dependência de florestas de baixa altitude pode ter levado a espécie a reduções populacionais significativas.

Crypturellus obsoletus (Temminck, 1815)

Port.: inhambu-guaçu **Ingl.:** Brown Tinamou

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Nove subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. o. obsoletus* (Temminck, 1815).

Distribuição e biogeografia: Espécie com populações esparsamente distribuídas pelo extremo norte e oeste da América do Sul, região amazônica e leste do Brasil. A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica e encontra-se geograficamente isolada das demais, ocorrendo da Bahia ao Rio Grande do Sul e também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Par.: AM.

Crypturellus strigulosus (Temminck, 1815)

Port.: inhambu-relógio **Ingl.:** Brazilian Tinamou

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla pela região amazônica com uma população disjunta na Mata Atlântica de Pernambuco e Alagoas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de florestas de terras baixas.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Redução drástica das florestas de baixa altitude da região Nordeste, único reduto da espécie na Mata Atlântica, pode ter levado as populações do domínio a beira da extinção, haja visto a escassez de registros recentes.

Crypturellus noctivagus (Wied, 1820)

Port.: jaó-do-sul **Ingl.:** Yellow-legged Tinamou

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *C. n. noctivagus* (Wied, 1820) e *C. n. zabele* (Spix, 1825).

Distribuição e biogeografia: Espécies restrita a região leste do Brasil. A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia e leste de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul. *C. n. zabele* distribui-se principalmente por áreas de Caatinga na região nordeste do Brasil, com distribuição localizada na área núcleo da Mata Atlântica em florestas litorâneas em Pernambuco.

Habitat: *C. n. noctivagus* habita o sub-bosque de florestas ombrófila densa de terras baixa e submontana. Na Mata Atlântica, *C. n. zabele* ocorre em florestas de terras baixas.

Conservação: Mundial: NT. Bra.: VU. Embora não seja considerada ameaçada, a escassez de registros recentes demonstra que as populações de *C. n. zabele* da Mata Atlântica sofreram redução populacional significativa, provavelmente por conta de destruição de habitat e pressão de caça.

Crypturellus variegatus (Gmelin, 1789)

Port.: inhambu-anhangá **Ingl.:** Variegated Tinamou

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla pela região amazônica com uma população disjunta na Mata Atlântica ocorrendo entre a Bahia e o norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de florestas de terras baixas, geralmente abaixo dos 200 metros de altitude.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Redução drástica das florestas de baixa altitude da qual a espécie é dependente somada a escassez de registros recentes demonstra que a espécie sofreu significativa redução populacional.

Crypturellus parvirostris (Wagler, 1827)

Port.: inhambu-chororó **Ingl.:** Small-billed Tinamou

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Biogeografia e distribuição: Espécie biogeograficamente mais relacionada ao Cerrado e outros ecossistemas abertos, sendo provavelmente uma espécie invasora dentro da área núcleo da Mata Atlântica, tendo expandido sua distribuição favorecida pelo desmatamento. Atualmente com distribuição ampla por todo domínio, sobretudo próximo a fronteira com o Cerrado.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas, sobretudo antrópicas, incluindo pastagens e plantações.

Conservação: Não ameaçada.

Crypturellus tataupa (Temminck, 1815)

Port.: inhambu-chintã **Ingl.:** Tataupa Tinamou

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *C. t. tataupa* (Temminck, 1815) e *C. t. lepidotus* (Swainson, 1837).

Distribuição e biogeografia: Possui distribuição ampla pelo leste e centro-sul do Brasil, com populações esparsas no Equador e Peru. A forma nominal está presente na Mata Atlântica do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, Paraguai e Argentina, ocorrendo também do leste da Bolívia ao norte da Argentina. *C. t. lepidotus* ocorre localmente no interior do Nordeste brasileiro e distribui-se na Mata Atlântica entre o Piauí e a Bahia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Rhynchotus rufescens (Temminck, 1815)

Port.: perdiz **Ingl.:** Red-winged Tinamou

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *R. r. rufescens* (Temminck, 1815).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo centro-leste e sul da América do Sul. Além da Mata Atlântica, a forma nominal distribui-se pelo centro do Brasil e também na Bolívia, leste do Paraguai, norte da Argentina e Uruguai. Na Mata Atlântica, populações originais possivelmente estavam restritas a áreas campestres naturais, como por exemplo no Planalto Meridional. Atualmente, no entanto, distribui-se localmente por praticamente todo o domínio, tendo se beneficiado do desmatamento para expandir sua distribuição.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres naturais e ambientes alterados, incluindo pastagens e plantações.

Conservação: Não ameaçada.

Nothura boraquira (Spix, 1825)

Port.: codorna-do-nordeste **Ingl.:** White-bellied Nothura

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie biogeograficamente mais relacionada com a Caatinga. Provavelmente é uma espécie invasora favorecida pelo desmatamento dentro da área núcleo

da Mata Atlântica, ocorrendo no sul da Bahia, nordeste de Minas Gerais e norte do Espírito Santo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas, sobretudo antrópicas, incluindo pastagens e plantações.

Conservação: Não ameaçada.

Nothura maculosa (Temminck, 1815)

Port.: codorna-amarela **Ingl.:** Spotted Nothura

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Oito subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *N. m. maculosa* (Temminck, 1815).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo centro-leste e sul da América do Sul. Além da Mata Atlântica, onde a espécie tem expandido sua distribuição favorecida pelo desmatamento, a forma nominal distribui-se também pelos Cerrados do Brasil Central, leste do Paraguai, norte da Argentina e Uruguai. Na Mata Atlântica, ocorre localmente desde Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro até o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres naturais e ambientes alterados, incluindo pastagens e plantações.

Conservação: Não ameaçada.

Anseriformes Linnaeus, 1758

Anhimidae Stejneger, 1885

Anhima cornuta (Linnaeus, 1766)

Port.: anhumã **Ingl.:** Horned Screamer

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul, ocorrendo da Colômbia ao norte da Argentina. Atualmente as populações na área núcleo da Mata Atlântica parecem estar concentradas no nordeste de Minas Gerais, Espírito Santo e na bacia do rio Paraná. Originalmente possuía distribuição mais ampla pelo domínio, ocorrendo

pontualmente desde a Bahia ao Paraná. Embora regionalmente extinta em algumas regiões, como por exemplo no Rio de Janeiro, a espécie aparente estar recolonizando espontaneamente a Mata Atlântica (Pacheco 2011)

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas úmidas próximo a borda de florestas.

Conservação: Par.: EN. O desaparecimento da espécie de algumas regiões e sua dependência de ambientes úmidos conservados demonstram a necessidade de atenção conservacionista na Mata Atlântica.

Chauna torquata (Oken, 1816)

Port.: tachã **Ingl.:** Southern Screamer

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie biogeograficamente mais associada ao Pantanal e aos Pampas, sua ocorrência regular na área núcleo da Mata Atlântica está restrita a região sul de Santa Catarina e ao Paraguai, ocorrendo ainda marginalmente por todo o leste do RS. Ocasionalmente atinge o Paraná e São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas e áreas úmidas extensas.

Conservação: Não ameaçada.

Anatidae Leach, 1820

Dendrocygna bicolor (Vieillot, 1816)

Port.: marreca-caneleira **Ingl.:** Fulvous Whistling-Duck

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída com populações esparsas ocorrendo desde o sul da América do Norte ao norte da Argentina e também na África e no subcontinente Indiano. Distribui-se pontualmente por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada.

Dendrocygna viduata (Linnaeus, 1766)

Port.: irerê **Ingl.:** White-faced Whistling-Duck

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com populações esparsas ocorrendo da Costa Rica ao norte da Argentina e também no continente Africano. Distribui-se por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada.

Dendrocygna autumnalis (Linnaeus, 1758)

Port.: asa-branca **Ingl.:** Black-bellied Whistling-Duck

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *D. a. autumnalis* (Linnaeus, 1758). Tratamento de acordo com Dickinson & Remsen Jr. (2013).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com populações esparsas ocorrendo desde o sul dos EUA ao norte da Argentina. Além da Mata Atlântica, onde distribui-se pontualmente por todo do domínio, *D. a. discolor* ocorre ainda por toda área de distribuição da espécie na América Central e América do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada.

Cygnus melancoryphus (Molina, 1782)

Port.: cisne-de-pescoço-preto **Ingl.:** Black-necked Swan

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie biogeograficamente mais associada as áreas úmidas da região sul da América do Sul, sua ocorrência regular na Mata Atlântica está restrita ao Rio Grande do Sul e ao sul de Santa Catarina. No inverno, indivíduos são ocasionalmente registrados ao norte até o Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas e áreas úmidas extensas.

Conservação: Não ameaçada.

Coscoroba coscoroba (Molina, 1782)

Port.: capororoca **Ingl.:** Coscoroba Swan

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie biogeograficamente mais associada as áreas úmidas da região sul da América do Sul, sua ocorrência regular na Mata Atlântica está restrita ao Rio Grande do Sul e ao sul de Santa Catarina. No inverno, indivíduos são ocasionalmente registrados ao norte até São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas e áreas úmidas extensas.

Conservação: Par.: EN.

Cairina moschata (Linnaeus, 1758)

Port.: pato-do-mato **Ingl.:** Muscovy Duck

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla, ocorrendo do México ao Uruguai. Ocorre em toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagos, rios pouco caudalosos e brejos extensos próximo a borda de florestas.

Conservação: Arg.: AM.

Sarkidiornis sylvicola Ihering & Ihering, 1907

Port.: pato-de-crista **Ingl.:** Comb Duck

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul, ocorrendo da Colômbia ao norte da Argentina. Distribui-se pontualmente por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas e áreas úmidas extensas.

Conservação: Não ameaçada.

Callonetta leucophrys (Vieillot, 1816)

Port.: marreca-de-coleira **Ingl.:** Ringed Teal

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição restrita a região centro-sul da América do Sul, ocorrendo do centro da Bolívia ao norte da Argentina. Ocorre regularmente

na Mata Atlântica no sul de Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. No inverno, indivíduos são ocasionalmente registrados ao norte até São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada

Amazonetta brasiliensis (Gmelin, 1789)

Port.: pé-vermelho **Ingl.:** Brazilian Teal

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *A. b. brasiliensis* (Gmelin, 1789) e *A. b. ipecutiri* (Vieillot, 1816).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída por toda América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo da Colômbia e Venezuela ao norte da Argentina e Uruguai. Forma nominal distribui-se na Mata Atlântica da Colômbia a Bolívia e centro sul do Brasil, ocorrendo por toda a Mata Atlântica ao norte de São Paulo. *A. b. ipecutiri* ocorre da Bolívia ao Uruguai e sul do Brasil, distribuindo-se na Mata Atlântica de São Paulo até o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada

Anas flavirostris Vieillot, 1816

Port.: marreca-pardinha **Ingl.:** Yellow-billed Teal

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. f. flavirostris* Vieillot, 1816.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo oeste e sul da América do Sul, ocorrendo da Colômbia ao sul da Argentina e também no sul do Brasil. A forma nominal distribui-se pelo sul do Brasil, Uruguai e grande parte do leste da Argentina. Ocorre na Mata Atlântica de São Paulo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada.

Anas georgica Gmelin, 1789

Port.: marreca-parda **Ingl.:** Yellow-billed Pintail

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *Anas g. georgica* Gmelin, 1789.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo oeste e sul da América do Sul, ocorrendo da Colômbia ao sul da Argentina, também no sul do Brasil. Ocorre na Mata Atlântica de São Paulo ao sul do domínio, com registros escassos, aparentemente relacionado com indivíduos vagantes, nesse estado e também no Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada.

Anas bahamensis Linnaeus, 1758

Port.: marreca-toicinho **Ingl.:** White-cheeked Pintail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. b. rubrirostris* Vieillot, 1816.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com populações esparsas ocorrendo no Caribe, norte, oeste, leste e centro-sul da América do Sul. Além da Mata Atlântica, onde ocorre esparsamente por todo o domínio, *A. b. rubrirostris* ocorre da Bolívia a Argentina e Uruguai.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares, também em manguezais.

Conservação: Não ameaçada.

Anas versicolor Vieillot, 1816

Port.: marreca-cricri **Ingl.:** Silver Teal

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. v. versicolor* Vieillot, 1816.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla pelo sul da América do Sul, ocorrendo do sul da Bolívia a Terra do Fogo. Além da Mata Atlântica a forma nominal ocorre do sul da Bolívia ao centro da Argentina. Populações reprodutivas na Mata Atlântica aparentemente restritas a Santa Catarina e ao Rio Grande do Sul, indivíduos migrantes atingem o Paraná e São Paulo no inverno. Ocorre também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada.

Netta erythrophthalma (Wied, 1832)

Port.: paturi-preta **Ingl.:** Southern Pochard

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *N. e. erythrophthalma* (Wied, 1832).

Distribuição e biogeografia: Espécie esparsamente distribuída com populações no leste e no oeste da América do Sul e no leste da África. A forma nominal ocupa toda área de ocorrência da espécie na América do Sul, ocorrendo na Mata Atlântica esparsamente desde seu limite norte até o Paraná

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada.

Netta peposaca (Vieillot, 1816)

Port.: marrecão **Ingl.:** Rosy-billed Pochard

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla pelo sul da América do Sul ocorrendo do norte da Argentina e sul do Brasil a Terra do Fogo. Populações da Mata Atlântica são formadas por visitantes de inverno aparentemente oriundos da Argentina, ocorrendo regularmente no Rio Grande do Sul e eventualmente ao norte até o Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada.

Mergus octosetaceus Vieillot, 1817

Port.: pato-mergulhão **Ingl.:** Brazilian Merganser

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição restrita a região centro-leste da América do Sul, ocorrendo originalmente do TO ao nordeste da Argentina e leste do Paraguai. Atualmente as populações remanescentes se concentram sobretudo no Cerrado, estando próxima da extinção na Mata Atlântica, onde ocorria localmente desde a Bahia e Minas Gerais a Santa Catarina, Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita rios límpidos e pedregosos com mata ciliar conservada, geralmente abaixo dos 1300 metros de altitude.

Conservação: Mundial: CR. Bra: CR. Arg.: CR. Par.: EN.

Nomonyx dominica (Linnaeus, 1766)

Port.: marreca-de-bico-roxo **Ingl.:** Masked Duck

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla, ocorrendo do sul dos EUA ao norte da Argentina e Uruguai, também no Caribe. Possui registros esparsos por toda a Mata Atlântica

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares. Geralmente em locais com vegetação aquática densa.

Conservação: Não ameaçada.

Galliformes Linnaeus, 1758

Cracidae Rafinesque, 1815

Ortalis guttata (Spix, 1825)

Port.: aracuã-pintado **Ingl.:** Speckled Chachalaca

Fontes: Pinto (1964).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Parte das formas tradicionalmente agrupadas sob *Ortalis guttata* recentemente passaram a ser tratadas como espécies plenas (Donegan *et al.* 2010, Dickinson & Remsen Jr. 2013). Não obstante, o status taxonômico de *O. g. remota* Pinto, 1964 permanece uma incógnita. Concordamos com Pinto (1978) que a sinonimização da espécie com *O. g. squamata* Lesson 1829, sugerida por Vaurie (1965), “não encontra suficiente apoio nos fatos”, bem como o fato dessa forma ter sido sistematicamente ignorada na literatura. Ressaltamos ainda o fato que é possível que uma análise taxonômica recente suporte o tratamento dessa forma como espécie independente.

Distribuição e biogeografia: *O. g. remota* é endêmica da Mata Atlântica e distribui-se disjuntamente na região centro-sul do Brasil, ocorrendo no extremo sudeste do Mato Grosso do Sul e noroeste de São Paulo. Demais subespécies do grupo distribuem-se do leste da Colômbia ao norte da Bolívia e oeste da Amazônia Brasileira

Habitat: As poucas informações disponíveis demonstram que *O. g. remota* habita a borda, sub-bosque e estrato médio de florestas estacionais semidecíduais.

Conservação: A espécie não é considerada ameaçada. Registros recentes de *O. g. remota* são extremamente escassos devendo-se encontrar seriamente ameaçado de extinção por conta da destruição quase total do seu habitat natural. É urgente a necessidade de trabalho taxonômico visando avaliar o real status dessa subespécie.

Ortalis aracuan (Spix, 1825)

Port.: aracuã-de-barriga-branca **Ingl.:** White-bellied Chachalaca

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000)*.

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Tradicionalmente considerada subespécie de *O. guttata* (Spix, 1825). No entanto, diferenças morfológicas e vocais suportam seu tratamento como espécie a parte (Donegan *et al.* 2010)

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do Rio Grande do Norte ao Espírito Santo.

Habitat: Habita as bordas, sub-bosque e o estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Ortalis squamata Lesson, 1829

Port.: aracuã-escamoso **Ingl.:** Escaled Chachalaca

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000)*.

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Tradicionalmente considerada subespécie de *O. guttata*. No entanto, diferenças morfológicas e vocais suportam seu tratamento como espécie a parte (Donegan *et al.* 2010)

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do norte do Paraná ao Rio Grande do Sul.

Habitat: Habita as bordas, sub-bosque e o estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Penelope superciliaris Temminck, 1815

Port.: jacupemba **Ingl.:** Rusty-margined Guan

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais três ocorrem na Mata Atlântica: *P. s. alagoensis* Nardelli, 1993, *P. s. jacupemba* Spix, 1825 e *P. s. major* Bertoni, 1901. Tratamento de acordo com Pinto (1964) e Dickinson & Remsen Jr. (2013).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo centro-leste da América do Sul, ocorrendo do norte do Brasil ao leste da Bolívia, Paraguai e nordeste da Argentina. *P. s. alagoensis* é endêmico da Mata Atlântica com distribuição limitada a Pernambuco e Alagoas, enquanto *P. s. major*, que também é endêmico da Mata Atlântica, ocorre em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e o estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: *P. s. alagoensis* é considerada EN no BR. Arg.: VU.

Penelope obscura Temminck, 1815

Port.: jacuaçu **Ingl.:** Dusky-legged Guan

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *P. o. bronzina* Hellmayr, 1914 e *P. o. obscura* Temminck, 1815.

Distribuição e biogeografia: Distribui-se do sudeste do Brasil ao Uruguai e norte da Argentina e também na região andina no sul da Bolívia e norte da Argentina. A subespécie *P. o. bronzina* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo da Bahia a Santa Catarina. A forma nominal ocorre no domínio no Rio Grande do Sul, Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda, sub-bosque e estrato médio de diferentes formações florestais

Conservação: Par.: EN.

Aburria jacutinga (Spix, 1825)

Port.: jacutinga **Ingl.:** Black-fronted Piping-Guan

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, historicamente com ampla distribuição pelo domínio, ocorrendo da Bahia até seu limite sul, incluindo Paraguai e Argentina. Atualmente extinta em grande parte da sua área de distribuição com populações remanescentes concentradas na Serra do Mar entre São Paulo e Santa Catarina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Mundial: EN. Bra.: EN. Arg.: EN. Par.: EN.

Pauxi mitu (Linnaeus, 1766)

Port.: mutum-do-nordeste **Ingl.:** Alagoas Curassow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, originalmente restrita a Alagoas e possivelmente Pernambuco. Atualmente encontra-se extinta na natureza.

Habitat: Habitava o sub-bosque de florestas de terras baixas.

Conservação: Mundial: EW. Bra.: EW.

Crax fasciolata Spix, 1825

Port.: mutum-de-bico-vermelho **Ingl.:** Red-billed Curassow

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *Crax f. fasciolata* Spix, 1825

Distribuição e biogeografia: Distribui-se pelo centro da América do Sul do leste da Amazônia ao norte da Argentina. Forma nominal ocorre no interior da Mata Atlântica no nordeste da Argentina e Paraguai, marginalmente também ao longo de boa parte da fronteira com o Cerrado. Populações possivelmente atribuíveis a essa espécie ocorriam no litoral nordeste do Brasil, mas foram extintas antes de serem formalmente descritas (Teixeira 1992).

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o sub-bosque de florestas estacionais.

Conservação: Brasil: EN. Mundial: EN.

Crax blumenbachii Spix, 1825

Port.: mutum-de-bico-vermelho **Ingl.:** Red-billed Curassow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se da Bahia ao norte do Rio de Janeiro, incluindo o leste de Minas Gerais e Espírito Santo.

Habitat: Habita o sub-bosque de florestas de terras baixas, geralmente abaixo dos 200 metros de altitude.

Conservação: Mundial: EN. Bra.: EN.

Odontophoridae Gould, 1844

Odontophorus capueira (Spix, 1825)

Port.: uru **Ingl.:** Spot-winged Wood-Quail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *O. c. capueira* (Spix, 1825) e *O. c. plumbeicollis* Cory, 1915.

Distribuição e biogeografia: Ambas as subespécies são endêmicas da Mata Atlântica. *O. c. plumbeicollis* distribui-se localmente entre o Ceará e Alagoas, incluindo Paraíba e Pernambuco. *O. c. capueira* ocorre da Bahia ao limite sul da Mata Atlântica, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita o sub-bosque de diferentes formações florestais. Geralmente dependente de florestas bem conservadas.

Conservação: Bra.: EN (*O. c. plumbeicollis*). Arg.: VU. Par.: AM.

Podicipediformes Fürbringer, 1888

Podicipedidae Bonaparte, 1831

Rollandia rolland (Quoy & Gaimard, 1824)

Port.: mergulhão-de-orelha-branca **Ingl.:** White-tufted Grebe

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *R. r. chilensis* (Lesson, 1828).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo oeste e sul da América do Sul, ocorrendo do Peru a Terra do Fogo e também no sul do Brasil. Populações regulares na Mata Atlântica restritas a Santa Catarina e Rio Grande do Sul, eventualmente atinge também o Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada.

Tachybaptus dominicus (Linnaeus, 1766)

Port.: mergulhão-pequeno **Ingl.:** Least Grebe

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. d. speciosus* (Arribáizaga, 1877).

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla, ocorrendo do México ao norte da Argentina e Uruguai. *T. d. speciosus* distribui-se por toda área de ocorrência da espécie na América do Sul, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada.

Podilymbus podiceps (Linnaeus, 1758)

Port.: mergulhão-caçador **Ingl.:** Pied-billed Grebe

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. p. antarcticus* (Lesson, 1842).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo continente americano, ocorrendo do Canadá ao sul da Argentina. *P. p. antarcticus* ocorre no sul da América Central e por toda área de distribuição da espécie na América do Sul, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada.

Podiceps major (Boddaert, 1783)

Port.: mergulhão-grande **Ingl.:** Great Grebe

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. m. major* (Boddaert, 1783).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo oeste e sul da América do Sul, ocorrendo do Peru a Terra do Fogo e também no sul e sudeste do Brasil. *P. m. major* ocorre do Peru ao Paraguai e norte da Argentina e também na Mata Atlântica entre o Rio de Janeiro e os limites meridionais do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas e áreas úmidas extensas, eventualmente também em ambientes aquáticos litorâneos.

Conservação: Não ameaçada.

Procellariiformes Fürbringer, 1888

Procellariidae Leach, 1820

Puffinus lherminieri Lesson, 1839

Port.: pardela-de-asa-larga **Ingl.:** Audubon's Shearwater

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante reprodutivo.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. l. lherminieri* Lesson, 1839.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo Oceano Atlântico, sua admissão como pertencente a avifauna da Mata Atlântica se justifica pelo fato da espécie reproduzir em ilhas costeiras no litoral do Espírito Santo .

Habitat: Na Mata Atlântica, habita ilhas costeiras onde se reproduz e região marinha adjacente.

Conservação: Bra: CR.

Ciconiiformes Bonaparte, 1854

Ciconiidae Sundevall, 1836

Ciconia maguari (Gmelin, 1789)

Port.: maguari **Ingl.:** Maguari Stork

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo da Colômbia ao centro da Argentina. Na Mata Atlântica, apresenta populações esparsas ao longo de todo o domínio, incluindo por exemplo região litorânea do sul da Bahia ao norte do Rio de Janeiro e bacia do Rio Paraná,

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas e áreas úmidas extensas.

Conservação: Não é considerada ameaçada. A espécie exige atenção conservacionista na Mata Atlântica por ser dependente de áreas úmidas extensas e bem conservadas.

Jabiru mycteria (Lichtenstein, 1819)

Port.: tuiuiú **Ingl.:** Jabiru

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla pela América Central e América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo em populações esparsas do sul do México ao norte da Argentina e Uruguai. Atualmente as populações na Mata Atlântica estão concentradas principalmente no sul de Goiás, oeste de Minas Gerais e ao longo da bacia do Rio Paraná. Historicamente apresenta registros escassos em outras regiões, incluindo, por exemplo Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas e áreas úmidas extensas.

Conservação: Não é considerada ameaçada. A espécie exige atenção conservacionista na Mata Atlântica por ser dependente de áreas úmidas extensas e bem conservadas.

Mycteria americana Linnaeus, 1758

Port.: cabeça-seca **Ingl.:** Wood Stork

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla pela América Central e América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo em populações esparsas do sul dos EUA ao norte da Argentina e Uruguai. Na Mata Atlântica, apresenta registros esparsos ao longo de praticamente todo o domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas e áreas úmidas extensas.

Conservação: Não ameaçada.

Suliformes Sharpe, 1891

Fregatidae Degland & Gerbe, 1867

Fregata magnificens Mathews, 1914

Port.: tesourão **Ingl.:** Magnificent Frigatebird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo litoral tropical atlântico e pacífico, incluindo toda região costeira da Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a região costeira nidificando em ilhas próximas ao litoral.

Conservação: Não ameaçada.

Sulidae Reichenbach, 1849

Sula leucogaster (Boddaert, 1783)

Port.: atobá-pardo **Ingl.:** Brown Booby

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. l. leucogaster* (Boddaert, 1783).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos oceanos tropicais do planeta. Além da costa atlântica brasileira a forma nominal distribui-se também pelo Atlântico tropical e região do Caribe. No litoral da Mata Atlântica a espécie ocorre com maior regularidade na região costeira entre a Bahia e Santa Catarina e eventualmente em regiões ao sul ou ao norte.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a região costeira nidificando em ilhas próximas ao litoral.

Conservação: Não ameaçada.

Phalacrocoracidae Reichenbach, 1849

Phalacrocorax brasilianus (Gmelin, 1789)

Port.: biguá **Ingl.:** Neotropic Cormorant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. b. brasilianus* (Gmelin, 1789).

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla, ocorrendo do sul dos EUA a Terra do Fogo. Forma nominal ocorre da Costa Rica ao limite sul de distribuição da espécie na América do Sul, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita rios, lagoas e demais corpos d'água.

Conservação: Não ameaçada.

Anhingidae Reichenbach, 1849

Anhinga anhinga (Linnaeus, 1766)

Port.: biguatinga **Ingl.:** Anhinga

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. a. anhinga* (Linnaeus, 1766).

Distribuição e biogeografia: Espécie com ampla distribuição ocorrendo do sul dos EUA ao norte da Argentina. Forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie na América do Sul, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita rios, lagoas e demais corpos d'água.

Conservação: Não ameaçada.

Pelecaniformes Sharpe, 1891

Ardeidae Leach, 1820

Tigrisoma lineatum (Boddaert, 1783)

Port.: socó-boi **Ingl.:** Rufescent Tiger-Heron

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. l. marmoratum* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América Central e América do Sul, ocorrendo do sul do México ao norte da Argentina. *T. l. marmoratum* ocorre da Bolívia ao norte da Argentina e na maior parte do Brasil extra-amazônico, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita rios, lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada.

Tigrisoma fasciatum (Such, 1825)

Port.: socó-boi-escuro **Ingl.:** Fasciated Tiger-Heron

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. f. fasciatum* (Such, 1825).

Distribuição e biogeografia: Espécie com populações esparsamente distribuídas no sul da América Central, noroeste da América do Sul, Andes e regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil. Forma nominal distribui-se na Mata Atlântica localmente do norte do Rio de Janeiro até o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina, ocorrendo também em regiões com predomínio de Cerrado no Brasil Central.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita rios encachoeirados no interior de florestas.

Conservação: Bra: EN. Arg.: VU. As populações da Mata Atlântica exigem atenção conservacionista haja visto a grande perda de habitat sofrida e escassez de registros recentes. Também é urgente a necessidade de avaliação do status taxonômico da forma nominal.

Cochlearius cochlearius (Linnaeus, 1766)

Port.: arapapá **Ingl.:** Boat-billed Heron

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. c. cochlearius* (Linnaeus, 1766).

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla, ocorrendo do México ao norte da Argentina. Forma nominal distribui-se do Panamá a Argentina, ocorrendo na Mata Atlântica localmente entre o Sergipe e Paraná, com populações concentradas nas baixas litorâneas, ocorrendo ainda no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita rios, lagoas e brejos no interior de florestas.

Conservação: Arg.: VU.

Botaurus pinnatus (Wagler, 1829)

Port.: socó-boi-baio **Ingl.:** Pinnated Bittern

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *B. p. pinnatus* (Wagler, 1829).

Distribuição e biogeografia: Espécie de distribuição ampla, com populações ocorrendo esparsamente do México ao norte da Argentina. Forma nominal distribui-se pela maior parte da área de ocorrência da espécie com exceção do leste do México. Ocorre localmente por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as margens de lagoas e áreas úmidas extensas.

Conservação: Não ameaçada.

Ixobrychus exilis (Gmelin, 1789)

Port.: socoi-vermelho **Ingl.:** Least Bittern

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *I. e. erythromelas* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie de ampla distribuição, ocorrendo do Canadá ao Paraguai. *I. e. erythromelas* ocorre na América Central e por todo leste da América do Sul. Distribui-se esparsamente por toda a Mata Atlântica

Habitat: Na Mata Atlântica, habita brejos com vegetação densa.

Conservação: Não ameaçada.

Ixobrychus involucris (Vieillot, 1823)

Port.: socoi-amarelo **Ingl.:** Stripe-backed Bittern

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com populações esparsas com ocorrência no norte e no sudeste da América do Sul e também no Chile. Distribui-se esparsamente por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita brejos com vegetação densa.

Conservação: Não ameaçada.

Nycticorax nycticorax (Linnaeus, 1758)

Port.: savacu **Ingl.:** Black-crowned Night-Heron

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *N. n. hoactli* (Gmelin, 1789).

Distribuição e biogeografia: Espécie cosmopolita. *N. n. hoactli* distribui-se por toda a América, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, rios, brejos, manguezais e ambientes aquáticos costeiros.

Conservação: Não ameaçada.

Nyctanassa violacea (Linnaeus, 1758)

Port.: savacu-de-coroa **Ingl.:** Yellow-crowned Night-Heron

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *N. v. violacea* (Linnaeus, 1758).

Distribuição e biogeografia: Espécie de ampla distribuição, ocorrendo nas costas atlântica e pacífica da América. A forma nominal distribui-se por toda costa atlântica tropical da América do Sul, incluindo toda faixa litorânea da Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita ambientes aquáticos costeiros, principalmente manguezais.

Conservação: Não ameaçada.

Butorides striata (Linnaeus, 1758)

Port.: socozinho **Ingl.:** Striated Heron

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Trinta subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *B. s. striata* (Linnaeus, 1758).

Distribuição e biogeografia: Espécie cosmopolita. Forma nominal distribui-se por toda a América do Sul, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita rios, lagoas, brejos e ambientes aquáticos costeiros.

Conservação: Não ameaçada.

Bubulcus ibis (Linnaeus, 1758)

Port.: garça-vaqueira **Ingl.:** Cattle Egret

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *B. i. ibis* (Linnaeus, 1758).

Distribuição e biogeografia: Espécie cosmopolita. Além da Mata Atlântica, a forma nominal ocorre por toda a América, sudoeste da Europa e África, a partir de onde acredita-se que vieram os primeiros indivíduos que colonizaram espontaneamente o Brasil na década de 1960. Atualmente ocorre por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas, principalmente pastagens onde forrageia acompanhando o gado.

Conservação: Não ameaçada.

Ardea cocoi Linnaeus, 1766

Port.: garça-moura **Ingl.:** Cocoi Heron

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul extra andina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita rios, lagoas, brejos e ambientes aquáticos costeiros.

Conservação: Não ameaçada.

Ardea alba Linnaeus, 1758

Port.: garça-branca-grande **Ingl.:** Great Egret

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. a. egretta* (Lesson, 1842).

Distribuição e biogeografia: Espécie cosmopolita. *A. a. egretta* ocorre por toda a América, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, rios, brejos, manguezais e ambientes aquáticos costeiros.

Conservação: Não ameaçada.

Syrigma sibilatrix (Temminck, 1824)

Port.: maria-faceira **Ingl.:** Whistling Heron

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. s. sibilatrix* (Temminck, 1824).

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a América do Sul com populações distribuídas em dois núcleos: Colômbia e Venezuela e regiões centro e sudeste da América do Sul. Além da Mata Atlântica, onde ocorre da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina, a forma nominal distribui-se pelo Brasil Central e da Bolívia ao Uruguai.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita ambientes abertos com vegetação rasteira, eventualmente áreas brejosas.

Conservação: Não ameaçada.

Pilherodius pileatus (Boddaert, 1783)

Port.: garça-real **Ingl.:** Capped Heron

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo da Colômbia ao sul do Brasil. Distribui-se esparsamente por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagos, rios pouco caudalosos e brejos extensos próximo a borda de florestas.

Conservação: Não ameaçada.

Egretta thula (Molina, 1782)

Port.: garça-branca-pequena **Ingl.:** Snowy Egret

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *E. t. thula* (Molina, 1782).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América, ocorrendo do norte dos EUA ao sul da Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, rios, brejos, manguezais e ambientes aquáticos costeiros.

Conservação: Não ameaçada.

Egretta caerulea (Linnaeus, 1758)

Port.: garça-azul **Ingl.:** Little Blue Heron

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo continente americano, ocorrendo do nordeste dos EUA ao sul do Brasil. Distribui-se por toda faixa litorânea da Mata Atlântica, com ocorrência pontual em algumas áreas no interior do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, ocorre principalmente em ambientes aquáticos costeiros, com registros eventuais em área úmidas no interior.

Conservação: Não ameaçada.

Threskiornithidae Poche, 1904

Eudocimus ruber (Linnaeus, 1758)

Port.: guará **Ingl.:** Scarlet Ibis

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a costa atlântica da América do Sul. Originalmente distribuía-se por praticamente toda costa brasileira estando atualmente localmente extinta em muitas regiões. Principais populações da Mata Atlântica concentram-se atualmente nas costas da Bahia, São Paulo e Paraná, mas historicamente distribuía-se amplamente pelo litoral ao sul até Santa Catarina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita manguezais e baías com bancos de sedimentos extensos.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Não obstante, as populações da Mata Atlântica exigem atenção conservacionista, embora aparentam estar passando por processo de recuperação natural.

Plegadis chihi (Vieillot, 1817)

Port.: caraúna-de-cara-branca **Ingl.:** White-faced Ibis

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla e populações ocorrendo em dois núcleos separados: ao norte, América do Norte e América Central, e ao sul, sul da América do Sul. Distribui-se na Mata Atlântica esparsamente ao do sul Rio de Janeiro até o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas rasas, brejos e campos alagados.

Conservação: Não ameaçada.

Mesembrinibis cayennensis (Gmelin, 1789)

Port.: coró-coró **Ingl.:** Green Ibis

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América Central e América do Sul, ocorrendo da Nicarágua ao norte da Argentina. Distribui-se por toda a Mata Atlântica de Goiás e Minas Gerais até o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita matas ciliares e brejos no interior ou próximo a borda de florestas.

Conservação: Não ameaçada.

Phimosus infuscatus (Lichtenstein, 1823)

Port.: tapicuru-de-cara-pelada **Ingl.:** Bare-faced Ibis

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *P. i. nudifrons* (Spix, 1825) e *P. i. infuscatus* (Spix, 1825).

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla na América do Sul, distribuindo-se em três núcleos: norte (norte da América do Sul), centro (grande parte do Brasil extra amazônico ao sul até São Paulo) e sul (leste da Bolívia ao norte da Argentina, Uruguai e sul do Brasil). *P. i. nudifrons* ocorre na Mata Atlântica do oeste da Bahia a São Paulo. *P. i. infuscatus* parece ser um invasor recente na Mata Atlântica tendo colonizado nos últimos anos todo litoral de SC e PR e o extremo sul de SP, ocorrendo ainda no sul do Mato Grosso do Sul e oeste do Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas rasas, brejos e campos alagados.

Conservação: Não ameaçada.

Theristicus caudatus (Boddaert, 1783)

Port.: curicaca **Ingl.:** Buff-necked Ibis

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *T. c. hyperorius* Todd, 1948 e *T. c. caudatus* (Boddaert, 1783).

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla na América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo da Colômbia ao Uruguai. *T. c. hyperorius* ocorre na Mata Atlântica do oeste da Bahia ao norte do Rio Grande do Sul. *T. c. caudatus* aparentemente atinge a Mata Atlântica apenas no Paraguai e Argentina e marginalmente no sudeste do Rio Grande do Sul. Espécie tem expandido sua distribuição no domínio favorecida pelo desmatamento.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita ambientes abertos campestres, incluindo pastagens e gramados extensos.

Conservação: Não ameaçada.

Platalea ajaja Linnaeus, 1758

Port.: colhereiro **Ingl.:** Roseate Spoonbill

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América, ocorrendo do sul dos EUA ao centro da Argentina. Distribui-se por toda a Mata Atlântica, sobretudo do oeste da Bahia e Espírito Santo até o limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, rios, brejos, manguezais e ambientes aquáticos costeiros.

Conservação: Não ameaçada.

Phoenicopteriformes Fürbringer, 1888

Phoenicopteridae Bonaparte, 1831

Phoenicopus chilensis Molina, 1782

Port.: flamingo-chileno **Ingl.:** Chilean Flamingo

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com ampla distribuição pelos Andes e sul da América do Sul, ocorrendo em populações esparsas do Equador ao sul da Argentina e também no sul do Brasil. A ocorrência da espécie na Mata Atlântica está relacionada com visitantes não reprodutivos que atingem com regularidade a região costeira no sul de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, ocasionalmente ao norte até o Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas costeiras, lagunas e áreas de mangue, ocorrendo eventualmente em áreas úmidas interioranas.

Conservação: Mundial: NT.

Phoenicoparrus andinus (Philippi, 1854)

Port.: flamingo-chileno **Ingl.:** Andean Flamingo

Fontes: Pacheco & Bauer (2000)

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie Andina com status incerto na Mata Atlântica, grupo de cerca de 30 indivíduos tem sido registrado com frequência nos últimos anos em Santa Catarina (Ghizoni-Jr. & Piacentini 2010).

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas costeiras, lagunas e áreas de mangue, ocorrendo eventualmente em áreas úmidas interioranas.

Conservação: Mundial: VU. Arg.: EN.

Cathartiformes Seebohm, 1890

Cathartidae Lafresnaye, 1839

Cathartes aura (Linnaeus, 1758)

Port.: urubu-de-cabeça-vermelha **Ingl.:** Turkey Vulture

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. a. ruficollis* Spix, 1824.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída por toda a América, ocorrendo do sul do Canadá a Terra do Fogo. *C. a. ruficollis* distribui-se no sul da América Central e na América do Sul a leste dos Andes ao sul até o Uruguai. Ocorre em toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande variedade de ambientes, ocorrendo desde áreas abertas campestres a florestas bem estruturadas.

Conservação: Não ameaçada.

Cathartes burrovianus Cassin, 1845

Port.: urubu-de-cabeça-amarela **Ingl.:** Lesser Yellow-headed Vulture

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. b. urubutinga* Pelzeln, 1861

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla, ocorrendo do sul do México ao norte da Argentina. *C. b. urubutinga* ocorre do sudeste da Colômbia ao Uruguai, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita paisagens abertas, sendo mais frequente próximo a áreas úmidas.

Conservação: Não ameaçada.

Coragyps atratus (Bechstein, 1793)

Port.: urubu-de-cabeça-preta **Ingl.:** Black Vulture

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. a. brasiliensis* (Bonaparte, 1850).

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla, ocorrendo do leste os EUA ao centro da Argentina. *C. a. brasiliensis* distribui-se do sul do México ao sul do Brasil, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande variedade de ambientes, ocorrendo desde lixões em áreas urbanas a borda de florestas conservadas.

Conservação: Não ameaçada.

Sarcoramphus papa (Linnaeus, 1758)

Port.: urubu-rei **Ingl.:** King Vulture

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla, ocorrendo do sul do México ao norte do Uruguai. Originalmente distribuído por toda Mata Atlântica, tendo desaparecido ou rareado em muitas regiões por conta da destruição do habitat.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas com grandes extensões de floresta, geralmente dependente de ambientes mais conservados.

Conservação: Par.: EN.

Accipitriformes Bonaparte, 1831

Pandionidae Bonaparte, 1854

Pandion haliaetus (Linnaeus, 1758)

Port.: águia-pescadora **Ingl.:** Osprey

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Quatro subespécies, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. h. carolinensis* (Gmelin, 1788).

Distribuição e biogeografia: Espécie cosmopolita. *P. h. carolinensis* se reproduz nos EUA e Canadá, migrando para América do Sul após o período reprodutivo. Apresenta registros esparsos por toda a Mata Atlântica, sobretudo próximo ao litoral.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as margens de grandes lagoas, rios e ambientes aquáticos costeiros.

Conservação: Não ameaçada.

Accipitridae Vigors, 1824

Leptodon cayanensis (Latham, 1790)

Port.: gavião-de-cabeça-cinza **Ingl.:** Gray-headed Kite

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *L. c. monachus* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao sul do Brasil. Além da Mata Atlântica, *L. c. monachus* distribui-se do leste da Bolívia ao norte da Argentina e por toda área de ocorrência da espécie no Brasil extra-amazônico, incluindo toda a Mata Atlântica entre o leste da Bahia e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Leptodon forbesi (Swann, 1922)

Port.: gavião-de-pescoço-branco **Ingl.:** White-collared Kite

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, com distribuição restrita a faixa litorânea da Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Mundial: CR.

Chondrohierax uncinatus (Temminck, 1822)

Port.: caracoleiro **Ingl.:** Hook-billed Kite

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. u. uncinatus* (Temminck, 1822).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos EUA ao sul do Brasil. *C. u. uncinatus* distribui-se pela maior parte da área de ocorrência da espécie com exceção das ilhas de Cuba e Grenada. Apresenta populações esparsas por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Elanoides forficatus (Linnaeus, 1758)

Port.: gavião-tesoura **Ingl.:** Swallow-tailed Kite

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante reprodutivo.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *E. f. yetapa* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla, ocorrendo do sul dos EUA ao Uruguai. *E. f. yetapa* parece ter sua principal área de reprodução na Mata Atlântica, entre o sul da Bahia e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina, migrando para a Amazônia após o período reprodutivo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande diversidade de ambientes sendo observado sobrevoando desde paisagens abertas a áreas densamente florestadas.

Conservação: Não ameaçada.

Gampsonyx swainsonii Vigors, 1825

Port.: gaviãozinho **Ingl.:** Pearl Kite

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *G. s. swainsonii* Vigors, 1825

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo da Nicarágua ao norte da Argentina. A forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie ao sul do Rio Amazonas. Ocorre na Mata Atlântica ao longo do litoral nordeste do Brasil e entre o sul de Goiás e o oeste do Paraná, próximo aos limites com o Cerrado. A espécie aparentemente tem expandido sua distribuição no domínio favorecida pelo desmatamento.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita ambientes abertos, incluindo beira de estradas e áreas de pastagens.

Conservação: Não ameaçada.

Elanus leucurus (Vieillot, 1818)

Port.: gavião-peneira **Ingl.:** White-tailed Kite

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *E. l. leucurus* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do noroeste dos EUA ao centro da Argentina. A forma nominal ocorre no sul da América Central e por toda América do Sul, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita ambientes abertos, incluindo beira de estradas e áreas de pastagens.

Conservação: Não ameaçada.

Harpagus bidentatus (Latham, 1790)

Port.: gavião-ripina **Ingl.:** Double-toothed Kite

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *H. b. bidentatus* (Latham, 1790).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul do México ao sudeste do Brasil. Forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie na América do Sul a leste dos Andes. Populações da Mata Atlântica aparentemente estão geograficamente isolada das demais, ocorrendo historicamente de Pernambuco ao Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de florestas de terras baixas.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Não obstante, as populações da Mata Atlântica exigem atenção conservacionista por terem sofrido redução populacional significativa por conta de destruição do habitat. Registros recentes da espécie no domínio parecem estar restritos a poucas localidades, estando localmente extinta em algumas regiões, como por exemplo no Rio de Janeiro.

Harpagus diodon (Temminck, 1823)

Port.: gavião-bombachinha **Ingl.:** Rufous-thighed Kite

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região leste da América do Sul, ocorrendo da Guiana ao sul do Brasil. Populações reprodutivas na Mata Atlântica concentradas entre o sul da Bahia e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Após o período reprodutivo ao menos parte da população parece migrar para Amazônia, atingindo eventualmente a Mata Atlântica no nordeste do Brasil.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Circus buffoni (Gmelin, 1788)

Port.: gavião-do-banhado **Ingl.:** Long-winged Harrier

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla pela América do Sul, ocorrendo da Colômbia ao norte da Argentina. Na Mata Atlântica, ocorre esparsamente entre o sul da Bahia e o limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita brejos extensos e demais tipos de áreas úmidas.

Conservação: Não ameaçada.

Accipiter poliogaster (Temminck, 1824)

Port.: tauató-pintado **Ingl.:** Gray-bellied Hawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com ampla distribuição pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo da Colômbia ao norte da Argentina. Ocorre localmente na Mata Atlântica entre o sul da Bahia e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais, sendo dependente de ambientes em bom estado de conservação.

Conservação: Arg.: EN. Par.: EN.

Accipiter superciliosus (Linnaeus, 1766)

Port.: gavião-miudinho **Ingl.:** Tiny Hawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. s. superciliosus* (Linnaeus, 1766).

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla, ocorrendo da Nicaragua ao norte da Argentina. A forma nominal ocorre por toda área de distribuição da espécie na América do Sul a leste dos Andes. Distribui-se na Mata Atlântica localmente do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Populações da Mata Atlântica parecem estar geograficamente isolada das demais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Arg.: AM. Par.: AM.

Accipiter striatus Vieillot, 1808

Port.: gavião-miúdo **Ingl.:** Sharp-shinned Hawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Dez subespécies tradicionalmente reconhecidas das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. s. erythronemius* (Kaup, 1850)

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do Alasca ao Uruguai. *A. s. erythronemius* ocorre do leste da Bolívia ao Uruguai e por grande parte do Brasil extra-amazônico. Registros na Mata Atlântica concentrados entre a Bahia e o limite sul do domínio, localmente também em outros estados do nordeste do Brasil.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Accipiter bicolor (Vieillot, 1817)

Port.: gavião-bombachinha-grande **Ingl.:** Bicolored Hawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. b. pileatus* (Temminck, 1823).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao Chile. *A. b. pileatus* ocorre por grande parte do Brasil extra-amazônico e no Paraguai, Argentina e Uruguai. Distribui-se esparsamente por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Ictinia plumbea (Gmelin, 1788)

Port.: sovi **Ingl.:** Plumbeous Kite

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla, ocorrendo do nordeste do México ao norte da Argentina. Populações reprodutivas na Mata Atlântica concentradas entre a Bahia e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Após o período reprodutivo a espécie aparentemente deixa a Mata Atlântica sendo sua área de invernada aparentemente ignorada.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Busarellus nigricollis (Latham, 1790)

Port.: gavião-belo **Ingl.:** Black-collared Hawk

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *B. n. nigricollis* (Latham, 1790).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao Uruguai. Forma nominal ocorre do México a América do Sul a leste dos Andes, ao sul até o norte da Bolívia e sul do Brasil. Principais áreas de ocorrência atuais da espécie dentro da área núcleo da Mata Atlântica são a Bacia do Rio Paraná e região noroeste de São Paulo, como registros esparsos em outras áreas. Marginalmente atinge também outras regiões.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a margem florestada de rios, lagoas e brejos.

Conservação: Não ameaçada.

Rostrhamus sociabilis (Vieillot, 1817)

Port.: gavião-caramujeiro **Ingl.:** Snail Kite

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *R. s. sociabilis* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos EUA ao norte da Argentina. Forma nominal ocorre do sul da América Central ao norte da Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas.

Conservação: Não ameaçada.

Geranospiza caerulescens (Vieillot, 1817)

Port.: gavião-pernilongo **Ingl.:** Crane Hawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *G. c. gracilis* (Temminck, 1821) e *G. c. flexipes* Peters, 1935.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao Uruguai. *G. c. gracilis* ocorre do Maranhão ao norte de Goiás e na Mata Atlântica do Piauí a Bahia. *G. c. flexipes* ocorre do leste da Bolívia ao norte da Argentina e na Mata Atlântica do sul de Goiás e Espírito Santo ao limite sul de distribuição do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Buteogallus aequinoctialis (Gmelin, 1788)

Port.: caranguejeiro **Ingl.:** Rufous Crab Hawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a costa atlântica da América do Sul, ocorrendo da Venezuela ao sul do Brasil. Na Mata Atlântica, ocorria historicamente por grande parte da faixa litorânea entre o Ceará e o Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita manguezais.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Não obstante, as populações da Mata Atlântica exigem atenção conservacionista por terem sofrido redução populacional significativa por conta de destruição do habitat. Registros recentes da espécie no domínio parecem estar restritos a poucas localidades, estando localmente extinta em grande parte de sua área de ocorrência histórica.

Heterospizias meridionalis (Latham, 1790)

Port.: gavião-caboclo **Ingl.:** Savanna Hawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo da Costa Rica ao norte da Argentina. Ocorre por toda a Mata Atlântica, tendo expandido sua distribuição no domínio favorecida pelo desmatamento.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita ambientes abertos campestres. Adapta-se a áreas alteradas ocorrendo, por exemplo, em pastagens e margem de rodovias.

Conservação: Não ameaçada.

Amadonastur lacernulatus (Temminck, 1827)

Port.: gavião-pombo-pequeno **Ingl.:** White-necked Hawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica, ocorrendo entre o sul da Bahia e Santa Catarina, sobretudo próximo a faixa costeira. Registros acima do Rio São Francisco aparentemente correspondem a confusão com *Leptodon forbesi*.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de florestas ombrófila densa, sendo dependentes de ambientes conservados. Mais frequente em florestas de terras-baixas e submontana.

Conservação: Mundial.: VU. Br.: VU.

Urubitinga urubitinga (Gmelin, 1788)

Port.: gavião-preto **Ingl.:** Great Black-Hawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *B. u. urubitinga* (Gmelin, 1788).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao norte da Argentina. Forma nominal ocorre no sul da América Central e por toda área de distribuição da espécie na América do Sul. Distribui-se esparsamente por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, geralmente próximo a água.

Conservação: Não ameaçada.

Urubitinga coronata (Vieillot, 1817)

Port.: águia-cinzenta **Ingl.:** Crowned Eagle

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região centro e sul do Brasil, leste da Bolívia, Paraguai e norte da Argentina. Ocorre localmente na Mata Atlântica entre Minas Gerais e Espírito Santo e o Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres naturais e eventualmente em áreas de pastagens.

Conservação: Mundial.: EN. Bra.: VU. Arg.: EN. Par.: AM.

Rupornis magnirostris (Gmelin, 1788)

Port.: gavião-carijó **Ingl.:** Roadside Hawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Doze subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *R. m. nattereri* (Sclater & Salvin, 1869) e *R. m. magniplumis* (Bertoni, 1901).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao Uruguai e norte da Argentina. *R. m. nattereri* ocorre na Bolívia e do sudoeste do Brasil ao norte da Argentina e Paraguai e também na Mata Atlântica entre o Piauí e a Bahia. *R. m. magniplumis* distribui-se na Mata Atlântica do Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande variedade de ambientes, sendo encontrado desde o centro de grandes cidades a borda de florestas bem conservadas.

Conservação: Não ameaçada.

Parabuteo unicinctus (Temminck, 1824)

Port.: gavião-asa-de-telha **Ingl.:** Roadside Hawk

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. u. unicinctus* (Temminck, 1824).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos EUA ao norte da Argentina e do Chile. A forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie na América do Sul a leste dos Andes e no norte do Chile e Argentina. Na Mata Atlântica, ocorre esparsamente por todo o domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, geralmente próximo a áreas úmidas, incluindo manguezais. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e em parques urbanos.

Conservação: Não ameaçada.

Parabuteo leucorrhous (Quoy & Gaimard, 1824)

Port.: gavião-de-sobre-branco **Ingl.:** White-rumped Hawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a América do Sul, apresentando duas populações disjuntas: Andes (Venezuela e Colômbia ao norte da Argentina) e Mata Atlântica, onde ocorre do sul de Minas Gerais e Rio de Janeiro ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais. No sudeste do Brasil restrito a regiões montanhosas.

Conservação: Arg.: AM.

Geranoaetus albicaudatus (Vieillot, 1816)

Port.: gavião-de-rabo-branco **Ingl.:** White-tailed Hawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *G. a. albicaudatus* (Vieillot, 1816)

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos EUA ao centro da Argentina. A forma nominal distribui-se por todo o Brasil extra-amazônico e também no Peru, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Ocorre por toda a Mata Atlântica, provavelmente tendo expandido sua distribuição pelo domínio favorecida pelo desmatamento.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita ambiente abertos naturais, como Campos de Altitude, e antrópicos, como pastagens e margem de rodovias.

Conservação: Não ameaçada.

Geranoaetus melanoleucus (Vieillot, 1819)

Port.: águia-chilena **Ingl.:** Black-chested Buzzard-Eagle

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *G. m. melanoleucus* (Vieillot, 1819).

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a América do Sul, apresentando duas populações aparentemente disjuntas: Andes (Venezuela a Terra do Fogo) e leste da América do Sul (nordeste do Brasil ao Uruguai), correspondendo, respectivamente, as distribuições de *G. m. australis* Swann, 1922 e da forma nominal. Ocorre esparsamente por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita paisagens abertas próximo a penhascos e áreas pedregosas.

Conservação: Não ameaçada.

Pseudastur polionotus (Kaup, 1847)

Port.: gavião-pombo-grande **Ingl.:** Mantled Hawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo de Pernambuco ao Rio Grande do Sul e Paraguai.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais, sendo dependente de ambientes conservados.

Conservação: Mundial: NT. Par.: EN.

Buteo nitidus (Latham, 1790)

Port.: gavião-pedreiros **Ingl.:** Gray Hawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *B. n. pallidus* (Todd, 1915).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos EUA ao norte da Argentina. *B. n. pallidus* distribui-se por toda área de ocorrência da espécie no Brasil extra-amazônico, Bolívia, Paraguai e Argentina. Ocorre esparsamente na Mata Atlântica do Piauí ao Paraná, Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com árvores esparsas.

Conservação: Não ameaçada. Arg.: VU.

Buteo brachyurus Vieillot, 1816

Port.: gavião-de-cauda-curta **Ingl.:** Short-tailed Hawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *B. b. brachyurus* Vieillot, 1816.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos EUA ao norte da Argentina. Além da Mata Atlântica, a forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie na América do Sul, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e ambientes abertos com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados sendo com frequência observado sobrevoando áreas urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Buteo albonotatus Kaup, 1847

Port.: gavião-de-rabo-barrado **Ingl.:** Zone-tailed Hawk

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos EUA ao norte da Argentina. Na Mata Atlântica, distribui-se esparsamente do Piauí ao Paraná, Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita ambientes abertos com árvores esparsas.

Conservação: Não ameaçada.

Morphnus guianensis (Daudin, 1800)

Port.: uiraçu-falso **Ingl.:** Crested Eagle

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, originalmente ocorrendo do sul do México ao sul do Brasil e nordeste da Argentina. Na Mata Atlântica, ocorria historicamente do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita diferentes formações florestais, sendo dependente de áreas florestadas extensas e bem conservadas.

Conservação: Mundial: NT. Arg.: CR. Par.: EN. Não obstante, as populações da Mata Atlântica exigem atenção conservacionista por terem sofrido redução populacional significativa por conta de destruição do habitat, dependerem de áreas florestadas extensas e ocorrerem em densidades relativamente baixa. Registros recentes da espécie na Mata Atlântica são extremamente escassos e restritos a poucas localidades, estando a beira da extinção no domínio.

Harpia harpyja (Linnaeus, 1758)

Port.: gavião-real **Ingl.:** Harpy Eagle

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, originalmente ocorrendo do sul do México ao sul do Brasil e nordeste da Argentina. Na Mata Atlântica, ocorria historicamente do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Atualmente populações da espécie fora da Amazônia estão restritas a poucas localidades e na Mata Atlântica parecem estar concentradas no sul da Bahia, norte do Espírito Santo, e Misiones.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita diferentes formações florestais, sendo dependente de áreas florestadas extensas e bem conservadas.

Conservação: Mundial.: NT. Arg.: CR. Par.: EN. As populações da Mata Atlântica exigem atenção conservacionista por terem sofrido redução populacional significativa por conta de destruição do habitat, dependerem de áreas florestadas extensas e ocorrerem em densidades relativamente baixa. Registros recentes da espécie no domínio são extremamente escassos e restritos a poucas localidades.

Spizaetus tyrannus (Wied, 1820)

Port.: gavião-pega-macaco **Ingl.:** Black Hawk-Eagle

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. t. tyrannus* (Wied, 1820).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul do México ao norte da Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita diferentes formações florestais. Geralmente encontrado em áreas florestadas extensas e bem conservadas.

Conservação: Arg.: EN. Par.: EN. As populações da Mata Atlântica exigem atenção conservacionista por terem sofrido redução populacional significativa por conta de destruição do habitat, dependerem de áreas florestadas extensas e ocorrerem em densidades relativamente baixa.

Spizaetus melanoleucus (Vieillot, 1816)

Port.: gavião-pato **Ingl.:** Black-and-white Hawk-Eagle

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul do México ao norte da Argentina. Distribui-se na Mata Atlântica entre o sul da Bahia e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita diferentes formações florestais. Geralmente encontrado em áreas florestadas extensas e bem conservadas.

Conservação: Arg.: VU. As populações da Mata Atlântica exigem atenção conservacionista por terem sofrido redução populacional significativa por conta de destruição do habitat, dependerem de áreas florestadas extensas e ocorrerem em densidades relativamente baixa.

Spizaetus ornatus (Daudin, 1800)

Port.: gavião-de-penacho **Ingl.:** Ornate Hawk-Eagle

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. o. ornatus* (Daudin, 1800).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul do México ao norte da Argentina. A forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie na América do Sul a leste dos Andes, historicamente por toda Mata Atlântica, mas atualmente com registros concentrados entre o sul da Bahia e o limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita diferentes formações florestais, mas geralmente encontrado em áreas florestadas extensas e bem conservadas.

Conservação: Arg.: AM. Par.: AM. As populações da Mata Atlântica exigem atenção conservacionista por terem sofrido redução populacional significativa por conta de destruição do habitat, dependerem de áreas florestadas extensas e ocorrerem em densidades relativamente baixa.

Falconiformes Bonaparte, 1831

Falconidae Leach, 1820

Ibycter americanus (Boddaert, 1783)

Port.: gralhão **Ingl.:** Red-throated Caracara

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Tradicionalmente considerada monotípica. Populações do leste do Brasil descritas como uma forma a parte *I. a. pelzelni* Pinto & Camargo, 1948, a qual, no entanto, tem sido sistematicamente ignorada pela maior parte da literatura.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, originalmente ocorrendo do México ao sudeste do Brasil. Historicamente distribuía-se na Mata Atlântica aparentemente em duas populações disjuntas na Bahia, com menções também para o Rio de Janeiro, e do sul de Goiás ao oeste de São Paulo. Atualmente extinta dentro da área núcleo do domínio (sul da Bahia) e em grande parte da área de ocorrência pretérita da espécie na América Central e na América do Sul a oeste dos Andes.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais, aparentemente dependente de áreas florestadas extensas e bem conservadas.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Não obstante, a espécie encontra-se extinta dentro da área núcleo da Mata Atlântica.

Caracara plancus (Miller, 1777)

Port.: caracará **Ingl.:** Southern Caracara

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul ao sul da Amazônia, ocorrendo por todo o Brasil extra-amazônico e do sul do Peru e Bolívia a Terra do Fogo, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande variedade de ambientes ocorrendo desde áreas urbanas a borda de florestas bem conservadas.

Conservação: Não ameaçada.

Milvago chimachima (Vieillot, 1816)

Port.: carrapateiro **Ingl.:** Yellow-headed Caracara

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. c. chimachima* (Vieillot, 1816).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo da Nicarágua ao Uruguai. Além da Mata Atlântica, a forma nominal ocorre por toda área de distribuição da espécie ao sul do Rio Amazonas, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande variedade de ambientes ocorrendo desde áreas urbanas a borda de florestas bem conservadas.

Conservação: Não ameaçada.

Milvago chimango (Vieillot, 1816)

Port.: chimango **Ingl.:** Chimango Caracara

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. c. chimango* (Vieillot, 1816).

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a América do Sul meridional, ocorrendo do Paraguai e sul do Brasil a Terra do Fogo. A forma nominal ocorre do norte do Chile e Paraguai ao centro da Argentina e também no sul do Brasil. Distribui-se na Mata Atlântica do sul de São Paulo e Mato Grosso do Sul ao limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande variedade de ambientes ocorrendo desde áreas urbanas a borda de florestas bem conservadas.

Conservação: Não ameaçada.

Herpetotheres cachinnans (Linnaeus, 1758)

Port.: acauã **Ingl.:** Laughing Falcon

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *H. c. cachinnans* (Linnaeus, 1758)

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao norte da Argentina. A forma nominal distribui-se pela maior parte da área de distribuição da espécie com exceção da costa pacífica entre o Panamá e o Equador. Distribui-se por toda a Mata Atlântica, aparentemente tendo expandido sua distribuição no domínio nas últimas

décadas, sendo, por exemplo, considerada uma invasora recente no Rio de Janeiro (Pacheco 1993).

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com árvores esparsas.

Conservação: Não ameaçada.

Micrastur ruficollis (Vieillot, 1817)

Port.: falcão-caburé **Ingl.:** Barred Forest-Falcon

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. r. ruficollis* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao norte da Argentina e sul do Brasil. A forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie no Brasil extra-amazônico, ocorrendo por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Micrastur mintoni Whittaker, 2002

Port.: falcão-críptico **Ingl.:** Cryptic Forest-Falcon

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000)*.

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Populações da Mata Atlântica atualmente descritas como pertencentes a esta espécie foram historicamente atribuídas a *Micrastur gilvicollis* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita ao sudeste da Amazônia Brasileira e nordeste da Bolívia, possuindo ainda uma população disjunta na Mata Atlântica, restrita ao sul da Bahia e norte do Espírito Santo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior de florestas de terras baixas.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Não obstante, as populações da Mata Atlântica exigem atenção conservacionista por terem sofrido redução populacional significativa por conta de destruição do habitat. Registros recentes da espécie no domínio estão restritos a poucas localidades.

Micrastur mirandollei (Schlegel, 1862)

Port.: tanatau **Ingl.:** Slaty-backed Forest-Falcon

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com ampla distribuição, ocorrendo no sul da América Central e por toda bacia Amazônica, possuindo ainda uma população disjunta na Mata Atlântica restrita ao sul da Bahia e norte do Espírito Santo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior de florestas de terras baixas.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Não obstante, as populações da Mata Atlântica encontram-se seriamente ameaçadas e exigem atenção conservacionista por terem sofrido redução populacional significativa por conta de destruição do habitat e escassez de registros recentes. O único registro recente da espécie para o domínio data de 1994, feito no norte do Espírito Santo (Bret Whitney com. pessoal).

Micrastur semitorquatus (Vieillot, 1817)

Port.: falcão-relógio **Ingl.:** Collared Forest-Falcon

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. s. semitorquatus* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao norte da Argentina e sul do Brasil. A forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie a leste dos Andes, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Arg.: VU.

Falco sparverius Linnaeus, 1758

Port.: quiriquirei **Ingl.:** American Kestrel

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Dezessete subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *F. s. cearae* (Cory, 1915) e *F. s. cinnamominus* Swainson, 1838

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do Alaska a Terra do Fogo. Originalmente, *F. s. cearae* distribuía-se por todo o Brasil extra-amazônico, com exceção de parte do sul do país, ocorrendo na Mata Atlântica desde o seu limite norte até Santa Catarina. *F. s. cinnamominus* estava restrito a América do Sul meridional, ocorrendo do sul do Peru a Terra do Fogo e extremo sul do Brasil, atingindo a Mata Atlântica no Rio

Grande do Sul. A destruição da Mata Atlântica favoreceu a expansão da distribuição de ambas as formas que atualmente encontram-se claramente em contato na região sul do Brasil.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita ambiente abertos naturais, como Campos de Altitude, e antrópicos, como pastagens e margens de rodovias.

Conservação: Não ameaçada.

Falco rufigularis Daudin, 1800

Port.: cauré **Ingl.:** Bat Falcon

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *F. r. ophryophanes* (Salvadori, 1895).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao norte da Argentina e sul do Brasil. *F. r. ophryophanes* distribui-se do nordeste do Brasil ao sul do país e também do leste da Bolívia ao Paraguai e Argentina. Ocorre esparsamente na Mata Atlântica da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo o Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com árvores esparsas.

Conservação: Não ameaçada.

Falco deiroleucus Temminck, 1825

Port.: falcão-de-peito-laranja **Ingl.:** Orange-breasted Falcon

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com populações esparsas ocorrendo do sul do México ao norte da Argentina e sul do Brasil. Registros históricos na Mata Atlântica entre a Bahia e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Populações na Mata Atlântica atualmente restrita a poucas localidades.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais, sendo dependente de áreas florestadas extensas e bem conservadas.

Conservação: Arg.: AM. Não obstante, as populações da Mata Atlântica exigem atenção conservacionista por terem sofrido redução populacional significativa por conta de destruição do habitat, dependerem de áreas florestadas extensas e ocorrerem em densidades relativamente baixa. Registros recentes da espécie no domínio são extremamente escassos e restritos a poucas localidades.

Falco femoralis Temminck, 1822

Port.: falcão-de-coleira **Ingl.:** Aplomado Falcon

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *F. f. femoralis* Temminck, 1822.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos EUA a Terra do Fogo. A forma nominal distribui-se por toda América do Sul extra-andina e Panamá, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas campestres naturais e antrópicas, como pastagens e margem de rodovias.

Conservação: Não ameaçada.

Falco peregrinus Tunstall, 1771

Port.: falcão-peregrino **Ingl.:** Peregrine Falcon

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Dezesseis subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *F. p. tundrius* White, 1968 e *F. p. anatum* Bonaparte, 1838.

Distribuição e biogeografia: Espécie cosmopolita. *F. p. tundrius* se reproduz na tundra antártica entre o Alasca e a Groenlândia, enquanto *F. p. anatum* reproduz-se do sul da Alasca e norte do Canadá ao norte do México. Populações de ambas as formas migram para América do Sul após o período reprodutivo ocorrendo esparsamente por toda a Mata Atlântica sendo, no entanto, mais frequente em regiões litorâneas

Habitat: Na Mata Atlântica, habita paisagens abertas, incluindo áreas próximas a grandes rios e regiões costeiras. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Gruiformes Bonaparte, 1854

Aramidae Bonaparte, 1852

Aramus guarauna (Linnaeus, 1766)

Port.: carão **Ingl.:** Limpkin

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. g. guarauna* (Linnaeus, 1766).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos EUA ao centro da Argentina e Uruguai. A forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie na América do Sul, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada.

Rallidae Rafinesque, 1815

Coturnicops notatus (Gould, 1841)

Port.: pinto-d'água-carijó **Ingl.:** Speckled Rail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com registros esparsos pela América do Sul a leste dos Andes, entre a Colômbia e o sul da Argentina. Na Mata Atlântica, os registros aparentemente estão restritos a São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraguai e Argentina?

Habitat: A ecologia da espécie é muito pouco conhecida, os registros na Mata Atlântica provêm de brejos e arrozais.

Conservação: Não é considerada ameaçada. A escassez de registros pode demonstrar que a espécie exige atenção conservacionista. Não obstante, é possível que sua aparente raridade seja resultado da dificuldade de detecção por conta de características, biológicas, ecológicas e comportamentais.

Rallus longirostris Boddaert, 1783

Port.: saracura-matraca **Ingl.:** Clapper Rail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Vinte e uma subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *R. l. crassirostris* Lawrence, 1871

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo pela região costeira da América do Norte, América Central, América do Sul e Caribe. *R. l. crassirostris* ocorre da foz do Rio Amazonas até Santa Catarina, incluindo toda região costeira da Mata Atlântica dentro dessa área.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita manguezais.

Conservação: Não ameaçada.

Aramides ypecaha (Vieillot, 1819)

Port.: saracuruçu **Ingl.:** Giant Wood-Rail

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região centro-sul da América do Sul. Apresenta duas populações aparentemente disjuntas: uma no centro do Brasil, e outra no sul do país, Paraguai, Argentina e Uruguai. Está presente na Mata Atlântica no sul de Santa Catarina e litoral norte do Rio Grande do Sul, também na Argentina e Paraguai. Ocorre ainda marginalmente no vale do Rio São Francisco.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos, demais tipos de áreas úmidas.

Conservação: Não ameaçada.

Aramides mangle (Spix, 1825)

Port.: saracura-do-mangue **Ingl.:** Little Wood-Rail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita ao leste da América do Sul, ocorrendo entre o sul da Guiana Francesa e o Paraná. Aparentemente reproduz no interior do continente migrando para o litoral após o período reprodutivo. Registros na Mata Atlântica concentram-se na região litorânea entre o Ceará e o Paraná e eventualmente indivíduos isolados são registrados no interior do continente por conta de movimentos migratórios.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita principalmente manguezais durante o período não reprodutivo, migrando para formações mais secas no interior do continente para reproduzir, como por exemplo áreas de Savana Estépica no litoral fluminense.

Conservação: Não ameaçada.

Aramides cajaneus (Statius Muller, 1776)

Port.: saracura-três-potes **Ingl.:** Gray-necked Wood-Rail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Nove subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *A. c. cajaneus* (Statius Muller, 1776) e *A. c. avicenniae* Stotz, 1992, a qual aparentemente pode representar uma espécie independente (Marcondes 2013).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao norte da Argentina e Uruguai. A subespécie *A. c. avicenniae* é endêmica da Mata Atlântica, com distribuição restrita a São Paulo e Paraná e possivelmente Santa Catarina. A forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie no sul da América Central e por toda América do Sul, apresentando populações esparsas por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos, manguezais e demais tipos de áreas úmidas costeiras e continentais.

Conservação: Não ameaçada.

Aramides saracura (Spix, 1825)

Port.: saracura-do-mato **Ingl.:** Slaty-breasted Wood-Rail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do leste de Minas Gerais e centro do Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita áreas úmidas e seu entorno, incluindo córregos, brejos e pequenos lagos, próximo a borda ou no interior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Aramides saracura (Spix, 1825)

Port.: saracura-do-mato **Ingl.:** Slaty-breasted Wood-Rail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do leste de Minas Gerais e centro do Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita áreas úmidas e seu entorno, incluindo córregos, brejos e pequenos lagos, próximo a borda ou no interior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Amaurolimnas concolor (Gosse, 1847)

Port.: saracura-lisa **Ingl.:** Uniform Crake

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. c. concolor* (Gosse, 1847).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com populações esparsas ocorrendo na América Central e América do Sul. A forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie na América do Sul a leste dos Andes. Populações da Mata Atlântica concentram-se principalmente nas baixadas litorâneas, entre a Paraíba e o Paraná com registros pontuais no interior, como em São Paulo e sul de Goiás.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas de florestas alagas e florestas ciliares.

Conservação: Não ameaçada.

Laterallus viridis (Statius Muller, 1776)

Port.: sanã-castanha **Ingl.:** Russet-crowned Crake

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *L. v. viridis* (Statius Muller, 1776).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, contando também com uma população disjunta no norte da Colômbia. A forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie na América do Sul a leste dos Andes. Distribui-se na Mata Atlântica em populações esparsas pela faixa costeira entre Pernambuco e São Paulo, eventualmente também no interior.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas de Restinga e áreas abertas com capim alto, próximo ou distante da água.

Conservação: Não ameaçada.

Laterallus melanophaius (Vieillot, 1819)

Port.: sanã-parda **Ingl.:** Rufous-sided Crake

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *L. m. melanophaius* (Vieillot, 1819).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo da Venezuela e Colômbia ao Uruguai e centro da Argentina. A forma nominal distribui-se pela maior parte da área de ocorrência da espécie com exceção das populações da Colômbia, Equador, Peru e oeste da Amazônia brasileira, onde é substituída por *L. m. oenops* (Sclater & Salvin, 1880). Distribui-se por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas brejosas com vegetação alta.

Conservação: Não ameaçada.

Laterallus exilis (Temminck, 1831)

Port.: sanã-do-capim **Ingl.:** Gray-breasted Crake

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com população esparsas ocorrendo do sul do México ao norte da Argentina e sul do Brasil. Na Mata Atlântica, ocorre pontualmente entre o Ceará e Santa Catarina, com registros concentrados na faixa costeira.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas brejosas com vegetação alta.

Conservação: Não ameaçada.

Laterallus leucopyrrhus (Vieillot, 1819)

Port.: sanã-vermelha **Ingl.:** Red-and-white Crake

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região sudeste da América do Sul, ocorrendo no Sudeste e Sul do Brasil e regiões adjacentes no Paraguai, norte da Argentina e Uruguai. Distribui-se na Mata Atlântica do sul de Minas Gerais ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas brejosas com vegetação alta.

Conservação: Não ameaçada.

Porzana flaviventer (Boddaert, 1783)

Port.: sanã-amarela **Ingl.:** Yellow-breasted Crake

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. f. flaviventer* (Boddaert, 1783).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com populações esparsas ocorrendo do México ao centro da Argentina, também no Caribe. A forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie na América do Sul a leste dos Andes. Apresenta registros esparsos por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas úmidas com vegetação densa.

Conservação: Não ameaçada.

Porzana albicollis (Vieillot, 1819)

Port.: sanã-carijó **Ingl.:** Ash-throated Crane

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. a. albicollis* (Vieillot, 1819).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul, com populações esparsas ocorrendo do norte da Colômbia e Venezuela ao norte da Argentina. A forma nominal distribui-se pela porção sul e central da América do Sul, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas úmidas, ocorrendo, por exemplo, em arrozais, campos úmidos e taboais.

Conservação: Não ameaçada.

Neocrex erythrops (Sclater, 1867)

Port.: turu-turu **Ingl.:** Paint-billed Crane

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo*

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *N. e. olivascens* Chubb, 1917.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com populações esparsas ocorrendo da Costa Rica e Panamá ao norte da Argentina. A forma nominal ocorre por toda área de distribuição da espécie com exceção da costa peruana e Galápagos. Status e distribuição da espécie na Mata Atlântica é pouco compreendido, apresentando registros pontuais entre o nordeste e o sul do Brasil.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas úmidas com vegetação densa.

Conservação: Não ameaçada.

Pardirallus maculatus (Boddaert, 1783)

Port.: saracura-carijó **Ingl.:** Spotted Rail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. m. maculatus* (Boddaert, 1783).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com populações esparsas ocorrendo do México ao norte da Argentina e Uruguai. A forma nominal distribui-se por toda

área de ocorrência da espécie na América do Sul e Caribe. Distribui-se esparsamente ao longo de toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas úmidas com vegetação densa.

Conservação: Não ameaçada.

Pardirallus nigricans (Vieillot, 1819)

Port.: saracura-sanã **Ingl.:** Blackish Rail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. n. nigricans* (Vieillot, 1819)

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região leste da América do Sul e parte dos Andes. Forma nominal ocorre por toda distribuição da espécie do leste do Equador ao leste do Brasil, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas úmidas com vegetação densa.

Conservação: Não ameaçada.

Pardirallus sanguinolentus (Swainson, 1837)

Port.: saracura-do-banhado **Ingl.:** Plumbeous Rail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *P. s. sanguinolentus* (Swainson, 1837) e *P. s. zelevori* (Pelzeln, 1865).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região meridional da América do Sul. Ocorrendo do sul do Equador a Terra do Fogo e também no sudeste e sul do Brasil. *P. s. zelevori* é endêmica da Mata Atlântica, estando aparentemente restrita ao litoral fluminense. A forma nominal ocorre do leste da Bolívia ao Paraguai, Uruguai e até o centro da Argentina, também no sudeste e sul do Brasil. Distribui-se na Mata Atlântica de Minas Gerais ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas úmidas com vegetação densa.

Conservação: Não ameaçada.

Gallinula galeata (Lichtenstein, 1818)

Port.: frango-d'água-comum **Ingl.:** Common Gallinule

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *G. g. galeata* (Lichtenstein, 1818).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do Canadá ao centro da Argentina e Uruguai. A forma nominal distribui-se pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo da Venezuela ao Uruguai, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, rios pouco caudalosos e demais tipos de corpos d'água com vegetação aquática abundante.

Conservação: Não ameaçada.

Gallinula melanops (Vieillot, 1819)

Port.: frango-d'água-carijó **Ingl.:** Spot-flanked Gallinule

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *G. m. melanops* (Vieillot, 1819).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul, com populações esparsas ocorrendo na Colômbia, leste do Brasil e no sul do continente. A forma nominal distribui-se do leste da Bolívia e Paraguai ao norte da Argentina e Uruguai. A espécie ocorre esparsamente por toda a Mata Atlântica com concentração de registros nas porções nordeste e sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas e corpos d'água rasos com vegetação aquática abundante.

Conservação: Não ameaçada.

Porphyrio martinica (Linnaeus, 1766)

Port.: frango-d'água-azul **Ingl.:** Purple Gallinule

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos EUA ao Uruguai e norte da Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, rios pouco caudalosos e demais tipos de corpos d'água com vegetação aquática abundante.

Conservação: Não ameaçada.

Fulica armillata Vieillot, 1817

Port.: carqueja-de-bico-manchado **Ingl.:** Red-gartered Coot

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região meridional da América do Sul. Distribui-se na Mata Atlântica esparsamente na região costeira entre o Rio de Janeiro e o limite sul do domínio, aparentemente com presença em parte dessas áreas associadas com migrantes de inverno. Existe, no entanto, uma população reprodutiva isolada no litoral centro norte fluminense (Luciano Moreira-Lima obs. pess.).

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas e lagunas com vegetação aquática abundante.

Conservação: Não ameaçada.

Fulica rufifrons Philippi & Landbeck, 1861

Port.: carqueja-de-escudo-vermelho **Ingl.:** Red-fronted Coot

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região meridional da América do Sul, ocorrendo da costa sul do Peru a Terra do Fogo. Na Mata Atlântica, ocorre com regularidade entre o Paraná e o Rio Grande do Sul, ocasionalmente vagantes atingem São Paulo e Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas e lagunas com vegetação aquática abundante.

Conservação: Não ameaçada.

Fulica leucoptera Vieillot, 1817

Port.: carqueja-de-bico-amarelo **Ingl.:** White-winged Coot

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região meridional da América do Sul, ocorrendo do sul da Bolívia a Terra do Fogo. Na Mata Atlântica, ocorre com regularidade entre o Paraná e o Rio Grande do Sul, ocasionalmente vagantes atingem São Paulo e Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas e lagunas com vegetação aquática abundante.

Conservação: Não ameaçada.

Heliornithidae Gray, 1840

Heliornis fulica (Boddaert, 1783)

Port.: picaparra **Ingl.:** Sungrebe

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla, ocorrendo do sul do México ao norte da Argentina. Distribui-se esparsamente na Mata Atlântica entre a Bahia e Santa Catarina, Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas e rios com mata ciliar conservada.

Conservação: Arg.: VU. Não é considerada ameaçada. Não obstante, as populações da Mata Atlântica exigem atenção conservacionista por terem aparentemente sofrido redução populacional significativa por conta de alteração e destruição do habitat. Registros recentes da espécie dentro da área núcleo do domínio estão restritos a poucas localidades.

Cariamiformes Furbringer, 1888

Cariamidae Bonaparte, 1850

Cariama cristata (Linnaeus, 1766)

Port.: seriema **Ingl.:** Red-legged Seriema

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região leste da América do Sul, ocorrendo do nordeste do Brasil ao centro da Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica. A espécie parece estar expandindo sua distribuição pelo domínio favorecida pelo desmatamento.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres, adapta-se a áreas alteradas ocorrendo em áreas rurais e pastagens.

Conservação: Não ameaçada.

Charadriiformes Huxley, 1867

Charadriidae Leach, 1820

Vanellus cayanus (Latham, 1790)

Port.: batuíra-de-esporão **Ingl.:** Pied Lapwing

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo do norte da Colômbia ao norte da Argentina. Na Mata Atlântica, apresenta registros esparsos concentrados no interior do domínio do Piauí e Ceará ao Paraná e Paraguai.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as margens de lagoas, rios e áreas úmidas com vegetação baixa.

Conservação: Não ameaçada.

Vanellus chilensis (Molina, 1782)

Port.: quero-quero **Ingl.:** Southern Lapwing

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *V. c. lampronotus* (Wagler, 1827).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul, ocorrendo do norte da Colômbia a Terra do Fogo. *V. c. lampronotus* ocorre abaixo da margem direita do Rio Amazonas até o Uruguai e norte do Chile e da Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita ambientes abertos com vegetação baixa e áreas úmidas. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas urbanas e rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Pluvialis dominica (Statius Muller, 1776)

Port.: Batuiçu **Ingl.:** American Golden-Plover

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz no norte da América do Norte, entre o Alasca e o norte do Canadá, migrando para a região meridional da América do Sul após o período reprodutivo. Na Mata Atlântica, a espécie é visitante regular nas regiões Sudeste e Sul o Brasil, Paraguai e Argentina, eventualmente atingindo áreas mais ao norte dentro do domínio. Registros concentram-se na região costeira, mas pode ocorrer também no interior do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas úmidas costeiras, incluindo desde manguezais a salinas. Ocasionalmente também em áreas úmidas interioranas com vegetação baixa e margens de corpos d'água.

Conservação: Não ameaçada.

Pluvialis squatarola (Linnaeus, 1758)

Port.: batuiruçu-de-axila-preta **Ingl.:** Black-bellied Plover

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie cosmopolita. Reproduz na costa de toda região ártica, migrando para regiões costeiras tropicais e subtropicais após o período reprodutivo. Na Mata Atlântica, ocorre ao longo de toda região litorânea do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias e áreas úmidas costeiras, incluindo desde manguezais a áreas de salinas.

Conservação: Não ameaçada.

Charadrius semipalmatus Bonaparte, 1825

Port.: batuira-de-bando **Ingl.:** Semipalmated Plover

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz no norte da América do Norte, entre o Alasca e o norte do Canadá, migrando para regiões costeiras entre o sul dos EUA e o sul da América do Sul após o período reprodutivo. Ocorre na Mata Atlântica ao longo de toda região litorânea do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias e áreas úmidas costeiras, incluindo desde manguezais a áreas de salinas.

Conservação: Não ameaçada.

Charadrius wilsonia Ord, 1814

Port.: batuira-bicuda **Ingl.:** Wilson's Plover

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. w. crassirostris* Spix, 1825.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região costeira da América tropical. *C. w. crassirostris* está restrito às costas norte e nordeste do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica entre o Ceará e a Bahia. Indivíduos migratórios, provavelmente representantes da forma nominal, ocasionalmente podem atingir outras áreas dentro do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias e áreas úmidas costeiras, incluindo desde manguezais a áreas de salinas.

Conservação: Não ameaçada.

Charadrius collaris Vieillot, 1818

Port.: batuíra-de-coleira **Ingl.:** Collared Plover

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao centro do Chile, incluindo todo litoral da Mata Atlântica e eventualmente também no interior.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias e áreas úmidas costeiras, ocorrendo também, com menos frequência, em praias fluviais e áreas úmidas interioranas.

Conservação: Não ameaçada.

Charadrius falklandicus Latham, 1790

Port.: batuíra-de-coleira-dupla **Ingl.:** Two-banded Plover

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita à região meridional da América do Sul, reproduzindo no extremo sul do continente e se deslocando para o norte após o período reprodutivo. Ocorre com regularidade na Mata Atlântica em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, com registros eventuais em São Paulo e no Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias e áreas úmidas costeiras.

Conservação: Não ameaçada.

Charadrius modestus Lichtenstein, 1823

Port.: batuíra-de-peito-tijolo **Ingl.:** Rufous-chested Dotterel

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região meridional da América do Sul, reproduzindo no extremo sul do continente e se deslocando para o norte após o período reprodutivo. Ocorre com regularidade na Mata Atlântica em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, com registros eventuais em São Paulo e no Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias e áreas úmidas costeiras.

Conservação: Arg.: VU.

Haematopodidae Bonaparte, 1838

Haematopus palliatus Temminck, 1820

Port.: piru-piru **Ingl.:** American Oystercatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *H. p. palliatus* Temminck, 1820.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída por grande parte das costas atlântica e pacífica da América, ocorrendo do norte dos EUA ao sul da Argentina. A forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie com exceção da ilha de Galápagos. Distribui-se por todo litoral da Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias e costões rochosos litorâneos.

Conservação: Não ameaçada.

Recurvirostridae Bonaparte, 1831

Himantopus mexicanus (Statius Muller, 1776)

Port.: pernilongo-de-costas-negras **Ingl.:** Black-necked Stilt

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000)*.

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos EUA ao sul do Peru e nordeste do Brasil, também no Caribe. Distribui-se na Mata Atlântica entre o Ceará e norte de Minas Gerais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as margens de lagoas, brejos com vegetação baixa e demais tipos de áreas úmidas similares, costeiras e interioranas.

Conservação: Não ameaçada.

Himantopus melanurus Vieillot, 1817

Port.: pernilongo-de-costas-brancas **Ingl.:** White-backed Stilt

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000).*

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região meridional da América do Sul, ocorrendo do norte do Chile e Bolívia ao sul da Argentina e sudeste do Brasil. Distribui-se na Mata Atlântica entre o sul da Bahia e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as margens de lagoas, brejos com vegetação baixa e demais tipos de áreas úmidas similares, costeiras e interioranas.

Conservação: Não ameaçada.

Scolopacidae Rafinesque, 1815

Gallinago paraguaiae (Vieillot, 1816)

Port.: narceja **Ingl.:** South American Snipe

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *G. p. paraguaiae* (Vieillot, 1816).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul, ocorrendo do norte da Venezuela a Terra do Fogo. Além da Mata Atlântica, a forma nominal distribui-se do leste da Colômbia ao norte da Argentina e Uruguai, todo o Brasil, com registros por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita campos alagados, brejos com vegetação baixa e demais tipos de áreas úmidas similares, costeiras e interioranas.

Conservação: Não ameaçada.

Gallinago undulata (Boddaert, 1783)

Port.: narcejão **Ingl.:** Giant Snipe

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *G. u. gigantea* (Temminck, 1826).

Distribuição e biogeografia: Espécie com duas populações, aparentemente isolada, ocorrendo no norte da América do Sul (*G. u. undulata*) e do leste da Bolívia ao Paraguai e

leste do Brasil (*G. u. gigantea*). Distribui-se na Mata Atlântica da Bahia ao Rio Grande do Sul e Paraguai.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita campos alagados, brejos com vegetação baixa e demais tipos de áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada.

Limnodromus griseus (Gmelin, 1789)

Port.: maçarico-de-costas-brancas **Ingl.:** Short-billed Dowitcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *L. g. griseus* (Gmelin, 1789).

Distribuição e biogeografia: Reproduz no norte da América do Norte, entre o Alasca e a costa leste do Canadá. Após o período reprodutivo, *L. g. griseus* migra para a região costeira atlântica entre o sul dos EUA e o nordeste do Brasil. Na Mata Atlântica, a espécie ocorre com regularidade na costa da região nordeste do Brasil, entre o Ceará e o Sergipe, aparentemente atingindo áreas mais ao sul apenas ocasionalmente.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas úmidas costeiras, principalmente manguezais.

Conservação: Não ameaçada.

Limosa haemastica (Linnaeus, 1758)

Port.: maçarico-de-bico-virado **Ingl.:** Hudsonian Godwit

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz no norte da América do Norte, Alasca e norte do Canadá. Após o período reprodutivo migra para a região meridional da América do Sul, invernando entre o sudeste e sul do Brasil e a Terra do Fogo. Registros na Mata Atlântica concentrados no litoral entre o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul, podendo atingir outras áreas eventualmente durante movimentos migratórios.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias, manguezais e áreas úmidas costeiras rasas e com vegetação baixa.

Conservação: Não ameaçada.

Numenius hudsonicus Latham, 1790

Port.: maçarico-de-bico-torto **Ingl.:** Hudsonian Whimbrel

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz no norte da América do Norte, Alasca e norte do Canadá. Após o período reprodutivo migra para as regiões costeiras pacífica e atlântica entre o sul dos EUA e o extremo sul da América do Sul, incluindo todo o litoral da Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias, manguezais e áreas úmidas costeiras rasas e com vegetação baixa.

Conservação: Não ameaçada.

Bartramia longicauda (Bechstein, 1812)

Port.: maçarico-do-campo **Ingl.:** Upland Sandpiper

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz no norte da América do Norte, norte dos EUA, Alasca e Canadá. Após o período reprodutivo migra para a região centro sul da América do Sul, invernando principalmente na Argentina e Uruguai. Sua ocorrência na Mata Atlântica parece estar relacionada com indivíduos se deslocando entre as áreas de reprodução e invernada, com registros concentrados no interior entre Minas Gerais e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres, incluindo pastagens. Geralmente no interior, mas eventualmente também em áreas litorâneas.

Conservação: Não ameaçada.

Actitis macularius (Linnaeus, 1766)

Port.: maçarico-pintado **Ingl.:** Spotted Sandpiper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz na América do Norte, do sul dos EUA ao norte do Canadá e Alasca. Após o período reprodutivo migra para o sul, invernando entre o sul dos EUA e o norte da Argentina e o Uruguai, incluindo todo litoral da Mata Atlântica e eventualmente também no interior.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita principalmente manguezais e as margens de canais e rios em regiões costeiras. Eventualmente também nas margens de rios no interior.

Conservação: Não ameaçada.

Tringa solitaria Wilson, 1813

Port.: maçarico-solitário **Ingl.:** Solitary Sandpiper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. s. solitaria* Wilson, 1813.

Distribuição e biogeografia: Reproduz no norte da América do Norte, do Canadá ao Alasca. Após o período reprodutivo migra para o sul, invernando entre o extremo sul dos EUA e o norte da Argentina e Uruguai, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita brejos com vegetação baixa e corpos d'água rasos naturais ou artificiais, no litoral ou no interior.

Conservação: Não ameaçada.

Tringa melanoleuca (Gmelin, 1789)

Port.: maçarico-grande-de-perna-amarela **Ingl.:** Greater Yellowlegs

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz no norte da América do norte, do Alasca a costa leste do Canadá. Após o período reprodutivo migra para o sul, invernando do sul dos EUA a Terra do Fogo. Ocorre por todo litoral da Mata Atlântica e eventualmente também no interior.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita manguezais e demais tipos de áreas úmidas costeiras. Eventualmente também encontrado nas margens de lagoas e brejos com vegetação baixa no interior.

Conservação: Não ameaçada.

Tringa semipalmata (Gmelin, 1789)

Port.: maçarico-de-asa-branca **Ingl.:** Willet

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. s. semipalmata* (Gmelin, 1789).

Distribuição e biogeografia: Reproduz nos EUA e sul do Canadá, migrando para sul após o período reprodutivo, invernando do sul dos EUA ao sul do Brasil. Áreas reprodutivas da forma nominal estão restritas a costa leste dos EUA e norte do México, e as áreas de invernada concentram-se no litoral do Brasil. Ocorre por todo litoral da Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita manguezais e demais tipos de áreas úmidas costeiras.

Conservação: Não ameaçada.

Tringa flavipes (Gmelin, 1789)

Port.: maçarico-de-perna-amarela **Ingl.:** Lesser Yellowlegs

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz no norte dos EUA, Alasca e Canadá. Após o período reprodutivo migra para o sul, hibernando do sul dos EUA a Terra do Fogo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita manguezais e demais tipos de áreas úmidas costeiras. Eventualmente também encontrado nas margens de lagoas e brejos com vegetação baixa no interior. Ocorre por todo litoral da Mata Atlântica e eventualmente também no interior.

Conservação: Não ameaçada.

Arenaria interpres (Linnaeus, 1758)

Port.: vira-pedras **Ingl.:** Ruddy Turnstone

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. i. morinella* (Linnaeus, 1766).

Distribuição e biogeografia: Espécie cosmopolita. Reproduz na região ártica, migrando para regiões costeiras tropicais e subtropicais de todo o mundo após o período reprodutivo. *A. i. morinella*, inverte nas costas pacífica e atlânticas da América e no Caribe. Ocorre por todo litoral da Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias, manguezais e demais tipos de áreas úmidas costeiras.

Conservação: Não ameaçada.

Calidris canutus (Linnaeus, 1758)

Port.: maçarico-de-papo-vermelho **Ingl.:** Red Knot

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. c. rufa* (Wilson, 1813).

Distribuição e biogeografia: Espécie cosmopolita. Reproduz na região ártica, migrando para regiões costeiras tropicais e subtropicais de todo o mundo após o período reprodutivo. A subespécie *C. c. rufa* reproduz no ártico canadense hibernando principalmente no sul da

Argentina. Embora ocorra regularmente em áreas dentro dos limites da Mata Atlântica sua ocorrência no domínio parece está relacionada com indivíduos se deslocando entre as áreas de reprodução e invernada, com registros concentrados entre o Espírito Santo e o Rio Grande Sul e também em algumas áreas no litoral do Nordeste do Brasil.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias e manguezais.

Conservação: Não é considerada ameaçada. A subespécie *C. c. rufa* sofreu um drástico declínio populacional dos últimos anos exigindo atenção conservacionista.

Calidris alba (Pallas, 1764)

Port.: maçarico-branco **Ingl.:** Sanderling

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie cosmopolita. Reproduz na região ártica, migrando para regiões costeiras tropicais e subtropicais de todo o mundo após o período reprodutivo, incluindo todo o litoral da Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias e manguezais.

Conservação: Não ameaçada.

Calidris pusilla (Linnaeus, 1766)

Port.: maçarico-rasteirinho **Ingl.:** Semipalmated Sandpiper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz na região ártica entre o Alasca e o leste do Canadá. Após o período reprodutivo migra para as costas atlântica e pacífica da América Central e América do Sul e Caribe, incluindo todo o litoral da Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias, manguezais e demais tipos de áreas úmidas costeiras.

Conservação: Não ameaçada.

Calidris minutilla (Vieillot, 1819)

Port.: maçariquinho **Ingl.:** Least Sandpiper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz na região ártica entre o Alasca e o leste do Canadá. Após o período reprodutivo migra para o sul, invernando do sul dos EUA ao nordeste do Brasil em regiões costeiras e interioranas. Na Mata Atlântica, a espécie ocorre com regularidade na costa da região nordeste do Brasil, entre o Ceará e o Sergipe, aparentemente atingindo áreas mais ao sul apenas ocasionalmente.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita manguezais e demais tipos de áreas úmidas costeiras. Eventualmente também encontrado nas margens de lagoas e brejos com vegetação baixa no interior.

Conservação: Não ameaçada.

Calidris fuscicollis (Vieillot, 1819)

Port.: maçarico-de-sobre-branco **Ingl.:** White-rumped Sandpiper

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz na região ártica, no norte do Alasca e do Canadá. Após o período reprodutivo migra para o sul da América do Sul, invernando na costa entre o Brasil e a Terra do Fogo, incluindo todo o litoral da Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita manguezais e demais tipos de áreas úmidas costeiras. Eventualmente também encontrado nas margens de lagoas e brejos com vegetação baixa no interior.

Conservação: Não ameaçada.

Calidris melanotos (Vieillot, 1819)

Port.: maçarico-de-colete **Ingl.:** Pectoral Sandpiper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz na região ártica, da Rússia ao norte do Alasca e Canadá. Após o período reprodutivo migra para a Oceânia e para América do Sul, invernando na Austrália e Nova Zelândia e entre o Peru e o sul da Argentina. Na Mata Atlântica, a espécie ocorre com regularidade na costa e eventualmente também no interior entre o Rio de Janeiro e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita manguezais, salinas e demais tipos de áreas úmidas costeiras. Também encontrado nas margens de lagoas e áreas abertas alagadas no interior.

Conservação: Não ameaçada.

Calidris himantopus (Bonaparte, 1826)

Port.: maçarico-pernilongo **Ingl.:** Stilt Sandpiper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz na região ártica, norte do Alasca e do Canadá. Após o período reprodutivo migra para o sul, invernando entre o sul dos EUA e sul do Brasil e norte da Argentina em regiões costeiras e interiores. Na Mata Atlântica, a espécie ocorre com regularidade na costa das regiões sudeste e sul do Brasil, eventualmente também no interior e no nordeste brasileiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita manguezais e demais tipos de áreas úmidas costeiras. Eventualmente também encontrado nas margens de lagoas e áreas abertas alagadas no interior.

Conservação: Não ameaçada.

Tryngites subruficollis (Vieillot, 1819)

Port.: maçarico-acanelado **Ingl.:** Buff-breasted Sandpiper

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz na região ártica, da Rússia ao norte do Alasca e do Canadá. Após o período reprodutivo migra para o sul da América do Sul, invernando do sul do Brasil ao centro da Argentina. Na Mata Atlântica, a espécie ocorre com regularidade nas regiões costeiras do sudeste e sul do Brasil, atingindo outras regiões durante seus deslocamentos migratórios.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita manguezais e demais tipos de áreas úmidas costeiras. Eventualmente também encontrado nas margens de lagoas e áreas abertas alagadas no interior.

Conservação: Mundial: NT. Arg.: AM..

Phalaropus tricolor (Vieillot, 1819)

Port.: pisa-n'água **Ingl.:** Wilson's Phalarope

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz no norte da América do Norte, no norte dos EUA e Canadá. Após o período reprodutivo migra para o oeste América do Sul, invernando do norte

do Peru a Terra do Fogo. Na Mata Atlântica, a espécie ocorre com aparente regularidade nas regiões costeiras e também no interior do sudeste e sul do Brasil entre o Rio de Janeiro e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita manguezais e demais tipos de áreas úmidas costeiras rasas. Eventualmente também encontrado em lagoas e áreas abertas alagadas no interior.

Conservação: Não ameaçada.

Jacanidae Chenu & Des Murs, 1854

Jacana jacana (Linnaeus, 1766)

Port.: jaçanã **Ingl.:** Wattled Jacana

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *J. j. jacana* (Linnaeus, 1766).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul, ocorrendo do Panamá ao norte da Argentina e Uruguai. Além da Mata Atlântica, a forma nominal distribui-se do sul da Colômbia e Venezuela ao leste da Bolívia, norte da Argentina e Uruguai, praticamente todo o Brasil, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e áreas úmidas similares com vegetação aquática abundante.

Conservação: Não ameaçada.

Rostratulidae Mathews, 1914

Nycticryphes semicollaris (Vieillot, 1816)

Port.: narceja-de-bico-torto **Ingl.:** South American Painted-Snipe

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a América do Sul meridional, ocorrendo do sudeste do Brasil ao sul da Argentina e Chile. Apresenta registros esparsos na Mata Atlântica entre o Rio de Janeiro e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita brejos e áreas abertas alagadas, sobretudo em áreas costeiras e eventualmente no interior.

Conservação: Não ameaçada.

Laridae Rafinesque, 1815

Chroicocephalus maculipennis (Lichtenstein, 1823)

Port.: gaivota-maria-velha **Ingl.:** Brown-hooded Gull

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a América do Sul meridional. Na Mata Atlântica, reproduz no sul do Rio Grande do Sul, sua ocorrência ao norte dessa área está relacionada com migrantes não reprodutivos que ocorrem regularmente até o Paraná e eventualmente também no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, está restrita a regiões costeiras, habitando lagoas, áreas abertas alagadas e áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada.

Chroicocephalus cirrocephalus (Vieillot, 1818)

Port.: gaivota-de-cabeça-cinza **Ingl.:** Grey-hooded Gull

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. c. cirrocephalus* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: A forma nominal possui distribuição ampla pelo leste da América do Sul e com uma população disjunta na costa do Equador e Peru. A espécie ocorre também no sul da África, *C. c. poliocephalus* (Swainson, 1837). Populações na costa do Brasil aparentemente divididas em três núcleos reprodutivos: nordeste (Maranhão ao Rio Grande do Norte), Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, está restrita a regiões costeiras, habitando lagoas, áreas abertas alagadas, salinas e áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada.

Larus dominicanus Lichtenstein, 1823

Port.: gaivotão **Ingl.:** Kelp Gull

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla ocorrendo, nas costas meridionais da América do Sul, África e Oceânia, também na Antártica. Distribui-se no litoral da Mata Atlântica entre o Espírito Santo e o Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, está restrita a regiões costeiras, habitando praias, manguezais, costões rochosos, lagoas, canais e ambientes similares.

Conservação: Não ameaçada.

Sternidae Vigors, 1825

Sternula antillarum Lesson, 1847

Port.: trinta-réis-miúdo **Ingl.:** Least Tern

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. a. antillarum* Lesson, 1847.

Distribuição e biogeografia: Reproduz entre a costa leste dos Estados Unidos e a Venezuela, migrando , após o período reprodutivo para o sul, até o nordeste do Brasil. Registros na Mata Atlântica concentrados entre o Ceará e Sergipe com registros eventuais em outras áreas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita grandes rios, lagoas interioranas e costeiras, baías e manguezais.

Conservação: Arg.: AM.

Sternula superciliaris (Vieillot, 1819)

Port.: trinta-réis-anão **Ingl.:** Yellow-billed Tern

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo do norte da Venezuela e Colômbia ao Uruguai e norte da Argentina, todo o Brasil, apresentando ocorrência esparsa por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita grandes rios, lagoas interioranas e costeiras, baías e manguezais.

Conservação: Não ameaçada.

Phaetusa simplex (Gmelin, 1789)

Port.: trinta-réis-grande **Ingl.:** Large-billed Tern

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. s. chloropoda* (Vieillot, 1819).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo do norte da Venezuela ao norte da Argentina, localmente em todo o Brasil. *P. s. chloropoda* está associada as bacias do Rio Paraná e Paraguai. Na Mata Atlântica, distribui-se principalmente da Bahia ao limite sul do domínio, com ocorrência associada ao curso dos grandes rios.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita grandes rios e lagoas, eventualmente também em ambientes costeiros.

Conservação: Não ameaçada.

Gelochelidon nilotica (Gmelin, 1789)

Port.: trinta-réis-de-bico-preto **Ingl.:** Gull-billed Tern

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *G. n. groenvoldi* Mathews, 1912.

Distribuição e biogeografia: Espécie cosmopolita, com população esparsas ocorrendo em regiões tropicais e subtropicais de todo o mundo. Além da Mata Atlântica, *G. n. groenvoldi* ocorre esparsamente pela região costeira atlântica da América do Sul entre as Guianas e a Argentina. Na Mata Atlântica, a espécie aparentemente possui ocorrência regular apenas nos litorais do Nordeste e do Sul do Brasil, ocorrendo apenas ocasionalmente fora destas regiões.

Habitat: Na Mata Atlântica, está restrito a região costeira habitando manguezais e baías.

Sterna hirundo Linnaeus, 1758

Port.: trinta-réis-boreal **Ingl.:** Common Tern

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. h. hirundo* Linnaeus, 1758.

Distribuição e biogeografia: Espécie cosmopolita. Reproduz no hemisfério norte migrando para regiões costeiras próximas a linha do Equador e do hemisfério sul após o período reprodutivo. A forma nominal reproduz na América do Norte, Europa e oeste da África, hibernando ao sul do Trópico de Câncer. Ocorre ao longo de todo o litoral da Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias, manguezais e baías ao longo da costa.

Conservação: Não ameaçada.

Sterna dougallii Montagu, 1813

Port.: trinta-réis-róseo **Ingl.:** Roseate Tern

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. d. dougallii* Montagu, 1813.

Distribuição e biogeografia: Espécie cosmopolita. Reproduz no hemisfério norte, costa nordeste dos Estados Unidos, Caribe, noroeste da Europa e sul da África. Após o período reprodutivo as populações do hemisfério norte migram para a região central do Oceano Atlântico, atingindo a costa norte e nordeste do Brasil, incluindo a Mata Atlântica entre o Ceará e o Sergipe.

Habitat: Na Mata Atlântica, geralmente está restrito a região costeira, habitando praias, manguezais e baías.

Conservação: Não ameaçada.

Sterna paradisaea Pontoppidan, 1763

Port.: trinta-réis-ártico **Ingl.:** Arctic Tern

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz na região ártica, migrando para a região antártica após o período reprodutivo. Ocorrência na costa brasileira representam indivíduos em deslocamento entre suas áreas de reprodução e invernada, apresentando registros esparsos por toda costa da Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, geralmente está restrito a região costeira, habitando praias, manguezais e baías.

Conservação: Não ameaçada.

Sterna hirundinacea Lesson, 1831

Port.: trinta-réis-de-bico-vermelho **Ingl.:** South American Tern

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restritas as regiões costeiras meridionais atlânticas e pacíficas da América do Sul. Distribui-se no litoral da Mata Atlântica entre a Bahia e o Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias, manguezais e baías costeiras.

Conservação: Não ameaçada.

Sterna trudeaui Audubon, 1838

Port.: trinta-réis-de-coroa-branca **Ingl.:** Snowy-crowned Tern

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restritas as regiões costeiras meridionais atlânticas e pacíficas da América do Sul. Ocorre no litoral da Mata Atlântica entre São Paulo e o Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias, manguezais e baías costeiras.

Conservação: Não ameaçada.

Thalasseus acuflavidus (Cabot, 1847)

Port.: trinta-réis-de-bando **Ingl.:** Cabot's Tern

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000)*.

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. a. eurygnathus* (Saunders, 1876).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelas regiões costeiras da América. *T. a. eurygnathus* está restrita a América do Sul, com populações reprodutivas pontuais ao longo da costa atlântica e ocorrência por todo o litoral da Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias, manguezais e baías costeiras.

Conservação: Não ameaçada.

Thalasseus maximus (Boddaert, 1783)

Port.: trinta-réis-real **Ingl.:** Royal Tern

Fontes: Parket *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. m. maximus* (Boddaert, 1783)

Distribuição e biogeografia: A forma nominal é amplamente distribuída pelas regiões costeiras atlântica e pacífica da América, sendo substituída por *T. m. albidorsalis* (Hartert,

1921) na costa atlântica da África. Ocorrência regular na costa da Mata Atlântica entre a Bahia e o Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita praias, manguezais e baías costeiras.

Conservação: Bra: VU.

Rynchopidae Bonaparte, 1838

Rynchops niger Linnaeus, 1758

Port.: talha-mar **Ingl.:** Black Skimmer

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *R. n. intercedens* Saunders, 1895.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos EUA ao centro da Argentina e sul do Chile. Além da Mata Atlântica, *R. n. intercedens* distribui-se pela região leste da América do Sul ao sul da Amazônia, do Maranhão ao leste do Paraguai, norte da Argentina e Uruguai. Populações na área núcleo da Mata Atlântica se concentram nas regiões sudeste e sul do Brasil e no Paraguai, atingindo o litoral aparentemente apenas durante deslocamentos pós reprodutivos.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita grandes rios, lagoas interioranas e costeiras, manguezais, baías e praias.

Conservação: Não ameaçada.

Columbiformes Latham, 1790

Columbidae Leach, 1820

Columbina passerina (Linnaeus, 1758)

Port.: rolinha-cinzenta **Ingl.:** Common Ground-Dove

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Dezoito subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. p. griseola* Spix, 1825.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos EUA ao nordeste do Brasil. *C. p. griseola* distribui-se no sul da Venezuela, Guianas, todo Brasil

amazônico e região nordeste do país. Na Mata Atlântica, distribui-se pela faixa litorânea entre o Ceará e o extremo norte da Bahia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e áreas abertas com vegetação baixa. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e em parques urbanos.

Conservação: Não ameaçada.

Columbina minuta (Linnaeus, 1766)

Port.: rolinha-de-asa-canela **Ingl.:** Plain-breasted Ground-Dove

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. m. minuta* (Linnaeus, 1766).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul do México ao sudeste do Brasil e nordeste da Argentina. Além da Mata Atlântica, a forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie na América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo esparsamente na Mata Atlântica entre o Piauí e o Paraná, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e áreas abertas com vegetação baixa incluindo áreas de Restinga. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Columbina talpacoti (Temminck, 1811)

Port.: rolinha-roxa **Ingl.:** Ruddy Ground-Dove

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. t. talpacoti* (Temminck, 1811).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao norte da Argentina. A forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie na América do Sul ao sul da Colômbia, Venezuela e extremo norte do Brasil, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande diversidade de ambientes, ocorrendo desde o centro de grandes cidades a borda de florestas bem conservadas.

Conservação: Não ameaçada.

Columbina squammata (Lesson, 1831)

Port.: fogo-apagou **Ingl.:** Scaled Dove

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. s. squammata* (Lesson, 1831).

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a América do Sul, apresenta duas populações disjuntas: *C. s. ridgwayi* (Richmond, 1896) ocorre do norte da Venezuela e Colômbia a Guiana Francesa, enquanto a forma nominal distribui-se por todo o Brasil extra amazônico e do leste da Bolívia ao nordeste da Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e áreas abertas com vegetação baixa incluindo áreas de Restinga. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Columbina picui (Temminck, 1813)

Port.: rolinha-picui **Ingl.:** Picui Ground-Dove

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas: ambas ocorrem na Mata Atlântica: *C. p. picui* (Temminck, 1813) e *C. p. strepitans* Spix, 1825.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a centro e sul da América Central. Apresenta duas populações disjuntas: *C. p. strepitans* originalmente estava restrita a região Nordeste do Brasil tendo expandido sua distribuição para o sul, favorecida pelo desmatamento, e atualmente ocorrendo até o norte do Rio de Janeiro e leste de Minas Gerais. A forma nominal, por sua vez, distribui-se no oeste da América do Sul do sul do Peru ao sul da Argentina e do Chile, e para leste até o oeste de SP, ocorrendo na Mata Atlântica do Mato Grosso do Sul e oeste de São Paulo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e áreas abertas com vegetação baixa incluindo áreas de Restinga. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Claravis pretiosa (Ferrari-Perez, 1886)

Port.: pararu-azul **Ingl.:** Blue Ground-Dove

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul do México ao norte da Argentina. Distribui-se esparsamente ao longo de toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Claravis geoffroyi (Temminck, 1811)

Port.: pararu-espelho **Ingl.:** Purple-winged Ground-Dove

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, com registros históricos entre o sul da Bahia e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque dominado por taquarais de diferentes formações florestais.

Conservação: Mundial: CR. Bra.: CR. Arg.: CR. Par.: EN. Embora aparentemente comum até metade do século passado, são praticamente inexistentes registros recentes documentados da espécie. É provável que esteja próxima da extinção.

Columba livia Gmelin, 1789

Port.: pombo-doméstico **Ingl.:** Rock Pigeon

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Exótica introduzida.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas. Populações introduzidas na Mata Atlântica possivelmente oriundas de diferentes subespécies.

Distribuição e biogeografia: Espécie com populações naturais distribuídas pela Europa, Ásia e África, mas atualmente com distribuição cosmopolita por conta de sua introdução e posterior expansão em áreas urbanas ao redor de todo o planeta, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas urbanas e rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Patagioenas speciosa (Gmelin, 1789)

Port.: pomba-trocal **Ingl.:** Scaled Pigeon

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul do México ao nordeste da Argentina e sul do Brasil. Apresenta duas populações distintas na Mata Atlântica uma na região costeira entre a Paraíba e o Rio de Janeiro, aparentemente isolada das demais, e outra que ocorre do sul de Goiás ao norte do Paraná, Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, as populações da região costeira habitam principalmente a borda florestas de terras baixas e submontanas, enquanto as do interior ocorrem em diferentes formações florestais.

Conservação: Arg.: VU. Par.: AM. A população da região costeira provavelmente sofreu significativa redução populacional por conta de destruição do habitat.

Patagioenas picazuro (Temminck, 1813)

Port.: pombão **Ingl.:** Picazuro Pigeon

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *P. p. marginalis* (Naumburg, 1932) e *P. p. picazuro* (Temminck, 1813)

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região leste da América do Sul. Originalmente distribuía-se em duas populações disjuntas: *P. p. marginalis* ocorrendo do Piauí a Bahia, enquanto a forma nominal distribuía-se da Bolívia e de Santa Catarina para o sul até o norte da Argentina e Uruguai. Ambas as populações expandiram sua distribuição, aparentemente favorecidas pelo desmatamento, e atualmente encontram-se em contato e a espécie ocorre por todo o domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande diversidade de ambientes, ocorrendo desde parques urbanos a borda de florestas bem conservadas.

Conservação: Não ameaçada.

Patagioenas cayennensis (Bonnaterre, 1792)

Port.: pomba-galega **Ingl.:** Pale-vented Pigeon

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. c. sylvestris* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul do México ao norte da Argentina e Uruguai. Além da Mata Atlântica, *P. c. sylvestris*, distribui-se por toda área de ocorrência da espécie na América do Sul ao sul da Amazônia, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Patagioenas plumbea (Vieillot, 1818)

Port.: pomba-amargosa **Ingl.:** Plumbeous Pigeon

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. p. plumbea* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul, ocorrendo em populações esparsas do norte da Colômbia e Venezuela ao sul do Brasil e leste do Paraguai. A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia ao norte do Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais, incluindo eventualmente manguezais.

Conservação: Não ameaçada.

Zenaida auriculata (Des Murs, 1847)

Port.: pomba-de-bando **Ingl.:** Eared Dove

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Onze subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *Z. a. noronha* Chubb 1819 e *Z. a. chrysauchenia* (Reichenbach, 1847).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída por toda América do Sul. *Z. a. noronha* está restrita ao nordeste do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica do Piauí ao centro da Bahia. *Z. a. chrysauchenia* distribui-se do leste da Bolívia e Espírito Santo ao norte da Argentina e Uruguai, na Mata Atlântica entre o Espírito Santo e o limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas em geral. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Leptotila verreauxi Bonaparte, 1855

Port.: juriti-pupu **Ingl.:** White-tipped Dove

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatorze subespécies reconhecidas, das quais três ocorrem na Mata Atlântica: *L. v. approximans* Cory, 1917, *L. v. decipiens* (Salvadori, 1871) e *L. v. chalcauchenia* Sclater & Salvin, 1870.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao norte da Argentina e Uruguai. *L. v. approximans* está restrita ao nordeste do Brasil ocorrendo na Mata Atlântica entre o Piauí e o norte da Bahia. *L. v. decipiens* distribui-se pelo interior do Brasil e também no leste do Peru e Bolívia, Paraguai e norte da Argentina, ocorrendo na Mata

Atlântica entre a Bahia e São Paulo, também no Paraguai. *L. v. chalcauchenia* ocorre no sul do Brasil, Uruguai e nordeste da Argentina, na Mata Atlântica entre o sul de São Paulo e o limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Leptotila rufaxilla (Richard & Bernard, 1792)

Port.: juriti-gemedeira **Ingl.:** Gray-fronted Dove

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais três ocorrem na Mata Atlântica: *L. r. rufaxilla* (Richard & Bernard, 1792), *L. r. bahiae* Berlepsch, 1885 e *L. r. reichenbachii* Pelzeln, 1870.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo do norte da Colômbia e Venezuela ao Uruguai. A forma nominal distribui-se pelo leste da Amazônia brasileira, Guianas e nordeste do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica do Piauí ao Sergipe?. *L. r. bahiae* ocorre no centro do Brasil e na Mata Atlântica aparentemente restrita a Bahia. *L. r. reichenbachii* é endêmica da Mata Atlântica ocorrendo de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Geotrygon violacea (Temminck, 1809)

Port.: juriti-vermelha **Ingl.:** Violaceous Quail-Dove

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *G. v. violacea* (Temminck, 1809).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com populações esparsas ocorrendo da Costa Rica ao nordeste da Argentina. A forma nominal é encontrada em toda área de distribuição da espécie na América do Sul ao sul do Suriname. Apresenta registros esparsos por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Arg.: VU. Par.: AM. Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada. A escassez de registros pode demonstrar que a espécie exige atenção conservacionista, aparentemente extinta nas florestas costeiras ao norte do São Francisco.

Geotrygon montana (Linnaeus, 1758)

Port.: pariri **Ingl.:** Ruddy Quail-Dove

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *G. m. montana* (Linnaeus, 1758).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao norte da Argentina e sul do Brasil, também no Caribe. Além da Mata Atlântica, a forma nominal distribui-se pela maior parte da área de ocorrência da espécie, com exceção das Pequenas Antilhas. Populações da Mata Atlântica aparentam estar geograficamente isolada das demais, ocorrendo da Bahia ao limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Par.: AM.

Psittaciformes Wagler, 1830

Psittacidae Rafinesque, 1815

Anodorhynchus glaucus (Vieillot, 1816)

Port.: arara-azul-pequena **Ingl.:** Glaucous Macaw

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Originalmente restrita a uma região relativamente limitada no entorno dos rios Uruguai, Paraná e Paraguai, próximo as fronteira do Brasil e Paraguai, Argentina e Uruguai. Aparentemente ocorria na Mata Atlântica entre o oeste do Paraná e do Rio Grande do Sul, com menções também para o litoral de Santa Catarina (Straube 2010).

Habitat: Acredita-se que habitava áreas abertas com predomínio de palmeiras do gênero *Butia*.

Conservação: Mundial: CR. Br.: EX. Arg.: CR. Par.: EN.

Ara ararauna (Linnaeus, 1758)

Port.: arara-canindé **Ingl.:** Blue-and-yellow Macaw

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo historicamente do leste do Panamá até o sul do Brasil e norte da Argentina. Existem poucos dados irrefutáveis que comprovam a ocorrência regular da espécie dentro da área núcleo da Mata Atlântica, incluindo principalmente São Paulo e Paraná. Havendo ainda menções para o Rio de Janeiro e Santa Catarina (Straube 2010). Marginalmente, no entanto, ocorria ao longo de toda fronteira da Mata Atlântica com o Cerrado.

Habitat: Na Mata Atlântica, habitava a borda da mata as margens de grandes rios e paisagens abertas com árvores esparsas.

Conservação: Par.: EN. A espécie está extinta dentro da área núcleo da Mata Atlântica.

Ara chloropterus Gray, 1859

Port.: arara-vermelha-grande **Ingl.:** Red-and-green Macaw

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo historicamente do leste do Panamá até o sul do Brasil e norte da Argentina. Distribuía-se na Mata Atlântica em duas populações: na região costeira entre a Bahia e o norte do Rio de Janeiro, incluindo o leste de Minas Gerais, e do sul de Goiás a Argentina e Paraguai, incluindo São Paulo e Paraná. Embora citada já na Carta de Pero Vaz de Caminha, e representando uma das primeiras espécies de aves registradas na Mata Atlântica, sua ocorrência no litoral leste do Brasil tem sido sistematicamente omitida em grande parte dos mapas publicados em obras recentes.

Habitat: Na Mata Atlântica, habitava diferentes formações florestais, estando as populações costeiras restritas as florestas de terras baixa.

Conservação: Arg.: CR. Par.: EN. A espécie encontra-se extinta dentro da área núcleo da Mata Atlântica, sendo passível de reintrodução nos grandes remanescentes florestais que ainda persistem nas áreas de baixada no sul da Bahia, norte do Espírito Santo e norte do Rio de Janeiro.

Ara severus (Linnaeus, 1758)

Port.: maracanã-guaçu **Ingl.:** Chestnut-fronted Macaw

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo por todo norte da América do Sul. Embora a literatura atual ignore sistematicamente a ocorrência da espécie no leste do Brasil, originalmente apresentava uma população disjunta na Mata Atlântica, com registros para o sul da Bahia e Espírito Santo e menções históricas também para o norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, aparentemente estava restrita a florestas de terras baixas.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Espécie encontra-se extinta na Mata Atlântica.

Primolius maracana (Vieillot, 1816)

Port.: maracanã-verdadeira **Ingl.:** Blue-winged Macaw

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região leste da América do Sul. Ocorrendo do sudeste da Amazônia ao sul do Brasil. Distribui-se esparsamente por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais, também em áreas abertas com árvores esparsas. Em parte da sua distribuição adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e mesmo urbanas.

Conservação: Mundial.: NT. Arg.: CR. Par.: EN. . Encontra-se extinta em regiões originalmente próximas ao seu limite sul de distribuição, como a Argentina e o Rio Grande do Sul.

Diopsittaca nobilis (Linnaeus, 1758)

Port.: maracanã-pequena **Ingl.:** Red-shouldered Macaw

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *D. n. cumanensis* (Lichtenstein, 1823) e *D. n. longipennis* (Neumann, 1831).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região nordeste da América do Sul, ocorrendo do leste da Venezuela ao sudeste do Brasil. *D. n. cumanensis* distribui-se do sul do Pará ao noroeste da Bahia e na faixa costeira da Mata Atlântica entre o Rio Grande do Norte e o extremo nordeste da Bahia. *D. n. longipennis* distribui-se por toda região central do Brasil ocorrendo na Mata Atlântica do Espírito Santo a São Paulo e marginalmente ao longo dos limites com o Cerrado.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita lagoas, brejos e demais tipos de áreas úmidas similares.

Conservação: Não ameaçada.

Aratinga leucophthalma (Statius Muller, 1776)

Port.: periquitão-maracanã **Ingl.:** White-eyed Parakeet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. l. leucophthalma* (Statius Muller, 1776).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo da Venezuela ao norte da Argentina e Uruguai. Além da Mata Atlântica, a forma nominal distribui-se por toda área ocorrência da espécie no leste da América do Sul da Venezuela e leste da Amazônia ao Uruguai. Distribui-se na Mata Atlântica da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Aratinga auricapillus (Kuhl, 1820)

Port.: jandaia-de-testa-vermelha **Ingl.:** Golden-capped Parakeet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécies restrita a região leste do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica entre Alagoas e o Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de florestas estacionais e áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Mundial.: NT.

Aratinga jandaya (Gmelin, 1788)

Port.: jandaia-verdadeira **Ingl.:** Jandaya Parakeet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita ao extremo leste da Amazônia e nordeste do Brasil. Distribui-se na Mata Atlântica entre o Piauí e o norte da Bahia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Aratinga aurea (Gmelin, 1788)

Port.: periquito-rei **Ingl.:** Peach-fronted Parakeet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região centro-leste da América do Sul. Distribui-se na Mata Atlântica entre o limite norte do domínio e o Paraná

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Arg.: AM.

Pyrrhura cruentata (Wied, 1820)

Port.: tiriba-grande **Ingl.:** Blue-throated Parakeet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, restrita a região compreendida entre o sul da Bahia e o norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Habita florestas de terras baixas e submontana, sendo dependente de áreas de florestas em bom estado de conservação.

Conservação: Mundial: VU. Bra.: VU.

Pyrrhura frontalis (Vieillot, 1817)

Port.: tiriba-de-testa-vermelha **Ingl.:** Maroon-bellied Parakeet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *P. f. frontalis* (Vieillot, 1817) e *P. f. chiripepe* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região sudeste da América do Sul. A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo entre a Bahia e o norte de São Paulo. *P. f. chiripepe* ocorre na Mata Atlântica de São Paulo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina, e além do domínio, no centro do Paraguai, norte da Argentina e Uruguai.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Pyrrhura leucotis (Kuhl, 1820)

Port.: tiriba-de-orelha-branca **Ingl.:** Maroon-faced Parakeet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, restrita a região compreendida entre o sul da Bahia e o norte do Rio de Janeiro. Indicação de ocorrência em São Paulo por Collar (1997) é errônea.

Habitat: Habita florestas de terras baixas e submontana, sendo dependente de áreas de florestas em bom estado de conservação.

Conservação: Mundial.: NT. Bra.: VU.

Pyrrhura griseipectus Salvadori, 1900

Port.: tiriba-de-peito-cinza **Ingl.:** Gray-breasted Parakeet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Historicamente com registros no Ceará e em Pernambuco, atualmente a espécie encontra-se restrita a apenas duas localidades no Ceará. A localização recente de populações da espécie em áreas com predomínio de Caatinga não permite que a mesma seja considerada um endemismo da Mata Atlântica conforme apontado por alguns autores anteriores, categorizada como quase endêmica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de florestas em regiões de brejos de altitude.

Conservação: Mundial.: CR. Bra.: CR.

Myiopsitta monachus (Boddaert, 1783)

Port.: caturrita **Ingl.:** Monk Parakeet

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na área núcleo da Mata Atlântica: *M. m. monachus* (Boddaert, 1783).

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região centro sul da América do Sul. Ocorre na Mata Atlântica entre o Paraná e o limite sul do domínio. Aparentemente tem expandido sua distribuição favorecida pelo desmatamento, tendo ainda populações introduzidas bem estabelecidas nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita ambientes abertos com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Forpus xanthopterygius (Spix, 1824)

Port.: tuim **Ingl.:** Blue-winged Parrotlet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *F. x. flavissimus* Hellmayr, 1929 e *F. x. vividus* (Ridgway, 1888).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul ocorrendo em populações esparsas do norte da Colômbia ao norte da Argentina e por toda região leste do Brasil. *F. x. flavissimus* ocorre do leste do Pará ao nordeste brasileiro, ocorrendo na Mata Atlântica entre o Piauí e norte da Bahia. *F. x. vividus* distribui-se por grande parte do centro e leste do Brasil e também no Paraguai e Argentina, ocorrendo na Mata Atlântica da Bahia ao limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Brotogeris tirica (Gmelin, 1788)

Port.: periquito-rico **Ingl.:** Plain Parakeet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo de Alagoas a Santa Catarina. aparentemente não existem registros recentes ao norte do rio São Francisco.

Habitat: Habita as bordas e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais, embora aparente ser mais abundante em áreas de floresta ombrófila densa. Geralmente abaixo dos 1500 metros de altitude. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em ambientes rurais e urbanos em muitas regiões.

Conservação: Não ameaçada. aparentemente extinta ao norte do Rio São Francisco.

Brotogeris chiriri (Vieillot, 1818)

Port.: periquito-de-encontro-amarelo **Ingl.:** Yellow-chevroned Parakeet

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *B. c. chiriri* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo interior da América do Sul, ocorrendo do Maranhão ao norte da Argentina, incluindo grande parte do interior do Brasil extra amazônico e também no leste da Bolívia e do Paraguai. Populações da Mata Atlântica se concentram no interior do domínio, ocorrendo principalmente entre o oeste da Bahia e o oeste do Paraná. Além da Mata Atlântica a forma nominal distribui-se pela maior parte da distribuição da espécie com exceção do centro e sul da Bolívia. Apresenta ainda populações introduzidas em algumas regiões, como na cidade do Rio de Janeiro e litoral de Pernambuco. A espécie têm expandido sua distribuição favorecida pelo desmatamento.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de florestas estacionais e áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Arg.: VU.

Touit melanonotus (Wied, 1820)

Port.: apuim-de-costas-pretas **Ingl.:** Brown-backed Parrotlet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo na faixa costeira entre o sul da Bahia ao norte do Paraná.

Habitat: Habita os estratos médios e superior de florestas ombrófila densas, geralmente abaixo dos 1500 metros de altitude. Aparentemente dependente de grandes extensões de florestas e áreas bem conservadas.

Conservação: Mundial: EN. Br.: VU.

Touit surdus (Kuhl, 1820)

Port.: apuim-de-cauda-amarela **Ingl.:** Golden-tailed Parrotlet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo na faixa costeira da Paraíba ao Rio de Janeiro. Registros para São Paulo e Ceará carecem de evidência documental.

Habitat: Habita os estratos médio e superior de florestas ombrófilas densas, geralmente abaixo dos 1500 metros de altitude.

Conservação: Mundial: VU.

Pionopsitta pileata (Scopoli, 1769)

Port.: cuiú-cuiú **Ingl.:** Red-capped Parrot

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécies e gênero endêmicos da Mata Atlântica, ocorrendo das montanhas do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Argentina.

Habitat: Habita os estratos médio e superior de diferentes formações florestais, geralmente abaixo dos 1500 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Pionus reichenowi Heine, 1844

Port.: maitaca-de-barriga-azul **Ingl.:** Reichenow's Parrot

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000)*.

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, restrita a áreas de baixada entre Pernambuco e o Espírito Santo. Ocorrência histórica no norte do Rio de Janeiro, embora provável, aparentemente carece de documentação inequívoca.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de florestas de terras baixas.

Conservação: Não é considerada ameaçada. A espécie atualmente é escassa em muitos dos locais que ocorria originalmente, tendo provavelmente sofrido significativa redução populacional por conta de destruição do habitat.

Pionus maximiliani (Kuhl, 1820)

Port.: maitaca-verde **Ingl.:** Scaly-headed Parrot

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *P. m. maximiliani* (Kuhl, 1820) e *P. m. melanoblepharus* Miranda-Ribeiro, 1920.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região leste da América do Sul, ocorrendo do nordeste do Brasil a Bolívia e Paraguai e para o sul até o norte da Argentina. Na Mata Atlântica, a forma nominal ocorre do Piauí ao norte de Minas Gerais e Espírito Santo, incluindo Ceará, Pernambuco e Alagoas, distribuindo-se ainda fora do domínio do Maranhão ao norte de Goiás. *P. m. melanoblepharus* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do Espírito Santo (ao sul do Rio Doce) ao norte do Rio Grande do Sul e também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Amazona vinacea (Kuhl, 1820)

Port.: papagaio-de-peito-roxo **Ingl.:** Vinaceous Parrot

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. De acordo com diferentes autores (e.g. Pinto 1978, Laubmann 1940), *A. v. paranaensis* Bertoni, 1927, que seria representada pelas populações da porção sul da distribuição da espécie, é morfologicamente inseparável da forma nominal, da qual deve, portanto, ser considerada sinônimo.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo historicamente do sul da Bahia ao norte do Rio Grande do Sul, estando restrita as porções interioranas do domínio. A aparente extinção da espécie na região central de São Paulo parece ter fragmentado suas populações em dois contingentes: um ao norte (do sul da Bahia ao extremo nordeste de São Paulo, incluindo Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro) e outro ao sul (do extremo sul de São Paulo ao norte do Rio Grande do Sul, incluindo Paraná, Santa Catarina, Paraguai e Argentina)

Habitat: Habita as bordas e os estratos médio e superior de florestas estacionais e ombrófila mista.

Conservação: Mundial: EN. Bra.: VU. Arg.: CR. Par.: EN.

Amazona pretrei (Temminck, 1830)

Port.: papagaio-charão **Ingl.:** Red-spectacled Parrot

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, com populações praticamente restritas aos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com ocorrência eventual na Argentina e Paraguai.

Habitat: Habita as bordas e os estratos médio e superior de florestas ombrófila mista, eventualmente também em florestas estacionais.

Conservação: Mundial: VU. Br: VU. Arg.: CR. Par.: EN.

Amazona farinosa (Boddaert, 1783)

Port.: papagaio-moleiro **Ingl.:** Mealy Parrot

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. f. farinosa* (Boddaert, 1783).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com populações esparsas ocorrendo do México ao sudeste do Brasil. Além da Mata Atlântica, a forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie na América do Sul e também no leste do Panamá. Populações da Mata Atlântica estão geograficamente isolada das demais, ocorrendo esparsamente do sul da Bahia ao norte de São Paulo, incluindo leste de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e os estratos médio e superior de florestas de terras baixas e eventualmente também em áreas de manguezais e restinga.

Conservação: Não ameaçada. Populações da Mata Atlântica atualmente estão restritas a poucas localidades tendo sofrido drástico declínio populacional principalmente por conta da destruição do habitat.

Amazona brasiliensis (Linnaeus, 1758)

Port.: papagaio-de-cara-roxa **Ingl.:** Red-tailed Parrot

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, com distribuição restrita a região litorânea entre o sul de São Paulo e norte de Santa Catarina, havendo também relatos históricos de sua ocorrência na região de Florianópolis.

Habitat: Habita as bordas e os estratos médio e superior de manguezais, restingas e florestas ombrófila densa de terras baixas.

Conservação: Mundial: VU. Bra: VU.

Amazona amazonica (Linnaeus, 1766)

Port.: chauá **Ingl.:** Red-browed Parrot

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região centro-leste e norte da América do Sul a leste dos Andes. Maior parte das populações da Mata Atlântica concentram-se na faixa litorânea entre o Rio Grande do Norte e São Paulo. Na Mata

Atlântica, atinge regiões mais interioranas do sul de Goiás ao oeste do Paraná, incluindo o oeste de Minas Gerais e noroeste de São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais, eventualmente também em áreas abertas com árvores esparsas. Populações da Mata Atlântica entre o nordeste brasileiro e o Rio de Janeiro estão restritas a florestas de terras baixa, manguezais e restinga arbórea.

Conservação: Não ameaçada.

Amazona rhodocorytha (Salvadori, 1890)

Port.: chauá **Ingl.:** Red-browed Parrot

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo de Alagoas ao litoral sul do Rio de Janeiro. Geralmente restrita a faixa litorânea, mas com ocorrência local em algumas regiões mais interioranas.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de florestas ombrófila densa de terras baixas e submontana, também em áreas de restinga arbórea.

Conservação: Mundial: EN. Bra: EN.

Amazona aestiva (Linnaeus, 1758)

Port.: papagaio-verdadeiro **Ingl.:** Blue-fronted Parrot

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. a. aestiva* (Linnaeus, 1758).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região central da América do Sul, ocorrendo do Maranhão a Bolívia e para o sul até norte da Argentina. A forma nominal distribui-se do Piauí ao nordeste do Paraná, incluindo a maior parte do centro do Brasil. Na Mata Atlântica, ocorre do Piauí ao limite sul do domínio, apresentando uma zona de integração com *A. a. xanthopteryx* (Berlepsch, 1896) no nordeste da Argentina e leste do Paraguai. Embora a espécie aprente estar expandindo sua distribuição pela Mata Atlântica favorecida pelo desmatamento, populações de algumas regiões, sobretudo no sudeste e sul do Brasil, são aparentemente resultantes de introduções de animais oriundos de cativeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas de diferentes formações florestais e áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Triclaria malachitacea (Spix, 1824)

Port.: sabiá-cica **Ingl.:** Blue-bellied Parrot

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica, ocorrendo principalmente nas serras litorâneas entre o sul da Bahia e o Rio Grande do Sul.

Habitat: Habita os estratos médio e superior de florestas ombrófila densa, geralmente abaixo dos 1200 metros de altitude.

Conservação: Mundial: NT.

Cuculiformes Wagler, 1830

Cuculidae Leach, 1820

Piaya cayana (Linnaeus, 1766)

Port.: alma-de-gato **Ingl.:** Squirrel Cuckoo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatorze subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *P. c. pallescens* (Cabanis & Heine, 1863) e *P. c. macroura* Gambel, 1849.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao norte da Argentina e Uruguai. Na Mata Atlântica, *P. c. pallescens* distribui-se do Piauí ao norte da Bahia, ocorrendo fora do domínio no Tocantins e extremo oeste da Bahia. *P. c. macroura* distribui-se na Mata Atlântica do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul e ainda no Paraguai e Argentina. Ocorrendo também por áreas de cerrado no centro do Brasil e ainda no Uruguai.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, também em áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e parques urbanos.

Conservação: Não ameaçada.

Coccyzus melacoryphus Vieillot, 1817

Port.: papa-lagarta-acanelado **Ingl.:** Dark-billed Cuckoo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul. Na Mata Atlântica, ocorre do leste de Minas Gerais e Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, Paraguai e Argentina. Aparentemente apenas como visitante reprodutivo, supostamente migrando para o interior do nordeste do Brasil e Amazônia após o período reprodutivo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, também em áreas abertas com árvores esparsas e vegetação arbustiva densa.

Conservação: Não ameaçada.

Coccyzus americanus (Linnaeus, 1758)

Port.: papa-lagarta-de-asa-vermelha **Ingl.:** Yellow-billed Cuckoo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída. Reproduz na América do Norte, do sudeste do Canadá ao México, migrando para América do Sul após o período reprodutivo, onde inverte na Colômbia ao norte da Argentina. Parece ser um visitante regular na Mata Atlântica, embora seus padrões de sazonalidade e distribuição no domínio não sejam completamente compreendidos.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, também em áreas abertas com árvores esparsas e vegetação arbustiva densa.

Conservação: Não ameaçada.

Coccyzus euleri Cabanis, 1873

Port.: papa-lagarta-de-euler **Ingl.:** Pearly-breasted Cuckoo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo centro e leste da América do Sul. Na Mata Atlântica, apresenta registros esparsos por todo o domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, também em áreas abertas com árvores esparsas e vegetação arbustiva densa.

Conservação: Não ameaçada.

Crotophaga major Gmelin, 1788

Port.: anu-coroca **Ingl.:** Greater Ani

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo da Colômbia ao norte da Argentina, e também no Panamá. Na Mata Atlântica, a espécie apresenta populações esparsas ocorrendo em brejos de altitude da região nordeste do Brasil, áreas de baixada entre o sul da Bahia e o sul do Rio de Janeiro, incluindo o leste de Minas Gerais, e por uma faixa contínua que vai do este de São Paulo ao oeste do Rio Grande do Sul e também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a mata ciliar e a borda de diferentes formações florestais próximo a rios e córregos, também em áreas de Restinga.

Conservação: Não ameaçada.

Crotophaga ani Linnaeus, 1758

Port.: anu-preto **Ingl.:** Smooth-billed Ani

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo no extremo sudeste dos EUA, sul da América Central, Antilhas e pela maior parte da América do Sul, da Colômbia ao centro da Argentina. Ocorre por toda a Mata Atlântica, sendo invasora em muitas áreas beneficiada pelo desmatamento.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita ambientes abertos incluindo desde pastagens a áreas com vegetação arbustiva densa. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas urbanas e rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Guira guira (Gmelin, 1788)

Port.: anu-branco **Ingl.:** Guira Cuckoo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo do extremo leste da Amazônia e Bolívia ao sul da Argentina. Ocorre

por toda a Mata Atlântica, sendo invasora em muitas áreas beneficiada pelo desmatamento, fato já relatado por Wied (1820).

Habitat: Na Mata Atlântica, habita ambientes abertos incluindo desde pastagens a áreas com vegetação arbustiva densa. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas urbanas e rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Tapera naevia (Linnaeus, 1766)

Port.: saci **Ingl.:** Striped Cuckoo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. n. naevia* (Linnaeus, 1766).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul do México ao centro da Argentina. Forma nominal distribui-se por toda a América do Sul, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, também em áreas abertas com vegetação arbustiva densa.

Conservação: Não ameaçada.

Dromococcyx phasianellus (Spix, 1824)

Port.: peixe-frito-verdadeiro **Ingl.:** Pheasant Cuckoo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul do México ao norte da Argentina. Na Mata Atlântica, a espécie possui pontos de ocorrência esparsos ao longo do domínio, desde a Bahia ao Rio Grande do Sul e também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Dromococcyx pavoninus Pelzeln, 1870

Port.: peixe-frito-pavonino **Ingl.:** Pavonine Cuckoo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo da Venezuela ao norte da Argentina e sul do Brasil. Na Mata Atlântica, a espécie parece ocorrer apenas na porção sul do domínio, com registros esparsos entre Minas Gerais e o Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Neomorphus geoffroyi (Temminck, 1820)

Port.: jacu-estalo **Ingl.:** Rufous-vented Ground-Cuckoo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *N. g. geoffroyi* (Temminck, 1820) e *N. g. dulcis* Sneath, 1927.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com populações esparsas ocorrendo da Nicarágua ao sudeste do Brasil. Ambas as subespécies com ocorrência na Mata Atlântica são endêmicas do domínio, estando restritas a faixa litorânea entre a Bahia e o norte do Rio de Janeiro. A forma nominal está restrita ao sudeste da Bahia, enquanto *N. g. dulcis* ocorre do norte do Espírito Santo e leste de Minas Gerais ao norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita unicamente o sub-bosque de florestas de terras baixas.

Conservação: Bra.: CR (*N. g. dulcis*). Categorização em qual também se enquadraria *N. g. geoffroyi*, que, no entanto, parece ter sido ignorado na referida lista. Não obstante, independente do status taxonômico das formas da Mata Atlântica a espécie encontra-se às margens da extinção no domínio, principalmente por conta da destruição de habitat.

Strigiformes Wagler, 1830

Tytonidae Mathews, 1912

Tyto alba (Scopoli, 1769)

Port.: coruja-da-igreja **Ingl.:** Barn Owl

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quarenta e seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. a. tuidara* (Gray, 1829).

Distribuição e biogeografia: Espécie cosmopolita. *T. a. tuidara* ocorre por toda Mata Atlântica e também por toda a América do Sul ao sul do rio Amazonas

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande variedade de ambientes, incluindo desde áreas urbanas a borda de florestas.

Conservação: Não ameaçada.

Strigidae Leach, 1820

Megascops choliba (Vieillot, 1817)

Port.: corujinha-do-mato **Ingl.:** Tropical Screech-Owl

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Nove subespécies reconhecidas, das quais três ocorrem na Mata Atlântica: *M. c. decussatus* (Lichtenstein, 1823), *M. c. choliba* (Vieillot, 1817) e *M. c. uruguayi* (Hekstra, 1982).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo da Costa Rica ao norte da Argentina, incluindo toda Mata Atlântica. *M. c. decussatus* distribui-se na Mata Atlântica do Piauí ao Rio de Janeiro e fora do domínio ocorre no Maranhão e por grande parte do interior do Brasil até Minas Gerais. *M. c. choliba* ocorre do sul da Bolívia ao nordeste da Argentina e parte do sudeste do Brasil, estando presente na Mata Atlântica em São Paulo, Rio de Janeiro?, Paraná, Mato Grosso do Sul e Paraguai. *M. c. uruguayensis* ocorre na Mata Atlântica em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Argentina e ainda no Uruguai .

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, também em áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Megascops atricapilla (Temminck, 1822)

Port.: corujinha-sapo **Ingl.:** Black-capped Screech-Owl

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo da Bahia a Santa Catarina, também no sul de Goiás, Paraguai e Argentina. População recentemente

descoberta na Mata Atlântica do nordeste (Alagoas e Pernambuco) encontra-se em estudo podendo representar um táxon novo (Sidnei Dantas com. pess).

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Arg.: VU.

Megascops sanctaecatarinae (Salvin, 1897)

Port.: corujinha-do-sul **Ingl.:** Long-tufted Screech-Owl

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita ao sul do Brasil, Argentina e Uruguai. Na Mata Atlântica, ocorre do Paraná ao Rio Grande do Sul e também na Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Arg. AM.

Pulsatrix perspicillata (Latham, 1790)

Port.: murucututu **Ingl.:** Spectacled Owl

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *P. p. perspicillata* (Latham, 1790) e *P. p. pulsatrix* (Wied, 1820).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao sul do Brasil e norte da Argentina. A forma nominal distribui-se da Venezuela ao norte da Bolívia, incluindo toda região Amazônica e o interior do Brasil, e na Mata Atlântica ocorre entre o Piauí e Alagoas. *P. p. pulsatrix* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo entre a Bahia e o Rio Grande do Sul, incluindo o Paraguai e a Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada. *P. p. pulsatrix* atualmente é conhecido de poucas localidades, não havendo registros recentes em grande parte de sua distribuição histórica, estando em situação conservacionista crítica.

Pulsatrix koeniswaldiana (Bertoni & Bertoni, 1901)

Port.: murucututu-de-barriga-amarela **Ingl.:** Tawny-browed Owl

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo entre o sul da Bahia e o Rio Grande do Sul e também no Paraguai e na Argentina.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Arg.: VU. Par.: EN.

Bubo virginianus (Gmelin, 1788)

Port.: jacurutu **Ingl.:** Great Horned Owl

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Doze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *B. v. nacurutu* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do Alasca e Canadá a Argentina. Registros de *B. v. nacurutu* na Mata Atlântica se concentram no Rio Grande do Sul e sul de Santa Catarina, próximo ao limite com os Campos Sulinos, e no leste de São Paulo e sudeste de Minas Gerais, próximo ao limite com o Cerrado. A espécie pode estar se beneficiando do desmatamento da Mata Atlântica para expandir sua distribuição.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com árvores esparsas e a borda de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Strix hylophila Temminck, 1825

Port.: coruja-listrada **Ingl.:** Rusty-barred Owl

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul e também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de florestas montanas e altomontanas. Na porção norte da distribuição (MG, RJ, SP) geralmente acima dos 1000 metros de altitude.

Conservação: Mundial.: NT. Bra. VU. Par.: AM.

Strix virgata (Cassin, 1849)

Port.: coruja-do-mato **Ingl.:** Mottled Owl

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. v. borelliana* (Bertoni, 1901).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao norte da Argentina e sul do Brasil. *S. v. borelliana* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul e também no Paraguai e Argentina. Subespécie das populações do nordeste brasileiro (Pernambuco e Alagoas) é ignorada.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Par.: AM.

Strix huhula Daudin, 1800

Port.: coruja-preta **Ingl.:** Black-banded Owl

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, uma ocorre na Mata Atlântica *S. h. albomarginata* (Spix, 1824).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes. *S. h. albomarginata* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Arg.: AM. Par.: AM.

Glaucidium mooreorum Silva, Coelho & Gonzaga, 2002

Port.: caburé-de-pernambuco **Ingl.:** Pernambuco Pygmy-Owl

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000).*

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Populações da Mata Atlântica atualmente descritas como pertencentes a esta espécie foram historicamente atribuídas a *Glaucidium hardyi* Vielliard, 1989.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica conhecida apenas de duas localidades em Pernambuco, sendo possível que ocorra em outras áreas dentro do Centro Pernambuco de endemismos.

Habitat: Espécie virtualmente desconhecida. Os poucos registros disponíveis foram realizados em florestas de terras baixas em áreas abaixo dos 150 metros de altitude, onde a espécie deve habitar os estratos médios e superior.

Conservação: Mundial.: CR.

Glaucidium minutissimum (Wied, 1830)

Port.: caburé-miudinho **Ingl.:** Least Pygmy-Owl

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia a Santa Catarina, incluindo o sul de Goiás, Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Glaucidium brasilianum (Gmelin, 1788)

Port.: caburé **Ingl.:** Ferruginous Pygmy-Owl

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Doze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *G. b. brasilianum* (Gmelin, 1788).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos EUA ao norte da Argentina e Uruguai. A forma nominal distribui-se do sul da Bolívia ao nordeste da Argentina e por todo Brasil com exceção do oeste da Amazônia. Ocorre em toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, também em áreas mais abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Athene cunicularia (Molina, 1782)

Port.: coruja-buraqueira **Ingl.:** Burrowing Owl

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Dezenove subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. c. grillaria* (Temminck, 1782).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul do Canadá a Terra do Fogo. *A. c. grillaria* distribui-se por toda Mata Atlântica e também por todo o Brasil com exceção do extremo norte e extremo sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita ambientes abertos com vegetação baixa, incluindo pastagens e até mesmo campos de futebol. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas urbanas e rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Aegolius harrisii (Cassin, 1849)

Port.: caburé-acanelado **Ingl.:** Buff-fronted Owl

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. h. iheringi* (Sharpe, 1899).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com população esparsas ocorrendo da Venezuela ao norte da Argentina e Uruguai, também no leste do Brasil. *A. h. iheringi* ocorre na Mata Atlântica do Ceará ao Rio Grande do Sul e também no Paraguai e Argentina. Fora do domínio distribui-se ainda do leste da Bolívia ao norte do Uruguai.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o estrato médio de diferentes formações florestais, sobretudo florestas estacionais.

Conservação: Não ameaçada.

Asio clamator (Vieillot, 1808)

Port.: coruja-orelhuda **Ingl.:** Striped Owl

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *A. c. clamator* (Vieillot, 1808) e *A. c. midas* (Schlegel, 1862).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul do México ao Uruguai e norte da Argentina. A forma nominal distribui-se da Colômbia e Venezuela ao centro e sudeste do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica do Piauí a São Paulo. *A. c. midas* ocorria originalmente do sul da Bolívia ao Uruguai e no sul do Brasil, estando presente na Mata Atlântica entre o Paraná? e o Rio Grande do Sul. Aparentemente a destruição de formações florestais da Mata Atlântica tem favorecido a expansão da distribuição de ambas as formas que atualmente devem se encontrar em contato no sul do Brasil.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com árvores esparsas e a borda de diferentes formações florestais. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Asio stygius (Wagler, 1832)

Port.: mocho-diabo **Ingl.:** Stygian Owl

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. s. stygius* (Wagler, 1832)

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com população esparsas ocorrendo do México ao norte da Argentina e sul do Brasil. *A. s. stygius* distribui-se por todo o Brasil e ainda no leste da Bolívia e nordeste da Argentina, ocorrendo na Mata Atlântica da Bahia ao Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Arg.: AM.

Asio flammeus (Pontoppidan, 1763)

Port.: mocho-dos-banhados **Ingl.:** Short-eared Owl

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Dez subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. f. suinda* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie cosmopolita. *A. f. suinda* distribui-se do sul do Peru a Terra do Fogo, incluindo o sudeste e sul do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica de Minas Gerais e sul de Goiás ao Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas, incluindo campos naturais e áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Caprimulgiformes Ridgway, 1881

Nyctibiidae Chenu & Des Murs, 1851

Nyctibius grandis (Gmelin, 1789)

Port.: mãe-da-lua-gigante **Ingl.:** Great Potoo

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *N. g. grandis* (Gmelin, 1789).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída ocorrendo do sul do México ao sudeste do Brasil. *N. g. grandis* ocorre da Nicarágua ao norte do Paraguai e sudeste do Brasil, distribuindo-se na Mata Atlântica historicamente aparentemente em duas populações disjuntas: do sul da Bahia ao norte do Rio de Janeiro e do sul de Goiás ao oeste de São Paulo. Populações do leste da Mata Atlântica aparentemente estão isoladas das demais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais, populações do leste da Mata Atlântica restritas a florestas de terras baixas e submontana.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Não obstante, populações da Mata Atlântica devem ter sofrido drástica redução populacional por conta da destruição do habitat.

Nyctibius aethereus (Wied, 1820)

Port.: mãe-da-lua-parda **Ingl.:** Long-tailed Potoo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *N. a. aethereus* (Wied, 1820)

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo norte da América do Sul, ocorrendo da Colômbia ao sul da Amazônia e com populações disjuntas no oeste da Colômbia e no leste do Brasil. A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica, onde ocorre do sul da Bahia ao Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior de diferentes formações florestais. Aparentemente dependente de florestas contínuas e bem conservadas.

Conservação: Arg.: VU. Par.: EN. A escassez de registros recentes ao longo da Mata Atlântica pode indicar que a forma nominal sofreu significativa redução populacional por conta de destruição do habitat, levando a extinção local em muitas das áreas onde ocorria historicamente.

Nyctibius griseus (Gmelin, 1789)

Port.: mãe-da-lua **Ingl.:** Common Potoo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *N. g. griseus* (Gmelin, 1789).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo da Nicarágua ao norte da Argentina ao Uruguai. *N. g. griseus* distribui-se pela América do Sul a leste dos Andes da Colômbia ao Uruguai, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, também em áreas abertas com árvores esparsas e até mesmo manguezais. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Nyctibius leucopterus (Wied, 1821)

Port.: urutau-de-asa-branca **Ingl.:** White-winged Potoo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela Amazônia com uma população disjunta no leste do Brasil. Na Mata Atlântica, está restrito ao sul da Bahia e norte do Espírito Santo. Populações da Mata Atlântica e da Amazônia podem representar táxons distintos e encontram-se em estudo (Mario Cohn-Haft com. pess.).

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de florestas de terras baixas.

Conservação: Não é considerada ameaçada. As populações da Mata Atlântica encontram-se ameaçadas pois sofreram drástica redução populacional por conta de destruição do habitat sendo conhecidas de poucas localidades atualmente após terem ficado quase 200 anos sem registro no domínio.

Caprimulgidae Vigors, 1825

Nyctiphrynus ocellatus (Tschudi, 1844)

Port.: bacurau-ocelado **Ingl.:** Ocellated Poorwill

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *N. o. ocellatus* (Tschudi, 1844).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com populações esparsas ocorrendo na América Central, oeste e sul da Amazônia e no do leste do Brasil ao Paraguai e Argentina. Forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie na América do Sul. Populações da Mata Atlântica estão geograficamente isolada das demais, ocorrendo da Bahia ao Paraná e também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Arg.: AM.

Antrostomus rufus (Boddaert, 1783)

Port.: João-corta-pau **Ingl.:** Rufous Nightjar

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *A. r. rufus* (Boddaert, 1783) e *A. r. rutilus* (Burmeister, 1856).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com populações esparsas ocorrendo da Costa Rica ao norte da Argentina. A forma nominal distribui-se do sul da Venezuela ao centro e nordeste do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica do Piauí a Bahia e Espírito Santo?. *A. r. rutilus* distribui-se no sudeste do Brasil e do leste da Bolívia a Argentina, ocorrendo na Mata Atlântica do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul e também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Antrostomus sericocaudatus Cassin, 1849

Port.: bacurau-rabo-de-seda **Ingl.:** Silky-tailed Nightjar

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. s. sericocaudatus* Cassin, 1849.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com populações esparsas ocorrendo no oeste e leste da Amazônia e do sudeste do Brasil ao Paraguai e Argentina. A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo de São Paulo ao norte do Rio Grande do Sul e também no Paraguai e Argentina. Apesar do Rio de Janeiro representar a localidade tipo da espécie não parecem existir mais evidências que comprovem sua ocorrência no estado.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Arg.: VU.

Lurocalis semitorquatus (Gmelin, 1789)

Port.: tuju **Ingl.:** Short-tailed Nighthawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante reprodutivo.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *L. s. nattereri* (Temminck, 1822).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com populações esparsas ocorrendo do México ao norte da Argentina. *L. s. nattereri* distribui-se do leste do Equador e

sul da Amazônia ao sul do Brasil e norte da Argentina. Ocorre por toda a Mata Atlântica como visitante reprodutivo, migrando aparentemente para Amazônia após o período reprodutivo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Hydropsalis vielliardi (Lencioni-Neto, 1994)

Port.: bacurau-do-são-francisco **Ingl.:** Bahian Nighthawk

Fontes: Whitney *et al.* (2003)

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região do Rio São Francisco no norte de Minas Gerais e oeste da Bahia. Embora considerada por diferentes autores como primariamente associada ao Cerrado (Lopes 2009) ou Caatinga (Whitney *et al.* 2003), sua aceitação como ave da Mata Atlântica encontra suporte no fato da espécie estar associada a florestas de galeria as margens do Rio São Francisco (Whitney *et al.* 2003), ambientes que tem sido tratados como parte do domínio da Mata Atlântica (IBGE 2008) estando dentro dos limites do domínio acatados no presente estudo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita florestas estacionais associadas ao curso do Rio São Francisco.

Conservação: Mundial: NT.

Hydropsalis albicollis (Gmelin, 1789)

Port.: bacurau **Ingl.:** Pauraque

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *H. a. albicollis* (Gmelin, 1789) e *H. a. derbyanus* (Gould, 1838).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos EUA ao norte da Argentina e Uruguai, incluindo todo o Brasil. *H. a. albicollis* distribui-se da Guatemala a Amazônia e nordeste do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica entre o Piauí e o Espírito Santo. *H. a. derbyanus* ocorre por todo o Brasil extra-amazônico e ainda do norte da Bolívia ao norte da Argentina e Uruguai, ocorrendo na Mata Atlântica entre o Rio de Janeiro e o limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Hydropsalis parvula (Gould, 1837)

Port.: bacurau-chintã **Ingl.:** Little Nightjar

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante reprodutivo*.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *H. p. parvula* (Gould, 1837).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo leste da América do Sul, ocorrendo do sul da Amazônia brasileira e norte da Bolívia ao norte da Argentina. Ocorre por toda a Mata Atlântica como visitante reprodutivo, migrando aparentemente para Amazônia e Caatinga? após o período reprodutivo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com árvores esparsas, também em áreas de restinga. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Hydropsalis hirundinacea (Spix, 1825)

Port.: bacurauzinho-da-caatinga **Ingl.:** Pygmy Nightjar

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *H. h. vielliardi* Ribon, 1995.

Distribuição e biogeografia: Espécie com grande parte da sua distribuição restrita a Caatinga do nordeste brasileiro e com uma população disjunta na Mata Atlântica representada pelo táxon *H. h. vielliardi* que é endêmico do domínio, ocorrendo do extremo leste de Minas Gerais ao sul do Espírito Santo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas com predomínio de lajes de pedra.

Conservação: Não ameaçada.

Hydropsalis longirostris (Bonaparte, 1825)

Port.: bacurau-da-telha **Ingl.:** Band-winged Nightjar

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *H. l. longirostris* (Bonaparte, 1825).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo no oeste, sul e leste da América do Sul. A forma nominal distribui-se do nordeste brasileiro ao nordeste da

Argentina e Uruguai, ocorrendo na Mata Atlântica do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com predomínio de lajes de pedra. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas urbanas onde repousa sobre os telhados.

Conservação: Não ameaçada.

Hydropsalis maculicauda (Lawrence, 1862)

Port.: bacurau-de-rabo-maculado **Ingl.:** Spot-tailed Nightjar

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo em populações esparsas do sul do México ao sudeste do Brasil. Na Mata Atlântica, ocorre esparsamente entre o Espírito Santo e São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas úmidas, incluindo desde campos alagados a taboais.

Conservação: Par.: AM.

Hydropsalis torquata (Gmelin, 1789)

Port.: bacurau-tesoura **Ingl.:** Scissor-tailed Nightjar

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *H. t. torquata* (Gmelin, 1789) e *H. t. furcifera* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo do Peru e Suriname ao Uruguai e norte da Argentina. *H. t. torquata* distribui-se do limite norte de distribuição da espécie até o sul do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica do Piauí a São Paulo *H. t. furcifera* distribui-se do leste da Bolívia ao norte da Argentina, Uruguai e sul do Brasil, atingindo a Mata Atlântica do Paraná ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com vegetação arbustiva, incluindo Restinga.

Conservação: Não ameaçada.

Hydropsalis forcipata (Nitzsch, 1840)

Port.: bacurau-tesoura-gigante **Ingl.:** Long-trained Nightjar

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul e também na Argentina.

Habitat: Habita áreas abertas naturais próximo a borda de florestas montanas e altomontanas, eventualmente encontrados ao longo de estradas de terra.

Conservação: Não ameaçada.

Chordeiles pusillus Gould, 1861

Port.: bacurauzinho **Ingl.:** Least Nighthawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. p. xerophilus* Dickerman, 1988.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo da Venezuela ao norte da Argentina. *C. p. xerophilus* está restrito ao nordeste Brasileiro, ocorrendo na Mata Atlântica entre o Piauí e o norte da Bahia. Há registros em Misiones, na Argentina, mas subespécie aparentemente ignorada (Cleere & Nurney 1998).

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com árvores esparsas, adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Arg.: EN.

Chordeiles nacunda (Vieillot, 1817)

Port.: corucão **Ingl.:** Nacunda Nighthawk

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. n. nacunda* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo do Colômbia e Venezuela ao centro da Argentina. A forma nominal distribui-se do sul da Amazônia ao limite sul de distribuição da espécie, com registros concentrados na Mata Atlântica entre Minas Gerais e Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul. Marginalmente também na Mata Atlântica do nordeste brasileiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com vegetação baixa. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e eventualmente também em áreas urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Chordeiles minor (Forster, 1771)

Port.: bacurau-norte-americano **Ingl.:** Common Nighthawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Nove subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. m. minor* (Forster, 1771). É possível que mais de uma forma atinja a Mata Atlântica durante as migrações da espécie, mas particularidades sobre a migração de cada subespécie são virtualmente desconhecidas.

Distribuição e biogeografia: Reproduz na América do Norte e América Central, entre o Canadá e o Panamá. migrando para a América do Sul após o período reprodutivo, com registros entre a Colômbia e Venezuela e o centro da Argentina. Na Mata Atlântica, a espécie possui registros esparsos concentrados nas regiões sudeste e sul do Brasil e também na Argentina e Paraguai.

Habitat: Na Mata Atlântica, repousa nos estratos médios e superior de diferentes formações florestais, podendo ainda ser encontrando em uma grande variedade de ambientes que sobrevoa caçando a grande altura.

Conservação: Não ameaçada.

Chordeiles acutipennis (Hermann, 1783)

Port.: bacurau-de-asa-fina **Ingl.:** Lesser Nighthawk

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. a. acutipennis* (Hermann, 1783).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos EUA ao sudeste do Brasil. Forma nominal ocorre por grande parte da América do Sul a leste dos Andes. Na Mata Atlântica, registros se concentram entre o nordeste do Brasil e o Paraná, também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, repousa nos estratos médios e superior na borda de diferentes formações florestais, podendo ainda ser encontrando em uma grande variedade de ambientes que sobrevoa caçando. Eventualmente encontrado em áreas rurais e urbanas, onde pode repousar sobre o telhado de habitações.

Conservação: Não ameaçada.

Apodiformes Peters, 1940

Apodidae Olphe-Galliard, 1887

Cypseloides fumigatus (Streubel, 1848)

Port.: taperuçu-preto **Ingl.:** Sooty Swift

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Distribui-se pelo leste do Brasil, Ceará ao Rio Grande do Sul, Paraguai e Argentina, ocorrendo também no leste da Bolívia. Na Mata Atlântica, os registros se concentram de Minas Gerais e Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, geralmente encontrado próximo a cascatas, onde nidifica, mas pode ser encontrando sobrevoando uma grande variedade de ambientes.

Conservação: Arg.: VU.

Cypseloides senex (Temminck, 1826)

Port.: taperuçu-velho **Ingl.:** Great Dusky Swift

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo Brasil, Paraguai e Argentina, ocorrendo ainda no leste da Bolívia. Na Mata Atlântica, os registros concentram-se entre a Bahia e o Rio Grande do Sul, também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, geralmente encontrado próximo a cascatas, onde nidifica, mas pode ser encontrando sobrevoando uma grande variedade de ambientes.

Conservação: Não ameaçada.

Streptoprocne zonaris (Shaw, 1796)

Port.: taperuçu-de-coleira-branca **Ingl.:** White-collared Swift

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Nove subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. z. zonaris* (Shaw, 1796).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul do México a Argentina. *S. z. zonaris* distribui-se por grande parte do Brasil extra-amazônico e também do leste da Bolívia a Argentina. Na Mata Atlântica, seus registros se concentram entre a Bahia e o Rio Grande do Sul e também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, pode ser encontrado sobrevoando uma grande variedade de ambientes, que incluem desde o centro de grandes cidades a áreas florestadas. Repousa e nidifica em grutas e cavernas.

Conservação: Não ameaçada.

Streptoprocne biscutata (Sclater, 1866)

Port.: taperuçu-de-coleira-falha **Ingl.:** Biscutate Swift

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial..

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. b. biscutata* (Sclater, 1866).

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região leste do Brasil, com uma população disjunta na região da Chapa dos Guimarães, Paraguai e Argentina. Registros na Mata Atlântica se concentram entre Minas Gerais e Espírito Santo e o Rio Grande do Sul, também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, pode ser encontrado sobrevoando uma grande variedade de ambientes, que incluem desde o centro de grandes cidades a áreas florestadas. Repousa e nidifica em grutas e cavernas.

Conservação: Não ameaçada.

Chaetura spinicaudus (Temminck, 1839)

Port.: andorinhão-de-sobre-branco **Ingl.:** Band-rumped Swift

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. spinicaudus* (Temminck, 1839). Populações da Mata Atlântica e da Amazônia podem representar táxons distintos e encontram-se em estudo (Vitor Piacentini com. pess.).

Distribuição e biogeografia: Espécie com populações esparsas no sul da América Central e norte da América do Sul. Apresenta uma população disjunta na Mata Atlântica do nordeste do Brasil, em Pernambuco e Alagoas.

Habitat: Na Mata Atlântica, a espécie encontra-se restrita a florestas de terras baixas.

Conservação: Não é considerada ameaçada. No entanto, a população da Mata Atlântica é virtualmente desconhecida e com registros recentes restritos a poucas localidades, tendo sofrido drástico declínio populacional por destruição do habitat.

Chaetura cinereiventris Sclater, 1862

Port.: andorinhão-de-sobre-cinzentos **Ingl.:** Gray-rumped Swift

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. c. cinereiventris* Sclater, 1862.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com populações esparsas ocorrendo na América Central, norte da América do Sul e no leste do Brasil. A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul e também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, é encontrado sobrevoando diferentes formações florestais, sendo aparentemente mais abundante em áreas de floresta ombrófila densa.

Conservação: Não ameaçada.

Chaetura meridionalis Hellmayr, 1907

Port.: andorinhão-do-temporal **Ingl.:** Sick's Swift

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz no leste do Brasil, Paraguai e Argentina, migrando para o norte da Amazônia após o período reprodutivo. Ocorre por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, pode ser encontrado sobrevoando uma grande variedade de ambientes, que incluem desde o centro de grandes cidades a áreas florestadas.

Conservação: Não ameaçada.

Tachornis squamata (Cassin, 1853)

Port.: andorinhão-do-buriti **Ingl.:** Fork-tailed Palm-Swift

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. s. orientalis* Pinto & Camargo, 1961. Subespécie ignorada por algumas fontes recentes (Chantler 1999)

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo da Colômbia e Venezuela ao nordeste e centro do Brasil. Penetra a região núcleo da Mata Atlântica apenas em áreas próximas ao litoral entre a Paraíba e Alagoas.

Habitat: Na Mata Atlântica, pode ser encontrado sobrevoando uma grande variedade de ambientes, que incluem desde áreas urbanas a áreas florestadas.

Conservação: Não ameaçada.

Panyptila cayennensis (Gmelin, 1789)

Port.: andorinhão-estofador **Ingl.:** Lesser Swallow-tailed Swift

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. c. cayennensis* (Gmelin, 1789).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com população esparsas ocorrendo do México ao sudeste do Brasil. *P. c. cayennensis* ocorre em populações esparsas entre Honduras e o limite sul de distribuição da espécie. Populações da Mata Atlântica geograficamente separada das demais ocorrendo na faixa costeira entre Pernambuco e São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, está restrito a áreas florestadas, sendo as populações da região sudeste do Brasil encontradas, sobretudo em regiões de floresta ombrófila densa.

Conservação: Não ameaçada.

Trochilidae Vigors, 1825

Ramphodon naevius (Dumont, 1818)

Port.: beija-flor-rajado **Ingl.:** Saw-billed Hermit

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul do Espírito Santo a Santa Catarina. A espécie é a única representante do gênero, o qual também deve ser considerado endêmico da Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o sub-bosque de florestas ombrófila densa de terras baixas e submontana.

Conservação: Mundial: NT.

Glaucis dohrnii (Bourcier & Mulsant, 1852)

Port.: balança-rabo-canela **Ingl.:** Hook-billed Hermit

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, com distribuição restrita ao sul da Bahia e norte do Espírito Santo.

Habitat: Restrita a florestas de terras baixas.

Conservação: Mundial: EN. Bra.: EN.

Glaucis hirsutus (Gmelin, 1788)

Port.: balança-rabo-de-bico-torto **Ingl.:** Rufous-breasted Hermit

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *G. h. hirsutus* (Gmelin, 1788).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo na América do Sul a leste dos Andes entre o Panamá e o sudeste do Brasil. A forma nominal distribui-se pela maior parte da distribuição da espécie, com exceção de Trinidad e Tobago. Ocorre na Mata Atlântica entre o Ceará e o Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o sobosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Phaethornis squalidus (Temminck, 1822)

Port.: rabo-branco-pequeno **Ingl.:** Dusky-throated Hermit

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul do Espírito Santo e leste de Minas Gerais a Santa Catarina.

Habitat: Habita a borda e o sub-bosque de florestas ombrófila densa. Geralmente abaixo dos 900 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Phaethornis idaliae (Bourcier & Mulsant, 1856)

Port.: rabo-branco-mirim **Ingl.:** Minute Hermit

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia ao norte do Rio de Janeiro, incluindo o leste de Minas Gerais.

Habitat: Habita a borda e o sub-bosque de florestas de terras baixa.

Conservação: Não ameaçada.

Phaethornis ruber (Linnaeus, 1758)

Port.: rabo-branco-rubro **Ingl.:** Reddish Hermit

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. r. ruber* (Linnaeus, 1758).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo do sul da Colômbia e Venezuela ao sudeste do Brasil. A forma nominal distribui-se do sudeste do Peru ao Suriname, incluindo grande parte da Amazônia Brasileira, e leste do Brasil. Ocorre por grande parte da Mata Atlântica, meridionalmente até o sul de São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Phaethornis pretrei (Lesson & Delattre, 1839)

Port.: rabo-branco-acanelado **Ingl.:** Planalto Hermit

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo leste e centro do Brasil, e do leste da Bolívia ao Paraguai e nordeste da Argentina. Ocorre por toda a Mata Atlântica, no sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) apenas no interior.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Phaethornis eurynome (Lesson, 1832)

Port.: rabo-branco-de-garganta-rajada **Ingl.:** Scale-throated Hermit

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia ao norte do Rio Grande do Sul, incluindo o Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita a borda e o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Phaethornis camargoi Grantsau, 1988

Port.: Ingl.:

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000).*

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Tradicionalmente considerado uma subespécie de *Phaethornis margarettae* Ruschi, 1972, análises recentes, no entanto, demonstram que representa uma espécie independente (Piacentini 2011).

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, restrita a Pernambuco e Alagoas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de florestas de terras baixas.

Conservação: Brasil: EN.

Phaethornis margarettae Ruschi, 1972

Port.: rabo-branco-de-margarette **Ingl.:** Margaretta's Hermit

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000).*

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, com distribuição restrita ao leste da Bahia e norte do Espírito Santo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de florestas de terras baixas.

Conservação: Brasil: EN.

Campylopterus diamantinensis Ruschi, 1963

Port.: Ingl.:

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Análises recentes demonstraram que, embora tradicionalmente considerado uma subespécie de *Campylopterus largipennis* (Boddaert, 1783), o táxon em questão representa uma espécie a parte (Lopes 2009).

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, restrita ao trecho mineiro da Cadeia do Espinhaço.

Habitat: Habita áreas de campos rupestres.

Conservação: Não ameaçada.

Eupetomena macroura (Gmelin, 1788)

Port.: beija-flor-tesoura **Ingl.:** Swallow-tailed Hummingbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais três ocorrem na Mata Atlântica: *E. m. macroura* (Gmelin, 1788), *E. m. simoni* (Hellmayr, 1929) e *E. m. cyanoviridis* (Grantsau, 1988).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo centro e leste da América do Sul, ocorrendo das Guianas ao sul do Brasil e do sul do Peru e Bolívia ao nordeste da Argentina. A forma nominal distribui-se do leste da Amazônia a Argentina, incluindo todo o centro do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica de Minas Gerais e Espírito Santo ao Paraguai e Argentina. *E. m. simoni* distribui-se do leste do Maranhão a Bahia, ocorrendo na Mata Atlântica do Piauí a Bahia. *E. m. cyanoviridis* é endêmica da Mata Atlântica, estando restrita a Serra do Mar entre São Paulo e o norte do Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambiente alterados ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Aphantochroa cirrochloris (Vieillot, 1818)

Port.: beija-flor-cinza **Ingl.:** Sombre Hummingbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita ao leste e centro do Brasil. Ocorre na Mata Atlântica de Pernambuco ao Rio Grande do Sul. Quase endêmica. Embora considerada endêmica do domínio por autores anteriores, sua ocorrência em áreas no centro e norte de Goiás não sustenta seu tratamento como tal. Não obstante, a história biogeográfica desse gênero monoespecífico parece estar intimamente relacionada com a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Florisuga fusca (Vieillot, 1817)

Port.: beija-flor-preto **Ingl.:** Black Jacobin

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região leste do Brasil, Paraguai, Argentina e também no Uruguai, ocorrendo por toda a Mata Atlântica. Realiza movimentos migratórios pouco conhecidos com registros próximo ao limite sul da distribuição concentrados nos meses de outono e inverno, concomitantemente quase desaparece de algumas regiões mais

setentrionais (e.g. Rio de Janeiro) durante esse período, retornando apenas na primavera, verão.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais

Conservação: Não ameaçada.

Colibri delphinae (Lesson, 1839)

Port.: beija-flor-marrom **Ingl.:** Brown Violetear Brown Violetear

Fontes: Sick (1997).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. A subespécie *C. d. greenewalti* Ruschi, 1962, que seria endêmica da Mata Atlântica, é apontada por autores recentes como sendo morfologicamente indiferenciável da forma nominal (Bonan. 1999).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela sul da América Central, norte dos Andes e região dos Tepuis, apresentando ainda uma população disjunta no nordeste do Brasil. Na Mata Atlântica, a espécie é restrita a áreas de Campos Rupestres da região da Chapa Diamantina na Bahia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas de Campos Rupestres.

Conservação: Não ameaçada.

Colibri serrirostris (Vieillot, 1816)

Port.: beija-flor-de-orelha-violeta **Ingl.:** White-vented Violetear

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região centro-leste da América do Sul, ocorrendo no centro, sudeste e sul do Brasil e também na Bolívia, Paraguai e norte da Argentina. Na Mata Atlântica, distribui-se entre a Bahia e o Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com vegetação arbustiva, incluindo áreas de Campos de Altitude, Campos Rupestres e eventualmente também em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Anthracothonax nigricollis (Vieillot, 1817)

Port.: beija-flor-de-veste-preta **Ingl.:** Black-throated Mango

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo do Panamá ao norte da Argentina e Uruguai. Distribui-se por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Chrysolampis mosquitus (Linnaeus, 1758)

Port.: beija-flor-vermelho **Ingl.:** Ruby-topaz Hummingbird

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo norte e nordeste da América do Sul, ocorrendo do Panamá ao sudeste do Brasil. Na Mata Atlântica, registros se concentram entre o Piauí e Espírito Santo, eventualmente atingindo áreas mais ao sul, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com vegetação arbustiva.

Conservação: Não ameaçada.

Stephanoxis lalandi (Vieillot, 1818)

Port.: beija-flor-de-topete **Ingl.:** Plovercrest

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Análises recentes demonstraram que *S. loddigesii* (Gould, 1831) embora tradicionalmente considerado uma subespécie de *S. lalandi*, representa uma espécie a parte (Silveira & Vasconcelos em prep.)

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do Espírito Santo ao norte de São Paulo, incluindo sul de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Habitat: Habita a borda de florestas montanas e altomontanas e áreas de Campos de Altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Stephanoxis loddigesii (Gould, 1831)

Port.: **Ingl.:**

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000)*.

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Análises recentes demonstraram que, embora tradicionalmente considerado uma subespécie de *S. lalandi* (Vieillot, 1818), o táxon em questão representa uma espécie a parte (Silveira & Vasconcelos em prep.).

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul de São Paulo ao Rio Grande do Sul e também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita a borda de diferentes formações florestais, ocorrendo, inclusive, próximo ao nível do mar no inverno.

Conservação: Não ameaçada.

Lophornis magnificus (Vieillot, 1817)

Port.: topetinho-vermelho **Ingl.:** Frilled Coquette

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita ao nordeste, centro e leste do Brasil. Ocorre na Mata Atlântica entre Pernambuco e São Paulo. A espécie parece realizar movimentos migratórios pouco conhecidos, com registros no interior concentrados nos meses de outono e inverno.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Lophornis chalybeus (Vieillot, 1822)

Port.: topetinho-verde **Ingl.:** Festive Coquette

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *L. c. chalybeus* (Vieillot, 1822).

Distribuição e biogeografia: Apresenta populações disjuntas ocorrendo no sul da Venezuela, entre o sul da Colômbia e o oeste da Amazônia e no sudeste do Brasil. A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica ocorrendo do Espírito Santo e Minas Gerais e a Santa Catarina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de florestas ombrófila densa.

Conservação: Não ameaçada.

Discosura langsdorffi (Temminck, 1821)

Port.: rabo-de-espinho **Ingl.:** Black-bellied Thorntail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *D. l. langsdorffi* (Temminck, 1821)

Distribuição e biogeografia: Distribui-se em duas populações disjuntas: noroeste da América do Sul (do sul da Colômbia e Venezuela ao leste do Equador e sul da Amazônia) e leste do Brasil, onde é representada pela forma nominal que é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo entre a Bahia e o Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de florestas de terras baixas e submontana.

Conservação: Bra.: VU (*D. l. langsdorffi*)

Discosura longicaudus (Gmelin, 1788)

Port.: bandeirinha **Ingl.:** Racket-tailed Coquette

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Distribui-se em duas populações disjuntas: extremo nordeste da América do Sul, entre o sul da Venezuela e Amapá, e na Mata Atlântica entre o Rio Grande do Norte e o Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, a borda e as copas de florestas de terras baixas e submontanas.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Não obstante, registros recentes da espécie na Mata Atlântica estão restritos a poucas localidades, tendo certamente sofrido significativo declínio populacional por conta de destruição do habitat.

Chlorostilbon notatus (Reich, 1793)

Port.: beija-flor-de-garganta-azul **Ingl.:** Blue-chinned Sapphire

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. n. notatus* (Reich, 1793).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo nordeste da América do Sul, incluindo toda região amazônica. Forma nominal distribui-se junto a faixa litorânea entre o noroeste da Colômbia e a costa do Brasil. Distribui-se na Mata Atlântica do limite norte de distribuição do domínio até o norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata.

Conservação: Não ameaçada.

Chlorostilbon lucidus (Shaw, 1812)

Port.: besourinho-de-bico-vermelho **Ingl.:** Glittering-bellied Emerald

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *C. l. pucheranii* (Bourcier & Mulsant, 1848) e *C. l. berlepschi* Pinto, 1938.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo centro e leste do Brasil e também da Bolívia ao norte da Argentina e Uruguai. *C. l. pucherani* distribui-se por grande parte do leste do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica entre o Piauí e o Paraná. *C. l. berlepschi* distribui-se no sul do Brasil, Argentina e Uruguai, ocorrendo na Mata Atlântica em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e na Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e áreas abertas com vegetação arbustiva. Adapta-se a ambiente alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Thalurania watertonii (Bourcier, 1847)

Port.: beija-flor-de-costas-violetas **Ingl.:** Long-tailed Woodnymph

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo em Pernambuco, Alagoas e Sergipe, incluindo ao sul do Rio São Francisco (Pacheco & Whitney 1995).

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Mundial: NT. Bra: VU.

Thalurania glaucopis (Gmelin, 1788)

Port.: beija-flor-de-frente-violeta **Ingl.:** Violet-capped Woodnymph

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo entre o Sergipe e o Rio Grande do Sul, também no Paraguai e Argentina e no extremo norte do Uruguai.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Hylocharis sapphirina (Gmelin, 1788)

Port.: beija-flor-safira **Ingl.:** Rufous-throated Sapphire

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela Amazônia, onde ocorre do sul da Venezuela e Colômbia ao norte do Mato Grosso. Apresenta ainda uma população disjunta na Mata Atlântica que ocorre de Alagoas ao norte do Paraná e também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais. Geralmente abaixo dos 400 metros de altitude, sobretudo no norte da sua área de ocorrência no domínio.

Conservação: Não ameaçada.

Hylocharis cyanus (Vieillot, 1818)

Port.: beija-flor-roxo **Ingl.:** White-chinned Sapphire

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *H. c. cyanus* (Vieillot, 1818) e *H. c. griseiventris* Grantsau, 1988.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo norte da América do Sul, ocorrendo no norte da Colômbia e Venezuela e por toda região amazônica, possuindo ainda uma população disjunta no leste do Brasil. Ambas as formas ocorrentes na Mata Atlântica são endêmicas do domínio. *H. c. cyanus* distribui-se de Pernambuco ao Rio de Janeiro, enquanto *H. c. griseiventris* ocorre em São Paulo e no Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, distribui-se na borda e nos estratos médio e superior de florestas de terras baixas e submontanas

Conservação: Não ameaçada.

Hylocharis chrysura (Shaw, 1812)

Port.: beija-flor-dourado **Ingl.:** Gilded Hummingbird

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região meridional da América do Sul ocorrendo do leste da Bolívia e sul do Brasil ao norte da Argentina. Ocorre na Mata Atlântica

por uma faixa interiorana que vai do sul de Goiás e oeste de São Paulo ao Rio Grande do Sul, onde atinge o litoral. Também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, principalmente de florestas estacionais. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Leucochloris albicollis (Vieillot, 1818)

Port.: beija-flor-de-papo-branco **Ingl.:** White-throated Hummingbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo sudeste da América do Sul, ocorrendo do leste da Bolívia e sudeste do Brasil ao norte da Argentina. Na Mata Atlântica, ocorre do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul e também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, estando restrita a altitudes mais elevadas no norte de sua área de ocorrência no domínio.

Conservação: Não ameaçada.

Polytmus guainumbi (Pallas, 1764)

Port.: beija-flor-de-bico-curvo **Ingl.:** White-tailed Goldenthrout

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. g. thaumantias* (Linnaeus, 1766).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, apresentando duas populações aparentemente disjuntas: uma nordeste da América do Sul (leste da Colômbia ao Amapá) e do leste do Peru e da Bolívia ao norte da Argentina e todo o Brasil extra-amazônico, representada por *P. g. thaumantias*. Registros na Mata Atlântica se concentram entre o Piauí e o interior de São Paulo e Paraná, ocorrendo também no Paraguai e na Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com vegetação arbustiva, incluindo áreas úmidas.

Conservação: Arg.: VU..

Amazilia leucogaster (Gmelin, 1788)

Port.: beija-flor-de-barriga-branca **Ingl.:** Plain-bellied Emerald

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *A. l. leucogaster* (Gmelin, 1788) e *A. l. bahiae* (Hartert, 1899).

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região costeira entre o leste da Venezuela e o sudeste do Brasil. *A. l. leucogaster* ocorre na Mata Atlântica no Ceará e Rio Grande do Norte?. *A. l. bahiae* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo da Paraíba? e Pernambuco ao norte do Espírito Santo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita manguezais e áreas de restinga.

Conservação: Não ameaçada.

Amazilia versicolor (Vieillot, 1818)

Port.: beija-flor-de-banda-branca **Ingl.:** Versicolored Emerald

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais três ocorrem na Mata Atlântica: *A. v. versicolor* (Vieillot, 1818), *A. v. nitidifrons* (Gould, 1860) e *A. v. kubtchecki* (Ruschi, 1959).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, apresentando populações esparas entre o leste da Colômbia e Venezuela e o sul do Brasil. *A. v. nitidifrons* distribui-se no extremo leste da Amazônia e com populações isoladas na Mata Atlântica no Piauí e Ceará. A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo de Minas Gerais e Espírito Santo ao Rio Grande do Sul. *A. v. kubtchecki* ocorre do leste da Bolívia e Goiás ao leste do Paraguai e Misiones.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais

Conservação: Não ameaçada.

Amazilia fimbriata (Gmelin, 1788)

Port.: beija-flor-de-garganta-verde **Ingl.:** Glittering-throated Emerald

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *A. f. nigricauda* (Elliot, 1878) e *A. f. tephrocephala* (Vieillot, 1818). Ambas as formas tem sido tratadas como espécies plenas por alguns autores (e.g. Grantsau 2010).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, com populações esparsas ocorrendo do norte da Colômbia e Venezuela ao sul do Brasil. *A. f. nigricauda* ocorre do sul da Amazônia ao leste da Bolívia e no centro e nordeste do Brasil, atingindo a Mata Atlântica na faixa costeira entre o Ceará e o norte da Bahia. *A. f.*

tephrocephala é endêmico da Mata Atlântica, estando restrito a faixa costeira entre o Espírito Santo e o Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, áreas abertas com árvores esparsas e áreas de Restinga (especialmente *A. f. tephrocephala*).

Conservação: Não ameaçada.

Amazilia lactea (Lesson, 1832)

Port.: beija-flor-de-peito-azul **Ingl.:** Sapphire-spangled Emerald

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. l. lactea* (Lesson, 1832).

Distribuição e biogeografia: Distribui-se em três populações disjuntas: sul da Venezuela, do sul do Peru ao norte da Bolívia e ao Acre e no centro-leste do Brasil. Ocorre na Mata Atlântica entre a Bahia e o Paraná

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Clytolaema rubricauda (Boddaert, 1783)

Port.: beija-flor-rubi **Ingl.:** Brazilian Ruby

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica, ocorrendo das montanhas do sul da Bahia ao Paraná, com registros isolados para o Rio Grande do Sul.

Habitat: Habita a borda de diferentes formações florestais, no norte da sua área de ocorrência (Bahia ao Rio de Janeiro e Minas Gerais) geralmente associada a florestas montanas e altomontanas.

Conservação: Não ameaçada.

Augastes scutatus (Temminck, 1824)

Port.: beija-flor-de-gravata-verde **Ingl.:** Hyacinth Visorbearer

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. As subespécies *A. s. soaresi* Ruschi, 1963 e *A. s. ilseae* Grantsau, 1967 foram sinonimizadas nominal por autores recentes (Abreu 2006 e Lopes 2009).

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a porção meridional da Serra do Espinhaço em Minas Gerais, por isso considerada endêmica da Mata Atlântica.

Habitat: Restrita a áreas de Campos Rupestres.

Conservação: Mundial: NT.

Augastes lumachella (Lesson, 1838)

Port.: beija-flor-de-gravata-vermelha **Ingl.:** Hooded Visorbearer

Fontes: Vasconcelos (2008)

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, restrita a porção setentrional da Serra do Espinhaço na Bahia.

Habitat: Restrita a áreas de Campos Rupestres.

Conservação: Mundial: NT.

Heliothryx auritus (Gmelin, 1788)

Port.: beija-flor-de-bochecha-azul **Ingl.:** Black-eared Fairy

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *H. a. auriculata* (Nordmann, 1835).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída por toda região Amazônica, ocorrendo também no leste do Brasil. Na Mata Atlântica, apresenta populações aparentemente esparsas entre Pernambuco e o Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Heliomaster squamosus (Temminck, 1823)

Port.: bico-reto-de-banda-branca **Ingl.:** Stripe-breasted Starthroat

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita ao leste do Brasil. Registros na área núcleo da Mata Atlântica se concentram na região Sudeste entre o leste de Minas Gerais e São Paulo. Em regiões mais próximas ao litoral presença da espécie parece estar relacionada com movimentos migratórios pouco compreendidos.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Heliomaster furcifer (Shaw, 1812)

Port.: bico-reto-azul **Ingl.:** Blue-tufted Starthroat

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região centro sul da América do Sul, ocorrendo do leste da Bolívia e Mato Grosso ao norte da Argentina e Uruguai. Na Mata Atlântica, os registros se concentram na região interiorana entre o sul de Goiás e o oeste do Rio Grande do Sul, incluindo o Paraguai e a Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com árvores esparsas.

Conservação: Não ameaçada.

Calliphlox amethystina (Boddaert, 1783)

Port.: estrelinha-ametista **Ingl.:** Amethyst Woodstar

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo do leste da Venezuela e Colômbia ao sul do Brasil, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Arg.: AM.

Trogoniformes A. O. U., 1886

Trogonidae Lesson, 1828

Trogon viridis Linnaeus, 1766

Port.: surucuá-grande-de-barriga-amarela **Ingl.:** White-tailed Trogon

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *T. v. viridis* Linnaeus, 1766 e *T. v. melanopterus* Swainson 1838.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo norte da América do Sul, ocorrendo do sul do Panamá a Amazônia brasileira, e com populações isoladas na Mata Atlântica. A forma nominal distribui-se por toda a região amazônica e, de acordo com Pinto (1978), isoladamente no nordeste do Brasil (Alagoas). *T. v. melanopterus* é endêmico da Mata Atlântica, ocorrendo da Bahia ao Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e estratos médio e superior de florestas de terras baixas e submontana.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Registros recentes de *T. v. melanopterus* na Mata Atlântica são muito escassos e suas populações devem estar sob alto grau de ameaça.

Trogon surrucura Vieillot, 1817

Port.: surucuá-variado **Ingl.:** Surucua Trogon

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *T. s. aurantius* Spix, 1824 e *T. s. surrucura* Vieillot, 1817

Distribuição e biogeografia: Ocorre no centro-leste e sul do Brasil, Paraguai, Argentina e extremo norte do Uruguai. A forma nominal ocorre na Mata Atlântica do sul de Goiás e noroeste de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul, Paraguai e Argentina. Atinge fora do domínio o norte de Goiás e extremo sul do Tocantins e também o sudoeste do Rio Grande do Sul e extremo norte do Uruguai. *T. s. aurantius* é endêmico da Mata Atlântica ocorrendo entre a Chapada Diamantina, na Bahia, e o sul do Rio de Janeiro e de Minas Gerais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Trogon curucui Linnaeus, 1766

Port.: surucuá-de-barriga-vermelha **Ingl.:** Blue-crowned Trogon

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. c. curucui* Linnaeus, 1766.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo do sul da Colômbia e leste do Equador ao norte da Argentina, sul da

Amazônia, centro e nordeste do Brasil. A forma nominal distribui-se pelo centro e nordeste do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica em brejos de altitude do nordeste e na região costeira entre o Ceará e o norte da Bahia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Trogon rufus Gmelin, 1788

Port.: surucuá-de-barriga-amarela **Ingl.:** Black-throated Trogon

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. r. chrysochloros* Pelzeln, 1856.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída ocorrendo de Honduras ao oeste da Colômbia e Equador e, a leste dos Andes, por toda região Amazônica e disjuntamente também na Mata Atlântica. *T. r. chrysochloros* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Subespécie das populações das florestas litorâneas de Pernambuco e Alagoas aparentemente ignorada.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada. Registros recentes das populações de Pernambuco e Alagoas são muito escassos e suas populações devem estar sob alto grau de ameaça.

Trogon collaris Vieillot, 1817

Port.: surucuá-de-coleira **Ingl.:** Collared Trogon

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Nove subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. c. eytoni* Fraser, 1857.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao oeste da Colômbia e Equador e, a leste dos Andes, por toda região Amazônica. Apresenta também uma população isolada na Mata Atlântica, representada por *T. c. eytoni* que é endêmica do domínio, ocorrendo historicamente em Alagoas? E da Bahia ao Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e estratos médio de florestas de terras baixas.

Conservação: Não é considerada ameaçada. A espécie é conhecida de pouquíssimas localidades com registros recentes na Mata Atlântica, tendo provavelmente sofrido drástica

reduções populacionais por conta da destruição do habitat e estando seriamente ameaçada de extinção no domínio.

Coraciiformes Forbes, 1844

Alcedinidae Rafinesque, 1815

Megaceryle torquata (Linnaeus, 1766)

Port.: martim-pescador-grande **Ingl.:** Ringed Kingfisher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. t. torquata* (Linnaeus, 1766).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída ocorrendo do sul dos EUA a Terra do Fogo. A forma nominal distribui-se do limite norte de distribuição da espécie ao Uruguai e norte da Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as margens de rios, lagoas, manguezais e demais corpos d'água.

Conservação: Não ameaçada.

Chloroceryle amazona (Latham, 1790)

Port.: martim-pescador-verde **Ingl.:** Amazon Kingfisher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao centro da Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as margens de rios, lagoas, manguezais e demais corpos d'água.

Conservação: Não ameaçada.

Chloroceryle aenea (Pallas, 1764)

Port.: martinho **Ingl.:** American Pygmy Kingfisher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. a. aenea* (Pallas, 1764).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul do México ao nordeste da Argentina e no leste do Brasil. Registros na Mata Atlântica entre Pernambuco e o Paraná, também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita córregos, lagoas e demais corpos d'água no interior de áreas florestadas.

Conservação: Não ameaçada.

Chloroceryle americana (Gmelin, 1788)

Port.: martim-pescador-pequeno **Ingl.:** Green Kingfisher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *C. a. americana* (Gmelin, 1788) e *C. a. mathewsii* Laubmann, 1927.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos EUA ao centro da Argentina. A forma nominal distribui-se na América do Sul a leste dos Andes da Venezuela ao norte da Bolívia, incluindo toda a região Amazônica e nordeste do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica do Piauí a Bahia. *C. a. mathewsii* distribui-se do sul da Bolívia e sudeste do Brasil ao norte da Argentina, ocorrendo na Mata Atlântica do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul e também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as margens de rios, lagoas, manguezais e demais corpos d'água.

Conservação: Não ameaçada.

Chloroceryle inda (Linnaeus, 1766)

Port.: martim-pescador-da-mata **Ingl.:** Green-and-rufous Kingfisher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo da Nicaraguá ao oeste do Equador e Colômbia e, a leste dos Andes, por todo o norte da América do Sul e Amazônia, contando ainda com uma população disjunta na Mata Atlântica com ocorrência local na faixa costeira entre Pernambuco e Santa Catarina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita córregos, lagoas e demais corpos d'água no interior de áreas florestadas.

Conservação: Não ameaçada.

Momotidae Gray, 1840

Baryphthengus ruficapillus (Vieillot, 1818)

Port.: juruva-verde **Ingl.:** Rufous-capped Motmot

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie quase endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, também na Argentina e no Paraguai. Fora da Mata Atlântica parece ocorrer apenas no centro e no norte de Goiás.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e o estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Momotus momota (Linnaeus, 1766)

Port.: udu-de-coroa-azul **Ingl.:** Amazonian Motmot

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Nove subespécies reconhecidas (Stiles 2009), das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. m. marcgraviana* Pinto & Camargo 1961. Embora a espécie tenha sido alvo de revisão taxonômica recente (Stiles 2009), as subespécies brasileiras do complexo não foram contempladas por essa análise.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo do norte da Colômbia e Venezuela ao norte da Argentina, incluindo grande parte do Brasil amazônico e central. Na Mata Atlântica, no entanto, a espécie está restrita a populações disjuntas com ocorrência entre o Rio Grande do Norte e Alagoas, onde encontra-se representada por *M. m. margraviana*, subespécie endêmica do domínio. Há ainda registros para os brejos de altitude do Ceará, mas referentes a subespécie ignorada (Albano & Girão 2008). Outras formas parecem atingir a Mata Atlântica apenas marginalmente, no oeste do Piauí (*M. m. parensis* Sharpe, 1892) e no sul de Goiás, oeste de Minas Gerais, norte de São Paulo e Mato Grosso do Sul (*M. m. pilcomajensis* Reichenow, 1919).

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Bra.: EN (*M. m. margraviana*). *M. m. marcgraviana* precisa urgentemente ter seu status taxonômico revisado para que possa ser avaliada em âmbito global, caso represente uma espécie a parte.

Galbuliformes Fürbringer, 1888

Galbulidae Vigors, 1825

Jacamaralcyon tridactyla (Vieillot, 1817)

Port.: cuitelão **Ingl.:** Three-toed Jacamar

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo historicamente em populações aparentemente esparsas do sul da Bahia ao norte do Paraná, incluindo o leste de Minas Gerais, Espírito Santo, região do vale do Rio Paraíba do Sul no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de florestas estacionais e matas ciliares.

Conservação: Munidial: VU. É dependente de atenção conservacionista, tendo sofrido extinção local em praticamente toda sua área sul de ocorrência. Atualmente é conhecida apenas de localidades na Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Galbula ruficauda Cuvier, 1816

Port.: ariramba-de-cauda-ruiva **Ingl.:** Rufous-tailed Jacamar

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *G. r. rufoviridis* Cabanis, 1851.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, com populações esparsas ocorrendo do México ao leste da Bolívia e sudeste do Brasil. *G. r. rufoviridis* ocorre no norte da Bolívia e por grande parte do Brasil ao sul da Amazônia, meridionalmente até São Paulo e sul do Mato Grosso do Sul. Ocorre por toda a Mata Atlântica ao norte de São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Bucconidae Horsfield, 1821

Notharchus swainsoni (Gray, 1846)

Port.: macuru-de-barriga-castanha **Ingl.:** Buff-bellied Puffbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia a Santa Catarina, incluindo sul de Goiás e sul do Mato Grosso do Sul e ainda Paraguai e Argentina. Populações da Bahia são morfologicamente diferenciadas e precisam ser melhor estudadas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Arg.: VU. Par.: AM.

Nystalus chacuru (Vieillot, 1816)

Port.: João-bobo **Ingl.:** White-eared Puffbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *N. c. chacuru* (Vieillot, 1816).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo Brasil extra-amazônico, com exceção da Caatinga, ocorrendo ainda do leste do Peru ao nordeste da Argentina. A forma nominal ocorre no Brasil, leste do Paraguai e Argentina, incluindo toda Mata Atlântica ao sul do Rio São Francisco. A espécie tem expandido sua distribuição no domínio favorecida pelo desmatamento.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Nystalus maculatus (Gmelin, 1788)

Port.: rapazinho-dos-velhos **Ingl.:** Spot-backed Puffbird

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie biogeograficamente mais relacionada com a Caatinga e o Cerrado, atinge a área núcleo da Mata Atlântica apenas no litoral dos estados do nordeste do Brasil, onde aparentemente tem expandido sua distribuição favorecida pelo desmatamento.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com árvores esparsas.

Conservação: Não ameaçada.

Malacoptila striata (Spix, 1824)

Port.: barbudo-rajado **Ingl.:** Crescent-chested Puffbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *M. s. striata* (Spix, 1824) e *M. s. minor* Sassi, 1911.

Distribuição e biogeografia: A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia a Santa Catarina. *M. s. minor* possui distribuição limitada ao leste do Maranhão e nordeste do Piauí, atingindo a Mata Atlântica apenas marginalmente nessa última área. Sua inclusão na avifauna da Mata Atlântica justifica-se pelo fato de ser exclusivamente dependente de áreas florestadas onde ocorre dentro do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada. A subespécie *M. s. minor* certamente sofreu significativo declínio populacional por conta de destruição de habitat, fato que somado a sua distribuição restrita justifica a necessidade de atenção conservacionista.

Nonnula rubecula (Spix, 1824)

Port.: macuru **Ingl.:** Rusty-breasted Nunlet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *N. r. rubecula* (Spix, 1824).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo por grande parte da Amazônia e também no centro e no sul do Brasil, no Paraguai e na Argentina. Forma nominal ocorre do sul do Maranhão e Piauí ao norte do Rio Grande do Sul, distribuindo-se pela área núcleo da Mata Atlântica principalmente do Rio de Janeiro a Santa Catarina e no Paraguai e Argentina. Populações da região da Chapa Diamantina, na Bahia, aparentemente geograficamente isolada das demais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Monasa nigrifrons (Spix, 1824)

Port.: chora-chuva-preto **Ingl.:** Black-fronted Nunbird

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. n. nigrifrons* (Spix, 1824).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo norte e centro da América do Sul, ocorrendo do leste da Colômbia e Equador ao Piauí e todo o centro do Brasil. Apresenta também uma população disjunta na Mata Atlântica em Pernambuco e Alagoas e atinge marginalmente outras áreas na porção sul do domínio, Goiás, norte de São Paulo e oeste de Minas Gerais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita diferentes formações florestais, populações de Pernambuco e Alagoas estão restritas a florestas de terras baixas.

Conservação: Não ameaçada. São extremamente escassos registros recentes das populações da Mata Atlântica do nordeste brasileiro e certamente se encontram sob elevado grau de ameaça.

Monasa morphoeus (Hahn & Küster, 1823)

Port.: chora-chuva-de-cara-branca **Ingl.:** White-fronted Nunbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. m. morphoeus* (Hahn & Küster, 1823).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo de Honduras e Nicarágua a Amazônia, apresentando ainda uma população disjunta no leste do Brasil. A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia ao Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, está restrito a borda e estrato médio de florestas de terras baixas.

Conservação: Não ameaçada. *M. m. morphoeus* sofreu significativa redução populacional por conta de destruição do habitat, estando localmente extinta em algumas regiões, como por exemplo no Rio de Janeiro.

Chelidoptera tenebrosa (Pallas, 1782)

Port.: urubuzinho **Ingl.:** Swallow-winged Puffbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *C. t. tenebrosa* (Pallas, 1782) e *C. t. brasiliensis* Clater, 1862.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo norte e centro da América do Sul a leste dos Andes. A forma nominal ocorre do leste da Venezuela e Colômbia ao norte da Bolívia, toda a Amazônia, centro do Brasil e historicamente também na Mata Atlântica do nordeste, Alagoas (Pinto 1978). *C. t. brasiliensis* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo, de acordo com diferentes autores, da Bahia a São Paulo. Cabe ressaltar, no

entanto, que as populações do norte de São Paulo e sul de Goiás estão conectadas as do centro e norte do Brasil e geograficamente isolada das do leste.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e copas de florestas de diferentes formações florestais. As populações do leste do Brasil ocorrem estritamente em florestas de terras baixas.

Conservação: *C. t. brasiliensis* sofreu significativa redução populacional por conta de destruição do habitat, estando localmente extinta em algumas regiões, como por exemplo no Rio de Janeiro. A espécie também parece estar extinta na Mata Atlântica ao norte do Rio São Francisco.

Piciformes Meyer & Wolf, 1810

Ramphastidae Vigors, 1825

Ramphastos toco Statius Muller, 1776

Port.: tucanuçu **Ingl.:** Toco Toucan

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *R. t. albogularis* Cabanis, 1862.

Distribuição e biogeografia: Apresenta duas populações disjuntas: noroeste da América do Sul, com áreas de ocorrência esparsas na Amazônia, e no centro do subcontinente, no centro do Brasil e da Bolívia a Argentina. Populações na área núcleo da Mata Atlântica estão concentradas no sudeste do Brasil. A espécie tem ampliado sua distribuição pelo domínio favorecida pelo desmatamento.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com árvores esparsas e paisagens com fragmentos florestais esparsos.

Conservação: Não ameaçada.

Ramphastos vitellinus Lichtenstein, 1823

Port.: tucano-de-bico-preto **Ingl.:** Channel-billed Toucan

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *R. v. ariel* Vigors, 1826.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo centro norte da América do Sul, ocorrendo da Colômbia e Venezuela ao norte da Bolívia e centro do Brasil, contando ainda com uma população disjunta na região leste do país. *R. v. ariel* ocorre por todo o sul da Amazônia a leste do Rio Tapajós e também na Mata Atlântica, onde se distribui de Pernambuco a Santa Catarina. Estudos recentes (Weckstein 2004, Patané *et al.* 2009) demonstram que as populações amazônicas e da Mata Atlântica de *R. v. ariel* não são irmãs.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda, estratos médio e superior de diferentes formações florestais. Geralmente abaixo dos 800 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada. Registros na Mata Atlântica ao norte do rio São Francisco são escassos.

Ramphastos dicolorus Linnaeus, 1766

Port.: tucano-de-bico-verde **Ingl.:** Red-breasted Toucan

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do Espírito Santo e leste de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul, também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda, estratos médio e superior de diferentes formações florestais. Geralmente abaixo dos 800 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Selenidera gouldii (Natterer, 1837)

Port.: saripoca-de-gould **Ingl.:** Gould's Toucanet

Fontes: Pinto & Camargo (1961).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. g. baturitensis* (Pinto & Camargo 1961) .

Distribuição e biogeografia: Distribui-se pelo sudeste da Amazônia, apresentando uma população disjunta na Serra de Baturité, no Ceará, única localidade de ocorrência conhecida de *S. g. baturitensis*, que deve, portanto, ser considerada uma subespécie endêmica da Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior das florestas úmidas da Serra de Baturité, no Ceará.

Conservação: Não ameaçada. *S. g. baturitensis* exige atenção conservacionista por conta de sua distribuição muito restrita e por ser alvo eventual do tráfico de animais silvestres (Albano e Girão 2008).

Selenidera maculirostris (Lichtenstein, 1823)

Port.: araçari-poca **Ingl.:** Spot-billed Toucanet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Arg.: AM. Par.: AM.

Pteroglossus bailloni (Vieillot, 1819)

Port.: araçari-banana **Ingl.:** Saffron Toucanet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, incluindo Paraguai e Argentina. Ocorrência em Pernambuco é duvidosa e carece de documentação (Sick 1997).

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Mundial.: NT. Arg.: AM. Par.: AM.

Pteroglossus inscriptus Swainson, 1822

Port.: araçari-miudinho-de-bico-riscado **Ingl.:** Lettered Aracari

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. i. inscriptus* Swainson, 1822.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída por todo o sul da Amazônia, contando ainda com uma população disjunta na Mata Atlântica do nordeste do Brasil onde ocorre em Pernambuco e Alagoas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Pteroglossus aracari (Linnaeus, 1758)

Port.: araçari-de-bico-branco **Ingl.:** Black-necked Aracari

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *P. a. aracari* (Linnaeus, 1758) e *P. a. wiedii* Sturm & Sturm, 1847.

Distribuição e biogeografia: Amplamente distribuída pelo leste da América do Sul, apresentando pelo menos duas populações disjunta: leste da Amazônia e Mata Atlântica. Forma nominal distribui-se pelo sul da Amazônia entre o Rio Madeira e o Piauí e na Mata Atlântica entre a Paraíba e o sul da Bahia. *P. a. wiedii* é endêmico da Mata Atlântica ocorrendo do Espírito Santo a Santa Catarina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais. Geralmente abaixo dos 500 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada. Populações da porção meridional da distribuição de *P. a. wiedii* (São Paulo, Paraná e Santa Catarina) com registros muito escassos.

Pteroglossus castanotis Gould, 1834

Port.: araçari-castanho **Ingl.:** Chestnut-eared Aracari

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. c. australis* Cassin, 1867.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo oeste da América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo da Colômbia ao nordeste da Argentina e norte do Rio Grande do Sul. *P. c. australis* distribui-se por toda área de ocorrência da espécie ao sul do Rio Amazonas, ocorrendo na Mata Atlântica do sul de Goiás, nordeste de São Paulo e sul do Mato Grosso do Sul ao nordeste da Argentina e oeste do Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais em paisagens com fragmentos florestais esparsos.

Conservação: Não ameaçada.

Picidae Leach, 1820

Picumnus exilis (Lichtenstein, 1823)

Port.: pica-pau-anão-de-pintas-amarelas **Ingl.:** Golden-spangled Piculet

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000)*.

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *P. e. exilis* (Lichtenstein, 1823) e *P. e. pernambucensis* Zimmer, 1947. Análises taxonômicas recentes demonstram que as subespécies da Mata Atlântica representam espécies distintas (Rego 2011).

Distribuição e biogeografia: Apresenta populações esparsas no nordeste da Amazônia (leste da Colômbia ao oeste do Maranhão) e no leste do Brasil. Ambas as subespécies que ocorrem na Mata Atlântica são endêmicas do domínio. *P. e. pernambucensis* está restrita a faixa litorânea entre a Paraíba e Alagoas, enquanto a forma nominal está restrita ao sudeste da Bahia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de florestas de terras baixas e submontana.

Conservação: Bra.: VU (*P. e. pernambucensis*).

Picumnus pygmaeus (Lichtenstein, 1823)

Port.: pica-pau-anão-pintado **Ingl.:** Spotted Piculet

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região nordeste do Brasil, ocorrendo do oeste do Maranhão ao sul da Bahia e extremo norte de Minas Gerais. Na região núcleo da Mata Atlântica está restrito o sul da Bahia e extremo nordeste de Minas Gerais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Picumnus cirratus Temminck, 1825

Port.: pica-pau-anão-barrado **Ingl.:** White-barred Piculet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. c. cirratus* Temminck, 1825

Distribuição e biogeografia: Apresenta populações esparsas no nordeste da Amazônia (Guianas ao oeste do Maranhão) e no centro sul da América do Sul (do sudeste do Brasil e leste da Bolívia ao norte da Argentina). A forma nominal distribui-se do sul da Bahia ao norte do Paraná, incluindo a maior parte da Região Sudeste, ocorrendo fora dos limites da Mata Atlântica em áreas de Cerrado no norte de Minas Gerais e em São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, também em áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Picumnus temminckii Lafresnaye, 1845

Port.: pica-pau-anão-de-coleira **Ingl.:** Ochre-collared Piculet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sudeste de São Paulo ao Rio Grande do Sul e também no Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais

Conservação: Não ameaçada.

Picumnus albosquamatus d'Orbigny, 1840

Port.: pica-pau-anão-escamado **Ingl.:** White-wedged Piculet

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. a. guttifer* Sundevall, 1866.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo centro do Brasil e também do leste da Bolívia ao Paraguai. *P. a. guttifer* distribui-se no centro do Brasil do sul do Pará e Maranhão ao Paraná e leste do Paraguai, atingindo a área núcleo da Mata Atlântica em duas regiões principais: sul da Bahia e extremo nordeste de Minas Gerais e na região da bacia do Rio Paraná (noroeste de São Paulo e norte do Paraná). A espécie pode estar expandindo sua distribuição pela Mata Atlântica sendo favorecida pelo desmatamento.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Par.: EN.

Picumnus fulvescens Stager, 1961

Port.: pica-pau-anão-canela **Ingl.:** Tawny Piculet

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região nordeste do Brasil, ocorrendo do Rio Grande do Norte e extremo sul do Ceará ao Sergipe. Na Mata Atlântica, ocorre na faixa litorânea e em brejos de altitude no interior do nordeste.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Mundial.: NT.

Picumnus limae Snethlage, 1924

Port.: Pica-pau-anão-da-caatinga **Ingl.:** Ochraceous Piculet

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Distribui-se por uma região relativamente restrita no nordeste do Brasil, ocorrendo do oeste do Ceará ao leste do Rio Grande do Norte e norte da Paraíba.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita diferentes formações florestais em áreas de brejos de altitude, também em áreas de restinga no litoral do Ceará e Rio Grande do Norte.

Conservação: Bra.: EN.

Picumnus nebulosus Sundevall, 1866

Port.: pica-pau-anão-carijó **Ingl.:** Mottled Piculet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie quase endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo no domínio do Paraná ao Rio Grande do Sul e no nordeste da Argentina. Fora da Mata Atlântica ocorre no leste do Uruguai e norte da Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda, estratos médio e superior de diferentes formações florestais, sobretudo floresta ombrófila mista.

Conservação: Mundial.: NT. Arg.: CR.

Melanerpes candidus (Otto, 1796)

Port.: pica-pau-branco **Ingl.:** White Woodpecker

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo centro da América do Sul ocorrendo do sul da Amazônia ao norte da Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com árvores esparsas e eventualmente a borda de diferentes formações florestais. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Melanerpes flavifrons (Vieillot, 1818)

Port.: benedito-de-testa-amarela **Ingl.:** Yellow-fronted Woodpecker

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie quase endêmica da Mata Atlântica, onde ocorre do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, incluindo o Paraguai e Argentina. Fora do domínio atinge o norte de Goiás.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Veniliornis affinis (Swainson, 1821)

Port.: picapauzinho-avermelhado **Ingl.:** Red-stained Woodpecker

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *V. a. affinis* (Swainson, 1821) e *V. a. ruficeps* (Spix, 1824).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela Amazônia e com populações disjuntas na faixa litorânea nordeste do Brasil. A forma nominal é endêmica do domínio ocorrendo da Bahia ao norte do Espírito Santo. *V. a. ruficeps* ocorre na Amazônia a leste do Rio Tapajós e na Mata Atlântica em Pernambuco e Alagoas.

Habitat: Na Mata Atlântica, está restrito a borda e os estratos médio e superior de florestas de terras baixas.

Conservação: Não ameaçada.

Veniliornis maculifrons (Spix, 1824)

Port.: picapauzinho-de-testa-pintada **Ingl.:** Yellow-eared Woodpecker

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Nove subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *V. p. taenionotus* (Reinchenbach, 1854) e *V. p. olivinus* (Natterer & Malherbe 1845).

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, praticamente restrita ao sudeste do Brasil. Distribui-se do extremo sul da Bahia ao extremo norte de São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Veniliornis passerinus (Linnaeus, 1766)

Port.: picapauzinho-anão **Ingl.:** Little Woodpecker

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Nove subespécie reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *V. p. taenionotus* (Reinchenbach, 1854) e *V. p. olivinus* (Natterer & Malherbe 1845).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo na Venezuela e Colômbia ao Paraguai e Argentina. *V. p. taenionotus* distribui-se pelo nordeste do Brasil do Ceará ao norte da Bahia, atingindo a Mata Atlântica na faixa costeira entre esses mesmos estados e também em áreas de brejos de altitude no interior. *V. p. olivinus* ocorre na Mata Atlântica do sul de Goiás e oeste de São Paulo ao Paraguai e Argentina, incluindo a bacia do Rio Paraná, e ainda, fora do domínio, do sul da Bolívia ao norte da Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Veniliornis spilogaster (Wagler, 1827)

Port.: picapauzinho-verde-carijó **Ingl.:** White-spotted Woodpecker

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita ao sudeste e sul do Brasil, leste do Paraguai, nordeste da Argentina e Uruguai. Ocorre na Mata Atlântica do sul do Rio de Janeiro e de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul, incluindo o Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Piculus flavigula (Boddaert, 1783)

Port.: pica-pau-bufador **Ingl.:** Yellow-throated Woodpecker

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. f. erythropis* (Vieillot, 1818)

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região Amazônica. Apresenta ainda uma população disjunta na Mata Atlântica, representada por *P. f. erythropis*, que é endêmica do domínio e ocorre aparentemente disjuntamente em Pernambuco e Alagoas e do sul da Bahia a Santa Catarina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de florestas de terras baixas e submontana.

Conservação: Não ameaçada. Populações ao norte do Rio São Francisco atualmente com registros escassos.

Piculus polyzonus (Valenciennes, 1826)

Port.: Ingl.:

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000)*.

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Análises recentes demonstraram que, embora tradicionalmente considerado uma subespécie de *P. chrysochloros* (Vieillot, 1818), o táxon em questão representa uma espécie a parte (Del-Rio *et al.* 2013).

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo na faixa litorânea do do sul da Bahia e Espírito Santo ao norte do Rio de Janeiro, estando possivelmente extinta nesse último estado.

Habitat: Habita os estratos médio e superior de florestas de terras baixas.

Conservação: Brasil: VU.

Piculus aurulentus (Temminck, 1821)

Port.: pica-pau-dourado **Ingl.:** Yellow-browed Woodpecker

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do Espírito Santo e leste de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul, também no Paraguai e na Argentina.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais. Na região norte da distribuição associado a florestas montanas e altomontanas.

Conservação: Mundial.: NT. Arg.: VU. Par.: AM.

Colaptes melanochloros (Gmelin, 1788)

Port.: pica-pau-verde-barrado **Ingl.:** Green-barred Woodpecker

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *C. m. melanochloros* (Gmelin, 1788) e *C. m. nattereri* (Malherbe, 1845).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo leste da América do Sul, ocorrendo do extremo leste da Amazônia ao centro da Argentina, incluindo a maior parte do Brasil extra-amazônico e também na Bolívia, Paraguai e Uruguai. A forma nominal distribui-se do Espírito Santo ao Uruguai, ocorrendo na Mata Atlântica do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul e também no Paraguai e Argentina. *C. m. nattereri* ocorre do leste da Amazônia brasileira e Região Nordeste ao leste da Bolívia, incluindo todo o o centro do Brasil. Na Mata Atlântica, distribui-se do Piauí a Bahia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambiente alterados ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Colaptes campestris (Vieillot, 1818)

Port.: pica-pau-do-campo **Ingl.:** Campo Flicker

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas (Pinto 1978), duas ocorrem na Mata Atlântica: *C. c. campestris* (Vieillot, 1818) e *C. c. campestroides* (Malherbe, 1849).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo leste da América do Sul ocorrendo do Suriname ao norte da Argentina. A forma nominal distribui-se em localidades esparsas na Amazônia e do Espírito Santo ao Paraná, incluindo toda região central do Brasil, e ainda do leste da Bolívia ao Paraguai. *C. c. campestroides* distribui-se de Santa Catarina ao centro da Argentina, ocorrendo na Mata Atlântica de Santa Catarina ao limite sul do domínio. As subespécies aparentemente estavam geograficamente isoladas, mas recentemente entraram em contato após terem expandido drasticamente sua distribuição favorecidas pelo desmatamento da Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas em geral. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas urbanas e rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Celeus flavescens (Gmelin, 1788)

Port.: pica-pau-de-cabeça-amarela **Ingl.:** Blond-crested Woodpecker

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. f. flavescens* (Gmelin, 1788).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo leste da América do Sul ocorrendo do Maranhão ao Rio Grande do Sul, Paraguai e Argentina. A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, incluindo o Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Celeus flavus (Statius Muller, 1776)

Port.: pica-pau-amarelo **Ingl.:** Cream-colored Woodpecker

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. f. subflavus* Sclater & Salvin, 1877.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região amazônica. Apresenta ainda também uma população disjunta na Mata Atlântica, representada por *C. f. subflavus* que é endêmica do domínio e ocorria originalmente de Alagoas a região do rio Doce no Espírito Santo.

Habitat: Na Mata Atlântica, a espécie está restrita ao estrato médio e superior de florestas de terras baixas.

Conservação: Não ameaçada. São quase extremamente escassas localidades com registros recentes da espécie na Mata Atlântica, *C. f. subflavus* encontra-se seriamente ameaçado de extinção.

Celeus torquatus (Boddaert, 1783)

Port.: pica-pau-de-coleira **Ingl.:** Ringed Woodpecker

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. t. tinnunculus* (Wagler, 1829).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região amazônica. Apresenta também uma população disjunta na Mata Atlântica, representada por *C. t.*

tinnunculus, que é endêmica do domínio e ocorria originalmente no sul da Bahia, leste de Minas Gerais e norte do Espírito Santo.

Habitat: Na Mata Atlântica, a espécie está restrita ao estrato médio e superior de florestas de terras baixas.

Conservação: Bra: VU (de *C. t. tinnunculus*,). É urgente a necessidade de avaliação do status taxonômico de *C. t. tinnunculus*, para que, caso represente uma espécie a parte, possa ter seu status de conservação avaliado em nível global.

Dryocopus galeatus (Temminck, 1822)

Port.: pica-pau-de-cara-canela **Ingl.:** Helmeted Woodpecker

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo no sul e sudoeste de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, norte do Rio Grande do Sul e ainda no Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita os estratos médio e superior de diferentes formações florestais, sobretudo florestas estacionais e ombrófila mista.

Conservação: Mundial.: VU. Brasil: VU Arg.: EN. Par.: AM.

Dryocopus lineatus (Linnaeus, 1766)

Port.: pica-pau-de-banda-branca **Ingl.:** Cream-colored Woodpecker

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *D. l. lineatus* (Linnaeus, 1766) e *D. l. erythrops* (Valenciennes, 1826).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída ocorrendo do México ao sul do Brasil e norte da Argentina. A forma nominal ocorre da Costa Rica ao norte do Paraguai, incluindo todo o centro do Brasil, também na faixa litorânea no nordeste do país onde atinge a Mata Atlântica entre a Paraíba e a Bahia. *D. l. erythrops* é aparentemente quase endêmico da Mata Atlântica, ocorrendo do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita bordas de mata e eventualmente também em áreas abertas com árvores esparsas.

Conservação: Não ameaçada.

Campephilus robustus (Lichtenstein, 1818)

Port.: pica-pau-rei **Ingl.:** Robust Woodpecker

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais. Geralmente associadas a florestas mais conservadas.

Conservação: Par.: AM.

Campephilus melanoleucos (Gmelin, 1788)

Port.: pica-pau-de-topete-vermelho **Ingl.:** Cream-colored Woodpecker

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *C. m. cearae* (Cory, 1915) e *C. m. melanoleucos* (Gmelin, 1788).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo interior da América do Sul, ocorre do Panamá ao norte da Argentina e também no nordeste do Brasil. Na Mata Atlântica, *C. m. cearae* está restrito a faixa litorânea entre o Ceará e a Bahia, atingindo também o domínio marginalmente ao longo de toda fronteira com o Cerrado e a Caatinga. Forma nominal ocorre na Mata Atlântica na Argentina e Paraguai.

Habitat: Na região costeira da Mata Atlântica a espécie está restrita a manguezais e áreas abertas com árvores esparsas.

Conservação: Arg.: AM.

Passeriformes Linnaeus, 1758

Thamnophilidae Swainson, 1824

Terenura sicki Teixeira & Gonzaga, 1983

Port.: zidedê-do-nordeste. **Ingl.:** Orange-bellied Antwren

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípico.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica. Restrita as montanhas de Pernambuco e Alagoas.

Habitat: Habita o dossel de florestas submontanas, geralmente entre 300 e 700 metros de altitude.

Conservação: Mundial: EN. Br: EN.

Terenura maculata Wied, 1831

Port.: zidedê. **Ingl.:** Streak-capped Antwren

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Taxonomia: Monotípico.

Status: Residente.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica, ocorrendo da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita o dossel de florestas de terras baixas, submontanas e montanas, geralmente abaixo dos 1200 metros de altitude.

Conservação: Arg. VU. Par. AM.

Mymerciza ruficauda Wied, 1831

Port.: formigueiro-de-cauda-ruiva. **Ingl.:** Scalloped Antbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *M. r. ruficauda* Wied, 1831 e *M. r. soror* Pinto, 1940.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. *M. r. soror* é restrita a Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Forma nominal ocorre da Bahia ao Espírito Santo e leste de Minas Gerais.

Habitat: Habita o sub-bosque, forrageando frequentemente no solo, de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 550 metros.

Conservação: Mundial: EN. Bra EN.

Mymerciza loricata (Lichtenstein, 1823)

Port.: formigueiro-assobiador. **Ingl.:** White-bibbed Antbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípico.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Ocorre da Bahia ao sul do Rio de Janeiro e extremo norte de São Paulo.

Habitat: Habita o sub-bosque, forrageando frequentemente no solo, de florestas de terras baixas, submontanas e montanas. Geralmente abaixo dos 1500 metros.

Conservação: Não ameaçada.

Mymerciza squamosa Pelzeln, 1868

Port.: papa-formiga-de-grota. **Ingl.:** Squamate Antbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípico.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Ocorre do extremo sul do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul.

Habitat: Habita o sub-bosque, forrageando frequentemente no solo, de florestas de terras baixa, submontana e montana, geralmente abaixo dos 1000 metros. Ocorre também em áreas de restinga arbórea.

Conservação: Não ameaçada.

Myrmotherula axillaris (Vieillot, 1817)

Port.: choquinha-de-flanco-branco. **Ingl.:** White-flanked Antwren

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. a. luctuosa* Pelzeln, 1868. Essa subespécie é considerada por alguns autores (eg. Olmos, 2003; Ridgely & Tudor, 2009) como espécie independente, decisão que encontra suporte em diferenças morfológicas e vocais.

Distribuição e biogeografia: A subespécie *M. a. luctuosa* é endêmica da Mata Atlântica e encontra-se geograficamente isolada dos demais táxons associados ao grupo. Distribui-se pela faixa costeira do Rio Grande do Norte ao centro do Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e estrato médio de florestas de terras baixas e cotas iniciais de submontana voltada para o litoral, geralmente abaixo dos 400 metros.

Conservação: Não ameaçada.

Myrmotherula minor Salvadori, 1864

Port.: choquinha-pequena. **Ingl.:** Salvadori's Antwren

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Ocorrendo na faixa costeira entre a Bahia e São Paulo.

Habitat: Habita o sub-bosque e estrato médio de florestas ombrófila densa de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 500 metros.

Conservação: Mundial: VU. Bra: VU.

Myrmotherula urosticta (Sclater, 1857)

Port.: choquinha-de-rabo-cintado. **Ingl.:** Band-tailed Antwren.

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se na faixa costeira entre a Bahia e o norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Habita o sub-bosque e estrato médio de florestas ombrófila densa de terras baixas, geralmente abaixo dos 200 metros.

Conservação: Mundial: VU. Bra: VU.

Myrmotherula fluminensis Gonzaga, 1988

Port.: choquinha-fluminense. **Ingl.:** Rio de Janeiro Antwren.

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Conhecida apenas do espécime tipo. Apontada por alguns autores como possível híbrido entre *Myrmotherula unicolor* e *Myrmotherula axillaris*, ou mesmo um indivíduo atípico dessa última.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Conhecida apenas na localidade tipo em Magé, Rio de Janeiro.

Habitat: O único espécime conhecido foi capturado em um remanescente floresta ombrófila densa secundária de terras baixas a cerca de 20 metros de altitude. Cabe destacar que apesar grande esforço de pesquisa na mesma área em que o espécime tipo foi obtido, nenhum outro indivíduo foi registrado. É possível, portanto, o seu local de captura não seja representativo do habitat característico da espécie. Tendo em vista seu parentesco filogenético recentemente elucidado é possível que a espécie seja especialista em algum recurso específico como bambu ou densos emaranhados de cipós.

Conservação: Mundial: CR.

Myrmotherula unicolor (Ménétrières, 1835)

Port.: choquinha-cinzenta. **Ingl.:** Unicolored Antwren.

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul.

Habitat: Habita o sub-bosque e estrato médio de florestas de terras baixas e submontanas, geralmente abaixo dos 500 metros. Ocorre também em áreas de restinga arbórea.

Conservação: Mundial: NT.

Myrmotherula snowi Teixeira & Gonzaga, 1985

Port.: choquinha-de-alagoas. **Ingl.:** Alagoas Antwren.

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Restrita as montanhas de Pernambuco e Alagoas.

Habitat: Habita o sub-bosque e estrato médio de florestas submontanas, geralmente acima de 400 metros.

Conservação: Mundial: CR. Bra: CR.

Rhopias gularis (Spix, 1825)

Port.: choquinha-de-garganta-pintada. **Ingl.:** Star-throated Antwren

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípico.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica (Belmonte-Lopes *et al.* 2012). Ocorre das montanhas do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, encontrando-se possivelmente extinta nesse último estado.

Habitat: Habita o sub-bosque de florestas de terras baixas, submontanas e montanas, geralmente abaixo dos 1550 metros.

Conservação: Não ameaçada.

Formicivora iheringi Hellmayr, 1909

Port.: formigueiro-do-nordeste. **Ingl.:** Narrow-billed Antwren.

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, restrita ao centro-sul da Bahia e nordeste de Minas Gerais.

Habitat: Habita o estrato médio de florestas decíduas submontana e montana com predomínio de cipós e bromélias terrícolas do gênero *Aechmea*, localmente conhecidas como “mata-de-cipó”, geralmente entre 250 e 1050 metros de altitude.

Conservação: Mundial: NT.

Formicivora erythronotos Hartlaub, 1852

Port.: formigueiro-de-cabeça-negra. **Ingl.:** Black-hooded Antwren.

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica com distribuição bastante restrita a poucas áreas no litoral sul do Rio de Janeiro.

Habitat: Borda e clareiras de florestas de terras-baixas, geralmente abaixo dos 200 metros.

Conservação: Mundial: EN. Bra: EN.

Formicivora grisea (Boddaert, 1783)

Port.: papa-formiga-pardo. **Ingl.:** White-fringed Antwren.

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Oito subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *F. g. grisea* (Boddaert, 1783).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo desde o sul do Panamá ao sudeste do Brasil. *F. g. grisea* ocorre na Amazônia brasileira, Suriname e nas Guianas e leste do Brasil. Distribui-se na Mata Atlântica pela faixa costeira entre o Ceará e o Espírito Santo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita bordas e clareiras de florestas. Ocorre também em áreas de restinga e áreas de vegetação arbustiva.

Conservação: Não ameaçada.

Formicivora serrana Hellmayr, 1929

Port.: formigueiro-da-serra. **Ingl.:** Serra Antwren.

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *F. s. serrana* Hellmayr 1929 e *F. s. interposita* Gonzaga & Pacheco, 1990. Firme & Raposo (2011) questionam a validade de *F. s. interposita* e recomendam sua sinonimização com *F. serrana*,

no entanto, problemas na determinação da idade dos espécimes analisados comprometem as conclusões desse trabalho.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Forma nominal ocorre no nordeste de Minas Gerais e Espírito Santo. *F. s. interposita* está associada ao vale do rio Paraíba do Sul, ocorrendo no sudeste de Minas Gerais e noroeste do Rio de Janeiro.

Habitat: Bordas e clareiras de floresta semidecídua, submontana e montana. *F. s. interposita* ocorre geralmente entre 400 e 700 metros de altitude, enquanto *F. s. serrana* pode atingir até os 1500 metros e ocorre também em vegetação arbustiva junto a áreas de campo rupestre.

Conservação: Não ameaçada. A região do médio vale do rio Paraíba do Sul representa a principal área de distribuição de *F. s. interposita* e, embora ainda possa ser encontrada em diversos pontos, é possível que as populações associadas a esse táxon tenham passado por considerável declínio em consequência da destruição da maior parte do seu habitat original.

Formicivora littoralis Gonzaga & Pacheco, 1990

Port.: formigueiro-do-litoral. **Ingl.:** Restinga Antwren.

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Firme & Raposo (2011) questionam a validade da espécie e sugerem sua sinonimização com *F. serrana*, no entanto, problemas na determinação da idade dos espécimes analisados comprometem as conclusões desse trabalho. Diferenças morfológicas e ecológicas parecem suportar seu tratamento como um táxon a parte de *F. serrana*, da qual também se encontra geograficamente isolada. Uma revisão taxonômica mais robusta acompanhada de análises moleculares é necessária para um melhor entendimento das relações dos táxons associado ao complexo *F. serrana*.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica restrita a uma pequena faixa do litoral no centro do Rio de Janeiro.

Habitat: Habita áreas de Restinga e Savana Estépica na Região dos Lagos fluminense, também em ilhas próximas da costa. O tratamento da espécie como um táxon exclusivamente associado a Restinga é um erro, pois também ocorre em grande abundância em áreas de Savana Estépica (Luciano Moreria-Lima obs. pess.).

Conservação: Mundial: EN Brasil: CR.

Formicivora rufa (Wied, 1831)

Port.: papa-formiga-vermelho. **Ingl.:** Rusty-backed Antwren.

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *F. r. rufa* (Wied, 1831). *F. r. chapmani* Cherrie, 1916 parece ocorrer marginalmente dentro do domínio no Piauí.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída na América do sul a leste dos Andes, ocorrendo esparsamente na Amazônia e no centro e leste do Brasil meridionalmente até o oeste do Paraná. *F. r. rufa* ocorre no Cerrado e oeste da Amazônia até o Peru e Bolívia, atingindo a Mata Atlântica na faixa litorânea entre o Ceará e o Rio de Janeiro, ocorrendo também marginalmente ao longo da fronteira com o Cerrado.

Habitat: Na Mata Atlântica, a espécie habita dois ambientes principais: áreas de Restinga junto ao litoral e, no interior, borda de florestas e áreas arbustivas e degradadas já próximo aos domínios do Cerrado.

Conservação: Não ameaçada.

Formicivora grantsaui Gonzaga, Carvalhaes & Buzzetti, 2007

Port.: choquinha-de-flanco-branco. **Ingl.:** White-flanked Antwren

Fontes: Gonzaga *et al.* (2007).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Recentemente descrita.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Restrita a Serra do Sincorá, Bahia.

Habitat: Habita vegetação arbustiva em áreas de campos rupestres entre 850 e 1100 metros de altitude.

Conservação: Mundial: NT.

Formicivora acutirostris Bornschein, Reinert & Teixeira, 1995

Port.: bicudinho-do-brejo. **Ingl.:** Parana Antwren

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Restrita a faixa costeira entre o Paraná e o norte do Rio Grande do Sul.

Habitat: Habita áreas húmidas próximas ao litoral com macrófitas aquáticas altas, geralmente com predomínio de *Scirpus californicus*.

Conservação: Brasil: EN. Mundial: EN.

Formicivora sp. nov.

Port.: bicudinho-do-brejo-paulista. **Ingl.:**

Fontes: Silveira (2009)

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Restrita a região do alto Tietê no nordeste de São Paulo.

Habitat: Habita brejos cobertos por taboais.

Conservação: Não é considerada ameaçada por não ser uma espécie ainda em processo de descrição. Não obstante, sua distribuição restrita somada a inúmeras ameaçadas que afetam seu habitat coloca a espécie em delicada situação conservacionista.

Thamnomanes caesius (Temminck, 1820)

Port.: ipecuá. **Ingl.:** Cinereous Antshrike.

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. c. caesius* (Temminck, 1820).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região amazônica, apresentando também uma população disjunta na Mata Atlântica. A subespécie *T. c. caesius* é endêmica do domínio, ocorrendo na faixa costeira entre Pernambuco e o norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 400 metros.

Conservação: Não ameaçada. Ainda que análises taxonômicas futuras demonstrem que as populações da Mata Atlântica não representem uma espécie independente, sua situação conservacionista dentro do domínio necessita de atenção, haja visto a grande redução das florestas de terras baixas que representam seu principal ambiente. A ausência de registros recentes e possível extinção da espécie no RJ corrobora esse pensamento.

Dysithamnus stictothorax (Temminck, 1823)

Port.: choquinha-de-peito-pintado. **Ingl.:** Spot-breasted Antvireo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo entre a Bahia e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita o sub-bosque, estrato médio e borda de florestas de terras baixas, submontanas e montana, geralmente abaixo dos 1250 metros.

Conservação: Mundial: NT.

Dysithamnus mentalis (Temminck, 1823)

Port.: choquinha-lisa. **Ingl.:** Plain Antvireo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Dezoito subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *D. m. emiliae* Hellmayr, 1912 e *D. m. mentalis* (Temminck, 1823). *D. m. affinis* Pelzeln, 1868 ocorre marginalmente dentro do domínio.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída ocorrendo da América Central ao sul do Brasil e norte da Argentina, no entanto ausente na maior parte da região Amazônica. *D. m. mentalis* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo da Bahia ao limite sul do domínio. *D. m. emiliae* ocorre na Mata Atlântica ao norte do São Francisco entre o Piauí e Alagoas e também no extremo leste da Amazônia.

Habitat: Habita o sub-bosque e estrato médio de florestas de terras baixas, submontana e montana, geralmente abaixo dos 1200 metros.

Conservação: Não ameaçada. No entanto, as populações da Mata Atlântica de *D. m. emiliae* devem ter sofrido redução populacional significativa por conta da extensa destruição de seu habitat.

Dysithamnus xanthopterus Burmeister, 1856

Port.: choquinha-de-asa-ferrugem. **Ingl.:** Rufous-backed Antvireo.

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se esparsamente do Rio de Janeiro e Minas Gerais a Santa Catarina.

Habitat: Estrato médio de florestas montana e altomontana, geralmente entre 750 e 1700 metros.

Conservação: Não ameaçada.

Dysithamnus plumbeus (Wied, 1831)

Port.: choquinha-chumbo. **Ingl.:** Plumbeous Antvireo.

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se por uma faixa interiorana que vai do sul da Bahia ao norte do Rio de Janeiro, incluindo Minas Gerais e Espírito Santo.

Habitat: Habita o estrato médio de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 600 metros.

Conservação: Mundial: VU.

Herpsilochmus pileatus (Lichtenstein, 1823)

Port.: chorozinho-de-boné. **Ingl.:** Bahia Antwren

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Até recentemente o nome *H. pileatus* também era usado para as populações atualmente reunidas dentro de *H. sellowi* (Whitney *et al.* 2000).

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, com distribuição restrita a faixa litorânea da Bahia.

Habitat: Habita os estratos superiores de florestas de terras baixas e Restinga arbórea.

Conservação: Mundial: VU. Bra: VU.

Herpsilochmus atricapillus Pelzelin, 1868

Port.: chorozinho-de-chapéu-preto. **Ingl.:** Black-capped Antwren

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Variações morfológicas e vocais ao longo da distribuição demonstram a necessidade de estudos visando verificar se mais de um táxon pode estar envolvido.

Distribuição e biogeografia: Ocorre do leste da Bolívia ao norte da Argentina e leste do Brasil. Distribui-se na Mata Atlântica na faixa litorânea entre o Ceará e o Sergipe e marginalmente pelo interior entre o Piauí e oeste de São Paulo.

Habitat: Habita os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Herpsilochmus pectoralis Sclater, 1857

Port.: chorozinho-de-papo-preto. **Ingl.:** Pectoral Antwren

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: As populações da espécie parecem estar divididas em três núcleos de distribuição isolados. Na Mata Atlântica, ocorre no Rio Grande do Norte, Segipe e nordeste da BA, onde a espécie também habita áreas de Caatinga arbórea. Fora da Mata Atlântica ocorre ainda no leste do Maranhão.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior de florestas, no Rio Grande do Norte ocorre principalmente em áreas de Restinga.

Conservação: Mundial: VU. Bra: VU.

Herpsilochmus longirostris Pelzeln, 1868

Port.: chorozinho-de-bico-comprido. **Ingl.:** Large-billed Antwren

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie mais intimamente associada com o Cerrado, ocorre na Mata Atlântica apenas próximo ao seu limite interiorano, principalmente entre o sul de Goiás e o oeste do Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior de florestas estacionais.

Conservação: Não ameaçada.

Herpsilochmus rufimarginatus (Temminck, 1822)

Port.: chorozinho-de-asa-vermelha. **Ingl.:** Rufous-winged Antwren

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais duas são tradicionalmente reconhecidas como ocorrentes na Mata Atlântica: *H. r. scapularis* (Wied, 1831) e *H. r. rufimarginatus* (Temminck, 1822). No entanto, diferenças vocais demonstram que a população que ocorre entre o Rio Grande do Norte e Alagoas pode ser mais relacionada a *H. r. frater*, de distribuição Amazônica, do que a *H. r. scapularis*.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela Amazônia e pelo leste do Brasil. Ambas as subespécies ocorrentes na Mata Atlântica são endêmicas do domínio. A forma nominal ocorre do Rio de Janeiro a Santa Catarina, Paraguai e Argentina. *H. r. scapularis* distribui-se do Rio Grande do Norte ao leste de Minas Gerais e Espírito Santo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior formações florestais, geralmente do nível do mar até cerca de 600 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Thamnophilus doliatus (Linnaeus, 1764)

Port.: choca-barrada. **Ingl.:** Barred Antshrike

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Doze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. d. radiatus* Vieillot, 1816.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída ocorrendo do leste do México ao norte da Argentina. *T. d. radiatus* ocorre por grande parte do centro da América do Sul, incluindo o Cerrado e o Chaco, também no oeste da Amazônia. Ocorre na Mata Atlântica principalmente ao longo de sua fronteira com o Cerrado, sobretudo entre o sul de Goiás e oeste do Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda, sub-bosque e estrato médio de florestas estacionais, também em áreas com vegetação arbustiva. Adapta-se bem a ambientes alterados, incluindo áreas urbanas, o que tem favorecido a expansão da sua distribuição pelo domínio.

Conservação: Não ameaçada.

Thamnophilus ruficapillus Vieillot, 1816

Port.: choca-de-chapéu-vermelho. **Ingl.:** Rufous-capped Antshrike

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. r. ruficapillus* Vieillot, 1816.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita aos Andes e sudeste da América do Su. Forma nominal ocorre do sudeste do Brasil ao Uruguai e norte da Argentina, distribuindo-se na Mata Atlântica do leste de Minas Geras e Espírito Santo ao limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas naturais com vegetação arbustiva, incluindo áreas úmidas. Frequenta desde planícies litorâneas até cerca de 1800 metros em áreas de campo de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Thamnophilus torquatus Swainson, 1825

Port.: choca-de-asa-vermelha. **Ingl.:** Rufous-winged Antshrike

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie biogeograficamente mais intimamente associada com o Cerrado. Na Mata Atlântica, suas populações ocorrem principalmente entre o Piauí e a Bahia, onde atingem o litoral.

Habitat: Na Mata Atlântica, ocorre principalmente em áreas com vegetação arbustiva e borda de florestas estacionais.

Conservação: Par.: EN.

Thamnophilus palliatus (Lichtenstein, 1823)

Port.: choca-listrada **Ingl.:** Chestnut-backed Antshrike

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *T. p. palliatus* (Lichtenstein, 1823) e *T. p. vestitus* (Lesson, 1830).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela Amazônia meridional, contando também com uma população disjunta no leste do Brasil. A subespécie *T. p. vestitus* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia ao sul do Rio de Janeiro. *T. p. palliatus* ocorre no leste da Amazônia, ao sul do rio Amazonas, entre o Maranhão e a margem direita do Rio Tapajós, contando ainda com uma população isolada na Mata Atlântica entre a Paraíba e Alagoas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita principalmente a borda, estrato médio e copa de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 400 metros.

Conservação: Não ameaçada.

Thamnophilus pelzelni Hellmayr, 1924

Port.: choca-do-planalto **Ingl.:** Planalto Slaty-Antshrike

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie biogeograficamente mais intimamente associada com o Cerrado. Na Mata Atlântica, suas populações ocorrem principalmente no interior entre o Piauí e a Bahia. Ocorre também em áreas de enclave e/ou de contato com o Cerrado, e marginalmente em regiões próximas aos limites dos dois domínios.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita principalmente o sub-bosque e estrato médio de florestas estacionais, geralmente abaixo dos 800 metros.

Conservação: Não ameaçada.

Thamnophilus ambiguus Swainson, 1825

Port.: choca-de-sooretama **Ingl.:** Sooretama Slaty-Antshrike

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se pela Faixa litorânea entre a Bahia e o Rio de Janeiro.

Habitat: Habita o sub-bosque e estrato médio de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 500 metros. Também em áreas de Restinga arbórea.

Conservação: Não ameaçada.

Thamnophilus caerulescens Vieillot, 1816

Port.: choca-da-mata **Ingl.:** Variable Antshrike

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Nove subespécies reconhecidas, das quais cinco ocorrem na Mata Atlântica: *T. c. cearensis* (Cory, 1919); *T. c. pernambucensis* Naumburg, 1937; *T. c. caerulescens* Vieillot, 1816 e *T. c. gilviger* Pelzel, 1868 e *T. c. ochraceiventer* Sneath, 1928.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída ocorrendo por grande parte da região Andina, leste do Brasil e centro sul da América do Sul entre a Bolívia e o Uruguai. As subespécies *T. c. cearensis*, Ceará, *T. c. pernambucensis*, Paraíba a Alagoas, e *T. c. caerulescens*, sul da Bahia ao nordeste de São Paulo e pelo interior até a Argentina, são endêmicas da Mata Atlântica. *T. c. gilviger* distribui-se do sul São Paulo ao Uruguai. *T. c. ochraceiventer*, está associada principalmente aos enclaves florestais do interior de GO e oeste da Bahia. *T. c. paraguayensis* Hellmayr, 1904 ocorre marginalmente na Mata Atlântica no Mato Grosso do Sul e Paraguai, mas parece estar biogeograficamente mais associada ao Chaco.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita principalmente o sub-bosque e estratos médios de diferentes formações florestais.

Conservação: Bra.: EN (*T. c. cearensis*), VU (*T. c. pernambucensis*). É urgente a necessidade de avaliação do status taxonômico dessas duas subespécies para que possam ter seu status de conservação analisado em âmbito global caso sejam de fato válidas.

Thamnophilus aethiops Sclater, 1858

Port.: choca-lisa **Ingl.:** White-shouldered Antshrike

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Dez subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. a. distans* Pinto, 1954.

Distribuição e biogeografia: A subespécie *T. a. distans* é endêmica da Mata Atlântica, com distribuição restrita a Pernambuco e Alagoas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e estrato médio de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 700 metros.

Conservação: Bras.: EN. É urgente a necessidade de avaliação do status taxonômico da subespécie da Mata Atlântica para que a mesma possa ter também seu status de conservação analisado em âmbito global caso seja de fato válida. Não obstante, ainda que *T. a. distans* não seja considerada taxonomicamente válida, o status conservacionista da espécie na Mata Atlântica permanecerá inalterado.

Taraba major (Vieillot, 1816)

Port.: choró-boi **Ingl.:** Great Antshrike

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Dez subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *T. m. stagurus* (M. H. K. Lichtenstein, 1823) e *T. m. major* (Vieillot, 1816).

Distribuição e biogeografia: Espécie largamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorre também na América Central. A forma nominal distribui-se do leste da Bolívia ao norte da Argentina e oeste de São Paulo, atingindo a Mata Atlântica entre o sul de Goiás e oeste do Paraná. *T. m. stagurus* ocorre do leste do Maranhão ao Espírito Santo e leste de Minas Gerais, ocorrendo no interior da Mata Atlântica entre o Sul da Bahia e o leste de Minas Gerais, incluindo Espírito Santo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita principalmente a borda de florestas pouco densas e/ou secundárias, também ocorre em áreas degradadas com vegetação arbustiva, pode estar expandido a sua distribuição favorecida pelo desmatamento.

Conservação: Não ameaçada.

Hypoedaleus guttatus (Vieillot, 1816)

Port.: choco-carijó **Ingl.:** Spot-backed Antshrike

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica. De acordo com Zimmer & Isler (2003), *H. g. leucogaster* não representa um táxon válido.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica. Aparentemente apresenta duas populações disjuntas, uma em Alagoas e outra entre o sul da Bahia e o limite sul de distribuição do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita os estratos médio e superior de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 900 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada. Populações de Alagoas aparentemente extintas.

Batara cinerea (Vieillot, 1819)

Port.: matracão **Ingl.:** Giant Antshrike

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *B. c. cinerea* (Vieillot, 1819).

Distribuição e biogeografia: Apresenta duas populações disjuntas: uma da Bolívia ao norte da Argentina e outra no leste do Brasil. A subespécie *B. c. cinerea* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo entre o sudeste de Minas Gerais e o Espírito Santo ao Rio Grande do Sul e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Mackenziaena leachii (Such, 1825)

Port.: borralhara-assobiadora **Ingl.:** Large-tailed Antshrike

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica. Distribui-se do sudeste de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Argentina e Paraguai.

Habitat: Habita o sub-bosque e estrato médio de florestas submontanas, montanas e altomontanas, na porção norte de sua distribuição (MG, ES, SP, RJ) geralmente acima dos 700 metros. Mais ao sul (PR, SC, RS), no entanto, a espécie ocorre também em altitudes inferiores.

Conservação: Não ameaçada.

Mackenziaena severa (Lichtenstein, 1823)

Port.: borralhara **Ingl.:** Tufted Antshrike

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica, distribui-se do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Argentina e Paraguai.

Habitat: Habita borda, sub-bosque e estrato médio de diferentes formações florestais, geralmente abaixo dos 1400 metros.

Conservação: Não ameaçada.

Biatas nigropectus (Lafresnaye, 1850)

Port.: papo-branco **Ingl.:** White-bearded Antshrike

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica. Distribui-se do sul de Minas Gerais e Rio de Janeiro a Santa Catarina e Argentina.

Habitat: Habita taquarais densos em florestas submontanas e montanas.

Conservação: Mundial: VU. Bra: VU. Arg. EN.

Pyriglena leuconota (Spix, 1824)

Port.: papa-taoca **Ingl.:** White-backed Fire-eye

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status: Residente.

Taxonomia: Dez subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. l. pernambucensis* J. T. Zimmer, 1931 .

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos Andes, contando também com populações isoladas na costa pacífica do Equador, leste da Amazônia e nordeste do Brasil. A subespécie *P. l. pernambucensis* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo da Paraíba a Alagoas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 700 metros.

Conservação: Bra.: VU. (*P. l. pernambucensis*) É urgente a necessidade de avaliação do status taxonômico dessa subespécie para que seu status de conservação seja avaliado em âmbito global, caso represente uma espécie a parte. Não obstante, ainda que *P. l. pernambucensis* não seja considerada taxonomicamente válida, o status conservacionista da espécie na Mata Atlântica permanecerá inalterado.

Pyriglena atra (Swainson, 1825)

Port.: papa-taoca-da-bahia **Ingl.:** Fringe-backed Fire-eye

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, restrita a faixa costeira entre Sergipe e o norte da Bahia.

Habitat: Habita o sub-bosque de florestas de terras baixas, geralmente abaixo dos 250 metros.

Conservação: Mundial: EN. Bra.: EN.

Pyriglena leucoptera (Vieillot, 1818)

Port.: papa-taoca-do-sul **Ingl.:** White-shouldered Fire-eye

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita o sub-bosque de diferentes formações florestais, ocorrendo desde o nível do mar até cerca de 1250 metros.

Conservação: Par.: AM.

Rhopornis ardesiacus (Wied, 1831)

Port.: gravatazeiro **Ingl.:** Slender Antbird

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, com distribuição restrita ao centro-sul da Bahia e extremo nordeste de Minas Gerais.

Habitat: Habita o sub-bosque de florestas decíduas com predomínio de bromélias terrestres do gênero *Aechmea*, localmente conhecida como “mata-de-cipó”. Geralmente entre 600 e 1000 metros de altitude.

Conservação: Mundial: EN. Bra.: EN.

Cercomacra brasiliana Hellmayr, 1905

Port.: chororó-cinzento **Ingl.:** Rio de Janeiro Antbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se por uma faixa interiorana entre o sul da Bahia e o sul do Rio de Janeiro, incluindo o sudeste de Minas Gerais.

Habitat: Habita borda, sub-bosque e estrato médio de florestas de terras baixas e submontanas, geralmente entre 200 e 600 metros de altitude. Eventualmente pode ser encontrado em áreas com vegetação mais arbustiva próximo a áreas de mata.

Conservação: Mundial: NT.

Cercomacra laeta Todd, 1920

Port.: chororó-didi **Ingl.:** Willis's Antbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. l. sabinoi* Pinto, 1939.

Distribuição e biogeografia: Ocorre no leste da Amazônia, contando também com uma população isolada no nordeste brasileiro. A subespécie *C. l. sabinoi* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo da Paraíba a Alagoas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e estrato médio de florestas de terras baixas e submontanas, geralmente abaixo dos 700 metros.

Conservação: Bra.: VU (*C. l. sabinoi*). Ainda que *C. l. sabinoi* não seja considerada taxonomicamente válida, o status conservacionista da espécie na Mata Atlântica permanecerá inalterado.

Drymophila ferruginea (Temminck, 1822)

Port.: trovoada **Ingl.:** Ferruginous Antbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do sul da Bahia a Santa Catarina.

Habitat: Habita o sub-bosque e estrato médio de florestas de terras baixas, submontanas e montanas, geralmente abaixo dos 1000 metros. *D. ferruginea* e *D. rubricollis* tendem a se excluir altitudinamente nas regiões onde ocorrem em simpatria (Rajão & Cerqueira 2006).

Conservação: Par.: EN.

Drymophila rubricollis (Bertoni, 1901)

Port.: trovoada-de-bertoni **Ingl.:** Bertoni's Antbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do sul de Minas Gerais ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita o sub-bosque e estrato médio de florestas submontanas e montanas, geralmente entre 750 e 2000 metros de altitude. Na porção sul de sua distribuição, no entanto, a espécie pode ocorrer até próximo ao nível do mar. Similarmente a outras espécies do gênero, parece estar associada a presença de bambo. *D. rubricollis* e *D. ferruginea* tendem a se excluir altitudinamente nas regiões onde ocorrem em simpatria (Rajão & Cerqueira 2006).

Conservação: Não ameaçada.

Dryophila genei (Filippi, 1847)

Port.: choquinha-da-serra **Ingl.:** Rufous-tailed Antbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Localmente distribuída em cadeias montanhosas de Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro.

Habitat: Habita o sub-bosque e estrato médio de florestas montanas e altomontanas, geralmente entre 1200 e 2200 metros de altitude. Parece estar associada a presença de bambo. *D. genei* e *D. ochropyga* tendem a se excluir altitudinamente nas regiões onde ocorrem em simpatria (Rajão & Cerqueira 2006).

Conservação: Mundial: NT.

Dryophila ochropyga (Hellmayr, 1906)

Port.: choquinha-de-dorso-vermelho **Ingl.:** Ochre-rumped Antbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do sul da Bahia a Santa Catarina.

Habitat: Habita o sub-bosque e estrato médio de florestas submontanas e montanas, geralmente entre 500 e 1000 metros de altitude. *D. ochropyga* e *D. genei* tendem a se excluir altitudinamente nas regiões onde ocorrem em simpatria (Rajão & Cerqueira 2006).

Conservação: Mundial: NT.

Dryophila malura (Temminck, 1825)

Port.: choquinha-carijó **Ingl.:** Dusky-tailed Antbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se de Minas Gerais, ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita a borda e o sub-bosque denso de matas secundárias e clareiras. Também em áreas com vegetação arbustiva densa, próximo a borda da mata.

Conservação: Não ameaçada.

Drymophila squamata (Lichtenstein, 1823)

Port.: pintadinho **Ingl.:** Scaled Antbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *D. s. squamata* (Lichtenstein, 1823) e *D. squamata stictocorypha* (Boucard & Berlepsch, 1892).

Distribuição e biogeografia: Ambas as subespécies são endêmicas da Mata Atlântica. A forma nominal ocorre do leste de Minas Gerais e Espírito Santo a Santa Catarina. *D. s. stictocorypha* ocorre no leste da Bahia e a apresenta também uma população aparentemente disjunta em Alagoas.

Habitat: Habita o sub-bosque e o estrato médio de florestas de terra baixas e submontana. Geralmente abaixo dos 400 metros.

Conservação: Não ameaçada. Populações de Alagoas devem estar em situação conservacionista delicada.

Conopophagidae Sclater & Salvin, 1873

Conopophaga lineata (Wied, 1831)

Port.: chupa-dente **Ingl.:** Rufous Gnateater

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *C. l. lineata* (Wied, 1831) e *C. l. vulgaris* Ménériés, 1835. Análises moleculares recentes deixam clara a validade de *C. cearae*, tradicionalmente considerada uma subespécie de *C. lineata* Cory, 1906. Apontam também para a monofilia recíproca das duas subespécies atualmente reconhecidas, além de demonstrarem estruturação genética significativa de pelo menos dois grupos dentro de *C. l. vulgaris* (Pessoa, 2007). No entanto, a esses resultados precisa ser

incorporada uma análise taxonômica aprofundada a fim de avaliar a efetiva validade dos táxons atualmente considerados e a existência de eventuais novidades.

Distribuição e biogeografia: A espécie é quase endêmica. Fora dos limites da Mata Atlântica adotados, *C. l. vulgaris* ocorre em florestas de galeria no extremo sul do RS e extremo norte do Uruguai. Enquanto *C. l. lineata* ocorre em áreas florestadas no norte de GO e também no oeste de Minas Gerais e norte do Mato Grosso.

Habitat: Habita o sub-bosque de diferentes formações florestais, geralmente entre 300 e 2000 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Conopophaga cearae Cory, 1916

Port.: chupa-dente **Ingl.:** Rufous Gnateater

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Análises moleculares recentes demonstraram que, embora tradicionalmente considerada uma subespécie de *C. lineata* (Wied, 1831), a espécie representa um táxon independente, tendo, inclusive, relações de parentesco mais próximas com *C. roberti* do que *C. lineata* (Pessoa, 2007).

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Ao contrário do apontado na literatura, não é restrita a Serra do Baturité, Ceará. As populações do Rio Grande do Norte a Alagoas e do norte da Bahia (Chapada Diamantina), atribuídas a *C. l. lineata* por Whitney (2003), referem-se a *C. cearae* (Pessoa 2007, Machado *et al.* 2008).

Habitat: Habita o sub-bosque de diferentes formações florestais mais estruturadas, também em matas secundárias.

Conservação: Bra: VU. A espécie necessita ter seu status conservacionista avaliado em âmbito global.

Conopophaga roberti Hellmayr, 1905

Port.: chupa-dente-de-capuz **Ingl.:** Hooded Gnateater

Fontes: Sick (1997).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Distribui-se do leste da Amazônia (margem leste do Rio Tocantins) até o Ceará e sul do Piauí. Apesar da sua ocorrência na Mata Atlântica restringir-se a área marginal, deve ser considerada como parte da sua avifauna por conta de sua ecologia e pelo domínio concentrar grande parte das populações da espécie.

Habitat: Na Mata Atlântica, a espécie habita principalmente o sub-bosque de florestas estacionais. No Ceará ocorre em formações mais úmidas.

Conservação: Não ameaçada.

Conopophaga melanops (Vieillot, 1818)

Port.: cuspidor-de-máscara-preta **Ingl.:** Black-cheeked Gnateater

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, todas ocorrem na Mata Atlântica: *C. m. nigrifrons* Pinto, 1954, *C. m. perspicillata* (M. H. K. Lichteinstein, 1823) e *C. m. melanops* (Vieillot, 1818). Análises moleculares e morfológicas recentes sugerem que *C. m. nigrifrons* representa uma espécie a parte e que *C. m. perspicillata* deva ser sinonimizado em *C. m. melanops* (Pessoa 2001, 2007).

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. *C. m. nigrifrons* ocorre da Paraíba a Alagoas. *C. m. perspicillata* é restrita o litoral da Bahia, enquanto a forma nominal ocorre do Espírito Santo a Santa Catarina.

Habitat: Habita o sub-bosque de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 800 metros.

Conservação: Bra.: VU (*C. m. nigrifrons*).

Grallariidae Sclater & Salvin, 1873

Grallaria varia (Boddaert, 1783)

Port.: tovacuçu **Ingl.:** Variegated Antpitta

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Nove subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *G. v. intercedens* Berlepsch & Leverkühn, 1890 e *G. v. imperator* Lafresnaye, 1842.

Distribuição e biogeografia: Ambas as formas da Mata Atlântica são endêmicas do domínio. *G. v. intercedens* ocorre da Bahia ao Espírito Santo. *G. v. imperator* ocorre do Rio de Janeiro e Minas Gerais ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. A subespécie das populações de Pernambuco é ignorada.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o solo e o sub-bosque de diferentes formações florestais, sendo dependente de área mais conservadas.

Conservação: *G. v. intercedens* é classificada no Brasil como VU.

Hylopezus nattereri (Pinto, 1937)

Port.: pinto-do-mato **Ingl.:** Speckle-breasted Antpitta

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Diferenças morfológicas, vocais e genéticas suportam a separação das populações que ocorrem do sul de São Paulo ao Rio Grande do Sul, Argentina e Paraguai como uma espécie independente, já em processo de descrição (Vitor Piacentini com. pess.).

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se localmente de Minas Gerais e Rio de Janeiro ao limite sul do domínio, incluindo o Paraguai e Argentina.

Habitat: Populações setentrionais habitam o solo e o sub-bosque de florestas montana e altomontana, geralmente acima dos 1000 metros até manchas de vegetação mais densa em áreas de campo de altitude onde pode ocorrer até cerca 2.200 metros de altitude. Populações meridionais podem ocorrer até próximo do nível do mar.

Conservação: Arg.: VU. Par.: EN.

Rhinocryptidae Wetmore, 1930

Merulaxis ater Lesson, 1830

Port.: entufado **Ingl.:** Slaty Bristlefront

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Diferenças morfológicas, vocais e genéticas suportam a separação das populações que ocorrem do sul de São Paulo a Santa Catarina como uma espécie a parte, já em processo de descrição (Vitor Piacentini com. pess.).

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmico da Mata Atlântica. Distribui-se pela faixa costeira do Espírito Santo a Santa Catarina.

Habitat: Habita o solo e o sub-bosque de florestas ombrófilas de terras baixas, submontanas e montanas, geralmente abaixo dos 1200 metros.

Conservação: Mundial: NT. Com a separação das populações mais meridionais, a espécie passa ter distribuição relativamente restrita o que, somado as suas exigência ecológicas, provavelmente justifique sua classificação em uma categoria de ameaça mais rigorosa.

Merulaxis stresemanni Sick, 1960

Port.: entufado-baiano **Ingl.:** Stresemann's Bristlefront

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmico da Mata Atlântica, com distribuição restrita ao sul da Bahia e extremo nordeste de Minas Gerais.

Habitat: Habita o solo e o sub-bosque de florestas de terras baixas, geralmente abaixo dos 200 metros de altitude.

Conservação: Mundial: CR. Bra: CR.

Eleoscytalopus indigoticus (Wied, 1831)

Port.: macuquinho **Ingl.:** White-breasted Tapaculo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica. Distribui-se da Bahia ao Rio Grande do Sul.

Habitat: Habita o sub-bosque de florestas de terras baixas, submontana e montana, geralmente abaixo dos 1500 metros.

Conservação: Mundial: NT.

Eleoscytalopus psychopompus (Teixeira & Carnevalli, 1989)

Port.: macuquinho-baiano **Ingl.:** Bahia Tapaculo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica. Distribuição restrita ao leste da Bahia.

Habitat: Habita o sub-bosque de florestas de terras baixas, geralmente abaixo dos 200 metros de altitude.

Conservação: Mundial: CR.

Scytalopus speluncae (Ménétrières, 1835)

Port.: tapaculo-preto **Ingl.:** Mouse-colored Tapaculo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Diversas populações tradicionalmente atribuídas a *Scytalopus speluncae* foram recentemente separadas em espécies a parte e mais táxons do gênero encontram-se em processo de descrição. O recém descrito *Scytalopus notorius* representa um sinônimo da presente espécie (Maurício *et al.* 2010).

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se da Bahia ao Rio Grande do Sul.

Habitat: Habita o sub-bosque e a borda com vegetação densa de diferentes formações florestais. Populações setentrionais restritas a regiões montanhosas.

Conservação: Não ameaçada.

Scytalopus diamantinensis Bornschein, Maurício, Belmonte-Lopes, Mata & Bonato, 2007

Port.: tapaculo-da-chapada-diamantina **Ingl.:** Diamantina Tapaculo

Fontes: Bornschein *et al.* (2007).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Espécie recentemente separada de *Scytalopus speluncae*, com base em diferenças morfológicas, vocais e genéticas

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Sua distribuição é limitada a região da Chapada Diamantina, Bahia.

Habitat: Habita o sub-bosque de florestas montana, também em manchas de vegetação mais densa em áreas de campo rupestre. Geralmente entre 850 e 1600 metros de altitude.

Conservação: Mundial: NT.

Scytalopus petrophilus Whitney, Vasconcelos, Silveira & Pacheco, 2010

Port.: tapaculo-serrano **Ingl.:** Rock Tapaculo

Fontes: Whitney *et al.* (2010).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Espécie recentemente separada de *Scytalopus speluncae*, com base em diferenças morfológicas, vocais e genéticas.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, restrita a regiões serranas interioranas em Minas Gerais e São Paulo.

Habitat: Habita o sub-bosque de florestas semidecíduas montana e altomontana, também em manchas de vegetação mais densa em áreas de campo rupestre. Geralmente entre 800 e 2.200 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Scytalopus pachecoi Maurício, 2005

Port.: tapaculo-ferreirinho **Ingl.:** Planalto Tapaculo

Fontes: Maurício (2005).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Espécie recentemente separada de *Scytalopus speluncae*, com base em diferenças morfológicas, vocais e genéticas.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. As populações da espécie parecem estar divididas em três núcleos de distribuição aparentemente isolados distribuídos entre Santa Catarina e Argentina.

Habitat: Habita o sub-bosque de florestas semidecíduas, a população que ocorre no norte do Rio Grande do Sul e sul de Santa Catarina é aparentemente restrita a floresta ombrófila mista.

Conservação: Arg.: VU.

Scytalopus iraiensis Bornschein, Reinert & Pichorim, 1998

Port.: macuquinho-da-várzea **Ingl.:** Marsh Tapaculo

Fontes: Bornschein *et al.* (1998).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se em duas populações disjuntas: Paraná ao Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

Habitat: Habita áreas úmidas com vegetação herbácea densa e alta. Com exceção de áreas próximas ao nível do mar no leste do RS, a maior parte dos pontos de ocorrência da espécie estão entre 700 e 1850 metros de altitude.

Conservação: Mundial: EN. Bra.: EN

Psilorhamphus guttatus (Ménétrières, 1835)

Port.: tapaculo-pintado **Ingl.:** Spotted Bamboowren

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica. Distribui-se do Espírito Santo e Minas Gerais a Argentina.

Habitat: Habita a borda, sub-bosque e o estrato médio dominado por taquaras e outros tipos vegetação densa de diferentes formações florestais. Geralmente entre 200 e 1000 metros de altitude.

Conservação: Mundial: NT. Arg.: VU.

Formicariidae Gray, 1840

Formicarius colma Boddaert, 1783

Port.: galinha-do-mato **Ingl.:** Rufous-capped Antthrush

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre regularmente na Mata Atlântica: *F. c. ruficeps* (Spix, 1824).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída por toda região amazônica, e com uma população isolada no leste do Brasil. A subespécie *F. c. ruficeps* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo entre Pernambuco e Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o solo e o sub-bosque de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 600 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Chamaeza campanisona (Lichtenstein, 1823)

Port.: tovaça-campainha **Ingl.:** Short-tailed Antthrush

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Doze subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *C. c. campanisona* (Lichtenstein, 1823) e *C. c. tshororo* Bertoni, 1901. Diferenças vocais significativas indicam que as populações do Ceará e Alagoas podem representar uma espécie ainda não descrita (Ciro Albano com. pess.).

Distribuição e biogeografia: Ambas as subespécies com ocorrência no domínio são endêmicas. *C. c. campanisona* distribui-se do Ceará a Santa Catarina, e *C. c. tshororo* do oeste do Paraná e Mato Grosso do Sul ao Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o solo e o sub-bosque de florestas de terras baixas, submontana e montana, geralmente abaixo dos 1000 metros de altitude.

Conservação: Par: AM. População do nordeste brasileiro conhecida de poucas localidades atualmente e encontra-se em estado de conservação bastante delicado.

Chamaeza meruloides Vigors, 1825

Port.: tovaça-cantadora **Ingl.:** Such's Antthrush

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do sul da Bahia a Santa Catarina.

Habitat: Habita o solo e o sub-bosque de florestas submontana e montana

Conservação: Não ameaçada.

Chamaeza ruficauda (Cabanis & Heine, 1859)

Port.: tovaça-de-rabo-vermelho **Ingl.:** Rufous-tailed Antthrush

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se localmente de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Argentina.

Habitat: Habita o solo e o sub-bosque de florestas montana e altomontana. Nas montanhas do sudeste do Brasil geralmente acima dos 1000 metros, mas próximo ao seu limite sul de distribuição (Rio Grande do Sul e Argentina) pode ocorrer por volta dos 600 metros ou ainda mais baixo.

Conservação: Arg.: VU.

Scleruridae Swainson, 1827

Sclerurus macconnelli Chubb, 1819

Port.: vira-folha-de-peito-vermelho **Ingl.:** Tawny-throated Leaf Tosser

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000)*.

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. m. bahiae* Chubb, 1819. *S. macconnelli* era até recentemente considerada subespécie de *Sclerurus mexicanus* Sclater, 1857, tendo sido separada com base em diferenças genéticas (d'Horta *et al.* 2012). Não obstante, apesar dos autores sugerirem o tratamento das populações da Mata Atlântica também como *S. macconnelli*, não foram analisadas no trabalho amostras de *S. m. bahiae*.

Distribuição e biogeografia: A subespécie *S. m. bahiae* é endêmica da Mata Atlântica, apresentando pontos de ocorrência esparsos entre Alagoas e o litoral norte de São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o solo e o sub-bosque de florestas de terras baixas, geralmente abaixo dos 200 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada. É urgente a necessidade de avaliação do status taxonômico de *S. m. bahiae*. Não obstante, independente dos novos arranjos taxonômicos que possam ser propostos, é possível que as populações da Mata Atlântica estejam ameaçadas haja visto sua aparente associação com florestas de terras baixas e pouco locais de ocorrência confirmados.

Sclerurus caudacutus (Vieillot, 1816)

Port.: vira-folha-pardo **Ingl.:** Black-tailed Leaf Tosser

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *S. c. caligineus* Pinto, 1954 e *S. c. umbretta* (M. H. K. Lichtenstein, 1823).. Embora recentemente tenha sido produzida uma filogenia molecular do gênero *Sclerurus* (d’Horta *et al.* 2012), não foram analisadas amostras das subespécies da Mata Atlântica pertencentes ao complexo *S. caudacutus*, portanto sua situação taxonômica permanece mal resolvida.

Distribuição e biogeografia: As subespécies *S. c. caligineus* e *S. c. umbretta* são endêmicas da Mata Atlântica. *S. c. caligineus* é conhecida apenas de Alagoas e supostamente Pernambuco. *S. c. umbretta* distribui-se entre o leste da Bahia e o norte do Espírito Santo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o solo e o sub-bosque de florestas de terras baixas.

Conservação: Bra.: EN (*S. c. caligineus*, *S. c. umbretta*). É urgente a necessidade de avaliação do status taxonômico das subespécies associadas a Mata Atlântica. Não obstante, independente dos novos arranjos taxonômicos que possam ser propostos as populações da espécie no domínio encontram-se em situação conservacionista delicada.

Sclerurus scansor (Ménétrières, 1835)

Port.: vira-folha **Ingl.:** Rufous-breasted Leaf Tosser

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Análises moleculares recentes deixam clara a validade de *S. cearensis*, tradicionalmente considerado um subespécie de *S. scansor*.

Distribuição e biogeografia: Espécie é quase endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do leste de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Fora da Mata Atlântica, ocorre na região norte de Goiás.

Habitat: Habita o solo e o sub-bosque de florestas de terras baixas, submontanas e montanas. Geralmente abaixo dos 1500 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Sclerurus cearensis Snethlage, 1924

Port.: **Ingl.:**

Fontes: Pinto (1978)

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Embora tradicionalmente considerada uma subespécies de *Sclerurus scansor*, análises moleculares recentes demonstraram que a espécie representa um táxon a parte (d’Horta *et al.* 2011).

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Ocorre em brejos de altitude no Ceará e Pernambuco, há também indicações para o extremo norte da Bahia.

Habitat: Habita o solo e o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Bra: VU.

Geositta cunicularia (Vieillot, 1816)

Port.: curriqueiro **Ingl.:** Common Miner

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Nove subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *G. c. cunicularia* (Vieillot, 1816).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída por toda o sul da América do Sul, ocorrendo do norte da Argentina e sul do Brasil até a Terra do Fogo. A forma nominal ocorre a leste dos Andes até o limite sul de distribuição da espécie, ocorrendo na Mata Atlântica no litoral de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita principalmente dunas costeiras

Conservação: Não ameaçada.

Dendrocolaptidae Gray, 1840

Dendrocincla taunayi Pinto, 1939

Port.: arapaçu-pardo-do-nordeste **Ingl.:** Pernambuco Woodcreeper

Fontes: Pacheco & Bauer (2000)*.

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Análises moleculares recentes demonstraram que a espécie representa claramente um táxon válido, tendo relações de parentesco mais próximas com *Dendrocincla turdina* do que com *Dendrocincla fuliginosa* (Vieillot, 1818), diferente do que tradicionalmente considerado (Weir & Price 2011).

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Restrita as florestas costeiras de Pernambuco e Alagoas.

Habitat: Habita o sub-bosque estrato médio de florestas de terras baixas.

Conservação: Bra.: EN. A espécie necessita ter seu status taxonômico avaliado em âmbito mundial.

Dendrocincla turdina (Lichtenstein, 1820)

Port.: arapaçu-liso **Ingl.:** Plain-winged Woodcreeper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do Bahia aos limites sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita o sub-bosque estrato médio de diferentes formações florestais, Geralmente abaixo dos 1250 metros de altitude.

Conservação: Par.: AM.

Sittasomus griseicapillus (Vieillot, 1818)

Port.: arapaçu-verde **Ingl.:** Olivaceous Woodcreeper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quinze subespécies reconhecidas, das quais três ocorrem na Mata Atlântica: *S. g. reiseri* Hellmayr, 1917, *S. g. olivaceus* Wied 1831 e *S. g. sylviellus* (Temminck, 1821).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao norte da Argentina e sul do Brasil. A subespécie *S. g. olivaceus* é endêmica da Mata Atlântica, estando restrita ao sul da Bahia. *S. g. sylviellus* é quase endêmica ocorrendo de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina e também na região norte de Goiás. *S. g. reiseri* distribui-se entre o Piauí e o norte da Bahia, atingindo a faixa costeira da Paraíba a Alagoas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda, sub-bosque e estrato de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Glyphorynchus spirurus (Vieillot, 1819)

Port.: arapaçu-de-bico-de-cunha **Ingl.:** Wedge-billed Woodcreeper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Treze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *G. s. cuneatus* (Lichtenstein, 1820). Fernandes *et al.* (2013) apresentaram uma análise molecular dos táxons associados ao complexo *G. spirurus*, até então dividido em 13 subespécies, e sugerem o tratamento de *G. s. cuneatus* como uma espécie independente.

Distribuição e biogeografia: *G. s. cuneatus* é endêmica da Mata Atlântica, estando restrita a faixa costeira entre o leste da Bahia e o norte do Espírito Santo.

Habitat: Habita florestas ombrófila densa de terras baixas, geralmente abaixo dos 200 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada. No entanto, dado a sua distribuição relativamente restrita e dependência de ambientes já bastante reduzidos é possível que sua situação conservacionista seja delicada.

Xiphorhynchus atlanticus (Cory, 1916)

Port.: arapaçu-rajado-do-nordeste **Ingl.:** Northern Lesser Woodcreeper

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000)*.

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Análises moleculares recentes (Cabanne *et al.* 2008) demonstram que a espécie representa um táxon independente de *Xiphorhynchus fuscus*.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se na faixa costeira entre o Ceará e Alagoas.

Habitat: Habita o sub-bosque e o estrato médio de diferentes formações florestais mais estruturadas.

Conservação: Bra.: VU. A espécie necessita ter seu status taxonômico avaliado em âmbito mundial.

Xiphorhynchus fuscus (Vieillot, 1818)

Port.: arapaçu-rajado **Ingl.:** Lesser Woodcreeper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, todas ocorrem na Mata Atlântica: *X. f. pinto* Longmore & Silveira 2005, *X. f. tenuirostris* (Lichtenstein, 1820) e *X. f. fuscus* (Vieillot, 1818). Análises moleculares recentes demonstraram que “*X. f. brevirostris*” [= *X. f. pinto*] e *X. f. tenuirostris* são aparentemente geneticamente indiferenciáveis, enquanto *X. fuscus* apresenta dois grupos geneticamente estruturados. No entanto há grande fluxo gênico entre as populações atribuíveis a essas formas (Cabanne *et al.* 2008). Uma análise taxonômica incorporando aos dados moleculares, informações sobre morfologia e voz é necessária para avaliar o real status taxonômico das subespécies associadas ao grupo.

Distribuição e biogeografia: Espécie quase endêmica da Mata Atlântica. A subespécies *X. f. brevirostris* está restrita a florestas secas na região centro norte da Bahia, aparentemente ocorre apenas marginalmente na Mata Atlântica. *X. f. tenuirostris* é endêmica do domínio ocorrendo do leste da Bahia ao norte do Espírito Santo e nordeste de Minas Gerais. A forma nominal é quase endêmica ocorre de Minas Gerais e sul do Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina e ainda no norte de Goiás.

Habitat: Habita o sub-bosque e o estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Par.: AM.

Xiphorhynchus guttatus (Lichtenstein, 1820)

Port.: arapaçu-de-garganta-amarela **Ingl.:** Buff-throated Woodcreeper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Oito subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *X. g. gracilirostris* Pinto & Camargo, 1957 e *X. g. guttatus* (Lichtenstein, 1820).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída ocorrendo por toda região Amazônica e disjuntamente também no leste do Brasil. Ambas as subespécies que ocorrem na Mata Atlântica são endêmicas do domínio. *X. g. gracilirostris* é restrita a Serra da Baturité, Ceará, enquanto *X. g. guttatus* ocorre do Rio Grande do Norte ao norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e o estrato médio de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 200 metros.

Conservação: Não ameaçada. A distribuição bastante restrita de *X. g. gracilirostris* demanda atenção conservacionista. seja ameaçada. Demais populações da Mata Atlântica são dependentes de florestas de baixada e são ameaçadas a perda de habitat, estando, inclusive, possivelmente extinta no Rio de Janeiro.

Campylorhamphus trochilirostris (Lichtenstein, 1820)

Port.: arapaçu-beija-flor **Ingl.:** Red-billed Scythebill

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Doze subespécies reconhecidas, das quais um ocorrem na Mata Atlântica: *C. t. trochilirostris* (Lichtenstein, 1820). A taxonomia do gênero *Campylorhamphus* é complexa e uma revisão taxonômica integrada do gênero é altamente necessária. Chama a atenção o fato que a forma nominal da presente espécie, que é restrita a Mata Atlântica, tenha voz mais similar a de *Campylorhamphus procurvoides* (Lafresnaye, 1850) do a de qualquer outras subespécies de *C. trochilirostris* (Vitor Piacentini com. pess.).

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla, ocorrendo do sul do Panamá ao norte da Argentina e todo o centro leste do Brasil. A subespécie *C. t. trochilirostris* é endêmica da Mata Atlântica, restrita ao leste da Bahia. *C. t. major* ocorre marginalmente no domínio ao longo de toda a sua fronteira com o Cerrado. Subespécie das populações das florestas costeiras de Pernambuco e Alagoas é ignorada.

Habitat: *C. t. trochilirostris* habita diferentes formações florestais no leste da Bahia. Geralmente abaixo dos 200 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada. *C. t. trochilirostris* precisa ter seu status taxonômico analisado. Dado a sua distribuição relativamente restrita e dependência de ambientes já bastante reduzidos é possível que sua situação conservacionista seja delicada. A presença da espécie nas florestas costeiras do nordeste também precisa ser melhor investigada, possivelmente as populações remanescentes na região devem estar próxima da extinção.

Campylorhamphus falcularius (Vieillot, 1822)

Port.: arapaçu-de-bico-torto **Ingl.:** Black-billed Scythebill

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita o sub-bosque dominado por taquarais e estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Par.: EN.

Dendroplex picus (Gmelin, 1788)

Port.: arapaçu-de-bico-branco **Ingl.:** Straight-billed Woodcreeper

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Treze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *D. p. picus* (Gmelin, 1788).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída ocorrendo do Panamá ao leste do Brasil, incluindo toda a região Amazônica. A forma nominal distribui-se *D. p. picus* por grande parte da Amazônia e na Mata Atlântica desde seu limite norte até o norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda, sub-bosque e estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Lepidocolaptes angustirostris (Vieillot, 1818)

Port.: arapaçu-de-cerrado **Ingl.:** Narrow-billed Woodcreeper

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Oito subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *L. a. bivittatus* (Lichtenstein, 1822). *L. a. coronatus* (Lesson, 1830) e *L. a. bahiae* Hellmayr, 1903 são de ocorrência marginal.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída ocorrendo esparsamente na Amazônia e do nordeste do Brasil ao norte da Argentina. *L. a. bivittatus* ocorre principalmente no Cerrado, entre Minas Gerais e Goiás e o oeste do Paraná, domínio com o

qual sua história biogeográfica para estar mais intimamente associada. Atinge a Mata Atlântica ocorre principalmente na região sudeste do Brasil.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e principalmente áreas com vegetação arbustiva e enclaves de Cerrado. Adapta-se bem a ambientes alterados, incluindo áreas urbanas, o que tem favorecido a expansão da sua distribuição pelo domínio, como por exemplo no Rio de Janeiro, onde a espécie é considerada invasora (Pacheco 1993).

Conservação: Não ameaçada.

Lepidocolaptes squamatus (Lichtenstein, 1822)

Port.: arapaçu-escamado **Ingl.:** Scaled Woodcreeper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Marantz *et al.* 2003, considera *Lepidocolaptes wagleri* como subespécie da presente espécie, no entanto diferenças morfológicas justificam o seu tratamento como espécie a parte (Silva & Straube 1996, CBRO 2013).

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do sul da Bahia ao extremo norte de São Paulo e extremo sul do Rio de Janeiro.

Habitat: Habita o estrato médio e o dossel de diferentes formações florestais, incluindo florestas ombrófila densa, ombrófila mista e estacional semidecidual.

Conservação: Não ameaçada.

Lepidocolaptes falcinellus (Cabanis & Heine, 1859)

Port.: arapaçu-escamado-do-sul **Ingl.:** Scalloped Woodcreeper

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do extremo sul do Rio de Janeiro ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita o estrato médio e o dossel de diferentes formações florestais.

Conservação: Par.: EN.

Lepidocolaptes wagleri (Spix, 1824)

Port.: arapaçu-de-wagler **Ingl.:** Wagler's Woodcreeper

Fontes: Silva & Straube (1996).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Marantz *et al.* 2003, considera a presente espécie como subespécie de *Lepidocolaptes squamatus*, no entanto diferenças morfológicas justificam o seu tratamento como espécie a parte (Silva & Straube 1996, CBRO 2013).

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Restritas as florestas estacionais a oeste do rio São Francisco entre o Piauí e Minas Gerais. Esse mesmo rio separa as populações da presente espécie e *L. squamatus*, que ocorre em sua porção leste.

Habitat: Habita a borda, sub-bosque estrato médio e o dossel de florestas estacionais semidecíduas e decíduas.

Conservação: Bra: VU. A espécie necessita ter seu status taxonômico avaliado em âmbito mundial.

Dendrocolaptes certhia (Boddaert, 1783)

Port.: arapaçu-barrado **Ingl.:** Amazonian Barred-Woodcreeper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *D. c. medius* (Todd, 1920).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída por toda região Amazônica e apresentando uma população disjunta na Mata Atlântica. *D. c. medius* ocorre no leste da Amazônia, da margem leste do rio Tocantins até o oeste do Maranhão, e isoladamente na Mata Atlântica de Pernambuco e Alagoas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita sub-bosque e estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Bra.: EN (*D. c. medius*). Na Mata Atlântica, são escassos registros recentes e seu status de ameaça no domínio é ainda mais delicado, estando muito provavelmente a beira da extinção.

Dendrocolaptes platyrostris Spix, 1825

Port.: arapaçu-grande **Ingl.:** Planalto Woodcreeper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies tradicionalmente reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *D. p. intermedius* Berlepsch, 1883 e *D. p. platyrostris* Spix, 1825. Cabanne *et al.* (2011) apresentaram uma análises molecular e de plumagem da espécie e concluíram não ser possível a separação das subespécies.

Distribuição e biogeografia: Distribui-se pelo leste do Brasil, Paraguai e Argentina. As populações tradicionalmente atribuídas a forma nominal são endêmicas da Mata Atlântica e

ocorrem do sul da Bahia ao limite sul do domínio. *D. p. intermedius* distribui-se na Mata Atlântica entre o Piauí e Pernambuco.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita diferentes tipos de formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Xiphocolaptes falcirostris (Spix, 1824)

Port.: arapaçu-do-nordeste **Ingl.:** Moustached Woodcreeper

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *X. f. falcirostris* (Spix, 1824) e *X. f. franciscanus* Snethlage, 1927. A validade de *X. f. franciscanus* é questionada por alguns autores, de acordo com Marantz *et al.* (2003) há uma sobreposição substancial nos caracteres que separam os dois táxons.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a uma faixa interiorana entre o litoral do Ceará e o norte de Minas Gerais. *X. f. falcirostris* ocorre entre o Piauí e a Bahia. *X. f. franciscanus* distribui-se no limite meridional de distribuição da espécie no norte de Minas Gerais e centro-sul da Bahia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita florestas estacionais semidecíduas e decíduas.

Conservação: Mundial: VU. Bra: VU. *X. f. franciscanus* necessita ter seu status taxonômico de *X. f. franciscanus* avaliado.

Xiphocolaptes albicollis (Vieillot, 1818)

Port.: arapaçu-de-garganta-branca **Ingl.:** White-throated Woodcreeper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *X. a. bahiae* Cory, 1919 e *X. a. albicollis* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: Distribui-se no leste do Brasil. A subespécie *X. a. bahiae* é endêmica da Mata Atlântica estando restrita ao sul da Bahia. *X. a. albicollis* é quase endêmica, ocorrendo na Mata Atlântica do Espírito Santo e Minas Gerais ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Ocorre também na região norte de Goiás. *X. a. villanovae* Lima, 1920 possui ocorrência marginal no domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada. Por conta de suas distribuições relativamente restritas e dependência de ambientes já bastante reduzidos é possível que *X. a. villanovae* e *X. a. bahiae* estejam ameaçados, ambas as forma precisam ter seu status taxonômico avaliado.

Furnariidae Gray, 1840

Xenops minutus (Sparrman, 1788)

Port.: bico-virado-miúdo **Ingl.:** Plain Xenops

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Dez subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *X. m. alagoanus* Pinto, 1954, *X. m. minutus* (Sparrman, 1788).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída ocorrendo do Panamá ao sul do Brasil. Ambas as subespécies da Mata Atlântica são endêmicas do domínio. *X. m. alagoanus* ocorre do Rio Grande do Norte a Alagoas. *X. m. minutus* ocorre do leste da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita florestas de terras baixas, submontanas e mais raramente montanas. Geralmente abaixo de 600 metros.

Conservação: Bra.: VU (*X. m. alagoanus*). *X. m. alagoanus* necessita ter seu status taxonômico avaliado.

Xenops rutilans Temminck, 1821

Port.: bico-virado-carijó **Ingl.:** Streaked Xenops

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Onze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *X. r. rutilans* Temminck, 1821.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo nos Andes e na América do Sul ao sul do rio Amazonas até o sul do Brasil. *X. r. rutilans* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo da Paraíba ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita diferentes tipos de formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Cinclodes espinhacensis Freitas, Chaves, Costa, Santos & Rodrigues, 2012

Port.: pedreiro-do-espinhaço **Ingl.:** Cipo Cinclodes

Fontes: Freitas *et al.* (2012).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica com distribuição restrita a porção sul da Serra do Espinhaço em Minas Gerais.

Habitat: Habita somente áreas de campo rupestre. Geralmente acima de 1100 metros de altitude.

Conservação: Freitas *et al.* 2012 sugerem que a espécie seja considerada EN por conta de sua distribuição muito restrita.

Furnarius figulus (Lichtenstein, 1823)

Port.: casaca-de-couro-da-lama **Ingl.:** Wing-banded Hornero

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *F. f. figulus* (Lichtenstein, 1823).

Distribuição e biogeografia: A espécie apresenta duas populações disjuntas, leste da Amazônia e nordeste do Brasil. Embora originalmente restrito ao nordeste do Brasil, *F. f. figulus* tem expandido bastante sua distribuição nas últimas décadas favorecido pelo desmatamento, tendo já se estabelecido até o sul de São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas geralmente próximo a água. Adapta-se bem a ambientes alterados, incluindo áreas rurais e urbanas, o que tem favorecido a expansão da sua distribuição pelo domínio.

Conservação: Não ameaçada.

Furnarius leucopus Swainson, 1838

Port.: casaca-de-couro-amarelo **Ingl.:** Pale-legged Hornero

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *F. l. assimilis* Cabanis & Heine, 1859.

Distribuição e biogeografia: *F. l. assimilis* ocorre por uma faixa interiorana que vai do Piauí a Bolívia é aparentemente uma espécie invasora na Mata Atlântica, atingindo o núcleo do domínio no sul da Bahia e nordeste de Minas Gerais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas geralmente próximo a água. Adapta-se bem a ambientes alterados, incluindo áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Furnarius rufus (Gmelin, 1788)

Port.: joão-de-barro **Ingl.:** Pale-legged Hornero

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *F. r. albogularis* (Spix, 1824) e *F. r. rufus* (Gmelin, 1788).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída ao sul da Amazônia e a leste dos Andes. *F. r. albogularis* ocorre na Mata Atlântica do Piauí a São Paulo, enquanto a forma nominal atinge o domínio do Paraná ao Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas adaptando-se bem a ambientes alterados, incluindo áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Phleocryptes melanops (Vieillot, 1817)

Port.: bate-bico **Ingl.:** Wren-like Rushbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. m. melanops* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: *P. m. melanops* tem larga distribuição pelo sul da América do Sul, ocorrendo na Mata Atlântica entre o norte do Rio de Janeiro e o limite sul do domínio.

=Habitat: Na Mata Atlântica, a espécie ocorre apenas em áreas úmidas, geralmente com predomínio de *Scirpus sp.*.

Conservação: Não ameaçada.

Lochmias nematura (Lichtenstein, 1823)

Port.: João-porca **Ingl.:** Sharp-tailed Streamcreeper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *Lochmias n. nematura* (Lichtenstein, 1823).

Distribuição e biogeografia: Distribui-se pelas Andes e regiões montanhosas no extremo norte da América do Sul. *L. n. nematura* distribui-se na Mata Atlântica da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Fora do domínio ocorre ainda em florestas de galeria no Cerrado.

Habitat: Na Mata Atlântica, a espécie habita exclusivamente as margens de córregos e rios, geralmente com mata ciliar.

Conservação: Par.: AM.

Automolus lammi Zimmer, 1947

Port.: barranqueiro-do-nordeste **Ingl.:** Pernambuco Foliage-gleaner

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco e Bauer (2000)*.

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Até recentemente era considerado uma subespécie associada a *A. leucophthalmus*. No entanto, análises morfológicas e principalmente vocais suportam seu tratamento como um táxon independente (Zimmer 2008)

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se da Paraíba ao Sergipe.

Habitat: Habita o sub-bosque de florestas de terras-baixas e submontana

Conservação: Bra.: EN. A espécie necessita ter seu status taxonômico avaliado em âmbito mundial.

Automolus leucophthalmus (Wied, 1821)

Port.: barranqueiro-de-olho-branco **Ingl.:** White-eyed Foliage-gleaner

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *A. l. leucophthalmus* (Wied, 1821) e *A. l. sulphurascens* (Lichteinstein, 1823).

Distribuição e biogeografia: *A. l. sulphurascens* é endêmico da Mata Atlântica restrita, ao litoral sudeste da Bahia. *A. l. leucophthalmus* é quase endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo a Argentina. Ocorre ainda no norte de Goiás.

Habitat: Habita o sub-bosque de florestas de terras-baixas, submontana e montana, geralmente abaixo de 900 metros.

Conservação: Não ameaçada. *A. l. sulphurascens* necessita ter seu status taxonômico avaliado, podendo estar ameaçada por destruição do habitat.

Hylocryptus rectirostris (Wied, 1831)

Port.: fura-barreira **Ingl.:** Chestnut-capped Foliage-gleaner

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita ao centro-leste do Brasil e leste do Paraguai. É biogeograficamente mais relacionada com o Cerrado, onde geralmente está associada a florestas de galeria. Registros em diferentes áreas no sul e sudeste de Minas Gerais suportam seu tratamento como uma ave da Mata Atlântica.

Habitat: Habita o sub-bosque de florestas estacionais, geralmente próximo a rios e córregos.

Conservação: Par.: AM.

Anabazenops fuscus (Vieillot, 1816)

Port.: trepador-coleira **Ingl.:** White-collared Foliage-gleaner

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do sul da Bahia ao Paraná e Santa Catarina.

Habitat: Habita taquarais no sub-bosque de florestas submontana, montana e altomontana. Geralmente entre 300 e 1800 metros.

Conservação: Não ameaçada

Philydor lichtensteini Cabanis & Heine, 1859

Port.: limpa-folha-ocráceo **Ingl.:** Ochre-breasted Foliage-gleaner

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita estratos médios e copa de florestas de terras baixas, submontana e montana. Geralmente abaixo dos 900 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada

Philydor novaesi Teixeira & Gonzaga, 1983

Port.: limpa-folha-do-nordeste **Ingl.:** Alagoas Foliage-gleaner

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Restrita as florestas montanhosas em Pernambuco e Alagoas.

Habitat: Habita estratos médios de florestas submontanas e montanas.

Conservação: Mundial: CR. Bra: CR. Apesar de visitas frequentes nos últimos anos por diferentes pesquisadores nas duas localidades nas quais a espécie possuía ocorrência conhecida (Murici e Frei Caneca) não é encontrada na natureza desde 2011, estando possivelmente extinta.

Philydor atricapillus (Wied, 1821)

Port.: limpa-folha-coroado **Ingl.:** Black-capped Foliage-gleaner

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita o sub-bosque e estratos médios de florestas de terras baixas, submontanas e montanas. Geralmente abaixo dos 1300 metros de altitude.

Conservação: Arg.: VU. Par.: AM.

Philydor rufum (Vieillot, 1818)

Port.: limpa-folha-de-testa-baia **Ingl.:** Buff-fronted Foliage-gleaner

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. r. rufum* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: Distribui-se da América Central ao norte da América do Sul e Andes, também no leste do Brasil. *P. r. rufum* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo de Minas Geras e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita as copas de diferentes formações florestais. Geralmente desde o nível do mar até cerca de 1500 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Heliobletus contaminatus Berlepsch, 1885

Port.: trepadorzinho **Ingl.:** Sharp-billed Treehunter

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *H. c. contaminatus* Berlepsch, 1885 e *H. c. camargoi* Silva & Stotz, 1992. Populações do sul da Bahia representam uma nova espécie, já em processo de descrição (Luís F. Silveira com. pess.)

Distribuição e biogeografia: Ambas as subespécies são endêmicas da Mata Atlântica. *H. c. contaminatus* ocorre de Minas Gerais e Espírito Santo ao norte de São Paulo. *H. c. camargoi* ocorre do sul de São Paulo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita estratos médios e copas de diferentes formações florestais. Geralmente (*H. c. camargoi*) até cerca de 1800 metros de altitude.

Conservação: Arg.: VU. Par.: AM.

Anabacerthia amaurotis (Temminck, 1823)

Port.: limpa-folha-miúdo **Ingl.:** White-browed Foliage-gleaner

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita o sub-bosque e estratos médios de diferentes formações florestais. Geralmente entre 300 e 1500 metros de altitude.

Conservação: Mundial: NT. Arg.: AM. Par.: EN.

Syndactyla rufosuperciliata (Lafresnaye, 1832)

Port.: trepador-quiete **Ingl.:** Buff-browed Foliage-gleaner

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *S. r. rufosuperciliata* (Lafresnaye, 1832) e *S. r. acrita* (Oberholser, 1901).

Distribuição e biogeografia: Distribui-se pelos Andes e região sudeste da América do Sul. *S. r. rufosuperciliata* é endêmica da Mata Atlântica ocorrendo de Minas Gerais e Espírito Santo ao Paraná. *S. r. acrita* ocorre na Mata Atlântica do Paraná ao limite sul do domínio. Presente ainda ao sul até o sul do Uruguai e norte da Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Cichlocolaptes leucophrus (Jardine & Selby, 1830)

Port.: trepador-sobrancelha **Ingl.:** Pale-browed Treehunter

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *C. l. leucophrus* (Jardine & Selby, 1830) e *C. l. holti* (Pinto, 1941).

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica. Forma nominal ocorre do sul da Bahia ao Rio de Janeiro. *C. l. holti* ocorre de São Paulo ao Rio Grande do Sul.

Habitat: Habita copas e estratos médios de florestas ombrófila densa e estacional semidecidual, embora seja mais comum na primeira. Ocorre desde o nível do mar até cerca de 1500 metro de altitude, sendo dependente de ambientes conservados.

Conservação: Não ameaçada.

Leptasthenura striolata (Pelzeln, 1856)

Port.: grimpeirinho **Ingl.:** Striolated Tit-Spinetail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorre localmente no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Habitat: Borda de mata e áreas campestres com vegetação arbustiva em áreas de floresta ombrófila mista. Geralmente entre 500 e 1000 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada, apesar da distribuição relativamente restrita.

Leptasthenura setaria (Temminck, 1824)

Port.: grimpeiro **Ingl.:** Araucaria Tit-Spinetail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se esparsamente do sul de Minas Gerais e Rio de Janeiro ao limite sul do domínio, incluindo a Argentina.

Habitat: Espécie restrita a áreas com predomínio de *Araucaria angustifolia*, forraginado nas copas dessa árvore.

Conservação: Mundial: NT. Arg.: AM.

Pseudoseisura cristata (Spix, 1824)

Port.: casaca-de-couro **Ingl.:** Caatinga Cacholote

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região nordeste do Brasil, mais intimamente associada com a Caatinga, aparentemente trata-se de um invasor na Mata Atlântica. Ocorre dentro da área núcleo do domínio no sul da Bahia e leste de Minas Gerais.

Habitat: Na Mata Atlântica, ocorre em áreas de floresta estacional decidual associadas ao vale do Rio São Francisco, habitando a borda da mata. É mais comum, no entanto, em áreas rurais e alteradas, parece estar expandindo sua distribuiçãoo favorecida pelo desmatamento.

Conservação: Não ameaçada.

Phacellodomus rufifrons (Wied, 1821)

Port.: João-de-pau **Ingl.:** Rufous-fronted Thornbird

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas das quais, duas ocorrem na Mata Atlântica: *P. r. specularis* Hellmayr, 1925 e *P. r. rufifrons* (Wied, 1821).

Distribuição e biogeografia: Apresenta populações isoladas em diferentes regiões da América do Sul. *P. r. specularis* está restrito a região nordeste do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica entre a Paraíba e Alagoas. Forma nominal ocorre no centro-leste do Brasil, estando presente na Mata Atlântica entre a Bahia e o extremo nordeste de São Paulo. A espécie tem ampliado sua área de distribuição favorecida pelo desmatamento.

Habitat: Habita a beira da mata e áreas abertas com árvores esparsas e vegetação arbustiva. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Phacellodomus erythrophthalmus (Wied, 1821)

Port.: João-botina-da-mata **Ingl.:** Orange-eyed Thornbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia a São Paulo, incluindo Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Habitat: Habita a beira da mata, geralmente próximo a rios e brejos.

Conservação: Não ameaçada.

Phacellodomus ferrugineigula (Pelzeln, 1858)

Port.: João-botina-do-brejo **Ingl.:** Orange-breasted Thornbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do sul de Minas Gerais e Rio de Janeiro ao limite sul de distribuição do domínio.

Habitat: Habita brejos com vegetação densa e arbustiva.

Conservação: Não ameaçada.

Clibanornis dendrocolaptoides (Pelzeln, 1859)

Port.: cisqueiro **Ingl.:** Canebrake Groundcreeper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do Paraná a Argentina e Paraguai.

Habitat: Habita o sub-bosque de floresta ombrófila mista e estacional semidecidual, mais comumente encontrado próximo a córregos e riachos que cortam a mata.

Conservação: Mundial: NT. Arg.: EN. Par.: EN.

Anumbius annumbi (Vieillot, 1817)

Port.: cochicho **Ingl.:** Firewood-Gatherer

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Distribui-se pelo sudeste da América do Sul ocorrendo na Mata Atlântica entre Minas Gerais e Espírito Santo e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas naturais e principalmente paisagens rurais com predomínio de pastagens e plantações, sendo favorecido pelo desmatamento.

Conservação: Não ameaçada.

Certhiaxis cinnamomeus (Gmelin, 1788)

Port.: curutié **Ingl.:** Yellow-chinned Spinetail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Oito subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *C. c. cearensis* (Cory, 1916) e *C. c. russeolus* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie largamente distribuída por toda América do Sul cis-andina. *C. c. cearenses* ocorre na Mata Atlântica entre o Piauí e o norte da Bahia. *C. c. russeolus* ocorre da Bahia ao limite sul do domínio.

Habitat: Habita a vegetação aquática e arbustiva a beira de corpos d'água incluindo desde brejos a grandes rios.

Conservação: Não ameaçada.

Synallaxis ruficapilla Vieillot, 1819

Port.: pichororé **Ingl.:** Rufous-capped Spinetail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita o sub-bosque com vegetação densa e a borda de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Synallaxis whitneyi Pacheco & Gonzaga, 1995

Port.: João-baiano **Ingl.:** Bahia Spinetail

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, restrita ao sudeste da Bahia e nordeste de Minas Gerais.

Habitat: Habita o sub-bosque com vegetação densa de diferentes formações florestais. Geralmente entre 700 e 1200 metros de altitude.

Conservação: Mundial: VU. Bra: VU.

Synallaxis infuscata Pinto, 1950

Port.: tatic **Ingl.:** Pinto's Spinetail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, restrita a faixa litorânea entre a Paraíba e Alagoas.

Habitat: Habita o sub-bosque com vegetação densa e a borda de diferentes formações florestais.

Conservação: Mundial: EN. Bra.: EN.

Synallaxis cinerascens Temminck, 1823

Port.: pi-puí **Ingl.:** Gray-bellied Spinetail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorre de Minas Gerais e Rio de Janeiro ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Populações ao norte e ao sul do centro de São Paulo aparentemente estão geograficamente isoladas.

Habitat: Habita o sub-bosque com vegetação densa e a borda de diferentes formações florestais. Nas serras do sudeste geralmente entre 800 e 1800 metros de altitude, próximo ao limite sul da distribuição pode ocorrer próximo ao nível do mar.

Conservação: Par.: AM.

Synallaxis frontalis Pelzeln, 1859

Port.: petrim **Ingl.:** Sooty-fronted Spinetail

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Amplamente distribuída pelos domínios que formam a diagonal seca da América do Sul, ocorrendo na Mata Atlântica ao longo de toda a faixa marginal e atingindo a área núcleo do domínio no litoral do nordeste e do Espírito Santo ao oeste do Paraná. Aparentemente é uma espécie invasora favorecida pelo desmatamento.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e áreas com vegetação arbustiva, incluindo paisagens rurais com pastagens e plantações.

Conservação: Não ameaçada.

Synallaxis albescens Temminck, 1823

Port.: uí-pi **Ingl.:** Pale-breasted Spinetail

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Dez subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. a. albescens* Temminck, 1823.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ambientes abertos da América do Sul cisandina. A forma nominal distribui-se esparsamente entre o limite norte do domínio e o Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas naturais e paisagens rurais com predomínio de pastagens e plantações, sendo favorecido pelo desmatamento.

Conservação: Não ameaçada.

Synallaxis spixi Sclater, 1856

Port.: joão-teneném **Ingl.:** Spix's Spinetail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região sudeste da América do Sul. Distribui-se na Mata Atlântica do sul da Bahia até o limite sul do domínio, incluindo, Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata, áreas abertas naturais, incluindo áreas úmidas, e paisagens rurais com predomínio de pasto sujo e plantações, sendo favorecido pelo desmatamento.

Conservação: Não ameaçada.

Synallaxis hypospodia Sclater, 1874

Port.: joão-grilo **Ingl.:** Cinereous-breasted Spinetail

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: As populações da espécie se distribui em núcleos seguindo uma faixa que vai de Alagoas aos Andes. Na Mata Atlântica, parece estar restrita região do recôncavo baiano e as florestas de Pernambuco e Alagoas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e áreas úmidas com vegetação densa.

Conservação: Não ameaçada.

Synallaxis scutata Sclater, 1859

Port.: estrelinha-preta **Ingl.:** Ochre-cheeked Spinetail

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica, *S. s. scutata* Sclater, 1859.

Distribuição e biogeografia: Distribui-se pelo interior do Brasil, sudeste da Bolívia, Paraguai e norte da Argentina. Ocorre na Mata Atlântica ao longo de toda a faixa marginal e atingindo a área núcleo do domínio no litoral do nordeste, em Pernambuco e Alagoas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o sub-bosque de florestas estacionais.

Conservação: Não ameaçada.

Asthenes luizae Vielliard, 1990

Port.: lenheiro-da-serra-do-cipó **Ingl.:** Cipo Canastero

Fontes: Vielliard (1990).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica com distribuição restrita a região a meridional da Serra do Espinhaço em Minas Gerais.

Habitat: Habita somente áreas de campo rupestre, geralmente entre 1000 e 2000 metros de altitude.

Conservação: Mundial: NT.

Asthenes moreirae (Miranda-Ribeiro, 1906)

Port.: garrincha-chorona **Ingl.:** Itatiaia Spinetail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica com distribuição restrita aos cumes de montanha da região sudeste do Brasil em Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo.

Habitat: Habita somente áreas de campo de altitude e por isso ocorre geralmente entre 1800 e 2800 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Acrobatornis fonsecai Pacheco, Whitney & Gonzaga, 1996

Port.: acrobata **Ingl.:** Pink-legged Graveteiro

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, restrita ao sul da Bahia e nordeste extremo de Minas Gerais.

Habitat: Habita principalmente a copa das árvores de florestas ombrófila densa. Geralmente entre 100 e 550 metros de altitude. Adapta-se a florestas pouco alteradas, ocorrendo em áreas de “cabucra”, plantações de cacau.

Conservação: Mundial: VU. Bra: VU.

Cranioleuca vulpina (Pelzeln, 1856)

Port.: arredio-do-rio **Ingl.:** Rusty-backed Spinetail

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C v. vulpina* (Pelzeln, 1856).

Distribuição e biogeografia: Forma nominal ocorre da Colômbia ao centro do Brasil, apresenta ocorrência marginal ao longo de grande parte dos limites da Mata Atlântica com o Cerrado e adentrando o domínio entre o sul de Minas Gerais e o oeste do Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, a espécie habita apenas matas ciliares.

Conservação: Não ameaçada.

Cranioleuca obsoleta (Reichenbach, 1853)

Port.: arredio-oliváceo **Ingl.:** Olive Spinetail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo entre o sul de São Paulo e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita a borda da mata, especialmente floresta ombrófila mista. Geralmente abaixo dos 1000 metros de altitude.

Conservação: Par.: AM.

Cranioleuca pallida (Wied, 1831)

Port.: arredio-pálido **Ingl.:** Pallid Spinetail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do sul da Bahia ao nordeste do Paraná.

Habitat: Habita a borda, copa e estratos médios de diferentes formações florestais. Geralmente entre 400 e 2100 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Cranioleuca semicinerea (Reichenbach, 1853)

Port.: João-de-cabeça-cinza **Ingl.:** Gray-headed Spinetail

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. s. semicinerea* (Reichenbach, 1853).

Distribuição e biogeografia: Restrita a região nordeste do Brasil, com uma população disjunta no norte de Goiás. *C. s. semicinerea* distribui-se entre o Piauí e o centro da Bahia, apresentado uma população na faixa litorânea entre a Paraíba e Alagoas. Embora sua

ocorrência na Mata Atlântica esteja restrita a porção marginal, foi considerada como espécie do domínio por estar associada a formações florestadas. por conta do seu habitat.

Habitat: Habita a borda, copa e estratos médios de florestas estacionais decíduas e semidecíduas, geralmente entre 500 e 850 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Thripophaga macroura (Wied, 1821)

Port.: rabo-amarelo **Ingl.:** Striated Softtail

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do sudeste da Bahia ao Rio de Janeiro.

Habitat: Habita o estrato médio e copa de diferentes formações florestais.

Conservação: Mundial: VU. Bra: VU.

Pipridae Rafinesque, 1815

Neopelma pallescens (Lafresnaye, 1853)

Port.: fruxu-do-cerradão **Ingl.:** Pale-bellied Tyrant-Manakin

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Populações na Mata Atlântica concentram-se entre o Piauí e a Bahia. Fora dessa região ocorre no domínio apenas marginalmente ao longo de sua fronteira com o Cerrado.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda, sub-bosque e estrato médio de florestas estacionais.

Conservação: Não ameaçada.

Neopelma aurifrons (Wied, 1831)

Port.: fruxu-baiano **Ingl.:** Wied's Tyrant-Manakin

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se entre o sul da Bahia e o norte do Rio de Janeiro, incluindo Minas Gerais e Espírito Santo.

Habitat: Habita o sub-bosque de floresta ombrófila densa, geralmente abaixo dos 1000 metros de altitude.

Conservação: Mundial: VU. Registros recentes da espécie são muito escassos e encontra-se em situação conservacionista delicada.

Neopelma chrysolophum Pinto, 1944

Port.: fruxu **Ingl.:** Serra do Mar Tyrant-Manakin

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Restrita a áreas montanhosas em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Habitat: Habita o sub-bosque de florestas montana e altomontana, geralmente entre 800 e 1800 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Pipra fasciicauda Hellmayr, 1906

Port.: uirapuru-laranja **Ingl.:** Band-tailed Manakin

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. s. scarlatina* Hellmayr, 1915.

Distribuição e biogeografia: Amplamente distribuída pelo centro da América do Sul. *P. s. scarlatina* ocorre do leste da Amazônia ao nordeste da Argentina e grande parte do centro do Brasil. Na Mata Atlântica, a espécie apresenta populações disjuntas no Ceará e em Alagoas, ocorrendo ainda entre oeste do Paraná e o Paraguai, incluindo Misiones, na Argentina. Marginalmente ocorre também em outras áreas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de florestas estacionais.

Conservação: Não ameaçada.

Pipra rubrocapilla Temminck, 1821

Port.: cabeça-encarnada **Ingl.:** Red-headed Manakin

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Amplamente distribuída por toda a Amazônia meridional. Populações da Mata Atlântica estão isoladas das Amazônicas, ocorrendo entre a Paraíba e o norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e estrato médio de florestas de terras baixas. Geralmente abaixo dos 200 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Manacus manacus (Linnaeus, 1766)

Port.: rendeira **Ingl.:** White-bearded Manakin

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quinze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. m. gutturosus* (Desmarest, 1806).

Distribuição e biogeografia: *M. m. gutturosus* é endêmico da Mata Atlântica, ocorrendo do Rio Grande do Norte ao limite sul do domínio. Demais subespécies associadas ao complexo ocorrem na Amazônia e ambientes florestados no norte da América do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o sub-bosque de diferentes formações florestais. Geralmente ocorre desde o nível do mar até cerca de 1100 metros de altitude.

Conservação: Arg.: VU. Par.: AM.

Machaeropterus regulus (Hahn, 1819)

Port.: tangará-rajado **Ingl.:** Striped Manakin

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Restrita a faixa costeira entre o sul da Bahia e o centro do Rio de Janeiro.

Habitat: Habita o sub-bosque e estratos médios de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 600 metros de altitude.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Não obstante, a redução significativa das florestas de baixa altitude da qual a espécie depende deve ter levado a reduções populacionais significativas.

Dixiphia pipra (Linnaeus, 1758)

Port.: cabeça-branca **Ingl.:** White-crowned Manakin

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Treze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *D. p. cephaleucos* (Thunberg, 1822).

Distribuição e biogeografia: A subespécies *D. p. cephaleucos* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo na faixa costeira entre o sudeste da Bahia e o norte do Rio de Janeiro. Demais subespécies do complexo se distribuem pela Amazônia, norte da América do Sul e América Central

Habitat: Habita o sub-bosque e estratos médios de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 600 metros de altitude.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Não obstante, a redução significativa das florestas de baixa altitude da qual a espécie depende deve ter levado a reduções populacionais significativas.

Ilicura militaris (Shaw & Nodder, 1809)

Port.: tangarazinho **Ingl.:** Pin-tailed Manakin.

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero quase endêmicos da Mata Atlântica. Distribui-se do sul da Bahia a Santa Catarina. Ocorre também no norte de Goiás.

Habitat: Habita o sub-bosque e estratos médios de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Chiroxiphia pareola (Linnaeus, 1766)

Port.: tangará-falso **Ingl.:** Blue-backed Manakin

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. p. pareola* (Linnaeus, 1766).

Distribuição e biogeografia: A forma nominal distribui-se por grande parte da Amazônia, ocorre também disjuntamente na Mata Atlântica do Rio Grande do Norte ao Rio de Janeiro.

Habitat: Habita o sub-bosque e estratos médios de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 600 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Chiroxiphia caudata (Shaw & Nodder, 1793)

Port.: tangará **Ingl.:** Swallow-tailed Manakin

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita o sub-bosque e estratos médios de diferentes formações florestais. No norte de sua distribuição, Bahia, geralmente restrito as montanhas.

Conservação: Não ameaçada.

Antilophia bokermanni Coelho & Silva, 1998

Port.: soldadinho-do-araripe **Ingl.:** Araripe Manakin

Fontes: Coelho & Silva (1998)

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, restrita a Chapada do Arararipe, no Ceará.

Habitat: Habita as florestas úmidas na encosta nordeste da Chapa do Araripe, estando intimamente associada a áreas junto a nascentes e córregos.

Conservação: Mundial: CR. Bra: CR.

Tityridae Gray, 1840

Oxyruncus cristatus Swainson, 1821

Port.: araponga-do-horto **Ingl.:** Sharpbill

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *O. c. cristatus* (Swainson, 1821).

Distribuição e biogeografia: Espécie esparsamente distribuída da Costa Rica ao nordeste da Argentina e sul do Brasil. A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. As subespécies das populações de Alagoas e Pernambuco e do Mato Grosso do Sul são ignoradas.

Habitat: Habita o dossel de diferentes formações florestais.

Conservação: Arg.: AM. Par.: AM. A população do Centro Pernambuco é conhecida de poucas localidades e seu estado de conservação pode ser preocupante.

Onychorhynchus swainsoni (Pelzeln, 1858)

Port.: maria-leque-do-sudeste **Ingl.:** Atlantic Royal Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se de Minas Gerais a Santa Catarina. Indicação de ocorrência na Bahia e Goiás carecem de documentação.

Habitat: Habita o sub-bosque de florestas ombrófilas densas, encontrada geralmente próximo a córregos sobre os quais constrói seu ninho. Geralmente do nível do mar até cerca de 1100 metros de altitude.

Conservação: Mundial: VU.

Myiobius barbatus (Gmelin, 1789)

Port.: assanhadinho **Ingl.:** Whiskered Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *M. b. insignis* J. T. Zimmer, 1939 e *M. b. mastacalis* (Wied, 1821).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela Amazônia, centro e leste do Brasil. *M. b. mastacalis* é endêmica da Mata Atlântica ocorrendo da Paraíba a Santa Catarina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e estrato médio diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Myiobius atricaudus Lawrence, 1863

Port.: assanhadinho-de-cauda-preta **Ingl.:** Black-tailed Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *M. a. snethlagei* Hellmayr, 1927 e *M. a. ridgway* Berlepsch 1888 .

Distribuição e biogeografia: Distribui-se da América Central ao sul do Brasil. *M. a. ridgway* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do Espírito Santo e Minas Gerais a Santa Catarina. *M. a. snethlagei* do Piauí e Ceará ao oeste da Bahia, associado a florestas estacionais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Schiffornis virescens (Lafresnaye, 1838)

Port.: flautim **Ingl.:** Greenish Schiffornis

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie quase endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Ocorre ainda no norte de Goiás.

Habitat: Habia o sub-bosque de diferentes formações florestais. Na região norte da sua área de ocorrência geralmente restrito as montanhas, sendo substituído por *Schiffornis turdina* nas altitudes mais baixas.

Conservação: Par.: AM.

Schiffornis turdina (Wied, 1831)

Port.: flautim-marrom **Ingl.:** Thrush-like Schiffornis

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Informações recentes sugerem a separação da maior parte das treze subespécies que tradicionalmente eram consideradas subordinadas à presente espécie (Nyári 2007). Ainda de acordo com esses autores, as populações da Mata Atlântica seriam próximas das populações da Amazônia meridional, e sudeste do Peru e norte da Bolívia, sendo agrupadas em *S. t. turdina* (Wied, 1831). Cabe ressaltar que a subespécie *S. t. intermedia* Pinto, 1954, que é restrita à Mata Atlântica ao norte do São Francisco, não foi analisada por esses autores.

Distribuição e biogeografia: A subespécie *S. t. intermedia* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo nas florestas costeiras da Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Forma nominal ocorre na Mata Atlântica da Bahia ao norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 400 metros de altitude.

Conservação: Bra.: VU (*S. t. intermedia*). *S. t. intermedia* precisa ter seu status taxonômico avaliado.

Laniocera hypopyrra (Vieillot, 1817)

Port.: chorona-cinza **Ingl.:** Cinereous Mourner

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela Amazônia com população disjunta na Mata Atlântica, entre o sul da Bahia e o Espírito Santo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sobosque e estrato médio de florestas de terras baixas.

Conservação: Não é considerada ameaçada. A redução significativa das florestas de baixa altitude da qual a espécie depende deve ter levado a reduções populacionais significativas na Mata Atlântica.

Laniisoma elegans (Thunberg, 1823)

Port.: chibante **Ingl.:** Shrike-like Cotinga

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo da Bahia ao Paraná e Santa Catarina. Demais táxons do gênero estão restritos aos Andes.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sobosque e estrato médio de florestas ombrófila densa.

Conservação: Não ameaçada.

Iodopleura pipra (Lesson, 1831)

Port.: anambezinho **Ingl.:** Buff-throated Purpletuff

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *I. p. leucopygia* Salvin, 1885 e *I. p. pipra* (Lesson, 1831).

Distribuição e biogeografia: Ambas as subespécies são endêmicas da Mata Atlântica. *I. p. leucopygia* ocorre da Paraíba a Alagoas. Enquanto a forma nominal ocorre da Bahia ao Paraná.

Habitat: Habita principalmente a copa da floresta de terras baixas e submontana. Geralmente abaixo dos 300 metros de altitude.

Conservação: Mundial: NT. Bra.: EN (*I. p. leucopygia*).

Tityra inquisitor (Lichtenstein, 1823).

Port.: anambé-branco-de-bochecha-parda **Ingl.:** Black-crowned Tityra

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorrem na Mata Atlântica: *T. i. inquisitor* (Lichtenstein, 1823).

Distribuição e biogeografia: Distribui-se da América Central ao sul do Brasil. Forma nominal ocorre em grande parte do Brasil extra-amazônico e também no Paraguai e Argentina. Ocorre na Mata Atlântica do sul da Bahia ao limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Tityra cayana (Linnaeus, 1766)

Port.: anambé-branco-de-rabo-preto **Ingl.:** Black-tailed Tityra

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. c. brasiliensis* (Swainson, 1837).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ecossistemas florestados da América do Sul. Forma nominal ocorre por toda distribuição da espécie fora da Amazônia, incluindo esparsamente por toda a Mata Atlântica. Populações do Centro Pernambuco parecem geograficamente isoladas das demais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Pachyramphus viridis (Vieillot, 1816)

Port.: caneleiro-verde **Ingl.:** Green-backed Becard

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. v. viridis* (Vieillot, 1816).

Distribuição e biogeografia: Forma nominal distribui-se esparsamente por toda a Mata Atlântica. Ocorrendo também grande parte do Brasil extra-amazônico, Bolívia, Paraguai e norte da Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Pachyramphus castaneus (Jardine & Selby, 1827)

Port.: caneleiro **Ingl.:** Chestnut-crowned Becard

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. c. castaneus* (Jardine & Selby, 1827).

Distribuição e biogeografia: Amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes. A subespécie *P. c. castaneus* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Pachyramphus polychopterus (Vieillot, 1818)

Port.: caneleiro-preto **Ingl.:** White-winged Becard

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Oito subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *P. p. polychopterus* (Vieillot, 1816) e *P. p. spixii* (Swainson, 1838).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ecossistemas florestais da América do Sul e América Central. A forma nominal ocorre do Piauí a Bahia. *P. p. spixii* ocorre na Mata Atlântica do Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Pachyramphus marginatus (Lichtenstein, 1823)

Port.: caneleiro-bordado **Ingl.:** Black-capped Becard

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. m. marginatus* (Lichtenstein, 1823).

Distribuição e biogeografia: Apresenta duas populações disjuntas, Amazônia e leste do Brasil. A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo de Pernambuco ao Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior de florestas de terras baixas.

Conservação: Não ameaçada.

Pachyramphus validus (Lichtenstein, 1823)

Port.: caneleiro-de-chapéu-preto **Ingl.:** Crested Becard

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. v. validus* (Lichtenstein, 1823).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul. Forma nominal ocorre esparsamente por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Cotingidae Bonaparte, 1849

Lipaugus vociferans (Wied, 1820)

Port.: cricrió **Ingl.:** Screaming Piha

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela Amazônia com população disjunta na Mata Atlântica entre Pernambuco e o norte do Espírito Santo.

Habitat: Na Mata Atlântica, a espécie está restrita as florestas de terras baixas.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Não obstante, a redução significativa das florestas de baixa altitude da qual a espécie depende deve ter levado a reduções populacionais significativas na Mata Atlântica.

Lipaugus lanioides (Lesson, 1844)

Port.: tropeiro-da-serra **Ingl.:** Cinnamon-vented Piha

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se da Bahia a Santa Catarina.

Habitat: Habita os estratos médio e superior de florestas de diferentes formações florestais, sendo dependente de ambientes conservados.

Conservação: Mundial: NT.

Tijuca atra Ferrusac, 1829

Port.: saudade **Ingl.:** Black-and-gold Cotinga

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica. Restrita as cadeias montanhosas da Serra dos Órgãos e Serra da Mantiqueira. Ocorrendo em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

Habitat: Habita as copas das florestas montanas e altomontanas. Geralmente acima dos 1500 metros de altitude, mas eventualmente atinge altitudes menos elevadas.

Conservação: Mundial: NT.

Tijuca condita Snow, 1980

Port.: saudade-de-asa-cinza **Ingl.:** Gray-winged Cotinga

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica. Espécie restrita ao trecho fluminense da Serra do Mar.

Habitat: Habita a floresta altomontana, geralmente acima dos 1800 metros de altitude.

Conservação: Mundial: VU. Bra: VU.

Xipholena atropurpurea (Wied, 1820)

Port.: anambé-de-asa-branca **Ingl.:** White-winged Cotinga

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se pela faixa costeira da Paraíba ao norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Habita as copas de florestas de terras baixas, sendo dependente de ambiente conservados.

Conservação: Mundial: EN. Bra.: EN Localmente extinta em grande parte da sua distribuição.

Procnias averano (Hermann, 1783)

Port.: araponga-do-nordeste **Ingl.:** Bearded Bellbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. a. averano* (Hermann, 1783).

Distribuição e biogeografia: **Apresenta duas populações disjuntas:** extremo norte da América do Sul, *P. a. carnobaba* (Cuvier, 1816) e nordeste do Brasil entre o Maranhão e Tocantins e na Mata Atlântica entre o Piauí e o litoral de Pernambuco e Alagoas

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Bra.: VU (*P. a. averano*).

Procnias nudicollis (Vieillot, 1817)

Port.: araponga **Ingl.:** Bare-throated Bellbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Ocorre do litoral de Pernambuco e Alagoas ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Mundial: VU. Arg.: EN. População do Centro Pernambuco com registros recentes escassos e sob alto risco de extinção.

Cotinga maculata (Statius Muller, 1776)

Port.: crejoá **Ingl.:** Banded Cotinga

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se da Bahia ao norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Habita as copas de florestas de terras baixas, geralmente abaixo dos 200 metros de altitude.

Conservação: Mundial: EN. Bra.: EN. Extinta em grande parte da sua área de ocorrência histórica.

Pyroderus scutatus (Shaw, 1792)

Port.: pavó **Ingl.:** Red-ruffed Fruitcrow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. s. scutatus* (Shaw, 1792).

Distribuição e biogeografia: *P. s. scutatus* é quase endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Também no norte de Goiás. Demais subespécies do grupo ocorrem no norte dos Andes e em outras cadeias montanhosas na Colômbia, Venezuela e Guiana.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais, sendo, no entanto, dependente de ambientes mais conservados.

Conservação: Par.: AM.

Carpornis cucullata (Swainson, 1821)

Port.: corocochó **Ingl.:** Hooded Berryeater

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica. Distribui-se de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul.

Habitat: Habita as copas de florestas ombrófila densa montana e altomontana.

Conservação: Mundial: NT.

Carpornis melanocephala (Wied, 1820)

Port.: sabiá-pimenta **Ingl.:** Black-headed Berryeater

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se de Alagoas ao Paraná. População do Centro Pernambuco aparentemente isolada.

Habitat: Habita as copas de florestas ombrófila densa de terras baixas e altitudes menos elevadas da submontana.

Conservação: Brasil: VU. Mundial: VU.

Phibalura flavirostris Vieillot, 1816

Port.: tesourinha-da-mata **Ingl.:** Swallow-tailed Cotinga

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Sua única congênere, *P. boliviana* Chapman, 1930, ocorre nos Andes no oeste da Bolívia.

Habitat: Habita as copas de diferentes formações florestais. Geralmente ocorre entre 500 e 1800 metros, mas eventualmente pode atingir regiões mais baixas.

Conservação: Mundial: NT. Arg.: EN. Par.: EN.

Calyptura cristata (Vieillot, 1818)

Port.: tietê-de-coroa **Ingl.:** Kinglet Calyptura

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica. Restrita ao Rio de Janeiro. As afirmações de ocorrência da espécie em São Paulo carecem de evidência inquestionável (Rego *et al.* 2013).

Habitat: A espécie é virtualmente desconhecida. Seu último local de registro foi em floresta ombrófila densa a cerca de 600 metro de altitude. Não obstante, a julgar pelos roteiros feitos pelos naturalistas que coletaram a espécie no século XIX, é possível que ocorra também na vertente seca da Serra dos Órgão, informação corroborada pela existência de três indivíduos coletados na parte interiorana do município de Nova Friburgo (Krabbe 2007)

Conservação: Mundial: CR. Bra.: CR.

Incertae sedis

Platyrrinchus mystaceus Vieillot, 1818

Port.: patinho **Ingl.:** White-throated Spadebill

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatorze subespécies reconhecidas, das quais três ocorrem na Mata Atlântica: *P. m. mystaceus* Vieillot, 1818, *P. m. cancrum* e *P. m. niveigularis* Pinto, 1954.

Distribuição e biogeografia: Forma nominal é endêmica da Mata Atlântica ocorrendo do oeste do Paraná e Santa Catarina ao leste do Paraguai, nordeste da Argentina e Rio Grande do Sul. *P. m. niveigularis* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do Rio Grande do Norte a Alagoas. *P. m. cancrum* ocorre do Maranhão ao sul do Brasil, estando presente na Mata Atlântica desde o seu limite norte até o litoral de Santa Catarina. Demais subespécies do complexo amplamente distribuída pelas formações florestais sul-americanas extra amazônicas e pela América Central.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Bra.: VU (*P. m. niveigularis*).

Platyrrinchus leucoryphus Wied, 1831

Port.: patinho-gigante **Ingl.:** Russet-winged Spadebill

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. População recém descoberta em Alagoas geograficamente isolada das demais.

Habitat: Habita o sub-bosque de florestas de terras baixas e submontana. Geralmente abaixo dos 600 metros.

Conservação: Mundial: VU. Par.: EN.

Piprites chloris (Temminck, 1822)

Port.: papinho-amarelo **Ingl.:** Wing-barred Piprites

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. c. chloris* (Temminck, 1822). População recém descoberta no Centro Pernambuco de Endemismo provavelmente representa um táxo novo (Sidnei Dantas com. pess.)

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela Amazônia contando com populações isolada no nordeste e sudeste da América do Sul. A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior de diferentes formações florestais. Na porção norte de sua distribuição geralmente em regiões montanhosas.

Conservação: Par.: AM. População recentemente descoberta no Centro Pernambuco deve se encontrar seriamente ameaçada.

Piprites pileata (Temminck, 1822)

Port.: canelinho-de-chapéu-preto **Ingl.:** Black-capped Piprites

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se esparsamente de Minas Gerais a Argentina.

Habitat: Habita a floresta montana e altomontana, na porção norte da distribuição restrito a regiões montanhosas.

Conservação: Mundial: VU. Brasil: VU. Arg.: CR.

Tachuris rubrigastra (Vieillot, 1817)

Port.: papa-piri **Ingl.:** Many-colored Rush Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Oito subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. r. rubrigastra* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: *T. r. rubrigastra* distribui-se por toda América do Sul meridional. Registros na Mata Atlântica entre o Rio de Janeiro e o limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas úmidas com predomínio de taboais e juncais.

Conservação: Não ameaçada.

Rhynchocyclidae Berlepsch, 1907

Mionectes oleagineus (Lichtenstein, 1823)

Port.: abre-asa **Ingl.:** Ochre-bellied Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. o. oleagineus* (Lichtenstein, 1823).

Distribuição e biogeografia: Forma nominal ocorre por toda região amazônica. Populações da Mata Atlântica isoladas das demais, ocorrentes da Paraíba ao norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 400 metros.

Conservação: Não ameaçada.

Mionectes rufiventris Cabanis, 1846

Port.: abre-asa-de-cabeça-cinza **Ingl.:** Gray-hooded Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie quase endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Ocorre também na região norte de Goiás.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Leptopogon amaurocephalus Tschudi, 1846

Port.: cabeçudo **Ingl.:** Sepia-capped Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *L. a. amaurocephalus* Tschudi, 1846.

Distribuição e biogeografia: *L. a. amaurocephalus* ocorre do leste da Bolívia e Mato Grosso ao Maranhão. Distribui-se por toda a Mata Atlântica. Demais subespécies do complexo amplamente distribuída pelos ecossistemas florestais da América do Sul e América Central.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e o estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Corythopis delalandi (Lesson, 1830)

Port.: estalador **Ingl.:** Southern Antpipit

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica

Distribuição e biogeografia: Distribui-se na Mata Atlântica do Espírito Santo e Minas Gerais ao limite sul do domínio. Além da Mata Atlântica, a espécie ocorre por uma faixa interiorana que vai do sul do Maranhão ao norte de Goiás, também na Bolívia. População recentemente descoberta em Alagoas está aparentemente geograficamente isolada das demais (Minns 2010) .

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada. População recentemente descoberta no Centro Pernambuco de Endemismo provavelmente está em vias de extinção.

Phylloscartes eximius (Temminck, 1822)

Port.: barbudinho **Ingl.:** Southern Bristle-Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se esparsamente de Minas Gerais e Rio de Janeiro ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Aparentemente associado a floresta semidecíduas e ombrófila mista, habitando os estratos médio e superior.

Conservação: Mundial: NT. Par.: AM.

Phylloscartes ventralis (Temminck, 1824)

Port.: borboletinha-do-mato **Ingl.:** Mottle-cheeked Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. v. ventralis* (Temminck, 1824).

Distribuição e biogeografia: A forma nominal está presente na Mata Atlântica de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Ocorrendo também no Uruguai. Demais subespécies do complexo ocorrem nos Andes.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais. Na região sudeste do Brasil geralmente restrito a regiões montanhosas.

Conservação: Arg.: AM.

Phylloscartes kronei Willis & Oniki, 1992

Port.: maria-da-restinga **Ingl.:** Restinga Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se pela faixa litorânea entre São Paulo e o Rio Grande do Sul

Habitat: Habita principalmente áreas de restinga arbórea e floresta de terras baixas, eventualmente em altitudes um pouco mais elevadas.

Conservação: Mundial: VU. Bra.: VU.

Phylloscartes beckeri Gonzaga & Pacheco, 1995

Port.: borboletinha-baiana **Ingl.:** Bahia Tyrannulet

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, restrita ao sul da Bahia e extremo nordeste de Minas Gerais.

Habitat: Habita a borda e as copas da florestas ombrófila densa em regiões montanhosas, geralmente entre 800 e 1200 metros.

Conservação: Mundial: EN. Bra.: EN.

Phylloscartes ceciliae Teixeira, 1987

Port.: cara-pintada **Ingl.:** Alagoas Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, restrita a Pernambuco e Alagoas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de florestas. Geralmente entre 400 e 600 metros de altitudes.

Conservação: Mundial: EN. Bra.: EN.

Phylloscartes roquettei Snethlage, 1928

Port.: cara-dourada **Ingl.:** Minas Gerais Tyrannulet

Fontes: Lopes *et al.* (2008).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região do médio rio São Francisco no nordeste de Minas Gerais e centro sul da Bahia. Seu tratamento como uma espécie da Mata Atlântica, em oposição ao apontado por outros autores que a consideram a espécie endêmica do Cerrado (Lopes 2009), justifica-se pelo fato dela ocorrer nas florestas estacionais associadas ao rio São Francisco que de acordo com os limites adotados nesse trabalho são considerada como parte da Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita florestas estacionais decíduas e semidecíduas. Ocorre também em matas de galeria associadas ao Cerrado (Lopes *et al.* 2008).

Conservação: Mundial: EN. Bra.: CR.

Phylloscartes paulista Ihering & Ihering, 1907

Port.: não-pode-parar **Ingl.:** Sao Paulo Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de florestas de terras baixas e submontana. Geralmente abaixo dos 400 metros de altitude.

Conservação: Mundial: NT. Arg.: EN. Par.: EN.

Phylloscartes oustaleti (Sclater, 1887)

Port.: papa-moscas-de-olheiras **Ingl.:** Oustalet's Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se pela faixa costeira da Bahia a Santa Catarina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de florestas de terras baixas, submontana e montana. Geralmente abaixo dos 800 metros.

Conservação: Mundial: NT.

Phylloscartes difficilis (Ihering & Ihering, 1907)

Port.: estalinho **Ingl.:** Serra do Mar Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se localmente entre Minas Gerais e o Espírito Santo e o Rio Grande do Sul.

Habitat: Habita o sub-bosque de florestas montanas e altomontanas. Na porção norte da distribuição geralmente acima dos 1200 metros de altitude.

Conservação: Mundial: NT.

Phylloscartes sylviolus (Cabanis & Heine, 1859)

Port.: maria-pequena **Ingl.:** Bay-ringed Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se localmente de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Mundial: NT. Arg.: VU. Par.: AM.

Rhynchocyclus olivaceus (Temminck, 1820)

Port.: bico-chato-grande **Ingl.:** Olivaceous Flatbill

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Nove subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *R. o. olivaceus* (Temminck, 1820)

Distribuição e biogeografia: *R. o. olivaceus* ocorre no leste da Amazônia e disjuntamente na Mata Atlântica entre Pernambuco e o Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o estrato médio de florestas de terras baixas. Geralmente abaixo dos 200 metros de altitude

Conservação: Não é considerada ameaçada. As populações da Mata Atlântica devem ter sofrido reduções significativas por conta da destruição do habitat.

Tolmomyias sulphurescens (Spix, 1825)

Port.: bico-chato-de-orelha-preta **Ingl.:** Yellow-olive Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Dezesseis subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *T. s. pallescens* (Harter & Goodson, 1917) e *T. s. sulphurescens* (Spix, 1825).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ecossistemas florestais da América do Sul e América Central. Forma nominal é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Parguai e Argentina. *T. s. pallescens* distribui-se por grande parte do Brasil extra-amazônico estando presente na Mata Atlântica no litoral do nordeste brasileiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Tolmomyias poliocephalus (Taczanowski, 1884)

Port.: bico-chato-de-cabeça-cinza **Ingl.:** Gray-crowned Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. p. sclateri* (Hellmayr, 1903).

Distribuição e biogeografia: *T. p. sclateri* distribui-se por grande parte da Amazônia, apresentando ainda uma população disjunta na Mata Atlântica entre Pernambuco e o Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de florestas de terras baixas e submontana geralmente abaixo do 300 metros de altitude.

Conservação: Não é considerada ameaçadas.

Tolmomyias flaviventris (Wied, 1831)

Port.: bico-chato-amarelo **Ingl.:** Yellow-breasted Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. f. flaviventris* (Wied, 1831).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ecossistemas florestais da América do Sul. Forma nominal Amazônia meridional e pelo interior do Brasil do Maranhão ao leste da Bolívia. Ocorre na Mata Atlântica entre o limite norte do domínio e o Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Todirostrum poliocephalum (Wied, 1831)

Port.: teque-teque **Ingl.:** Yellow-lored Tody-Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se entre a Bahia e Santa Catarina.

Habitat: Habita as bordas e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Todirostrum cinereum (Linnaeus, 1766)

Port.: ferreirinho-relógio **Ingl.:** Common Tody-Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Oito subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *T. c. cearae* Cory, 1916 e *T. c. coloreum* Ridgway, 1906.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ecossistemas florestais da América do Sul e América Central. *T. c. cearae* ocorre no leste do Pará e na Mata Atlântica do Piauí ao norte da Bahia. *T. c. coloreum* distribui-se do norte da Bolívia ao leste do Brasil, estando presente no domínio entre o sul da Bahia e o Rio Grande do Sul, Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais. Adapta-se bem a ambientes alterados, incluindo áreas urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Poecilatriccus plumbeiceps (Lafresnaye, 1846)

Port.: tororó **Ingl.:** Ochre-faced Tody-Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *P. p. cinereipectus* (Novaes, 1953) *P. p. plumbeiceps* (Lafresnaye, 1846).

Distribuição e biogeografia: Ambas as formas ocorrentes na Mata Atlântica são endêmicas do domínio. *P. p. cinereipectus* ocorre de Alagoas ao sudeste de Minas Gerais e Espírito Santo. Forma nominal distribui-se do sul do Rio de Janeiro ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e sub-bosque denso de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Poecilatriccus fumifrons (Hartlaub, 1853)

Port.: ferreirinho-de-testa-parda **Ingl.:** Smoky-fronted Tody-Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. f. fumifrons* (Hartlaub, 1853).

Distribuição e biogeografia: Forma nominal distribui-se na Mata Atlântica entre o Piauí e a Bahia. Ocorre também no leste da Amazônia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o sub-bosque denso de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Myiornis auricularis (Vieillot, 1818)

Port.: miudinho **Ingl.:** Eared Pygmy-Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *M. a. cinereicollis* (Wied, 1831) e *M. a. auricularis* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: A espécie é endêmica da Mata Atlântica. *M. a. cinereicollis* ocorre da Bahia ao Espírito Santo, incluindo o leste de Minas Gerais. Subespécie das populações de Pernambuco aparentemente representam *M. a. cinereicollis*, mas podem tratar-se de um táxon ainda não descrito. A forma nominal ocorre do sul do Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo o Paraguai e Argentina. Durante expedição de campo relacionada com o presente estudo foi descoberta uma população desconhecida de *Myiornis aff.*

auricularis nas florestas estacionais do Maranhão e Piauí, a qual provavelmente representa uma nova espécie.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Não obstante a população de Pernambuco só é conhecida de um única localidade e exige atenção conservacionista.

Hemitriccus diops (Temminck, 1822)

Port.: olho-falso **Ingl.:** Drab-breasted Pygmy-Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de diferentes formações florestais, geralmente acima dos 500 metros.

Conservação: Par. AM.

Hemitriccus obsoletus (Miranda-Ribeiro, 1906)

Port.: catraca **Ingl.:** Brown-breasted Pygmy-Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *H. o. obsoletus* (Miranda-Ribeiro, 1906) e *H. o. zimmeri* T aylor, 1979.

Distribuição e biogeografia: Ambas as subespécies são endêmicas da Mata Atlântica. A forma nominal ocorre nas montanhas no sul de Minas Geraia, Rio de Janeiro e São Paulo. *H. o. zimmeri* ocorre do sul de São Paulo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque dominado por taquarais de florestas montanas e altomontanas. *H. o. obsoletus* geralmente acima dos 600 metros.

Conservação: Arg. EN.

Hemitriccus griseipectus (Snethlage, 1907)

Port.: maria-de-barriga-branca **Ingl.:** White-bellied Tody-Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000).*

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *H. g. naumburgae* (Zimmer, 1945). *H. g. naumburgae* foi considerada por alguns autores como um táxon associado a *Hemitriccus zosterops* (Pelzeln, 1868)

Distribuição e biogeografia: A subespécie *H. g. naumburgae* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo na Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Forma nominal restrita a Amazônia meridional.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: *H. g. naumburgae* provavelmente sofreu redução populacional significativa por destruição de habitat.

Hemitriccus orbitatus (Wied, 1831)

Port.: tiririzinho-do-mato **Ingl.:** Eye-ringed Tody-Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se de Minas Gerais e Espírito Santo ao Rio Grande do Sul.

Habitat: Habita o sub-bosque de diferentes formações florestais, geralmente abaixo dos 400 metros.

Conservação: Mundial: NT.

Hemitriccus striaticollis (Lafresnaye, 1853)

Port.: sebinho-rajado-amarelo **Ingl.:** Stripe-necked Tody-Tyrant

Fontes: Pacheco & Bauer (2000)

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *H. s. striaticollis* (Lafresnaye, 1853).

Biogeografia e distribuição: Apresenta populações esparsas no noroeste da América do Sul, Amazônia e no centro e nordeste do Brasil. Forma nominal distribui-se pela maior parte da área de distribuição da espécie, com exceção do oeste do Pará, estando presente na Mata Atlântica no litoral do nordeste entre o Ceará e o norte da Bahia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sobosque de áreas de mata próximo a água, também em áreas de mangue.

Conservação: Não ameaçada.

Hemitriccus nidipendulus (Wied, 1831)

Port.: tachuri-campainha **Ingl.:** Hangnest Tody-Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *H. n. nidipendulus* (Wied, 1831), *H. n. paulista* (Hellmayr, 1914).

Distribuição e biogeografia: Ambas as subespécies são endêmicas da Mata Atlântica.

Forma nominal ocorre do Sergipe a Bahia e extremo nordeste de Minas Gerais?. *H. n. paulistus* ocorre do sul de Minas Gerais e Espírito Santo a Santa Catarina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e o sub-bosque de diferentes formações florestais, incluindo áreas de restinga.

Conservação: Não ameaçada.

Hemitriccus margaritaceiventer (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Port.: sebinho-de-olho-de-ouro **Ingl.:** Pearly-vented Tody-tyrant

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Nove subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *H. m. margaritaceiventer* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela diagonal seca da América do Sul, contando ainda com uma população disjunta na Colômbia e Venezuela. Forma nominal ocorre no Cerrado e do leste da Bolívia ao norte da Argentina, Estando presente na Mata Atlântica no oeste do Paraná, leste do Paraguai e nordeste da Argentina, marginalmente também em outras regiões. *H. m. wuchereri* (P. L. Sclater & Salvin, 1873) ocorre marginalmente e enclaves de Cerrado no nordeste brasileiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e áreas com vegetação arbustiva.

Conservação: Não ameaçada.

Hemitriccus mirandae (Snethlage, 1925)

Port.: maria-do-nordeste **Ingl.:** Buff-breasted Tody-Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Ocorre esparsamente nos brejos de altitude do Ceará e também entre a Paraíba e Alagoas. Indicação de ocorrência na Bahia por Clock (2004) é errônea.

Habitat: Habita o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Brasil: EN. Mundial: VU.

Hemitriccus kaempferi (Zimmer, 1953)

Port.: maria-catarinense **Ingl.:** Kaempfer's Tody-Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica com distribuição restrita as florestas da planície litorânea no sudeste do Paraná e nordeste de Santa Catarina.

Habitat: Habita a borda e o sub-bosque de florestas ombrófila densa de terras baixas. Geralmente próximo a cursos d'água.

Conservação: Brasil: CR. Mundial: EN.

Hemitriccus furcatus (Lafresnaye, 1846)

Port.: papa-moscas-estrela **Ingl.:** Fork-tailed Pygmy-Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se em duas populações: do sul da Bahia ao nordeste de Minas Gerais e do Rio de Janeiro a São Paulo.

Habitat: Habita a borda e sub-bosque com taquaral denso.

Conservação: Mundial: VU.

Tyrannidae Vigors, 1825

Hirundinea ferruginea (Gmelin, 1788)

Port.: gibão-de-couro **Ingl.:** Cliff Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *H. f. bellicosa* (Vieillot, 1819)

Distribuição e biogeografia: *H. f. bellicosa* distribui-se pelo centro e leste da América do Sul, incluindo toda a Mata Atlântica. Demais subespécies do grupo ocorrem no Andes e montanhas do norte da América do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas próximos a borda de ambientes florestados geralmente com presença de penhascos e grandes rochedos. Ocorre também em paisagens rurais e ambientes urbanos.

Conservação: Não ameaçada.

Zimmerius gracilipes (Sclater & Salvin, 1868)

Port.: poiaeiro-de-pata-fina **Ingl.:** Slender-footed Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *Z. g. acer* (Salvin & Godman, 1883).

Distribuição e biogeografia: *Z. g. acer* ocorre no leste da Amazônia e na Mata Atlântica entre o Piauí e Alagoas. Demais subespécies do grupo ocorrem por toda a região Amazônica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Euscarthmus meloryphus Wied, 1831

Port.: barulhento **Ingl.:** Tawny-crowned Pygmy-Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *E. m. meloryphus* Wied, 1831.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ambientes abertos da América do Sul. *E. m. meloryphus* ocorre por praticamente todo o Brasil extra amazônico e também na Argentina, Paraguai e Uruguai. Distribui-se esparsamente por toda a Mata Atlântica. Demais subespécies do grupo ocorrem a oeste dos Andes e no extremo norte da América do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita principalmente a borda de densa de florestas secundárias e áreas com vegetação arbustiva.

Conservação: Não ameaçada.

Tyranniscus burmeisteri (Cabanis & Heine, 1859)

Port.: piolhinho-chiador **Ingl.:** Rough-legged Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. b. burmeisteri* (Cabanis & Heine, 1859).

Distribuição e biogeografia: A forma nominal ocorre no sul dos Andes, da Bolívia ao norte da Argentina. Na Mata Atlântica, está presente entre o sul da Bahia e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Ornithion inerme Hartlaub, 1853

Port.: poiaheiro-de-sobrancelha **Ingl.:** White-lored Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Distribui-se por toda a Amazônia. Apresenta também uma população isolada na Mata Atlântica entre a Paraíba e o norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de florestas de terras baixas, geralmente abaixo dos 200 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Camptostoma obsoletum (Temminck, 1824)

Port.: risadinha **Ingl.:** Southern Beardless-Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Treze subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *C. o. cinerascens* (Wied, 1831) e *C. o. obsoletum* (Temminck, 1824).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul e sul da América Central. *C. o. cinerascens* ocorre na Mata Atlântica do Piauí ao Espírito Santo. A forma nominal ocorre de Minas Gerais e Rio de Janeiro ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita bordas e clareiras de florestas e áreas com vegetação arbustiva. Adapta-se bem a ambientes alterados, incluindo áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Elaenia flavogaster (Thunberg, 1822)

Port.: guaracava-de-barriga-amarela **Ingl.:** Yellow-bellied Elaenia

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *E. f. flavogaster* (Thunberg, 1822).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul e América Central. A forma nominal distribui-se por grande parte da distribuição da espécie na América do Sul a leste dos Andes, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita bordas e clareiras de florestas e áreas com vegetação arbustiva. Adapta-se bem a ambientes alterados, incluindo áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Elaenia spectabilis Pelzeln, 1868

Port.: guaracava-grande **Ingl.:** Large Elaenia

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo centro da América do Sul a leste dos Andes, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo, por exemplo, em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Elaenia chilensis Hellmayr, 1927

Port.: guaracava-de-crista-branca **Ingl.:** Chilean Elaenia

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz nos Andes do sul da Bolívia ao sul do Chile e Argentina. Movimentos migratórios pouco conhecidos, ao que parece migra para a região central da América do Sul no inverno, atingindo inclusive a Amazônia. Duas rotas migratória conhecidas, uma pela vertente leste dos Andes e outra pelo leste do Brasil. Possui registros esparsos por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, é encontrada geralmente na borda da mata e em áreas com vegetação arbustiva.

Conservação: Não ameaçada.

Elaenia parvirostris Pelzeln, 1868

Port.: guaracava-de-bico-curto **Ingl.:** Small-billed Elaenia

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz na região sul do Brasil (entre São Paulo e o Rio Grande do Sul), Sul da Bolívia, Argentina, Paraguai e Uruguai. Migra para o norte durante o período não reprodutivo hibernando na Amazônia e norte da América do Sul. Apresenta registros esparsos do Espírito Santo ao limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, é encontrada geralmente na borda da mata e em áreas com vegetação arbustiva.

Conservação: Não ameaçada.

Elaenia mesoleuca (Deppe, 1830)

Port.: tuque **Ingl.:** Olivaceous Elaenia

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie quase endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se na Mata Atlântica entre a Bahia e o limite sul do domínio. Fora da Mata Atlântica ocorre no nordeste da Argentina e extremo oeste do Uruguai.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais. Na região sudeste é típica de regiões montanhosas, ocorrendo até os 2000 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Elaenia cristata Pelzeln, 1868

Port.: guaracava-de-topete-uniforme **Ingl.:** Plain-crested Elaenia

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *E. c. cristata* Pelzeln, 1868.

Distribuição e biogeografia: Na Mata Atlântica, ocorre com regularidade na região litorânea do nordeste do Brasil, mas com registros esparsos por todo o domínio entre o Piauí e o Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita em áreas com vegetação arbustiva, incluindo Campos Rupestre e Restinga.

Conservação: Não ameaçada.

Elaenia chiriquensis Lawrence, 1865

Port.: chibum **Ingl.:** Lesser Elaenia

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *E. c. albivertex* Pelzeln, 1868.

Distribuição e biogeografia: A espécie possui ampla distribuição pela região central e norte da América do Sul, estando aparentemente ausente de boa parte da Amazônia ocidental e da

Caatinga. Ocorre também no sul da América Central. *E. c. albivertex* ocorre na região norte da América do Sul e principalmente no Cerrado, ocorrendo pontualmente por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e áreas com vegetação arbustiva.

Conservação: Não ameaçada.

Elaenia obscura (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Port.: tução **Ingl.:** Highland Elaenia

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *E. o. sordida* Zimmer, 1941.

Distribuição e biogeografia: A subespécie *E. o. sordida* é quase endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Ocorre ainda no norte de Goiás. A forma nominal é andina e restrita a altitudes acima de 1700 metros.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da floresta e áreas com vegetação arbustiva.

Conservação: Não ameaçada.

Myiopagis gaimardii (d'Orbigny, 1839)

Port.: maria-pechim **Ingl.:** Forest Elaenia

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *Myiopagis g. gaimardii* (d'Orbigny, 1839).

Distribuição e biogeografia: A única população da espécie na região núcleo da Mata Atlântica esta restrita as florestas litorâneas de Pernambuco e Alagoas. Fora do domínio a forma nominal ocorre ainda por toda Amazônia meridional e também em matas de galeria do Cerrado.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior de florestas de terras baixas.

Conservação: Não ameaçada.

Myiopagis caniceps (Swainson, 1835)

Port.: guaracava-cinzenta **Ingl.:** Gray Elaenia

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. c. caniceps* (Swainson, 1835).

Distribuição e biogeografia: *M. c. caniceps* ocorre do Maranhão ao sul da Bolívia e por todo o Brasil extra-amazônico. Ocorre esparsamente por toda a Mata Atlântica. Demais subespécies do grupo ocorrem principalmente na Amazônia, extremo noroeste da América do Sul e sul da América Central.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Myiopagis viridicata (Vieillot, 1817)

Port.: guaracava-de-crista-alaranjada **Ingl.:** Greenish Elaenia

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Dez subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. v. viridicata* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ecossistemas florestais da América do Sul e América Central, embora ausente em boa parte da Amazônia. A forma nominal ocorre do sul do Peru e Bolívia ao Paraguai e norte da Argentina, esparsamente por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas, e estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Capsiempis flaveola (Lichtenstein, 1823)

Port.: marianinha-amarela **Ingl.:** Yellow Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. f. flaveola* (Lichtenstein, 1823).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul da América Central ao leste e sul do Brasil. A forma nominal ocorre na Mata Atlântica da Paraíba ao limite sul domínio e ainda no leste da Bolívia e interior do Brasil.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas dominadas por taquarais em diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Phaeomyias murina (Spix, 1825)

Port.: bagageiro **Ingl.:** Mouse-colored Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. m. murina* (Spix, 1825).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul e extremo sul da América Central. A forma nominal ocorre por toda área de distribuição da espécie ao sul da região amazônica. Esparsamente por toda a Mata Atlântica. A população do litoral fluminense aparentemente está geograficamente isolada das demais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e principalmente áreas com vegetação arbustiva.

Conservação: Não ameaçada.

Phyllomyias virescens (Temminck, 1824)

Port.: piolhinho-verdoso **Ingl.:** Greenish Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais. Na porção norte da sua distribuição geralmente associado a regiões montanhosas, ocorrendo até cerca de 2000 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Phyllomyias fasciatus (Thunberg, 1822)

Port.: piolhinho **Ingl.:** Planalto Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *P. f. cearae* Hellmayr, 1927 e *P. f. brevirostris* (Spix, 1825). *P. f. fasciatus* (Thunberg, 1822) atinge a Mata Atlântica apenas marginalmente.

Distribuição e biogeografia: Ambas as subespécies da Mata Atlântica são endêmicas do domínio. *P. f. cearae* ocorre do Ceará ao Sergipe. *P. f. brevirostris* distribui-se do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Phyllomyias griseocapilla Sclater, 1862

Port.: piolhinho-serrano **Ingl.:** Gray-capped Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. População da Bahia aparentemente geograficamente isolada das demais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de florestas montanas e altomontanas, geralmente acima de 500 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Polystictus pectoralis (Vieillot, 1817)

Port.: papa-moscas-canela **Ingl.:** White-winged Becard

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. p. pectoralis* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie biogeograficamente mais intimamente associada com o Cerrado e outras savanas sul americanas. Na Mata Atlântica, possui registros escassos em áreas úmidas no litoral, que devem corresponder a indivíduos em movimento migratório.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas úmidas com vegetação alta.

Conservação: Brasil: VU. Mundial: NT.

Polystictus superciliaris (Wied, 1831)

Port.: papa-moscas-de-costas-cinzentas **Ingl.:** Gray-backed Tachuri

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Distribui-se principalmente pelas cadeias montanhosas do Espinhaço, Caparaó, Mantiqueira e Serra do Mar, ocorrendo localmente na Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro. Fora dos domínios da Mata Atlântica ocorre em áreas de Cerrado na Serra da Canastra.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas de Campo Rupestre e Campo de Altitude

Conservação: Não ameaçada.

Pseudocolopteryx sclateri (Oustalet, 1892)

Port.: tricolino **Ingl.:** Crested Doradito

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie esparsamente distribuída em áreas úmidas por toda América do Sul, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas úmidas com predomínio de taboais e juncais.

Conservação: Não ameaçada.

Pseudocolopteryx flaviventris (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Port.: amarelinho-do-junco **Ingl.:** Warbling Doradito

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição restrita a região sul da América do Sul. Possui registros esparsos na Mata Atlântica entre o Rio de Janeiro e o limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas úmidas com predomínio de taboais e juncais.

Conservação: Não ameaçada.

Serpophaga nigricans (Vieillot, 1817)

Port.: joão-pobre **Ingl.:** Sooty Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Distribui-se na Mata Atlântica de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Ocorre ainda do sul da Bolívia ao centro da Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as margens de corpos d'água como córregos e rios.

Conservação: Não ameaçada.

Serpophaga subcristata (Vieillot, 1817)

Port.: alegrinho **Ingl.:** White-crested Tyrannulet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. s. straminea* (Temminck, 1822).

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região sudeste da América do Sul. *S. s. straminea* ocorre no centro do Brasil e por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e áreas com vegetação arbustiva. Ocorre do nível do mar até cerca de 2000 metros de altitude. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo, por exemplo, em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Attila phoenicurus Pelzeln, 1868

Port.: capitão-castanho **Ingl.:** Rufous-tailed Attila

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz nas regiões Sudeste e Sul do Brasil, migrando para Amazônia durante o inverno. Ocorre na Mata Atlântica do Rio de Janeiro ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Attila rufus (Vieillot, 1819)

Port.: capitão-de-saíra **Ingl.:** Gray-hooded Attila

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *A. r. hellmayri* Pinto, 1935 e *A. r. rufus* (Vieillot, 1819).

Distribuição e biogeografia: Ambas as subespécies são endêmicas da Mata Atlântica. *A. r. hellmayri* ocorre apenas no sudeste da Bahia. A forma nominal distribui-se de Minas Gerais e Espírito Santo ao Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e os estratos médio e superior da floresta ombrófila densa.

Conservação: Não ameaçada.

Attila spadiceus (Gmelin, 1789)

Port.: capitão-de-saíra-amarelo **Ingl.:** Bright-rumped Attila

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Doze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. s. uropygiatus* (Wied, 1831).

Distribuição e biogeografia: A subespécie *A. s. uropygiatus* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo de Alagoas ao norte do Rio de Janeiro. Demais subespécies do grupo ocorrem do México a Amazônia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e os estratos médio e superior de florestas de terras baixas.

Conservação: Não ameaçada. *A. s. uropygiatus* precisa ter seu status taxonômico avaliado. Porém, independente da validade do táxon, as populações da espécie na Mata Atlântica encontram-se em situação conservacionista delicada.

Legatus leucophaius (Vieillot, 1818)

Port.: bem-te-vi-pirata **Ingl.:** Piratic Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante reprodutivo.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *L. l. leucophaius* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ecossistemas florestais da América do Sul e América Central. *L. l. leucophaius* ocorre da Nicaraguá a Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Ramphotrigon megacephalum (Swainson, 1835)

Port.: maria-cabeçuda **Ingl.:** Large-headed Flatbill

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *R. m. megacephalum* (Swainson, 1835).

Distribuição e biogeografia: A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo o Paraguai e Argentina. Demais subespécies do grupo ocorrem no oeste da Amazônia e noroeste da América do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita taquarais extensos em diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Myiarchus tuberculifer (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Port.: maria-cavaleira-pequena **Ingl.:** Dusky-capped Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Treze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. t. tuberculifer* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ecossistemas florestais da América do Sul e América Central. A forma nominal ocorre também por toda Amazônia e disjuntamente na Mata Atlântica pela faixa costeira de Pernambuco e Alagoas ao Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Myiarchus swainsoni Cabanis & Heine, 1859

Port.: irré **Ingl.:** Swainson's Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. s. swainsoni* Cabanis & Heine, 1859.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída por toda América do Sul a leste dos Andes. *M. s. swainsoni* distribui-se por toda a Mata Atlântica. Movimentos migratórios pouco conhecidos, aparentemente populações da Mata Atlântica do sudeste e sul do Brasil migram para o norte da América do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Myiarchus ferox (Gmelin, 1789)

Port.: maria-cavaleira **Ingl.:** Short-crested Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. f. ferox* (Gmelin, 1789).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes. Forma nominal ocorre por toda a Amazônia e maior parte do Brasil, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e áreas com vegetação arbustiva. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo, por exemplo, em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Myiarchus tyrannulus (Statius Muller, 1776)

Port.: maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado **Ingl.:** Brown-crested Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. t. bahiae* Berlepsch & Leverkühn, 1890.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul dos Estados Unidos a Argentina. *M. t. bahiae* distribui-se pela Amazônia meridional e meridionalmente até o sul do Brasil, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Sirystes sibilator (Vieillot, 1818)

Port.: gritador **Ingl.:** Sirystes

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. s. sibilator* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ecossistemas florestais da América do Sul. Forma nominal distribui-se na Mata Atlântica da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Rhytipterna simplex (Lichtenstein, 1823)

Port.: vissiá **Ingl.:** Grayish Mourner

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *R. s. simplex* (Lichtenstein, 1823).

Distribuição e biogeografia: *R. s. simplex* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo pela faixa costeira da Paraíba a São Paulo. A outra forma associada a espécie, *R. s. frederici* (Bangs & T. E. Penard, 1918), é amplamente distribuída pela Amazônia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o estrato médio de florestas de terras baixas e submontana, geralmente abaixo dos 400 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Casiornis rufus (Vieillot, 1816)

Port.: maria-ferrugem **Ingl.:** Rufous Casiornis

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante reprodutivo*.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie biogeograficamente mais intimamente associada com o Cerrado e o Chaco. Na Mata Atlântica, suas populações concentram-se em regiões próximas aos limites com o Cerrado, sudoeste de Minas Gerais, oeste de São Paulo, norte do Paraná, Paraguai e Argentina. Marginalmente também em outras regiões.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o estrato médio de florestas estacionais.

Conservação: Não ameaçada.

Pitangus sulphuratus (Linnaeus, 1766)

Port.: bem-te-vi **Ingl.:** Great Kiskadee

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Dez subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. s. maximiliani* (Cabanis & Heine, 1859).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do extremo sul dos Estados Unidos ao centro da Argentina. *P. s. maximiliani* ocorre da Bolívia ao leste do Brasil, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande variedade de ambientes, ocorrendo desde o centro de grandes cidades a borda de florestas bem conservadas.

Conservação: Não ameaçada.

Philohydor lictor (Lichtenstein, 1823)

Port.: bentevizinho-do-brejo **Ingl.:** Lesser Kiskadee

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. l. lictor* (Lichtenstein, 1823).

Distribuição e biogeografia: *P. l. lictor* distribui-se por toda a Amazônia e extremo norte da América do Sul, ocorrendo ainda na Mata Atlântica com registros esparsos entre Pernambuco e o Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a margem de cursos d'água geralmente na borda da mata.

Conservação: Não ameaçada. São escassos os registros recentes da espécie na Mata Atlântica é possível que as populações do domínio encontrem-se em estado de conservação delicado.

Machetornis rixosa (Vieillot, 1819)

Port.: suiriri-cavaleiro **Ingl.:** Cattle Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. r. rixosa* (Vieillot, 1819).

Distribuição e biogeografia: *M. r. rixosa* ocorre por todo Brasil extra amazônico até o norte da Argentina. Ocorre por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas adaptando-se bem a ambientes alterados, incluindo áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Myiodynastes maculatus (Statius Muller, 1776)

Port.: bem-te-vi-rajado **Ingl.:** Streaked Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante reprodutivo.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. m. solitarius* (Vieillot, 1819).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao Norte da Argentina. Além da Mata Atlântica, *M. m. solitarius* ocorre do sul do Peru e leste da Bolívia a Argentina e Brasil Central. População da Mata Atlântica parece invernar na Amazônia. Distribui-se por todo o domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Megarynchus pitangua (Linnaeus, 1766)

Port.: neinei **Ingl.:** Boat-billed Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. p. pitangua* (Linnaeus, 1766).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ecossistemas florestais da América do Sul e América Central. A forma nominal distribui-se pela maior parte da América do Sul a leste dos Andes, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em parque urbanos e áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Myiozetetes cayanensis (Linnaeus, 1766)

Port.: bentevizinho-de-asa-ferrugínea **Ingl.:** Rusty-margined Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. c. erythropterus* (Lafresnaye, 1853).

Distribuição e biogeografia: *M. c. erythropterus* é endêmico da Mata Atlântica, ocorrendo de Minas Gerais e Espírito Santo a São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, geralmente próximo a água. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Myiozetetes similis (Spix, 1825)

Port.: bentevizinho-de-penacho-vermelho **Ingl.:** Social Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. s. pallidiventrís* Pinto, 1935.

Distribuição e biogeografia: *M. s. pallidiventrís* ocorre do leste do Pará ao norte da Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Tyrannus albogularis Burmeister, 1856

Port.: suiriri-de-garganta-branca **Ingl.:** White-throated Kingbird

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migratória reprodutiva.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Principal área de reprodução da espécie inclui o Cerrado e o extremo leste da Amazônia. Na Mata Atlântica, com exceção de alguns vagantes, ocorre principalmente em regiões já próximo da transição com o Cerrado no sul de Minas Gerais e leste de São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com árvores esparsas e a borda da mata. Adapta-se a ambiente alterados ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Tyrannus melancholicus Vieillot, 1819

Port.: suiriri **Ingl.:** Tropical Kingbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *T. m. melancholicus* Vieillot, 1819 e *T. m. despotes* (Lichtenstein, 1823).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do extremo sul dos Estados Unidos ao centro da Argentina. *T. m. despotes* ocorre na Mata Atlântica do Piauí a Bahia. A forma nominal ocorre do Espírito Santo ao limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande diversidade de ambientes, ocorrendo desde o centro de grandes cidades a borda de florestas bem conservadas.

Conservação: Não ameaçada.

Tyrannus savana Vieillot, 1808

Port.: tesourinha **Ingl.:** Fork-tailed Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migratória reprodutiva.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. s. savana* Vieillot, 1808.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul e América Central. População do leste do Brasil inverte na Amazônia. Distribui-se por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas adaptando-se bem a ambientes alterados, incluindo áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Griseotyrannus aurantioatrocristatus (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Port.: peitica-de-chapéu-preto **Ingl.:** Crowned Slaty Flycatcher

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migratório reprodutivo.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *G. a. aurantioatrocristatus* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837).

Distribuição e biogeografia: Principal área de reprodução de *G. a. aurantioatrocristatus* inclui o Cerrado, o Chaco e o Pampa, migrando principalmente para o oeste da Amazônia durante o período não reprodutivo. Na Mata Atlântica, com exceção de alguns vagantes, ocorre principalmente em regiões já próximo da transição com o Cerrado no sul de Minas Gerais, leste de São Paulo e norte do Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com árvores esparsas e a borda da mata.

Conservação: Não ameaçada.

Empidonomus varius (Vieillot, 1818)

Port.: peitica **Ingl.:** Variegated Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *E. v. rufinus* (Spix, 1825) e *E. v. varius* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes. A forma nominal é migratória, ocorrendo do Espírito Santo ao limite sul do domínio. *E. v. rufinus* ocorre do Piauí a Bahia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com árvores esparsas e a borda da mata.

Conservação: Não ameaçada.

Conopias trivirgatus (Wied, 1831)

Port.: bem-te-vi-pequeno **Ingl.:** White-winged Becard

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. t. trivirgatus* (Wied, 1831).

Distribuição e biogeografia: *C. t. trivirgatus* é endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata, frequentemente próximo a água. Geralmente abaixo dos 300 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada. *C. t. trivirgatus* encontra-se atualmente extinto em muitas das localidades com registro histórico devendo possivelmente estar ameaçado.

Colonia colonus (Vieillot, 1818)

Port.: viuvinha **Ingl.:** Long-tailed Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. c. colonus* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ecossistemas florestais da América do Sul e América Central. *C. c. colonus* ocorre no extremo leste da Amazônia e por todo o Cerrado, estando presente também na Mata Atlântica do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Myiophobus fasciatus (Statius Muller, 1776)

Port.: filipe **Ingl.:** Bran-colored Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. f. flammiceps* (Temminck, 1822).

Distribuição e biogeografia: *M. f. flammiceps* é amplamente distribuído pelo Brasil extra amazônico, ocorrendo por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas arbustivas, geralmente próximo a borda da mata.

Conservação: Não ameaçada.

Pyrocephalus rubinus (Boddaert, 1783)

Port.: príncipe **Ingl.:** Vermilion Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migratório não reprodutivo.

Taxonomia: Doze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. r. rubinus* (Boddaert, 1783).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do o sul dos Estados Unidos até o centro da Argentina. Populações da Mata Atlântica deslocam-se para a Amazônia e região leste dos Andes após o período reprodutivo, registros concentrados entre a Bahia e o limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas com vegetação arbustiva e a borda da mata. Adapta-se a ambientes alterados, incluindo áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Fluvicola albiventer (Spix, 1825)

Port.: lavadeira-de-cara-branca **Ingl.:** Black-backed Water-Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo leste dos Andes e sul da Amazônia até o norte da Argentina. Aparentemente está ampliando sua distribuição no sudeste e sul do Brasil. Ocorre esparsamente ao longo de toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a margem de corpos d'água e áreas húmidas com vegetação alta.

Conservação: Não ameaçada.

Fluvicola nengeta (Linnaeus, 1766)

Port.: lavadeira-mascarada **Ingl.:** Masked Water-Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *F. n. nengeta* (Linnaeus, 1766).

Distribuição e biogeografia: Embora originalmente restrito ao nordeste do Brasil, a forma nominal tem expandido bastante sua distribuição nas últimas décadas favorecido pelo desmatamento, tendo já se estabelecido até Santa Catarina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas geralmente próximo a água, incluindo até mesmo piscinas. Adapta-se bem a ambientes alterados, incluindo áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Arundinicola leucocephala (Linnaeus, 1764)

Port.: freirinha **Ingl.:** White-headed Marsh Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo do extremo norte do subcontinente até o extremo sul do Brasil, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a vegetação aquática e arbustiva na margem de corpos d'água.

Conservação: Não ameaçada.

Gubernetes yetapa (Vieillot, 1818)

Port.: tesoura-do-brejo **Ingl.:** Streamer-tailed Tyrant

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita às regiões central, sudeste e sul do Brasil e regiões adjacentes na Bolívia, Paraguai e Argentina. Ocorre na Mata Atlântica de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, ocorre em áreas úmidas com vegetação arbustiva alta e áreas abertas em suas margens.

Conservação: Não ameaçada.

Cnemotriccus fuscatus (Wied, 1831)

Port.: guaracavuçu **Ingl.:** Fuscous Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *C. f. bimaculatus* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837) e *C. f. fuscatus* (Wied, 1831).

Distribuição e biogeografia: *C. f. bimaculatus* ocorre pelo interior da Mata Atlântica do Piauí ao Paraguai. A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo pela faixa costeira do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque e a borda de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Lathrotriccus euleri (Cabanis, 1868)

Port.: enferrujado **Ingl.:** Euler's Flycatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *L. e. euleri* (Cabanis, 1868).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ecossistemas florestais da América do Sul a leste dos Andes. A forma nominal distribui-se por toda a Mata Atlântica. As populações próximo ao limite sul da distribuição de *L. e. euleri* migram para Amazônia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Contopus cooperi (Nuttall, 1831)

Port.: piui-boreal **Ingl.:** Olive-sided Flycatcher

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Reproduz no norte e oeste da América do Norte migrando para a América Central e do Sul durante o período não reprodutivo. Na Mata Atlântica, apresenta registros esparsos, embora aparentemente regulares, na região sudeste do Brasil.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Contopus cinereus (Spix, 1825)

Port.: papa-moscas-cinzentos **Ingl.:** Tropical Pewee

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Oito subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *C. c. pallescens* (Swainson, 1838) e *C. c. cinereus* (Vieillot, 1816).

Distribuição e biogeografia: *C. c. cinereus* é endêmica da Mata Atlântica ocorrendo do Espírito Santo e sul de Minas Gerais? ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. *C. c. pallescens* por uma faixa interiorana que vai do Maranhão ao norte da Argentina, estando presente na Mata Atlântica no nordeste do Brasil. Demais subespécies do grupo são amplamente distribuída pela América Central e por todo o norte da América do Sul acima da Amazônia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Knipolegus cyanirostris (Vieillot, 1818)

Port.: maria-preta-de-bico-azulado **Ingl.:** Blue-billed Black-Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Distribui-se na Mata Atlântica do Espírito Santo e Minas Gerais ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Knipolegus lophotes Boie, 1828

Port.: maria-preta-de-penacho **Ingl.:** Crested Black-Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Ocorre do centro e sudeste do Brasil meridionalmente até o Uruguai. Na Mata Atlântica, está presente da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo o Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com vegetação arbustiva, geralmente em locais com rochas expostas.

Conservação: Não ameaçada.

Knipolegus nigerrimus (Vieillot, 1818)

Port.: maria-preta-de-garganta-vermelha **Ingl.:** Velvety Black-Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *K. n. hoflingi* (Lencioni, 1996) e *K. n. nigerrimus* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: A forma nominal distribui-se de Minas Gerais e Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, com populações ao norte e ao sul de São Paulo aparentemente isoladas. *K. n. hoflingi* está restrita a região nordeste do Brasil ocorrendo na Mata Atlântica na região da Chapada Diamantina na Bahia. Subespécie da população da Serra da Ibiapaba no Ceará é desconhecida e encontra-se isolada das demais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com vegetação arbustiva em regiões montanhosas.

Conservação: Não ameaçada.

Hymenops perspicillatus (Gmelin, 1789)

Port.: viuvinha-de-óculos **Ingl.:** Spectacled Tyrant

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *H. p. perspicillatus* (Gmelin, 1789).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região meridional da América do Sul. Na Mata Atlântica, ocorre como migrante não reprodutivo, ocorrendo com aparente regularidade no litoral entre o Rio de Janeiro e o limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica habita áreas úmidas com vegetação alta.

Conservação: Não ameaçada.

Satrapa icterophrys (Vieillot, 1818)

Port.: suiriri-pequeno **Ingl.:** Yellow-browed Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, do sul do Amazonas ao norte da Argentina. Possuindo ainda uma população isolada na Venezuela. População da Mata Atlântica aparentemente migra para o sul da Amazônia após a reprodução. Apresenta registros esparsos ao longo de todo o domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com vegetação arbustiva, geralmente próximo a borda da mata.

Conservação: Não ameaçada.

Xolmis cinereus (Vieillot, 1816)

Port.: primavera **Ingl.:** Gray Monjita

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *X. c. cinereus* (Vieillot, 1816).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, do leste da Amazônia ao norte da Argentina. Parte da população da Mata Atlântica migra para o Brasil Central e Amazônia após a reprodução. Na Mata Atlântica, distribui-se entre Minas Gerais e o Espírito Santo e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, incluindo áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Xolmis velatus (Lichtenstein, 1823)

Port.: noivinha-branca **Ingl.:** White-rumped Monjita

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Além da Mata Atlântica, ocorre ainda no leste da Amazônia, por todo o Cerrado e a oeste até o norte da Bolívia. Na Mata Atlântica, distribui-se da Bahia a Santa Catarina e Paraguai.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, incluindo áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Xolmis irupero (Vieillot, 1823)

Port.: noivinha **Ingl.:** White Monjita

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *X. i. niveus* (Spix, 1825) e *X. i. irupero* (Vieillot, 1823).

Distribuição e biogeografia: *X. i. niveus* está restrito ao nordeste brasileiro ocorrendo na Mata Atlântica no sul da Bahia, leste de Minas Gerais e Espírito Santo. Está expandindo sua distribuição pelo domínio favorecida pelo desmatamento. Forma nominal distribui-se do leste da Bolívia a região central da Argentina, atingindo a Mata Atlântica no litoral de Santa Catarina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, incluindo áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Muscipira vetula (Lichtenstein, 1823)

Port.: tesoura-cinzenta **Ingl.:** Shear-tailed Gray Tyrant

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie e gênero endêmicos da Mata Atlântica. Distribui-se do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita a borda e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Vireonidae Swainson, 1837

Cyclarhis gujanensis (Gmelin, 1789)

Port.: pitiguari **Ingl.:** Rufous-browed Peppershrike

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Vinte e duas subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *C. g. ochrocephala* Tshudi, 1845 e *C. g. cearensis* Baird, 1866.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América Central e América do Sul. Na Mata Atlântica, *C. g. cearensis* distribui-se pelo interior entre o Piauí e o centro de São Paulo. *C. g. ochrocephala* ocorre do Rio de Janeiro ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Vireo chivi (Vieillot, 1817)

Port.: juruviara **Ingl.:** Chivi Vireo

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Nove subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *V. c. agilis* (Lichtenstein, 1823) e *V. c. diversus* Zimmer, 1941. Pinto (1944) considera *V. c. agilis* sinônimo da forma nominal.

Distribuição e biogeografia: *V. c. diversus* é migratória, possui a maior parte da sua área de reprodução restrita a Mata Atlântica, ocorrendo entre São Paulo e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. *V. c. agilis* ocorre na Mata Atlântica do Piauí ao Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Hylophilus poicilotis Temminck, 1822

Port.: verdinho-coroado **Ingl.:** Rufous-crowned Greenlet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: monotípica

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do Espírito Santo e Minas Gerais ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Hylophilus amaurocephalus (Nordmann, 1835)

Port.: vite-vite-de-olho-cinza **Ingl.:** Gray-eyed Greenlet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região leste do Brasil, ocorre na Mata Atlântica entre o Piauí e o Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de florestas semidecíduas e decíduas.

Conservação: Não ameaçada.

Hylophilus thoracicus Temminck, 1822

Port.: vite-vite **Ingl.:** Lemon-chested Greenlet

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *H. t. thoracicus* Temminck, 1822 .

Distribuição e biogeografia: Forma nominal é endêmica da Mata Atlântica. Apresenta duas populações disjuntas, uma no sul da Bahia e outra do sul do Espírito Santo ao norte de São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de florestas de terras baixa e submontana, geralmente abaixo dos 400 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Cyanocorax cyanomelas (Vieillot, 1818)

Port.: gralha-do-pantanal **Ingl.:** Purplish Jay

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Ocorre do sul do Peru até o Uruguai estando no Brasil mais associada ao Cerrado e ao Pantanal. Sua principal área de ocorrência na Mata Atlântica é o sul do Mato Grosso do Sul, Paraná, Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda das florestas estacionais, ocorrendo também em áreas abertas com árvores esparsas próximo a mata.

Conservação: Não ameaçada.

Cyanocorax caeruleus (Vieillot, 1818)

Port.: gralha-azul **Ingl.:** Azure Jay

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se entre o sul de São Paulo ao limite sul do domínio, incluindo o Paraguai e a Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais. Ocorrendo desde áreas de mangue e florestas de terras baixas até áreas de floresta ombrófila mista acima de 1000 metros de altitude. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e em parque urbanos mais arborizados.

Conservação: Mundial: NT. Arg. AM.

Cyanocorax cristatellus (Temminck, 1823)

Port.: gralha-do-campo **Ingl.:** Curl-crested Jay

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie biogeograficamente mais associada com o Cerrado, sendo inclusive considerada endemismo desse domínio (Lopes 2008). Não obstante, beneficiada pelo desmatamento, em décadas recentes a espécie expandiu sua distribuição na Mata Atlântica, notadamente pela região sudeste do Brasil, atingindo até mesmo o litoral de São Paulo e Rio de Janeiro. Além desses estados ocorre do limite norte do domínio até o Paraná e Paraguai.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com árvores esparsas e a borda de florestas secundárias.

Conservação: Par.: AM.

Cyanocorax chrysops (Vieillot, 1818)

Port.: gralha-picaça **Ingl.:** Plush-crested Jay

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. c. chrysops* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: Além da Mata Atlântica, *C. c. chrysops* distribui-se desde o sul da Bolívia até o norte da Argentina e Uruguai. Demais subespécies do grupo ocorrem no sul da Amazônia e oeste da Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, ocorrendo também em áreas abertas com árvores esparsas próximo a mata.

Conservação: Não ameaçada.

Hirundinidae Rafinesque, 1815

Pygochelidon cyanoleuca (Vieillot, 1817)

Port.: andorinha-pequena-de-casa **Ingl.:** Blue-and-white Swallow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. c. cyanoleuca* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul extra-amazônica, ocorrendo também no extremo sul da América Central. Ocorre por toda Mata Atlântica, sendo menos frequente na região nordeste do Brasil. A Mata Atlântica provavelmente também recebe contingentes migratórios de *P. c. patagonica*.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande variedade de ambientes, ocorrendo desde em clareiras e borda da mata até em grandes centros urbanos.

Conservação: Não ameaçada.

Pygochelidon melanoleuca (Wied, 1820)

Port.: andorinha-de-coleira **Ingl.:** Black-collared Swallow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos rios amazônicos com ocorrência pontual em outras regiões do Brasil. Populações da Mata Atlântica atualmente estão separadas em diferentes núcleos, incluindo a região sul de Goiás, oeste de Minas Gerais e região de foz do Iguaçu. Historicamente supostamente também em Pernambuco e no sul da Bahia, nessas duas últimas áreas parece não haver registros recentes.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita exclusivamente a margem de rios, geralmente pedregosos e caudalosos.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Não obstante, a dependência da espécie de ambientes aquáticos específico e a ausência de registros recentes em algumas áreas onde ocorria demonstra que as populações da Mata Atlântica podem estar em estado de conservação preocupante.

Alopochelidon fucata (Temminck, 1822)

Port.: andorinha-morena **Ingl.:** Tawny-headed Swallow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente. Migrante interno / parcial

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região sudeste da América do Sul a leste dos Andes. Fora da Mata Atlântica ocorre do sul do Peru ao centro da Argentina, também em áreas de Cerrado, entre São Paulo e Mato Grosso e nos Pampas. Possui ainda registros em alguns países no extremo norte da América do Sul, possivelmente referente a indivíduos migrantes. Presente apenas no inverno em algumas regiões da Mata Atlântica. Registros na Mata Atlântica se concentram entre Minas Gerais e o limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Atticora tibialis (Cassin, 1853)

Port.: calcinha-branca **Ingl.:** White-thighed Swallow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente*.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. t. tibialis* (Cassin, 1853).

Distribuição e biogeografia: *A. t. tibialis* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo entre a Bahia e o Rio de Janeiro. Demais subespécies do grupo ocorrem no oeste da Amazônia e extremo noroeste da América do Sul a oeste dos Andes.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita clareiras e a borda da floresta ombrófila densa.

Conservação: Localidades com registros recentes da forma nominal são relativamente escassas.

Stelgidopteryx ruficollis (Vieillot, 1817)

Port.: andorinha-serradora **Ingl.:** Southern Rough-winged Swallow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. r. ruficollis* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela Américas Central e América do Sul. *S. r. ruficollis* ocorre do sul da Colômbia e leste da Venezuela até o norte da Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas, geralmente na borda da mata e próximo a corpos d'água. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Progne tapera (Linnaeus, 1766)

Port.: andorinha-do-campo **Ingl.:** Brown-chested Martin

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *P. t. tapera* (Linnaeus, 1766) e *P. t. fusca* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul. Na Mata Atlântica, a forma nominal está restrita a região Nordeste, onde é residente, ocorrendo entre o Piauí e a Bahia. *P. t. fusca*, que é migratória reprodutiva, ocorre no Sudeste e Sul, entre Minas Gerais e o limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas, geralmente na borda da mata e próximo a corpos d'água. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Progne subis (Linnaeus, 1758)

Port.: andorinha-azul **Ingl.:** Purple Martin

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. s. subis* (Linnaeus, 1758).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Norte, onde reproduz. Ocorre na América do Sul apenas como visitante. Na Mata Atlântica, os registros se concentram entre o sul da Bahia e o norte do Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e urbanas onde pode congrega em grandes dormitórios.

Conservação: Não ameaçada.

Progne chalybea (Gmelin, 1789)

Port.: andorinha-doméstica-grande **Ingl.:** Gray-breasted Martin

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. c. macrorhamphus* (Brooke, 1974).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul do México ao centro da Argentina. As populações mais meridionais de *P. c. macrorhamphus* são

migratórias, deslocando-se para o norte da América do Sul. Distribui-se por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e urbanas onde pode congrega em grandes dormitórios

Conservação: Não ameaçada.

Tachycineta albiventer (Boddaert, 1783)

Port.: andorinha-do-rio **Ingl.:** White-winged Swallow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo da Venezuela ao norte da Argentina. As populações mais meridionais da espécie são migratórias, deslocando-se para o norte durante o período pós reprodutivo. Distribui-se por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a margem de corpos d'água incluindo desde lagos a grandes rios.

Conservação: Não ameaçada.

Tachycineta leucorrhoa (Vieillot, 1817)

Port.: andorinha-de-sobre-branco **Ingl.:** White-rumped Swallow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelas regiões central e sudeste da América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo do leste da Bolívia ao centro da Argentina. Venezuela ao norte da Argentina. As populações mais meridionais da espécie (Argentina e Uruguai) são migratórias, deslocando-se para o norte durante o período pós reprodutivo. Na Mata Atlântica, está presente da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Tachycineta leucopyga (Meyen, 1834)

Port.: andorinha-chilena **Ingl.:** Chilean Swallow

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Sua principal área de ocorrência é o extremo sudoeste da América do Sul, onde se reproduz. Os registros para a Mata Atlântica correspondem a indivíduos oriundos das populações do extremo sul da distribuição da espécie que migram para o norte após o período reprodutivo, apresentando registros esparsos entre o Rio de Janeiro e o limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Riparia riparia (Linnaeus, 1758)

Port.: andorinha-do-barranco **Ingl.:** Bank Swallow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *R. r. riparia* (Linnaeus, 1758).

Distribuição e biogeografia: Espécie cosmopolita. *R. r. riparia* possui populações reprodutivas em grande parte da América do Norte e da Eurásia, migrando, respectivamente, para América do Sul e África após o período reprodutivo. Possui registros esparsos por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Hirundo rustica Linnaeus, 1758

Port.: andorinha-de-bando **Ingl.:** Barn Swallow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Oito subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *H. r. erythrogaster* Boddaert, 1783.

Distribuição e biogeografia: Espécie cosmopolita. *H. r. erythrogaster* possui populações reprodutivas em grande parte da América do Norte, migrando após o período reprodutivo para a América do Sul. Possui registros esparsos por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Petrochelidon pyrrhonota (Vieillot, 1817)

Port.: andorinha-de-dorso-acanelado **Ingl.:** Cliff Swallow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, identidade das populações que atingem a Mata Atlântica usualmente atribuídas a *P. p. pyrrhonota* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Norte, onde reproduz. Ocorre na América do Sul apenas como visitante. Na Mata Atlântica, os registros se concentram no interior do domínio, entre Goiás e São Paulo o limite sul do domínio e a Argentina, embora possa ocorrer em outras áreas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Troglodytidae Swainson, 1831

Troglodytes musculus Naumann, 1823

Port.: corruíra **Ingl.:** Southern House Wren

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Vinte e cinco subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *T. m. musculus* Naumann, 1823. *T. m. bonariae* Hellmayr, 1919.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América Central e América do Sul. Forma nominal ocorre ainda por todo o Nordeste e no Brasil Central, estando presente na Mata Atlântica entre o Piauí e o Paraná. *T. m. bonariae* ocorre entre Santa Catarina e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande variedade de ambientes, ocorrendo desde o centro de grandes cidades a borda de florestas bem conservadas.

Conservação: Não ameaçada.

Campylorhynchus turdinus (Wied, 1831)

Port.: catatau **Ingl.:** Thrush-like Wren

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *C. t. turdinus* (Wied, 1831) e *C. t. unicolor* Lafresnaye, 1846.

Distribuição e biogeografia: Forma nominal ocorre na Mata Atlântica na Bahia, Espírito Santo e nordeste extremo de Minas Gerais, também no leste da Amazônia. *C. t. unicolor* possui área de ocorrência reduzida na área núcleo da Mata Atlântica, estando restrita ao sul do Mato Grosso do Sul e a região entre a Foz do Iguaçu no Paraná ao Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o estarto médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Pheugopedius genibarbis (Swainson, 1838)

Port.: garrinchão-pai-avô **Ingl.:** Moustached Wren

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. g. genibarbis* (Swainson, 1838).

Distribuição e biogeografia: *P. g. genibarbis* ocorre por todo sul da Amazônia e na Mata Atlântica desde seu limite norte meridionalmente até São Paulo e o Rio de Janeiro. A espécie está expandindo sua distribuição no seu limite sul tendo atingindo o Rio de Janeiro recentemente (Pacheco 1993).

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Cantorchilus longirostris (Vieillot, 1819)

Port.: garrinchão-de-bico-grande **Ingl.:** Long-billed Wren

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. l. longirostris* (Vieillot, 1819).

Distribuição e biogeografia: *C. l. longirostris* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo entre o Espírito Santo e Santa Catarina. Seu táxon irmão, *C. l. bahiae*, penetra apenas marginalmente no domínio, estando biogeograficamente mais associada a Caatinga.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o sub-bosque de diferentes formações florestais. Geralmente abaixo dos 600 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Donacobiidae Aleixo & Pacheco, 2006

Donacobius atricapilla (Linnaeus, 1766)

Port.: japacanim **Ingl.:** Black-capped Donacobius

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *D. a. atricapilla* (Linnaeus, 1766).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo desde o Panamá o norte da Argentina. Além da Mata Atlântica, *D. a. atricapilla* distribui-se por praticamente todo do Brasil e região norte do subcontinente, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica em outras regiões, habita áreas úmidas com vegetação alta.

Conservação: Não ameaçada.

Poliophtilidae Baird, 1858

Ramphocaenus melanurus Vieillot, 1819

Port.: bico-assovelado **Ingl.:** Long-billed Gnatwren

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quinze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *R. m. melanurus* Vieillot, 1819.

Distribuição e biogeografia: *R. m. melanurus* é endêmico da Mata Atlântica, ocorrendo em dois núcleos de distribuição isolados: da Paraíba ao norte do Espírito Santo e do sul do Rio de Janeiro a Santa Catarina. Demais subespécies do grupos distribuem-se pelas regiões florestadas do norte da América do Sul, incluindo toda a Amazônia, e América Central.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Poliophtila plumbea (Gmelin, 1788)

Port.: balança-rabo-de-chapéu-preto **Ingl.:** Tropical Gnatcatcher

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Doze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. p. atricapilla* (Swainson, 1832).

Distribuição e biogeografia: *P. p. atricapilla* é biogeograficamente mais relacionada com a Caatinga ocorre na Mata Atlântica na região litorânea do Nordeste até o centro da Bahia. Marginalmente por todo o nordeste do Brasil até o norte de Minas Gerais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda degradada de florestas secundárias e áreas abertas com vegetação arbustiva. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Poliophtila lactea Sharpe, 1885

Port.: balança-rabo-leitoso **Ingl.:** Creamy-bellied Gnatcatcher

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do sul de São Paulo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Supostamente com registros históricos também no Rio de Janeiro, onde a espécie é considerada extinta. No entanto, sua ocorrência nesse último estado pode estar associada a espécimes sem procedência confiável. Indicação de ocorrência no Espírito Santo por Atwood & Lerman (2006) aparentemente também é um erro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais. Geralmente abaixo dos 400 metros.

Conservação: Mundial: NT. Arg. VU. Par.: AM.

Poliophtila dumicola (Vieillot, 1817)

Port.: balança-rabo-de-máscara **Ingl.:** Masked Gnatcatcher

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. d. dumicola* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: *P. d. dumicola* distribui-se desde o leste da Bolívia até o centro da Argentina, ocorrendo na Mata Atlântica entre o Paraná e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. *P. d. berlepschi* atinge a Mata Atlântica marginalmente.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, ocorrendo também em áreas abertas com vegetação arbustiva próxima a mata.

Conservação: Não ameaçada.

Turdidae Rafinesque, 1815

Catharus fuscescens (Stephens, 1817)

Port.: sabiá-norte-americano **Ingl.:** Veery

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, identidade das populações que atingem a Mata Atlântica usualmente atribuídas a *C. f. fuscescens* (Stephens, 1817).

Distribuição e biogeografia: Reproduz no norte da América do Norte migrando para a América Central e do Sul durante o período não reprodutivo. Registros na Mata Atlântica se concentram na região sudeste principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, podendo ocorrer em outros estados durante seus deslocamentos migratórios.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Cichlopsis leucogenys Cabanis, 1851

Port.: sabiá-castanho **Ingl.:** Rufous-brown Solitaire

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. l. leucogenys* Cabanis, 1851.

Distribuição e biogeografia: *C. l. leucogenys* é endêmico da Mata Atlântica, possuindo distribuição restrita a regiões montanhosas do sul da Bahia, extremo leste de Minas Gerais e Espírito Santo. Demais subespécies do grupo ocorrem no norte dos Andes e nas montanhas da Venezuela, Guiana e Suriname.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de floresta ombrófila densa bem conservada, geralmente acima dos 700 metros de altitude.

Conservação: Bras. EN (*C. l. leucogenys*).

Turdus flavipes Vieillot, 1818

Port.: sabiá-una **Ingl.:** Yellow-legged Thrush

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *T. f. flavipes* Vieillot, 1818 e *T. f. polionota* (Sharpe, 1902).

Distribuição e biogeografia: A subespécie *T. f. flavipes* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo entre a Bahia e o limite sul do domínio. Na Mata Atlântica, *T. f. polionota* está restrito as florestas litorâneas do nordeste brasileiro, onde são escassos registros recentes.

Demais subespécies do grupo ocorrem no extremo norte da América do Sul entre o leste da Colômbia e a Guiana.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas e o estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Arg.: AM.

Turdus rufiventris Vieillot, 1818

Port.: sabiá-laranjeira **Ingl.:** Rufous-bellied Thrush

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *T. r. juensis* (Cory, 1916) e *T. r. rufiventris* Vieillot, 1818.

Distribuição e biogeografia: Espécie com ampla distribuição pelo Brasil extra Amazônico, ocorrendo ainda do leste da Bolívia ao norte da Argentina e Uruguai. Na Mata Atlântica, *T. r. juensis* ocorre do Piauí ao norte Bahia, enquanto *T. r. rufiventris* distribui-se do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e áreas arborizadas. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Turdus leucomelas Vieillot, 1818

Port.: sabiá-barranco **Ingl.:** Pale-breasted Thrush

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *T. l. albiventer* Spix, 1824 e *T. l. leucomelas* Vieillot, 1818.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região leste da América do Sul, ocorrendo da Colômbia ao Paraguai e por toda a Mata Atlântica. *T. l. albiventer*: ocorre no domínio entre o Piauí e a Bahia, enquanto a forma nominal distribui-se da Bahia ao limite sul do domínio. Formas com ocorrência na Mata Atlântica com distribuição ampla fora do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Turdus fumigatus Lichtenstein, 1823

Port.: sabiá-da-mata **Ingl.:** Cocoa Thrush

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. f. fumigatus* Lichtenstein, 1823.

Distribuição e biogeografia: Forma nominal distribui-se pelas Guianas e leste da Amazônia. Populações da Mata Atlântica estão geograficamente isoladas das demais e ocorrem de Pernambuco ao norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de florestas de terras baixas. Geralmente abaixo dos 200 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada. Populações na Mata Atlântica atualmente restritas a poucas localidades, tendo aparentemente sofrido declínio populacional por destruição do habitat e pressão constante de captura por conta do tráfico ilegal de animais silvestres. Provavelmente extinta nas florestas litorâneas do nordeste brasileiro e também no Rio de Janeiro.

Turdus amaurochalinus Cabanis, 1850

Port.: sabiá-poca **Ingl.:** Creamy-bellied Thrush

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul ao sul do Amazonas e a leste dos Andes. Populações reprodutivas restritas a porção sul da distribuição, migrando para o norte após a reprodução atingindo o extremo sul da Amazônia, e o centro e o nordeste brasileiro. Ocorre por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata, áreas arborizadas e áreas abertas com vegetação arbustiva. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e parques urbanos arborizados.

Conservação: Não ameaçada.

Turdus subalaris (Seeböhm, 1887)

Port.: sabiá-ferreiro **Ingl.:** Eastern Slaty Thrush

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Área de reprodução da espécie aparentemente é restrita a Mata Atlântica, ocorrendo do Espírito Santo e Minas Gerais ao limite sul do domínio. Após o período reprodutivo migra para o norte atingindo o extremo sul da Amazônia. Sua espécie

irmã, *T. nigriceps*, reproduz no sul dos Andes, migrando para o norte dessa cadeia montanhosa após o período reprodutivo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Par.: AM.

Turdus albicollis Vieillot, 1818

Port.: sabiá-coleira **Ingl.:** White-necked Thrush

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Vinte e uma subespécies reconhecidas, das quais três ocorrem na Mata Atlântica: *T. a. crotopezus* Lichtenstein, 1823, *T. a. albicollis* Vieillot, 1818, *T. a. paraguayensis* (Chubb, 1910).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao Uruguai. A subespécie *T. a. crotopezus* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo no sul da Bahia e Espírito Santo. *T. a. albicollis* é quase endêmico, distribui-se de Minas Gerais e Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul e fora dos limites da Mata Atlântica ocorre no centro-norte de Goiás. *T. a. paraguayensis* está presente na Mata Atlântica em Misiones na Argentina e no leste do Paraguai.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Mimidae Bonaparte, 1853

Mimus gilvus (Vieillot, 1807)

Port.: sabiá-da-praia **Ingl.:** Tropical Mockingbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Dez subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. g. antelius* Oberholser, 1919.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América Central e pelo norte e leste da América do Sul, ocorrendo do sul do México ao sudeste do Brasil. *M. g. antelius* é endêmico do litoral do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica do Rio Grande do Norte ao Rio de Janeiro e fora domínio setentrionalmente até o leste do Pará.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a Restinga e áreas litorâneas com vegetação arbustiva.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Não obstante, populações na Mata Atlântica sofreram declínio populacional por destruição do habitat e pressão constante de captura do tráfico ilegal de animais silvestres.

Mimus saturninus (Lichtenstein, 1823)

Port.: sabiá-do-campo **Ingl.:** Chalk-browed Mockingbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais três ocorrem na Mata Atlântica: *M. s. frater* Hellmayr, 1903, *M. s. arenaceus* Chapman, 1890 e *M. s. modulator* (Gould, 1836).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região leste da América do Sul, ocorrendo do Suriname ao centro da Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica. *M. s. frater* distribui-se pelo interior do Piauí ao Paraná, *M. s. arenaceus* ocorre pelo litoral do Rio Grande do Norte a Bahia e *M. s. modulator* está presente na Mata Atlântica de Santa Catarina? ao Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas adaptando-se bem a ambientes alterados, incluindo áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Mimus triurus (Vieillot, 1818)

Port.: calhandra-de-três-rabos **Ingl.:** White-banded Mockingbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com área de reprodução restrita ao oeste da Bolívia, do Paraguai e leste da Argentina. Após o período reprodutivo migra para o norte, ocorrendo na Mata Atlântica do sul de São Paulo ao limite sul do domínio. Eventualmente em regiões mais ao norte.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com árvores e vegetação arbustiva esparsa. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e em parques urbanos.

Conservação: Não ameaçada.

Motacillidae Horsfield, 1821

Anthus lutescens Pucheran, 1855

Port.: caminheiro-zumbidor **Ingl.:** Yellowish Pipit

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. l. lutescens* Pucheran, 1855.

Distribuição e biogeografia: *A. l. lutescens* ocorre do nordeste da Colômbia ao Uruguai, incluindo todo o Brasil extra amazônico e toda a Mata Atlântica. Demais subespécies possuem distribuição restrita na costa Pacífica do Panamá e Peru.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com vegetação baixa. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Anthus hellmayri Hartert, 1909

Port.: caminheiro-de-barriga-acanelada **Ingl.:** Hellmayr's Pipit

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. h. brasiliensis* Hellmayr, 1921.

Distribuição e biogeografia: *A. h. brasiliensis* ocorre no norte da Argentina e Uruguai, estando presente na Mata Atlântica entre Minas Gerais e Espírito Santo e o limite sul do domínio. Demais subespécies do grupo ocorrem na região sul dos Andes.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres, incluindo campos de altitude.

Conservação: Par.: AM.

Coerebidae d'Orbigny & Lafresnaye, 1838

Coereba flaveola (Linnaeus, 1758)

Port.: cambacica **Ingl.:** Bananaquit

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quarenta e uma subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. f. chloropyga* (Cabanis, 1851).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do sul do México ao norte da Argentina e do Uruguai. *C. f. chloropyga*, ocorre por praticamente todo o Brasil ao sul do Rio Amazonas e também no Peru, Bolívia para o sul até o Paraguai e norte da Argentina e do Uruguai, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande variedade de ambientes, ocorrendo desde o centro de grandes cidades a borda e as copas de florestas.

Conservação: Não ameaçada.

Thraupidae Cabanis, 1847

Saltator fuliginosus (Daudin, 1800)

Port.: pimentão **Ingl.:** Black-throated Grosbeak

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se de Pernambuco ao limite sul do domínio, incluindo o Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Par.: EN.

Saltator maximus (Statius Muller, 1776)

Port.: tempera-viola **Ingl.:** Buff-throated Saltator

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. m. maximus* (Statius Muller, 1776).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América Central e norte da América do Sul, ocorrendo ainda no sul do México e no leste do Brasil. A forma nominal distribui-se por toda Amazônia e ao norte até a costa da Venezuela e Colômbia. Populações da região costeira da Mata Atlântica, entre a Paraíba e o Rio de Janeiro estão isoladas das demais. Distante do litoral ocorre na Mata Atlântica apenas marginalmente.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda, e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Saltator coerulescens Vieillot, 1817

Port.: sabiá-gongá **Ingl.:** Grayish Saltator

Fontes: Narosky (2010).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Treze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. c. coerulescens* Vieillot, 1817.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América Central e pelo norte e centro da América do Sul, ocorrendo também no México. *S. c. coerulescens* atinge a Mata Atlântica brasileira apenas marginalmente, ocorrendo no interior do domínio no Paraguai e na Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e os estratos médio e superior de florestas estacionais.

Conservação: Não ameaçada.

Saltator similis d'Orbigny & Lafresnaye, 1837

Port.: trinca-ferro-verdadeiro **Ingl.:** Green-winged Saltator

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *S. s. similis* d'Orbigny & Lafresnaye, 1837 e *S. s. ochraceiventris* Berlepsch, 1912.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelas centro, sul e sudeste do Brasil e do leste da Bolívia ao norte do Uruguai. Forma nominal ocorre na Mata Atlântica do Piauí ao Paraguai e Argentina. *S. s. ochraceiventris* restrita a região litorânea entre o sul de São Paulo e o Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada. A espécie exige atenção conservacionista por ser alvo frequente do tráfico de animais silvestres.

Saltator maxillosus Cabanis, 1851

Port.: bico-grosso **Ingl.:** Thick-billed Saltator

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, restrita as regiões Sudeste e Sul do Brasil e ao nordeste da Argentina. As populações parecem estar separadas em dois núcleos: do Espírito Santo e Minas Gerais ao norte de SP e do sul de São Paulo ao Rio Grande do Sul. Indicação de ocorrência na Bahia por Orenstein & Brewer (2011)

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de florestas montanas e altomontanas. As populações próximo ao limite norte de distribuição geralmente acima dos 800 metros de altitude.

Conservação: Arg.: AM.

Saltatricula atricollis (Vieillot, 1817)

Port.: bico-de-pimenta **Ingl.:** Black-throated Saltator

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie biogeograficamente mais associada ao Cerrado. A maior parte dos registros na Mata Atlântica são marginais. No entanto, parece estar expandindo sua distribuição na Mata Atlântica, ocorrendo no sul de Minas Gerais e do Mato Grosso do Sul e próximo a divisa do Espírito Santo com a Bahia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com vegetação arbustiva e árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Orchesticus abeillei (Lesson, 1839)

Port.: sanhaçu-pardo **Ingl.:** Brown Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se de Minas Gerais e Espírito Santo a Santa Catarina indicação de ocorrência na Bahia em diversas fontes (e.g. Pinto 1944, Ridgely & Tudor, 1989) aparentemente carece de comprovação. Alguns autores mencionam possíveis movimentos migratórios (e.g. Isler & Isler 1987), mas padrões são inteiramente desconhecidos e carecem de estudo e confirmação.

Habitat: Habita os estrato superior de florestas de florestas submontanas e montanas, geralmente entre 500 e 1500 metros de altitude. Populações próximas ao limite setentrional da distribuição (Espírito Santo ao norte de São Paulo) restrita a regiões montanhosas.

Conservação: Mundial: NT.

Compsothraupis loricata (Lichtenstein, 1819)

Port.: caneleiro-preto **Ingl.:** White-winged Becard

Fontes: Vasconcelos & Neto (2007).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie invasora na Mata Atlântica, tendo expandido sua distribuição a partir da faixa marginal favorecida pelo desmatamento. Principal área de ocorrência da espécie no interior do domínio é o leste de Minas Gerais

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com árvores esparsas.

Conservação: Não ameaçada.

Nemosia pileata (Boddaert, 1783)

Port.: saíra-de-chapéu-preto **Ingl.:** Hooded Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Seis subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *N. p. caerulea* (Wied 1831).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, populações aparentemente separadas em dois grandes núcleos: extremo norte da América do Sul e do ao sul do Rio Amazonas até o nordeste da Argentina. Além da Mata Atlântica, *N. p. caerulea* se distribui por todo o Brasil ao sul do Rio Amazonas e a leste do Rio Tapajós e também do sudeste do Peru a Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Nemosia rourei Cabanis, 1870

Port.: saíra-apunhalada **Ingl.:** Cherry-throated Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, com distribuição restrita a região serrana do sul do Espírito Santo e com possível ocorrência no Rio de Janeiro (Pacheco 1999).

Habitat: Habita o estrato superior de florestas ombrófila densa montana, geralmente entre 850 e 1250 metros de altitude.

Conservação: Mundial: CR. Brasil: CR.

Orthogonys chloricterus (Vieillot, 1819)

Port.: catirumbava **Ingl.:** Olive-green Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se de Minas Gerais e Espírito Santo a Santa Catarina.

Habitat: Habita os estratos médio e superior de florestas ombrófila densa.

Conservação: Não ameaçada.

Thlypopsis sordida (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Port.: saí-canário **Ingl.:** Orange-headed Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. s. sordida* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo do sul da Colômbia ao Paraguai, também na Venezuela e por grande parte do Brasil. A forma nominal se distribui por todo Brasil ao sul do Rio Amazonas, com exceção do RS, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com vegetação arbustiva e a borda de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Pyrrhocomma ruficeps (Strickland, 1844)

Port.: cabecinha-castanha **Ingl.:** Chestnut-headed Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie quase endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Presente também no norte de Goiás.

Habitat: Habita o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Tachyphonus rufus (Boddaert, 1783)

Port.: pipira-preta **Ingl.:** White-lined Tanager

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo no sul da América Central, extremo norte da América do Sul, e a leste dos Andes, da Bolívia a Argentina e por praticamente todo o Brasil, na Amazônia apenas no leste. As populações no núcleo da Mata Atlântica estão concentradas na região costeira do nordeste do Brasil entre o Piauí e a Bahia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Tachyphonus coronatus (Vieillot, 1822)

Port.: tiê-preto **Ingl.:** Ruby-crowned Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita a borda e o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Ramphocelus bresilius (Linnaeus, 1766)

Port.: tiê-sangue **Ingl.:** Brazilian Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *R. b. bresilius* (Linnaeus, 1766) e *R. b. dorsalis* Sclater, 1855.

Distribuição e biogeografia: Ambas as subespécies são endêmicas da Mata Atlântica. *R. b. bresilius* ocorre da Paraíba a Bahia. *R. b. dorsalis* do sul da Bahia e Minas Gerais a Santa Catarina.

Habitat: Habita áreas de Restinga e borda de diferentes formações florestais. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais em áreas próximo a remanescentes florestais e também em parques urbanos. Geralmente abaixo dos 800 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Lanio cristatus (Linnaeus, 1766)

Port.: tiê-galo **Ingl.:** Flame-crested Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Dez subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *L. c. brunneus* (Spix, 1825).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída por toda região Amazônica na costa leste do Brasil. Zimmer (1945) aponta *T. c. brunneus* como ocorrendo no Maranhão. Demais áreas de ocorrência da espécie estão restritas a Mata Atlântica, onde ocorre do Rio Grande do Norte a Santa Catarina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e os estratos médio e superior de florestas de terras baixas e submontana. Geralmente abaixo dos 600 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Lanio pileatus (Wied, 1821)

Port.: tico-tico-rei-cinza **Ingl.:** Pileated Finch

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *L. p. pileatus* (Wied, 1821).

Distribuição e biogeografia: Distribui-se por três núcleos aparentemente geograficamente isolados: norte da Colômbia e Venezuela, sul da Colômbia, e leste do Brasil. Forma nomina se distribui pela Caatinga e em parte do Cerrado, ocorrendo na Mata Atlântica entre o limite norte do domínio e São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com vegetação arbustiva, sendo frequente em áreas de Restinga. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Lanio cucullatus (Statius Muller, 1776)

Port.: tico-tico-rei **Ingl.:** Red-crested Finch

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *L. c. rubescens* (Swainson, 1825).

Distribuição e biogeografia: Populações distribuem-se esparsamente em diferentes regiões da América do Sul: incluindo o norte dos Andes, leste da Amazônia e o oeste e sul do Brasil. *L. c. rubescens* ocorre em parte do Cerrado e nos Pampas, estando presente também na Mata Atlântica entre oeste de Minas Gerais e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com vegetação arbustiva. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Lanio melanops (Vieillot, 1818)

Port.: tiê-de-topete **Ingl.:** Black-goggled Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Distribui-se em duas populações disjuntas: Andes e Mata Atlântica. População da Mata Atlântica ocorre da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda, sub-bosque e estrato médio de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Tangara brasiliensis (Linnaeus, 1766)

Port.: cambada-de-chaves **Ingl.:** White-bellied Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Restrita a região costeira entre a Bahia e o Rio de Janeiro.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de florestas de terras-baixas.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Não obstante, a destruição da maior parte das florestas de terras baixas da qual a espécie é dependente pode ter levado a reduções populacionais significativas.

Tangara cyanomelaena (Wied, 1830)

Port.: saíra-pérola **Ingl.:** Silver-breasted Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se de Pernambuco ao Rio de Janeiro.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de florestas de terras-baixas.

Conservação: Não ameaçada. A destruição da maior parte das florestas de terras baixas da qual a espécie é dependente pode ter levado a reduções populacionais significativas. Aparentemente extinta no Rio de Janeiro.

Tangara seledon (Statius Muller, 1776)

Port.: saíra-sete-cores **Ingl.:** Green-headed Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, com distribuição contínua entre Recôncavo Baiano e o nordeste da Argentina.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais. Ocorre do nível do mar a até cerca de 1200 metros de altitude.

Conservação: Par.: AM.

Tangara fastuosa (Lesson, 1831)

Port.: pintor-verdadeiro **Ingl.:** Seven-colored Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do Rio Grande do Norte a Alagoas.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais. Ocorre do nível do mar a até cerca de 700 metros de altitude.

Conservação: Mundial: VU. Bra.: VU.

Tangara cyanocephala (Statius Muller, 1776)

Port.: saíra-militar **Ingl.:** Red-necked Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, todas ocorrem na Mata Atlântica: *T. c. cearensis* Cory, 1916, *T. c. corallina* (Berlepsch, 1903) e *T. c. cyanocephala* (Statius Muller, 1776).

Distribuição e biogeografia: As três subespécies do grupo são endêmicas da Mata Atlântica. *T. c. cearensis* é restrita a um pequenos conjuntos de serras no norte do Ceará. As outras duas formas possuem distribuição um pouco mais amplas, *T. c. corallina* ocorre de Paraíba ao norte do Espírito Santo e *T. c. cyanocephala* do Espírito Santo ao norte do Rio Grande do Sul.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de florestas de terras baixas e submontana. Geralmente do nível do mar a até cerca de 600 metros de altitude.

Conservação: Bra.: VU (*T. c. cearensis* e *T. c. corallina*).

Tangara cyanoventris (Vieillot, 1819)

Port.: saíra-douradinha **Ingl.:** Gilt-edged Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se da Bahia ao Rio de Janeiro e São Paulo.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de florestas submontana e montana, mais frequente em florestas estacionais. Geralmente entre 400 e 1000 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Tangara desmaresti (Vieillot, 1819)

Port.: saíra-lagarta **Ingl.:** Brassy-breasted Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se de Minas Gerais a Santa Catarina.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de florestas montana e altomontana. Geralmente entre 500 e 2200 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Tangara sayaca (Linnaeus, 1766)

Port.: sanhaçu-cinzento **Ingl.:** Sayaca Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. s. sayaca* (Linnaeus, 1766).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo Brasil extra-amazônico, ocorrendo ainda da Bolívia ao Uruguai. Além da Mata Atlântica, *T. s. sayaca* distribui-se por toda área de ocorrência da espécie no Brasil e também no Paraguai, nordeste da Argentina e Uruguai, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande variedade de ambientes, ocorrendo desde o centro de grandes cidades a borda de florestas.

Conservação: Não ameaçada.

Tangara cyanoptera (Vieillot, 1817)

Port.: sanhaçu-de-encontro-azul **Ingl.:** Azure-shouldered Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se pela faixa litorânea da Bahia ao Rio Grande do Sul. Populações das montanhas do sul da Bahia aparentemente estão geograficamente isolada das demais.

Habitat: Habita os estratos médio e superior de diferentes formações florestais, mais frequente em florestas ombrófila densa. Geralmente dependente de florestas mais conservadas.

Conservação: Mundial: NT.

Tangara palmarum (Wied, 1823)

Port.: sanhaçu-do-coqueiro **Ingl.:** Palm Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. p. palmarum* (Wied, 1821).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelas Américas Central e do Sul, ocorrendo da Nicarágua a Argentina. A forma nominal distribui-se por todo o Brasil extra-amazônico e também no Paraguai e norte da Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, também em áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e em parques urbanos.

Conservação: Não ameaçada.

Tangara ornata (Sparman, 1789)

Port.: sanhaçu-de-encontro-amarelo **Ingl.:** Golden-chevroned Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se da Bahia ao Rio Grande do Sul. Populações das montanhas do sul da Bahia aparentemente estão geograficamente isolada das demais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Tangara peruviana (Desmarest, 1806)

Port.: saíra-sapucaia **Ingl.:** Black-backed Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul. Populações reprodutivas estão restritas a região sul da distribuição (RS, SC, PR?), atingindo áreas ao norte apenas durante a estação não reprodutiva.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de florestas de terras baixas e submontanas, geralmente abaixo dos 300 metros de altitude. Populações que atingem o sudeste do Brasil durante o período não reprodutivo ocorrem principalmente em áreas de Restinga.

Conservação: Mundial: VU.

Tangara preciosa (Cabanis, 1850)

Port.: saíra-preciosa **Ingl.:** Chestnut-backed Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição restrita a região Sul do Brasil, Uruguai e áreas adjacentes no Paraguai e Argentina. Na Mata Atlântica, ocorre de São Paulo a Argentina. Realiza movimentos migratórios pouco conhecidos, atingindo a região nordeste de SP aparentemente apenas durante o inverno.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Tangara cayana (Linnaeus, 1766)

Port.: saíra-amarela **Ingl.:** Burnished-buff Tanager

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na área núcleo da Mata Atlântica: *T. c. flava* (Gmelin, 1789) e *T. c. chloroptera* (Vieillot, 1819). Alguns autores têm demonstrado a existência de grande variação polimórfica desses dois táxons e de outras subespécie associadas ao grupo *T. c. flava* (*T. c. sincipitalis*, *T. c. margaritae* e *T. c. huberi*), o que justificaria a sinonimização de todas essas formas sob o nome *T. c. flava*. (Lopes 2009).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes. *T. c. flava* distribui-se por toda região Nordeste do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica do Piauí a Bahia. *T. c. chloroptera* possui a maior parte da sua área de distribuição na Mata Atlântica, onde ocorre de Minas Gerais ao Paraná. *T. c. sincipitalis* parece atingir o domínio apenas marginalmente.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, também em áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e em parques urbanos.

Conservação: Não ameaçada.

Stephanophorus diadematus (Temminck, 1823)

Port.: sanhaçu-frade **Ingl.:** Diademed Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição restrita a região Sul do Brasil, Uruguai e áreas adjacentes no Paraguai e Argentina. Ocorre na Mata Atlântica do sul de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais. Na região sudeste do Brasil retrito a florestas montanas e altomontanas.

Conservação: Par.: AM.

Cissopis leverianus (Gmelin, 1788)

Port.: tietinga **Ingl.:** Magpie Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. l. major* Cabanis, 1851.

Distribuição e biogeografia: A subespécie *C. l. major* é quase endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina, ocorrendo fora da Mata Atlântica em Goiás.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e o estrato superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Schistochlamys melanopsis (Latham, 1790)

Port.: sanhaçu-de-coleira **Ingl.:** Black-faced Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. m. amazonica* Zimmer, 1947.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição pontual pela América do Sul. Populações no interior da Mata Atlântica ocorrem principalmente na região litorânea entre o Rio Grande do Norte e o Espírito Santo, supostamente com registros históricos também no Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita principalmente a Restinga e áreas abertas com vegetação arbustiva adjacente. Também em enclaves de Cerrado.

Conservação: Não é considerada ameaçada.

Schistochlamys ruficapillus (Vieillot, 1817)

Port.: bico-de-veludo **Ingl.:** Cinnamon Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica. Tradicionalmente três subespécies são reconhecidas, das quais duas ocorreriam na Mata Atlântica: *S. r. capistrata* (Wied, 1821) e *S. r. ruficapillus* (Vieillot, 1817). No entanto, análises recentes demonstram que as diferentes subespécies de *S. ruficapillus* não são plenamente diagnosticáveis (Lopes 2008)

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita ao centro e ao leste do Brasil. Distribui-se na Mata Atlântica do limite norte do domínio ao Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com vegetação arbustiva. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Paroaria coronata (Miller, 1776)

Port.: cardeal **Ingl.:** Red-crested Cardinal

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região sudeste da América do Sul, ocorrendo do leste da Bolívia ao centro da Argentina e Uruguai. Ocorre na Mata Atlântica de Populações da espécie na região sudeste do Brasil são oriundas de indivíduos de cativeiro. Ocorre na Mata Atlântica de Paraná e Santa Catarina ao Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com vegetação arbustiva. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e parque urbanos.

Conservação: Não ameaçada.

Paroaria dominicana (Linnaeus, 1758)

Port.: cardeal-do-nordeste **Ingl.:** Red-cowled Cardinal

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Originalmente restrita ao nordeste do Brasil. A espécie tem ampliado sua distribuição favorecida pelo desmatamento ocorrendo na Mata Atlântica entre o limite norte do domínio e São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Pipraeidea melanonota (Vieillot, 1819)

Port.: saíra-viúva **Ingl.:** Fawn-breasted Tanagerard

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial*.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. m. melanonota* (Vieillot, 1819).

Distribuição e biogeografia: A forma nominal ocorre no Mato Grosso, norte da Argentina e no Uruguai. Ocorrendo na Mata Atlântica entre a Bahia e o limite sul do domínio, incluindo o Paraguai e Argentina. Seu táxon irmão, *P. m. venezuelensis*, distribui-se principalmente nos Andes e norte extremo da América do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Pipraeidea bonariensis (Gmelin, 1789)

Port.: sanhaçu-papa-laranja **Ingl.:** Blue-and-yellow Tanager

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente. É possível que realize movimentos migratórios pouco conhecidos.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. b. bonariensis* (Gmelin, 1789).

Distribuição e biogeografia: Distribui-se pela região andina e sudeste da América do Sul, ocorrendo do Equador ao centro da Argentina. A forma nominal ocorre na Argentina, Uruguai e na Mata Atlântica do sul de São Paulo a Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas de diferentes formações florestais também em áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e em parques urbanos.

Conservação: Não ameaçada.

Tersina viridis (Illiger, 1811)

Port.: saí-andorinha **Ingl.:** Swallow Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente. Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *T. v. viridis* (Illiger, 1811).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul, ocorrendo do norte da Colômbia a Argentina. A forma nominal distribui-se pelo Brasil Central e do norte da Bolívia a Argentina. Também em toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Dacnis nigripes Pelzeln, 1856

Port.: saí-de-pernas-pretas **Ingl.:** Black-legged Dacnis

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo de Minas Gerais e Espírito Santo a Santa Catarina.

Habitat: Habita as bordas e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Mundial: NT. Brasil:

Dacnis cayana (Linnaeus, 1766)

Port.: saí-azul **Ingl.:** Blue Dacnis

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Oito subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *D. c. paraguayensis* Chubb, 1910.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela Américas Central e América do Sul do Sul. D. c. *paraguayensis* por todo o Brasil extra-amazônico, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande variedade de ambientes, ocorrendo desde parques urbanos a borda de florestas bem conservadas.

Conservação: Não ameaçada.

Cyanerpes cyaneus (Linnaeus, 1766)

Port.: saíra-beija-flor **Ingl.:** Red-legged Honeycreeper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Onze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. c. holti* Parkes, 1977.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ecossistemas florestais da América do Sul e América Central. A subespécie *C. c. holti* é endêmica da Mata Atlântica, estando geograficamente isolada das demais. Ocorre da Paraíba ao norte de São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita florestas de terras baixas e áreas de Restinga.

Conservação: Não ameaçada.

Chlorophanes spiza (Linnaeus, 1758)

Port.: saí-verde **Ingl.:** Green Honeycreeper

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. s. axillaris* Zimmer, 1929.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ecossistemas florestais das Américas do Sul e Central. A subespécie *C. s. axillaris* é endêmica da Mata Atlântica, estando geograficamente isolada das demais. Ocorre de Pernambuco a Santa Catarina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e as copas de florestas ombrófila densa de terras baixas e submontana.

Conservação: Não ameaçada.

Hemithraupis guira (Linnaeus, 1766)

Port.: saíra-de-papo-preto **Ingl.:** Guira Tanager

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Oito subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *H. g. guira* (Linnaeus, 1766) e *H. g. fosteri* (Sharpe, 1905).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ecossistemas florestais da América do Sul e América Central. *H. g. guira* ocorre do Piauí a Bahia. *H. g. fosteri* ocorre do Espírito Santo a Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Hemithraupis ruficapilla (Vieillot, 1818)

Port.: saíra-ferrugem **Ingl.:** Rufous-headed Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *H. r. bahiae* Zimmer, 1947 e *H. r. ruficapilla* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: Ambas as subespécies são endêmicas da Mata Atlântica. *H. r. bahiae* ocorre da Bahia ao nordeste extremo de Minas Gerais. *H. r. ruficapilla* distribui-se de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Hemithraupis flavicollis (Vieillot, 1818)

Port.: saíra-galega **Ingl.:** Yellow-backed Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Onze subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *H. f. melanoxantha* (Lichtenstein, 1823) e *H. f. insignis* (Sclater, 1856).

Distribuição e biogeografia: *H. f. melanoxantha* e *H. f. insignis* são endêmicas da Mata Atlântica, estando geograficamente isoladas dos demais táxons do grupo. *H. f. melanoxantha* ocorre do Pernambuco a Bahia. *H. f. insignis* de Minas Gerais ao Rio de Janeiro

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o estrato superior de florestas de terras baixa e submontana. Geralmente abaixo dos 400 metros de altitude.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Não obstante, a destruição da maior parte das florestas de terras baixas as quais os táxons da Mata Atlântica estão associados pode ter levado a reduções populacionais significativas.

Conirostrum speciosum (Temminck, 1824)

Port.: figuinha-de-rabo-castanho **Ingl.:** Chestnut-vented Conebill

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. s. speciosum* (Temminck, 1824).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul. A forma nominal ocorre do Maranhão ao sul do Peru e Bolívia, incluindo toda região central do Brasil e toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o estrato superior de diferentes formações florestais. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e em parques urbanos.

Conservação: Não ameaçada.

Conirostrum bicolor (Vieillot, 1809)

Port.: figuinha-do-mangue **Ingl.:** Bicolored Conebill

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. b. bicolor* (Vieillot, 1809).

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região costeira da América do Sul e ao curso do Rio Amazonas. A forma nominal acompanha a distribuição dos manguezais por toda costa atlântica da América do Sul, ocorrendo na Mata Atlântica do Ceará a Santa Catarina.

Habitat: Na Mata Atlântica, a espécie ocorre exclusivamente em áreas de mangue.

Conservação: Não ameaçada.

Emberizidae Vigors, 1825

Zonotrichia capensis (Statius Muller, 1776)

Port.: tico-tico **Ingl.:** Rufous-collared Sparrow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Vinte e cinco subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *Z. c. matutina* (Lichtenstein, 1823) e *Z. c. subtorquata* Swainson, 1837.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela Américas Central e do Sul, ocorrendo do sul do México a Terra do Fogo. *Z. c. matutina* ocorre na Mata Atlântica do Piauí a Bahia e *Z. c. subtorquata* de Minas Gerais e Espírito Santo até o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e áreas arborizadas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e parque urbanos.

Conservação: Não ameaçada.

Ammodramus humeralis (Bosc, 1792)

Port.: tico-tico-do-campo **Ingl.:** Grassland Sparrow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *A. h. humeralis* (Bosc, 1792), *A. h. xanthomus* Gould, 1839.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes e extra-amazônica. Forma nominal ocorre na Mata Atlântica do Piauí ao Paraná, *A. h. xanthomus* de Santa Catarina? até o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Haplospiza unicolor Cabanis, 1851

Port.: cigarra-bambu **Ingl.:** Uniform Finch

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita a borda e o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Arg.: VU. Par.: AM.

Donacospiza albifrons (Vieillot, 1817)

Port.: tico-tico-do-banhado **Ingl.:** Long-tailed Reed Finch

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região sudeste da América do Sul, ocorrendo do sudeste do Brasil ao Paraguai e centro da Argentina e com uma população disjunta na Bolívia. Ocorre esparsamente na Mata Atlântica entre Minas Gerais e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita brejos e áreas abertas alagadas com vegetação arbustiva.

Conservação: Não ameaçada.

Poospiza thoracica (Nordmann, 1835)

Port.: peito-pinhão **Ingl.:** Bay-chested Warbling-Finch

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. As populações estão distribuídas em dois núcleos geograficamente isolados: ao norte (Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e ao sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

Habitat: Habita a borda e os estratos médios de florestas montanas e altomontanas. Na porção norte da distribuição geralmente acima dos 1000 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Poospiza nigrorufa (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Port.: quem-te-vestiu **Ingl.:** Black-and-rufous Warbling-Finch

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. n. nigrorufa* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837).

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região meridional dos Andes e ao sudeste da América do Sul. Distribui-se na Mata Atlântica entre o Paraná e o limite sul do domínio incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com vegetação arbustiva, incluindo brejos.

Conservação: Não ameaçada.

Poospiza lateralis (Nordmann, 1835)

Port.: quete **Ingl.:** Buff-throated Warbling-Finch

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, restrita a algumas cadeias de montanhas do Espírito Santo a São Paulo.

Habitat: Habita a borda de florestas montana e altomontana e áreas de campo de altitude. Geralmente acima dos 1000 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Poospiza cabanisi Bonaparte, 1850

Port.: tico-tico-da-taquara **Ingl.:** Gray-throated Warbling-Finch

Fontes: Parker *et al.* (1996)*, Pacheco & Bauer (2000)*.

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região sudeste da América do Sul, ocorrendo do sul do Brasil ao Uruguai e norte da Argentina. Distribui-se na Mata Atlântica entre o sul de São Paulo e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita a borda de florestas estacionais e ombrófila mista, também em áreas abertas com vegetação arbustiva.

Conservação: Não ameaçada.

Poospiza cinerea Bonaparte, 1850

Port.: capacetinho-do-oco-do-pau **Ingl.:** Cinereous Warbling-Finch

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie biogeograficamente mais intimamente relacionada com o Cerrado. Ocorrência no interior do domínio, sul do Espírito Santo e Minas Gerais e São Paulo, está relacionada com expansão aparentemente recente da distribuição.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as áreas arbustivas abertas próximo a borda da mata, adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Mundial: VU.

Sicalis citrina Pelzeln, 1870

Port.: canário-rasteiro **Ingl.:** Stripe-tailed Yellow-Finch

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. c. citrina* Pelzeln, 1870.

Distribuição e biogeografia: Espécie esparsamente distribuída por ambientes abertos em toda América do Sul. Além da Mata Atlântica, a forma nominal ocorre por pelo o interior do Brasil, do sul do sul do Pará ao Mato Grosso e Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com vegetação arbustiva incluindo Campos Rupestre e Campos de Altitude.

Conservação: Arg. AM.

Sicalis flaveola (Linnaeus, 1766)

Port.: canário-da-terra-verdadeiro **Ingl.:** Saffron Finch

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *S. f. brasiliensis* (Gmelin, 1789) e *S. f. pelzelni* (Sclater, 1872).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul extra-amazônica. *S. f. brasiliensis* ocorre no interior do Brasil do Maranhão até São Paulo, estando presente na Mata Atlântica do Piauí ao Rio de Janeiro. *S. f. pelzelni* distribui-se do leste da Bolívia a Argentina e Uruguai, ocorrendo na Mata Atlântica entre o Mato Grosso do Sul e Paraná até o Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas adaptando-se bem a ambientes alterados, incluindo áreas rurais e urbanas.

Conservação: Não ameaçada.

Sicalis luteola (Sparrman, 1789)

Port.: tipio **Ingl.:** Grassland Yellow-Finch

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Oito subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. l. luteiventris* (Meyen, 1834).

Distribuição e biogeografia: Espécie esparsamente distribuída por ecossistemas abertos da Américas Central e do Sul. *S. l. luteiventris* ocorre desde o sul do Peru e nordeste do Brasil ao centro da Argentina e Chile, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Emberizoides herbicola (Vieillot, 1817)

Port.: canário-do-campo **Ingl.:** Wedge-tailed Grass-Finch

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *E. h. herbicola* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ecossistemas abertos das Américas Central e do Sul. A forma nominal distribui-se no interior do Brasil e do leste da Bolívia ao Uruguai, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres e áreas úmidas. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Emberizoides ypiranganus Ihering & Ihering, 1907

Port.: canário-do-brejo **Ingl.:** Lesser Grass-Finch

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita as regiões Sudeste e Sul do Brasil e áreas adjacentes no Paraguai, Argentina e Uruguai. Ocorre esparsamente na Mata Atlântica entre São Paulo e o limite sul domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres e brejosas.

Conservação: Arg.: VU.

Embernagra platensis (Gmelin, 1789)

Port.: sabiá-do-banhado **Ingl.:** Great Pampa-Finch

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *E. p. platensis* (Gmelin, 1789).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo sudeste da América do Sul, ocorrendo do norte da Bolívia ao centro da Argentina. A forma nominal ocorre no norte da Bolívia, leste do Paraguai e Argentina e no Uruguai. Populações da Mata Atlântica parecem estar separadas em dois núcleos: ao norte (MG, ES, norte de SP e RJ) e ao sul (sul de SP, PR, SC, PAR, ARG)

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres e brejosas, também em Campos de Altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Embernagra longicauda Strickland, 1844

Port.: rabo-mole-da-serra **Ingl.:** Pale-throated Serra-Finch

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica com grande parte da distribuição restrita a Serra do Espinhaço na Bahia e em Minas Gerais, embora ocorra também em outras regiões, como na Serra do Caparaó, no Espírito Santo.

Habitat: Habita áreas abertas campestres, incluindo Campos Rupestres e Campos de Altitude. Geralmente acima dos 1000 metros de altitude.

Conservação: Mundial: NT.

Volatinia jacarina (Linnaeus, 1766)

Port.: tiziu **Ingl.:** Blue-black Grassquit

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *V. j. jacarina* (Linnaeus, 1766).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do México ao norte da Argentina. Além da Mata Atlântica a forma nominal ocorre por todo o Brasil extra-amazônico e também no leste do Peru e Bolívia, Paraguai e norte da Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres, adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Sporophila frontalis (Verreaux, 1869)

Port.: pixoxó **Ingl.:** Buffy-fronted Seedeater

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita taquarais em diferentes formações florestais.

Conservação: Mundial: VU. Bra.: VU. Arg.: EN. Par.: EN.

Sporophila falcirostris (Temminck, 1820)

Port.: cigarra-verdadeira **Ingl.:** Temminck's Seedeater

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se do sul da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita taquarais em diferentes formações florestais.

Conservação: Mundial: VU. Bra.: VU. Arg.: EN. Par.: EN

Sporophila collaris (Boddaert, 1783)

Port.: coleiro-do-brejo **Ingl.:** Rusty-collared Seedeater

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na área núcleo da Mata Atlântica: *S. c. collaris* (Boddaert, 1783) e *S. c. ochrascens* Hellmayr, 1904.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo centro da América do Sul, atingindo o litoral na região leste do Brasil. *S. c. ochrascens* ocorre por uma faixa que se estende da Bolívia ao oeste de São Paulo e Paraná, ocorrendo na Mata Atlântica no Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná. A forma nominal distribui-se pelo centro do Brasil e na Mata Atlântica entre a Bahia e São Paulo. Central e . *S. c. melanocephala* (Vieillot, 1817) parece não ultrapassar a área marginal do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas brejosas.

Conservação: Não ameaçada.

Sporophila lineola (Linnaeus, 1758)

Port.: bigodinho **Ingl.:** Lined Seedeater

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, mas com ocorrência sazonal na maior parte da sua distribuição. Duas populações, diferenciáveis pela voz, reproduzem na Mata Atlântica: sendo que a população setentrional (nordeste do Brasil e norte de Minas Gerais) é geralmente associada a Caatinga (Neto & Vasconcelos 2007). A população meridional (Minas Gerais a Santa Catarina) migra para o oeste e centro da Amazônia após o período reprodutivo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com predomínio de vegetação arbustiva e gramíneas. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e em parques urbanos.

Conservação: Não ameaçada.

Sporophila nigricollis (Vieillot, 1823)

Port.: baiano **Ingl.:** Yellow-bellied Seedeater

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. n. nigricollis* (Vieillot, 1823).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelas Américas Central e do Sul. Além da Mata Atlântica a forma nominal ocupa a maior parte da distribuição da espécie sendo substituída por outros dois táxons nos Andes peruanos e na costa pacífica do Equador e Colômbia. Na Mata Atlântica, está presente desde seu limite norte ao Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com predomínio de vegetação arbustiva e gramíneas. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e em parques urbanos.

Conservação: Não ameaçada.

Sporophila ardesiaca (Dubois, 1894)

Port.: papa-capim-de-costas-cinzas **Ingl.:** Dubois's Seedeater

Fontes: Parker (1996).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie com maior parte da sua distribuição restrita a Mata Atlântica, ocorrendo da Bahia a São Paulo. Fora do domínio está presente em Goiás e oeste de Minas Gerais.

Habitat: Habita áreas abertas com predomínio de vegetação arbustiva e gramíneas.

Conservação: Não ameaçada.

Sporophila caerulescens (Vieillot, 1823)

Port.: coleirinho **Ingl.:** Double-collared Seedeater

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *S. c. hellmayri* Wolters, 1939 e *S. c. caerulescens* (Vieillot, 1823).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo do sul do rio Amazonas ao centro da Argentina. *S. c. hellmayri* esta restrito a Bahia. Forma nominal ocorre na Mata Atlântica entre a Bahia e o limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com predomínio de vegetação arbustiva e gramíneas. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais e em parques urbanos.

Conservação: Não ameaçada.

Sporophila albogularis (Spix, 1825)

Port.: golinho **Ingl.:** White-throated Seedeater

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região Nordeste do Brasil, estando presente na Mata Atlântica na faixa litorânea nordestina e em áreas no norte de Minas Gerais e Espírito Santo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com predomínio de vegetação arbustiva e gramíneas. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais

Conservação: Não ameaçada.

Sporophila leucoptera (Vieillot, 1817)

Port.: chorão **Ingl.:** White-bellied Seedeater

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na área núcleo da Mata Atlântica: *S. l. cinereola* (Temminck, 1820).

Distribuição e biogeografia: Espécie com ampla distribuição pelo leste da América do Sul. *S. l. cinereola* distribui-se na Mata Atlântica entre o limite norte do domínio e o Paraná.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com predomínio de vegetação arbustiva e gramíneas. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais

Conservação: Não ameaçada.

Sporophila bouvreuil (Statius Muller, 1776)

Port.: caboclinho **Ingl.:** Cooper Seedeater

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica. Análises recentes demonstram que as formas *S. b. saturata* Hellmayr, 1904 e *S. b. crypta* Sick, 1968 devem ser tratadas como sinônimos de *S. bouvreuil* (Machado & Silveira 2011).

Distribuição e biogeografia: Espécie com ampla distribuição pelo leste da América do Sul, ocorrendo da Guiana Francesa ao sudeste do Brasil. Distribui-se na Mata Atlântica desde seu limite norte até São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com predomínio de vegetação arbustiva e gramíneas, também em brejos.

Conservação: Arg.: AM.

Sporophila angolensis (Linnaeus, 1766)

Port.: curió **Ingl.:** Chestnut-bellied Seed-Finch

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. a. angolensis* (Linnaeus, 1766).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes. Além da Mata Atlântica a forma nominal ocorre por todo Brasil extra-amazônico e na Bolívia, Paraguai e Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas brejosas próximo a borda de diferentes formações florestais.

Conservação: Arg.: AM. Não obstante, a espécie exige atenção conservacionista por ser alvo frequente do tráfico de animais silvestres.

Sporophila maximiliani (Cabanis, 1851)

Port.: bicudo **Ingl.:** Great-billed Seed-Finch

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. m. maximiliani* (Cabanis, 1851).

Distribuição e biogeografia: Originalmente a espécie distribuía-se pelas regiões Sudeste, Centro-Oeste e parte do Nordeste do Brasil e junto a foz do Rio Amazonas e extremo norte da América do Sul. Além da Mata Atlântica, onde ocorria originalmente entre a Bahia e o interior de São Paulo, forma nominal estava presente também na região central do Brasil.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres e brejosas.

Conservação: Mundial: NT. Bra.: CR. Espécie aparentemente extinta na Mata Atlântica, não tendo resistido a pressão constante de captura do tráfico ilegal de animais silvestres.

Tiaris fuliginosus (Wied, 1830)

Port.: cigarra-do-coqueiro **Ingl.:** Sooty Grassquit

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie esparsamente distribuída pela região leste da América do Sul, ocorrendo da Venezuela ao norte da Argentina. Na Mata Atlântica, esta presente esparsamente do Ceará ao limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Arg.: AM. Par.: AM.

Arremon taciturnus (Hermann, 1783)

Port.: tico-tico-de-bico-preto **Ingl.:** Pectoral Sparrow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. t. taciturnus* (Hermann, 1783).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo centro-leste da América do Sul, ocorrendo da Venezuela ao sul do Espírito Santo e norte de Goiás. Populações na área núcleo da Mata Atlântica ocorrem do Piauí ao Espírito Santo e Minas Gerais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Arremon semitorquatus Swainson, 1838

Port.: tico-tico-do-mato **Ingl.:** Half-collared Sparrow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se de Minas Gerais ao Paraná e Mato Grosso do Sul.

Habitat: Habita o sub-bosque, a borda e clareiras em diferentes formações florestais, geralmente abaixo dos 1000 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Arremon franciscanus Raposo, 1997

Port.: tico-tico-do-são-francisco **Ingl.:** Sao Francisco Sparrow

Fontes: Parrini *et al.* (1999)

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região do médio Rio São Francisco na Bahia e Minas Gerais. Seu tratamento como uma espécie da Mata Atlântica, justifica-se pelo fato dela ocorrer nas florestas estacionais associadas ao rio São Francisco.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e clareiras de florestas estacionais decíduas e semidecíduas.

Conservação: Mundial: NT.

Arremon flavirostris Swainson, 1838

Port.: tico-tico-de-bico-amarelo **Ingl.:** Saffron-billed Sparrow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *A. f. flavirostris* Swainson, 1838 e *A. f. polionotus* Bonaparte, 1850.

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição restrita a região centro-sul da América do Sul. A forma nominal ocorre nos cerrados de Minas Gerais e São Paulo estando presente na Mata Atlântica de Minas Gerais a São Paulo. *A. f. polionotus* ocorre na Mata Atlântica no Paraná, Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o sub-bosque de florestas estacionais

Conservação: Não ameaçada.

Cardinalidae Ridgway, 1901

Piranga flava (Vieillot, 1822)

Port.: sanhaçu-de-fogo **Ingl.:** Hepatic Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. f. saira* (Spix, 1825).

Distribuição e biogeografia: Espécie distribui-se pela América do Sul a leste dos Andes em três populações aparentemente isoladas que vão da Guiana ao norte da Argentina. *P. f. saira* ocorre no leste da Amazônia e grande parte do interior do Brasil, estando presente esparsamente por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e o estrato superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Habia rubica (Vieillot, 1817)

Port.: tiê-do-mato-grosso **Ingl.:** Red-crowned Ant-Tanager

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Dezessete subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *H. r. bahiae* Hellmayr, 1936 e *H. r. rubica* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla, ocorrendo do México ao Norte da Argentina. Ambas as formas com ocorrência na Mata Atlântica são endêmicas do domínio. *H. r. bahiae* distribui-se na Mata Atlântica de Alagoas a Bahia? Forma nominal ocorre do Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de diferentes formações florestais.

Conservação: Par. AM.

Caryothraustes canadensis (Linnaeus, 1766)

Port.: furriel **Ingl.:** Yellow-green Grosbeak

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *C. c. frontalis* (Hellmayr, 1905) e *C. c. brasiliensis* Cabanis, 1851.

Distribuição e biogeografia: Distribui-se pelas regiões norte e leste da América do Sul, do leste da Colômbia ao Rio de Janeiro, possuindo ainda uma população disjunta no Panamá. Ambas as formas com ocorrência da Mata Atlântica são endêmicas do domínio, *C. c. frontalis* ocorre da Paraíba a Alagoas. *C. c. brasiliensis* distribui-se do Sul da Bahia ao Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Bra.: VU (*C. c. frontalis*).

Cyanoloxia moesta (Hartlaub, 1853)

Port.: negrinho-do-mato **Ingl.:** Blackish-blue Seedeater

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Até recentemente era considerado endêmico da Mata Atlântica, onde ocorre da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Registros recentes no Maranhão, Tocantins e norte de Goiás demonstram que a espécie possui distribuição muito além dos limites da Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque dominado por taquarais de diferentes formações florestais.

Conservação: Mundial: NT. Arg. Am.. Par.: AM.

Cyanoloxia brissonii (Lichtenstein, 1823)

Port.: azulão **Ingl.:** Ultramarine Grosbeak

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na área núcleo da Mata Atlântica: *C. b. sterea* Oberhoiser, 1901. A forma nominal aparenta estar biogeograficamente mais associada com a Caatinga, ocorrendo na Mata Atlântica apenas marginalmente.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo Brasil extra-amazônico e no leste da Bolívia, Paraguai e norte da Argentina. Possuindo ainda populações disjuntas na Colômbia e Venezuela. Na Mata Atlântica, *C. b. sterea* ocorre do Espírito Santo e Minas Gerais ao limite sul do domínio, marginalmente atinge outras regiões.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e áreas abertas com vegetação arbustiva densa. Adapta-se a ambientes alterados ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não é considerada ameaçada. Não obstante, a espécie exige atenção conservacionista por ser alvo frequente do tráfico de animais silvestres.

Cyanoloxia glaucocaerulea (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Port.: azulinho **Ingl.:** Glaucous-blue Grosbeak

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Populações reprodutivas restritas ao sul do Brasil, ocorrendo do Paraná ao limite sul do domínio. Desloca-se para o norte após o período reprodutivo e atingindo o interior de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda da mata e áreas abertas com vegetação arbustiva densa.

Conservação: Arg.: VU.

Parulidae Wetmore, Friedmann, Lincoln, Miller, Peters, van Rossem,
Van Tyne & Zimmer 1947

Setophaga pitaiyumi (Vieillot, 1817)

Port.: mariquita **Ingl.:** Tropical Parula

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatorze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *S. p. pitaiyumi* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo desde o oeste do México ao Uruguai. Além da Mata Atlântica, *S. p. pitiayumi* ocorre desde o leste da Bolívia e sul da Amazônia até o norte da Argentina e Uruguai, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Setophaga striata (Forster, 1772)

Port.: mariquita-de-perna-clara **Ingl.:** Blackpoll Warbler

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante não reprodutivo.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: : Reproduz no norte da América do Norte, migrando para a América do Sul durante o período não reprodutivo. Principal áreas de invernada parece se concentrar no noroeste do subcontinente, mas registros relativamente frequentes na Mata Atlântica em São Paulo e no Rio de Janeiro indicam que pelo menos um pequeno contingente populacional deve invernar no sudeste do Brasil.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Geothlypis aequinoctialis (Gmelin, 1789)

Port.: pia-cobra **Ingl.:** Masked Yellowthroat

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *G. a. velata* (Vieillot, 1809).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul. Além da Mata Atlântica, *G. a. velata* ocorre desde o sudeste do Peru e sul da Amazônia até o norte da Argentina e Uruguai. Ocorre na Mata Atlântica entre a Paraíba e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas úmidas com vegetação alta.

Conservação: Não ameaçada.

Basileuterus culicivorus (Deppe, 1830)

Port.: pula-pula **Ingl.:** Golden-crowned Warbler

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Treze subespécies reconhecidas, das quais três ocorrem na Mata Atlântica: *B. c. auricapilla* (Swainson, 1838), *B. c. hypoleucus* Bonaparte, 1850 e *B. c. azarae*, Zimmer, 1949. *B. c. hypoleucus* é considerado por alguns autores como espécie a parte (e.g. Curson 2010).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelos ecossistemas florestais da América do Sul e América Central, ocorrendo do sul do México ao Uruguai. *B. c. auricapillus* ocorre no sul do Maranhão, região do Brasil Central até o Mato Grosso e na Mata Atlântica entre o Piauí e o Rio de Janeiro. *B. c. azarae* ocorre na Mata Atlântica entre o sul do Rio de Janeiro e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. *B. c. hypoleucus* é biogeograficamente mais relacionada com o Cerrado, com distribuição localizada dentro da área núcleo da Mata Atlântica, em Minas Gerais e São Paulo, mas ocorrendo marginalmente em outras áreas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Myiothlypis flaveola Baird, 1865

Port.: canário-do-mato **Ingl.:** Flavescent Warbler

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie mais intimamente relacionada com a diagonal de vegetação seca da América do Sul. Na Mata Atlântica, ocorre principalmente marginalmente com distribuição dentro da área núcleo no litoral do nordeste brasileiro. Por ser tolerante a ambientes secundários, parece estar expandindo sua distribuição em algumas regiões, como no interior de São Paulo.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita florestas estacionais.

Conservação: Não ameaçada.

Myiothlypis leucoblephara (Vieillot, 1817)

Port.: pula-pula-assobiador **Ingl.:** White-browed Warbler

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. l. leucoblephara* (Vieillot, 1817).

Distribuição e biogeografia: *M. l. leucoblephara* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Seu táxon irmão, *M. l. lemurum* Olson, 1975 é restrito ao Uruguai.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de florestas montanas e altomontanas. Embora as populações mais meridionais possam ocorrer próximo ao nível do mar, na região norte da distribuição a espécie está restrita as montanhas.

Conservação: Não ameaçada.

Myiothlypis rivularis (Wied, 1821)

Port.: pula-pula-ribeirinho **Ingl.:** Neotropical River Warbler

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo aparentemente em dois núcleos separados: sul da Bahia ao Espírito Santo e do extremo sul do Rio de Janeiro a Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita o sub-bosque de florestas de terras baixas e submontana

Conservação: Não ameaçada.

Icteridae Vigors, 1825

Psarocolius decumanus (Pallas, 1769)

Port.: japu **Ingl.:** Crested Oropendola

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *P. d. decumanus* (Pallas, 1769).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul e sul da América Central. Além da Mata Atlântica, a forma nominal ocorre por praticamente toda a América do Sul, com limite sul da distribuição no sul do Brasil. Na Mata Atlântica, ocorre da Bahia ao Paraná e Santa Catarina, estando aparentemente extinta nesse último estado (Vitor Piacentini com. pess.)

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Procacicus solitarius (Vieillot, 1816)

Port.: iraúna-de-bico-branco **Ingl.:** Solitary Black Cacique

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul a leste dos Andes. Possui distribuição bastante restrita dentro da área núcleo da Mata Atlântica, estando limitada a região costeira do nordeste, entre o Piauí e a Bahia. Marginalmente ocorre em “brejos de altitude”, em áreas ao longo do rio São Francisco e também no oeste do Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a bordas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Cacicus chrysopterus (Vigors, 1825)

Port.: tecelão **Ingl.:** Golden-winged Cacique

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região sudeste da América do Sul, ocorrendo, além da Mata Atlântica, dos Andes bolivianos ao norte da Argentina e no Uruguai. Na Mata Atlântica, ocorre de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e as copas de florestas montanas e altomontanas. Na porção norte da distribuição restrito a regiões montanhosas, geralmente acima dos 600 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Cacicus haemorrhous (Linnaeus, 1766)

Port.: guaxe **Ingl.:** Red-rumped Cacique

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. h. affinis* Swainson, 1834.

Distribuição e biogeografia: A Mata Atlântica representa a maior parte da distribuição de *C. h. affinis*, ocorrendo de Pernambuco ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. Fora dos seus limites, ocorre pontualmente em áreas dentro do Cerrado entre o sul do Tocantins e o Mato Grosso do Sul. Demais subespécies do grupo distribuem-se pela Amazônia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Cacicus cela (Linnaeus, 1758)

Port.: xexéu **Ingl.:** Yellow-rumped Cacique

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorrem na Mata Atlântica: *C. c. cela* (Linnaeus, 1758).

Distribuição e biogeografia: Populações da Mata Atlântica ocorrem pontualmente na região costeira entre o Piauí e o sul da Bahia e marginalmente no sul de Goiás e oeste de Minas Gerais. Além da Mata Atlântica, a forma nominal distribui-se por toda região norte da América do Sul a leste dos Andes.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e as copas de diferentes formações florestais. Populações da região leste da Mata Atlântica geralmente restritas a altitudes mais baixas.

Conservação: Não ameaçada.

Icterus pyrrhopterus (Vieillot, 1819)

Port.: encontro **Ingl.:** Variable Oriole

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais três ocorrem na Mata Atlântica: *I. p. tibialis* Swainson, 1838, e *I. p. valenciobuenoi* Ihering, 1902 e *I. p. pyrrhopterus* (Vieillot, 1819). De acordo com Sick (1997), *I. p. valenciobuenoi* constituiu uma população mista entre *I. p. tibialis* e a forma nominal.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo Brasil extra-amazônico, ocorrendo ainda na Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Delimitação precisa da distribuição de *I. p. pyrrhopterus* e *I. p. valenciobuenoi* dificultada pela existência de indivíduos intermediários (Fraga 2011). *I. p. tibialis* ocorre na Mata Atlântica entre o Piauí e o norte do Rio de Janeiro. *I. p. valenciobuenoi* de São Paulo e Minas Gerais ao Paraná e Santa Catarina. Forma nominal presente na Mata Atlântica no Rio Grande do Sul e principalmente no Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e as copas de diferentes formações florestais. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Icterus jamacaii (Gmelin, 1788)

Port.: corrupção **Ingl.:** Campo Troupial

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita às regiões nordeste e sudeste do Brasil. Além da Mata Atlântica a espécie ocorre também na Caatinga e pontualmente no Cerrado e no extremo leste da Amazônia. A espécie tem expandindo sua distribuição pelo domínio favorecida pelo desmatamento. Ocorre na Mata Atlântica do limite norte do domínio a São Paulo e norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas de diferentes formações florestais e áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Gnorimopsar chopi (Vieillot, 1819)

Port.: graúna **Ingl.:** Chopi Blackbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *G. c. sulcirostris* (Spix, 1824) e *G. c. chopi* (Vieillot, 1819).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pelo Brasil extra-amazônico, ocorrendo ainda do sul do Peru ao norte da Argentina e no Uruguai. Forma nominal ocorre no centro-sul da América do Sul estando presente na Mata Atlântica de Minas Gerais e Espírito ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina. *G. c. sulcirostris* ocorre no nordeste do Brasil, na Mata Atlântica entre o Piauí e o nordeste de Minas Gerais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Curaeus forbesi (Sclater, 1886)

Port.: anumará **Ingl.:** Forbes's Blackbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se em dois núcleos: nordeste do Brasil (Pernambuco e Alagoas) e leste de Minas Gerais.

Habitat: Habita a borda de diferentes formações florestais e áreas úmidas com vegetação alta. Eventualmente encontrado em canaviais e pomares de manga.

Conservação: Mundial: EN. Bra.: VU.

Amblyramphus holosericeus (Scopoli, 1786)

Port.: cardeal-do-banhado **Ingl.:** Scarlet-headed Blackbird

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Ocorre no sudoeste do Brasil e do norte da Bolívia ao norte da Argentina e Uruguai. Até recentemente as populações da área núcleo da Mata Atlântica estavam praticamente restritas a Santa Catarina. No entanto, a espécie parece estar expandindo sua distribuição pelo interior de São Paulo e norte do Paraná, tendo atingido inclusive o oeste de Minas Gerais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas úmidas com vegetação alta.

Conservação: Arg.: VU.

Agelasticus cyanopus (Vieillot, 1819)

Port.: carretão **Ingl.:** Unicolored Blackbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Quatro subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *A. c. cyanopus* (Vieillot, 1819) e *A. c. atroolivaceus* (Wied, 1831).

Distribuição e biogeografia: Populações da espécie estão divididas em três núcleos de distribuição principal: costa da Amazônia, leste do Brasil e a do norte da Bolívia ao Uruguai incluindo o oeste do Brasil. *A. c. atroolivaceus* ocorre na Mata Atlântica entre a Bahia e o Paraná, enquanto a forma nominal distribui-se do sul de Goiás e oeste de São Paulo ao Paraná, Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica em outras regiões, habita áreas úmidas dominadas por taboais.

Conservação: Não ameaçada.

Agelasticus thilius (Molina, 1782)

Port.: sargento **Ingl.:** Yellow-winged Blackbird

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. t. petersii* (Laubmann, 1934).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região meridional da América do Sul, ocorrendo do sul do Peru a ao sul da Argentina. Populações da espécie na

área núcleo da Mata Atlântica estão restritas região litorânea entre o Paraná e o Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas úmidas com vegetação alta.

Conservação: Não ameaçada.

Chrysomus ruficapillus (Vieillot, 1819)

Port.: garibaldi **Ingl.:** Chestnut-capped Blackbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, ambas ocorrem na Mata Atlântica: *C. r. frontalis* (Vieillot, 1819), *C. r. ruficapillus* (Vieillot, 1819).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região sudeste da América do Sul, do sul da Bolívia ao Uruguai e praticamente todo Brasil com exceção da Amazônia, onde está restrita ao extremo leste. Aparente expansão recente na distribuição, possivelmente favorecida pelo desmatamento da Mata Atlântica, propiciou o contato das populações das duas subespécies (Fraga, 2011). *C. r. frontalis* ocorre na Mata Atlântica entre o Piauí e o Rio de Janeiro, Forma nominal de São Paulo ao limite sul do domínio incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica habita áreas úmidas com vegetação alta. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Pseudoleistes guirahuro (Vieillot, 1819)

Port.: chopim-do-brejo **Ingl.:** Yellow-rumped Marshbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Distribui-se pelo centro-sul e sudeste do Brasil e áreas adjacentes no Paraguai, Argentina e Uruguai. Presente na Mata Atlântica de Minas Gerais e Rio de Janeiro ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas campestres com brejos.

Conservação: Não ameaçada.

Pseudoleistes virescens (Vieillot, 1819)

Port.: dragão **Ingl.:** Brown-and-yellow Marshbird

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita ao sul do Brasil, extremo sul do Paraguai, Uruguai e ao centro-leste da Argentina. Populações na área núcleo da Mata Atlântica estão restritas a região litorânea entre Santa Catarina e o Rio Grande do Sul.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas campestres com brejos.

Conservação: Não ameaçada.

Agelaioides badius (Vieillot, 1819)

Port.: asa-de-telha **Ingl.:** Bay-winged Cowbird

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *A. b. badius* (Vieillot, 1819).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região sul do Brasil, ocorrendo ainda da Bolívia ao sul da Argentina. *A. b. badius*, distribui-se pela maior parte da área de ocorrência da espécie, sendo substituído por *A. b. bolivianus* no centro e sul da Bolívia. Ocorre na Mata Atlântica entre o Paraná e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com vegetação arbustiva e árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Agelaioides fringillarius (Spix 1824)

Port.: asa-de-telha-pálido **Ingl.:** Pale Baywing

Fontes: Pacheco & Bauer (2000)*.

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região nordeste do Brasil. É biogeograficamente mais associada a Caatinga, populações na Mata Atlântica ocorrem principalmente na região litorânea entre o Piauí e o centro da Bahia. Marginalmente também em outras áreas.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com vegetação arbustiva e árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Molothrus rufoaxillaris Cassin, 1866

Port.: vira-bosta-picumã **Ingl.:** Screaming Cowbird

Fontes: Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Distribui-se por grande parte do Brasil extra-amazônico, com exceção do nordeste do país. Ocorre também do sul da Bolívia ao Uruguai e centro da Argentina. Ocorre esparsamente na Mata Atlântica entre a Bahia e o limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas com vegetação arbustiva e árvores esparsas, eventualmente na borda da mata. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Molothrus oryzivorus (Gmelin, 1788)

Port.: irauína-grande **Ingl.:** Giant Cowbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Duas subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. o. oryzivorus* (Gmelin, 1788).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo do leste do México e toda América Central até o norte da Argentina. Além da Mata Atlântica, a forma nominal distribui-se por toda área de ocorrência da espécie na América do Sul, estando presente na Mata Atlântica entre a Bahia e o limite sul do domínio, incluindo o Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais, também em áreas abertas com árvores esparsas. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Molothrus bonariensis (Gmelin, 1789)

Port.: vira-bosta **Ingl.:** Shiny Cowbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *M. b. bonariensis* (Gmelin, 1789)

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul, ocorrendo também no sul da América Central, Índias Ocidentais e sudeste dos EUA. A forma nominal ocorre da Amazônia meridional ao sul da Argentina, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita uma grande variedade de ambientes, ocorrendo desde o centro de grandes cidades a borda de florestas.

Conservação: Não ameaçada.

Sturnella superciliaris (Bonaparte, 1850)

Port.: polícia-inglesa-do-sul **Ingl.:** White-browed Blackbird

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída por todo o Brasil extra-amazônico, ocorrendo ainda do sul do Peru e leste da Bolívia ao Uruguai, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas campestres. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais, sobretudo em pastagens abandonadas.

Conservação: Não ameaçada.

Fringillidae Leach, 1820

Sporagra yarrellii (Audubon, 1839)

Port.: pintassilgo-do-nordeste **Ingl.:** Yellow-faced Siskin

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie restrita a região nordeste do Brasil. Presente na Mata Atlântica entre o Piauí e a Bahia.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas com vegetação arbustiva.

Conservação: Mundial: VU. Bra.: VU.

Sporagra magellanica (Vieillot, 1805)

Port.: pintassilgo **Ingl.:** Hooded Siskin

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Doze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na área núcleo da Mata Atlântica: *S. m. icterica* (Lichtenstein, 1823).

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla e populações esparsamente distribuída pelo norte, oeste e região centro-meridional da América do Sul. Ocorrendo da Venezuela ao centro da Argentina. *S. m. icterica* está presente na Mata Atlântica de Goiás ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda de diferentes formações florestais e áreas abertas campestres e com vegetação arbustiva. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais.

Conservação: Não ameaçada.

Euphonia chlorotica (Linnaeus, 1766)

Port.: fim-fim **Ingl.:** Purple-throated Euphonia

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Cinco subespécies reconhecidas, das quais duas ocorrem na Mata Atlântica: *E. c. chlorotica* (Linnaeus, 1766) e *E. c. serrirostris* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837).

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela América do Sul, ocorrendo da Venezuela a Argentina e Uruguai. Forma nominal ocorre no leste da Amazônia na Caatinga e para o sul até o norte de Goiás, estando presente na Mata Atlântica entre o Piauí e o Espírito Santo. *E. c. serrirostris* ocorre na Mata Atlântica de Minas Gerais e Rio de Janeiro ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas de diferentes formações florestais, também em áreas de Restinga. Adapta-se a ambientes alterados, ocorrendo em áreas rurais e parques urbanos.

Conservação: Não ameaçada.

Euphonia violacea (Linnaeus, 1758)

Port.: gaturamo-verdadeiro **Ingl.:** Violaceous Euphonia

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *E. v. aurantiicollis* Bertoni, 1901.

Distribuição e biogeografia: Espécie amplamente distribuída pela região leste da América do Sul. A subespécie *E. v. aurantiicollis* é endêmica da Mata Atlântica, estando geograficamente isolada das outras populações e ocorrendo entre o Piauí e o limite sul do domínio.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Euphonia chalybea (Mikan, 1825)

Port.: cais-cais **Ingl.:** Green-throated Euphonia

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se de Minas Gerais e Espírito Santo ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Mundial: NT. Arg. AM. Par.: AM.

Euphonia cyanocephala (Vieillot, 1818)

Port.: gaturamo-rei **Ingl.:** Golden-rumped Euphonia

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Migrante interno / parcial.

Taxonomia: Três subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *E. c. cyanocephala* (Vieillot, 1818).

Distribuição e biogeografia: Espécie com distribuição ampla e populações esparsamente distribuídas pelo norte, oeste e sudeste da América do Sul. Ocorrendo da Venezuela ao norte da Argentina. A forma nominal distribui-se desde a Venezuela ao norte da Argentina, ocorrendo na Mata Atlântica localmente entre a Bahia e o limite sul do domínio. Populações da Mata Atlântica aparentam estar geograficamente isolada das demais.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Euphonia xanthogaster Sundevall, 1834

Port.: fim-fim-grande **Ingl.:** Orange-bellied Euphonia

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Onze subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *E. x. xanthogaster* Sundevall, 1834.

Distribuição e biogeografia: Espécie com a maior parte da distribuição concentrada na região noroeste da América do Sul. A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica e está geograficamente isolada das demais, ocorrendo entre a Bahia e o norte do Rio de Janeiro.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de florestas de terras-baixas e submontana. Geralmente abaixo dos 500 metros de altitude.

Conservação: Não ameaçada.

Euphonia pectoralis (Latham, 1801)

Port.: ferro-velho **Ingl.:** Chestnut-bellied Euphonia

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Monotípica.

Distribuição e biogeografia: Espécie endêmica da Mata Atlântica. Distribui-se da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita a borda e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Chlorophonia cyanea (Thunberg, 1822)

Port.: gaturamo-bandeira **Ingl.:** Blue-naped Chlorophonia

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Sete subespécies reconhecidas, das quais uma ocorre na Mata Atlântica: *C. c. cyanea* (Thunberg, 1822).

Distribuição e biogeografia: Espécie com a maior parte da distribuição concentrada na região noroeste da América do Sul. A forma nominal é endêmica da Mata Atlântica e está geograficamente isolada, ocorrendo da Bahia ao limite sul do domínio, incluindo Paraguai e Argentina.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as bordas e os estratos médio e superior de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.

Estrildidae Bonaparte, 1850

Estrilda astrild (Linnaeus, 1758)

Port.: bico-de-lacre **Ingl.:** Common Waxbill

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Residente.

Taxonomia: Dezesesseis subespécies reconhecidas, populações com ocorrência na Mata Atlântica provavelmente resultado de hibridização de diferentes formas.

Distribuição e biogeografia: Espécie nativa do continente Africano, introduzida e bem estabelecida por toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita áreas abertas degradadas.

Conservação: Não ameaçada.

Passeridae Rafinesque, 1815

Passer domesticus

Port.: pardal **Ingl.:** House Sparrow

Fontes: Parker *et al.* (1996), Pacheco & Bauer (2000).

Status e sazonalidade: Introduzida.

Taxonomia: Doze subespécies reconhecidas, populações introduzidas na Mata Atlântica provavelmente resultado de hibridização de diferentes formas.

Distribuição e biogeografia: Espécie com populações naturais distribuídas pela Europa, Ásia e África, mas atualmente com distribuição cosmopolita por conta de sua introdução e posterior expansão em áreas urbanas ao redor de todo o planeta, incluindo toda a Mata Atlântica.

Habitat: Na Mata Atlântica, habita as copas de diferentes formações florestais.

Conservação: Não ameaçada.